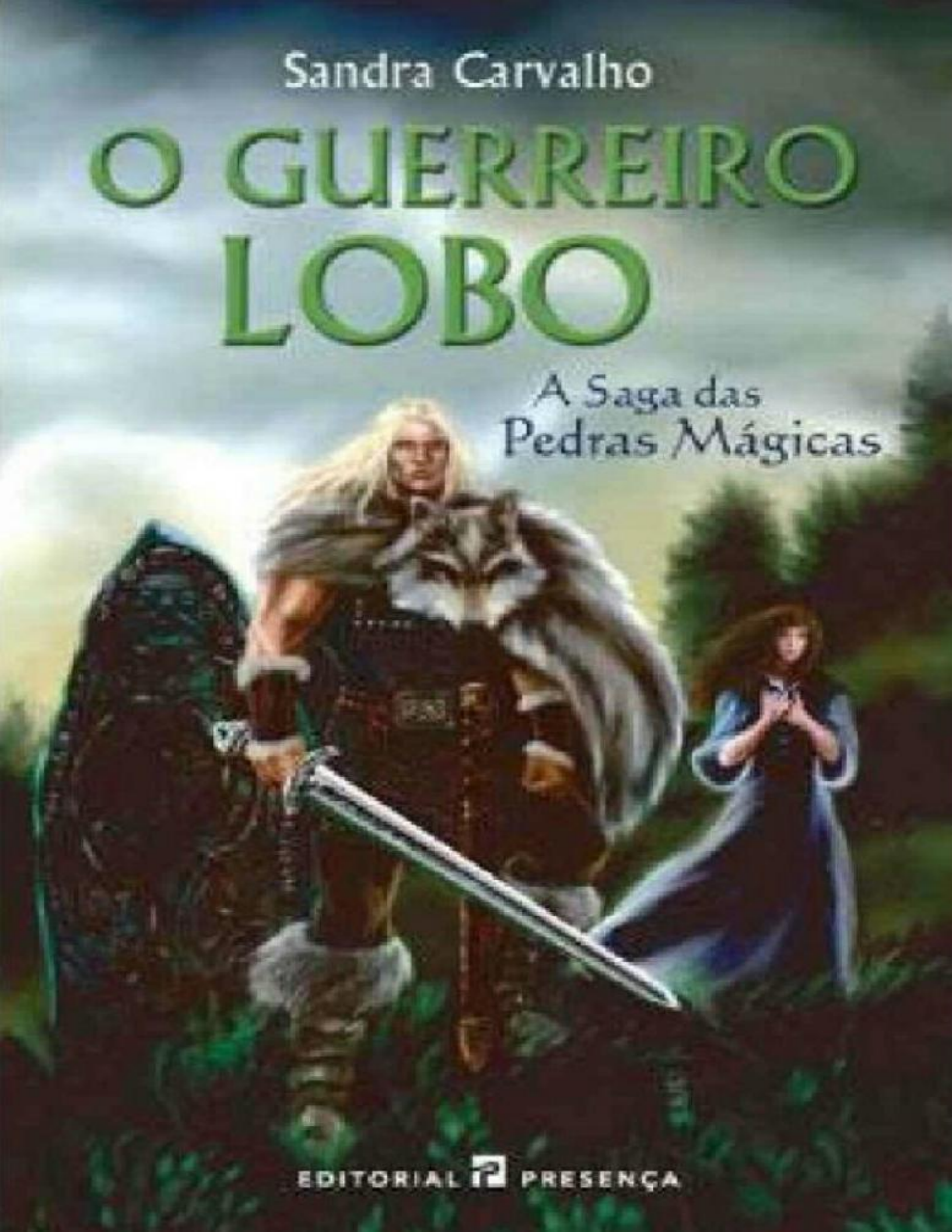
Sandra Carvalho

O GUERREIRO LOBO

A Saga das Pedras Mágicas



EDITORIAL PRESENÇA

Este livro é dedicado ao meu marido, meu guerreiro e meu herói.

CAPÍTULO 1

— Que Thor te acompanhe, Pequena!

— Bom dia, Pequena!

— Olá, Pequena!

— Como vais Pequena?

— Pequena, vem brincar conosco!

— Obrigado, Pequena! A minha tosse melhorou bastante.

— Queres ver o cavalo de madeira que o meu pai fez, Pequena?

— Não te importas de entrar, Pequena? O mais novo está com febre!

— Os cachorrinhos já nasceram! Queres um, Pequena?

— Vem provar um pedaço do meu bolo, Pequena. Ainda está quente!

O apelido que Throst me pusera acabara por tornar-se o meu nome. Por vezes, questionava-me se responderia se alguém me chamasse Catelyn, ou mesmo Cat. Sentia que se passara uma eternidade desde o dia da invasão viking à Enseada da Fortaleza, quando Throst me resgatara das garras do pérfido Conde de Goldheart, para me conduzir a um destino incerto e assustador, distante de tudo o que eu conhecia e amava, longe da feiticeira que destruíra a minha família e escravizara a minha terra.

Não conseguia evitar um sorriso quando me lembrava do que pensara na primeira vez que os meus olhos tinham fixado a paisagem única da Terra Antiga. Desde então, acontecera tanta coisa! O Bem e o Mal haviam-se misturado e alterado os meus valores e tudo o que eu dava como certo. O convívio com os Vikings e a compreensão da sua cultura e motivações tinha amenizado o meu ódio. A família que encontrara tão longe de casa e a amizade dos filhos de Thorgrim faziam-me sentir protegida, acarinhada e pronta para continuar com a missão que a minha avó, a feiticeira Aranwen, Sacerdotisa Superior da Grande Ilha, me confiara: a destruição de Myrna e a salvação do nosso povo.

Quando pensava no que deixara para trás, a saudade atormentava-me ao recordar-me dos meus irmãos e a angústia dominava-me, perante a incerteza do seu destino. Após o reconhecimento do nosso parentesco, Krum fora incansável na inquirição do paradeiro dos prisioneiros da campanha do último Verão, não só porque eu lho pedira, mas também porque os laços de sangue que nos uniam se tornavam cada dia mais fortes. Eu sabia que Krum não permitiria que os primos vivessem como escravos na sua terra. Porém, até agora, os resultados da busca haviam sido nulos. Revelava-se pouco provável que, vivos ou mortos, os meus irmãos tivessem abandonado a Grande Ilha.

A propriedade de Throst funcionava de maneira diferente da herdade do hediondo e sanguinário Gunnulf. Era uma comunidade muito menor do que aquela que residia na Aldeia de Grim, essencialmente composta por amigos e pelas suas famílias, que trabalhavam e contribuíam para um bem comum. Eu não sentia consternação nas pessoas quando o senhor da terra passava. Throst era amado e respeitado, em terra e no mar. Não era de admirar que a sua aldeia se chamasse Aldeia do Povo.

A minha integração não fora amistosa. Nas comunidades pequenas, as novidades corriam depressa, e Halldora certificara-se de que todos tomavam conhecimento da sua versão da história do colar. Porém, a companhia e a confiança dos donos da terra, aliados ao meu impulso para ajudar o próximo, tinham resolvido o problema.

Três dias após a minha chegada, Ingrior pedira-me ajuda. Um garoto da aldeia estava com febres altíssimas, que não baixavam há dias. Ela receava que a criança não resistisse mais uma noite. Eu ainda não saíra de casa. As dores na mão e no braço atormentavam-me, e criara medo ao olhar crítico das pessoas. Contudo, não podia ficar indiferente ao seu apelo.

A mãe do garoto recebeu-me bem, mas a avó manteve uma distância desconfiada. A presença de Ingrior deu-me segurança. Examinei o menino com cuidado. Estava muito fraco e não sobreviveria para ver um novo dia, tal como Ingrior temia. Concentrei-me de corpo e alma na preservação daquela vida frágil e, durante a noite, travei uma luta sem tréguas, com a morte espreitando pela porta a cada batida do coração, esperando

pacientemente. Pela manhã, obtive a minha primeira vitória e recuperei a confiança. À tarde, as pessoas começaram a visitar a casa, curiosas e estupefatas perante a recuperação da criança que já davam como perdida. No dia seguinte, o menino ensaiava os primeiros passos.

A partir daí, não parei mais. Se alguém tossia, chamavam pela Pequena. Se alguém se magoava, chamavam pela Pequena. Numa comunidade onde se trabalhava sem descanso, a saúde e a segurança estavam sempre ameaçadas. A curandeira da aldeia morrera e não existia ninguém suficientemente destro para substituí-la, além da já muito atarefada Ingrior, que tinha de conciliar a sua habilidade com a administração da quinta, o apoio à família e o ofício de artesã. A Aldeia de Grim não ficava tão perto que o povo pudesse recorrer às suas curandeiras num momento de aflição, por isso, depressa percebi a importância do meu auxílio.

Apesar de a quinta dos filhos de Thorgrim empregar muitos homens e mulheres, na sua casa viviam apenas duas criadas. Nelas, eu encontrei duas amigas. Jodis era uma mulher corada e anafada, que morava com a família desde sempre. Katla era uma jovem que trabalhava para ajudar a sua família que habitava na aldeia: a mãe doente e a irmã mais velha, que ficara viúva com três filhos pequenos.

Aos poucos, fui conhecendo as pessoas e decorando os seus nomes estranhos. A maioria dos guerreiros que me tinham acompanhado na viagem e as suas famílias viviam nos arredores. O entusiasmo com que me abordavam deixava claro que muitos sonhavam fixar-se próximo da Grande Ilha, onde o Sol brilhava com esplendor e o solo era fértil.

Perdida em reflexões, subi a pequena encosta que separava a quinta de Throst das casas circundantes. Os períodos de luz começavam a aumentar, e era um prazer estar na rua para receber os tímidos raios de sol. Sobressaltei-me ao ouvir o trote compassado de um cavalo. Estava tão distraída que nem reparara na aproximação do cavaleiro. O meu coração disparou ao ver Throst com a mão estendida e um sorriso maravilhoso no seu rosto perfeito.

— Vem...

Não nos encontrávamos longe da casa, mas por nada eu desperdiçaria esta oportunidade. Deixei-me içar para a garupa do cavalo malhado e agarrei-me à cintura de Throst. Por muito que me custasse admitir, sentira saudades dele. O capitão partira com um grupo de companheiros, numa viagem a um porto vizinho, a fim de trocar mantimentos. Ausentara-se mais de uma semana e, apesar de Ingrior me garantir que tal era normal, eu não conseguira conter a apreensão; a horrível sensação de carência e desamparo. Voltar a abraçá-lo era um alívio e um prazer inconfessáveis.

Ingrior veio ao nosso encontro, trazendo Trygve ao colo. Depois de me ajudar a descer, Throst abraçou a irmã e, por fim, ergueu o sobrinho nos seus braços, rodopiando-o sobre a cabeça. Eu fiquei quieta, a observar o garoto que soltava gargalhadas de pura satisfação e a sonhar acordada. Se o destino permitisse, Throst seria um pai maravilhoso, atencioso, brincalhão, carinhoso... Muito diferente de Lorde Garrick McGraw, que sempre nos colocara, a mim e aos meus irmãos, um degrau abaixo das suas ambições.

Trygve possuía, sem dúvida nenhuma, o sangue de Mairwen... O meu sangue! Os seus cabelos eram morenos, os seus olhos verdes e brilhantes. Herdara as feições delicadas de Ingrior, mas também outros traços, muito belos e exóticos, que eu reconhecia na minha família materna. Trygve não devia ser muito diferente do meu irmão Berchan, quando este tinha a sua idade.

Descobrir família nesta terra hostil fora estranho. Perceber que essa família estava ligada à família de Throst fora assustador, por todas as implicações que isso acarretava. Muitas vezes, quando segurava o pequeno Trygve nos meus braços, sentia a tentação de contar a verdade a Ingrior. Mas a súplica da minha tia Mairwen, para que mantivesse a sua origem em segredo, fazia-me recuar. Além disso, não queria que Ingrior pensasse que eu pretendia um tratamento especial, por ser prima do seu falecido marido. Este assunto era-lhe, sem sombra de dúvida, muito doloroso e, enquanto ela não tomasse a iniciativa de me contar o que acontecera, eu não forçaria a questão.

Ingrior embrenhava-se muitas vezes na floresta e, certo dia, eu resolvi segui-la, mais preocupada do que curiosa. Surpreendia junto de um pequeno terreno sem árvores, onde uma dezena de pedras

gravadas com as Runas Sagradas dos Vikings se dispunham de forma harmoniosa. Deduzi que se tratava do cemitério onde os seus familiares descansavam.

Não tive coragem de me revelar. Ingrior deitou-se na neve, com a testa encostada a uma das pedras tumulares e chorou. A sua dor destroçou-me o coração. Antes de partir, ela pousou um objeto junto da pedra. Esperei que se afastasse e espreitei. Era um colar de homem, tão perfeito como belo. Debaixo dele, Ingrior colocara um pedaço de cabelo castanho-escuro. Eu vira-a trabalhar no colar nas últimas noites e, quando regressei a casa, reparei que o cabelo do pequeno Trygve fora cortado. Concluí que Ingrior visitara o seu amado para lhe oferecer presentes.

Na manhã seguinte, voltei ao cemitério com um ramo de ervas de cheiro para prestar homenagem. Arrepiei-me ao verificar que os presentes que Ingrior deixara haviam desaparecido. As pegadas na neve não mentiam. Só quem estivera ali fora eu, Ingrior... E um lobo! Não uma vulgar fera da floresta... Mas um animal sagrado, o guardião de uma alma atormentada: um Lobo Cinzento! A vida do meu primo Trygve fora-lhe usurpada bárbara e covardemente. A sua alma estava condenada a vaguear com as criaturas encantadas, até que a justiça fosse feita. E isto dizia-me muito mais do que a qualquer outra pessoa. Trygve não ficara vingado com a morte dos Vândalos, como a sua família e o povo acreditavam. Logo, não tinham sido os Vândalos os autores da barbaridade. O culpado ainda vivia... E talvez nunca fosse encontrado.

Todo o meu ser clamava por justiça. Eu não permitiria que a morte de Trygve tombasse na impunidade do esquecimento! Emocionada, depositei o ramo de ervas ao lado da pedra e toquei-lhe timidamente. Ainda subsistia muito amor... E tanta dor e saudade, que o desaparecimento do ser físico jamais eliminaria. Suspirei profundamente antes de assumir o compromisso: *“Eu irei descobrir a verdade, primo! Até lá, juro que velarei por Ingrior e pelo vosso filho. Enquanto houver um sopro de vida em mim, todos aqueles que atentarem contra o meu sangue serão castigados”!*

— Pequena! — apelou Ingrior despertando-me. — Estás a dormir em pé?

Pisquei os olhos, e eles riram do meu sobressalto. Ingrior agarrou-me a mão e arrastou-me para dentro de casa.

— Vem comer, tolinha! Eu já preparei o chá intragável que tu insistes em beber, e o Throst trouxe uns belos peixes. Hoje vais alimentar-te convenientemente ou não me chamo Ingrior!

Sentamo-nos à mesa, e Jodis serviu-nos. Ali, eu vivia como uma convidada comia com os donos da casa e dormia numa cama confortável. Assim que chegara, Ingrior oferecera-me a arca de Trygve, justificando que o filho ainda dormiria consigo durante muito tempo. Throst nem me deixara protestar, prontificando-se a fazer outra cama para o sobrinho. Enquanto bebia a mistura curativa que Mairwen garantira ser a única solução para contrariar o feitiço de Myrna e recuperar a voz, senti o olhar de Throst cravado no meu rosto e comecei a respirar com dificuldade.

— Ela está com boas cores! — elogiou, falando com a irmã como se eu não estivesse presente. — Tem sido bem tratada pela comunidade?

Ingrior riu alto, antes de responder:

— Nem queiras saber! É uma heroína! Já ninguém dispensa os seus serviços.

— Foi o que eu ouvi dizer! — murmurou Throst, antes de me tocar no braço para atrair a minha atenção. — Não te canses demasiado, ouviste? Não te trouxe para aqui para trabalhares!

Senti o rosto a latejar. Gesticulei devagar, explicando que gostava de ser útil. Throst retribuiu-me o sorriso e iniciou o relato das peripécias da sua viagem. O gelo começava a soltar-se dos fiordes, e o ar ainda estava demasiado frio para derretê-lo, por isso, havia pedaços enormes à deriva no mar, os quais tornavam a navegação muito perigosa. Ingrior percebeu o meu tremor e apertou-me a mão. Entre nós existia esta cumplicidade deliciosa que me restituía a alegria de viver. A muitos dias da minha verdadeira casa, eu encontrara um lar.

— Mostra-me a tua mão. Ainda não a vi bem...

Lá estava eu com as faces em chamas, enquanto Throst me analisava com cuidado. A ferida provocada pela queimadura que Halldora me infligira estava praticamente sarada e não deixaria marcas. Desde sempre que a minha resistência física encantava os

que me eram chegados. Em criança, nunca partira um osso ou sofrera um ferimento que deixasse vestígios. Só adoecera uma vez, quando Myrna me enfeitiçara para tentar apoderar-se da pedra mágica da minha avó. E a única cicatriz que marcava o meu corpo era a que eu partilhava com Throst.

— Está muito bem! — murmurou surpreendido, sem me soltar. — Só lamento não poder apagar da tua mente a dor que sofreste...

Respondi-lhe por gestos que a culpa não fora sua.

— Foi sim! Eu não devia ter-te levado para a casa do Gunnulf. Quis fugir do que sentia por ti e só consegui despertar inimizades e ódios. Magoei-te, magoei-me e magoei a Halldora. Criei uma situação complicada, que pode ter conseqüências graves na vida de muita gente. Restame esperar que tudo se resolva pelo melhor.

A sua sinceridade emocionava-me e dava-me confiança. Custava-me fazê-lo, mas a razão obrigava-me a sugerir que me mandasse para outra casa, na sua aldeia. As pessoas receber-me-iam bem. A reação de Throst foi imediata:

— Não és feliz aqui?

Se eu era feliz? Era tão feliz quanto à ausência da minha terra e dos meus entes queridos me permitia. Gesticulei a resposta, para que ele não ficasse com a idéia errada. Ingrior observava-nos em silêncio, enquanto embalava Trygve, que adormecera no seu colo.

— Então ficarás! Agora, esta casa também é tua. Eu jurei que te protegeria. Recordaste?

Para dar mais força às palavras, ele apertou-me a mão. De imediato, as nossas cicatrizes aqueceram, como se estivessem impregnadas de magia. Os lábios de Throst estremeceram com essa percepção. Não voltamos a falar, mas os nossos olhos revelaram muito do que ficou por dizer.

A arca que me servia de cama nada ficava a dever, em calor e conforto, às camas onde me habituara a dormir desde criança. Proporcionava-me sempre sonhos bons, geralmente relacionados com a minha infância. Eu estava quase a adormecer quando Ingrior e Throst começaram a conversar. Apesar de falarem baixo, não podia impedir-me de escutá-los:

— Como reagiu o Gunnulf à tua decisão de trazeres a Pequena para morar conosco? — perguntava Ingrior.

— Como esperas que tenha reagido? Está furioso! Mal me dirige a palavra!

— E como está a Halldora?

— O Krum contou-me que anda lavada em lágrimas. Já me enviou muitos recados, mas eu ainda não fui visitá-la. Ela tem de admitir que errou e que, desta vez, o seu erro foi grave...

— Liberta-te dela, Throst! Aproveita esta oportunidade, pois pode ser a última. Não cometas o mesmo erro que eu!

Silêncio. Longo...

— A situação não é igual, mana! Eu amo a Halldora! Mesmo com aquele feitio difícil, com aquela personalidade forte... Eu gosto dela!

Apertei os olhos e cerrei os dentes com força. Fechei as mãos com tanta raiva que as unhas se enterraram na carne. A declaração de Throst provocava-me uma agonia azeda. Cada vez que o ouvia confessar o seu amor pela noiva doía-me mais. Como podia um homem tão bom estar apaixonado por uma mulher tão perversa?

— Tu não amas a Halldora! — objetou Ingrior, deixando-me a tremer. — O que eu vejo nos teus olhos e nos teus gestos não é amor! É carinho, amizade, ternura, por uma menina que viste nascer e crescer junto de ti. Tu não a desejas...

— É claro que desejo!

— Da maneira como ela se impõe a ti, não te resta opção! És um homem! Mas sentes esse desejo quando a Halldora não está a provocar-te, pendurada no teu pescoço? Ficas fulminado quando a vês surgir ao longe? Quando prendes o seu olhar, pensas que tens de possuí-la ou morrerás?

Silêncio... Muito mais longo do que o primeiro.

— Throst...

— Eu não vou responder-te, Ingrior!

— Não respondes por que terias de admitir que eu tenho razão!

— Não! — O tom de Throst impacientava-se. — Não respondo porque não é correto termos esta conversa!

— E por que não? Não somos irmãos? Não nos amamos tanto, que desejamos a felicidade um do outro acima de todas as coisas? — Ingrior fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Conheço-te melhor do que tu próprio te conheces e não posso calar-me! Eu vejo

amor nos teus olhos, sim! Vejo desejo, paixão, loucura, desespero... Mas não é pela Halldora!

— Chega! — trovejou ele, de tal forma irritado que ter-me-ia acordado se eu já estivesse a dormir. — Isto já foi longe de mais!

Ouvi Ingrior ofegar e pensei que se atreveria a contrapor, mas enganei-me. Nessa noite, não se ouviu nem mais um suspiro na casa dos filhos de Thorgrim.

Bjorn regressou finalmente, depois de mais um período junto da sua família de adoção. Trouxe consigo Styrr, o companheiro inseparável, com quem estava a aprender alguns truques no manejo das armas. Styrr era filho dos pais de adoção de Bjorn e quatro anos mais velho do que o amigo. No próximo Verão já seguiria os homens na campanha. Reconheci nele o jovem que sacrificara o bode no ritual a Odin, que tanto mudara a minha vida.

Styrr aproveitou a presença de Throst na casa para melhorar a sua técnica com o arco. Sentei-me ao lado de Ingrior a apreciar o treino dos rapazes. Com dezessete anos, Styrr era um homem feito, sólido e bonito, com cabelos castanho-claros e olhos da cor do mel. Para que os longos cabelos não o incomodassem, Ingrior entrançara-os. O rosto do rapaz ficara em chamas, enquanto os dedos femininos se moviam com habilidade. Bjorn contou-me, em segredo, que Styrr estava apaixonado por Ingrior. O garboso jovem planeava enriquecer nas campanhas, para se declarar e desposar a irmã do amigo.

— E eu farei o mesmo por ti, Pequena — afirmou Bjorn docemente. — Estava a falar a sério quando disse que pretendia casar-me contigo! Esperarás por mim?

Só evitei o riso a custo. Abracei-o com o mesmo carinho com que se abraça um irmão mais novo, beijei-o na testa e despachei-o para os seus deveres. Bjorn afastou-se, saltitando de alegria. Eu fiquei a observá-lo, sorrindo ternamente. Só mesmo um rapaz inocente poderia desejar casar-se com uma escrava desengraçada e muda!

O meu coração parou ao ver Throst ali perto. Percebi que assistira a toda a conversa e temi a sua reação. Porém, também ele sorria divertido com a fogosidade e arrojo do irmão.

Enquanto Throst provava a razão por que era considerado o melhor arqueiro do seu povo, eu recordava a conversa que escutara na noite anterior, que me mantivera acordada durante muito tempo. As palavras de Ingrior não me saíam da cabeça. Devoravam-me com uma alegria estúpida, com a mesma intensidade com que as palavras de Throst me magoavam. E, no interior da minha mente, uma voz despeitada remoía: *"Tens uma missão a cumprir e continuas a perder tempo com campônios e selvagens"...*

— Pequena, vem cá! — pediu Bjorn. — Eu ensino-te! Provavelmente já não era a primeira vez que ele me chamava. Fui ao seu encontro, ouvindo o riso de Ingrior nas minhas costas, sentindo o rosto a corar e as pernas bambas. Throst mirava-me com uma expressão trocista. Quando Bjorn me forçou a segurar no arco, o irmão não se conteve:

— Como queres que a Pequena estique a corda, se o arco é maior do que ela? Ingrior vai buscar um menor.

Antes que eu pudesse reagir, já ela satisfazia o seu apelo. E, de repente, o corpo de Throst estava encostado ao meu, as suas mãos seguravam as minhas, enquanto ele me explicava como agarrar no arco e esticar a corda. Os meus olhos fecharam-se quando a flecha partiu. Ouvi os gritos de entusiasmo dos restantes, enquanto Throst murmurava:

— Vês como é fácil? Com um pouco de prática, serias uma arqueira exímia! — Riu-se baixinho, apreciando o meu nervosismo. — Vou soltar-te agora... Não caias!

Tive vontade de lhe dar uma bofetada. Throst sabia que me perturbava e nem se esforçava por disfarçá-lo. Afastei-me bruscamente, irritada pela sua zombaria. Mas, antes que pudesse demonstrar desagrado, estaquei perplexa ao verificar que a flecha acertara no centro do alvo. Throst fizera magia através das minhas mãos!

A euforia do sucesso fez-me esquecer a raiva. Quando dei por mim, tinha os braços dos filhos de Thorgrim ao meu redor. E a força desta amizade que se consolidava a cada dia permitia-me acreditar que a vida ainda me reservava alguma felicidade.

A conversa à mesa estava muito animada. Bjorn preparava-se para enfrentar o teste que lhe abriria as portas para a aceitação dos

adultos como um igual. Depois de ouvir a discrição das provas que Styrr superara, Bjorn fez questão de afirmar que a sua prestação seria melhor. Explicou-me o processo de formação de um guerreiro e a ambição que todos os jovens acalentavam de serem escolhidos por uma fera para partilharem da sua força e coragem. Eu escutei-o com atenção, satisfazendo-lhe o entusiasmo. Styrr não escondeu a frustração quando Bjorn afirmou que o amigo não fora procurado por um lobo, mas que ele seria.

— Não é justo! — exclamou com uma careta. — Como irmão do Throst, tu tens muito mais possibilidades do que eu!

— Vamos mudar de assunto — afirmou Throst, estranhamente desagradado.

Porém, Bjorn continuou possuído por um entusiasmo febril e transbordando de orgulho:

— Sabes que o Throst é um guerreiro-lobo, Pequena? Mas não é um guerreiro-lobo qualquer, como o Sven ou o Durin! O meu irmão é especial!

— Chega Bjorn! — rosnou Throst, com uma ferocidade que me arrepiou. — Pára de aborrecer a Pequena...

— Eu não estou a aborrecê-la! — ripostou o mais novo, rubro de excitação, sem se aperceber de que o irmão estava zangado. — Durante as suas provas, o Throst...

— Já disse que chega!

O grito do dono da casa foi acompanhado por um murro na mesa. Retive a respiração quando Bjorn saltou do banco e enfrentou o irmão com os punhos cerrados.

— Estás parvo? Para que é que foi isso?

— Eu estou cansado de te dizer que não quero que fales desse assunto!

Throst não perdia a calma frivolamente. Tinha de existir um motivo sólido para tamanho agastamento. Contudo, o mais novo continuava decidido a marcar a sua posição:

— Mas, porquê? Nunca entendi por que escondes que és o líder dos lobos! Devias usar a tua pele com orgulho...

Throst levantou-se tão depressa que temi que fosse agredir o irmão. Segurou-se no último instante, apontando para a porta.

— Sai daqui, Bjorn! Desaparece da minha frente, antes que eu faça um disparate!

Estavam ambos com as faces em fogo; uma versão adulta e uma em crescimento do mesmo rosto belo e determinado. Um dia, Bjorn possuiria a força e a resolução do irmão. Mas agora, o respeito e o carinho que os unia forçava-o a obedecer, apesar de protestar:

— És um imbecil!

Saiu a correr e bateu com a porta. Numa voz sumida, Styrr anunciou que ia atrás dele. Eu continuei pregada ao banco, vendo Ingrior pinicar o seu bolo de aveia com os olhos colados à mesa. Um suspiro depois, a porta tornava a bater atrás do dono da casa.

Abri e fechei a boca, desejando ardentemente poder falar. Por que Throst se descontrolara com algo que, de acordo com os padrões vikings deveria ser motivo de vaidade? As palavras de Bjorn recordavam-me o entusiasmo ardente de Sven, quando afirmara que o capitão era o líder da alcatéia. O enigma estava desfeito. Throst também era um guerreiro-lobo! E o fato de o distinguirem dos seus semelhantes trazia-me à memória as estranhas declarações do Lobo Cinzento. Então, como se escutasse os meus pensamentos, Ingrior começou, trêmula, mas decidida:

— Eu sei que entenderás o que vou dizer. Na sua iniciação, o Throst superou com facilidade e distinção as provas impostas pelos mais velhos. Quando os guerreiros o abandonaram na floresta, ninguém duvidava de que ele seria escolhido para fazer parte da elite. E o meu irmão foi realmente procurado por uma fera... Mas não a que todos presumiam! A fera que veio ao seu encontro foi um Lobo Cinzento, uma criatura sagrada...

Eu estava a tremer. Tinha as mãos sobre os lábios e os olhos esbugalhados. Agora, tudo se explicava! Tudo... Exceto a razão por que Throst negava a honra que lhe fora concedida. Mas a justificação não tardou:

— Para o meu irmão, tudo o que se relaciona com magia é uma maldição. Acredito que fez frente ao lobo por puro instinto, mas nunca conseguiu aceitar o significado da sua vitória... — A voz de Ingrior sumiu-se com um soluço. — Desculpa! Por vezes sinto que estou perdida entre dois mundos... Que grito alto, mas ninguém me escuta...

Levantou-se da mesa e recolheu-se no seu quarto. Ouvi-a chorar e lutei contra a vontade de a seguir, de lhe entregar a minha compreensão e de lhe contar toda a verdade. Como podia eu fazê-lo? A convivência afastara quaisquer dúvidas acerca da lealdade de Ingrior, mas era impensável revelar-lhe a minha história através de gestos. Além disso, o instinto garantia-me que este não era o momento certo.

Deitei-me e tentei adormecer. Já Ingrior cedera ao cansaço, e eu ainda continuava com os olhos escancarados, observando as sombras da fogueira viva a brincarem no telhado de colmo, debaixo do qual a pequena coruja branca, que me seguia para toda a parte, fizera agora a sua morada. Os meus sentidos estavam despertos, em alerta para qualquer som ou movimento. E, de repente, senti-o... Tanta confusão! Tanta dor!

Eu não sabia o que fazer. Só sabia que não podia deixá-lo sozinho!

Existia um templo na propriedade de Throst, muito perto da casa. Era simples, pequeno e aconchegante, muito diferente dos templos enormes e sinistros da Aldeia de Grim, que me causavam arrepios. No altar não havia imagens de deuses gigantes de madeira e sim duas pedras, uma preta e uma branca, repletas de caracteres rúnicos. Eu ainda não tivera tempo de debruçar-me sobre a aprendizagem do alfabeto viking, mas a intuição dizia-me que estava perante a representação do equilíbrio das forças do Universo: a Lua e o Sol, a Noite e o Dia, a Morte e a Vida... O Mal e o Bem.

Eu sentia-me em paz dentro do templo e, sempre que podia, buscava a sua privacidade para praticar a Arte, longe do olhar da atarefada quinta. O pensamento de Throst não devia ser muito diferente, pois foi lá que o encontrei. Acendera a fogueira para contrariar o frio e sentara-se junto das pedras. Aproximei-me devagar, e o meu coração acelerou ao reparar que ele segurava algo grande e peludo... Uma pele de animal... A pele de um Lobo Cinzento! Quando me encarou, vi que rolavam grossas lágrimas dos olhos azuis. O guerreiro desviou o rosto, envergonhado pela exposição da sua fraqueza. Só então me ocorreu que talvez a minha

presença não fosse um conforto e sim um estorvo. Recuei um passo, de regresso à noite gelada.

— Espera! — A sua voz manifestou-se, baixa e trêmula. — Fica...

E eu fiquei feliz por saber que Throst desejava a minha companhia, mas demasiado impressionada para ousar aproximar-me. A magia que nos rodeava era tão forte que podíamos respirá-la, saboreá-la, deixá-la escorregar por entre os dedos. Eu sabia que Throst não lhe era indiferente. Então, por que a negava? O que acontecera para torná-lo tão amargo? Um vento feroz assobiou por entre as tábuas das paredes do templo carregando um murmúrio que só eu escutei: *"O Que Tudo Vê"... "O Que Tudo Vê"...*

Um pio melódico anunciou a chegada da pequena coruja. A ave pairou sobre nós e pousou numa trave do teto, apreciando o calor do fogo e distraindo-se a limpar as penas. Eu desejei desfrutar da sua descontração. Estava tão nervosa que mal me agüentava em pé.

— Vem... Senta-te aqui, perto de mim.

Throst já não chorava. Tinha os olhos fechados e uma expressão tão cansada, que dir-se-ia ter combatido sozinho contra um exército poderoso. O dragão tatuado nos seus pulsos despertava com os reflexos das chamas. Eu pisquei os olhos, resistindo ao apelo da magia, e fixei a atenção na pele que ele abraçava. O lobo fora um animal magnífico, talvez tão grande como o que agora liderava a alcatéia. E, apesar de o guerreiro não o admitir, o animal não morrera. Subsistia dentro dele... Lutava para que o seu sacrifício não tivesse sido vão, para que a teimosia de Throst em negar a sua verdadeira essência não os condenasse, a ambos, ao destino que eu vira naquela terrível Visão.

Arrepiei-me quando a voz forte ecoou pelo templo:

— Ele falou comigo... Ainda o ouço dentro da minha cabeça. Lançou-me um desafio: matar ou morrer. Só um de nós podia vencer! Só um de nós podia viver! Eu não queria... Ele era tão belo, tão forte, tão puro... Eu não merecia a sua vida! Eu não sou digno...

Os ombros robustos vergaram-se, e a cabeça de Throst pendeu sobre a da fera. Vê-lo sofrer assim partia-me o coração. Toquei-lhe no ombro e gesticulei devagar:

“Tu não tiveste escolha! Foi ele quem te escolheu! O Lobo reconheceu o teu valor, confiou na tua coragem... Agora, vive dentro de ti e não deves negá-lo. Honra o seu sacrifício e orgulha-te da tua conquista.”

Throst fechou os olhos e respirou fundo. Depois de um breve silêncio, murmurou hesitante:

— Eu nasci marcado pelo destino e toda a vida me esforcei por provar que posso contrariar o que me foi imposto pelo sangue, que sou dono da minha vontade, que tenho o poder de fazer as minhas escolhas. Pensava que tinha conseguido... Até que te encontrei! No instante em que te vi, fiquei à deriva! Preciso tornar a encontrar um equilíbrio ou ficarei louco...

Os seus lábios deixaram escapar um soluço e, de imediato, escondeu o rosto. Tentei uma aproximação tímida, mas, desta vez, ele não o permitiu. Pediu que o deixasse sozinho, e eu respeitei o seu desejo. Throst não podia saber que, talvez melhor do que qualquer outra pessoa, eu compreendia a sua revolta; a dor da impotência para contrariar um destino imposto.

A cama não me trouxe o descanso desejado. A noite fora rica em emoções extremas, revelações preciosas e suposições inquietantes. Qual seria a origem do poder que vivia no sangue dos meus anfitriões? Estaria esse poder relacionado com aquele de quem Mairwen se recusara a falar; aquele cuja ajuda a minha avó prometera e que ignorava a minha aflição e a ameaça que pairava sobre o mundo; aquele que eu imaginava ser um poderoso feiticeiro?

Contrastando com estas dúvidas, tornara-se inegável que, tal como eu, Throst nascera com uma missão. Isso justificava o sacrifício das Criaturas Sagradas, ao entregarem-lhe a vida do seu líder. Porém, o guerreiro viking não aceitava a sua essência, afastava-se do seu propósito de vida, traía os que nele depositavam confiança e expectativas e caminhava cegamente para o abismo. E eu nada podia fazer para ajudá-lo...

Não podia? Nas profundezas da minha consciência, uma voz rebelava-se violentamente. Para que iriam as forças divinas cruzar os nossos caminhos e revelar-me o trágico futuro de Throst, se não pretendessem que eu usasse de todos os meus recursos para

salvar-lhe a vida? E não me haviam os Lobos Cinzentos confiado a sorte do seu guerreiro? Quanto mais refletia, mais acreditava que a salvação de Throst era um teste à minha força. Se eu o colocasse no trilho que a vidente profetizara, que lhe daria muita felicidade e três filhos reis, então o misterioso feiticeiro viria ajudar-me e eu poderia regressar à Grande Ilha para combater Myrna.

Como mudar o destino de Throst era uma questão complicada. Os avisos de Berchan assustavam-me, porque eu sabia que o meu irmão nunca se enganava. Mas o meu instinto garantia-me que este era o único rumo a tomar. Se eu reunisse força e tranquilidade suficientes, encontraria uma solução inteligente. A confirmar-se a minha premonição, o meu sucesso dependia da sobrevivência de Throst. E forçar Throst a aceitar algo que negava com acérrima convicção adivinhava-se uma tarefa tão monumental como vencer Myrna.

CAPÍTULO 2

Os períodos de luz aumentavam e a neve começava a derreter, quando os jovens da Terra Antiga se reuniram para uma caçada. Iam entrar na floresta e demonstrar as suas habilidades, montando acampamentos, seguindo pistas, perseguindo animais e sobrevivendo às muitas armadilhas e desafios preparados pelos mais velhos.

Bjorn quase que voava tal era a sua agitação. Ele tinha a certeza de que seria considerado o mais apto dos aspirantes e afirmava que regressaria com o maior veado da floresta em cima dos ombros. Ainda não alcançara a idade de prestar a prova de fogo, mas, até lá, não deixaria que nenhum dos outros o suplantasse.

Eu ajudei Ingrior a preparar-lhes o farnel, rindo-me do entusiasmo de Bjorn e das gabarolices de Styrr. O jovem guerreiro já fizera muitas caçadas e trouxera consigo relatos mirabolantes das proezas que executara. Eu desconfiava da destreza de Styrr como caçador, mas devia admitir que ele era um excelente contador de histórias.

— Isto é só mais uma demonstração idiota da vaidade masculina — provocou Ingrior, pretendendo irritá-los. — Nós, mulheres, não precisamos dessas parvoíces para nos afirmarmos!

— Estás cheia de inveja, mana! — ripostou Bjorn, colocando o arco às costas. — Mas, quando eu for o chefe da caçada, prometo que te levarei comigo!

Os rapazes partiram para a Aldeia do Povo, onde iriam encontrar-se com outros aventureiros da mesma idade e mais velhos. Discutiam fervorosamente sobre qual dos dois lideraria o grupo, num futuro próximo. Eu acenei-lhes em despedida e depressa me esqueci da caçada.

Nesse dia, teria de enfrentar uma aventura muito mais perigosa. Ingrior pedira-me que a acompanhasse ao mercado.

Antes de sairmos, ela prendeu os meus caracóis com um dos seus ganchos. Depois, mirou-me deliciada, apreciando o efeito.

— Tu és muito bonita, Pequena! Quando as mulheres te virem, correrão para comprar as minhas peças. Se o Throst não tomar juízo, em breve teremos uma multidão de pretendentes a bater-nos à porta!

Nem me atrevi a pensar na sua insinuação. Segui-a obedientemente, apesar de sentir o nervosismo a pesar-me os pés e a picar-me a pele. Uma coisa era estar na Aldeia do Povo, onde todos me respeitavam e acarinhavam. Outra, bem diferente, era introduzir-me na Aldeia de Grim, nos domínios de Gunnulf e Halldora.

Montamos a banca, e as freguesas não tardaram. As peças de Ingrior eram muito solicitadas e, em pouco tempo, tínhamos vendido quase tudo. Quando eu já pensava que o dia terminaria sem acidentes, eis que vislumbrei a minha tia Mairwen, na sua identidade assumida de Anna do povo viking, com Halldora e Signy. Ingrior também as viu e apertou-me a mão para me transmitir confiança.

— Se a minha prima te provocar, não lhe respondas. Eu tratarei do assunto!

Quando me viu, Anna tentou evitar o confronto, mas Halldora delirou com a oportunidade dourada de me acirrar e humilhar.

— Como tens passado querida? — Dois passos e já beijava as faces de Ingrior. — Há quanto tempo não nos dás o prazer da tua visita?

— O mesmo pergunto eu, Halldora! — volveu Ingrior secamente. A irmã de Gunnulf mirou-me de alto a baixo, revidando com desprezo:

— Eu iria visitar-te, querida prima, se a tua casa não estivesse tão mal freqüentada!

Deteve-se ao reparar no gancho que me adornava o cabelo. Por infeliz coincidência, também trouxera o seu. Encarou Ingrior com os olhos chispando de raiva.

— Como te atreves a permitir que esta escrava nojenta use um gancho igual ao meu?

— Os meus ganchos são para todas as pessoas, Halldora! — retrucou a prima, sem se intimidar. — Não me lembro de ter feito um exclusivamente para ti!

Sem mais contemplações, Halldora arrancou o enfeite do seu cabelo e atirou-o para o chão.

— Eu recuso-me a usar um gancho igual ao de uma escrava! Para me fazeres esta desfeita, seria melhor que não me tivesses oferecido!

Ingrior enrubesceu, mas a sua voz manteve-se calma:

— Eu não te ofereci, Halldora! Recordaste? Eu ofereci-o à Pequena e tu tiraste-me da mão.

Halldora estacou, fulminada pela afronta. Signy levou as mãos à boca, horrorizada. Anna fechou os olhos e suspirou. O caldo acabara de se entornar.

Num ímpeto de puro ódio, Halldora pisou o gancho com a bota, inutilizando o material delicado. Depois, ainda lhe cuspiu em cima, sem se importar com a repreensão da madrasta. O olhar que dirigiu à prima declarava o seu ressentimento. Debruçou-se sobre ela, silvando com o veneno na ponta da língua:

— Foi pena os Vândalos não terem acabado contigo! Não prestas Ingrior! És pior do que fruta podre! Desprezo-te!

Só eu me apercebi do esforço que Ingrior fazia para controlar a vontade de apertar o pescoço de Halldora, pois ela manteve o tom neutro que tanto irritava a opositora:

— Fico feliz por saber que tens essa opinião! Vinda de ti é um elogio e faz de mim uma excelente pessoa!

Halldora rugiu e Signy e Anna mal conseguiram segurá-la. O povo começava a juntar-se em redor da banca, ansioso por um bom escândalo. Valeu-nos a oportuna intervenção de Krum, que arrastou a irmã para longe.

Durante o jantar, constatei que Throst estava mais silencioso e tenso do que o normal. Ingrior também reparou e quis apurar a razão:

— Já sabes que eu discuti com a Halldora no mercado? — Ele suspirou, quase imperceptivelmente, antes de responder:

— Sim. Já me contaram.

— Terei de agradecer-lhe pela confusão que arranjou — continuou Ingrior em tom de gracejo, tentando obter uma reação do irmão. — Graças a ela, vendi todas as minhas peças e recebi muitas

encomendas. Estou a pensar em chamar mais uma rapariga para ajudar-me. O que é que me dizes?

Throst encolheu os ombros, obviamente desatento.

— Faz o que achares melhor!

E, de novo, o silêncio instalou-se. Fiquei surpreendida quando ele o quebrou:

— O Bjorn levou o meu punhal?

Ingrior franziu o sobrolho, atrevendo-se a perguntar:

— É por causa do Bjorn que estás apreensivo? Ele está bem preparado!

Os filhos de Thorgrim haviam feito as pazes na manhã seguinte à discussão violenta que todos presenciamos. Bjorn não guardara ressentimentos, mas Throst ainda não se perdoara pela sua dureza. Talvez por isso tivesse entregue ao irmão o punhal que o pai lhe oferecera na sua prova de iniciação e do qual nunca se separava. Sem erguer os olhos da malga, replicou:

— Não duvido! Mas não posso deixar de sentir-me contrariado por não ter podido acompanhá-lo. É a primeira vez que o nosso irmão presta provas! Durante anos, eu nunca falhei uma caçada... E logo nesta...

— Tu não podes dividir-te em dois, mano! — revidou Ingrior. — Acho que está na altura de fazeres uma pausa. Estás exausto! Precisas de descansar...

— Eu estou bem — cortou Throst, num tom que matava o assunto.

— O que te preocupa, afinal? — insistiu Ingrior, sem se importar com a sua resistência. — Sabes que eu não me calarei enquanto não descobrir, por isso é melhor que fales de uma vez!

Esperei que Throst resmungasse, porém, ele sorriu levemente. Esticou as costas e respirou fundo antes de responder:

— Os Vândalos estão a agitar as fronteiras do Steinarr. Os ataques são constantes e já houve baixas... Esta tarde procurei o Gunnulf para discutirmos o assunto.

A irmã deixou escapar uma interjeição de desprezo, mastigando:

— E decerto ele disse que os Vândalos lhe fariam um favor se matassem o Steinarr!

— O Gunnulf e o Steinarr podem discordar em muitas questões, mas o nosso primo não é imprudente — objetou Throst com o sobrolho carregado. — Sabe perfeitamente que uma ameaça à Terra dos Carvalhos é também uma ameaça à Terra Antiga. Amanhã organizaremos um grupo para ajudar os nossos vizinhos a arrasar esses animais.

O desconforto de Ingrior revelou-me que a idéia não lhe agradava.

— Aposto que tu serás o líder desse grupo!

— E quem mais consegue chegar perto do Steinarr? As suas relações com o Gunnulf estão cada dia piores.

— Não é, certamente, por culpa do Steinarr!

— Por favor, Ingrior! — Desta vez, a voz de Throst soou impaciente e irritada. — Assim é impossível conversarmos! Eu aceito os teus sentimentos pelo Gunnulf, mas não essa intransigência quando se trata dos assuntos da comunidade. Ele é o nosso líder e devemos-lhe obediência e respeito! — Ergueu-se bruscamente. — Vou deitar-me. Amanhã partirei cedo e não sei quando regressarei.

O meu coração afundou-se num pântano de tristeza. Eu sentia vontade de confortar os dois irmãos, mas o instinto manteve-me ao lado de Ingrior. Apertei as suas mãos entre as minhas e amparei a lágrima solitária que lhe escorria pelo rosto. Não demorou muito para que a minha amiga me brindasse com um sorriso triste.

— Deves pensar que nós somos cruéis por falarmos diante de ti de coisas que não entendes e de pessoas que não conheces. O homem que mencionamos é o mais poderoso dos chefes vikings. A região onde vive chama-se Terra dos Carvalhos e faz fronteira com a Terra Antiga e o território dos Vândalos. O Steinarr possui mais propriedades e homens do que o Gunnulf e tem idéias definidas acerca do futuro do nosso povo. Por ele, todos os clãs deviam unir-se e formar um só reino, com um único rei. Defende que, assim como estamos, expomos as nossas fraquezas e comportamo-nos como animais, guerreando futilmente por um pedaço de terra. Mas não é só entre os nossos que o Steinarr defende a paz. Ele acredita que é possível fazer a paz com outros povos... Até com o teu povo!

Os olhos de Ingrior brilhavam. A sua admiração por aquele homem era mais do que evidente. A voz limpa mudou do

contentamento para o desprezo ao continuar:

— É óbvio que estas idéias de paz e união irritam a besta, que nada mais deseja senão a guerra e a destruição! Está longe do entendimento do Gunnulf que um homem com os recursos do Steinarr não avance contra os outros povos, como ele próprio faz, e os domine pela força. O Gunnulf acusa o Steinarr de fraqueza e covardia. Desde crianças que os dois não se suportam, e o tempo abriu um fosso insuperável entre eles. Se não fosse pela interferência de homens equilibrados como o Throst e o Krum, acredito que já teria havido um banho de sangue dentro do nosso povo, para regozijo dos nossos inimigos.

Mas por que era o Throst o mediador dessa briga? Ingrior não me manteve na expectativa:

— Não julgues pelo que eu disse que o Steinarr é algum fracalhote enfezado! Ele é um homem da estatura do Gunnulf, um excelente guerreiro e um cavaleiro exímio. A sua única fraqueza é a água.

“Há muitos anos, quando eu ainda era uma criança e os clãs não estavam de costas viradas, o Steinarr sofreu um acidente durante o degelo. Quando atravessava o rio no trenó, a parte mais fina do gelo quebrou-se. O Throst estava por perto. Ouviu os gritos, correu em seu socorro e salvou-lhe a vida. Como prova de gratidão, o Steinarr convidou-o para conhecer a sua aldeia e a sua casa. Desde então, apesar de viverem em lados opostos, são como irmãos. E eu sei que — ergueu a voz bem alto para que Throst a escutasse — apesar de o meu irmão não o admitir, possui as mesmas aspirações e ambições que o Steinarr. O filho de Thorgrim também deseja ver o seu povo unido e a viver em paz com os restantes povos. Contudo, teima em manter-se ao lado de um homem que representa tudo aquilo que ele abomina.

— Eu não sou um traidor, Ingrior!

O rugido de Throst arrepiou-me. Ingrior fechou os olhos e suspirou, murmurando tão baixo que só o meu coração a escutou:

— Tu não és... Mas o Gunnulf é! E um dia sentirás isso na pele... Rezo para que vejas a luz, antes que seja tarde de mais!

Os rapazes espalharam-se em grupos pela floresta. Quando a noite caiu, montaram vários abrigos dispersos e divertiram-se a partilhar as peripécias do dia de caça. A conversa estava tão animada que poucos cederam ao sono. Os adultos deixaram os jovens gabarolas entregues às descrições inflamadas das suas façanhas e foram descansar.

Eu não conhecia os rostos que rodeavam a fogueira, mas pertenciam a homens feitos, da idade de Styrr, à exceção de dois, tão novos como Bjorn. A sua conversa era animada e o calor da fogueira tão agradável que senti vontade de me sentar perto deles e ouvir as suas histórias. Todavia, eu não estava ali para isso, e a floresta abriu-me os seus braços para desvendar o segredo.

Eram dezenas e moviam-se como gatos pardos, silenciosos como a morte que lhes brilhava no olhar. Vestiam-se como os Vikings, tinham estaturas e semblantes parecidos, mas eu sabia que não eram Vikings. Tentei recuar para avisar os jovens incautos e inexperientes, mas estava presa à imagem dos homens que avançavam sobre mim, que me transpunham e deixavam para trás...

Acordei alagada em suor e a tremer de frio, como sempre acontecia quando tinha uma Visão. O terror que me fustigava era tamanho, que impedia os movimentos. Caí assim que pousei os pés no chão.

Arrastei-me até Throst, ignorando os protestos do meu corpo, que demorava a recuperar a energia. Apesar de as minhas premonições habitualmente revelarem o futuro, não havia tempo a perder. Uma hesitação podia significar a morte da juventude da Terra Antiga, numa catástrofe nunca antes vista ou imaginada. Throst ergueu-se mal o sacudi.

— Pequena? O que foi que aconteceu?

Ingrior acordou e aproximou-se. Trygve começou a chorar, e Jodis correu a acudir-lhe.

Eu esbracejava, esforçando-me por alertar Throst. Dei-me conta de que, mesmo que me entendesse, ele pensaria que eu enlouquecera. De repente, ouvi a voz trêmula engasgada de Ingrior:

— Bjorn... O nosso Bjorn...

Fitei-a e encontrei-a sem cor. Ela compreendera-me.

— O que se passa Ingrior? — questionou Throst apreensivo.

— A Pequena diz que garotos vão ser atacados por muitos guerreiros.

A expressão da minha amiga dividia-se entre o desespero e a súplica. A testa de Throst franziu-se ao encarar-me. Todavia, a sua pergunta foi dirigida à irmã:

— Isso é possível?

— Ela tem o poder de ver! — respondeu-lhe Ingrior, como se me conhecesse melhor do que eu própria me conhecia.

— Quando, Pequena? — As mãos fortes do chefe viking pousaram nos meus ombros, e os seus olhos azuis cintilaram com um brilho de feroz determinação. — Quanto tempo me resta?

Neguei com a cabeça, encolhendo os ombros com pesar. Eu não sabia. No mesmo instante, Throst agarrou na sua espada e correu para a porta, gritando para a irmã:

— Sopra a trompa e vai ao encontro dos homens.

Havia guerreiros por perto que o seguiriam em breve, mas, à velocidade com que Throst se lançava no desconhecido, chegariam muito depois dele. Enquanto o som ensurdecedor da trompa de alarme acordava todas as almas da aldeia, eu montei no cavalo que Throst me destinara. O robusto e inteligente animal não me falharia! A pequena coruja branca surgiu alvoroçada, piando aflitivamente como se me desafiasse a acompanhá-la. E eu não hesitei.

À luz do archote, ainda tive um vislumbre do rosto pálido e incrédulo de Ingrior, assustada por me ver galopar no encalço do irmão. Depois, pulei a cerca e concentrei-me em evitar os ramos aguçados das árvores, guiando o cavalo atrás da coruja, por entre a escuridão. Nem me apercebi de como era ridículo lançar-me contra um grupo de guerreiros armados até aos dentes. O meu instinto apressava-me e não tardei a escutar apelos sonoros, vindos do coração da floresta, provenientes das cornetas dos Vikings.

Perdi a noção do tempo. Já não sabia se era eu quem orientava o cavalo, se a coruja,se uma entidade superior que incentivava o animal a avançar às cegas, mas com firmeza, de encontro ao desconhecido. De súbito, ouvi gritos e o som inconfundível do embate de espadas. A chama ainda viva da fogueira iluminou a desolação de um pequeno acampamento. Num espaço exíguo, Throst e dois companheiros enfrentavam os seus inimigos

ancestrais; os covardes que atacavam crianças a coberto da noite. No chão, sem vida, estavam os jovens que a Visão me revelara. Eu chegara tarde de mais!

A coruja voou baixo sobre os destroços e desapareceu por entre as árvores sombrias.

O medo atingiu-me como uma aragem gelada, mas não permiti que se instalasse no meu espírito. Levei as mãos ao peito e encontrei a pedra azul, pulsando com a força do meu coração. Parei de respirar o odor da carne suada e morta, o fumo da madeira queimada, o cheiro do ódio e do horror. Deixei de ouvir os gritos inflamados e o estridor das espadas. Concentrei toda a minha atenção na energia que alimentava o ar, até a penumbra se transformar numa luminosidade radiosa. Então, a força dos Elementos abateu-se sobre mim, e a magia inundou-me o sangue.

Throst acabara de matar um Vândalo quando me viu. O seu rosto, corado pelo esforço, fez-se branco de surpresa e susto. A distração foi-lhe fatal. Nas suas costas, um inimigo avançou de espada erguida sobre a cabeça loura e altiva.

— Throst! — apelei instintivamente, com todo o ardor.

Em vez de se defender, ele quedou-se petrificado. No instante em que o metal ia ceifar-lhe a vida, uma lufada de vento trespassou o Vândalo, arrancando-lhe a arma da mão e arremessando-o contra uma árvore. Quando o corpo grande e pesado tentou erguer-se do solo enlameado, Throst reagiu finalmente, saciando a fome de vingança da sua espada.

Mais Vândalos chegavam, e eu não hesitei em usar os meus poderes. Os paus que alimentavam a fogueira voavam sobre os inimigos, incendiando-lhes as roupas. As armas escapavam-se-lhes das mãos, deixando-os indefesos. O chão fugia-lhes dos pés. Os ramos das árvores dobravam-se para açoitá-los. E os seus movimentos ferozes tornavam-se trôpegos, enquanto a força lhes era sugada para longe da vontade.

Assustei-me quando um guerreiro tentou alcançar-me, mas Throst salvou-me, arremessando-lhe um machado. O homem tombou a dois passos do meu cavalo, com a lâmina enterrada na cabeça; uma visão que, há bem pouco tempo, teria sido suficiente para que eu desfalecesse.

Apesar de tudo, a vantagem que eu oferecia aos Vikings não durou muito. O cansaço começava a quebrar a sua destreza e o meu vigor. Um dos companheiros de Throst sucumbiu, trespassado por uma espada. Quando os nossos esforços já se adivinhavam vãos contra o enxame de inimigos, eis que um lobo gigante surgiu de entre as árvores, rosnando furiosamente. Tive de piscar os olhos para reconhecer Sven. No instante seguinte, uma saraivada de Vikings despenhou-se em cima dos Vândalos e a batalha reacendeu-se.

A confusão de homens que se batiam e homens que fugiam consumiu a última réstia da minha força. Senti a vista turvar-se, enquanto as luzes dos pequenos fogos que me incendiavam a mente rodopiavam ao meu redor. Eu sabia que ia cair do cavalo, mas não me importei. Depois pensaria nisso. Agora, tinha de dormir...

Os corpos jaziam sem vida, espalhados pelo pântano de lama e sangue em que o solo da floresta se transformara. Enquanto os Vikings se atarefavam a prestar socorro aos seus feridos, uma estranha figura movia-se por entre os cadáveres destroçados dos Vândalos. Era uma mulher jovem, elegante e bela, vestida de negro, com longos cabelos louros e olhos de um azul profundo. Parava junto de cada um dos guerreiros e fechava-lhes os olhos com um toque suave dos seus dedos delicados, ao mesmo tempo que palavras silenciosas deslizavam dos seus lábios rosados...

— Pequena... Pequena, por favor...

A imagem da mulher desvaneceu-se, qual fumaça empurrada pelo vento. Eu abri os olhos e encontrei o olhar de Throst, atormentado pelo medo. Voltei a fechá-los e ouvi a sua voz, vinda de muito longe:

— Ela tornou a desmaiar...

— Está a recuperar a energia — respondeu outra voz que instintivamente me provocou pele de galinha. — É normal. Leva-a para casa.

Casa? Eu não podia ir para casa! Ainda tinha muito trabalho para fazer!

Forcei-me a despertar e vislumbrei o rosto preocupado de Throst... E o rosto inexpressivo do feiticeiro Sigarr. A mão que tocara na minha face ainda se afastava e vi de relance a tatuagem que lhe cercava o pulso. Era uma serpente alada, entrelaçada no próprio corpo... Não! Era um dragão... Com a Lua sobre a cabeça? O que significava aquilo?

— Bravo jovem! — exclamou ele num tom que me envolveu e esvaziou a mente. — A tua ajuda seria apreciada, se não significasse um dispêndio de força maior do que aquele que podes suportar. És-nos mais útil viva do que morta! Fecha os olhos e descansa filha da Grande Ilha...

— Ela está a acordar!

— Pequena... — Uma voz meiga e suave sacudia-me a consciência. — Como te sentes?

Eu sentia-me bem! Dir-se-ia que dormira durante estações e despertava numa cama de conforto e felicidade. Apetecia-me espreguiçar e descer as escadas da Casa Grande a correr, para tomar um farto pequeno-almoço na companhia barulhenta e divertida dos meus irmãos. Bretta resmungaria por causa do alarido. A minha mãe sorriria complacentemente. O tempo quente convidaria a um mergulho no lago...

— Pequena...

Abri os olhos e observei os seis rostos que se debruçavam sobre mim: Ingrior, Bjorn, Styrr, Katla, Jodis... E Throst.

— Afastem-se um pouco — apelou Ingrior. — Deixem-na respirar...

Levei algum tempo a habituar-me à realidade; a convencer-me de que esta era a minha realidade. Junto do telhado de colmo, a pequena coruja branca dormitava serenamente. Aos poucos, eu recordei o que acontecera e lancei os meus braços em redor do pescoço de Bjorn. Sem se importar em exteriorizar as suas emoções, o rapaz começou a chorar, enquanto me estreitava com força.

— Foi horrível, Pequena! — murmurou entre soluços. — Eles saíram da escuridão e estavam por toda a parte...

Por cima das outras cabeças, Throst afirmou calma e ponderadamente:

— Os Vândalos encontraram uma brecha na nossa defesa e deleitaram-se com as presas que surpreenderam. Se não fosses tu, Pequena, todos os nossos jovens teriam perecido.

— A trompa despertou-nos — explicou Styrr, mostrando-se forte, apesar de empalidecer com a simples recordação. — Ficamos alerta e, quando os Vândalos nos caíram em cima, estávamos prontos para recebê-los. O Bjorn comportou-se como um grande guerreiro! Estou orgulhoso dele!

— Nós também! — asseverou Throst. — E de ti! E de todos os que travaram esta batalha cega!

— Throst... — As atenções voltaram-se para Bjorn, que devolvia o punhal ao irmão.

O chefe viking trincou o lábio para conter a emoção. Apertou as mãos do mais novo entre as suas, replicando roucamente:

— Fica com ele...

— Não — retrucou Bjorn, solene e decidido. — O nosso pai ofereceu-o a ti, e tu deves oferecê-lo ao teu primogênito. Foi uma honra empunhá-lo na minha primeira batalha! Salvou-me a vida... Tu salvaste-me a vida, mano!

Throst abraçou-o com ardor, e o jovem sucumbiu às lágrimas. As mulheres soluçaram, enquanto o próprio Styrr pigarreava para disfarçar a comoção. Eu suspirei o conforto de saber que, pelo menos na casa que me acolhia, se chorava de alívio e não de agonia.

— O valor de um homem não se mede apenas pela força do seu corpo ou pela eficácia da sua arma — declarou Throst, fixando o irmão. — Mais importante do que tudo isso é a nobreza do seu coração. Eu não preciso do resultado de nenhuma prova de iniciação para reconhecer o teu valor, Bjorn. Tu já és um homem! Um grande homem! És o orgulho desta família!

O rosto do jovem iluminou a casa. Para ele, Throst era muito mais do que um irmão. Era um pai, um ídolo... Tudo o que ele desejava ser quando crescesse! E o seu elogio representava a maior das recompensas, depois da provação por que passara.

Quando as emoções acalmaram, Ingrior preparou-me um chá de ervas curativas, e eu bebi-o com prazer, sentindo a força fluir pelo

corpo. Throst distribuiu tarefas pelos restantes e sentou-se ao meu lado, começando com suavidade e cautela:

— Muitos morreram esta noite, principalmente rapazes da idade do Bjorn, que não estavam preparados para se defender. Mas podia ter sido pior! O alarme da trompa serviu de aviso aos jovens, que resistiram como puderam até à chegada dos reforços. A maior desgraça foi a que presenciaste... E, se tu não me tivesses seguido, eu também não estaria aqui! — A sua mão enlaçou a minha com carinho. — O que tu fizeste foi... Eu nem tenho palavras!

Apertei-lhe a mão, suplicando que não continuasse. O que eu fizera fora muito perigoso, e tinha a certeza de que iria sofrer as conseqüências da minha ousadia. Se eu podia contar com o silêncio de Throst, o mesmo não sucedia em relação aos outros homens, que queriam ouvir o seu nome imortalizado em todas as histórias.

— Não receies Pequena! — sossegou-me ele, decifrando o meu medo. — Os guerreiros que assistiram ao teu desempenho prometeram silêncio e não quebrarão o juramento. Todos te devemos a vida e todos te entregaremos se dela necessitares.

Isto era uma surpresa! Throst vira-me a utilizar a magia, que tanto abominava... Porém, não me censurava e até me elogiava! Senti a esperança renascer e encher-me o peito de calor.

— Se continuares assim, Pequena — intrometeu-se Ingrior, sorrindo carinhosamente —, em breve terás o exército viking às tuas ordens!

E os feridos?

— O Sigarr encarregou-se deles — respondeu Throst.

Antes que eu pudesse sobressaltar-me com as recordações que me invadiam, Ingrior replicou azedamente:

— Esse bruxo só utiliza o seu poder em proveito próprio! Podia ter-nos avisado...

— Não sejas tão rápida a julgar — volveu o irmão, no mesmo tom. — Quem te garante que o Sigarr sabia o que ia acontecer?

— Estás outra vez a defender esse bruxo maldito!

— Queres que defenda o outro bruxo que nos renegou?

— O Sigarr não está do teu lado! — retrucou Ingrior, num tom de aceso aviso. — Está do lado do Gunnulf, e também só lá permanecerá enquanto ele lhe servir os intentos!

Throst ergueu uma mão para controlar o arrebatamento da irmã.

— Chega Ingrior! Estamos a assustar a Pequena com esta discussão sem sentido!

Era verdade! Mas não pela razão que ele imaginava. As minhas suspeitas acabavam de confirmar-se. Existia um feiticeiro na vida dos filhos de Thorgrim. Alguém tão chegado que lhes legara o poder no sangue. E o ressentimento de Throst pelos Seres Superiores e a sua Arte fora causado pelo abandono...

— Há algo que preciso saber... — O apelo de Throst cortou-me o raciocínio. — Na floresta, quando me alcançaste... — Hesitou trêmulo e inseguro. — Tu chamaste o meu nome!

Eu ouvi-o claramente! Terei imaginado?

— Acalma-te, mano! — acudiu Ingrior mansamente, perante a sua ansiedade e a minha confusão. — Deixa a Pequena pensar. É possível que tenhas recuperado a voz sem que te apercebesses, querida?

Olhei de um para o outro, sentindo o coração a martelar-me o peito. Eu chamara por Throst? Certamente berrara o seu nome com a voz da minha mente, diante da colossal ameaça. Mas ele não podia ter-me escutado! Então, como...? Respirei fundo e decidi arriscar. Forcei a garganta, e o som saiu claro e limpo. Em sobressalto, levei as mãos aos lábios e comecei a tiritar sem controle. Eu recuperara a voz!!! Quando acontecera? Desde quando podia eu falar?

Bjorn apareceu a gritar, vindo do fundo da casa:

— Ela falou? A Pequena falou?

Styrr e as criadas seguiram-no, misturando exclamações de encanto com sorrisos de sincera congratulação. Ingrior abraçou-me e desatou a chorar. Throst tinha o olhar preso em mim, mas eu não me atrevi a encará-lo. Destapei a boca e voltei a tentar. Lá estava, a minha voz, tão arisca e fresca como sempre fora!

— Eu posso falar avó! Berchan... Stefan...

Agradeci à Deusa, a Cristo e a Thor. Sinceramente, nesse instante não me interessava qual deles governava o destino dos Homens. Enquanto eu divagava, ainda vacilante, eles escutavam em silêncio, sem entenderem uma palavra da minha língua materna.

Por fim, engoli em seco e experimentei articular os sons que só a minha mente conhecia:

— Quero agradecer... A todos vós... O que tendes feito... Por mim... — Por entre risos e lágrimas, recebi abraços dos dois rapazes e de Ingrior. Katla e Jodis observavam maravilhadas. Throst era o único que não sorria. Parecia que ainda não acreditava. Ingrior foi a primeira a reagir, limpando os olhos e exclamando entusiasmada:

— Agora já não temos de chamar-te Pequena! Qual é o teu verdadeiro nome?

Há pouco tempo, esta simples pergunta ter-me-ia deixado em pânico, temendo que o meu nome pudesse levar à revelação da minha identidade. Agora, porém, esses receios pareciam-me ridículos quando fixava o olhar dos filhos de Thorgrim. Todos eles haviam conquistado o meu afeto. A minha avó não recomendara que eu seguisse o coração?

— Cate...

O que parecia fácil, afinal não era! Eu não estava apenas a dizer-lhes o meu nome. Estava a abrir a minha alma, a entregar-lhes a minha confiança.

— Lyn... — Entreolharam-se.

— Catalin?

A interpretação trapalhona de Bjorn ganhou o meu sorriso. Enchi o peito de ar e repeti mais segura:

— Catelyn... O meu nome... É Catelyn! Mas... Os meus irmãos... — A comoção deu-me um nó na garganta. De imediato, Ingrior cingiu-me nos seus braços e replicou de mansinho:

— Não te esforces, Peque... Catelyn... Disse bem? — Sorriu orgulhosa do seu desempenho. — O esforço pode ser perigoso! Foi muito tempo...

Demasiado tempo! Poderia ela imaginar o quanto eu sofrera por não poder falar?

— Cat — completei, superando o tremor. — Os meus irmãos chamam-me Cat...

Encontrei o olhar de Throst, e o meu coração apertou-se ao constatar a sua perturbação. Sem uma palavra, ele voltou-nos as costas e saiu. Os rapazes ficaram a olhar para a porta,

surpreendidos pela atitude do dono da casa. De imediato, Ingrior assumiu a liderança:

— Bem, meninas... Vamos trabalhar. Há muito para fazer. Rapazes ide ajudar na limpeza do estábulo.

— Mas...

— Nada de protestos, Bjorn! Ainda estás aqui?

Eu não conseguia desviar os olhos da porta. Por que Throst partira? Para onde fora? Tê-lo-ia incomodado com a alusão aos meus irmãos? Importar-se-ia com o meu desgosto?

Ingrior apercebeu-se do meu dilema e murmurou-me ao ouvido:

— Se já recuperaste as forças, por que não vais atrás dele? — Comecei a gesticular enquanto falava. O hábito era muito forte.

— E se ficar zangado...?

— Vai!

Sem querer, os meus pés deslizaram para dentro das botas. Agarrei na manta e embrulhei-me nela. Testei o equilíbrio. Poderia estar melhor... Se eu não estivesse prestes a enfrentar a fonte da minha perturbação.

Throst não fora longe. Encostara-se à cerca, com as mãos entrelaçadas e o olhar preso no vazio. Não se moveu quando parei ao seu lado. Toquei-lhe no braço quase inocentemente, confusa, à deriva num mar de emoções violentas. Mesmo falar parecia-me algo de novo e complicado. A minha pronúncia era muito desajeitada. As palavras não fluíam com o mesmo som de quando as pensava.

— Fiz ou disse... Algo que te desgostou?

Quando ele me encarou, o meu coração contraiu-se ao ver que os olhos azuis cintilavam úmidos e inchados. Todavia, desta vez, o chefe viking não parecia incomodado em revelar a própria sensibilidade. A sua perturbação tinha outra causa.

— Diz o meu nome!

Pisquei os olhos e sacudi a cabeça, sem acreditar no que acabara de ouvir. Mas Throst repetiu:

— Diz o meu nome, por favor...

Um nó invisível estrangulou-me. Perdi o fôlego. Vi tudo a rodar, enquanto as recordações me transportavam até à noite em que Fiona nascera. Eu já vivera este momento! E, como todos os outros revelados nas Visões, não pudera evitá-lo.

Ignorando o meu sobressalto, Throst segurou-me as mãos e suplicou:

— Pequena...

Toquei-lhe nos lábios para que ele compreendesse que eu necessitava de recompor-me. Quantas vezes me imaginara a murmurar o seu nome? Tantas... Em sonhos que nem me atrevia a recordar!

— Throst...

Falei muito baixo, mas a sua expressão provou que me escutara. Apertou-me as mãos junto do peito e aproximou-se, até o calor da sua respiração acariciar as minhas faces.

— Outra vez...

Não contive um meio sorriso, que estremeceu de nervosismo. O momento era tão constrangedor quanto excitante. Mergulhei no seu olhar e sussurrei com redobrada convicção:

— Throst...

Os seus braços envolveram-me, e eu mal contive um suspiro quando ele afundou o rosto nos meus caracóis negros e deslizou as mãos pelas minhas costas, enterrando os dedos na manta de lã.

— Outra vez!

Era óbvio que um de nós devia quebrar o encantamento, antes que fosse tarde. Mas fugir era a última coisa que eu desejava! Dei por mim a pousar as mãos no peito masculino, sobre a túnica macia e quente, e a acariciá-lo como se tentasse segurar as sensações nas pontas dos dedos. Na minha mente flutuava a lembrança dos nossos corpos unidos...

— Só se disseres o meu! — revidei instintivamente, sustentando o seu olhar sem receio nem vergonha, consciente de que estávamos prestes a fazer uma loucura.

Throst inclinou-se, e eu acreditei que fosse beijar-me. Porém, encostou apenas a sua face à minha, tal como fizera durante a viagem até à Terra Antiga, quando me tocara pela primeira vez.

— Catelyn... — murmurou roucamente. — Diz o meu nome, Catelyn!

Os seus lábios roçaram a minha pele. O contato com a barba rija provocou-me arrepios. Estremeci e fechei os olhos, enquanto

entrelaçava os dedos nas ondas bravias dos seus cabelos e o puxava para mais perto. Se Throst não me beijasse, eu morreria!

— Throst...

Aquelas pequenas carícias enlouqueciam-me, e eu já nem sabia a quem pertencia o coração que me martelava o peito. Ele ergueu-me cuidadosamente, até os meus pés repousarem numa trave da cerca. Fiquei à sua altura e não contive o riso. Throst sorriu de volta e prendeu-me com o corpo poderoso, para que eu não caísse, enquanto me envolvia o rosto com as mãos. Beijou-me a testa e os olhos e tornou a encarar-me. Já não sorria.

Lentamente, eu comecei a acariciá-lo como há muito sonhava, memorizando cada linha da sua expressão. Throst arfou, esforçando-se por recuperar o fôlego. Quando repousou o rosto no meu, correspondi pressionando a sua pele com os lábios, beijando-o devagar e adorando o contato. Sentia os seus lábios deliciosamente frescos na minha face. Estaria ele a apreciar estes carinhos tanto quanto eu?

— Catelyn...

— Sim, Throst?

— Beija-me, Catelyn... Por favor!

Era a primeira vez que eu tomava a iniciativa, e gostei da sensação. Ele estremeceu quando os nossos lábios se roçaram. A sua resistência desmoronou-se num piscar de olhos. Soltou um ronco selvagem e apossou-se da minha boca com uma fúria apaixonada. Correspondi com igual fome, sem quaisquer hesitações ou remorsos, ansiando pelo seu toque.

Foi Throst quem quebrou o beijo. Escondeu o rosto nos meus cabelos, respirando com dificuldade. As suas mãos tremiam quando me ajudou a descer da cerca.

— Desculpa... — arquejou dolorosamente. — Eu não posso!

Cambaleei confusa e desamparada, quando perdi o aconchego e a segurança dos seus braços. Throst recuou um, dois, três passos, com o semblante torturado pela frustração. O seu peito agitava-se em agonia, e o seu corpo estremecia como se fustigado por uma tempestade.

— Perdoa-me...

Sem aviso, desatou a correr para o interior da noite. Eu fiquei no mesmo sítio, mastigando a angústia e a desilusão. Quem era eu, para merecer o afeto do senhor da Aldeia do Povo? Throst jamais quebraria a palavra que dera a Gunnulf! Sentime esmagada pelo peso da solidão. Todos aqueles a quem me entregava eram arrancados do mundo ou viravam-me as costas. Agarrei na pedra de Aranwen e surpreendi-me ao senti-la pulsar com vida própria.

— Onde estás avó? — apelei à escuridão. — Por que me abandonaste quando eu mais preciso de ti? Será que vale a pena continuar? Eu já não tenho força...

A porta abriu-se e, em menos de nada, o abraço carinhoso de Ingrior envolvia-me e a sua voz doce acariciava-me os sentidos:

— O Throst voltará Catelyn! Ele pode fugir dos seus sentimentos, mas não poderá esconder-se para sempre. Há muito que está previsto... Nós duas temos de conversar, mas não agora! Estamos todos cansados. Vem... Preparei um grande jantar. Vamos festejar o regresso da tua voz!

CAPÍTULO 3

O luto e a tristeza assombraram a rotina das famílias da Terra Antiga. Numa sociedade construída sobre a força e a coragem dos jovens guerreiros, as mortes inglórias de mais de uma dezena de rapazes foram um golpe rude e brutal, para o qual ninguém estava preparado. O desespero corroía principalmente aqueles que, apesar de não terem tombado, o desejassem, por terem ficado incapacitados para o desempenho da sua arte, desprovidos da destreza e da força necessárias para se tornarem mais do que um fardo para os seus familiares e a comunidade.

Gunnulf e Throst, como chefes de clã e líderes das aldeias, visitaram todas as famílias e prestaram-lhes a sua simpatia. Eu mantive-me ao lado de Ingrior, tentando passar despercebida, mas com fracos resultados. É que, apesar de as habilidades que eu utilizara durante a batalha não terem sido delatadas, todos sabiam que eu estivera presente. Descrições de como combatera a cavalo, de espada em punho, derrubando uma horda de Vândalos fortemente armados, foram repetidas até à exaustão.

Percebi finalmente o quanto era estimada na Aldeia do Povo. Os guerreiros que haviam combatido na floresta exaltavam a minha coragem e declaravam a sua admiração. Já ninguém pensava em mim como “a escrava estrangeira que Throst trouxera para tornar sua amante”. Eu ganhara o respeito do povo como curandeira... E como guerreira!

Throst regressou tarde. Não dormia em casa desde a noite do ataque dos Vândalos. Ingrior esperou-o de pé. Todos os outros se encontravam na aldeia; Jodis e Katla com familiares, e Bjorn e Styrr em casa dos pais do último. Eu ainda não conseguira adormecer, atormentada pela preocupação, mas simulava o sono. Não me apetecera conversar, e Ingrior respeitara o meu silêncio. Ambas sabíamos que havia muito por revelar e desejávamos abrir o coração. Porém, eu entendia que ela quisesse a aprovação do

irmão antes de tomar a iniciativa. O senhor da terra sentou-se à mesa para comer, e a irmã acompanhou-o. Eu continuei a respirar pausadamente. Passado pouco tempo, Ingrior perguntou num sussurro:

— O que se passou entre ti e a Catelyn?

Sofri um sobressalto que quase me denunciou. Como era hábito, Throst não respondeu logo, e Ingrior insistiu:

— Deixaste-a num farrapo quando partiste! O que foi que lhe disseste?

— Eu não quero falar acerca disso! — ripostou ele secamente.

— Perdeste a cabeça, não foi? — forçou ela sem piedade. — Deixaste o teu coração falar mais alto e assustaste-te quando percebeste que estavas a quebrar a promessa ridícula que fizeste ao Gunnulf. Estou enganada?

Throst ignorou-a, e Ingrior continuou:

— Quando é que vais admitir os teus sentimentos pela Catelyn? Quando for tarde de mais? Queres viver uma vida de infelicidade?

— Quero fazer o que está correto! — revidou o irmão num tom irritado. — Assumi um compromisso há catorze anos. Não posso voltar atrás!

— Então, faz com que seja a Halldora a desistir!

Depois de uma breve hesitação, Throst prosseguiu num tom estranho e reprimido:

— A Halldora jamais desistirá. Estivemos juntos... Continua a suplicar o meu perdão e, apesar de tudo, eu ainda gosto dela. Tenho de reconhecer que é uma Viking cheia de força e coragem; uma mulher que pensa com o coração e reage por instinto. Sentiu-se ameaçada e tentou eliminar a ameaça. Não concordo com o que ela fez, mas admiro a sua determinação. O meu futuro é ao seu lado. Não posso alterar isso! Não quero alterar isso!

Fui invadida por um desconforto doloroso. Forcei-me a manter quieta para não perder uma palavra. Ingrior não demorou a reagir:

— A Catelyn não é uma mulher normal, nem uma simples curandeira ou vidente. É muito mais e já o provou. Eu reconheci o seu poder assim que a vi. E tu também! Por isso não consegues afastar-te. Deveria ser fácil, não é verdade? Se amas a Halldora...

— Ingrior...

— Ela está no teu sangue, Throst, e a cicatriz que partilhais comprova-o! Vós estais destinados! De nada te valerá lutares contra isso! Podes ser teimoso e levar adiante o casamento com a Halldora, mas a vida encarregar-se-á de te juntar à Catelyn. Os semelhantes reconhecem-se! E ela já despertou a magia que vive em ti.

— Estás a passar dos limites! — cortou Throst, frio como gelo. — Sabes perfeitamente o que eu penso desse assunto!

— Não podes continuar a negar aquilo que és!

Eu podia imaginar Ingrior forçando o irmão a encarar a tatuagem que lhe rodeava os pulsos — o dragão que fixava o Sol com o desafio no olhar. Escutei um alvoroço e percebi que Throst se levantara da mesa. A sua voz soou cortante como uma lâmina:

— Estás enganada! Eu não posso é assumir algo que não sou!

— Por quanto tempo continuarás a negar o nosso sangue?

— Eu nunca aceitarei esta maldição! Eu não pedi para ser marcado, Ingrior!

— Não será por ignorares o teu poder que ele desaparecerá!

— Mas que poder mulher? Eu não sou curandeiro nem vidente!

— Tu és um guerreiro sagrado! O Lobo escolheu-te e uniu-se a ti para te ajudar a cumprir a tua missão. Se negares isso, os deuses revoltar-se-ão e serás castigado.

— E qual é a minha missão, abençoada irmã?

— Unir o teu povo — volveu ela, sem se deixar abater pela ironia. — Unir todos os povos...

— E foi para concretizar essa nobre missão que o destino colocou a Pequena no meu caminho!

O sarcasmo de Throst provocou-me um calafrio. Ingrior retrucou sem hesitação:

— Foste tu que proferiste essas palavras e não eu!

— Basta, Ingrior! Sabes perfeitamente que não pode ser...

— A Catelyn ama-te, Throst!

A afirmação deixou-me sem ar e, por pouco, não saltei da cama para protestar contra o seu atrevimento. Mas o que se seguiu manteve-me suspensa:

— A Catelyn não me ama! Não pode amar-me! Depois do que eu fiz à sua terra, ao seu povo...

— Ela já te perdoou há muito, Throst! Teria interferido pelo bem da nossa família e do nosso povo, correndo tantos riscos, se assim não fosse? Não serás tu quem ainda não se perdoou?

— Eu nada fiz de que tenha de envergonhar-me...

— Sabes que isso não é verdade! De cada vez que a tua espada ceifa uma vida, numa batalha sem sentido, o teu coração sangra. Tu nasceste para unir, não para destruir!

— Eu nasci para servir o meu povo! Mesmo que a Catelyn sentisse o que tu dizes, o nosso amor seria impossível. Conheces as barreiras que nos separam.

— Todas as barreiras podem ser contornadas ou derrubadas! E tu tens a vontade e o poder para fazê-lo! Por que outra razão a trouxeste contigo, senão para sarar o passado?

— E por que não por vingança? — A voz de Throst tremia, denunciando a sua perturbação. — Porque a morte seria demasiado fácil! Porque queria que ela sentisse na pele a dor que eu senti quando perdi o meu pai!

Ele sabia quem eu era! Essa era a única explicação para o que acabara de dizer! Cravei as unhas na manta, mal contendo um gemido. Ingrior contestava:

— O teu coração nunca pensou assim, e a tua mente a muito que deixou de fazê-lo! A Catelyn jamais foi um objeto de vingança. Só podes estar a pretender enganar-te, porque não consegues enganar mais ninguém!

— Eu já admiti que trazer a Catelyn para a Terra Antiga foi um erro!

— Mas o coração não te deu alternativa! Abre os olhos, Throst! Pára de lutar contra ti próprio! A Catelyn já te perdoou! Chegou a altura de tu te perdoares e de perdoares aqueles que feriram o nosso povo. Vingança após vingança não é a resposta! Este ódio tem de acabar! E só pode finar com a força de um grande amor...

— Basta, Ingrior! — O ardor de Throst fez-me estremecer. — Estou cansado dos teus delírios! As pessoas não podem guiar-se pelo coração e esquecer a razão! Tu és um bom exemplo disso!

A casa ficou em silêncio. Aparentemente, Throst pretendera pôr fim à discussão atingindo a irmã num ponto fraco. Mas Ingrior não desistiu apesar de a sua voz soar ferida quando objetou:

— Eu não me arrependo do que fiz, nem do amor que vivi! Se tenho algo a lamentar, é o tempo que perdi a lutar contra os meus sentimentos. Eu teria sido feliz se o ódio não se intrometesse na minha vida!

Ouvi a cortina do quarto de Throst fechar-se bruscamente. Todavia, Ingrior ainda não terminara:

— Eu já não tenho força para combater a tua teimosia, o teu rancor e a tua cegueira, mano! O meu coração chora por ver-te semear a tua própria infelicidade. Nega o teu sangue, nega a tua força, nega a verdade da tua alma e do teu coração, mas não me peças para pactuar com a tua destruição. A Catelyn veio até nós com um propósito, e eu irei ajudá-la a persegui-lo. Se não lhe contares a verdade, eu contarei!

— E qual é a tua verdade? — A voz de Throst chispava de indignação. — Os rabiscos de um louco, num lugar amaldiçoado que provoca alucinações? Um bruxo que desprezou e abandonou a sua família humana? Uma infeliz que a sorte atraiçoou e que só busca um pouco de paz? Um povo que luta contra o frio, a fome e o desespero, todos os dias da sua miserável existência? Esta é a minha verdade, Ingrior! E eu não aceitarei outra!

— Então, não falarás com a Catelyn?

Interroguei-me se eles não escutariam o tambor que rufava dentro do meu peito. Após uma longa hesitação, Throst concluiu:

— Eu nada tenho para lhe dizer que ela não saiba já! — Ingrior resmungou algo imperceptível, antes de retorquir:

— O que ela sabe não ouviu da tua boca. Se desejas que a Catelyn te perdoe, deves submeter-te ao seu julgamento! Ela tem o direito de conhecer a verdade... A tua verdade!

O silêncio esmagador foi a única resposta.

Não preguei olho toda a noite, remoendo cada pedaço de informação, encaixando peças num enigma que parecia infindável, soltando a imaginação ao encontro das respostas que fugiam do meu alcance.

Throst foi o primeiro a levantar-se e saiu sem proferir uma palavra. Ingrior despertou quase tão faladora como o irmão. Avisou-

me que iria passar o dia na aldeia, levou Trygve consigo e deixou-me por conta da casa vazia. Eu sabia que a sua intenção era forçar-me a defrontar Throst. Mas, mesmo que assim não fosse eu estava mais do que decidida a fazê-lo.

Encontrei-o diante do celeiro, onde a luz do dia parecia mais viva. Trabalhava num pedaço de madeira que já tomava forma e seria a nova cama do sobrinho. Atara o cabelo com uma fita de pele, mas algumas madeixas rebeldes caíam-lhe sobre o rosto, sacudidas pela ferocidade dos seus movimentos. Recordei a primeira vez que o vira, na Enseada da Fortaleza, cavalgando no centro da batalha que mudaria o rumo da minha vida, poderoso e belo como um deus. Quando me sentei ao seu lado, ele continuou como se eu não existisse. Vacilei um breve instante, pois sabia que, uma vez que começasse, já não haveria retorno.

— Ontem ouvi-te a falar com a Ingrior.

As suas mãos pararam de mover o instrumento de corte, mas não me encarou. Recomeçou devagar, replicando num tom que já denunciava irritação:

— Não te ensinaram que é feio escutar as conversas alheias?

— Querias que eu viesse para a rua? Era impossível não ouvir os vossos gritos!

Throst encolheu os ombros e suspirou, resmungando mais para si próprio do que para mim:

— Sei que é inútil pedir-te que esqueças o que ouviste... Tão inútil como implorar à minha insensata irmã que fique quieta e calada; que não complique ainda mais as vidas de todos nós! Mulheres! Diga o que se disser, elas farão sempre o que querem!

— Esclarecer o passado não é uma teimosia ou um capricho! — objetei com convicção. — É uma necessidade! Não queres saber...?

— Não! — atalhou ele bruscamente. — Vai-te embora, Catelyn! Deixa-me trabalhar em paz!

A sua intransigência começava a exasperar-me.

— Vais ter de me escutar, quer queiras, quer não! — insisti com ardor. — A Ingrior disse que eu vim para a Terra Antiga com um propósito. Eu não sei se isso é verdade... Mas é verdade que me foi designada uma missão. E acredito que as respostas de que

necessito para a prosseguir se encontram na magia do vosso sangue.

Apesar de estar à espera de uma reação não muito boa, sobressaltei-me quando Throst arremessou o instrumento de corte pelo ar e me encarou, bufando de raiva:

— Será possível que ninguém me dê ouvidos? Quantas vezes terei de dizer que não quero ouvir falar de magia? Recuso-me a tomar parte no que quer que seja que se relacione com essa aberração!

Agora eu estava zangada! Ergui-me de um salto e enfrentei-o sem temor, colocando a palma da minha mão diante do seu nariz.

— Devo concluir que, para ti, o que aconteceu conosco foi uma aberração? Que, depois que me viste enfrentar os Vândalos, eu me transformei aos teus olhos numa criatura desprezível?

A minha rispidez fê-lo recuar. Throst respirou fundo, em busca do domínio perdido, e franziu o sobrolho, retorquindo numa voz alterada pela comoção:

— Eu não disse isso, Catelyn! Reconheço que existe magia boa e má. A Ingrior também possuiu algumas habilidades, se bem que nem se comparam com as tuas! Mas eu não pertenço a esse mundo! Não quero pactuar com tal loucura! Eu corto a mão, tu sangras e a minha irmã já sonha que nós iremos salvar o mundo... Sabes, melhor do que ninguém, o quanto és especial para mim. Mas o futuro que a Ingrior prevê para nós significaria a minha morte e, inevitavelmente, a tua. Até ela tem de admiti-lo! Eu jurei que desposaria a Halldora e não posso quebrar a minha palavra! Não quero quebrá-la! Raios! — praguejou, esmurrando com toda a força a parede do celeiro. — Por que cedi à tentação de trazer-te comigo? Por que não te deixei na tua terra?

Eu sabia que estava a trilhar um caminho perigoso; a desviar-me dos objetivos a que me propusera, caindo na discussão dos estranhos sentimentos que nos aproximavam e suplantavam. Todavia, dei por mim a argumentar:

— Porque a magia que vive em ti já te revelara o meu rosto e, apesar de não compreenderes o que estava diante dos teus olhos, não foste capaz de me virar as costas e de me entregar à morte. Acredita que não foste o único a experimentar a agonia do

reconhecimento, Throst! Eu também a experimentei! Porém, não senti medo, ao contrário do que seria previsível. Mesmo agora, falando tão abertamente, eu não temo... Porque confio em ti! Porque sei que tu és um homem bom, destinado a grandes coisas.

A máscara de frieza, que ele tanto se esforçava por segurar, ruiu em pedaços. Abriu e fechou a boca, sem saber como enfrentar-me. A custo reuniu fôlego para contrapor:

— Como podes confiar em mim tão cegamente? Como podes... Depois de me teres visto a combater contra o teu povo? Depois de tudo por que eu te fiz passar...?

Tentei responder-lhe, mas concluí que não podia explicar-lhe algo que nem eu própria compreendia. Nenhuma razão me parecia suficiente para justificar a incoerente certeza que me movia. Contudo, talvez a solução estivesse muito perto, gravada na minha e na sua carne! Abri a mão e observei a cicatriz, ponderando:

— Eu começo a acreditar que tudo tem um propósito... De que outra forma podemos explicar isto? Se foi o destino ou um qualquer deus que nos uniu desta forma, pouco importa! Só sei que temos de descobrir o que pretendem de nós!

Throst afastou o cabelo do rosto, nervoso como um animal encurralado. Mal reconheci a sua voz quando declarou:

— Eu não sou o homem que tu pensas Catelyn! Sou apenas um guerreiro...

— Tu és muito mais do que um guerreiro! — ouvi-me refutar. — Os desenhos nos teus pulsos ganham vida debaixo do meu olhar, e os Lobos Cinzentos falaram-me da tua missão...

Sem aviso, Throst segurou-me pelos ombros e sacudiu-me secamente, enquanto rosnava:

— Os desenhos nos meus pulsos são uma maldição; a herança de um traidor que renegou a própria família. A sua superioridade não lhe permitiu conviver conosco, criaturas inferiores! — A rudeza do seu escárnio deixou-me paralisada. — É ao meu pai e à sua família que eu devo tudo o que sou! E a única missão que tomei para mim foi a vingança contra o covarde que o assassinou! Sabes do que eu estou a falar, Catelyn?

As suas palavras tiveram o impacto de um soco. De nada me valia negar, por isso enchi o peito e enfrentei-o, resoluta:

— A Anna contou-me acerca da batalha onde o teu pai pereceu...

— Eu não chamaria batalha à investida de uma poderosa força militar contra uma frota de comércio! — cortou, magoando-me com a intensidade feroz do seu olhar. — Não, eu não chamaria batalha ao massacre de dezenas de homens desprevenidos! Não foi só o meu pai que perdeu a vida naquele dia. Muitos familiares e amigos partilharam da sua sina. Desde então, o Sol não nasceu sem que eu sonhasse com a morte do senhor da Grande Ilha, Garrick McGraw, sob a lâmina da minha espada!

A força abandonou-me, o meu coração parou e o sangue gelou. Enquanto as cores me escapavam do rosto, Throst prosseguiu:

— Todos os órfãos dessa infame carnificina tinham o mesmo objetivo quando se lançaram sobre a fortaleza de Goldheart, naquela manhã. O Gunnulf quase conseguiu fazer justiça, mas o McGraw escapou-se-lhe por entre os dedos. E eu falhei... Falhei ao meu líder, falhei ao meu pai, falhei ao meu povo...

Calou-se subitamente e soltou-me com tamanho ímpeto, que dir-se-ia que o contato o queimava. Eu desfaleci sobre a caixa de madeira, lutando pela consciência, assimilando cada uma das suas palavras como uma punhalada no peito. Com a amargura e a raiva desfigurando os traços perfeitos do seu rosto, Throst mastigou entredentes:

— Depois disto, ainda pensas que eu sou um simples guerreiro combatendo pela vontade do meu líder? Agora que conheces a minha sede de vingança, continuas a confiar cegamente em mim, Catelyn McGraw?

Apetecia-me chorar, berrar, espernear, explodir de angústia. Throst recuara e assombrava-me como um gigante. A voz que empregara para dizer o meu nome fora agressiva. A emoção sufocava-me, mas consegui manter-me altiva, ao inquirir num tom defraudado e carregado de acusação:

— Tu sempre soubeste... Sempre soubeste que eu sou uma McGraw?

O tempo deteve-se, enquanto a agonia inundava o olhar azul. Porém, a voz de Throst soou gélida ao responder:

— Sim, eu percebi que tu eras uma McGraw assim que te vi. Agora sabes que não foi um nobre desígnio divino que me forçou a

raptar-te. Eu conhecia o valor da minha presa! Não te iludas acerca da bondade do meu coração, Catelyn! Eu sou apenas um homem com as mãos encharcadas pelo sangue do teu povo, que viu em ti uma oportunidade de vingança e luxúria. Odeias o Gunnulf pelo que ele fez... Pois eu estava ao seu lado, movendo as armas com igual ardor...

Deteve-se com a voz suspensa, engasgado nas próprias palavras. Soltou uma interjeição imperceptível e voltou-me as costas, refugiando-se no celeiro e abandonando-me ao desencanto e à confusão. Mal pude suster-me, corri para casa, cambaleando e tropeçando na mágoa. O calor agradável da fogueira não derreteu a capa de gelo que me envolvia a alma. Escorreguei para o chão e, só quando senti o sabor agreste do sangue a inundar-me a boca é que percebi que trincava o lábio, num último esforço para conter os berros que me esmurravam a garganta.

As palavras de Throst estrondeavam no meu espírito como um coro de almas danadas. No furor da batalha, ele fora apenas um Viking, cego de ódio, sedento de vingança... O que esperara eu desta abordagem? Que ele declarasse estar disposto a perdoar e a esquecer tudo o que sofrera para agradar à filha do seu maior inimigo?

Agora que eu obtivera a confirmação de que existia magia no sangue dos meus anfitriões, a informação revelava-se inútil. Apesar de me ter resgatado à morte e entregue a vida num pacto de sangue, quebrando todas as regras que impusera a si próprio, Throst jamais renunciaria ao rancor. Diante dos sentimentos contraditórios que alteravam o rumo que ele próprio traçara, decidira-se a provar que as nossas divergências eram incontornáveis. E o seu triunfo era a nossa derrota, pois a teimosia condenava-o à morte e, sem a ajuda do misterioso feiticeiro, que eu desconfiava ser o seu avô materno de quem ninguém falava, eu nada podia contra Myrna.

Na minha mão, a cicatriz latejava qual chaga aberta. Despeitada, escondia-a atrás das costas. Talvez se a ignorasse, ela acabasse por desaparecer da mesma forma que aparecera! Eu não queria partilhar nada com aquele bárbaro! Aliás, se Throst morresse

haveria menos um selvagem no mundo, menos um inimigo da Grande Ilha, menos um caçador da minha família...

“Eu falhei ao meu líder, falhei ao meu pai, falhei ao meu povo”...

A voz na minha mente foi acompanhada por um forte agitar de asas. Os grandes olhos da coruja magoaram-me a vista, como se o Sol brilhasse dentro deles. No mesmo instante, um trovão estourou por cima da minha cabeça e vislumbrei Throst, brandindo o seu machado contra os Aliados. A nossa ligação era tão sólida que eu sentia o fogo que ardia no seu sangue, o tambor que rufava dentro do seu peito, a chuva que banhava a sua pele... E a descarga de ódio que o fulminou no instante em que se viu diante do já debilitado e ferido Garrick McGraw. Seria tão fácil... Porém, o olhar atraiçoava-o e forçava-o a enxergar para além do inimigo. Não muito longe, o Conde de Goldheart carregava à força uma jovem vestida de branco...

Estremeci, trespassada por calafrios e afrontamentos, lutando ferozmente contra a Visão que teimava em dominar-me. Eu não podia ceder! Eu tinha de manter-me desperta!

Gemi dolorosamente quando a minha cabeça se esmagou contra o chão. Escancarei os olhos e vi o teto de colmo, suspenso sobre a névoa, e o pássaro branco a desaparecer pela chaminé. Arfei aflitivamente, forçando o coração a acalmar-se, enquanto a gravidade da última revelação me sacudia o espírito. Eu não podia desistir de Throst... Assim como ele não desistira de mim!

Arrastei-me para a rua, e o ar gelado ajudou-me a reagir. A fraqueza embriagante quase desaparecera quando irrompi pelo celeiro. As minhas entranhas reviraram-se ao encontrá-lo vazio. Teria chegado tarde? Forcei as pernas a correrem até ao estábulo e estaquei ao encontrar Throst, preparando o cavalo malhado para partir. Ele fitou-me, surpreendido. Não esperava tornar a ver-me depois da nossa discussão. Eu comecei de imediato, antes que perdesse a coragem:

— Tu tiveste o meu pai ao alcance da tua arma... Por que não o mataste?

O assombro no seu semblante denunciava confusão e algum temor. A racionalidade de Throst não admitia que eu tivesse a

aptidão de alcançar os seus segredos mais profundos. Não desisti quando me voltou as costas. Ele iria escutar-me até ao fim!

— Foi por minha causa, não foi? Tiveste de decidir entre deter a fuga do meu pai e salvar-me do Goldheart...

Exasperada pelo seu silêncio, segurei-lhe o braço e obriguei-o a encarar-me. Os olhos azuis do guerreiro estavam inchados e sombrios, denunciando um cansaço extremo. Permaneceu calado, enquanto eu continuava dominada pelas emoções:

— Eu tinha dois anos quando o teu pai morreu. O meu irmão mais velho era ainda um garoto, tal como tu, e nada sabia sobre guerra... No mundo dos adultos, os Vikings atacavam as costas da Grande Ilha. Perante a frota do teu pai, os Aliados não pararam para perguntar se se encontravam diante dos mesmos Nórdicos que haviam matado pilhado e queimado as nossas aldeias. O que aconteceu nesse dia foi um erro. Mas nós não temos de perpetuá-lo!

Eu ansiava por uma reação, mas Throst permanecia lívido, como se ainda não acreditasse no que lhe estava a suceder. Atrevime a buscar a sua mão, que repousava no dorso do cavalo, libertando a voz do meu coração:

— Sempre que um homem empunha uma arma por ambição ou vingança, é inevitável que morram inocentes. Durante gerações foram cometidos incontáveis erros! Alguém tem de parar! Há pouco tempo, o Krum fez-me entender que o passado não pode ser alterado, mas que o futuro está guardado dentro das nossas mãos. A Ingrior acredita que a tua missão é fazer a paz entre os nossos povos. E... Depois de tudo o que vivemos... Eu também acredito...

A voz faltou-me e não contive um soluço. Sentia-me fraca, carente, ansiosa pelo conforto dos seus braços. Throst não era um inimigo e sim um abrigo aconchegante que me protegeria da maior das tempestades. Eu detestava esta fragilidade que me esmagava, mas não conseguia evitá-la. Enquanto lutava para manter o pouco orgulho que me restava, ele fixava-me em silêncio, respirando pesadamente, dissecando-me com o olhar. De súbito, correspondeu ao aperto da minha mão e levou-a aos seus lábios, beijando-a demoradamente. Só depois confessou:

— Eu sempre gostei das mulheres do meu povo, Catelyn... Para mim, era impensável deitar-me com uma rapariga como tu. Todavia,

quando te vi, fui fulminado por um desejo inexplicável e indomável. Pensei que nenhum homem, de nenhuma raça, poderia impedir-me de possuir-te e, quando te tomei finalmente, experimentei algo que nunca havia sentido com outra mulher. Mas, ao despertar, esbofeteado pela realidade, vi que tinha nos meus braços a filha de Garrick McGraw e odiei-me pelo que fizera. Odiei-me pelo muito que te queria... E cada dia, cada vez mais...

Eu tremia dos pés à cabeça. Throst estava a expor-se totalmente... E, as suas palavras tocavam-me de uma forma que eu nem me atrevia a admitir. Mal contive um suspiro quando ele me acariciou o rosto, antes de prosseguir com a voz embargada:

— Eu não te culpo pelo passado, Catelyn! Mas, por mais que te deseje... Por mais que te admire e te queira bem, nunca poderei libertar-me do horror, de tudo o que sofri e do muito sofrimento que infligi. Talvez a Ingrior tenha razão... Talvez eu não possa perdoar os outros, porque não consigo perdoar-me! Para abraçar uma missão tão nobre como a que vós falais, é necessário uma fé inabalável e um coração limpo. E eu não possuo nenhuma dessas coisas...

Tentou recuar, mas eu não permiti. Barrei-lhe a fuga, rouca, mas convicta:

— Eu sei que tu carregas feridas que jamais sararão. Eu também as carrego! A dor nunca finará, mas pode tornar-se branda e até suportável, se consentires que te ajudem... Se tu próprio te ajudares! — Engoli em seco, estendendo-lhe a minha mão num apelo. — Ainda estás a tempo...

— Não, Catelyn! — A brusquidão com que Throst me afastou deixou-me petrificada. — Eu sou um guerreiro viking! Toda a vida me orgulhei da precisão do meu arco, da força do meu machado e do rigor da minha espada. Contudo, desta vez foi diferente... Tu tornaste tudo diferente! Eu deixei Garrick McGraw escapar porque corri a socorrer uma desconhecida! Agora, não se passa um dia sem que me questione se matei um dos teus irmãos, algum dos teus amigos... E, como se não bastasse ter-me envolvido com a filha do meu maior inimigo; como se não fosse suficiente ter desenvolvido um remorso torpe por tua causa, ainda dou por mim a orgulhar-me por participar na tua magia... Surpreendo-me envolvido em coisas contra as quais lutei desde que me conheço! — Arquejou,

extenuado pelo esforço, repartido entre a perturbação e a revolta. — Eu não quero fazer parte de um plano divino para salvar o mundo! Quero navegar e conquistar terras; ter uma mulher na cama e uma dezena de filhos no colo...

Uivou como um animal ferido e cobriu o rosto com as mãos. Eu dei um passo à frente e outro atrás, completamente desnorteada. Quando Throst me encarou, já recuperara a inabalável frieza. A sua rispidez estalou em mim como uma chicotada:

— Eu não posso continuar aqui! Não posso continuar perto de ti, Catelyn! Não quero envolver-me mais nessa tua magia. Sei que fiz um juramento e mantenho-o! Não permitirei que te suceda nenhum mal, enquanto o meu braço tiver vigor para erguer uma arma. Mas não vou esquecer quem sou e aquilo em que acredito! Não irei enlouquecer por tua causa!

A sua intransigência despertou a minha indignação. De novo, Throst negava o evidente e agia como se eu lhe tivesse lançado um feitiço para lhe dobrar a vontade; como se eu não olhasse a meios para o manter ao meu lado. Só que, desta vez, eu podia responder-lhe:

— Guarda os teus favores para a tua noiva! — rugi afogueada. — E não te preocupes em cumprir nenhum estúpido juramento! Eu sempre me desvencilhei muito bem sozinha! Peço desculpa se te distraí da tua brutalidade ignorante!

Desatei a correr às cegas, com o vermelho da ira a bloquear-me a razão, mas não alcancei a porta. O meu corpo foi agarrado no ar e tombou num monte de feno. Antes que eu pudesse gritar, a boca de Throst cobria a minha, a sua língua quente forçava a entrada nos meus lábios e as mãos poderosas evitavam os golpes débeis dos meus punhos. Uma batida de coração foi quanto lhe bastou para me dominar. A fúria transformou-se numa paixão desenfreada, enquanto os meus dedos se enterravam nos anéis dourados dos seus cabelos, libertando-os e usando-os para o puxar para mais perto. Este beijo sabia a desespero; possuía uma fome e uma sede que nenhum de nós estava preparado para aceitar. Ao separarmo-nos para recuperar o fôlego, Throst afundou o rosto no meu pescoço e gemeu dolorosamente:

— Não percebeste o que eu quis dizer Catelyn... Minha Pequena! Não tencionei ofender-te ou desprezar-te! Eu... — Respirou fundo e ergueu-se ao encontro do meu olhar. A sua voz tornou-se grave, como se recitasse a própria condenação: — Catelyn, se eu continuar perto de ti, acabarei por desgraçar-me perante o Gunnulf e tomar-te para mim, com o teu consentimento ou à força, sem me importar com o ciúme e a raiva da Halldora, sem me importar em desonrar a minha palavra, sem me importar com mais nada...

Fechei os olhos, incapaz de suportar a visão do seu rosto atormentado pelo desejo. A minha pele também bradava pelo seu toque. Nós estávamos possuídos por uma força superior, que nos impedia de raciocinar, que nos forçava a esquecer quem éramos e tudo o que nos separava. Talvez Throst estivesse correto! Só a distância sanaria esta loucura!

Quando o seu corpo se afastou, fui preenchida por um vazio gelado. Quase supliquei que não partisse, mas o orgulho segurou-me a língua. Afinal, eu era uma McGraw!

Não tardei a ouvir o galope furioso do cavalo, mas mantive-me imóvel, presa no olhar brilhante da coruja que me seguira, mastigando o pressentimento, doloroso e angustiante, de que se passaria muito tempo até tornar a ver Throst.

CAPÍTULO 4

— Temos de conversar, Catelyn. Tu e eu sabemos... Sempre soubemos! Mas as forças do mal movem-se, rápidas e perigosas, ocultas pelo manto da ilusão. Nenhuma de nós podia arriscar-se, pois ambas temos demasiado a perder. Agora, que sei que posso confiar-te a minha vida, estou preparada para enfrentar o desafio que os nossos antepassados nos colocaram. Irás abraçar a minha decisão?

Eu não possuía a habilidade de manipular as palavras e criar imagens bonitas, como Ingrior e Berchan. Gostava de ir direta ao assunto, sem perder tempo. E foi com essa determinação que retorqui:

— O fato de eu ser filha de Garrick McGraw não te incomoda?

Os lábios da filha de Thorgrim apertaram-se, enquanto acenava com a cabeça.

— Vejo que já falaste com o Throst! E calculo que não foi uma conversa amistosa!

— O Throst odeia a minha família e o meu povo — volvi, sem disfarçar a mágoa. — O seu rancor só será apaziguado quando o meu pai tombar. Afirma que é um guerreiro e que jamais trairá as suas convicções. Ele não compreende a estima que eu sinto por vós. E abomina a magia que reconhece em mim...

Estávamos sozinhas e assim permaneceríamos até ao dia seguinte. À nossa volta, o ar carregado forçava-nos a arquejar. Ingrior apertou-me a mão e disse mansamente:

— Muito antes de nascermos, já o teu povo combatia o meu e o meu o teu. São movidos pela mesma ignorância, a mesma cegueira, a mesma arrogância... Nós não temos de partilhar a sina dos nossos pais! Eu estava enganada quando te disse que não pertencias aqui. O tempo revelou-me que a tua presença na Terra Antiga não é um capricho do destino. Há muito, foi profetizado que um grande amor extinguira o ressentimento que separa os nossos povos. Esse amor

está dentro de ti, Catelyn! Para mim, pouco importa de quem és filha, pois, no meu coração, tu és minha irmã.

Eu nunca ouvira uma declaração tão sincera e apaixonada. A minha mão fechou-se na de Ingrior e, sem a menor hesitação, entreguei-me ao seu abraço. De imediato, fui invadida por um alívio doce. Ia finalmente desabafar o que me ardia na alma.

— Sabes que eu retribuo sem reservas a tua confiança e afeição — respondi comovida. — Também acredito que a paz entre os nossos urge e tudo farei para despertar as consciências dos líderes da minha terra. Mas, antes de regressar à Grande Ilha, preciso da tua ajuda.

Contei-lhe a minha história, apenas omitindo que Anna era minha tia, pois não estava autorizada a revelar esse segredo. Ingrior deteve-me quando lhe confessei que suspeitava que o poderoso feiticeiro que eu buscava tinha o seu sangue, e continuou com serenidade:

— Tenho a certeza de que aquilo que te vou dizer abalará muitas das tuas convicções. Só te peço que abras o espírito, pois não é algo que possas aceitar de ânimo leve...

“Aqui, muito perto de nós, em pleno coração da Terra Antiga, encontra-se um dos lugares mais mágicos da Terra. A Montanha Sagrada domina sobre as Terras do Norte, apesar de ninguém conseguir vislumbrá-la, além dos que possuem o dom do conhecimento da Arte. Para se chegar ao seu cume, basta subir o ribeiro que nasce no interior da própria Montanha. Mas o caminho só se revela àqueles que podem trilhá-lo e, se alguém se atreve a violar as regras, a própria natureza ganha vida: as árvores movem-se, as pedras deslocam-se e o solo ergue-se ou afunda-se, até que tudo o que era num instante deixa de sê-lo no seguinte. Os intrusos depressa se perdem e morrem de frio ou de fome, se tiverem sorte... Os menos afortunados enfrentam o destino nas garras dos Lobos Cinzentos.

“No topo da Montanha, com os olhos postos na Terra, está uma pedra mágica, diferente de todas as que já viste e possas vir a conhecer. É negra como a noite, mas mais brilhante do que um dia luminoso, como se um mundo feito de estrelas cintilasse no seu interior. Contudo, o mais fantástico não é o seu aspecto e sim o seu

poder. Aqueles que lhe tocam têm acesso a outra realidade... Ao passado e ao futuro. E, a todos, a pedra revela uma história diferente, pois cada ser é único e tem uma missão própria. Por esta razão lhe chamam “Pedra do Tempo”.

“Ligada à Pedra do Tempo está uma lenda fantástica. Há muito, muito tempo, antes de os Homens e de os Feiticeiros habitarem a Terra, existiu outra raça de seres inteligentes que reinava sobre todos os outros. Eram criaturas majestosas e terríveis que dominavam o céu, o mar e a terra. Certamente já ouviste falar delas, aqui e na Grande Ilha. Humanos e Feiticeiros chamam-lhes Dragões.

“Na sociedade dos dragões havia uma elite, da qual fazia parte o Guardião da Montanha Sagrada. Consultando a Pedra do Tempo, ele previu um cataclismo que destruiria o mundo e toda a sua raça. Apressou-se a avisar os seus semelhantes, mas estes não lhe deram ouvidos. Eles eram os senhores da Terra e nada temiam! Só quando o céu se rasgou e começou a chover fogo, os dragões acreditaram no Guardião. Porém, já era tarde. Uma noite sem fim desceu sobre a Terra e trouxe uma nuvem sufocante de pó. O ar tornou-se gelado e irrespirável. Toda a água congelou, e o fogo da terra apagou-se. A vida, animal e vegetal começou a perecer.

“Dentro da Montanha Sagrada, protegido pelo calor da magia, o Guardião adormeceu até que a própria Montanha decidiu despertá-lo. Quando saiu do abrigo das grutas, descobriu que tudo o que o rodeava era desconhecido e assustador, desde as plantas aos animais. Com o coração a sangrar, sobrevoou esta nova realidade e concluiu que o mundo que amava finara há muito.

“De regresso à Montanha, o Guardião viu o seu reflexo na Pedra do Tempo e verificou que nada restava do jovem dragão, belo e vigoroso. Ele era o último da sua espécie e, em breve, também morreria. Este pensamento enlouqueceu-o. Num impulso arrebatado, voou tão alto quanto conseguiu e deixou-se tombar sobre a Pedra do Tempo, talvez na tentativa desesperada de destruí-la, esmagando-a sob o corpo poderoso, para que os novos senhores da Terra não pudessem apoderar-se dos segredos da sua raça. Contudo, a Pedra não cedeu sob o seu peso. Afiada como uma espada trespassou-o e manteve-o prisioneiro de um sofrimento

atroz, até ao último suspiro. Enquanto esperava pelo alívio da morte, o dragão chorou duas grossas lágrimas que, mal tocaram no solo, se transformaram em cristais mágicos, portadores da sua sabedoria.

“Só acreditarás se quiseres, mas é verdade que, quando os Feiticeiros chegaram pela primeira vez ao cume da Montanha Sagrada, encontraram o esqueleto de um ser fabuloso, empalado na Pedra do Tempo. Perto das cavidades dos seus olhos estavam dois cristais, cujas propriedades mágicas foram reconhecidas de imediato. Os cristais eram iguais na forma e no tamanho, mas possuíam cores distintas. Um era negro como a noite e, por isso, chamaram-lhe Lágrima da Lua. Ao outro, transparente como água, chamaram Lágrima do Sol.

“O Conselho dos Seres Superiores, a quem os cristais foram entregues, depressa percebeu que tinha em seu poder uma força fenomenal que, utilizada levianamente, podia provocar a destruição da Terra. Para evitar essa calamidade, foi criada uma Ordem liderada por dois irmãos que se distinguiam dos seus semelhantes pela força e poder exemplares.

“A Ordem do Dragão prestou juramento de sangue pela defesa dos cristais, da Montanha Sagrada e da Pedra do Tempo, para que os seus segredos jamais caíssem em mãos erradas. O irmão mais velho, responsável pela Lágrima do Sol, tatuou na carne o dragão debaixo da imagem do Sol, e o irmão mais novo, responsável pela Lágrima da Lua, tatuou o dragão debaixo da imagem da Lua. Dentro da Ordem, todos os descendentes da linhagem herdavam a marca, e o primeiro filho de um Guardião adquiria igualmente a responsabilidade pela proteção do seu cristal.

“Durante gerações, a tradição cumpriu-se sem sobressaltos. Os Guardiões da Montanha Sagrada levavam uma vida recatada, dedicada à meditação e à aprendizagem dos segredos da Pedra do Tempo e dos cristais mágicos. Mas a chegada dos Humanos mergulhou a sociedade perfeita dos Seres Superiores num conturbado caos. E a Ordem do Dragão não foi exceção.

O último Guardião da Lágrima do Sol era um dos feiticeiros mais poderosos de sempre, responsável por magníficos feitos e prodigiosas conquistas, altamente considerado pelos demais. O seu nome era Hakon, mas os Seres Superiores chamavam-lhe “O Que

Tudo Vê", devido ao seu poder de adivinhação e à sua habilidade para deslindar os enigmas da Pedra do Tempo.

"A sorte de Hakon não foi muito diferente da sorte da tua avó. Apesar de todas as responsabilidades que pendiam sobre os seus ombros, quando conheceu o verdadeiro amor, não teve força para negá-lo. Mas esse amor era humano e consequentemente amaldiçoado pela lei do seu povo. Não obstante a sua importância, Hakon foi condenado a perder as faculdades superiores. Contudo, não voltou as costas ao juramento de proteção da Lágrima do Sol e da Pedra do Tempo. Os Feiticeiros podiam subjugar o seu poder, mas não a sua vontade.

"Depois disso, Hakon poderia ter sido feliz... Tão feliz quanto um Ser Superior condenado à humanidade é capaz de ser. Mas, infelizmente, parece que as grandes paixões estão destinadas à fatalidade. Hakon perdeu a sua companheira em circunstâncias que ninguém sabe explicar. Prostrado pelo desgosto e revoltado contra os seus e contra os deuses, "O Que Tudo Vê" entregou a sua única filha, ainda bebê, para criar e desapareceu na Montanha Sagrada. Dizem que nunca mais foi visto por olhos humanos. Elina cresceu e enamorou-se do filho mais jovem de Eric, filho de Grim, o senhor da Terra Antiga: Thorgrim... o meu pai".

Eu achava que a história da minha família era extraordinária, mas pasmei ante o relato de Ingrior. Com o coração exaltado, aguardei que me dissesse que se relacionava com o avô e que iria levar-me até ele. Contudo, o que ela tinha para contar era bem diferente:

— Eu era muito menina quando subi a Montanha Sagrada pela primeira vez. Não sei como me atrevi. Talvez, nesse dia, o chamamento tenha sido demasiado forte para o poder ignorar! Desde sempre, as minhas noites eram povoadas por sonhos que eu não compreendia, mas também não me atrevia a revelar a ninguém; e durante o dia ouvia vozes, apelando insistentemente, vindas de lado nenhum. Quando se é criança, gosta-se de ouvir falar de magia e das criaturas mágicas. Mas, na minha casa, esse assunto era proibido. Por isso, eu procurava muitas vezes a companhia de Anna. Ela não mencionava essas coisas diante do resto da família, mas quando saía levava-nos, a mim e ao Trygve, e contava-nos histórias fantásticas e lindas, enquanto nos ensinava os segredos das ervas

curativas. Apesar de eu nunca ter discutido com Anna as transformações que estava a sofrer, foi graças a ela que aprendi a não as temer.

“Certo dia, ao brincar na entrada da floresta, deparei com um trilho novo. Eu conhecia o bosque como a palma da minha mão, e o fato de nunca ter reparado nesse caminho intrigou-me, principalmente porque ia dar a um ribeiro, cujo cântico se ouvia distintamente. De imediato, desafiei as minhas companheiras a explorá-lo, mas elas teimaram que eu estava a troçar delas. Onde eu via uma vereda, rodeada de árvores majestosas e pequenos arbustos verdejantes, elas viam um emaranhado de troncos decrépitos e intransponíveis. Regressei a casa, contrariada e nervosa, mas, no dia seguinte, voltei ao mesmo sítio. O trilho continuava aberto, e o ribeiro cantarolava o meu nome. Não hesitei mais.

“Tenho apenas uma vaga recordação da viagem até ao cume; imagens repletas de névoa, como um sonho. Ao chegar, a Pedra do Tempo capturou toda a minha atenção. Eu preparava-me para lhe tocar, quando uma voz vinda do interior de uma gruta me chamou. Respondi a medo, mas a minha ousadia infantil ajudou-me a entrar. Não encontrei ninguém, mas havia cestos com comida e bebida esperando por mim. E livros... Muitos livros! Anna ensinara-me a ler, por isso não tive dificuldade em aventurar-me neste novo mundo que se abria à minha curiosidade fervente. Contudo, mesmo que não compreendesse as Runas, os livros não me guardariam segredos, pois as suas palavras assumiam formas reais dentro da minha mente.

“Não sei quanto tempo fiquei. Comi sem ter fome e bebi sem ter sede, reunindo a força necessária para devorar a história dos meus antepassados, escrita pelo punho daquele que eu descobrira ser o avô de quem ninguém falava. E quanto mais lia, mais desejava ler! A noite caiu, o dia nasceu e a noite voltou a tombar. Dei por mim diante da Pedra do Tempo, desejando ardentemente tocá-la, mas tremendo de medo. E se nada acontecesse? E se eu estivesse enganada *e* não pertencesse à linhagem dos eleitos, com poder para ver o passado e o futuro?

“Todas as minhas dúvidas se dissiparam no instante em que os meus dedos se encostaram à pedra. A realidade que eu conhecia virou-se do avesso e dei por mim a pairar por cima do mar, como um pássaro. Caía a noite e a Lua redonda reinava no céu. Lá em baixo, muitos barcos sulcavam as águas. Quis aproximar-me para observar os homens, mas fui detida por uma estrondosa gargalhada. A face da Lua transformara-se no rosto de uma mulher que mirava os navios com um esgar assassino. Então, a imagem esmoreceu e a luz da Lua finou. O círculo amarelo ficou vermelho, como um coração gigante a palpitar no céu. Horrorizada, vi o coração rasgar-se e o sangue chover sobre os barcos. Os gritos dos homens ainda hoje me assombram...

“Devo ter desmaiado porque, quando despertei, a luz já esmorecia. Desci a Montanha a correr e só parei em casa. O que encontrei era previsível. A minha mãe estava lavada em lágrimas, pois já me dava como perdida. O meu pai chegou depois, regressando de uma das buscas que organizara. Assim que eu lhes contei o que pensava ser uma descoberta maravilhosa, levei uma tareia. A minha mãe arregaçou-me as mangas do vestido e confirmou os seus temores. Tatuado nos meus pulsos estava um desenho igual ao que enfeitava os pulsos dela. Abismada, eu tentei apagá-lo com os dedos, com saliva, com água... Em vão! O testemunho da minha linhagem mágica permanecerá na minha carne até à morte. Fiquei de castigo durante muito tempo. Os meus pais temiam que eu regressasse à Montanha. Só me deram permissão para sair de casa no dia em que a nossa família se reuniu na herdade do tio Arngrim, para a festa de despedida. Os homens iam fazer uma longa viagem até uma terra distante, muito rica e poderosa. Levavam os *Knarr* carregados de artesanato, peles de animais, óleos e marfim, e esperavam obter um bom preço por esses produtos.

“Eu segredava ao Trygve o que me acontecera, quando o Throst me veio buscar. Fiquei furiosa ao perceber que ele contara ao Gunnulf a minha aventura e que pretendia mostrar-lhe as tatuagens do dragão. Não tive tempo de protestar, pois Sigarr abeirou-se de nós. Eu já estivera perto dele algumas vezes, porque o Sigarr era responsável pela educação do Gunnulf. Porém, nesse dia, parecia

que estava a vê-lo com outros olhos, que cheirava o perigo em cada um dos seus movimentos.

“Ele começou por afirmar que eu não precisava ter medo dele e ergueu as mangas da sua túnica, revelando uma tatuagem semelhante à minha, mas com a Lua por cima da cabeça do dragão. Eu teria gritado, se o meu pai não interferisse. Gelada de medo ouvi Sigarr dizer-lhe que eu devia receber uma orientação adequada e que ele desejava a sua autorização para me treinar. O meu pai segurou-me ao colo e ripostou que a sua filha não era um brinquedo de feiticeiros.

“Durante o resto do dia, eu só consegui pensar na descoberta que fizera. Sigarr possuía a marca dos descendentes do Guardião da Lágrima da Lua, logo, era primo do meu avô... Era meu primo! O feiticeiro que aterrorizava os nossos inimigos e impunha um respeito temeroso sobre o nosso povo tinha o meu sangue! Seria ele o guardião do cristal? Se os Feiticeiros haviam castigado o meu avô por unir-se a uma humana, o que teriam feito quando um dos seus eleitos enveredara pelo trilho negro da Arte?

“No final da noite, surpreendi uma conversa dos meus pais. A minha mãe chorava e suplicava-lhe que não partisse naquela viagem. Como argumento, repetia incessantemente a Visão que eu tivera, na Montanha. O meu pai sorria e esforçava-se por acalmá-la. Iria regressar rico e provar-lhe que as premonições e profecias não passavam de fantasias para assustar os mais fracos e dar vantagem aos mais fortes. Na manhã seguinte, o meu pai abraçou-me e quis forçar-me a prometer que não tornaria à Montanha Sagrada. Os meus lábios permaneceram fechados. Ele zangou-se e ameaçou que me manteria de castigo até ao seu regresso, mas eu não me demovi. E essa foi a última vez que o vi. Quando o meu tio voltou com a trágica notícia, a minha mãe quase enlouqueceu. Durante muito tempo não falou com ninguém e só o nascimento do Bjorn a encorajou a reagir. Dias depois, eu reuni ânimo para subir a Montanha. A Pedra do Tempo usara-me para alertar o meu povo acerca da desgraça que se aproximava, e eu esperava que ela voltasse a confiar-me os seus segredos. Se eu conseguisse controlar esse dom, poderia ajudar muitas pessoas. Seria uma

forma de redimir-me por ter falhado no salvamento do meu pai e dos seus companheiros.

“De início, temi levar Trygve comigo, não fosse o meu avô zangar-se. Porém, de todas as vezes que ele me acompanhava, éramos bem recebidos com comida, bebida e mantas. Os livros encontravam-se abertos em folhas diferentes, como se “O Que Tudo Vê” nos indicasse o que devíamos estudar. E, à medida que o tempo passava, eu apercebia-me da importância do estranho mundo que me rodeava. Dediquei-me de alma e coração à aprendizagem da Arte descrita nos livros e senti a energia que vivia em mim despertar e desenvolver-se. Mas, por mais que tentasse contatar com a Pedra do Tempo, esta não voltou a manifestar-se... Até ao dia do ritual de iniciação do Throst.

“Quando o meu irmão entrou na floresta, eu escutei finalmente o apelo da pedra mágica. Apressei-me a responder-lhe e, mais uma vez, a realidade desvaneceu-se e eu precipitei-me num tempo irreal. Visionei o meu irmão já homem, cavalgando diante de um exército. Não era uma guerra que se travava, como comecei por temer; os guerreiros que Throst liderava eram os chefes dos clãs vikings. No local de encontro, pousaram as armas e deram as mãos. O meu irmão sorriu, e eu vi o seu rosto transformar-se no focinho de um animal, semelhante a um lobo, mas muito maior.

“Despertei assustada, temendo pela vida do Throst. Felizmente, vivíamos dias de festa e poucos haviam notado a minha ausência. Todavia, percebi no olhar feroz e ressentido da minha mãe que ela sabia onde eu estivera.

“Descobri o significado da revelação quase de imediato. Na Terra Antiga não se falava de outra coisa. O filho de Thorgrim tivera a honra de enfrentar e vencer uma fera. E o animal cuja alma ele assimilara não era um vulgar lobo da floresta e sim um Lobo Sagrado. Mas isso não era tudo! Enquanto eu estivera inconsciente, Throst fora marcado pela magia da nossa linhagem. O Dragão do Sol brotara da sua carne tão misteriosamente como da minha.

“Para mim, essa foi a prova final de que a vida nos reservava um grande futuro. Nós éramos netos de um feiticeiro poderoso e tínhamos responsabilidades para com o nosso povo: eu como vidente e Throst como o guerreiro que uniria os clãs e fundaria a

paz. Tentei convencê-lo da minha certeza, mas o meu irmão ignorou-me. Todo o seu entusiasmo e paixão eram para a guerra e para a conquista. Estava cego e surdo, dominado pela influência do primo, que lhe prometia vingança e riqueza. Juntos, o urso e o lobo seriam os reis do mundo!

"Eu nunca simpatizei com o Gunnulf. Sabia-o frio e cruel, obcecado pela guerra, desprovido de coração e respeito pelo próximo. E, quando constatei que ele seduzira o meu irmão com os seus tenebrosos ideais, não consegui suportá-lo mais. Porém, a minha má sorte fora ditada no nascimento. Seguindo a tradição, Gunnulf fizera votos por mim e eu ficara-lhe prometida. Até ao momento, vivera conformada com a minha sina. Porém, ao ver o irmão que eu tanto amava regressar da sua primeira campanha totalmente mudado, sem um vestígio de humanidade na alma, regozijando-se com o sofrimento dos infelizes que abatera, resolvi tomar uma atitude. Enfrentei a minha mãe e declarei que jamais me casaria com o Gunnulf, porque o abominava. Ela ficou horrorizada e suplicou-me que reconsiderasse. Após a morte do meu pai, os meus tios eram o nosso apoio emocional e econômico. Uma desfeita tão grave podia significar a ruína da família. Considerando que a minha mãe estava muito doente e fraca, eu acabei por ceder.

"Alguns dias depois, acordei dominada por uma angústia intolerável. Saltei da cama e verifiquei que a minha mãe saíra de casa. Estávamos no pico do Inverno, e a sua saúde sustinha-se por um fio. Eu nem podia acreditar que ela se embrenhara na escuridão da noite, durante uma tempestade de neve! Alertei toda a quinta, e começamos as buscas. O medo plantava-me na mente o rosto sem vida da minha mãe, gelado de frio, contorcido de dor...

"Um apelo que só a minha alma escutou atraiu-me à Montanha. Quando me aproximei da Pedra do Tempo, encontrei a minha mãe envolta no aconchego exclusivo daquele lugar mágico. Sorriu quando me viu, estendeu-me as suas mãos e disse:

"Não te preocupes comigo, querida filha. Eu encontrei finalmente o meu rumo."

"Ficamos abraçadas em silêncio, desfrutando de um entendimento e de um carinho há muito esquecidos. Por fim, a minha mãe continuou:

“Os anos que estão para vir serão duros, Ingrior. Terás de ser forte e manter a família unida. Não desistas de chamar o Throst à razão, pois dele depende a sobrevivência do nosso povo; nunca prescindas da tua felicidade, mesmo quando sentires que já não podes continuar, mesmo que penses que já não existe esperança; cuida do Bjorn como se fosse teu filho e ensina-o a amar o nosso sangue, pois é dele que provém a nossa força.”

“O seu discurso soou-me estranho e triste... como uma despedida. Tentei argumentar, mas ela não permitiu. Tocou nos meus lábios e prosseguiu:

“*A Lua está viva, Ingrior, e serve uma nova senhora, cruel e poderosa. Se ela conquistar as Lágrimas, será invencível. Amigos e inimigos deverão unir-se para impedi-la. E tu estarás à frente dessa batalha, meu amor. Que a luz ilumine o teu caminho e te dê força para vencer*.”

“Tornou a silenciar-me e ordenou num tom urgente:

“*Vai buscar o Bjorn para que a marca do Guardião seja lavrada na sua carne. Sem ela, o nosso menino estará desprotegido contra o mal que se aproxima*.”

“Fiquei tão assustada, que corri para casa sem demora, decidida a arrancar o Bjorn da cama e a levá-lo à nossa mãe, antes que ela pudesse piscar os olhos. Porém, assim que entrei na quinta, apercebi-me de que algo ruim sucedera. Irrompi pela casa e sofri o maior dos sobressaltos. O corpo da minha mãe jazia sem vida sobre uma manta, gelado pelo frio. Comecei a gritar e a espernear e, só a custo, o Throst conseguiu segurar-me. Fora ele quem a encontrara, perto do trilho que conduzia à Montanha Sagrada. Ao pressentir a morte, a nossa mãe seguira o apelo do sangue, em busca de abrigo, mas só o seu espírito alcançara a paz almejada.

“Quando a vida tornou à normalidade possível, tentei contar a verdade ao Throst, mas ele recusou-se a ouvir-me. Replicou que estava órfão e tinha uma propriedade para administrar, um irmão pequeno para cuidar e uma irmã louca a atormentá-lo. Mandou-me arrumar as nossas coisas, porque aceitara a hospitalidade da Casa de Grim por uns tempos. Eu obedeci destroçada e revoltada. Contudo, na primeira oportunidade, levei o Bjorn à Montanha e cumpri a última vontade da nossa mãe.

“O Throst ficou possesso quando descobriu. Poucas vezes o vi tão zangado! Só então apreendi o rancor que ele devota ao nosso avô. O Sigarr contara-lhe a história que eu lera nos livros, mas envenenara-o com a sua língua viperina, dizendo exatamente o que o meu irmão queria escutar e afastando-o da família, da magia do nosso sangue e da sua missão de vida, plantando-lhe o ódio dentro do peito, atiçando a sua ambição e rebeldia.

“A nossa discussão violenta, seguiu-se uma campanha, e eu não vi Throst durante meses. O estudo da Arte era a minha prioridade, e o Trygve tornou-se o meu companheiro inseparável. Tínhamos a mesma idade, as mesmas convicções e gostos, o fascínio pela magia e o desejo de praticar o bem. Em contraste com os seus irmãos, até com o Krum, ele não queria ouvir falar de guerra e de conquistas. O Trygve era um poeta! Tocava música como um deus, compunha canções que me faziam chorar e poemas que perdurarão na memória do povo. Era um contador de histórias, uma alma pura que sonhava conhecer outros mundos pela sua beleza e não pela riqueza que lhes podia extorquir. Até fisicamente se distinguia, porque o seu corpo não possuía a robustez dos Vikings. Era mais baixo, muito magro e delicado. O seu rosto parecia celestial. Tinha os cabelos pretos e encaracolados e os olhos verdes... como os teus! É incrível, como vós sois parecidos!”

Eu estava suspensa nas palavras de Ingrior, assombrada pela sua vivência. Agora, que ela fizera uma pausa para recuperar o fôlego e secar as lágrimas, os seus olhos denunciavam o conhecimento do meu parentesco com Trygve. Senti o rosto a ferver e a língua a batalhar dentro da boca. Devia-lhe a verdade, pela sua sinceridade e entrega. Esbocei o seu nome, mas ela deteve-me:

— Há muito que eu descobri o segredo da Anna, apesar de ela o ter guardado até dos próprios filhos. Mas o Trygve sabia que era especial; sentia a força e o poder dentro da mente, tal como eu. E, quando eu te vi, soube que o destino se aventurava num jogo perigoso. Só alguém muito distraído não declararia a vossa semelhança. Depois de ouvir a tua história, tudo se clarificou. A Anna é tua tia, não é verdade? O meu Trygve era teu primo...

Envolvia nos meus braços e experimentei o alívio da queda do último segredo. Tal como Ingrior, eu pressentia que existia entre nós

uma ligação especial. A nossa existência tinha coincidências perturbadoras, impossíveis de ignorar. Depois de tudo o que ouvira e com a minha própria experiência, eu concluía que Ingrior também teria de enfrentar uma adversária perigosa — a Senhora da Lua, contra a qual a sua mãe a admoestara. Tentei confortá-la o melhor que sabia e, por entre soluços e tremores, Ingrior continuou a sua narrativa:

— Durante anos, Trygve e eu fomos como irmãos, almas gêmeas que se completavam, com um entendimento que muito poucos compreenderão e ainda menos terão a sorte de experimentar. Essa era uma das razões por que o Gunnulf o detestava... Mas não a única! Ele desprezava o espírito artístico e nobre do irmão. Chamava-lhe menina, princesa, boneca; mil e um palavrões destinados a magoá-lo e a humilhá-lo. A sua intolerância acabou por afastar Trygve dos assuntos dos homens e aproximou-o do novo mundo que ansiávamos por descobrir juntos. Nós passávamos as tardes a estudar na Montanha ou a passear pela floresta. Sentávamo-nos na margem do ribeiro, e ele compunha canções que me dedicava. Ensinou-me a tocar flauta e a dominar as Runas. A nossa relação era tão inocente e pura que só reconhecemos o sentimento profundo que nos unia quando já era tarde.

“Apesar de saber que não me agradava e de ter muitas mulheres dispostas a tudo pelos seus favores, o Gunnulf teimava em desposar-me. Eu era uma menina e ele um homem pujante, por isso acreditei que a estratégia de evitá-lo, negando-lhe os carinhos habituais dos namorados, seria suficiente para o desinteressar. Enganei-me! Presa à gratidão pelo apoio que os meus tios nos haviam oferecido, nos últimos anos; sabendo que Throst estava assoberbado de trabalho e de preocupações, e que este casamento o faria feliz, pois nutria grande respeito e afeição pelo primo; pensando na educação e no bem-estar do Bjorn; sentindo o entusiasmo de toda a comunidade, perante a expectativa da união das duas famílias mais poderosas da Terra Antiga, eu não tive coragem de recusar o pedido de casamento de Gunnulf.

“E, como se não bastasse sentir-me miserável ante a possibilidade de passar o resto da vida ao lado de um homem que detestava, o meu melhor amigo afastou-se e deixou-me sozinha,

sem ninguém com quem desabafar. Só compreendi a atitude do Trygve quando me apercebi dos meus próprios sentimentos. Ele sofria em silêncio porque me amava... E eu também o amava!

“Faltavam poucos dias para o casamento quando o Trygve me procurou. Declarou-me o seu amor de joelhos, com o rosto banhado em lágrimas. Partilhando do seu desespero, eu caí-lhe nos braços e beijei-o com loucura. Porém, quando ele me pediu que desfizesse o noivado e sugeriu que enfrentássemos a família, eu vi-me diante de todas as questões que já ponderara e mais uma: o que faria o Gunnulf quando descobrisse que me perdera para o irmão que desprezava? Temi por Trygve, temi por mim e pelos meus. E, de novo, me acovardei e fugi ao encontro da infelicidade.

“Quando despertei, estava casada com um homem muito mais velho, que nada sabia acerca das necessidades de uma mulher. Os dias eram difíceis, mas as noites transformavam-se em pesadelos e, para aumentar a minha agonia, descobri que, por baixo dos adornos que lhe envolvem os pulsos, o Gunnulf tem tatuada a marca do Guardião da Lágrima da Lua. Apavorada, perguntei-lhe o que aquilo significava, já que ele e o Sigarr não são parentes. Ele escarneceu da minha ansiedade e explicou que o feiticeiro lhe concedera essa honra após o combate com o urso, quando o escolhera para seu protegido. Apesar de desconhecer as intenções do bruxo, eu adivinhei que tal não podia ser um bom augúrio.

“Trygve via-me sofrer e padecia tanto ou mais do que eu. Os nervos estavam a consumi-lo vivo e, como se não bastasse, o Gunnulf tentou forçá-lo a juntar-se aos guerreiros na campanha desse Verão. Ele recusou de imediato, declarando que preferia ficar e ajudar nos trabalhos da quinta, pois jamais mancharia as mãos covardemente com o sangue de mulheres e crianças, para encher os bolsos de riqueza. Gunnulf saltou sobre o irmão como uma besta enfurecida e tê-lo-ia desfeito se os outros não interferissem.

“Eu ainda não recuperara do susto, quando Sigarr veio ao meu encontro. A dúvida que acalentara durante anos foi desfeita. O feiticeiro acenou com o cristal negro diante do meu nariz e apelou à minha cobiça. Agora que eu era uma mulher com direito de decisão, ele renovava o convite para que me tornasse sua aprendiz. Sabia que eu visitava a Montanha com freqüência, em busca do meu avô

e dos seus ensinamentos, e pedia-me que refletisse acerca da minha lealdade. Quantas vezes Hakon se revelara para falar-me, orientar-me, ou apenas para confortar-me? Até onde eu esperava evoluir no Conhecimento, sem o acompanhamento adequado? Por que desperdiçava o meu talento seguindo alguém que nem se dignava a falar-me?

"Todo esse tempo, a Lágrima da Lua esteve à minha frente. Era a coisa mais linda que eu já vira, redonda, mas com incontáveis faces e recortes, um brilho que encandeava e um poder palpável. Apetecia-me mergulhar dentro dela e banhar-me nos seus segredos, mas não esquecia que quem me tentava era um feiticeiro negro e que a sua proposta certamente escondia um desígnio obscuro. Por que outra razão ele se esforçava tanto por despertar o meu ressentimento contra o meu avô? E, principalmente, que interesse tinha o Guardião da Lágrima da Lua numa herdeira do Guardião da Lágrima do Sol? Fui forçada a apelar a toda a minha vontade, mas resisti à ardente tentação.

"Sigarr não deixou transparecer se a minha recusa o contrariara. Replicou que me daria tempo para refletir e voltaria a procurar-me quando regressasse da campanha.

"Nesse Verão, a angústia de ver os homens partirem para a guerra misturou-se com o alívio. Pude retornar à Montanha e, aos poucos, convenci Trygve a acompanhar-me. Reatamos a nossa amizade e vivemos dias de indescritível harmonia, praticando a Arte, entregando-nos à música e à poesia, ou apenas conversando. Nenhum de nós se atreveu a recordar o beijo trocado e muito menos a falar do sentimento que nos esforçávamos por sufocar.

"Mas os dias de felicidade não passaram de uma leve brisa. Gunnulf regressou com uma nova obsessão: queria um herdeiro. Mostrou-se desapontado por não me encontrar de barriga, pois partira convicto de que me engravidara. Não voltei a ter sossego. A todo o instante, arrastava-me para a cama, e eu depressa concluí que de nada valia resistir-lhe, porque ele não tinha o menor pejo em impor-se pela força. Os meses sucederam-se, e as minhas regras nunca faltaram. Gunnulf começou a perder a paciência e a tornar-se violento na fala e no trato. Acusava-me de usar truques para evitar a

concepção. Chegou a amarrar-me à cama para confirmar a sua suspeita. Mas nem amarrada eu engravidei!

“Entretanto, Gunnulf também não perdia uma oportunidade de humilhar Trygve, apesar de o irmão tentar ignorar as suas ferroadas persistentes. A situação desmoronou-se quando o meu tio faleceu. Durante a cerimônia fúnebre, perante a família e os amigos, Gunnulf embriagou-se e declarou que eu me recusava a dar-lhe um filho porque estava apaixonada pelo seu irmão bastardo. Mas que se desenganasse quem pensava que ele era corno, porque o irmão era uma fêmea, incapaz de cumprir os serviços de um homem. Ao ouvi-lo, Trygve perdeu a cabeça e deu-lhe um pretexto para o expulsar de casa sem ser criticado pela comunidade.

“Eu fiquei desesperada. Estava tanto frio que Trygve morreria se dormisse ao relento. Como era um rapaz solitário, não tinha amigos a quem recorrer e, mesmo que os tivessem ninguém se atreveria a dar-lhe guarida, depois das palavras do novo senhor da Terra Antiga. Então, Throst avançou e ofereceu-lhe a hospitalidade da sua casa. Nessa noite, percebi que o coração do meu irmão ainda não fora corrompido. Eu precisava reagir e seguir os conselhos da minha mãe.

“A partir daí, decidi que Gunnulf não voltaria a vergar a minha vontade nem a maltratar-me. Já que tinha a fama de usar truques, teria o proveito! De imediato, comecei a apelar aos meus conhecimentos da Arte para evitar submeter-me à sua luxúria. Num dia adormecia-o, no outro cortava-lhe o entusiasmo, no outro colocava-lhe pó na roupa para que se coçasse até sangrar... Fui bem-sucedida durante algum tempo, até que o Sigarr se intrometeu.

“Certa noite fatídica vi Gunnulf esgueirar-se para a rua e um negro pressentimento forçou-me a segui-lo. Surpreendi-o nas sombras, conspirando com o feiticeiro. Este entregou-lhe um amuleto e garantiu-lhe que, da próxima vez que ele me procurasse, uma criança seria gerada. Gunnulf respondeu-lhe que, se não fosse pela profecia que nos unia já me teria cortado a garganta. Eu mal me atrevia a respirar, dominada pelo pavor. Quão grande era o poder do bruxo, para contrariar a vontade da própria Natureza? E que profecia era essa, da qual falavam? Eu tinha de descobrir a verdade, mas não podia continuar a espiá-los porque Sigarr se

aperceberia. Se voltasse para casa, ficaria à mercê de Gunnulf. Recorrer à Pedra do Tempo era arriscado, pois esta só revelava o que queria e quando queria. Subitamente, o vento assobiou-me aos ouvidos o nome da única capaz de me dar uma resposta: *A Velha do Tronco Oco...*

"A Velha do Tronco Oco é a mais velha e a mais sábia das videntes. Tu conhece-la, Catelyn! Vi quando lhe falaste durante o Festival de Inverno. Nesse dia, surpreendi-me por encontrá-la na aldeia, porque nunca deixa a sua casa, na floresta profunda. Mora dentro de uma árvore morta e gosta pouco de ser incomodada. Há quem diga que ela tem o poder de transformar os homens em animais ou em criaturas sem vontade, e que o faz apenas para se divertir.

"O desespero levou-me até aonde poucos já se aventuraram. Estava escuro, mas o chão iluminava-se à minha frente, guiando os meus passos. Todos os medos que me fustigavam desapareceram mal vi a anciã, que me aguardava. Bebi sem receio o chá que me preparara e sentime mais forte e confiante. Disse-lhe ao que vinha, e ela resmungou. Se os jovens da Terra Antiga respeitassem o passado da sua terra, não teriam de importunar os velhos para aprender acerca do futuro. Lançou os ossos sobre a sua manta, leu a minha mão e mirou-me dentro dos olhos. Depois, afirmou algo surpreendente:

"Não é de ti que a profecia fala."

"Supliquei-lhe que me explicasse o que se passava, e a minha aflição comoveu-a. Tornou a arrojar os ossos e, depois de uma pausa, mastigou:

"O Guardião da Lágrima da Lua corre atrás da cauda como um cachorro endoidecido. Atira-se para o fundo do poço e pensa que está a saltar para fora dele. Quer alterar à força a sua sorte no tabuleiro da vida, mas enganou-se nas peças e desacertou na estratégia. Até aonde a loucura dos Homens e a ambição dos Feiticeiros nos levará?

"Pensei que ela iria regressar ao silêncio, mas continuou:

"Se tivesses prestado atenção aos ensinamentos do teu avô, saberias que as lágrimas do dragão contêm o conhecimento absoluto. Por isso, o Conselho dos Feiticeiros decidiu separá-las.

Nenhuma criatura deve possuir um poder igual ao do Criador, pois certamente sentirá a tentação de usurpar o Seu lugar. Os cristais não foram uma dádiva para os novos habitantes da Terra e sim uma armadilha. O dragão forneceu aos invasores um instrumento de destruição, esperando que o utilizassem rapidamente. Contudo, por uma razão desconhecida, as pedras mágicas podem ser manipuladas, mas o poder encarcerado nelas continua prisioneiro de uma vontade mais forte. Porém, a Terra não está segura! Há muito, foi profetizado que o Rei da Lua e a Rainha do Sol, portadores do mesmo sangue, darão à luz um primogênito varão, capaz de libertar o Poder Superior. O que esse homem fará quando se tornar deus, só o próprio Deus pode prever."

"Atrevime a uma saraivada de perguntas, mas a vidente silenciou-me com brusquidão:

"Até agora, os Guardiões mantiveram a tradição de transferir o seu poder para um filho varão. Mas os tempos mudaram, e as vontades distorceram-se. O único herdeiro do Guardião da Lágrima do Sol que possui vocação é uma mulher, e o Guardião da Lágrima da Lua sabe que jamais gerará herdeiros. Assim, Ingrior, filha de Thorgrim, da casa de Grim, tornou-se uma Rainha do Sol. E, por um pacto de sangue, Gunnulf, filho de Arngrim, da casa de Grim, foi feito Rei da Lua".

"Eu estava gelada de horror. De um momento para o outro, o meu mundo ruíra, e eu mergulhara no caos. Acabara de descobrir que a minha vida estava a ser manipulada por uma força que me empurrava para o abismo e eu nem sequer sabia como defender-me.

"O Guardião da Lágrima da Lua deposita grande fé naquele que tomou como protegido. Há muito que tenta desequilibrar a balança do destino em seu proveito e avança, galgando todos os obstáculos para alcançar o poder que almeja. Neste momento, estão reunidas as condições para que o Filho do Dragão seja gerado... E quando a Natureza se recusa a obedecer à vontade do feiticeiro, ele não hesita em recorrer à Arte Maldita para atingir os seus objetivos."

"Sentime encurralada e até pensei em terminar com a vida. Porém, a recordação da súplica da minha mãe para que cuidasse

dos meus irmãos forçou-me a recuar. Desesperada, implorei à vidente que me dissesse o que fazer. A sua resposta foi imediata:

"Tu sempre soubeste o que devia ser feito... Vai e segue os teus instintos, neta de O Que Tudo Vê. Tens muito trabalho pela frente... Não, não me agradeças! Voltaremos a conversar... Talvez mais depressa do que ambas desejaríamos!"

"Saí da floresta meio enlouquecida, sem vislumbrar a mais tênue solução. Inesperadamente, Gunnulf surgiu diante de mim, qual personificação do demônio. Há muito que me procurava e estava furioso. Berrou que nenhuma mulher abandonava a sua cama a meio da noite. Exigiu saber aonde eu fora e, quando me recusei a responder-lhe, acusou-me de adultério e agrediu-me. Furiosa, cuspi-lhe na cara o ódio e o nojo que ele me causava. E, quanto mais eu gritava, mais Gunnulf me batia. Acreditei que ele ia matar-me, mas parou subitamente e tombou ao meu lado, chorando como uma criança. Confessou que me amava... Que nunca amara outra mulher! Mas as suas súplicas por perdão não me comoveram.

"Aproveitei a sua prostração para reagir e apelei a toda a força para correr ao encontro do abraço protetor da floresta. Ouvi-o clamar, cada vez mais perto, mas não desisti. De repente, parei de escutá-lo e apercebi-me de que estava no trilho mágico que me levaria ao cume da Montanha Sagrada. Gunnulf ficara para trás, sem hipótese de me perseguir.

"Depois disso, só me recordo de acordar junto da Pedra do Tempo, envolvida pelo carinho de uns braços que há muito me haviam esquecido. Eu mal podia acreditar que Throst subira a Montanha por minha causa! A alguns passos, Trygve observava-nos em silêncio, e eu sentia-o estremecer, perturbado e indignado por me ver ferida. O meu irmão quis saber o que me acontecera, mas não tive coragem de lhe contar a verdade, temendo que me julgasse louca. Deixei-o acreditar que fora vítima de uma violenta briga conjugal e supliquei-lhe que não me forçasse a voltar para o Gunnulf. Throst garantiu-me que eu obteria o divórcio que desejava, mas que Gunnulf iria responder pelo que me fizera. O meu coração parou quando a sua mão deslizou para o punho da espada. Então, Trygve disse algo que jamais esquecerei:

“Tu não podes enfrentar o Gunnulf, Throst! Se o fizeres, morrerás. E a tua morte em nada beneficiará a Ingrior, o Bjorn, ou aqueles que te amam e que de ti dependem. Só os insensatos e os loucos acreditam que tudo se resolve pela força. Deixa que o fogo se extinga e que o vento espalhe as cinzas. Apesar de tudo, eu acredito que o Gunnulf ainda não está perdido para o mal e, se existe alguém que lhe pode devolver a razão és tu!”

“Depois disto, descemos a Montanha e eu cumpri o ritual do divórcio. Diante dos vestígios da agressão brutal, ninguém contestou a minha vontade e, surpreendentemente, Gunnulf não opôs resistência; nem sequer tentou acusar-me de adultério para se defender, como seria esperado. Parecia disposto a aguardar que a poeira assentasse antes de atacar novamente.

“Regressei à casa do meu pai, a esta casa, para a companhia dos meus irmãos... E de Trygve. E foi como tornar a nascer! A relação de Throst e Gunnulf arrefeceu um pouco, mas Gunnulf fez tudo para reconquistar a confiança do primo e lhe provar o seu arrependimento. Na Primavera, os guerreiros partiram para outra campanha, e Throst reafirmou lealdade ao seu líder. Eu sabia que a amizade que os unia acabaria por derreter o gelo.

“Trygve permaneceu ao meu lado e o controle que forçáramos durante anos depressa ruiu. Ele já era um homem feito e sabia o que queria. E eu estava ansiosa por conhecer o amor nos seus braços. Já me conformara com a impossibilidade de gerar filhos e, quando a minha barriga começou a crescer, chorei de alegria. No Outono, os guerreiros regressaram e Trygve enfrentou Throst, assumindo o nosso amor e pedindo-lhe que apoiasse a nossa união. O meu irmão autorizou, sem hesitações ou críticas, deixando claro que a minha felicidade era mais importante do que quaisquer preconceitos.

“Só Gunnulf não compareceu ao casamento. A minha gravidez deixara-o possesso. Encheu a cama de escravas, pretendendo provar que também podia gerar filhos, mas os meses passaram-se e nada aconteceu.

“Totalmente alheia à sua loucura, eu vivia um sonho sem fim, noites e dias repletos de felicidade. Mas o mal não tardou a rasgar o véu da minha alegria. No dia da desgraça, Trygve entrou na floresta

para colher os ingredientes do nosso ofício. Eu não o acompanhei, porque a barriga já mal me permitia mover. Estava sozinha com Katla quando uma vertigem me atingiu. Eu senti a agonia do meu amor, Catelyn... Uma dor atroz, impossível de descrever! Larguei tudo e entrei na floresta, sem sequer pensar na segurança do filho que carregava no ventre. Encontrei o meu marido a agonizar num lago de sangue e lágrimas, lutando para reafirmar uma última vez o seu amor, enquanto me acariciava a barriga com os dedos trêmulos e gelados. A emoção acelerou-me o parto e, se a boa Katla não me tivesse seguido, teríamos morrido os três.

"Durante algum tempo, desejei que tivesse sido essa a nossa sorte... Porém, quando reuni força para acalentar o meu filho e vi nos seus olhos o brilho dos olhos do pai, convenci-me de que eu tinha de viver... Tinha de viver pelo meu filho, pela memória de Trygve, pela felicidade dos meus irmãos e pela liberdade do meu povo!

"O meu marido foi morto com a arma de um Vândalo, e a comunidade não descansou enquanto não caçou os invasores. Eu nunca vira um cenário de guerra... Mas a brutalidade e o horror a que assisti nesses dias não me trouxeram nenhum consolo.

"Assim que pude, subi a Montanha e supliquei à presença invisível do meu avô que abençoasse o meu filho. Deixei Trygve dentro da gruta e dormi ao relento, junto à Pedra do Tempo. Nessa noite, tive um sonho estranho... Sonhei que um Lobo Cinzento deixava a alcatéia e vinha dormir nos meus braços. O brilho dos olhos selvagens aliviava a dor que me esmagava o coração... E nada podia ser mais reconfortante do que o calor do seu corpo. Despertei com o esplendor renovado do Sol. Na gruta, Trygve dormia serenamente enrolado nas mantas. E nos seus pulsos estava o testemunho da força do nosso sangue.

"A partir daí, apliquei-me no estudo das mensagens do meu avô. A paz e o conforto da sua casa ajudavam-me a suportar a solidão e a dor. Sigarr tornou a atacar-me com o seu veneno. Por que "O Que Tudo Vê" não me avisara do futuro trágico de Trygve, para que o mal pudesse ser evitado? Como podia eu permanecer leal a alguém que abandonara a família e a desprezava? Não lhe dei ouvidos. Eu não precisava ver o meu avô para sentir a sua presença e

acreditava que, se nada fizera para evitar a morte de Trygve, fora porque tal não estava ao seu alcance.

“Gunnulf também não desistiu. Mal o corpo de Trygve arrefecera, e já ele me afirmava o seu apoio e declarava o seu amor. Ostentando uma capa de inocência e generosidade, garantiu que esquecera o passado e que estava disposto a desposar-me de novo e a aceitar o sobrinho como seu filho. Eu deixei claro que não pretendia voltar a casar-me; que queria viver para o meu filho e dedicar-me aos ofícios de artesã e curandeira. Mas ele não desistiu e, antes de partir, na última Primavera, renovou o pedido.

“Apesar de o Throst não tocar no assunto, eu sei que o Gunnulf também o pressiona para me convencer. E tenho medo... Não por mim, que não temo a morte. Mas pelo meu filho, pela sua segurança e pelo seu futuro nesta terra. Todos os dias peço por Throst, para que o verdadeiro caminho lhe seja revelado; para que ele nos leve para longe da Terra Antiga, para uma nova vida no arquipélago com que sonho todas as noites.

“Começava a perder a esperança, quando fui presenteada com uma surpresa. A Pedra do Tempo falou-me mais uma vez e revelou uma escuridão infindável, gélida e pesada como a morte. Subitamente, das profundezas do desespero surgiu uma luz, tênue a princípio, mas que ganhava vigor à medida que pulsava... Uma luz azul, brilhante e bela, que devorou a escuridão e me encheu de paz. Quando a bruma se desvaneceu, vi que a chama azul se encontrava nas mãos de Throst, que entrava dentro dele e lhe envolvia o coração, pulsando com um ardor capaz de despertar todas as consciências do mundo. E, no íntimo do espírito do meu irmão, o Lobo Cinzento que habita a sua alma abriu os olhos e bravejou todo o seu poder.

“Quando acordei, não compreendi o significado da mensagem, mas senti que algo estava prestes a acontecer que mudaria a existência do meu irmão... E o destino de todos nós! Voltei para casa e recebi o apelo de Anna. Corri a ajudar no parto da Signy, mas cedo verifiquei que as vidas da mãe e do bebê se escapavam por entre os meus dedos. Nem Anna, com os seus conhecimentos do passado e o amor de avó, obtinha resultados.

“Então, tu chegaste, e foi como se a luz da revelação brotasse do ventre da Terra Antiga. Quando te sentaste ao meu lado, eu apreendi a tua força, o teu poder... E, quando tocaste na Signy, vi a grandeza do teu coração, a tua coragem... E a tua magia.

“Quem era a menina sem nome e sem voz, pequena e frágil, que dera a volta à cabeça do meu irmão? O Throst estava diferente! Apesar de sempre ter sido um homem justo e bondoso, era extremamente ponderado e frio no trato das emoções. A paixão estava gelada dentro do seu peito, e até Halldora se queixava do seu retraimento. Porém, perto de ti, o Throst descontrolava-se; os seus olhos ganhavam um brilho que eu nunca vira antes.

“Comecei a pressioná-lo, tanto, que ele acabou por confessar-me que tu eras filha de Garrick McGraw. Eu não vou mentir-te! Fiquei bastante angustiada com a revelação, não apenas porque sabia o dilema que o meu irmão enfrentava, mas também porque depositava grandes esperanças em ti. Confesso que vacilei nas minhas convicções. Como podia a filha do maior inimigo do povo viking ser a nossa salvadora? Todavia, sempre que nos encontrávamos, eu rendia-me a este carinho que nos une... E, quando descobri a pedra da tua avó, as minhas dúvidas finaram.

“Agora, que te abri a minha alma, restame estender-te a mão e perguntar-te com toda a ansiedade do meu coração... Subirás a Montanha comigo, Catelyn?”

CAPÍTULO 5

Nessa noite, duas jovens subiram o trilho que conduzia ao berço da magia da Terra, sem medo, frio ou cansaço. Bem cedo, chegamos ao ribeiro onde eu procurara conforto, depois da vontade divina me ter unido a Throst. A pedra que testemunhara o nosso voto continuava impassível, cintilando com luz própria. E a água cristalina murmurava a cantilena que me era familiar: “O *sangue de dois deve mergulhar como um”...*

A pedra do pacto ficou para trás e o caminho continuou a abrir-se. Os Lobos Cinzentos não andavam longe e interroguei-me se Ingrior os ouviria... Estaria Trygve entre eles? Eu não me esquecera da promessa que fizera ao meu primo. Conhecer a sua nobreza havia fortalecido o meu empenho. Eu não deixaria a Terra Antiga sem vingar a sua morte!

A minha exaltação aumentava a cada passo e, quando finalmente chegamos ao cume da Montanha, não contive uma exclamação de encanto, perante a beleza e o poder que se respirava a cada fôlego. A luz, que brotava da terra e iluminava os nossos passos, espalhava-se pelo ar e estendia-se até ao céu, como se este fosse realmente um lugar à parte da realidade. Mas, tal como Ingrior dissera, a beleza que nos rodeava tornava-se insignificante quando os nossos olhos eram atraídos para a majestosa pedra, que se erguia diante do abismo de escuridão e parecia tocar o céu. À sua volta, nuvens de denso nevoeiro colorido moviam-se incessantemente, assumindo formas fantásticas, pairando ao nosso encontro e dançando em redor dos nossos corpos, quente e úmido sobre a pele como vapor de água.

A pedra negra, prenhe de luz, libertava uma energia que me atraía irresistivelmente. Eu não conseguia pensar em mais nada, senão em tocá-la. Esqueci Ingrior; esqueci onde estava e o feiticeiro que procurava e caminhei até ela, qual mendigo esfomeado e sôfrego diante de uma mesa de banquete. O nevoeiro seguiu-me e

envolveu-me, até esconder a minha carne; entrou-me pelo nariz e pela boca e inundou o meu ser. Quando toquei na Pedra do Tempo, já não era senhora da minha vontade.

A escuridão envolveu-me e sentime arremessada sobre o mar, qual flecha disparada de um arco. Os meus gritos estridentes foram sufocados pelos estrondos que ecoavam ao meu redor. O céu abria-se e cuspia bolas de fogo a uma velocidade que os olhos mal conseguiam acompanhar. As que caíam no mar provocavam ondas gigantes que chocavam entre si e se precipitavam contra a costa, cobrindo os penhascos, rasgando as rochas, arrancando as árvores pelas raízes, numa devastação inigualável; as que tombavam na terra perfuravam o solo, esmagando montanhas e vomitando ondas de fogo que incineravam tudo o que existia ao alcance da vista, reduzindo a vida a cinzas.

O ar transformou-se em pó negro e escaldante, que aniquilava num único sopro. A dor que me fustigava sobrepunha-se à consciência. Eu já não tinha carne em cima dos ossos e estes ameaçavam desfazer-se. Só o meu espírito subsistiria para assistir à destruição do mundo. E foi o meu espírito que reuniu forças para regressar à Montanha Sagrada e enfrentar o seu Guardião, olhos nos olhos, num último exercício de vontade antes da extinção.

O dragão era uma criatura magnífica, alto e robusto como um carvalho adulto. As suas asas assemelhavam-se às velas de um barco, e a cauda, a uma serpente gigante. As unhas das mãos e dos pés tinham a forma de espadas curvas, capazes de me desfazer com uma carícia. O focinho era parecido com os desenhos medonhos que enfeitavam os corpos dos marinheiros. A boca larga e cheia de dentes devoraria o maior dos homens com uma única dentada. Mas o mais impressionante eram os seus olhos cor de estrelas, possuidores de uma sabedoria para além do alcance de outra criatura viva. Num só fôlego, a sua voz troou como o rugido de mil demônios:

— Isto não é o fim! Um dia a minha carne viverá na tua carne e tudo o que já foi voltará a ser!

E o meu espírito consumiu-se no fogo.

Acordei com a sensação de que me encontrava esmagada debaixo de uma carroça. O rosto bonito e carinhoso de Ingrior saudou-me, enquanto as suas mãos atenciosas me umedeciam as frontes e os lábios com um pano encharcado em água fresca.

— A primeira vez é a pior — murmurou apesar de eu ter a percepção de que ela gritava. — Não te preocupes! Vai já passar...

Ela tinha razão. Logo eu estava de pé, sacudindo o pó do vestido e esticando os membros doridos. Deixei-me arrastar até à gruta que penetrava no interior da Montanha e confirmei sem sombra de dúvida, que esta era habitada. Havia mantas espalhadas pelo chão, uma fogueira acesa, um pote cheio de água fresca e um cesto com raízes e frutos de aspecto delicioso. Dir-se-ia que o anfitrião preparara uma recepção para as visitas, antes de sair à pressa.

— Esta é a casa do meu avô — apresentou Ingrior, com tanta devoção e respeito que me arrepiou. — Eu sinto a sua presença muitas vezes, apesar de não o ver. Não sei por que ele se mantém nas sombras, mas respeito a sua opção. Pressinto que se aproxima o dia em que tudo se esclarecerá... E que tu serás a responsável pelo seu regresso!

— Crês que o teu avô se revelará se eu explicar bem alto a importância e a urgência da minha missão? — perguntei com uma inocência que lhe arrancou um sorriso.

— O meu avô sabe tudo o que há para saber acerca de ti, Catelyn — observou ela pacientemente. — Ele é “O Que Tudo Vê”! Se não vier ao teu encontro hoje, teremos de continuar a tentar... Talvez este ainda não seja o momento certo!

Cerrei os dentes para conter a indignação. Ingrior não tinha culpa da irresponsabilidade do avô. Angustiada, pensei que talvez não houvesse esperança de derrotar Myrna. Mairwen avisara-me de que as expectativas de Aranwen e a minha espera seriam vãs. O que podia eu fazer sem orientação? A Arte pulsava em mim, mas eu não conseguia executá-la... Era como estar diante das letras do alfabeto, sem a menor pista sobre como juntá-las para formar palavras!

— Vem ver os livros, Catelyn!

O apelo de Ingrior arrancou-me da agonia, e cada passo na sua direção deixou-me mais aliviada. Vi materiais de escrita que ainda não tivera oportunidade de encontrar no país dos Vikings. As tintas

também não faltavam, e constatei que a parede interior da gruta estava coberta com desenhos coloridos que contavam a história que eu já ouvira dos lábios de Ingrior. O Guardião da Montanha estava representado com uma fidelidade assustadora. Parecia que, a qualquer momento, iria libertar-se da rocha e ganhar vida. Num impulso arrebatado, descrevi à minha amiga o que a Pedra do Tempo me revelara. Ela escutou com atenção e opinou:

— Penso que tu estás de alguma forma, ligada a este lugar e à sua história. A Pedra levou-te até ao momento em que o mundo dos dragões encontrou o seu fim... O que o Guardião te disse está para além da minha compreensão. Mas, certamente, o meu avô saberá explicar-te!

Quase gritei de frustração. Como era possível que Ingrior ainda acreditasse que o seu avô se dignaria a aparecer? Enquanto eu lutava para me controlar, ela chamou-me a atenção para um desenho que mostrava um pedaço de terra pairando no céu, suspenso por cima das nuvens.

— Esta é a Ilha Sagrada — explicou —, o sítio onde os Seres Superiores escolheram viver. Nunca está num lugar certo, porque viaja pelo mundo ao sabor da vontade dos seus habitantes. O trilho que a liga à terra foi oculto para evitar o contacto com o Homem.

De seguida, mostrou-me um grande livro de aspecto frágil, com uma capa negra feita de pele de animal. Estava escrito numa letra desenhada e praticamente ilegível, mas que eu reconheci de imediato. Vi tudo tremido, perdi a força nas pernas e tive de segurar-me a Ingrior para não cair. Ela assustou-se e correu a buscar água. Eu forcei-me a folhear o livro, e as palavras ganharam vida na minha mente. Estava perante o diário de “O Que Tudo Vê”, onde o feiticeiro registrara a história recente da Terra Antiga. Não era possível! Não era possível!!!

— O que aconteceu, Catelyn? — perguntou a minha amiga. — Estás branca como cera! Diz-me, por favor!

Fixei o seu olhar azul-celeste e forcei a língua a mexer-se, apesar de a minha voz tremer tanto como o meu corpo.

— Há muitos anos, o meu irmão Berchan entregou-me um livro que fora confiado aos Sábios... Um livro igual a este que eu descobri tratar-se de um manual de feitiçaria. A sua sabedoria vive na minha

mente, apesar de nunca me ter atrevido a utilizá-la. O livro estava escrito com esta letra... O livro pertencia ao teu avô.

Ingrior não reagiu de imediato, mas, depois de uma breve hesitação, retrocedeu até ao início do livro. Apontou com o dedo e começou a ler:

— *A minha glória está perdida, e os meus poderes, enfraquecidos. Restame a memória e a vontade de combater o mal que ameaça o mundo. Transformarei a magia em Runas para que o Conhecimento Superior do Guardião da Lágrima do Sol não morra na Terra. A Pedra do Tempo mostrou-me que ainda existe uma esperança para o Homem... E para Deus. O mar entregará as minhas palavras aos Sábios para que, um dia, a Escolhida possa regressar com a sabedoria que nos salvará a todos*. Depois disto, ainda duvidas da tua missão nesta terra, Catelyn?

Ingrior insistiu para que passássemos a noite na gruta. Ainda acalentava a esperança de que o seu avô se revelasse com a luz da manhã. Sentamo-nos à fogueira, comendo os frutos, com as mantas por cima dos ombros. Falamos de nós, das nossas experiências e do medo que o futuro nos inspirava. Perguntei-lhe se a Senhora da Lua poderia ser Myrna. Se eu falhasse a minha missão e a feiticeira destruísse a Grande Ilha, depressa atacaria os que me haviam ajudado. Ingrior não sabia, mas confessou que se sentia melhor depois de partilhar a sua história e desabafar o seu desgosto.

O que eu ouvira mudara, em muito, a percepção do que me rodeava. O mais inquietante fora a confirmação de que Gunnulf e Sigarr, além de monstros de egoísmo e crueldade, também eram conspiradores com propósitos obscuros e letais. Duvidar que o guerreiro-urso conhecia a minha identidade afigurava-se ingênuo e perigoso. Por que não me trespassara com o aço da sua espada, no momento em que me pusera os olhos em cima, era uma pergunta que urgia resposta. Mas, pior do que isso, fora descobrir a importância de Sigarr e reconhecê-lo como um inimigo declarado. Se a sua atitude sempre me parecera estranha, agora revelava-se contraditória e suspeita. Que plano diabólico estaria aquela mente perversa a cozinhar?

E o que dizer das revelações da Pedra do Tempo? As interpretações de Ingrior eram assustadoras. Ela não só insistia na minha ligação à Terra Antiga como se afirmava convicta de que o seu irmão e eu estávamos destinados a viver um grande amor. E, se uma parte de mim se recusava a admitir tal possibilidade, a outra tremia sempre que recordava o ímpeto apaixonado do guerreiro viking, durante a nossa última conversa. Por mais que eu repetisse para mim própria que, assim que Throst assumisse a sua missão e o Lobo liderasse o exército da paz, nós teríamos forçosamente de nos separar; por mais que eu sofresse ao pensar que o sangue do meu povo estava entranhado nas suas mãos; por mais que me lembrasse de que ele pertencia a Halldora, não conseguia evitar o calor que me enchia o peito e o formigueiro que se instalava na minha barriga, ante as recordações que me atormentavam. Raios! Não tinha eu já problemas suficientes? Precisava inventar mais um? Throst não significava nada para mim! Nada!

Ingrior adormeceu, sem suspeitar do meu dilema. Eu pensei que não conseguiria fechar os olhos, mas o calor das mantas e a proteção da magia depressa venceram. Enquanto dormia, o nevoeiro colorido cobriu-me a pele e fez-me cócegas no nariz. Inspirei um fôlego vazio e abandonei a concha que era o meu corpo, seguindo a névoa que me guiava para uma passagem que se rasgara na parede da rocha. A Montanha ia desvendar-me um segredo! Avancei pelo corredor de pedra, sem hesitação, até que uma luz semelhante à do sol me envolveu, e o meu espírito se agitou de pasmo e maravilha.

Encontrava-me numa gruta de estonteante beleza. O teto alto estava repleto de colunas de minerais coloridos e cintilantes que pendiam como lágrimas. Formações idênticas erguiam-se do chão, algumas maiores do que eu, assumindo todas as formas que a imaginação concebia. A luz forte era irradiada da própria parede, numa mistura de cores, como se pedras preciosas a cobrissem. Muito acima da minha cabeça, a água brotava com uma força admirável, precipitava-se pela parede, formava uma lagoa e desaparecia novamente dentro da rocha. O ar estava quente e pequenas nuvens de vapor libertavam-se da água. Uma pedra

escura e brilhante elevava-se do centro da lagoa, despertando a minha curiosidade, até me ser impossível resistir-lhe. Dei por mim dentro do líquido morno, deslumbrando-me com a infinidade de cores que faiscavam ao meu redor. Pequenas bolhas de ar libertavam-se da rocha submersa e flutuavam até à superfície, estalando à minha volta e de encontro à minha pele.

A pedra que guardava o lago era levemente inclinada e lisa, tão confortável como uma cama. Deitei-me sobre ela e entreguei-me ao prazer de apreciar a beleza exclusiva deste lugar secreto, desvendado apenas para o meu conhecimento. Talvez tivesse sido nesta mesma pedra que o dragão dormira, enquanto o mundo se regenerava! Eu podia ficar aqui por uma eternidade e esquecer-me de tudo...

Despertei dolorosamente, lutando para respirar. Apesar do meu sobressalto, Ingrior dormia como um bebê. Belisquei-me para ter a certeza de que estava acordada. O sonho fora tão real!

Levantei-me e percorri a parede da gruta com os dedos, buscando a misteriosa passagem. As minhas unhas esgravataram a rocha sólida, em vão. Respirei fundo e encostei o rosto escaldante à superfície gelada. Eu estava a enlouquecer! Já confundia realidade com sonhos, sonhos com Visões...

Preparava-me para chamar Ingrior, quando um apelo urgente e inconfundível me deteve. A Pedra do Tempo reclamava a minha presença.

Saí para debaixo do céu e inspirei o ar fresco da manhã, sentindo-me imediatamente mais calma. Este era um lugar abençoado, onde todas as feridas saravam e os espíritos se reuniam para descansar. Deixei que a brisa me transportasse até à majestosa pedra e voltei a maravilhar-me. A névoa levantara e, diante de mim, estendia-se uma paisagem de tirar o fôlego — terra, céu e mar; castanho, branco, verde e azul. A brisa, perfumada e amena, transportava uma voz suave:

“Sobe a montanha, Catelyn”...

Ouvia-o tão claramente como se estivesse ao meu lado. Fora com “O Que Tudo Vê” que eu falara, há muitos anos, quando tocara pela primeira vez no livro de magia. Voltei-me para enfrentar a presença

que se manifestara, esperando encontrar o feiticeiro, vestido de branco, com longas barbas, cabelos louros entrançados e olhos azuis profundos como os do seu neto. Mas não era Hakon quem ali estava. Era Aranwen!

Incapaz de controlar a emoção do reencontro tombei aos seus pés soluçando:

— Eu falhei avó... Falhei à minha família, ao meu povo... Sinto muito!

As suas mãos doces ajudaram-me a erguer, enquanto ela replicava: *Percorreste um longo caminho, minha neta... Não sejas tão dura contigo! Fizeste o que devias e venceste a tua primeira batalha.*

Estremeci diante do olhar verde-floresta que refletia o meu, sem entender o que a minha avó queria dizer. Só consegui tartamudear:

— Mas... A minha família... Os meus irmãos...

"Os teus irmãos estão bem e a trabalhar arduamente para o futuro do mundo, tal como tu."

O Sol inundou-me a alma, o alívio amoleceu-me o corpo. Porém, a minha euforia só durou uma batida de coração, pois logo fui assombrada pela negra fatalidade:

— A maldição... A avó tem de avisá-los!

"Sabes que não posso fazê-lo, Catelyn!"

A mesma força que me fizera pairar de felicidade esmagou-me contra o chão. Tapei o rosto com as mãos, extravasando o meu desespero:

— O Quinn e o Aled morreram por minha causa... Eu possuía o conhecimento para evitar a desgraça e nada fiz...

"Não te culpes pelas vidas que se perderam, querida! Cada um dos teus irmãos tomou uma opção alheia à tua vontade. Um dia, chegará a tua vez... E só nesse dia a escolha será tua!"

— Mas como podem eles lutar contra algo que desconhecem? O Edwin e o Berchan serão sacrificados, antes que eu seja posta à prova!

"Não subestimes as capacidades do teu sangue, querida! Os teus irmãos não têm o teu poder, mas possuem outros recursos"...

Eu não estava convencida! Se tivesse forçado o Berchan a escutar-me, na noite em que Fiona nascera, ter-se-iam evitado

ódios, mortes, a guerra... Myrna teria sido destruída antes de ter oportunidade de espalhar o mal, e eu seria uma jovem igual às outras e viveria feliz...

Alcançando os meus pensamentos, Aranwen retorquiu:

"Tu sabes que não vieste para a Terra Antiga por acaso! Por vezes, temos de fazersacrifícios para que outros desfrutem do que nos é negado. Se não houver paz na Terra Antiga, não haverá paz na Grande Ilha. Se não houver paz na Grande Ilha, todo o mundo estará ameaçado. Eu conheço o teu sofrimento melhor do que ninguém! Mas a realidade é impiedosa! Só tu podes vencer esta adversidade... Se fraquejares se desistires, não existirá amanhã para o Homem."

Fiquei muda gelada ante a crueza das suas palavras. Ignorando a minha palidez cadavérica, ela continuou:

"Acredita que a tua presença aqui é uma grande vitória! Mas não podes continuar agarrada ao passado! Tens de seguir em frente... Não temas, Catelyn! Existem muitos a olhar por ti e pela tua proteção."

Por mais que a sua frieza me magoasse, a minha avó tinha razão. Eu não podia deitar-me no chão a carpir, esperando que o tempo voltasse para trás. Se concluísse rapidamente a minha missão na Terra Antiga, talvez regressasse à Grande Ilha a tempo de avisar os meus irmãos da maldição de Myrna. Seria essa a esperança que me empurraria adiante!

— Eu juro que tenho tentado progredir, avó! Mas não posso continuar sem uma orientação! Diga-me, o que é necessário para convencer "O Que Tudo Vê" a ajudar-me?

"Lamento, Catelyn, mas "O Que Tudo Vê" nada pode fazer por ti, neste momento"!

— Então...?

"Para combater o mal, terás de conhecer a sua verdadeira face. E o mal virá até ti e tentará iludir-te, mas tu serás mais esperta, mais forte, e irás derrotá-lo no seu jogo. Aceita as suas condições sem temor e toma o que te oferece, pois ser-te-á de grande valia. Contudo, nunca te esqueças de quem és. Recorda-te de que na guerra da ilusão só haverá um vencedor. E, tal como tu, o mal não pode perder!"

Senti a força a abandonar-me e não pude evitar a rebelião:

— Eu não entendo avó! E não posso perder mais tempo a decifrar enigmas!

Ela manteve-se impassível ao responder:

"Apesar de não te aperceberes, cada gesto que esboças cada passo que dás cada palavra que dizes cada decisão que tomas, por mais insignificantes que te pareçam, estão a pesar na balança do destino. Neste instante, o futuro está ao alcance das tuas mãos. Fecha os olhos, querida, e deixa-te guiar ao encontro das respostas que procuras."

As mãos de Aranwen repousaram nas minhas. Uma brisa quente passou por nós, trazendo o cheiro das folhas virgens das florestas da Grande Ilha. O Sol aqueceu, e eu tive a certeza de que ouvia o cântico doce do ribeiro. A minha mão tocou a superfície enrugada da Pedra do Tempo, e a voz da minha avó pairou como as notas suaves de uma flauta:

"O teu destino é uma página inacabada do livro da vida. O caminho é longo, cheio de sobressaltos... E a batalha entre a mente e o coração decidirá a sorte do mundo."

Fui fustigada pela vertigem de disparo de flecha e abri os olhos no meio de uma multidão vestida de festa, sorridente e faladora, que se afastava e curvava à minha passagem. De entre o povo, distingui a face enrugada da Velha do Tronco Oco, que repetia uma e outra vez: "O *sangue de dois deve mergulhar como um"...*

Tive de proteger a vista quando a luz desceu sobre mim. Surpreendi-me no quarto do dragão, no centro do lago, deitada na pedra escura e brilhante como no meu sonho... Só que, desta vez, não estava sozinha! Senti o calor do corpo másculo do meu amante, a sua respiração ofegante junto do meu rosto, o aperto da sua mão na minha, enquanto as nossas cicatrizes sangravam numa renovação perpétua dos votos que nos uniam. Os olhos de Throst brilhavam como estrelas ao murmurar: *"Sou teu, meu amor... Teu, de corpo e espírito"...*

Berrei o seu nome até a garganta se rasgar. A força do meu grito misturou-se com o troar de centenas de pés em corrida. À minha frente estendia-se uma planície sem fim, salpicada de cores vivas e bafejada por uma aragem perfumada. Reconheci muitos dos

guerreiros que empunhavam as suas espadas e machados, mas aquele que seguiam não era humano. Era um Lobo Cinzento, portador de um poder que arrepiava a alma. Ao seu lado corria outra criatura fabulosa — um urso gigantesco... Um colosso de força e imponência.

Mas não foi o animal que me impressionou e sim a visão da coroa que cintilava na sua cabeça. O urso era o rei do povo viking.

Ingrior despertou-me suavemente. Tentei sorrir, perante a sua preocupada interrogação, mas não tive ânimo. Como era hábito, a minha amiga não perdeu tempo com rodeios:

— Voltaste a falar com a Pedra do Tempo?

Confirmei, inspirando a brisa da manhã para me certificar de que era real.

— A minha avó veio ao meu encontro.

A testa de Ingrior franziu-se e a sua expressão denunciou decepção.

— A tua avó? Tive esperança de que o meu avô...

— "O Que Tudo Vê" não pode ajudar-me — interrompi, estremecendo ao recordar as palavras de Aranwen. — A minha avó disse que eu preciso conhecer a verdadeira face do mal para o enfrentar e que o mal virá até mim. Não percebo o que isso significa... Tenho medo, Ingrior!

Apesar de tudo, era bom dividir a agonia com alguém; sentir o abraço carinhoso e protetor da minha amiga, mesmo sabendo que ela não podia valer-me. Depois de um instante de reflexão, Ingrior respondeu:

— Tu não estás desamparada, Catelyn! A tua avó não permitirá que te magoem. Se algum mal te prostrasse, quem combateria a bruxa da Grande Ilha? Deves seguir as suas instruções, tal como eu sigo as do meu avô, mesmo que não as compreendas ou que delas discordes... Estou certa de que, no futuro, tudo fará sentido!

Como eu gostaria de partilhar do seu otimismo! A minha cabeça latejava, fustigada pela confusão. A Pedra do Tempo mostrara-me um futuro perturbador e contraditório. Eu vira o povo viking aclamando-me... E escutara a declaração de amor de Throst, num lugar que só existia na minha imaginação. A insistência romântica

de Ingrior começava a provocar-me delírios, a descontrolar-me, a alimentar o meu desejo mais secreto e imoral!

Ainda assim, o que mais me preocupava era a última parte da Visão — aquela que revelara Gunnulf, o guerreiro-urso, como o rei do seu povo. O rei Gunnulf jamais lutaria pela paz! Como soberano, desejaria tornar-se o maior conquistador de sempre e banhar-se no sangue dos seus inimigos. De nada me valeria despertar o Lobo Cinzento na alma de Throst, se depois ele colocasse a sua espada ao serviço de um tirano e esquecesse a razão por que nascera! Eu tinha de impedir essa calamidade ou tudo estaria perdido!

Não me atrevi a contar a Ingrior a Visão do rei urso e do seu companheiro lobo. Se ela morria de medo do Gunnulf, quando soubesse que o destino planeava entregar tamanho poder nas mãos sanguinárias, ficaria arrasada. Este era só mais um problema que eu teria de resolver. Conversar com Throst e tentar chamá-lo à razão parecia-me a única coisa a fazer. Porém, desde o dia da nossa discussão, o guerreiro não regressara a casa. Ingrior mandara saber do irmão e haviam-na informado de que este se encontrava hospedado na Herdade de Grim. Ingrior ficara desgostosa... E eu ficara muito triste, apesar de não me atrever a admiti-lo. Era óbvio que Throst regressara para os braços de Halldora. Por mais que eu repetisse que era assim que devia ser, o coração esbofeteava-me a mente. Raios! Por que é que eu não conseguia arrancá-lo do meu pensamento?

Uma sensação de angústia intolerável tomou-me de surpresa, interrompendo a minha consumição. Fiquei gelada, sentindo os pêlos do corpo eriçarem-se, enquanto o coração acelerava dentro do peito. Por cima da minha cabeça, a pequena coruja branca piou estridentemente e desapareceu pelo buraco da chaminé. Quase de imediato, eu ouvi o galope de um cavalo que se aproximava. Ergui os olhos da manta que remendava e encontrei a expressão carregada de Ingrior. Também ela sentia igual desconforto. Aquele não era um cavaleiro comum!

Saímos para receber Sigarr. O feiticeiro deslizou do seu cavalo com a leveza de uma pluma, saudou-nos com um aceno e começou sem hesitações:

— Trago uma mensagem do Throst, Ingrior. Ele ficará na casa do Gunnulf por mais alguns dias e depois partirá numa viagem de objetivos comerciais, que durará várias semanas. Quando regressar, irá oficializar o noivado com a filha de Arngrim. Não precisas de desassossegar-te com os preparativos para a festa. A noiva insiste em tratar de tudo. Serás avisada com a devida antecedência para que possas comparecer.

Eu estava chocada, e Ingrior não se encontrava melhor. Throst saíra de casa sem dar satisfações à família e agora enviava um mensageiro sinistro para o justificar, através de uma mensagem que colocava a irmã perante fatos consumados, sem hipótese de argumentação.

— Eu não acredito que o meu irmão tenha decidido casar-se tão repentinamente...

Sigarr silenciou o ímpeto de Ingrior com um gesto impaciente:

— Eu só falei em noivado. O Throst insiste em que o casamento se realize no Outono, e o Gunnulf deu o seu acordo. Veremos se a vontade dos vossos pais será finalmente respeitada!

A maldade deste homem estalava-lhe na pele. A sua insinuação venenosa tencionava apenas ferir Ingrior. Eu senti que ela estremecia, mas, quando respondeu, fê-lo no tom controlado que eu tanto admirava:

— Agradeço-lhe pelo seu incômodo. Agora, se nada tem a acrescentar...

Sigarr sorriu ante a sua ousadia e replicou jocosamente:

— É sempre um prazer visitar-te... Prima!

Era óbvio que ele conhecia a aversão que Ingrior lhe devotava e divertia-se a provocá-la. Ignorando o nosso desconforto, aproximou-se devagar, fixando em mim o olhar cintilante.

— O Throst contou-me que recuperaste a voz... Fico feliz por ti, Catelyn da Floresta Sagrada da Grande Ilha! — Fez uma pausa, apreciando o impacto das suas palavras. — Encontraste na Montanha Sagrada aquilo que procuravas?

As minhas entranhas reviraram-se. Agora eu estava em pânico! Como podia Sigarr saber...? Era evidente que sabia! Indignou-se a minha mente, furiosa com a sua própria ingenuidade. Não era ele o

Guardião da Lágrima da Lua? A Montanha Sagrada também fazia parte da sua essência.

— É certo que não encontraste! — continuou o feiticeiro, sem aguardar uma resposta. — Só os tolos acreditam que, um dia, o grande “O Que Tudo Vê” retornará ao mundo dos vivos...

— Deixe a Catelyn em paz! — gritou Ingrior, cedendo à ira. — As suas opiniões não nos interessam...

— Fala por ti, rapariga insolente — atalhou o feiticeiro, num tom que soou como a derrocada de um penhasco. — Felizmente, a tua amiga é independente para assumir as suas decisões. E os teus recursos estão a terminar, não é verdade, Catelyn? Parece que ninguém está disposto a ajudar-te, e os que tentam nada conseguem senão estorvar! — Mirou Ingrior com um esgar de desprezo. — Não percas mais tempo com companhias que só te desviarão do teu verdadeiro objetivo, filha da Grande Ilha. Vem visitar-me esta noite e eu dar-te-ei o que precisas.

Subiu para o cavalo com a subtileza com que descera e partiu sem pressa. Eu continuei pregada ao chão, incapaz de reagir. Acabara de perceber a mensagem da minha avó, e a revelação não podia ser mais aterradora. Ingrior tremia quase tanto como eu, mas falou primeiro.

— Penso que já descobriste quem será o teu tutor!

A custo forcei os lábios a moverem-se num gemido doloroso.

— Não é possível! Como pode a minha avó sujeitar-me a tal provação?

A mão de Ingrior apertou a minha, tentando confortar-me.

— O Sigarr pode ensinar-te coisas que mais ninguém sabe Catelyn. Aprender não te fará mal! O uso que darás a esse conhecimento é que marcará a diferença.

Arfei, sentindo a cabeça a rodopiar e a vista a turvar-se. Tinha de lutar contra o medo. Não podia deixar que essa emoção fútil e inútil me vencesse. Apertei as frontes entre as mãos com toda a força, como se tentasse impedir que a cabeça me tombasse de cima dos ombros.

— Se o feiticeiro sabe que eu estive na Montanha, também tem noção do que lá se passou! Como pode a minha avó proteger-me se ele estiver sempre um passo à sua frente?

Ingrior suspirou profundamente, ponderando na resposta.

— O Sigarr sabe que subiste a Montanha e talvez até saiba que falaste com a tua avó, mas o que vós dissestes está fora do seu alcance. Por experiência própria, sei que ele só consegue aceder a alguns dos nossos pensamentos. Se o bruxo pudesse ler as mentes, não teria de cozinhar as tripas dos seus inimigos! — Poderia ser um gracejo, mas nenhuma de nós sentia vontade de rir. — Percebo que a decisão que tu enfrentas não é simples, nem agradável. Vou deixar-te sozinha para que possas refletir. Contudo, se sentires que estás a perder o rumo, procura-me de imediato. Eu estarei sempre ao teu lado, Catelyn!

O apoio de Ingrior era-me precioso, mas eu não estava apenas perturbada porque sabia que iria enfrentar a vontade de um feiticeiro negro, nessa noite. O recado que Sigarr entregara deixara-me prostrada. Throst estava prestes a ficar noivo... Throst ia casar-se com Halldora; com a mulher que amava! Ingrior podia teimar o contrário, mas o irmão há muito que fizera a sua escolha e não prescindiria dela. E eu não devia importar-me! Pelo contrário, devia dar-me por satisfeita, já que as possibilidades de a minha premonição se realizar diminuíam drasticamente. Então, por que raio ainda perdia tempo a remoer? Eu tinha de concentrar-me na minha missão! Devia pensar na destruição de Myrna e em nada mais!

CAPÍTULO 6

Parei o meu cavalo diante da casa de Sigarr. Um jovem pouco mais velho do que Bjorn veio receber-me e levou o animal para descansar. A pesada porta de madeira abriu-se, sem que ninguém lhe tocasse, e eu entrei no mundo do Guardião da Lágrima da Lua.

Ao contrário do que temera, não havia esqueletos humanos pendurados nas paredes, nem criaturas hediondas espreitando na escuridão. A casa de Sigarr era grande, estava bem iluminada e magnificamente decorada com ricos artefatos, estátuas de madeira, cobre prata e ouro, jóias deslumbrantes, tapeçarias e tecidos dignos de reis, armaduras de bravos guerreiros, armas fenomenais, pedras brilhantes como eu nunca vira, quadros com imagens magníficas de outros reinos, castiçais majestosos... Eu jamais imaginaria tanto conforto e riqueza numa morada da Terra Antiga.

Sigarr encontrava-se sentado à mesa, numa cadeira estofada, comendo com talheres de ouro, dentro de um prato de ouro e bebendo de um cálice do mesmo metal. Se desejava impressionar-me, tinha conseguido.

— Aproxima-te sem receio, Catelyn! Senta-te! Há quanto tempo não vias uma cadeira? Tragam um prato, talheres e um cálice. A minha convidada ceará comigo.

Vindos do nada, apareceram dois rapazes ainda mais novos do que o primeiro. Guiaram-me até à mesa e acomodaram-me. Eu era filha de um senhor da guerra poderoso e abastado, estivera noiva do primo do rei, mas nunca comera com utensílios de ouro.

— Prova este vinho, Catelyn... É um néctar dos deuses! Bebe sem medo, rapariga! Não pretendo envenenar-te!

Eu bebi e comi à mesa com o feiticeiro negro, no mais absoluto silêncio. Sigarr demorou-se a observar-me, e eu podia jurar que não havia maldade nos seus olhos azuis, apenas uma infinita tristeza. Não tinha fome e sentia-me desconfortável, mas forcei-me a apreciar a iguaria que me escorregava pela garganta, num esforço

inconsciente de adiar o que me esperava. Assim que terminei, ele estendeu-me a sua mão galantemente, convidando-me a segui-lo. Quando me tocou, mal evitei um gesto de repulsa. A pele de Sigarr estava gelada como a de um morto.

O feiticeiro levou-me para uma zona privada da casa e, de novo, eu pasmei. O chão estava coberto por almofadas de linho e lã, por mantas pesadas bordadas a ouro, por peles de animais estranhos e coloridos, que eu nunca vira antes...

— Senta-te! Tu sempre foste demasiado rebelde para viveres como uma princesa, mas decerto apreciarás um pouco do conforto de que não podes desfrutar nas casas da aldeia.

Afundei-me na hospitalidade de Sigarr. Um dos rapazes colocou uma manta de pelo e uma bandeja de prata sobre o meu colo. A bandeja servida ao anfitrião estava cheia com folhas largas e ervas moídas. O feiticeiro colocou as ervas dentro de uma das folhas e enrolou-a. Tocou com um dedo no rolo, e este começou a arder. Depois, levou a outra extremidade aos lábios e inspirou com força e declarado prazer o sabor do fumo que se soltava. Por fim, convidou-me a imitá-lo.

O meu coração chicoteava-me o peito. Perto de Sigarr, tudo parecia novo e intimidador, mas igualmente excitante. Movia-me a confiança estranha e quase irracional de que o feiticeiro não me faria mal... Pelo menos, por enquanto!

— Tu és uma mulher muito bela, Catelyn... Não precisas de esforçar-te para despertar a paixão nos homens. Tal como Aranwen... Vós sois iguais como duas gotas de água!

Seria o efeito da bebida e do fumo doce? A voz de Sigarr soava-me embevecida! Estremeci, sabendo que chegara o momento da verdade.

— O senhor conheceu a minha avó? — Surpreendentemente, Sigarr sorriu e desviou o seu olhar. Por um breve instante, pareceu-me quase tão belo como assustador.

— A tua avó não era alguém que se conseguisse ignorar! — Tornou a estender-me o pequeno rolo de ervas. — Nós trilhávamos caminhos diferentes e possuíamos ambições distintas, mas eu admirava a sua força e fui muitas vezes tentado pela sua beleza.

Quedei-me estupefata, com o canudo consumindo-se lentamente entre os meus dedos.

— Por que fazes essa expressão de espanto? — Sigarr acentuou o sorriso e recostou-se nas almofadas. — Nem mesmo um coração negro consegue ficar indiferente à beleza! Mas o destino de Aranwen era diferente do que qualquer um podia prever até mesmo os seus mentores. — Fez uma pausa, apreciando o fumo doce. — Como devo começar Catelyn? Era uma vez? Não! É assim que se começam os contos de fadas... E este não é um conto de fadas! É uma história de decepção, de amargura, de frustração e de ódio.

“Quando os Homens começaram a espalhar-se como uma praga incontrolável, os Seres Superiores perceberam que não podiam ignorá-los. Muitos opinaram que o tempo dos Feiticeiros na Terra terminara e que deviam retirar-se para a Ilha Sagrada, onde ficariam a salvo do jugo dos invasores e poderiam continuar a desenvolver os seus estudos e a sua Arte. Outros teimaram que a convivência era possível, desde que se respeitassem as regras e se punisse severamente os infratores.

“Aranwen foi a eleita para dirigir os destinos e controlar os ímpetos dos Homens, na Grande Ilha. Ela era a mais jovem de três irmãs e, de longe, a mais bela e habilidosa. Não havia seu igual que não a admirasse e poucos não a desejavam. Contudo, Aranwen não estava interessada em namorar, como as irmãs. Idealista e determinada defendia apaixonadamente que o convívio entre Homens e Feiticeiros seria proveitoso para ambas as raças. Todavia, durante décadas, os seus esforços revelaram-se vãos. Foi então que um homem se destacou de entre os demais.

“Cinaed, um jovem e arisco guerreiro, conseguiu a proeza de unir os clãs da Grande Ilha em consenso, algo que os Feiticeiros já acreditavam impossível. Dizia-se dele coisas formidáveis: que era belo, valoroso e corajoso... Que a sua força era equivalente à sua bondade e que possuía a admiração e a devoção dos da sua raça.

“Os Sacerdotes Superiores instruíram Aranwen para que abordasse esse homem. Era imperativo estabelecer as regras de coexistência. Todavia, quando a feiticeira e o guerreiro se encontraram, o impensável aconteceu. Cinaed declarou-lhe o seu amor ao primeiro olhar, e Aranwen deixou-se arrebatar pela força da

paixão. Enlouqueceu de tal forma, que quebrou todas as regras e todos os votos que fizera, unindo-se de corpo e alma a um humano.

“Apesar de saber que o Poder Superior lhe seria arrebatado, a tua avó não se conformou com o rigor da lei do seu povo. Dispondo do conhecimento para trapacear o Conselho, ela reuniu sete pedras e encantou-as, para que estas retivessem a sua magia na Terra quando a punição lhe fosse aplicada. Tudo indicava que, em breve, o mundo dos Feiticeiros se fecharia aos Humanos e, quando isso acontecesse, Aranwen poderia recuperar o seu poder. E a primeira parte desse plano foi um sucesso. O feitiço que a condenaria a uma existência simplória deu origem a sete magníficas pedras mágicas. Só lhe restava esperar pelo momento certo e concluir a sua intenção. Porém, sem que ela desconfiasse, outras forças conspiravam contra a sua felicidade.

“Gwendalin era a irmã mais velha de Aranwen e sempre a invejara pela sua beleza pura e exímio controle da Arte. Desdenhava do espírito empreendedor da irmã e preferia concentrar as suas próprias habilidades na organização de festas e na exibição dos seus atributos. Foi num desses banquetes que conheceu Cinaed, antes de Aranwen saber da sua existência, e também ela não resistiu aos encantos do guerreiro. Apaixonada, tentou a sorte junto dele, mas foi desenganada... No seu entender, desprezada... Por um reles humano!

“Quando Aranwen tomou sem dificuldade o que ela tanto desejava, Gwendalin perdeu a cabeça e jurou que a felicidade da irmã seria efêmera. Na lei dos Seres Superiores não existia punição para um feiticeiro que matasse um humano, e Gwendalin executou a sua vingança com perícia e sem remorso, assassinando Cinaed à traição. Porém, esqueceu-se da Visão de Aranwen, que não finara com a punição. Confrontada com a fúria da irmã, Gwendalin deu vazão ao ódio que sempre as dividira e empurrou-a do mais alto penhasco da Enseada da Fortaleza. Foi assim que Aranwen encontrou a morte na rebentação do mar, por entre as rochas afiadas.

“Gwendalin convenceu o povo de que Aranwen se suicidara, enlouquecida pelo desgosto da perda do amado. Todavia, não teve a mesma sorte com os Sacerdotes Superiores. Como a punição por

matar um igual era terrível, Gwendalin alegou que Aranwen já não era uma feiticeira e sim uma traidora das Leis Sagradas. Mas esses argumentos não a salvaram da condenação. Além de perder os seus poderes, o seu tempo de vida foi comparado ao humano e aplicado, transformando uma das mais belas mulheres da sua raça numa velha decrépita e abominável.

"Devo explicar-te que o poder de um feiticeiro nunca é completamente sanado, mesmo quando arrebatado pelo Conselho Superior. Algo subsiste como o poder da Cura ou da Visão. No caso de Gwendalin, prevaleceu a sua maior habilidade: a força para praticar o mal. Sabendo que lhe restava pouco tempo de vida e esfomeada por vingança, ela buscou ajuda junto de um mestre da Arte Obscura e entregou-se à sua orientação. Esse feiticeiro ensinou-lhe como sobreviver. Através da captura da essência dos não-nascidos, a sua idade poderia recuar e, se os não-nascidos descendessem de uma linhagem de Feiticeiros, as suas capacidades seriam igualmente restabelecidas, devido ao Poder Superior usurpado com a vida.

"Durante anos, Gwendalin percorreu o mundo dos Homens arrancando vidas dos ventres. Quando regressou à Grande Ilha, já era uma feiticeira poderosa. Contudo, o poder não lhe bastava. Ela ansiava por desforra contra o seu próprio sangue. Sabia que os descendentes de Aranwen possuíam grandes habilidades, mas isso não a assustava. Afinal, não passavam de humanos! Jamais poderia prever a existência de uma criança muito especial...

"Observando a evolução de Gwendalin, o Conselho Superior concordou que era necessário interferir. Se a feiticeira triunfasse, não hesitaria em usar o seu poder e o controle sobre o mundo dos Homens para atacá-los. Como haviam jurado não regressar à Terra, só lhes restava restituir a magia a um dos feiticeiros condenados ou fazer nascer um humano que, apesar da sua essência própria, também possuísse Sangue Superior. A primeira opção era perigosa, pois arriscavam-se a criar outra Gwendalin após a morte desta ou, num cenário pior, dar à feiticeira um aliado na sua vingança. Decidiram-se, pois, pela segunda possibilidade. Um feiticeiro nasceria de um ventre humano e seria o instrumento da destruição

de Gwendalin. E foi assim que a herdeira de Aranwen se tornou a última feiticeira nascida na Terra.

“Mal descobriu este plano, Gwendalin agiu de imediato, roubando a vida da mais jovem descendente do seu sangue, ainda não-nascida. A essência da criança era tão forte que ela acreditou ter virado a arma dos Seres Superiores contra os próprios. Descobriu que se enganara no momento em que a bebê nasceu. Depois da sua intervenção, a sobrevivência da sobrinha só podia significar que existia alguém suficientemente poderoso para resgatá-la à morte. Concluiu que aquele que procurava poderia até já ser um adulto. Tinha de descobrir a identidade do inimigo e, para isso, seria forçada a introduzir-se na família de Aranwen.

“A feiticeira desencadeou a sua vingança com uma eficácia brilhante. Os elos familiares, que se julgavam indestrutíveis, enfraqueceram e fragmentaram-se. E aquela onde todos depositavam a esperança perdeu-se dentro de si própria, numa batalha constante entre o humano e o celestial, onde a parte humana está sempre destinada a prevalecer.

“Diante da prostração dos seus inimigos, Gwendalin acreditou que a vitória estava garantida. Senhora do seu nariz, pérfida e gananciosa, depressa lhe ocorreu que podia ludibriar aquele que lhe deu a mão, para evitar cumprir o acordo que fizera quando suplicara por ajuda. Distorceu o rumo dos acontecimentos para enganar o seu benfeitor e julga que foi bem-sucedida. Pura ilusão! Em breve, ela perceberá que não se brinca com as forças obscuras. Gwendalin pagará caro pela sua impertinência!”

Nas frias e longas noites de Inverno, a minha família costumava sentar-se à lareira e contar histórias fantásticas. Os meus irmãos preferiam as mais terríveis e assustadoras, que deixavam as mulheres com os cabelos em pé. Eu sabia que eles faziam de propósito, por isso entregava-me à brincadeira. Porém, nos últimos dias, as histórias que eu escutara haviam-me abalado profundamente, porque eram reais e não produto de uma imaginação ardilosa. E esta tivera um impacto devastador, pois eu vivera na pele as consequências do seu desenvolvimento.

— Então — murmurei sufocada — Gwendalin é Myrna! E Myrna é... A bruxa é minha tia!

— Brilhante! — ironizou Sigarr, terminando a quarta folha. — Estou impressionado! E que mais?

Engoli a custo, sem impedir que a minha voz denunciasse o asco que me engasgava:

— E o senhor é... O responsável por esta desgraça! O senhor é o feiticeiro que ajudou e treinou Gwendalin!

— Muito bem! — exclamou Sigarr. — E tu quem és Catelyn? Diz-me!

— Eu sou... Uma... Não pode ser! Eu nasci de um ventre humano! A minha mãe possuía o sangue de Aranwen, mas também o de Cinaed. E o meu pai não tem nenhuma ligação com o mundo da magia...

Os lábios do feiticeiro estreitaram-se numa linha fina, e a sua voz perdeu toda a gentileza, subindo de tom até se tornar um bramido ensurdecedor:

— Será que estive a falar para o vento que habita nessa cabeça? Tu não nasceste feiticeira por imposição do sangue! Assim foi porque o Conselho Superior te deu esse poder. E como não puderam eliminar a tua essência humana, vives num permanente conflito entre a mente e o coração, com as emoções à flor da pele. Perdes tempo a fazer perguntas, mas não aceitas as respostas. Quem pensas tu que és Catelyn? Uma das criaturas de sangue misto, que os Humanos ignorantes apelidaram de Sábios? Conheces um único sábio com o teu poder de Visão? Poderá um sábio enfrentar um exército de Vândalos com as mãos nuas? Existirá algum capaz de pôr cobro a uma tempestade, desfazendo o sortilégio de um mestre da Arte Obscura?

As revelações tombavam sobre mim como uma chuva de granizo. Sigarr acabara de denunciar a autoria da tempestade que quase afundara o *Knarr* que me transportara até à Terra Antiga. E, para dizer a verdade, isso não me surpreendia. Aliás, era inadmissível que eu ainda não tivesse concluído que tamanha atrocidade só podia ter um mentor. No meu âmago, a raiva sufocou o medo e fez-me rugir como uma fera ferida:

— O senhor tentou matar-me! O objetivo da tempestade não era o *Knarr,* nem nenhum dos seus guerreiros... Era eu!

— Bravo! — aplaudiu ele desdenhosamente. — Começava a desconfiar de que se tinham esquecido de fornecer-te um cérebro!

Sem pensar no que fazia, lancei-me contra Sigarr e atingi-o no queixo com um potente soco que o desequilibrou. A minha fúria não ficou aplacada e preparava-me para desferir um segundo ataque, quando fui projetada pelo ar e embati violentamente na parede. Todos os meus ossos estalaram em agonia, e a cabeça ameaçou explodir, no momento em que o feiticeiro avançou sobre mim, com o rosto vermelho de ira, os olhos estrelados e um fio de sangue escorrendo do lábio.

— Estou a perguntar-me por que não acabo com isto já! Sanaria o meu incômodo e pouparia aos que te criaram a humilhação de te verem derrotada por aquela que tanto abominam! Se escapaste ao poder de Gwendalin, deves agradecer à sorte e não à inteligência. Dá-me uma razão para não te matar imediatamente, Catelyn McGraw! Olha para mim, criatura imprestável, e implora pela tua vida!

Eu estava dominada pela vontade do mestre da Arte Obscura. Sentia-o em todos os meus nervos, dilacerando cada recanto da minha mente. Por trás do seu olhar transparente havia uma escuridão impenetrável. Sigarr era uma criatura das trevas, uma aberração terrível da sua espécie... Que assustadoramente também era a minha! Eu tive a certeza de que, apesar desta encenação de gentileza e ostentação, o feiticeiro era tudo o que os aldeões murmuravam nas sombras do medo.

Por que uma criatura tão poderosa e terrível se dava a tanto incômodo por minha causa? Mesmo que, por um prodígio da sorte, eu tivesse contrariado a sua magia e extinguido a tempestade, Sigarr não teria nenhuma dificuldade em voltar a atentar contra a minha vida e a humilhação da derrota dar-lhe-ia um incentivo acrescido. Por que não o fizera? A resposta era óbvia:

— Eu não tenho medo de si! O senhor não irá matar-me porque precisa de mim!

Até eu começava a duvidar da minha sanidade! Por que raio dissera isto, enfrentando o seu olhar azul como se tivesse poder

para revidar? Eu era um rato preso nos dentes de um gato, desafiando-o por entre gargalhadas: *“Come-me! Devora-me, se te atreves”!*

E o felino Sigarr desatou a rir. A força com que me esmagava amenizou, e eu deslizei pela parede, até ficar estendida aos seus pés. A voz mordaz ribombou na minha cabeça, crua e gélida:

— Só podes ser insensata e estúpida, ou muito corajosa, rapariga! Talvez vivas o suficiente para me esclareceres esta dúvida... Ou talvez não! Mas a tua petulância agrada-me. Levanta-te!

Voltou-me as costas e regressou ao conforto das almofadas e das peles exóticas. Não me restou alternativa senão segui-lo e aguardar em silêncio, enquanto ele enrolava as ervas noutra folha. Após uma longa pausa, que me testou os nervos e desafiou a paciência, o feiticeiro tornou a falar numa voz calma e polida, muito diferente do tom incendiado que usara há pouco:

— Tu és uma criatura única, Catelyn! Nem humana, nem druida, nem feiticeira, mas as três numa só. Os imbecis, que se autodenominam Seres Superiores, não perceberam que estavam a criar um remoinho de incompatibilidades. Deram tanta força a uma criança... E deixaram-na perdida, a sofrer todas as penas, sem um conforto ou uma orientação. Mandaram o seu único soldado para a frente de batalha com os olhos vendados!

Inclinou-se até ficar ao nível do meu olhar. Estávamos tão próximos que eu podia sentir o seu bafo na minha pele. Só a muito custo sustive a postura. E a minha força de vontade foi recompensada quando ele continuou:

— É verdade que tive a tentação de matar-te durante a viagem. Mas, felizmente, o Criador muniu-me da inteligência para ver mais longe... Neste momento, os olhos do mundo estão postos em nós, Catelyn, aguardando pelo desfecho desta conversa para decidir o destino do planeta. Não sentes a tensão no ar? Eis a salvadora do mundo diante do feiticeiro renegado, instruída por aqueles que o amaldiçoaram para aceitar todas as suas condições. Não é irônico? Muito bem, filha da Grande Ilha, eu estou disposto a ajudar-te. Quando subverteu o jogo, a tua querida tia deixou de servir os meus propósitos. A morte será um castigo justo para a sua traição. Espero

que a Gwendalin arda, para toda a eternidade, no inferno da religião que a acolher!

A raiva de Sigarr arrastara a sua verdadeira natureza para a superfície e, talvez para me impressionar, ele não se esforçava por escondê-la. O corpo alto e esguio foi envolvido por uma intensa luminescência vermelha, onde estrelejavam relâmpagos de brilho negro que, após rebentarem, se espalhavam como fumo. Eu não conseguia aceitar que o meu destino estava nas mãos de um demônio, por isso repliquei:

— E por que se dá ao incômodo de me ajudar? Se anseia por vingança, por que não avança sozinho contra Gwendalin, já que é tão poderoso?

A minha ironia sarcástica provocou-lhe um sorriso malicioso. Mediu-me com o olhar, antes de responder:

— Isso tornaria a tua vida muito mais fácil, não é verdade? Contudo, o Criador nos ajude, tu és a única que pode detê-la, não porque sejas mais hábil que os demais, mas porque assim foi decidido. E só eu posso ensinar-te como contrariá-la, porque lhe transmiti conhecimentos que mais ninguém possui. — Estendeu a mão e agarrou-me numa madeixa de cabelo, deslizando-a por entre os seus dedos. — Eu também fui amaldiçoado pela nossa raça... Mas a minha ira não é cega, como a de Gwendalin! Gosto do gênio dos Homens, da sua paixão, da facilidade com que se deixam manipular! Se a Gwendalin vencer, reunirá as pedras da tua avó... E tanto poder à mercê de uma inteligência tão débil será catastrófico. A realidade que conhecemos desaparecerá num piscar de olhos. E eu gosto demasiado deste mundo para arriscar tamanha calamidade! Por isso, estou disposto a ceder-te algum do meu tempo.

Repeli-o com um supetão, objetando rancorosamente:

— Depois do que me contou, ainda espera que eu confie em si? Quem me garante que essa história de traição não foi combinada? Que tudo isto não faz parte do vosso plano para dominar o mundo?

O feiticeiro estreitou o olhar e volveu friamente:

— Não estarias aqui se a Gwendalin tivesse cumprido com a sua palavra. Os acontecimentos que desencadearam a tua vinda para a Terra Antiga foram precipitados pela estupidez daquela que se julga

muito inteligente. É essa a diferença entre vós. Sois ambas desprovidas de intelecto, mas ela acredita que o tem, enquanto tu te resignas à ignorância. Por isso és fraca! — Deteve o meu protesto com um gesto cortante. — Tens outra opção, senão confiar em mim? Os teus protetores permitiriam que viesses se existisse alternativa? Se enfrentares Gwendalin e morreres, ela será a única vencedora. Se a derrotares, seremos todos vitoriosos. Tu terás a tua vingança e recuperarás o que perdeste. Os Homens sobreviverão à escravidão. Os Feiticeiros livrar-se-ão da ameaça que pende sobre o seu mundo perfeito... E eu terei uma pequena recompensa pelo meu esforço. É justo, não concordas?

Senti a raiva arder dentro do peito. Sigarr tinha razão. Era ele quem ditava as regras e, a nós, só nos restava submeter, pois todos tínhamos demasiado a perder. Fora por isso que a minha avó me abandonara nas suas mãos. Só o Guardião da Lágrima da Lua possuía a chave do conhecimento para vencer Gwendalin. Ele ensinara-lhe os feitiços, e eu teria de aprender os contra-feitiços, sacrificando-me aos seus caprichos. Qual seria o objetivo de Sigarr? Não ambicionaria recuperar o poder que lhe fora retirado pelo Conselho, tal como Gwendalin? E se ele me exigisse as pedras mágicas? Eu esperava sinceramente que Aranwen soubesse o que estava a fazer!

— E qual é o seu preço? — mastiguei frustrada. — O que pretende em troca da sua... Generosidade?

O feiticeiro afundou-se nas almofadas e deleitou-se demoradamente com o fumo doce, antes de dizer:

— Certamente já reparaste que eu sou um homem solitário. Há muito que deixei de acreditar no amor, e a amizade é um mero disfarce para justificar o interesse e enganar o medo. A minha única paixão é a Arte e por ela sacrifiquei tudo... E é pelo amor que lhe devoto que não posso permitir que o meu conhecimento morra comigo. Por essa *razão* preciso de um herdeiro; um homem de sangue forte e grande habilidade na Arte. E tu, Catelyn, irás dar-me esse herdeiro!

Saltei, fulminada pela indignação, enquanto berrava e agitava os punhos:

— Não está a sugerir que eu me deite consigo...

— É claro que não, criatura desmiolada! — cortou ele impaciente, com um gesto de desdém. — Está previsto que o teu primogênito será um varão, filho de um grande guerreiro... Quero que mo entregues para que eu o crie. O meu preço, Catelyn, é a vida do teu filho!

Nessa noite não consegui dormir, nem em muitas das noites que se seguiram, perseguida por pesadelos, assaltada por suores e tremores. As revelações de Sigarr ardiam dentro de mim como um incêndio descontrolado. Aranwen não se suicidara. Myrna matara-a. Gwendalin matara a minha avó e o meu avô. Os tentáculos da funesta feiticeira moviam-se, implacáveis. Ceifava vidas sem remorso e prosseguia... Prosseguiria enquanto existisse um descendente de Cinaed e Aranwen. Amaldiçoava, usurpava, atraiçoava, enganava... Esperava pacientemente por uma vitória que parecia escrita no destino.

E o Guardião da Lágrima da Lua fora o cúmplice da odiosa criatura. Devia ter-lhe exigido algo igualmente aberrante. Por que outra razão a bruxa se arriscaria a desafiá-lo? Eu apercebera-me de que havia muitas lacunas na história contada. Porém, neste momento, só me restava baixar a cabeça e engolir em seco. Aceitei a proposta de Sigarr porque a minha avó mo ordenara. Ela, sem dúvida, conhecia o caminho certo. Além disso, que possibilidades havia de se concretizar a exigência do bruxo? Quase me rira na sua cara, quando ele afirmara que eu teria um filho de um grande guerreiro. Quem olharia para mim, desonrada, desamparada, prestes a enfrentar um desafio mortal? Que homem no seu juízo desejaria possuir-me, tão magra e desengraçada? E, mesmo que existisse tal louco, eu jamais poderia devotar-lhe o meu afeto, pois o meu coração estava destroçado. Parte dele morrera com Tristan. A outra... A outra permaneceria com Throst, qualquer que fosse a nossa sorte, condenada a nunca conhecer a felicidade.

Restava-me viver para a derrota de Gwendalin; concentrar-me de alma e coração nesta nova realidade que justificava a força que efervescia em mim. Quando o momento chegasse, eu enfrentaria a tirana de igual para igual; feiticeira contra feiticeira. E venceria, porque não podia perder! Depois pensaria no que fazer da minha

vida. Era óbvio que devia manter-me afastada de qualquer homem, para que nunca sofresse a dor de apartar-me de um filho, para o entregar ao mais cruel dos destinos. Sigarr não poderia reclamar a posse de algo que não existia.

Sim, eu seria mais forte, mais esperta; iria derrotar o feiticeiro no seu jogo, como Aranwen dissera! Se Gwendalin o trapaceara, eu também conseguiria fazê-lo! Se colaborasse e Sigarr me entregasse sem reservas os seus ensinamentos, talvez eu descobrisse o seu ponto fraco. Podia não estar destinada a casar, gerar filhos e usufruir da felicidade de um lar, mas faria do extermínio de todas as criaturas abomináveis que contaminavam a Terra o meu objetivo.

Revelada a origem da tempestade, eu questionava-me até aonde iria o Guardião da Lágrima da Lua na persecução dos seus objetivos. Afinal, assim que me identificara como uma ameaça, não hesitara em usar o seu poder para me eliminar, sem se importar com a desgraça de Throst, de Krum e dos restantes companheiros. Saberia Gunnulf que o feiticeiro atentara contra a vida do seu primo, homem de confiança e futuro cunhado? Saberia que quase matara o seu próprio irmão? Eu precisava de respostas rápidas, pois delas dependiam vidas que me eram preciosas.

Ingrior não me perguntou o que se passara na casa de Sigarr. Ela sabia que os frutos da aprendizagem da magia negra deviam permanecer secretos, para o bem de todos. E eu não lhe falei acerca das minhas suspeitas e do pacto monstruoso. A minha amiga só podia ajudar-me oferecendo-me o seu carinho. E, mais uma vez, não me faltou. Perdi a conta às noites em que o conforto dos seus braços me amenizou a dor. Graças à pureza da alma de Ingrior, consegui resistir às tentações e ao desespero. Graças ao seu carinho, reuni forças para enfrentar a loucura.

O passar das semanas revelou-me um Sigarr diferente do que eu esperava e temia. O demônio sedento de sangue, capaz das piores aberrações, adormecera dentro dele. O Guardião da Lágrima da Lua sabia apreciar as pequenas e belas coisas da vida, carregava a sabedoria de centenas de anos e era uma fonte inesgotável de informação. O sarcasmo, por vezes bem-humorado, era a única arma que usava para me ferir:

— Se um humano soprar numa poça de água, origina uma oscilação. Se um feiticeiro soprar para o mar, provoca uma onda gigante. É claro que, no teu caso, nunca se sabe! Provavelmente despirias os peixes de escamas, rapariga desastrada!

Ele só se zangava perigosamente quando eu teimava na minha incapacidade de realizar algo. Certo dia, levou-me até ao lago onde os garotos costumavam patinar. O gelo já derretera, e o feiticeiro deixou-me de queixo caído ao vê-lo atravessar, pé ante pé, sobre a água. Na margem oposta, ordenou imperativamente:

— É a tua vez, Catelyn!

Franzi o sobrolho e enfrentei-o com as mãos nas ancas, batendo com um pé no chão, trespassada por um nervosismo frustrante.

— Está a brincar comigo? Eu não posso fazer isto! Não sei como fazê-lo!

A sua resposta foi imediata:

— É evidente que não, criatura imprestável! Como pude supor que tu descobrisses de imediato a solução de um dilema tão simples? Enquanto os restantes feiticeiros transformam um penhasco numa pedra, a fim de o transpor, a minha néscia aprendiz converte uma pedra num penhasco, só pelo prazer de declarar que será incapaz de o ultrapassar!

Deu-me as costas, esboçando um gesto de impaciente despeito.

— Eu estou a perder o meu tempo! Perto do esplendor de Gwendalin, tu não passas de uma miserável nódoa!

E desapareceu, deixando-me a bufar de indignação.

“A azul falhará por fraqueza e inaptidão...”

“Raios! Eu não falharei!”

Pus um pé dentro da água gelada e senti os ossos despedaçarem-se.

“Maldita terra! Maldito frio! Maldita escuridão! Maldito bruxo!”

O que me diria Berchan? Falaria das pequenas partículas que dão forma a todas as coisas... Eu podia solidificar a água ou afastá-la para passar, mas isso seria batota e Sigarr não me perdoaria. Então, a resposta tinha de encontrar-se em mim. Não era também eu composta por partículas? Carne, músculos e ossos... Sem peso...

Não foi fácil atingir um nível de concentração suficientemente forte para suster os pés por cima da água. O tempo arrastou-se, lenta e dolorosamente, até que os primeiros passos hesitantes superaram o abraço líquido. Quando tal sucedeu, permiti-me uma euforia infantil. Eu estava a pairar! Aprendera a voar fisicamente, como fazia com o espírito! Surpreendi-me ao encontrar Sigarr a meditar na outra margem, oculto pelo tronco de uma árvore. Afinal, não saíra dali!

— Podemos prosseguir? — rosnou jocosamente. — Ou precisas de fazer uma pausa para tomar chá e comer bolinhos?

Ordenou-me que lhe mostrasse a minha habilidade com o fogo. Eu acendi uma chama na palma da mão, como Mairwen me ensinara.

— E para que serve isso? Vais ser o archote de uma expedição? Arremessa esse fogo contra alguma coisa, rapariga! Queima uma criatura viva, para variar!

Eu estava tão furiosa que usei toda a minha força para lançar a bola de fogo contra ele. Sigarr apanhou-a e esmagou-a entre os dedos como se fosse feita de areia.

— Será isto o que a tua querida tia te fará, se a enfrentares com esse espírito simplório. Quando decidires parar de brincar, talvez possamos trabalhar! Vamos começar do princípio. Repete tudo o que eu te ensinei!

CAPÍTULO 7

Throst povoava os meus sonhos.

Eu via o guerreiro viking a avançar de espada em punho, enquanto eu me quedava, envolta nas chamas da cavalariça. Passava por mim e arremetia contra o Conde de Goldheart. A luta não delongava. Nem no mais puro ataque de ódio, eu poderia desejar a Oliver uma morte tão desonrosa e violenta. Com o desespero, nem me apercebera de que a sua cabeça rolara até aos meus pés. Só desejava morrer; descansar junto de Tristan depois de um último beijo dos seus lábios ainda quentes. Mas Throst erguia-me do chão e paralisava-me com o seu olhar azul. Agora, eu entendia o que antes fora incompreensível:

— Irás ofendê-lo com a tua morte. Este não é o teu destino!

"E qual é o meu destino, Throst?"

Quantas vezes eu repetira esta pergunta, durante a nossa viagem até à Terra Antiga, enquanto o observava ao leme do *Drakkar,* guiando-se pelo Sol e pelas estrelas, quando a linha da costa desaparecia, e pela bela e enigmática Pedra Solar, nos dias de nevoeiro? E na ilha que os Nórdicos usavam como refúgio; um esconderijo tão perfeito que nem a frota dos Aliados da Grande Ilha o conseguira descobrir? Recordei o momento em que Throst me transportara para a praia, em que me segurara junto do seu corpo, em que me forçara a despir o vestido encharcado e a vestir roupa quente, em que me obrigara a beber o caldo que me restituíra as forças, em que travara um duelo e arriscara a vida para me salvar...

Throst cuidara de mim desde o primeiro instante. Matara por mim. Discutira e enfrentara amigos por minha causa. E a atração irracional que nos unia não cessara de nos atormentar, como se estivéssemos condenados a cair nos braços um do outro e nada nos pudesse deter. O meu coração chorava por Tristan, mas eu não resistira aos beijos do capitão viking, ao ardor das suas mãos, ao apelo selvagem do seu corpo...

A água do banho esquentava a minha pele uma vez mais, enquanto nós guerreávamos até a excitação ser insuportável.

Depois, Throst segurava-me ao colo, carregava-me para a cama e amava-me toda a noite... Uma única noite que jamais se repetiria. No tormento do delírio, eu via-me novamente dentro de uma gruta, junto de Tristan... Ao lado de Throst... As imagens dos dois homens que haviam despertado a minha paixão misturavam-se dolorosamente, até o meu peito explodir de desespero. Ambos me tinham amado com loucura, num momento solitário do tempo. Tristan estava morto. Throst estava condenado a perecer na próxima campanha.

A alucinação levava-me até ao quarto de uma estalagem, onde Throst partilhava a cama com duas mulheres. Ele jazia prostrado, demasiado ébrio para esboçar um gesto, mesmo que torpe. Elas revezavam-se por cima do seu corpo excitado, trocando carícias entre si, até que os dedos do guerreiro se cravavam nos lençóis, o seu rosto se desfigurava num esgar de prazer violento e os seus lábios se escancaravam num único grito, rouco e desesperado:

— *Catelyn...*

— Catelyn! Acalma-te! Foi só um sonho!

Pisquei os olhos, receando encarar a realidade. Ingrior estava diante de mim, pálida de preocupação. Estreitou-me e acariciou-me os cabelos, esforçando-se por me confortar.

— Tem calma, querida! Eu sei que não tem sido fácil, mas precisas de ser paciente! Precisas de ser forte! Chhh! Eu estou aqui...

Como explicar-lhe que a minha vida se encontrava fora do seu controle... E do meu?

Eu sentia frio, mas estava alagada em suor. A minha angústia e ansiedade, sufocadas pela consciência, refletiam-se nos sonhos e guiavam-me ao encontro daquele em quem não me permitia pensar. O meu delírio surpreendera Throst em plena orgia. O que diria Halldora se soubesse que o seu noivo se divertia com meretrizes, nas vésperas do noivado? E por que chamara ele por mim? Por que raio gritara ele o meu nome?

Nas noites seguintes, o desvario repetiu-se. O cenário mudava. As prostitutas eram diferentes. Throst estava sempre bêbado. Por

fim, revelava-se tão incapaz que as mulheres pagas para lhe agradar o abandonavam e iam ganhar a vida com outro cliente.

Eu comecei a desesperar, e Sigarr, a impacientar-se. De noite, o meu espírito vagueava. De dia, o meu corpo prostrava-se de exaustão e a concentração extinguia-se. Por fim, o feiticeiro zangou-se e ordenou-me que ficasse em casa, de castigo, a praticar um exercício ridículo. Com a força da mente, eu teria de matar os insetos que ele considerasse suficientes. Dependendo da minha eficácia, retomaríamos os treinos.

Passei dias no estábulo a cumprir a rotina diária e a matar os desafortunados bichos. No primeiro, ardia de irritação pela minha ineficácia e acabei por esmagar alguns com as mãos e os pés, só por despeito. No segundo, a magia manifestou-se. As moscas eram colhidas no ar por pequenas centelhas de luz e caíam fulminadas. No terceiro, senti orgulho do meu desempenho e compreendi a razão por que Sigarr me atribuíra uma tarefa tão patética. A concentração exigida, que começara por ser enorme, tornara-se insignificante. Eu obtinha sucesso com um simples golpe de olhar, sem sequer pensar no que fazia. Esta era uma excelente forma de treinar o arremesso da energia.

Por fim, comecei a interrogar-me se o feiticeiro me esquecera. Nessa tarde, sentei-me ao lado de Ingrior e fiquei a observar as suas mãos destras e delicadas a esculpirem e moldarem as belíssimas peças de artesanato. A sua última obra era um colar que misturava vários tipos de metais nobres e fios de tecido. Seria o seu presente de noivado para Halldora.

— Gostava que viesse comigo à Casa de Grim...

Este assunto ainda não fora abordado e eu desejava evitá-lo. Contestei com firmeza:

— Não me parece boa idéia. A Halldora detesta-me... Não quero estragar a festa do Throst!

Perdi o meu olhar no vazio. A neve derretera, e a quinta começava a vestir-se de cores vivas. A temperatura estava amena, e pairava no ar o cheiro delicioso da Primavera. Não muito longe, Trygve brincava com Katla e alegrava os nossos ouvidos com as suas gargalhadas.

— Gostas do meu irmão, Catelyn?

A pergunta apanhou-me totalmente desprevenida. O sangue subiu-me às faces, enquanto dezenas de insetos tombavam esturrados. Só após uma longa hesitação consegui balbuciar:

— Eu estou... Agradecida pela sua hospitalidade...

— E gratidão é tudo o que sentes? — atalhou Ingrior de imediato, decidida a torturar-me. — O Throst não desperta em ti nenhum sentimento mais profundo?

— Eu já te falei do Tristan — volvi, tentando finar a questão. — Ele foi meu amigo, irmão, companheiro... Tínhamos planos! Íamos casar... — A minha voz falhou, mas forcei-me a continuar: — O Tristan foi o meu primeiro homem... E eu irei amá-lo até morrer!

A minha amiga apertou-me a mão e forçou-me a encará-la.

— Eu não duvido da grandeza e da beleza do sentimento que partilhaste com esse rapaz. Porém, onde quer que ele esteja, tenho a certeza de que não deseja ver-te amargar na solidão para o resto da vida. Não feches o teu coração, minha querida...

Eu sabia que as intenções de Ingrior eram boas, por isso contive a vontade de replicar se ela também tencionava esquecer Trygve, assim tão facilmente, para se entregar a outro homem. A sua convicção inabalável, alimentada pelas revelações da Pedra do Tempo, forçava-a a lutar fervorosamente pela minha união com Throst. Mas isso jamais aconteceria! Respondi com a firmeza possível:

— O Throst está noivo! E vai casar-se apaixonado!

— O meu irmão jurou desposar a Halldora no dia em que ela nasceu, cumprindo a nossa tradição. Mas a Halldora não é a mulher certa para o Throst! Irá destruir-lhe a vida... Ele até pode estimá-la, mas não a ama! Todavia, é demasiado teimoso para admitir que alguns juramentos não podem ser carregados em cima dos ombros até à morte. Eu percebo o teu desconforto pela minha insistência, Catelyn, mas não consigo assistir impassível ao que se passa diante do meu nariz. O Throst tem sentimentos por ti e tu por ele. Foi por isso que ele se foi embora. Vais permitir que o meu irmão leve a sua teimosia adiante e semeie a vossa infelicidade?

Fixei Ingrior, em pânico. O que podia eu fazer? O Throst pertencia à Halldora, e eu não podia pertencer a homem nenhum! Já tinha

problemas suficientes, sem almejar algo que estava fora do meu alcance! Dar-me-ia por satisfeita se conseguisse salvar-lhe a vida. Eu conhecera Throst nos meus sonhos, e era lá que ele devia permanecer, até ao fim dos meus dias.

O barulho provocado pela aproximação de um cavalo pôs cobro a conversa. O meu coração falhou quando reconheci Gunnulf. Ingrior correu para Trygve e protegeu-o no seu colo, como se temesse que o primo tivesse coragem de forçar a montada adiante para pisotear a criança. O bárbaro franziu o sobrolho com desprezo. Gelei ao reparar que o seu olhar tempestuoso não se dirigia a Ingrior e sim ao menino. Afinal, parecia que o medo da minha amiga não era infundado. Katla recolheu Trygve dos braços da mãe e apressou-se a entrar em casa.

— Por quem me tomas, mulher? — rugiu o colosso. — Acreditas que eu seria capaz de matar o teu filho?

— Eu bem sei do que tu és capaz! — retorquiu ela, num tom inflamado. — Diz ao que vens e desaparece da minha propriedade. Sabes que não és bem-vindo aqui na ausência do meu irmão.

Gunnulf incitou o cavalo a avançar, e eu reagi instintivamente, protegendo Ingrior com o meu corpo. O guerreiro-urso forçou a montada a empinar-se diante de nós e só depois recuou, com o rosto assolado por uma ira selvagem. A sua voz estrondeou como uma trovoada infernal:

— O Throst já regressou. A festa de noivado realizar-se-á dentro de três dias, mas a Halldora espera-te amanhã. Deixa essa escrava em casa. Não quero sentir o cheiro dessa peste nas minhas terras!

Partiu a galope, com os cabelos rubros esvoaçando, qual bandeira de guerra. Ingrior caiu ao chão, chorando copiosamente. Tive de embalá-la nos meus braços para acalmá-la e, quando por fim consegui, ela sacudiu-me e suplicou:

— Nunca mais enfrentes o Gunnulf, ouviste? Não sei como a besta resistiu a matar-te!

Ficamos abraçadas em silêncio. Ingrior não parava de tiritar. Eu própria não compreendia onde arranjara coragem para afrontar o chefe viking. Se Gunnulf já me odiava, depois disto aproveitaria o menor pretexto para me matar. Pois que tentasse! O guerreiro-urso

não era imortal! E eu já não o temia! Ser-me-ia até mais fácil concretizar a minha vingança num ato de defesa.

— Existe algo respeitante à morte de Trygve... — soluçou Ingrior. — Algo que eu nunca contei a ninguém...

O seu segredo era terrível! No dia fatídico, sentindo a proximidade do parto, Ingrior pedira ao marido que colhesse um ramo das flores às quais chamavam Beijos de Dragão, porque eram vermelhas e abriam-se aos raios de sol como lábios desejosos de carícias. Essas flores só cresciam na Montanha Sagrada e a infusão das suas pétalas era ótima para aliviar as dores. Quando Ingrior encontrara Trygve, ele ainda mantinha um Beijo de Dragão entre os dedos, e ela guardara-o dentro do seu vestido. Ninguém vira a flor e toda a comunidade pensava que o curandeiro fora assassinado enquanto buscava os ingredientes do seu ofício. Porém, durante a cerimônia fúnebre, depois de dar as condolências à prima, Gunnulf não se coibira de salientar que o irmão fora muito imprudente por entrar na floresta só para apanhar umas miseráveis flores.

— Talvez fosse um erro de expressão — continuou ela, tremendo como uma folha solta ao vento. — O Gunnulf é tão ignorante nestes assuntos que podia querer dizer ervas... Porém, a suspeita cravou-se em mim como a garra de um falcão. Mas, apesar de tudo, não quero acreditar que ele tenha tido coragem de matar o próprio irmão. Isso faria dele um monstro...

Eu não tinha dúvidas de que Gunnulf era um monstro! Seria esta a verdade que eu perseguia?

— O Throst sabe disso? — perguntei ofegante.

Ingrior abriu tanto os olhos que eu pensei que estes lhe iriam cair. Abanou-me, arquejando, assolada pelo medo:

— Não! E tu também não irás dizer-lhe! Se o Throst desconfiar de algo tão abominável, decerto enfrentará o Gunnulf! E a morte do meu irmão não trará o meu marido de volta à vida.

— Sossega, Ingrior! — esforcei-me por acalmá-la. — Eu jamais trairia a tua confiança! Vamos esperar, para o bem de todos, que as tuas suspeitas não tenham fundamento...

Durante o resto do dia, eu não pensei noutra coisa. Ajudei Ingrior a separar o que iria levar para a Herdade de Grim e deitei-me cedo.

Precisava refletir acerca do desenvolvimento da história trágica do meu primo, o qual me causara um enorme desconforto.

Acordei a meio da noite, tão gelada como se tivesse adormecido ao relento. Sentei-me na cama, tiritando, enquanto buscava a coberta que tombara no chão, e só a muito custo contive um grito. A manta não deslizara de cima de mim. Fora arrancada pelo grande lobo que aguardava a minha atenção, sentado a dois passos da cama, com o pelo brilhante recebendo as carícias da luz bruxuleante da fogueira. A porta continuava solidamente fechada, mas eu nem admiti a possibilidade de uma fera selvagem se ter esgueirado para o interior da casa. Este era um Lobo Cinzento... E muito especial!

Deslizei para junto dele e enfrentei o seu olhar estrelado, procurando as patas peludas. O que encontrei não foram pêlos e garras, mas mãos quentes e delicadas que abraçaram as minhas, enquanto as nossas mentes se fundiam. Arfei, esforçando-me para controlar a vertigem e, aos poucos, tive a percepção das formas sombrias de uma floresta. Não muito longe, um rapaz movia-se, tão silencioso e elegante como um gato. Pensei que seria fácil confundi-lo com Berchan, mas, quando se aproximou, vi que as suas feições eram diferentes, mais infantis e femininas. Ingrior tinha razão. Trygve era muito parecido comigo!

Eu pressenti a presença maligna antes dele. Tentei gritar mas descobri que não tinha voz. Nesse instante, os olhos de Trygve escancararam-se de horror, ao verificarem o que a escuridão ocultava. Ele começou a correr, perseguido pela morte. Esta não tardou a revelar-se sob a forma de um cavaleiro negro, gigante e ameaçador, com os ombros cobertos por uma pele de urso.

— O que queres de mim, Gunnulf?

A voz do meu primo tremia. Ele fazia a pergunta, mas sabia a resposta.

— Eu avisei-te, bastardo! — rosnou o selvagem. — Avisei-te que saísses do meu caminho! E tu atreveste-te a tomar o que é meu!

— Eu nada possuo que seja teu! — contrapôs Trygve com uma coragem que me impressionou. — Deixa-nos, a mim e à minha família, em paz!

— Insolente!

A enorme mão do guerreiro-urso esmagou-se no rosto delicado. Trygve tombou de costas e deixou cair os cestos carregados de ingredientes curativos. No solo úmido e podre da floresta, o vermelho-vivo das flores que colhera na Montanha Sagrada cintilou como uma lanterna. Gunnulf desmontou e desembainhou a espada, enquanto Trygve rastejava atrapalhadamente, balbuciando em pânico:

— O que é que estás a fazer, Gunnulf? Eu sou teu irmão!

— Não, bastardo! — rosnou o colosso, num tom decidido e ameaçador. — Eu não sou irmão de um verme nojento e miserável como tu!

Trygve conseguiu erguer-se e começou a correr, levando consigo um Beijo de Dragão. Mesmo com a morte no encalço, ele não se esquecia do bem-estar da esposa e do filho!

Gunnulf ficou para trás, esboçando um largo sorriso. Guardou a espada e dirigiu-se ao cavalo. Acabara de montar quando um grito agonizante trespassou a noite. Praguejando, o guerreiro-urso galopou ao encontro do apelo. Mas era tarde! O corpo de Trygve jazia no solo, com uma adaga enterrada no ventre. Ao seu lado, um homem exibia um sorriso vitorioso no rosto cruel... Um homem que eu conhecia e odiava! Este encarou o líder, exclamando com euforia:

— Eu não te disse que daria um bom uso à arma do Vândalo!?

Gunnulf desmontou e investiu contra Freysteinn. O soco que lhe desferiu foi tão poderoso, que o arremessou pelo ar.

— Não era para matá-lo, sua besta! Era só para assustá-lo! Como irei justificar isto à minha família?

Apoiando-se a uma árvore, Freysteinn ripostou num tom dorido, mas firme:

— Pensa, Gunnulf! Os teus problemas acabaram! Todos pensarão que foram os Vândalos que caçaram este imprestável! A Ingrior voltará para ti, tu criarás o pequeno bastardo e o povo louvará a generosidade do teu coração!

— Imbecil!

O punho do gigante esmagou-se no rosto, no ventre e nas costelas de Freysteinn, uma e outra vez. Mas o brilho vitorioso nunca se apagou do olhar do jovem guerreiro.

Ingrior partiu para a Herdade de Grim, acompanhada por Jodis, e eu fiquei como Gunnulf ordenara. Disse adeus à minha amiga sem mencionar o fenômeno dessa noite. De que me valeria martirizar ainda mais o seu coração, se nem eu própria sabia explicar o que acontecera?

Eu despertara caída no chão, sozinha, envolvida pelo silêncio da casa adormecida. Rastejara de volta à cama e afundara-me em cogitações. Da minha Visão, concluía que Gunnulf seguira o irmão apenas para o assustar e humilhar. A mão assassina fora a do ambicioso Freysteinn, que não olhava a meios para agradar ao líder. No fim, a eliminação de Trygve revelara-se um favor. Isso explicava por que o guerreiro-urso mantinha Freysteinn por perto, apesar de o desprezar.

Não me fora fácil impedir-me de saltar para a cama de Ingrior e contar-lhe tudo, mas a razão prevalecera. Freysteinn estaria na Herdade de Grim, azedo e enraivecido por ver a mulher que desejava tornar-se noiva do seu maior rival, e eu não sabia se a sensata Ingrior conseguiria conter-se de o acusar publicamente. Se tal não sucedesse, em vez de uma festa de noivado, haveria um banho de sangue. Não! A minha amiga já aprendera a viver com as suas suspeitas. Era melhor que assim continuasse, até que eu tivesse uma confirmação inequívoca da verdade. No momento certo, a justiça seria reposta.

Sensibilizada pelo infortúnio do meu primo, concentrei toda a minha atenção no pequeno Trygve. Assim que Katla se ausentou, levei-o até ao cemitério, onde o corpo do seu pai aguardava o descanso do espírito. Sentei-o comigo, ao lado da pedra tumular, fechei os olhos e rezei, como sempre fazia quando precisava sentir o conforto da presença da minha mãe. O entusiasmo do menino arrancou-me da meditação. Uma luz forte, irradiada pelo solo, iluminava ao nosso redor, e a alcatéia de Lobos Cinzentos cercava-nos. O majestoso líder nada disse, mas havia um esgar de aprovação quase humano no seu focinho, quando o lobo que me visitara na noite anterior se destacou dos demais e avançou.

As lágrimas estavam na minha garganta, na minha cabeça, inundavam-me o coração e a alma... Por que o destino tinha de ser

tão cruel para com aqueles que, num momento da vida, conheciam a felicidade de experimentar o verdadeiro amor?

Na sua inocência, Trygve mirou com insistência o animal que parara à sua frente, como se pudesse ver para além do pêlo, dos dentes e das garras. Solenemente, estendeu a mão rechonchuda e acariciou-o. O lobo reuniu confiança para se aproximar mais e deitou a cabeça no seu colo. E, enquanto o garoto lhe afagava o pêlo com devoção, o lobo chorava grossas lágrimas; lágrimas humanas; lágrimas de pesar e dor, pelo que poderia ter sido e não fora...

Maldito Gunnulf! Mil vezes amaldiçoado! Quando o mal não vinha pela sua mão, vinha pela sua intenção. Gunnulf podia não ter desferido o golpe fatal, mas provocara e acobertara o crime. Para mim, a sua culpa era igual ou pior do que a de Freysteinn. Por enquanto, eu estava de mãos atadas. Porém, com profecia de rei urso ou sem ela, eu não deixaria a Terra Antiga sem arrancar pela raiz a erva daninha que apodrecia o povo viking.

As trompas ecoaram pelos vales e montanhas. O fragor perpetuou-se sobre o mar, afundou-se contra os fiordes e destroçou-me o coração. Throst acabara de ficar noivo.

Não sei explicar que loucura me acometeu. Quando caí em mim, já galopava na direção da propriedade de Gunnulf.

Escondi o cavalo e ocultei a cabeça com o capuz da capa, para passar despercebida por entre a multidão que festejava. De longe, vi Throst e Halldora cumprindo as tradições. A noiva estava tão formosa como uma deusa viking. Os seus cabelos tinham reflexos de sol e fogo. O corpo alto, generoso de curvas, seria o abrigo perfeito para a luxúria de Throst. Nos braços do belo guerreiro não voltaria a haver lugar para mim.

Apesar de este pensamento me esmagar, não desviei os olhos da cerimônia. Não consegui partir quando devia, e a noite encontrou-me sentada no telhado da casa da noiva, pairando como Sigarr me ensinara, escutando os sons estridentes da festa que continuava na privacidade de familiares e amigos.

O meu coração falhou uma batida quando Throst surgiu inesperadamente na solidão da rua. Trazia na mão um chifre cheio

de bebida e caminhava aos ziguezagues, sem dar um passo diante do outro. Como um pássaro cego, embateu contra a cerca, caiu desamparado e começou a vomitar.

Trêmula de aflição, tencionei precipitar-me em seu auxílio, mas uma garra de ferro apertou-me o braço, impedindo o movimento. Por pouco não gritei ao encontrar Sigarr pairando ao meu lado, fixando-me com o seu olhar glacial. Não moveu os lábios, mas a sua voz temerosa vergastou a minha mente:

"Não devias estar aqui, criatura desmiolada!"

A frustração e a revolta apossaram-se do meu raciocínio. Reagi instintivamente:

"Eu cansei-me de esperar por si! Se continuasse a matar insetos, os pássaros morreriam à fome antes do fim da Primavera!"

A minha ironia surpreendeu-o, mas ele não permitiu que tal transparecesse por muito tempo.

"Tu não és o único assunto que ocupa o meu espírito, Catelyn! Tenho mais que fazer!"

Eu ia responder-lhe torto quando a porta da casa tornou a abrir-se. Krum saiu ao encontro do primo e amparou-o. Ralhou num tom impaciente, como se o já tivesse feito dezenas de vezes:

— Olha o que estás a fazer contigo! Tu não podes continuar assim, Throst! Por que deixaste isto ir tão longe, se não era o que realmente desejavas?

A voz de Throst feriu-me os ouvidos, de tão sentida e amargurada:

— É a única coisa a fazer...

— Não, não é! Não destruas a tua vida! Acaba com esta farsa enquanto é tempo!

— Solta-me!

O gigante louro libertou-se com um safanão e cambaleou de regresso a casa. Krum seguiu-o, exalando um sonoro suspiro de frustração. Sigarr não demorou a atacar-me:

"Sabes que é por tua causa que o Throst sofre? A paixão está a enlouquecê-lo!"

O meu coração desatou aos pinotes, sem que eu pudesse domá-lo. Jamais conseguiria controlar as minhas emoções, quanto mais escondê-las de Sigarr. Ainda assim, objetei indignada:

“Eu não sei do que é que o senhor está a falar...”

“Sabes sim... E partilhas dos seus sentimentos de forma tão intensa que acompanhas o seu tormento quando entrega a mente ao desespero... quando rende o corpo a todas as rameiras que encontra e berra o teu nome em agonia, desejando que fosses tu a mentora do seu prazer.”

Fitei o bruxo com a raiva declarada no olhar. Ele só podia ter lido isto na minha mente! Eu tinha de reparar esta falha... E com bastante urgência!

“Cale-se! O senhor não sabe o que está a dizer! E eu não lhe admito que me fale nesses termos!”

Incapaz de suportar a intensidade ferina do seu esgar, desviei o rosto e fixei a noite, respirando sopros de agonia enquanto o meu coração sangrava. Eu não devia ter vindo! Não teria visto... Não estaria agora a experimentar tão insuportável tormento!

“O destino do Throst é claro. Ele está condenado a morrer na campanha deste Verão. Liberta-te agora, Catelyn, antes que esse entusiasmo te desvie irremediavelmente do caminho que juraste seguir. Tu estás a um passo de tombar num abismo de onde não haverá retorno.”

Encarei Sigarr com os olhos esbugalhados. A minha revolta era demasiado grande para conter dentro do peito. E a voz da mente denunciou toda a minha repulsa:

“Como pode falar da morte do Throst com tamanha indiferença? Ele é seu parente; tem o seu sangue! Existe algo sagrado para si, além dos seus próprios interesses?”

A frieza do feiticeiro denunciava o seu despeito:

“O Throst não passa de um ingrato ignorante e arrogante, cuja alma vive em permanente tormento e rejeição de um poder que deveria ser considerado uma bênção. Por que me falas tu em salvá-lo? Desejas que ele viva para que possas vê-lo nos braços de outra mulher?”

Engoli em seco. Desta vez, Sigarr não chegaria aos meus verdadeiros sentimentos.

“O Throst é um bom homem e merece ser feliz ao lado da companheira que escolheu!”

O seu sorriso escarninho arrepiou-me. Eu não podia disfarçar o que o Guardião da Lágrima da Lua já apreendera há muito. A sua voz quase me rasgou a alma:

"Além de uma aberração, o amor humano é uma futilidade, uma perda de tempo e uma breve caminhada para a desilusão e para a perdição. Aranwen e Mairwen não te ensinaram isso? Elas são peritas! Deviam ter metido alguma sensatez nessa tua cabeça oca!"

Sem argumentos para rebater, eu volvi num tom ameaçador:

"O Gunnulf sabe que o seu preferido está prestes a tombar? Tem conhecimento de que a irmã irá perder o noivo que tanto adora? E de que o seu feiticeiro conspira contra o seu próprio sangue?

No mesmo tom com que o enfrentei, Sigarr retribuiu:

"E por que não lhe fazes tu própria essas perguntas? Talvez aprendesses alguma coisa com as respostas, criatura néscia!"

Num piscar de olhos, encontrei-me sozinha.

Os feiticeiros não eram deuses nem animais alados. Logo, não podiam voar. Conseguiam meramente levitar durante um curto espaço de tempo, e esse esforço exigia deles muita energia.

Não sei como cheguei a casa nessa noite. Felizmente, o cavalo sabia o caminho de cor! Katla assustou-se quando me viu.

— Olhe para si, menina! Que olheiras tão profundas! O que andou a fazer?

"Asneiras! Eu só faço asneiras!"

— Eu estou bem — respondi em voz alta. — Não te preocupes! Só preciso dormir...

E dormi toda a noite e parte da manhã. Quando acordei, Trygve estava deitado sobre o meu peito, profundamente adormecido. Katla fazia a lida, enquanto nos observava com um sorriso carinhoso. Ao aperceber-se de que eu despertara, exclamou baixinho:

— Deve arranjar um marido, menina! Bonita como é, não terá a menor dificuldade! Já está na idade e transparece no seu olhar o quanto deseja um filho. E as crianças adoram-na! Veja como o nosso pequeno traquina se derrete!

Forcei um sorriso em resposta. Não podia dizer a Katla que a vida que ela descrevia nunca seria para mim. Eu não era humana... E também não era uma verdadeira feiticeira. Não passava de um

remendo do destino, de uma criatura miserável, prestes a explodir de tristeza e frustração, perante um fardo demasiado pesado para carregar.

Recordar que Throst estava condenado à morte virava-me as tripas do avesso. Era uma injustiça que a sorte mantivesse vivos tiranos como Gunnulf e matasse homens justos e bons! Contudo, o tempo passava, e eu não descobria uma solução para contrariar a sua sina. Até mesmo uma simples conversa já me parecia impossível! Throst abandonara a sua própria casa para me evitar. Agora que estava noivo, não permitiria que eu me aproximasse.

Este pensamento mutilou-me. Estrebuchei e refutei qualquer sentimento mais profundo do que gratidão ou amizade. E o meu coração gargalhou descaradamente da minha teimosia. Irritada, decidi enfrentar o que sentia por Throst. Admirava-o, sem dúvida. Reconhecia nele um pouco de cada um dos meus irmãos: a liderança e a sensatez de Aled, o ardor apaixonado de Edwin, a reflexão de Berchan, o carinho de Stefan e a alegria de Quinn. E devia admitir que ele era tão atraente para mim quanto um homem podia ser para uma mulher. Mas eu não estava louca! Tinha os pés bem assentes na terra! Eu não amava Throst! Ou... Ou... Raios!

Ingrior regressou logo após a celebração do noivado. O irmão não a acompanhou.

— O Throst partirá numa campanha dentro de poucos dias — anunciou com uma expressão abrasada. — Temos de preparar os mantimentos e as roupas para a viagem.

— O senhor não virá a casa? — perguntou Katla surpreendida.

— Virá.

A resposta seca ficou suspensa no ar. Eu não precisava deitar-me a adivinhar para perceber que Ingrior discutira violentamente com o irmão.

Throst chegou dois dias depois, acompanhado por Bjorn e Styrr, que iria integrar a sua tripulação. Era uma honra fazer a primeira viagem a bordo do barco do segundo chefe da Terra Antiga. O rapaz estava eufórico e ardia de impaciência por partir. Ingrior também ardia de impaciência, mas por razões bem diferentes:

— Tanta alegria por uma estúpida ilusão! — segredou-me exasperada. — Quero ver o fulgor das suas convicções quando o

sangue começar a escorrer e os amigos tombarem ao seu lado, sem vida!

As palavras de Ingrior feriram-me. Talvez Styrr visse mesmo o seu herói tombar durante esta campanha! Para piorar a minha angústia, eu ainda não tivera oportunidade de remar contra a maré. Throst cumprimentara-me com um gesto monótono e devotara toda a sua atenção aos rapazes. Tamanha indiferença magoava-me e afligia-me. O tempo esgotava-se... E a muralha que o capitão viking erguia ao seu redor não o protegeria do punhal que lhe laceraria a vida.

Nessa noite, acordei com a cabeça a rodar, enjoada e febril. À luz difusa da fogueira moribunda, arrastei-me para fora de casa, esperando que o ar gelado me devolvesse o bem-estar. Assim que o frio me bateu no rosto, o meu coração apertou-se. A indisposição fora apenas um pretexto que o meu espírito encontrara para me arrancar da cama. Throst estava meio tombado por cima da cerca, bebendo sem parar, enfrentando a escuridão com um olhar enlouquecido. Instintivamente, corri para ele e segurei-lhe a mão, impedindo-o de levar o chifre aos lábios.

— Chega, Throst! Chega...

— O que estás tu a fazer aqui? — A sua voz soou incerta e irritada. — Volta para a cama!

— Só se vieres comigo!

O rosto másculo distorceu-se numa careta sarcástica, e, só então, eu assimilei o que acabara de dizer. Ele não me perdoou:

— Isso é um convite?

Estreitei o olhar e mastiguei:

— Se estivesses sóbrio, eu não te perdoaria, filho de Thorgrim! Pára de beber!

Tentei arrancar-lhe o chifre da mão, e Throst reagiu, sacudindo-me tão bruscamente que me derrubou. Eu caí desamparada, sem perceber muito bem o que acontecera. Mal pude piscar os olhos, e já ele me sustinha nos seus braços, suplicando:

— Desculpa! Thor, o que fiz eu? Pequena, por favor... Estás bem? Perdoa-me!

Eu não me magoara, e o acidente fizera-o esquecer a bebida. Tinha-o exatamente onde o queria! Lentamente, fixei o seu olhar e toquei-lhe no rosto sofrido, apelando com firmeza:

— Tu não podes continuar a beber! Terás homens a depender de ti durante a viagem; homens que te confiam as suas vidas cegamente. Não podes decepcioná-los. Estás a escutar-me?

Throst mirava-me deslumbrado. Sobressaltei-me quando agarrou numa madeixa do meu cabelo, murmurando roucamente:

— Estás a brilhar... Quem és tu, Catelyn? Uma deusa?

— Throst...

— Tu és mágica... E tão bela...

Teria de ser eu a recuar, porque ele era um homem desprovido de vontade. Mas as minhas mãos não cessavam de lhe acariciar o rosto, por mais que eu lhes ordenasse que se aquietassem. E Throst continuava a fixar-me com embevecido encanto.

— De onde vem esta luz que irradia de ti?

Era evidente que ele não dormia há muitas noites. Os seus olhos estavam encovados, a sua pele avermelhada, a barba loura demasiado crescida e os cabelos desgrenhados. A sua beleza selvagem tirava-me o fôlego. Não tive força para afastá-lo quando enrolou os dedos nos meus caracóis.

— Eu quero mergulhar nessa luz... Eu quero mergulhar em ti, Catelyn! Ajuda-me... — Subitamente, a sua voz esmoreceu. — Por que me sinto tão mal? Por que sinto tanto medo? Eu nunca temi a morte... E agora fraquejo diante dela! Eu quero viver, Catelyn! Eu quero viver...

Perdi o fôlego, atordoada. Os meus piores receios confirmavam-se. Throst conhecia a sua sorte! Mas, então, por que teimava em enfrentar o perigo? Por que não desistia simplesmente da campanha? Sem pensar, abracei-o, e ele correspondeu como uma criança assustada. A bebida corroía-lhe a vontade. Estreitou-me com declarado desespero e desatou a chorar. E eu queria chorar com ele...

— Faz a dor desaparecer, Pequena! Por favor, meu amor... Faz a dor desaparecer...

Mordi os lábios para que o coração não me saltasse pela boca. Teria ele consciência do que acabara de dizer? Não! Throst estava embriagado... Mas o brilho do seu olhar não mentia!

— Catelyn... — Prendeu o meu rosto entre as suas mãos, subitamente decidido. — Eu não consigo lutar contra isto! Já não

posso mais...

Ia beijar-me. E, se ele me beijasse, eu corresponderia até que os nossos corpos saciassem a fome que nos consumia! Apelei, num último esforço de vontade:

— Throst... Escuta-me... Vamos para dentro. Tens de dormir e recuperar as forças. Eu ficarei junto de ti. Prometo! Quando estiveres bem, conversaremos...

— Ficarás comigo? — cortou, incrédulo e suplicante.

— Já te prometi que sim!

Lentamente, ele apoiou-se em mim e permitiu que eu o guiasse até casa. Assim que chegou à cama, tentou puxar-me para o seu lado, mas eu insisti em sentar-me no chão. Throst já não teve ânimo para protestar. A energia curativa que eu lhe transmitia restabelecia-lhe a paz de espírito. Aos poucos, o sono que teimara em escapar-lhe durante semanas, tombou-lhe na cabeça como um rochedo. Contudo, antes de fechar os olhos, o guerreiro ainda implorou:

— Não me deixes...

CAPÍTULO 8

Por regra, tenho um sono leve. Contudo, nesse dia, não despertei quando a casa acordou. Não ouvi Ingrior enviar os rapazes à aldeia, nem pedir a Katla e a Jodis que a acompanhassem ao mercado. Quando a manhã me surpreendeu, eu estava sozinha com Throst, a fogueira ardia intensamente e o cheiro da comida cozinhada perfumava o ar.

Movi-me devagar para não incomodar o senhor da Aldeia do Povo. Sentia-me toda dorida porque dormira sentada no chão, com a cabeça apoiada na grande arca forrada com lã de ovelha, que era a sua cama. Espreguicei-me e aconcheguei-me à manta quente e macia que alguém colocara por cima dos meus ombros e distraí-me a observá-lo. Aparentemente, a minha intervenção trouxera-lhe sonhos reparadores, pois a sua expressão serenara. Throst só precisava tomar um bom banho! O seu cabelo estava sujo e embaraçado, e a barba encrespada não via lâmina há muitos dias. O odor do seu corpo era intenso, mas não desagradável e enjoativo como o da maioria dos homens. O guerreiro cheirava como um puto traquina que passara o dia a brincar na rua.

A pequena coruja branca abriu um olho para me mirar e tornou a fechá-lo, decidida a desfrutar do inesperado sossego matinal. Eu imitei-a e permiti que o meu pensamento voasse. Throst chamara-me “amor” num momento em que a sua vontade se encontrava desprovida de censura; num momento em que me confessava os seus desejos e temores. Poderia ser verdade? E se fosse...?

Despertei pela segunda vez com uma carícia quente na nuca e no rosto. Não me movi; apenas o meu coração se manifestou. Se eu não voltasse a sentir o afago das mãos de Throst, recordaria este instante para o resto da minha vida.

— Pequena... Eu sei que já acordaste... Olha para mim, Catelyn!

Obedeci. Ainda restavam sinais de cansaço no vasto azul do seu olhar, mas o desespero desaparecera. Throst era novamente o

homem forte e controlado que eu aprendera a admirar. Ele assumiu uma expressão solene quando disse:

— Peço desculpa por te ter forçado a dormir no chão. Deves estar muito desconfortável!

A sua mão continuava na minha nuca e eu esqueci as recomendações da mente e acariciei-lhe a barba, enquanto respondia:

— Eu sinto-me bem. Nem percebi quando os outros saíram...

— A minha irmã é uma raposa matreira!

Eu partilhava da sua opinião. Imaginava a satisfação de Ingrior quando nos vira, apressando-se a deixar-nos sozinhos e entregando à sorte o desfecho desta aproximação.

— E tu? — perguntei. — Estás melhor?

Throst esboçou um meio sorriso que depressa finou.

— Estou a aprender a aceitar o que não pode ser alterado. Tu tens razão! Eu tenho sido um irresponsável! Mas não voltará a acontecer! As vidas dos meus homens dependem da minha firmeza e confiança.

Servi-lhe a comida, e o dono da casa aguardou que eu me sentasse à mesa para iniciar a refeição. Como o meu povo estava enganado a respeito desta gente! Por regra, os Vikings não eram criaturas brutas, ignorantes e porcas. Eram um povo rude, mas por imposição da vida.

Fiquei desconcertada quando ele me pediu:

— Fala-me de ti, Catelyn! Fala-me da tua casa... E dos teus irmãos...

Conversamos durante muito tempo. Contei-lhe que vivera uma infância maravilhosa. Narrei as brincadeiras junto ao ribeiro, como gostava de correr descalça pela floresta e de trepar às árvores. A coruja abriu os olhos, mas manteve-se quieta, como se nos escutasse atentamente. O nome de Lorde Garrick não foi mencionado. Eu sabia que seria uma afronta falar do meu pai na casa de Thorgrim. Também não me atrevi a contar-lhe a minha história recente e a invasão de Myrna. Throst já tinha demasiados problemas. Eu desejava animá-lo, não preocupá-lo inutilmente.

Por seu lado, Throst confiou-me algumas das suas aventuras de menino. Falou com especial carinho do cavalo malhado que o pai

lhe oferecera quando ele fizera dez anos, e que acompanhara o seu crescimento.

Entusiasmou-se ao revelar que planeava construir uma comunidade na maior ilha do grande arquipélago banhado de sol que eu conhecera na viagem. Exprimiu a amizade inabalável que o unia a Krum, as suas expectativas para o futuro de Bjorn, longe de qualquer sombra de guerra, a adoração pelo sobrinho... Não nomeou Gunnulf nem Halldora. Também ele não queria estragar a nossa harmonia. Eu poderia passar o resto da minha vida a falar com o homem diante de mim, sem me enfadar. Esforçava-me por esquecer que o tempo voava impiedosamente e que esta talvez fosse a nossa última conversa. E, se muito do que eu desejava ficaria por dizer e fazer, pelo menos uma coisa ainda estava ao meu alcance. Engoli em seco, antes de perguntar:

— Prometes portar-te bem?

Throst ergueu as sobrancelhas numa interrogação:

— Quando foi que eu me portei mal?

Corei ao recordar a noite em que a paixão nos arrebatara. Ele adivinhou-me o pensamento e beijou-me a mão, murmurando com carinho:

— Se eu pudesse mudar o passado, Catelyn, essa noite seria diferente. Eu queria que tu me desejasses... E acabei por importe o meu desejo!

Sufoquei a vontade de lhe confessar que o seu ardor não fora uma imposição, enquanto lhe apertava a mão, apelando sumidamente:

— Vem... Vou preparar-te um banho.

Throst agarrou na sua túnica e encostou-a ao nariz.

— Estou muito sujo?

— Pior! — gracejei, lutando para não me acobardar. — Estás imundo!

Temperei a água e perfumei-a com ervas. Voltei as costas e permiti que o chefe viking se despisse e entrasse na tina. Depois, fui até ele, tomei o pano das suas mãos e comecei a esfregar-lhe os ombros com suavidade. Percebi que Throst ficava tenso. A sua voz enrouqueceu quando exclamou:

— Não tens de fazer isto, Catelyn!

Sorri deliciada, retrucando:

— Não queres?

— Sabes bem que sim, mas... — Segurou-me o queixo, forçando-me a encará-lo. — Não quero que te sintas obrigada... Ou desconfortável.

Não consegui sustentar o meu sorriso. A intensidade do seu olhar punha-me a tremer.

— Queres que me vá embora?

Apesar de tudo, eu estava a adorar provocá-lo e, mais velho e experiente, Throst depressa o compreendeu. Acariciou-me o rosto devagar, replicando:

— E se eu não puder controlar os impulsos do meu corpo?

Inclinei-me e tomei a iniciativa de beijá-lo no rosto.

— Fecha os olhos... Pensa no teu mar, na terra nova... Pensa em coisas boas e bonitas.

A sua resposta foi imediata:

— Tu és tudo em que eu consigo pensar, minha Pequena!

Silenciei-o com os meus dedos. Throst obedeceu e acomodou-se como se estivesse adormecido. Livre do azul ardente do seu olhar, foi-me mais fácil perder a inibição e apreciar o que fazia. Agora eu entendia o porquê dos risos e cochichos das escravas, naquela noite inesquecível. O corpo masculino reagiu de imediato ao meu toque e o meu corpo à visão do dele. Enquanto Throst apertava as mãos sobre a madeira da tina, eu aquietei o fôlego, aprisionei a imaginação e concentrei-me em desembaraçar-lhe os cabelos rebeldes, aparar-lhe a barba dourada e limpar-lhe o suor da pele.

Era impossível não reparar nas muitas cicatrizes que o marcavam, cada uma com a sua história; memórias de um passado que eu não queria conhecer. Sabia que o homem que as minhas mãos acariciavam não era o mesmo que combatera o meu povo. E eu também não era a menina que o enfrentara de espada em punho. A nossa transformação iniciara-se no instante em que os nossos olhos se haviam encontrado. E nenhum de nós podia negá-lo!

O que começara por ser uma experiência aprazível transformava-se rapidamente num doloroso exercício de vontade. Throst sentia cada toque dos meus dedos como a faísca de um raio, e eu

agonizava com a vontade de beijá-lo. Decidi pôr fim ao nosso tormento, murmurando junto do seu ouvido, com a maior firmeza que reuni:

— Vou deixar-te terminar. Estarei lá fora...

Saí sem esperar pela sua reação e desatei a correr, a correr sem parar. Quando perdi a força nas pernas e caí, surpreendi-me no cemitério dos antepassados de Throst; o lugar onde, muito em breve, os que o amavam viriam prestar-lhe homenagem.

Enrolei-me sobre o meu próprio corpo e apertei os olhos com força, trespassada pela dor. O que podia eu fazer para mudar o que estava destinado? Por que a Visão não me revelava o outro caminho que a vidente profetizara; o caminho que libertaria Throst da sombra da morte? De que me servia ser uma feiticeira, se não tinha o poder de salvar aqueles que amava?

A vertigem esmagou-me como uma pancada na cabeça, enquanto o meu sangue se transformava em fogo líquido. Eu acabara de admitir... Não! Não era possível!

"Catelyn..."

Abri os olhos a custo. Diante de mim estava Trygve, o Lobo Cinzento. Possuída por uma angústia maior do que o próprio ser, arrastei-me até ele. Com um ronco de furioso desespero, apertei-lhe o focinho entre as minhas mãos e afundei-me no seu olhar de luz, até que, nas profundezas daquela alma atormentada, encontrei Trygve, o homem. Aos meus soluços convulsivos, juntaram-se as suas lágrimas. Abraçamo-nos, e a sua voz etérea envolveu-me como uma brisa:

"Prima... Não sofras por mim!"

— Eu quero tanto ajudar-te...

"Só poderás fazê-lo solucionando o enigma que te atormenta!"

A energia que nos unia fez-me ver para além das suas palavras.

— A tua salvação não está nas minhas mãos — concluí ofegante. — Está nas mãos do Throst!

Ele acentuou sem hesitação:

"A *salvação do nosso povo está nas mãos do Throst, Catelyn! E a salvação do Throst está nas tuas mãos!"*

E assim eu voltava ao ponto de partida!

— Mas o que posso eu fazer?

“Escuta a vontade do teu coração...”

— O meu coração enlouqueceu! — repliquei amargurada. — Eu não posso entregar-me a este sentimento!

“E por que não?”

Tentei responder-lhe, mas a emoção toldou-me a voz. Foi a minha mente que gemeu em agonia:

“O Throst não me pertence!”

“Essa decisão é dele e não tua! Tu só tens de decidir a quem tu pertences!”

Desta vez, nem a voz da mente teve alento para argumentar. As minhas idéias eram um novelo cheio de nós cegos.

— É possível amar dois homens? — perguntei, por fim.

Os olhos que refletiam os meus faiscaram antes de ele declarar:

“Deves amar os vivos e saudar os mortos. Se o amor for verdadeiro, não se deseja a solidão e a infelicidade do companheiro, quando o destino separa realidades. Eu estou certo de que aquele que lamentas te diria o mesmo.”

Sentime derrotada, voando à deriva na minha cegueira.

— O Throst está decidido a fazer esta maldita viagem! — gemi dolorosamente. — Mesmo que eu admitisse... Mesmo que eu olhasse nos seus olhos e gritasse que o amava, nada mudaria!

“Tu mudaste o seu coração sem proferires uma palavra! O que importa é a tua essência... A verdade está no que és e não no que dizes. O caminho que procuras encontra-se a um passo, oculto pelas sombras do medo. Convence-te de que és mais forte do que os teus inimigos e vencerás!”

A nossa ligação estava a finar. A energia consumia-se rapidamente, e o rosto de Trygve tornava-se transparente entre as minhas mãos. Ele também o sentia. Beijou-me a testa, enquanto a sua voz flutuava como um sussurro:

“Quando o momento chegar, diz à Ingrior que o nosso amor é eterno e que voltaremos a encontrar-nos noutra vida. Porém, no tempo que lhe resta, ela deve procurar a felicidade sem arrependimento nem culpa. O meu coração encontrará conforto na sua alegria, no riso do nosso filho e no riso de todas as outras crianças que tiverem os nossos olhos.”

Um clarão insuportavelmente forte forçou-me a recuar. Quando eu recuperei a visão, estava sozinha. O meu primo, homem e lobo, desaparecera sem deixar rasto. A profunda tristeza que se instalava no meu peito acompanhava a certeza de que não tornaria a vê-lo.

Throst esperava-me sentado na entrada de casa e, mal me avistou, veio ao meu encontro.

— Aonde foste, Catelyn?

A exigência na sua voz alarmou-me. Aproximei-me devagar e respondi cautelosamente:

— Estive na floresta. Precisei ficar sozinha por algum tempo...

— Por que?

Raios! Ele estava tão bonito e perfumado! Seria ótimo poder saltar-lhe para o pescoço, como a sua noiva fazia, e esquecer que o mundo existia.

— Porque estou confusa. Tu não és o único que tem decisões a tomar!

Tentei entrar na casa, mas ele segurou-me firmemente pelo braço.

— E essas decisões têm a ver com tua missão? Já encontraste as respostas que buscavas?

— Pensei que tu não querias saber...

Tentei escapar-lhe, mas fiquei aprisionada dentro dos seus braços. A segurança e a determinação de Throst haviam atingido o auge. O olhar azul deixou-me paralisada, arfando de antecipação, enquanto os seus dedos se entrelaçavam nos meus cabelos. As minhas pernas amoleceram, e o coração espinoteou quando ele redarguiu:

— Mudei de idéias! Quero saber tudo sobre ti, o teu poder, a tua missão... Diz-me, Pequena, quem és tu? Uma feiticeira?

Não foi fácil começar; explicar-lhe que, apesar de o meu sangue ser misto como o seu, eu fora feita feiticeira no nascimento para combater a criatura malévola que ameaçava destruir o mundo. Revelou-se ainda mais difícil encontrar palavras para lhe contar que parte do Conhecimento me fora transmitido por um livro escrito pelo seu avô, o feiticeiro que ele desprezava. Enquanto a aventura que era a minha vida se desenrolava, ao som do crepitar da fogueira e envolvida pelas sombras da casa, tornava-se cada vez mais incerta a separação entre as nossas terras, as nossas famílias e os nossos

destinos. Sentados à mesa das refeições, frente a frente, algo dentro de nós mudava a cada palavra; a forma como nos olhávamos não voltaria a ser igual.

Muitas vezes o surpreendi de cabeça baixa, com o sobrolho franzido e os olhos marejados de lágrimas, numa luta sem tréguas entre as convicções que mantivera toda a vida e a vontade de compreender o que a razão não podia explicar. As suas questões eram diretas, de resposta simples, e, contrariando o meu temor, nunca emitiu juízos de valor acerca da minha família. As suas emoções apenas extravasaram por duas vezes. Uma, foi para manifestar a sua satisfação por ter cortado a cabeça a Oliver de Goldheart. A outra foi para falar de Tristan.

Eu conseguira a proeza de relatar os fatos sem denunciar o amor que vivera. Justificava a mim própria que o fazia para manter privado o mais sagrado dos sentimentos. Porém, uma voz furiosa e acusadora berrava dentro da minha mente: *"Tu não queres é que o Throst perceba que existe outro homem na tua vida!"* Todavia, foi inútil! Perdi o fôlego quando o guerreiro provou que nenhum pormenor lhe escapava:

— Quem era o jovem que o Goldheart matou na cavalariça e por quem tu mostraste tanto afeto? Não era um dos teus irmãos!

O que podia eu responder, senão a verdade?

— Ele chamava-se Tristan e era filho do chefe da guarda do meu pai. Crescemos juntos... E...

Throst estendeu as suas mãos e segurou as minhas, completando:

— E apaixonaram-se?

Confirmei e desviei o rosto, com a cabeça a latejar. Ele acariciou-me os dedos, continuando num tom baixo, mas decidido:

— O teu amigo era um homem muito corajoso e um bom guerreiro. Tive oportunidade de observá-lo durante a batalha. Toda a sua dedicação foi para ti e lutou bravamente até ao fim. Deves orgulhar-te do teu amor, Catelyn! Ele salvou-te a vida.

E orgulhava-me! Mas também me orgulhava do homem que estava diante de mim, porque não se deixava cegar pelo rancor. A sua percepção e astúcia provavam uma excelência ante os demais. E a sua sensibilidade tocava o meu coração, tão profundamente,

que me assustava. As lágrimas escorreram pelo seu rosto quando murmurou:

— Aquela manhã mudou o rumo de dois povos... E eu comprometi a tua missão ao trazer-te para a Terra Antiga! Mas o que mais podia fazer?

Expliquei-lhe que a minha viagem era inevitável, quer fosse pela sua mão ou por qualquer outro capricho do destino, pois o feiticeiro que podia ajudar-me a derrotar Myrna encontrava-se na Terra antiga. Throst começou por pensar que eu me referia a “O Que Tudo Vê”. Quando desfiz o equívoco, fez-se da cor da neve e não escondeu a indignação e o receio:

— Não posso aceitar que te tenham imposto tão grande provação! Não era suposto que te protegessem? O Sigarr é muito perigoso... Temo por ti, Pequena!

— Então, não ficaste zangado? — balbuciei a custo. Ele abanou a cabeça, denunciando a confusão.

— Zangado?

— Eu sei o que tu pensas dos feiticeiros... — continuei, ansiosa e trêmula. — E acabaste de descobrir que albergas uma aprendiz da Arte Obscura sob o teu teto.

As suas mãos apertaram as minhas, antes de replicar:

— Uma das poucas certezas que eu possuo nesta vida é a tua bondade. Se te sujeitaste a essa perversão, foi porque não tiveste escolha, e eu imagino o quanto estás a sofrer. Porém, é de esperar que tu me olhes com esse temor! Desde que te encontrei, nada fiz além de ofender-te com a minha brutalidade! — Esticou uma mão para tocar na pedra de Aranwen. — Coloquei em risco tudo aquilo por que lutas com tanta coragem e pelo qual já sacrificaste tanto, com a minha prepotência, com a minha ignorância. Eu... — Engoliu em seco, desviando os olhos e recolhendo as mãos. — Eu não sou digno... Nem de

tocar num fio do teu cabelo!

Antes que eu pudesse segurar-me, estava a abraçá-lo com sofreguidão.

— Isso não é verdade! Tu também és muito especial! — Afastei-me o suficiente para encarar o azul atormentado do seu olhar. — Tens de acreditar em ti! Tens de confiar na tua força...

Os braços de Throst cingiram-me contra o seu peito. A minha entrega arrebatada desafiava o seu controle. Afundou o rosto nos meus cabelos, murmurando veementemente:

— Eu juro que, se regressar, tudo farei para corrigir os meus erros. Talvez ainda haja esperança... Eu não posso perder-te, Pequena! Eu não irei perder-te!

Nenhum de nós tinha condições para continuar esta conversa. Ainda ficava tanto por revelar: a traição de Sigarr, a perfídia de Gunnulf... Mas valeria a pena? Não iria fomentar perigosamente a sua raiva com as minhas acusações? Eu podia esforçar-me por despertá-lo para a necessidade de mudar de rumo, mas ele tinha de caminhar com os seus próprios pés, descobrir quem eram os inimigos e os aliados, senão tudo seria vão.

Deixei-me ficar aninhada no seu colo, escutando o seu coração. Quando Throst apelou, resolvi não responder e, julgando-me adormecida, ele deitou-me na minha cama e cobriu-me cuidadosamente com a manta. Depois, tornou a sentar-se à mesa, afundando a cabeça entre as mãos. Foi assim que a irmã o encontrou quando regressou a casa.

No dia seguinte, enquanto jantávamos, tivemos visitas inesperadas: Gunnulf, Arnorr e Sigarr. Um único esgar do meu mestre foi suficiente para eu saber que se avizinhavam grandes sarilhos. Mantive os olhos no prato, enquanto Gunnulf atacava raivosamente:

— Agora sentas os escravos à tua mesa, Throst? É óbvio que, nos últimos tempos, muita coisa mudou na casa do teu pai!

Esbocei a intenção de me levantar, mas Ingrior segurou-me o braço, replicando:

— Fica! Tu és minha convidada!

Ao mesmo tempo, a voz de Throst soou tão fria e ríspida que me arrepiou:

— A casa é minha, Gunnulf! Eu escolho quem se senta à minha mesa!

A conversa não estava a correr bem! Bjorn e Styrr entreolharam-se. Katla já pegara em Trygve e refugiara-se no quarto, logo seguida por Jodis. A coruja branca também desaparecera.

Eu imaginava Gunnulf da cor da fogueira, soltando fumo pelas ventas, com as tatuagens ameaçando saltar da pele. Foi uma surpresa ouvi-lo controlado quando apelou:

— Preciso falar contigo, primo. Posso afastar-te um pouco da tua família e dos teus convidados?

— Certamente!

Com um gesto simples, Throst pediu-nos que nos retirássemos. Ingrior deu-me o braço, levou-me para o seu quarto e fechou a cortina. Prevendo algo terrível, abraçamo-nos e ficamos imóveis, de respiração suspensa. A voz de Gunnulf foi a primeira a ecoar:

— Não percamos mais tempo! O Arnorr manifestou interesse em comprar a tua escrava. Nós estamos aqui para testemunhar o negócio. Qual é o preço da rapariga, Throst?

Senti o medo a espalhar-se pelo sangue como lâminas de gelo.

— Confia no Throst... — segredou-me Ingrior. A voz do senhor da casa já perguntava:

— E posso saber para que queres a minha escrava, primo? Após uma pausa, a resposta de Arnorr:

— Não é segredo para ninguém que a Pequena me agrada. Pretendo desposá-la e dar-lhe uma vida digna.

Throst praticamente não hesitou:

— Depois de a Halldora rejeitar a escrava, eu entreguei-a aos cuidados da Ingrior. Sinto muito, mas a Pequena não está à venda.

Fez-se um silêncio mortificante, quebrado pela voz rouca e irritada de Arnorr:

— Eu posso dar-lhe uma vida boa, Throst! Não sou qualquer um! Tenho sangue nobre! A Pequena jamais encontrará um pretendente melhor! Eu não quero tomá-la para amante e sim para minha esposa, para mãe dos meus filhos. Se estimas tanto a tua escrava, tens de admitir que o que eu lhe ofereço é muito mais do que tu lhe podes oferecer.

O silêncio que se seguiu deixou-me aterrada. A presença de Sigarr era mais do que significativa. De certeza o feiticeiro escolhera Arnorr para pai do meu filho. Se Throst me entregasse ao primo, eu estaria perdida. A voz do meu protetor soou, impaciente e gélida:

— Acho que não fui suficientemente claro! A Pequena pertence à minha irmã. Eu já não sou responsável pelo seu destino.

Foi a vez de Gunnulf estrelejar de ira:

— Então, chama a tua irmã à nossa presença, para que possamos consultá-la!

Ingrior esfregou-me os braços, enquanto negava com a cabeça. Era evidente que confiava cegamente em Throst. Ele não tardou:

— Isso não será necessário. A Ingrior tem planos para a Pequena. Jamais cederá!

— E por que não é ela a dizer-nos isso? — O vozeirão do guerreiro-urso sacudiu as paredes. — Por acaso a tua irmã tem medo de que eu a maltrate?

— Não seria a primeira vez, pois não Gunnulf?

Ao tom incendiado de Throst, Sigarr interveio de imediato:

— Calma, rapazes! Devo recordar-vos de que sois primos e amigos? Nenhum homem é obrigado a vender a sua propriedade se não o desejar, Gunnulf! O Throst explicará à irmã as boas intenções do Arnorr, e a Ingrior terá o Verão inteiro para tomar uma decisão. Não percamos mais tempo aqui! O regresso ainda é longo...

Ouviu-se um rugido e o estrondo da porta. Gunnulf e Sigarr haviam partido, mas Arnorr quedou-se e ainda insistiu:

— Por favor, primo, falarás com a Ingrior?

— Vai descansado, Arnorr. O teu desejo será transmitido.

A porta tornou a fechar-se e, num piscar de olhos, Throst estava junto de nós. Por trás dele, Bjorn gritava:

— Tu não vais vender a Pequena! Eu jamais te perdoarei se...

— Cala a boca, piolho! — replicou o irmão mais velho, afastando-o com brusquidão. — Não achas que já chega? Vai para a cama!

Bjorn afastou-se com a orelha murcha, e Throst encarou-me, perguntando:

— Se o Sigarr apóia a tua missão na Grande Ilha, por que razão se prestou a esta farsa?

Ingrior antecipou-se:

— O Sigarr está a garantir que a Catelyn não escapará ao seu domínio. O único objetivo desta proposta ridícula é afastá-la de nós. A Catelyn acredita que os seus dias nesta terra estão contados, e tu, querido irmão, negas o teu poder. Mas o bruxo vê mais longe e teme pela vossa proximidade. Ele sabe que, no momento em que vós assumirdes o vosso amor, ninguém travará a bandeira da paz. E

não é essa a bandeira que o Sigarr defende. O maldito fará tudo para que a profecia da Pedra do Tempo não se concretize!

O meu rosto pegou fogo, e o de Throst não ficou melhor. Ingrior não deixava passar uma oportunidade de afirmar a sua convicção e de nos repreender pela nossa teimosia. E, de cada vez que o fazia, as suas palavras pareciam ganhar força. Foi Throst quem se insurgiu, mastigando entredentes:

— A Catelyn já tem problemas suficientes, sem que queiras impor-lhe a tua vontade, Ingrior! — Baixou-se, fixando o meu olhar. — Sabes que, para mim, nunca foste uma escrava. Porém, para tua própria segurança, é melhor que todos pensem que assim é. Quero que te mantenhas longe do Gunnulf. Ele deu-me a sua palavra de que não te magoaria, mas, entretanto, muita coisa mudou. Já não sei se posso confiar nele! É melhor que evites sair sozinha, mesmo após a nossa partida. Os acidentes acontecem... Compreendes?

Eu já discuti este assunto com a Ingrior, e ela sabe o que deve fazer se eu não voltar. Aos olhos do povo, a minha irmã será a tua senhora e poderá libertar-te sem que sofras perseguições...

Pretendia dizer algo mais, mas a voz faltou-lhe. Antes que alguma de nós reagisse, já ele deixara a casa. Ingrior estremeceu, murmurando angustiada:

— Eu nunca o vi assim, Catelyn! O Throst vive obcecado pela certeza de que vai morrer... Tenho medo!

Embalei-a quando começou a chorar. O que podia eu fazer? Raios! O que podia eu fazer?

Sigarr aguardava-me na margem do ribeiro, mas não me recebeu com a aspereza habitual. Cumprimentou-me com um aceno de cabeça e disse sobriamente:

— Chegou o momento de nos despedirmos, Catelyn! Esperam-te meses de trabalho duro na quinta, mas não podes esquecer-te do nosso acordo. Tens de praticar, de dia e de noite...

O discurso continuou. Eu tinha! Eu devia! Não veria ele a minha angústia? E, se visse, que diferença faria? Eu não passava de um instrumento usado para atingir os seus objetivos. O estranho laço que nos unia confundia-me e enfurecia-me. Sigarr era um servo do

mal e o responsável por toda esta desgraça. Já atentara contra a minha vida e voltaria a fazê-lo sem remorsos, se tal lhe conviesse. Em que ponto da nossa relação eu me esquecera disto? Enfrentei-o desgostosa:

— Se está tão preocupado com o meu desempenho, por que apoiou a idéia disparatada do Arnorr? Eu não posso casar-me com um Viking! Tenho de regressar à Grande Ilha...

Sigarr interrompeu-me com um gesto cortante, replicando impaciente:

— Por vezes é necessário alinhar nas maiores tolices para evitá-las. Pensas que, sem a minha interferência, o Gunnulf teria recuado com tamanha facilidade? Acreditas, realmente, que o incapaz por quem te apaixonaste te pode proteger? Julgas que, sob qualquer condição, o Gunnulf permitiria que uma McGraw vivesse na sua terra, na sua casa, se eu não o tivesse convencido da tua importância, rapariga ingrata? Farias melhor se me obedecesses, em vez de me contestares! Os corações dos homens estão confusos, e o seu desejo, descontrolado. Sem a guarda do Throst, ficarás à mercê da luxúria que tão insensatamente tens despertado.

A raiva bateu-me no rosto e, sem pensar nas conseqüências, cuspi a acusação:

— O Throst é uma ameaça para os seus planos! Por isso, o senhor está tão ansioso por vê-lo morto! Se o neto de “O Que Tudo Vê” assumisse a sua missão, os conspiradores seriam banidos desta terra!

A sua gargalhada deixou-me assombrada. O olhar de Sigarr não denunciava indignação ou ultraje e sim um surpreendido agrado, como se eu tivesse atingido um objetivo que ele julgara fora do meu alcance. Ao invés de protestar, revidou num tom escarninho:

— Devo agradecer ao Criador por o Throst não possuir o teu poder de Visão e tu não exerceres o seu poder de persuasão. O tempo do guerreiro-lobo terminou! Ele fez a sua escolha e decidiu o seu fim. Terá uma morte honrosa, que cumprirá os requisitos que estes infelizes acreditam necessários para alcançarem o Paraíso. Não te preocupes com a sorte do Throst, Catelyn. Uma vez chegado ao Valhalla, terá cerveja, duelos e mulheres suficientes para nunca mais se lembrar da pequena enfezada que deixou para trás!

As suas palavras magoaram-me... E a língua voltou a trair-me:

— E depois do Throst quem se seguirá? O próprio Gunnulf? Qual é o seu propósito, Sigarr? O trono de um futuro País do Norte? Ou algo ainda mais ambicioso?

Em menos de nada, o feiticeiro estava junto de mim, e o seu olhar profanava-me com um ardor que eu desconhecia. Tentei recuar, mas não consegui mover um músculo, gelada de medo, mortificada pela idéia absurda de que ele tencionava beijar-me. Porém, tão rapidamente como se aproximara, Sigarr afastou-se sem tocar num fio do meu cabelo e replicou, desprovido de emoção:

— As forças que movem o mundo não são simplórias como a tua mente, minha néscia aprendiz! Concentra-te na tua ínfima importância e deixa os grandes desígnios para quem tem o poder de intervir no futuro. Caso ainda não tenhas compreendido, nós estamos a fazer história! Agora, eu vou apresentar-te o teu novo mestre. Imagino que tu já saibas o que isto é...

Repentinamente, uma bola de cristal negro apareceu na palma da mão de Sigarr. Mal contive um grito ao perceber que estava diante da Lágrima da Lua.

— Agarra-a, rapariga! Não irá morder-te nem sugar-te para o inferno!

Não me dei ao trabalho de disfarçar o tremor quando os meus dedos tocaram na superfície brilhante, repleta de faces minúsculas, que, ao entrarem em contato com a pele, perdiam a transparência e adquiriam cor. Os meus olhos escancararam-se e os lábios libertaram uma exclamação silenciosa de pasmo e maravilha. Tal como Ingrior, eu pensava que o cristal era a coisa mais bonita que já vira.

— Cada uma dessas faces é uma porta para um mundo — continuou Sigarr. — Explorá-los será o teu treino, na minha ausência. Existem muitos desafios para vencer... Desafios que jamais poderias encontrar nesta realidade, onde os ignorantes da raça inferior ainda defendem que nós somos o centro do mundo, que a Terra é plana e que o mar vai terminar abruptamente no abismo da sua estupidez.

Foi necessário um grande esforço para desviar os olhos da Lágrima da Lua e expressar a minha incredulidade:

— Vai deixá-la comigo?

Ele encolheu os ombros monotonamente.

— E por que não? Encara a minha generosidade como uma prova de confiança! O cristal pode ser manuseado por qualquer feiticeiro, ou mesmo por descendentes de sangue superior. Porém, a vontade do seu Guardião é soberana. Foi este o acordo firmado há muitos séculos. Isto significa que, se me tentares enganar, o próprio cristal se encarregará de te castigar!

Engoli em seco, irresistivelmente atraída pela bola mágica que pulsava nas minhas mãos.

— Como funciona? — perguntei ofegante. — O que tenho de fazer?

— A forma como o cristal comunica com cada feiticeiro é diferente. Liberta a tua mente, e ele próprio dar-te-á as respostas. Lembra-te de que cada vitória significará um passo adiante no conhecimento da Arte. E não percas tempo com assuntos menores ou a explorar coisas sem interesse, como o passado, ou coisas mutáveis, como o futuro. A Gwendalin não está a dormir!

Tornei a encarar Sigarr, sobressaltada por uma dúvida acutilante:

— A Gwendalin também aprendeu com a Lágrima da Lua?

Os lábios do Mestre da Arte Obscura retorceram-se num sorriso escarninho. Cruzou o manto por cima dos ombros com um gesto amplo, para se proteger do ar frio da noite, e desapareceu nas sombras, sem se dignar a responder.

“A salvação do Throst está nas tuas mãos...”

Mas as minhas mãos estavam vazias. Vazias de soluções. Vazias de tempo. Vazias de esperança... A única pista que possuía era a revelação da tragédia. Eu não sabia explicar o motivo, mas crescia em mim a certeza de que a resposta que buscava se encontrava aí. Quando presenciara o flagelo, ficara tão perturbada que nada mais vira além de sangue e morte. E se eu tivesse a oportunidade de reviver o momento da desgraça e de lhe extorquir a preciosa informação?

Até ao presente, a Visão ia e vinha, conforme a sua própria vontade, mostrando-me o que bem lhe apetecia. Mas eu podia experimentar domá-la aos meus desígnios, forçá-la a levar-me para

aquele preciso instante no futuro. Se não tentasse, viveria o resto da vida atormentada pelo remorso de nada ter feito para salvar Throst.

Nessa noite decidi arriscar tudo. Mal a casa se silenciou, e a única testemunha dos meus passos furtivos era a pequena coruja, dirigi-me ao templo onde as pedras, branca e a negra me aguardavam. Acendi a fogueira e sentei-me diante dela, com uma tina de água entre as pernas e um punhado de terra dentro das mãos. Respirei fundo e apelei a todas as forças físicas e mentais, num esforço de concentração nunca antes ousado.

No início, nada aconteceu. O meu olhar esgazeado explorava cada pormenor da casa, da quinta, da aldeia adormecida, e pairava por cima do mar. No topo da Montanha Sagrada, a Pedra do Tempo estava envolta em fogo que incendiava o céu. O nevoeiro tombava sobre mim e sorvia-me a força. A grande Lua vermelha ria-se da minha fraqueza:

"Tu não irás vencer-me!"

"Queres apostar?"

O meu grito elevou-se, até dissipar o nevoeiro e estilhaçar o negro do céu. O azul brilhante de uma realidade longínqua encandeou-me a vista, e o meu clamor tomou a forma de um apelo:

— *Throst!*

Pisquei os olhos e fui esmagada pela imponência da fortaleza que ocultava o Sol. Hasteada no topo e balançando orgulhosamente ao sabor do vento, estava uma bandeira com um brasão que eu conhecia sobejamente bem: o escudo, o carvalho e o lago, bordados sobre o verde-natureza e o vermelho-sangue — os símbolos da minha família. Estaquei fulminada, ao aperceber-me do que isso significava, mas uma força dentro de mim impeliu-me a reagir. Se eu cedesse ao assombro, estaria tudo perdido!

Corri por entre o estridor das espadas e encontrei o guerreiro que procurava. Quando Throst caiu, eu tombei ao seu lado, berrando o seu nome em agonia, suplicando por um amor que deixara finar sem nunca ter tido coragem de o declarar.

— *Não... Não... Não!*

Os olhos azuis escancararam-se ao encontro dos meus, como se me pudessem ver. Deitei a cabeça no seu peito. Queria chorar, gritar, berrar... Mas já pouco mais conseguia do que respirar. A pele

do meu guerreiro estava úmida. O seu coração batia em debandada, e os músculos do seu corpo contraíam-se de dor.

— *Throst... Não!*

Tentei proteger-lhe a garganta e só então reparei que o seu pescoço se encontrava nu. O amuleto que representava o machado que Thor empunhava nas heróicas batalhas, oferecido pelo seu pai no dia do seu nascimento, depois de o elevar ao céu e abençoar, havia desaparecido. Contudo, antes que eu pudesse compreender o significado de tão estranha descoberta, a lâmina de um punhal trespassou-me a mão e degolou o gigante louro.

Despertei com os meus próprios gritos, oscilando perigosamente perto da fogueira. Arrastei-me para a segurança da sombra das pedras e esforcei-me por dominar a tontura que me banhava de suores frios. Os meus gemidos alternavam com o troar do coração. Throst ia morrer na Grande Ilha, pela mão de um soldado do meu pai. Poderia o pesadelo da guerra nunca mais ter fim?

Saltei de susto quando a porta do templo se escancarou. Ergui-me a custo, apoiando-me na pedra branca. Mal pude acreditar nos meus olhos, ao ver Throst diante de mim, tremendo como uma criança abandonada, com o rosto sem cor e os olhos esbugalhados de horror. Hesitou quando me viu, mas acabou por avançar e tomou-me nos seus braços. Eu estreitei-o com igual desespero, compreendendo o que se passara mesmo antes de ele confessar entre soluços:

— Voltou a acontecer, Pequena... Eu vi o meu fim...

— Eu sei... — murmurei, enrouquecida pela emoção. — Eu estive lá, contigo...

Os seus olhos encontraram os meus e denunciaram a confusão que o fustigava. Eu segurei-lhe no rosto e repliquei com toda a firmeza que consegui reunir:

— Isso não irá acontecer! Tu não vais fazer esta viagem, Throst!

— Eu não posso deixar de ir, Pequena...

— E por que não?

O meu desespero misturava-se com a indignação. Senti vontade de o acorrentar às pedras do templo, até o último *Drakkar* da Terra Antiga ter desaparecido no horizonte.

— Se eu voltar as costas a esta campanha, viverei o resto da vida com a cara no chão, escondendo-me da minha própria sombra como um covarde! — justificou fracamente, recuperando o fôlego e a serenidade. — Isso será muito pior do que a morte!

— Então, irás combater novamente a minha família? — Eu queria afastá-lo para deixar vincada a minha indignação, mas não tive força.

— Não, Catelyn! — retrucou ele com veemência. — O Gunnulf garantiu aos homens que esta será uma campanha de busca e exploração de novas terras, longe das costas da Grande Ilha...

— E tu acreditaste?

Throst enlaçou o meu rosto com as suas mãos, antes de responder:

— Se o meu destino for morrer nesta campanha, Catelyn, eu morrerei como um Viking, com o orgulho de nunca ter voltado as costas ao meu dever, de nunca ter traído a minha palavra! Se o meu corpo não puder descansar junto dos meus antepassados, restar-me-á a consolação de tê-los honrado até ao último sopro de vida. Esta é a minha convicção de homem! Sem ela, não sou ninguém! Entendes?

Não era a altura ideal para discutirmos as nossas divergências. Apesar de não concordar, eu compreendia que o orgulho de Throst era a raiz do seu espírito. Quebrá-lo, seria destruir a mente e o corpo do homem. Mas, mesmo sem o contestar, eu tinha o dever de lhe soprar para os olhos:

— Morrer nesta campanha não é o teu único destino! Recordaste das palavras da Velha do Tronco Oco? Há outro caminho para trilhares, que te levará para longe, talvez para a terra onde sonhas construir a tua comunidade. A vidente viu três filhos no teu futuro, Throst. Três reis! É nesse destino que deves acreditar! E é por ele que tens de lutar com toda a tua convicção...

Enquanto eu falava, a sua expressão alterou-se. Acariciou-me as faces com as pontas dos dedos, como se desejasse decorar os pormenores da minha pele. Por fim murmurou, rouco de emoção:

— Desejava... Desejava que pudesse ter sido diferente; tu e eu... A Ingrior teve razão desde o início! Eu nunca senti por ninguém o que sinto por ti, Pequena... Minha doce Pequena!

Aproximou o rosto devagar, hesitante, como se temesse que eu recuasse. Mas eu não recuei. Recebi os seus lábios e entreguei-me ao seu carinho, com toda a emoção que me estalava no peito. O seu ardor sabia a lágrimas, a dor e a saudade. Era uma despedida. A última despedida...

Foi ele quem tomou a iniciativa de quebrar o beijo. Vi que tirava o amuleto de Thor do seu pescoço e se preparava para colocá-lo no meu. Este gesto simples deixou-me apavorada. De repente, tudo se tornou claro como água. Assim se concretizava a desgraça!

— Throst, não...

— Por favor, Catelyn! — suplicou, ignorando o meu recuo. — Se eu tombar, pelo menos parte de mim estará contigo. Se o meu corpo não descansar aqui, o meu espírito viverá a alegria de ficar perto de ti, de acompanhar o teu regresso a casa, a tua vitória... De ver-te reencontrar o amor e gerar filhos...

Quis suplicar-lhe que parasse, mas não tive força. Desejei gritar que esta era a chave da sua perdição, mas as palavras não me saíam e, enquanto eu mergulhava na doçura do olhar azul, vi uma sombra ameaçadora erguer-se sobre a cabeça loura. Num esforço supremo de vontade, tentei devolver-lhe o fio, enquanto objetava:

— Desculpa Throst, mas eu não posso aceitar! Este amuleto carrega as tuas origens. É a tua proteção! A tua ligação ao teu deus...

— O meu deus sabe que eu não preciso de símbolos de metal para lhe provar a minha devoção. — Apertou-me as mãos, suplicante. — Não negues o meu presente, Catelyn! Causar-me-ás grande dor!

O machado de Thor queimava-me a pele. Aflita, ergui a mão para lhe tocar. Então, apercebi-me de que não era o amuleto de Throst que me incomodava. Era o amuleto de Aranwen! Depois de tanto tempo adormecida, a pedra mágica pulsava, respondia às minhas preces e fornecia-me a resposta pela qual, há tanto, agonizava. Sem que eu precisasse desfazer o nó, o fio deslizou para a minha mão. Ante o olhar incrédulo de Throst, tencionei colocá-lo no seu pescoço. As suas mãos frias detiveram-me.

— Não, Catelyn! Eu sei o quanto essa pedra significa para ti! Não podes arriscar-te a perdê-la! Como conseguirás cumprir a tua

missão sem ela?

— Da mesma forma que o teu deus vive em ti, também a magia do amuleto vive em mim — volvi sem hesitar. — Eu não estou a dar-te a pedra, Throst... Estou a emprestar-ta para que te dê sorte! — Como que afastadas por uma vontade Superior, as mãos do guerreiro cederam, e o fio deslizou e aninhou-se no seu peito. — A pedra voltará para mim! E tu também voltarás...

Eu sabia que era verdade. A sombra funesta que pairava sobre ele desvanecera-se. Throst voltaria à sua terra e cumpriria a promessa que fizera a Halldora, no dia em que ela nascera, uniria o seu povo e seria pai de três reis. Este era o seu verdadeiro destino.

— Catelyn...

— Promete-me... — impedi o seu protesto débil. — Promete-me que, aconteça o que acontecer, jamais te entregarás ao desespero e à escuridão! Jura-me que lutarás até à tua última réstia de força! Jura-me, Throst!

Com uma expressão solene, ele estendeu a mão que nos unia num pacto sagrado, e eu correspondi, enquanto interiorizava as suas palavras:

— Eu prometo... Eu juro pelo nosso sangue que tudo farei para regressar! Eu irei vencer a morte, Catelyn!

Respiramos o alívio desta nova esperança. O amuleto de Thor estava no meu pescoço, e o de Aranwen, no pescoço de Throst. A minha missão na Terra Antiga fora concluída e restava-me rezar para que a magia se concretizasse. Já não sentia raiva quando pensava na união de Throst e Halldora. Compreendia finalmente o significado das palavras de Trygve. O verdadeiro amor não era egoísta. Eu seria feliz se soubesse que Throst vivia a alegria de ver os seus filhos a crescerem. Apesar de não poder dizer-lho, sabia que o amava. Amava-o com todo o meu coração.

O dia que eu tanto temia chegou finalmente. Styrr estava eufórico e desejoso de partir, Bjorn resmungava, frustrado por não poder acompanhá-los e Ingrior afogava-se em lágrimas.

Throst despediu-se com um sorriso e a confiança renascida no olhar. Escondera a pedra de Aranwen dentro da sua túnica, para

que o nosso segredo fosse preservado, mas eu sentia-a pulsar com as batidas dos nossos corações. O desfecho desta batalha já só dependia da caprichosa sorte.

Sustive a respiração quando Throst se deteve à minha frente e aguardei por um aceno superficial. Afinal, não estávamos sozinhos e já nos tínhamos despedido. Todavia, perante o meu próprio assombro, o capitão abraçou-me com tanto ardor que eu quase perdi o chão. Afundou o rosto nos meus cabelos e murmurou baixinho, para que só eu o escutasse:

— Amo-te, Catelyn McGraw! Amo-te com o meu coração e a minha alma... Sem quaisquer barreiras ou condições. Amo-te...

Quando ele me soltou, eu cambaleei sem força nas pernas e tive de procurar o apoio de Ingrior. Mordi o lábio ao vê-lo montar no seu cavalo, logo imitado pelo alegre Styrr. Os guerreiros da Aldeia do Povo iam reunir-se aos companheiros na Herdade de Grim, de onde partiriam na manhã seguinte, depois da grande festa desta noite.

Styrr torceu-se sobre o cavalo e acenou um último adeus. Throst não olhou para trás.

CAPÍTULO 9

O Verão estendeu-se sobre a terra dos Vikings e encheu-me de admiração e encanto. Depois do Inverno agreste e rigoroso, eu jamais poderia imaginar que a paisagem se cobrisse de um manto verde suave, salpicado pelas cores vivas e alegres das mais belas flores. Era para mim uma felicidade acompanhar Bjorn aos campos e concentrar-me nos pequenos pormenores do treino da Arte, enquanto o observava a pastar o gado com a altivez de um líder, a guerrear com os outros rapazes para provar que era o mais forte, ou a subir às árvores para carregar um cesto com frutos maduros, doces e sumarentos, que depois me oferecia com um olhar enamorado.

Não muito longe de Bjorn estava sempre a filha de Sven, uma pequenita de oito anos, gorducha e corada, que desenvolvera uma adoração pelo mais jovem dos Thorgrim. Bjorn irritava-se com a constante perseguição de Dália. Contudo, se algum dos outros rapazes se atrevia a levantar a voz ou a lançar um olhar atravessado à sua admiradora, ele saltava para defendê-la como uma fera enfurecida.

Certo dia, Dália caiu durante uma brincadeira com as amigas. Do acidente só resultou um susto e um arranhão, mas ela continuava a choramingar, e eu depressa concluí que o fazia para atrair a atenção de Bjorn. Divertida, contei-lhes que, quando tinha a idade de Dália, também me sucedera o mesmo e que o mais forte e corajoso dos meus irmãos me carregara às cavalitas até casa, como um verdadeiro herói.

Foi o suficiente para que Bjorn se oferecesse para transportar Dália a casa dos pais, cortando caminho por entre as espessas searas da cor dos seus cabelos rebeldes. Apesar de os amigos quererem ajudá-lo insistiu em executar a prodigiosa tarefa sozinho. No final, a pequena brindou-me com uma piscadela de olho e um

sorriso deliciado. Eu tive a certeza de que a sua determinação a levaria longe. Dália já fizera a sua escolha.

Enquanto trabalhávamos na quinta, eu ia trocando com Ingrior experiências na arte de curar. Entre nós, a conversa nunca se esgotava. Ela pedia-me muitas vezes que falasse acerca da minha família, especialmente de Berchan e da sua aprendizagem com os Druidas. Havia nela uma grande fome de saber, que os livros do seu avô e os débeis conhecimentos que Anna lhe transmitira não conseguiam saciar.

A razão por que "O Que Tudo Vê" se mantinha escondido do mundo permanecia um mistério. Ingrior confessou-me que, durante os dias mais negros da sua vida, colocara a hipótese de o avô ter enlouquecido depois do falecimento da avó e chegara a ponderar a opinião de Throst, que teimava que ele se envergonhava e ressentia da sua descendência humana. Para mim, nenhuma dessas explicações era verossímil. Se o Guardião da Lágrima do Sol estivesse louco, não teria orientado Ingrior durante anos; e por que se envergonharia dos netos humanos, se estes eram maravilhosos? Não! Hakon escolhera a sua solidão em consciência e por motivos muito fortes, fora do alcance da nossa imaginação.

Não tornei a subir a Montanha Sagrada, apesar de Ingrior me ter solicitado muitas vezes. Temia enfrentar novas revelações, quando ainda não compreendera a contradição das primeiras. Como podia a Pedra do Tempo escolher Throst para unir o seu povo e colocá-lo no caminho da paz, admitindo simultaneamente que o rei desse povo seria um ambicioso assassino sem escrúpulos? Além disso, eu não conseguia afastar do pensamento o que vira no quarto do dragão. Depois do que prometera a Sigarr, ponderar a possibilidade de viver o amor nos braços do guerreiro viking era tão angustiante como admitir que estava condenada à solidão.

No pouco tempo livre que me restava, descobri o prazer de bordar. Segurava a túnica de Throst entre os dedos e sentia-o junto de mim, murmurando na sua voz intensa:

"Amo-te, Catelyn McGraw..." Enquanto isso, o desenho do dragão fixando o Sol, testemunho da sua linhagem mágica, tomava forma. A esperança de que, um dia, Throst usasse a túnica com o mesmo carinho com que eu a bordava dava-me coragem para continuar.

Noite após noite, o meu corpo repousava na cama, mas o espírito vagueava sem descanso. A floresta escondia a minha prática da Arte Superior, o aperfeiçoamento da magia que não podia revelar a Ingrior, a descoberta dos mistérios da Lágrima da Lua... E, à beira do ribeiro de águas sagradas, junto da pedra que testemunhara a minha união de sangue com Throst, encontrei um equilíbrio que julgara inatingível. Pela primeira vez, comecei a acreditar que a vitória estava ao meu alcance.

Passei a tarde na aldeia, tentando salvar um ancião cuja idade abençoada se transformara num tormento. Para meu desespero, falhei. A sua família agradeceu-me pela dedicação e por ter-lhe amenizado a dor nos últimos instantes, mas eu sentime revoltada com a fragilidade humana, angustiada com a precariedade da vida.

Regressei a casa, fugindo das sombras da noite que ameaçavam cobrir-me. Estava a chegar quando aconteceu...

Comecei a ficar tonta; a sentir na boca o sabor a sal e a sangue, com o suor a escorrer pela pele, gelado como a chuva de Inverno. As minhas pernas perderam a força, e o corpo dobrou-se numa convulsão. Caí desamparada e os meus olhos abriram-se à escuridão. Mas ainda não anoitecera... Havia muita luz, apesar de o Sol estar encoberto pela fortaleza alta e inexpugnável. A bandeira dos McGraw agitava-se ao capricho do vento. Perto, uma voz que eu conhecia e amava entrou-me nos ouvidos como o sopro de uma trompa:

— Edwin, atrás de ti!

Olhei para Stefan, sobressaltada pelo reconhecimento, fustigada pela emoção e pela saudade. O meu irmão! O meu querido irmão! Estava tão diferente! Tornara-se um homem... Um guerreiro!

Na direção do seu apelo encontrei Edwin, um verdadeiro deus da guerra, forte e belo, a amparar o golpe de um inimigo com o seu escudo e a trespassá-lo com a espada. O meu sorriso de encanto finou de imediato, ao reconhecer o homem que tombava. Eu vira-o muitas vezes na casa de Gunnulf, divertindo-se com as escravas. Isto só podia significar que...

O meu pesadelo ganhou vida quando Edwin se lançou em frente, varrendo os Vikings diante dele. Stefan seguiu-o. Clamavam por vingança. Procuravam pelo líder. Queriam o urso.

Gunnulf estava perto. Edwin precipitou-se ao seu encontro, com o olhar carregado de ódio, berrando como uma fera selvagem. Um homem de constituição equivalente à sua impediu-lhe a passagem. Os cabelos dourados do Nórdico brilharam aos moribundos raios de sol, enquanto as suas espadas chocavam no ar e os escudos se esmagavam com furor.

Eu quedei-me, impossibilitada de mover-me, incapaz de respirar, vendo os homens a girar à minha volta como fantasmas. Já presenciara esta batalha tantas vezes que a conhecia de cor. Mas nunca, jamais me apercebera...

O escudo de Edwin foi-lhe arrancado da mão, e o meu irmão cambaleou em desequilíbrio, mal conseguindo amparar a investida de Throst. O instinto fê-lo alcançar o punhal na bainha da bota e atacar com renovada exaltação. As espadas devoraram-se, e o meu irmão fraquejou mais uma vez, ante a força do adversário. Imobilizado contra o escudo viking, a sua vida pendeu na lâmina do guerreiro-lobo. Porém, nesse instante, a pedra vermelha de Aranwen brilhou como fogo por cima da sua cota prateada. Eu vi a chama a refletir-se no olhar de Throst e, nessa pausa de uma batida de coração, percebi que o ímpeto do meu amor afrouxava ao reconhecer o meu irmão. Edwin não lhe perdoou a hesitação e rasgou-lhe o ventre com um golpe rápido e preciso.

Enquanto eu corria ao encontro dos dois, bradando muda e histericamente, o corpo de Throst abateu-se sobre a areia. Tombei ao seu lado e encontrei o olhar azul, cintilante de agonia. E ele viu-me, tão claramente como eu o estava a ver.

— Pequena...

O seu gemido foi abafado pelo rugido do meu irmão:

— Malditos selvagens! Eu acabarei com a vossa raça, nem que tenha de matar-vos um a um...

O punhal brilhou na sua mão. Puxou pelos cabelos louros do inimigo para lhe expor o pescoço e baixou a lâmina.

— Não, Edwin! — supliquei entre soluços. — Não...

Senti a minha mente estourar e fui envolvida por um negrume gélido. Respirar era impossível, e a ausência de ar provocava-me agonias por todo o ser. Várias mãos imobilizaram-me, e, no meu tormento, ouvi a voz de Bjorn... Longe, muito longe:

— Quem é o Edwin? — E a de Ingrior:

— É o irmão dela! Que Thor nos ajude! O que está a acontecer?

Não sei quanto tempo permaneci desacordada. Despertei com o perfume de ervas curativas e a carícia das mãos de Ingrior, que molhavam a minha testa com um pano macio. Diante dos seus olhos encharcados, senti vontade de gritar. Como podia eu dizer-lhe o que acontecera ao homem que ambas amávamos?

Contudo, não foi necessário falar. Ingrior segurou a minha mão e abriu-a diante dos nossos olhos. A cicatriz que eu partilhava com Throst rasgara-se e derramara sangue. Enrouquecida pelo choro, ela perguntou simplesmente:

— O que podemos nós fazer, Catelyn?

O meu corpo estava fraco, mas a mente batalhava. Throst não morrera! Eu tinha a certeza de que mudara o seu destino quando lhe entregara o meu amuleto. Throst estava vivo e precisava de mim, da minha força, da minha magia. E só havia um lugar onde o meu espírito assimilaria a energia necessária para se lançar ao seu encontro. Chegara o momento de enfrentar os meus temores. Chegara o momento de encarar a verdade.

— Vou subir a montanha!

A convicção na minha voz sacudiu a esperança de Ingrior.

— Eu vou contigo.

Nessa noite, uma violenta tempestade de Verão, como não havia memória de outra igual, flagelou as Terras do Norte. O céu estava negro, e os Elementos, irados. Os relâmpagos transformavam a noite em dia, desferindo chicotadas de energia sobre a terra e o mar. Por muito tempo, a chuva teimou em resguardar-se, e o ar ficou insuportavelmente quente e úmido. Vários fenômenos de luz azul, amarela e vermelha pairaram por cima do mar, como línguas de fogo que rasgavam as vagas enraivecidas. Nos corações supersticiosos dos aldeões aterrados, crescia a certeza de que um demônio feroz fora libertado para destruir a humanidade.

Assim que eu toquei na Pedra do Tempo, perdi a noção da realidade e tombei na cama de erva virgem. A minha mente foi

disparada através do vazio, ao encontro de uma voz familiar... A voz do mestre da Arte Obscura:

"Ele virá conosco!"

"Não! Eu não posso deixá-lo..." — Era Krum quem retrucava, num tom enfurecido que não ocultava a aflição.

"Está decidido, Krum! O Sigarr pode dispensar-lhe cuidados que estão para além do teu conhecimento!" — A resolução de Gunnulf não admitia protestos.

"Então, eu irei convosco!" — Krum não desistia.

"Tu vais comandar o barco do Throst" — ordenava Gunnulf.

"Não confias em nós, Krum? Enquanto discutes, a vida do teu primo foge do alcance das minhas mãos!"

Sigarr! Feiticeiro pérfido e ardiloso! Eu não podia condenar Krum por deixar Throst entregue às suas mãos maliciosas. O meu primo fizera o que pudera pelo amigo, a quem amava mais do que a qualquer um dos seus próprios irmãos. A sorte de Throst estava decidida. Ou Sigarr assim acreditava!

O tormento era tão forte que me cortava a respiração. Era a dor de Throst... Diante dos meus olhos, que eram os seus, o véu de escuridão transformava-se num céu iluminado de estrelas, e eu conhecia o significado e os segredos de cada uma delas. Sabia que navegava a caminho de casa... Mas este não era o meu barco! Ouvia Gunnulf liderando os homens...

— Fecha os olhos, Throst. Entrega-te à paz que te aguarda. Não queres que a dor termine?

Sigarr? O que fazia este maldito junto de mim? Onde estava o Krum? Eu precisava do Krum...

E a escuridão regressava, fria e cruel. Mas, mesmo na inconsciência, a dor não me dava tréguas. O suplício era insuportável. O meu instinto escutava as vozes sussurradas, tão distintamente como se fossem brados soltos ao vento. Primeiro Gunnulf:

— Eu vou acabar com isto...

Depois Sigarr:

— Guarda essa arma! Queres despertar a indignação e a fúria dos que te seguem? O Throst é um homem venerado!

— Estarei a fazer-lhe um favor se terminar com o seu sofrimento! Apesar de tudo, não me agrada vê-lo agonizar...

— É tarde de mais para recuares, Gunnulf! Nós fizemos um pacto! E eu já te expliquei que comprometerás o teu futuro se sujares as mãos com o sangue do líder da alcatéia. Deixa o inimigo carregar esse fardo! O ferimento do Throst é suficiente para o condenar. Todos os homens acreditarão que eu fiz o possível para o salvar, e a tua reputação não sofrerá mácula.

— É melhor que esse maldito plano resulte, Sigarr! Ultimamente, os teus conselhos não têm sido de grande valia!

— Se seguisses os meus conselhos, não te terias metido nesta confusão, seu imbecil! Quem te mandou dar ouvidos à ruiva e atacar a Enseada da Fortaleza? A tua impaciência deitou tudo a perder! Se tivesses esperado, como eu te mandei, agora a cabeça do McGraw estaria pendurada na tua casa, o teu ingênuo primo iria conduzir-te pela mão até ao trono e nada disto teria sido necessário. Por vezes, temos de usar a inteligência, em vez da força. Mas é óbvio que isto está para além do teu entendimento!

A escuridão era medonha. Estava tanto frio... E tanto calor! Água! Eu precisava de água! O meu corpo ardia! O fogo consumia-me as entranhas... O olhar de Sigarr alimentava as chamas! A dor... A dor tão forte... Tão insuportável! Por que não acabava a dor?

De súbito, uma brisa de ar fresco... Uma voz doce ecoando no vazio, enchendo a noite de música... A minha voz:

Promete que não cederás ao desespero...

Promete que não mergulharás na escuridão...

Promete que lutarás até à última réstia de força...

Promete...

As estrelas enegreciam. O céu pintava-se de vermelho e sangrava. O mundo girava em redor da minha cabeça.

— Pequena!

O grito desesperado de Throst perdia-se no vazio. E outra voz respondia-lhe... A voz da própria Lua, sibilante como uma serpente gigante, cortante como a fúria de mil demônios:

Ela está tão longe de ti como a mais longínqua das estrelas. Não será tua! Ela nunca será tua! Desiste... Entrega-te... Morre... Morre!

A Lua tinha o rosto de uma mulher, tão belo como cruel. Eu conhecia esse rosto, mas não me recordava de onde. O desespero e a dor misturavam-se. E a Senhora da Lua fixava o meu olhar e enfrentava-me:

Como ousas desafiar-me, rapariga miserável? A tua morte não será apenas uma vitória! Será um verdadeiro deleite!

Mas o meu coração respondia-lhe sem hesitar:

Eu ainda não morri! E tu jamais vencerás!

Ao meu apelo, o Lobo Cinzento despertava, possante e feroz, decidido a resistir, determinado a triunfar. Corria pelo céu em perseguição da Lua, até caçá-la e rasgá-la em mil e um pedaços, com garras mais poderosas do que as lâminas das espadas sagradas.

A face da mulher desvanecia-se... E a luz azul que brotava dos seus olhos inundava o céu; brilhava, forte e quente, trazendo um coro de vozes suaves que albergavam a idade do mundo:

Tu és valoroso e corajoso, Throst, filho de Thorgrim... O teu coração é puro... Os nossos olhos estão postos em ti... Até aonde vai a tua força, guerreiro? Quão firme é a tua vontade? Lutarás até ao fim?

Throst lutaria! E eu lutaria ao seu lado!

Uma mão estendia-se no vazio. A mão magra, comprida e gélida de um feiticeiro negro tentava alcançar a luz azul e afastá-la. Mas a vontade da pedra mágica era mais forte. Desta vez, a voz de Sigarr vibrava dentro da minha mente:

“Maldita sejas, criatura néscia! Como conseguiste enganar-me?”

O meu corpo era trespassado por agulhas de gelo. Ouvia a voz de Throst clamando o meu nome, mas já estava longe, tão longe... A dor era tudo e preenchia tudo. O desespero fugia do domínio da razão... E a escuridão já não se desvanecia.

Abri os olhos e encarei a manhã. Demorei algum tempo para recordar onde me encontrava e o que acontecera. Junto de mim, Ingrior dormia com uma expressão descansada. E, por mais incrível que parecesse, era assim que eu também me sentia: fervente de energia, capaz de enfrentar qualquer dificuldade. Como era possível?

Já devíamos estar na Montanha há muito tempo, atendendo ao estado das nossas roupas. Dia após dia, noite após noite, Ingrior mantivera-me aquecida, aliviara-me a febre e alimentara-me com chás curativos. Mas isso não explicava a minha disposição... Então senti-o, forte e declarado como o ribombar de um trovão. A sua essência poderosa misturava-se com o ar e sarava todas as feridas do corpo e do espírito. Apesar de eu não conseguir vê-lo, sabia que Hakon estava perto.

— Por que não se revela? — gritei, sentindo a raiva rebentar-me no peito. — Apareça! Nós precisamos de si! O seu neto está a morrer! Não tem coração?

Uma brisa quente passou por mim e acariciou-me o cabelo sujo e suado com os seus dedos invisíveis. Segui-a, e os meus olhos encontraram o mar pincelado de pontos garridos. Os Vikings estavam de volta.

— Ingrior!

Ela acordou ao meu apelo e percebeu de imediato o que se passava. Montamos nos nossos cavalos, que curiosamente se encontravam prontos para partir, e galopamos montanha abaixo. Assim que saímos da floresta, começamos a encontrar pessoas que bradavam em prantos. A desventurosa novidade voava de boca em boca. Eu tinha o coração apertado, mas a minha determinação não esmorecia. Avancei a cavalo até a multidão tornar qualquer progresso impossível. Depois, sem esperar por Ingrior, desmontei e lancei-me numa correria furiosa.

Dentro do porto, a confusão era tão extrema que mal se conseguia andar. Os barcos já haviam aportado, e os guerreiros carregavam os feridos para terra firme. Os gritos e o choro eram ensurdecedores. Se algumas mães e esposas viam os seus homens chegar maltratados, outras recebiam a tenebrosa notícia da perda irreparável. Fui forçada a abrir caminho aos empurrões, aproveitando o fato de ser mais baixa do que os restantes para me esgueirar por entre as suas pernas. O coração guiava-me sem hesitação, e não tardei a escutar os berros de Halldora:

— Não! Não pode ser! Nós íamos casar!

Reconheci Throst pela túnica. Estava estendido no chão, assim como tantos outros. Temi o pior. Caí de joelhos junto dele, sem me

importar com o povo que nos rodeava, e supliquei com a voz embargada, enquanto tomava para mim a mão gelada que Krum segurara até então:

— Throst... Throst! Por favor...

— O Throst está a finar, Pequena! — soluçou Krum. — Não sei como resistiu até aqui... Eu... Eu não posso acreditar...

A tremer, levei a minha mão ao peito de Throst. A sua garganta estava intacta. A pedra azul brilhou e aqueceu debaixo dos meus dedos. Voltei a chamá-lo, num tom imperioso:

— Throst! Estás a ouvir-me? Abre os olhos!

Atrás de mim, Halldora rosnava:

— O que está a escrava a fazer aqui? Gunnulf, faz qualquer coisa! Que essa rameira tire as mãos do meu noivo, ou eu...

Os olhos de Throst abriram-se timidamente, e o rosto, macerado pela dor, esboçou um sorriso triste. A sua mão apertou a minha com a força de um passarinho doente. O murmúrio dos lábios desfeitos foi tão débil que só o meu coração o escutou:

— Pequena... Posso morrer em paz...

— Não, Throst! — bradei tempestuosamente. — Não lutaste tanto para desistires agora!

Forcei-me a reagir e afastei-lhe a túnica para observar o ferimento. Horrorizei-me ao verificar que estava terrivelmente infectado e exalava um cheiro pestilento. Sigarr nem sequer o limpara! E por que o faria? Não fora ele quem engendrara a morte de Throst?

— Nós não regressamos no mesmo barco — arfou Krum, agitado pela revolta, assolado pela negação. — O Throst veio com o Gunnulf. O Sigarr jurou que o salvaria...

O meu primo não precisava de me contar a traição daqueles em quem Throst confiava, pois eu vivera-a na minha e na sua pele.

Encarei Gunnulf e o colosso deu-me as costas. O seu desprezo ocultava um sorriso. Arnorr mal conseguia segurar Halldora, que se debatia para investir contra mim. E Sigarr também estava por perto, mirando-me com um olhar predador, onde a raiva e a vitória se misturavam.

“Eu avisei-te que esse homem estava perdido, criatura imprestável! Pensaste que os teus truques ridículos o poderiam

salvar?”

Estreitei o olhar e invadi a sua mente, ribombando de ódio na acusação:

“Julga que eu não sei que isto foi obra sua? O senhor não passa de um vil assassino!”

“Havia muitos homens para atender, filha da Grande Ilha! Deve-se auxiliar os que têm mais possibilidades de sobreviver. O *Throst estava para além de qualquer ajuda...”*

Era inútil discutir com o feiticeiro! Confirmei com Krum que já haviam providenciado um transporte para Throst e tentei ignorá-lo, mas Sigarr não desistiu de me atormentar:

“As tuas capacidades curativas não podem salvá-lo, tola desmiolada! Esquece-o e deixa os que lhe são próximos enterrá-lo com honra e glória. O Throst não faz parte do teu destino!”

Estreitei o olhar e repliquei como se lhe cuspisse no rosto:

“O meu destino, sou eu que o faço!”

Sigarr soltou uma gargalhada de desdém e desapareceu na multidão. Ingrior conseguiu finalmente aproximar-se. Caiu ao lado do irmão, gemendo o seu nome por entre lágrimas de aflição, enquanto lhe acariciava a testa. O rosto de Krum alagava-se de desespero, e ao dele juntavam-se muitos outros que estimavam o capitão. Já ninguém tinha esperança.

— A carroça está a chegar — alguém avisou por cima do meu ombro.

Denunciando um esforço sobre-humano, Throst tornou a abrir os olhos. Os seus lábios moveram-se, num murmúrio quase imperceptível, em resposta aos apelos de Ingrior:

— Querida irmã...

Demasiado perto, a voz de Halldora soou estridente e enraivecida:

— Throst, tu não podes fazer-me isto! Tu não podes morrer! Eu não quero passar pela vergonha de ter de lamentar o meu noivo!

Eu não acreditava nos meus ouvidos! O homem que Halldora declarava amar estava a morrer, e ela só se preocupava com o fato de, durante algum tempo, não poder comparecer a festas e namorar com outros pretendentes? À nossa volta ergueu-se um silêncio embaraçoso. As pessoas entreolhavam-se e questionavam-se se

teriam escutado bem. Para que não existissem dúvidas, Halldora insistiu, com a voz carregada de ressentimento:

— Estás a ouvir-me, Throst? Liberta-me do nosso compromisso! A escrava rameira que chore por ti!

Como num sonho, vi uma lágrima escorrer pela pele seca e gretada do capitão, enquanto ele sussurrava com grande dificuldade:

— Eu não... Te quero mal... Halldora... És livre...

Eu nunca vira Ingrior perder a cabeça, mas isto foi de mais até para ela. Ergueu-se de um salto e atirou-se à prima, esbofeteando-a com tanta força que a fez cambalear nos braços de Arnorr.

— Sua cabra! — gritou sem contemplações. — O meu irmão está a morrer, e tu só te importas contigo e com o teu perverso egoísmo. Maldita sejas! Maldita sejas para toda a vida!

Halldora levou as mãos ao rosto, rubra de ira e de embaraço, berrando em resposta:

— Maldita sejas tu e a tua casa, rameira! És tão puta como a escrava a quem dás abrigo!

Ingrior voltou para junto de nós, respirando pesadamente e limpando a face onde Halldora lhe cuspira. Bjorn chegara, entretanto, mas tiveram de afastá-lo para que se acalmasse. A carroça parou ao nosso lado, e os amigos de Throst moveram-no com cuidado. Contudo, era evidente que ninguém acreditava que o capitão agüentasse muito mais. Ingrior agarrou-me o braço, mal se sustendo nas pernas devido ao tremor que a fustigava.

— Ajuda-nos, Catelyn... Ajuda-o! Tu já fizeste milagres antes! Ainda podes salvar o meu irmão!

— Temo que esse milagre já não esteja ao alcance da Catelyn — interrompeu Krum, prostrado pelo desgosto. — O Throst já se afastou de nós...

Foi um regresso a casa penoso. Sentada na carroça, com a cabeça do capitão sobre o colo, eu apertava a pedra da minha avó contra o seu peito e amargava de impotência. O amuleto já cumprira a sua missão, e a sua força esgotava-se. Eu não conseguira salvar Throst. Apenas lhe adiara a morte, prolongando-lhe o sofrimento.

Ao meu lado, Ingrior esforçava-se por aplacar a dor do irmão. Bjorn seguia-nos a cavalo, elevando a cabeça bem alto, na pose

altiva e digna de um grande guerreiro, mas eu sabia a dor que o rasgava por dentro. Perto, ouvi Krum lamentar-se, mais para si próprio do que para nós:

— Nunca lhes perdoarei! Era uma ferida grave, mas simples... Podiam ter-lhe salvo a vida... Mas nada fizeram! Nada! Nunca mais! Juro pela minha honra e pela vida do meu filho, Throst, que jamais voltarei a pegar numa arma por Gunnulf! Prefiro morrer! Aquele homem não pode ser meu irmão! Aquele homem é um monstro!

Recordei o que acontecera, e os pormenores que desconhecia ser-me-iam revelados mais tarde. Edwin preparava-se para cortar a garganta de Throst quando se deparara com o meu amuleto. A surpresa e o choque detiveram-no o tempo suficiente para Krum intervir e defender o primo. Outros guerreiros vieram em seu auxílio e, no meio da confusão, conseguiram levar Throst para o barco. Gunnulf já ordenara a retirada e tudo o que havia a fazer era agarrar nos feridos que pudessem transportar e fugir. Sigarr impedira Krum de carregar o capitão no seu barco. A partir daí, o pesadelo era-me familiar.

A carroça avançava demasiado devagar para o tempo que nos restava. Ao nosso redor, dezenas de homens acompanhavam o amigo com deferência, remoendo o maior erro de estratégia de Gunnulf. Um erro premeditado! Para afastar o primo, como era vontade de Sigarr, o guerreiro-urso não se importara de sacrificar os seus guerreiros e sofrer uma derrota. O afeto e a confiança cega que Throst lhe devotava não tiveram nenhuma importância, diante da contrapartida que o feiticeiro indubitavelmente lhe prometera: o trono do povo viking. Ficava provado que Gunnulf não tinha coração e que a sua alma era tão negra como a de Sigarr.

Agora, o guerreiro da profecia não representava nenhuma ameaça para os conspiradores. A sua vida escorregava por entre os meus dedos como os seus cabelos de ouro. A idéia de perdê-lo era-me insuportável. Pensei que Hakon conseguiria salvá-lo, mas Throst não resistiria à subida da Montanha e, mesmo que sobrevivesse quem me garantia que “O Que Tudo Vê” apareceria se não se dignara a fazê-lo até ao momento? Tinha de existir outra solução... Algo que eu ainda pudesse fazer...

Assim que chegamos a casa, iniciamos uma luta contra o tempo. Aquecer água, preparar ungüentos, rasgar panos, untá-los... Krum e Ingrior foram de uma ajuda inestimável. Despir Throst lavá-lo para ajudar a baixar a febre e evitar piorar a infecção, eram coisas que eu não conseguiria fazer sozinha, debaixo de um nervosismo crescente.

À pedido de Krum, os homens dividiram-se e formaram uma barreira defensiva em redor da casa, a fim de impedirem quem quer que fosse de se aproximar. Bjorn já recuperara do choque e estava atento às nossas solicitações, assim como Jodis. Katla assumira a difícil tarefa de manter o pequeno Trygve sossegado e satisfeito.

O tempo passava a correr, mas dir-se-ia que enfrentávamos a eternidade. Throst desmaiara no porto, depois de libertar Halldora do compromisso, e não mais recuperara a consciência. Eu sentia esta batalha cada vez mais perdida. E a derrota implicaria o fim da guerra. Com Throst morreria o meu coração e a esperança de um povo.

O resto da casa acabou por adormecer de exaustão. Só eu, Ingrior e Krum continuávamos despertos, teimando o que se declarava impossível. Krum deu voz ao meu pensamento:

— O Throst não passará desta noite!

Ingrior cobriu os lábios para reprimir um soluço, e as lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Eu continuei a mastigar o dilema cortante que me perfurava as entranhas. Pensara e repensara nas opções que nos restavam e apenas encontrara uma... Um feitiço que me fora revelado pelo livro de magia que Berchan deixara ao meu cuidado, escrito pela mão do próprio Hakon e que, na altura, eu considerara a maior das loucuras. Um feitiço que ensinava a ludibriar e vencer a morte. Seria capaz de realizá-lo? E se me arriscasse e perdesse? Eu ainda tinha esperança de derrotar Gwendalin, libertar o meu povo e recuperar a minha casa. Valeria Throst tamanho risco?

A mente ordenava-me que aceitasse o inevitável. O coração instava-me a agir rápido. Tal como Aranwen dissera, o resultado desta luta decidiria o meu destino... E a sorte do mundo.

— O meu avô ainda pode ajudá-lo! — exclamou Ingrior, erguendo-se decidida. — Subirei a Montanha e suplicarei pela sua ajuda...

— Não há tempo! — Pus-me em pé, com o coração a galope no peito. — Se “O Que Tudo Vê” quisesse ou pudesse, já estaria aqui. O Throst só pode contar conosco!

Ela encarou-me, devastada pela agonia e pela revolta.

— E o que mais podemos nós fazer? Cruzar os braços e esperar que o meu irmão morra?

— O Throst não morrerá! — ripostei com firmeza. — Eu vou buscá-lo!

— Como?

Reuni o que necessitava e expliquei o que tinha em mente, instruindo-os acerca do que deviam fazer enquanto o meu espírito estivesse ausente. Krum impediu-me de continuar:

— Endoideceste, Catelyn? Aquilo a que te propões é muito perigoso. Podes morrer! Não é justo! Além disso, não estás suficientemente preparada para algo tão arrojado...

— Eu já decidi — afirmei sem pestanejar. — Confiem em mim! Eu preciso da vossa ajuda!

Ingrior estava muito assustada. Puxou-me para os seus braços, implorando:

— Catelyn, não! Eu não suportarei perdê-los aos dois!

— Não confias no poder de adivinhação e na sabedoria do teu avô? — Argumentei. — Diante do seu diário, tu perguntaste-me se eu tinha dúvidas. Hoje posso responder-te que acredito que “O Que Tudo Vê” previu o que está a acontecer. Por essa razão me entregou o seu conhecimento. Só Throst pode salvar o vosso povo. Se ele morrer, tudo perderá o sentido e o mal triunfará. — Dei uma mão à minha irmã de coração e estendi a outra ao meu primo, que a apertou com força. — Eu não estarei sozinha nesta viagem! Se confiarmos na magia e no afeto que nos une, a vitória será nossa! Vamos buscar o nosso guerreiro!

Afastei a manta que cobria o corpo robusto e fixei-o com o coração em debandada. Uma vez que iniciasse o feitiço, eu não poderia desistir sem causar danos irreversíveis na sua mente e na minha. Engoli em seco. Não me aconselhara Aranwen a seguir o coração? Não se revelara na Montanha e colocara a minha mão sobre a Pedra do Tempo? Que dúvidas me restavam? Nenhumas! Salvaria Throst ou morreria tentando!

A cortina fechou-se, isolando-nos do mundo. Cerrei os olhos e respirei fundo, chamando a mim a magia que me pulsava no sangue e esquecendo tudo o que ficava para trás. Eu era apenas Catelyn, neta de Cinaed e Aranwen, humana e feiticeira.

Com um gesto simples, deixei cair o vestido e desprovi-me de todos os artefatos humanos, à exceção do amuleto de Thor. Coloquei as mãos sobre o corpo de Throst, sem tocá-lo, e concentrei nelas a magia que acumulara. De imediato, estas começaram a brilhar intensamente, faiscando em contacto com o ar. Ouvi o assombro dos meus ajudantes, diante da manifestação do meu poder, mas não lhes prestei atenção. Por baixo das minhas mãos, a carne de Throst adquiriu brilho e assim permaneceu. Encostei os dedos à sua testa, e a energia cintilante espalhou-se pelo meu corpo. Era tarde para recuar.

Com todo o cuidado, deslizei sobre Throst. A força da pedra azul, que o mantivera vivo, estava prestes a fenecer. Senti a sua pele gelada, como se a morte já o envolvesse. O seu coração batia tão debilmente que mal se percebia. Descansei a cabeça no peito sólido e fechei a minha mão na dele. Nós estávamos unidos pelo sangue... O sangue levar-me-ia ao seu encontro.

As palavras que Hakon escrevera para que, muitos anos mais tarde, uma estrangeira marcada pelo destino tentasse salvar a vida do seu neto, fluíram dos meus lábios, primeiro hesitantes, mas assumindo um fulgor intenso enquanto a essência de Throst se fundia na minha. A minha mão começou a doer, e só a concentração me ajudou a suportar o tormento, qual espada de fogo que penetrava pela ferida se enterrava no meu braço e me trespassava a cabeça, ao mesmo tempo que a garganta secava e o corpo se incendiava. O ventre enviava-me impulsos de agonia, enquanto a minha carne se rasgava e apodrecia. Era impossível pensar... Era impossível respirar...

Abri os olhos e enfrentei a escuridão. Eu pairava no vazio glacial da minha inconsciência. Rajadas de um vento pútrido açoitavam-me a pele nua com o fedor da morte, enquanto a minha mente se contorcia em espasmos de horror. A dor estilhaçava-me a consciência, perfurando-me com agulhas de fogo e gelo. Mas eu estava disposta a enfrentá-la! Para encontrar o espírito de Throst,

teria de viver o seu martírio, gota a gota de sangue e suor, uma e outra vez, num sofrimento sem fim, até percorrer o caminho que ele já percorrera até a dor ser tudo e preencher tudo, até o desespero fugir do alcance da razão... Até alcançar o meu amor...

Ouvi a voz de Throst chamando o meu nome, mas estava longe, tão longe... Corri às cegas, num tempo irreal, seguindo o apelo do coração. Os meus pés enterravam-se na bruma, e era muito difícil avançar. O negrume envolvia-me e puxava-me para o interior da podridão. Mas eu continuava. Se não podia correr, arrastava-me. Se não podia gritar, sussurrava. Jamais desistiria!

"Poderá uma alma perdida unir uma alma quebrada?"

"Convence-te de que és mais forte do que os teus inimigos e vencerás!"

— Pequena...

— Throst...

Ele estava diante de mim, com as mãos no ventre e o sangue a escorrer por entre os dedos; o rosto belo desfigurado pelo tormento e encharcado em lágrimas.

— Perdoa-me, meu amor... Eu não agüento mais...

Gritei horrorizada quando um nevoeiro denso o agarrou e o sugou para o abismo. Viera de tão longe para perdê-lo no instante final?

— Não!

Sem hesitar, mergulhei atrás de Throst. Eu era uma feiticeira! A minha alma já não estava perdida. No vazio, vozes clamavam zangadas:

— Volta, Catelyn!

— Estás a ir longe de mais!

— É tarde...!

Rangi os dentes, enquanto ganhava velocidade. Não podia ser tarde! Eu não descansaria enquanto não devolvesse a vida ao corpo de Throst e unisse todos os pedaços da sua alma. O valente guerreiro já era apenas um ponto de luz azul no meio da escuridão, mas a minha determinação não enfraqueceu. Na vida ou na morte, o nosso destino seria igual.

Embati no próprio ar e fui fragmentada numa miríade de pequenos pedaços. Só a muito custo consegui erguer-me. Throst estava caído diante de mim, e a sombra envolvia-o na sua teia de

nevoeiro negro. Rasguei-a e abracei o corpo prostrado. Os dedos da névoa envolveram-me de imediato, e eu senti a minha pele arder, consumida por um fogo gelado. No peito do guerreiro, a pedra da minha avó pendia, fria e sem luz. Apesar da dor que me dilacerava, agarrei no seu rosto inerte e forcei-o a encarar-me, clamando com a força que me restava:

— *Throst... Throst, abre os olhos...*

Ele obedeceu, e a visão do seu olhar branco e sem vida deixou-me petrificada, como se toda a esperança fosse arrancada do meu peito com rudeza.

Das sombras, soou uma voz rouca e desequilibrada:

— *Deixa-o partir, Catelyn McGraw... Ou tomaremos a tua vida também!*

— *Eu não desistirei!* — repliquei, negando o medo que teimava em dominar-me.

— *Como te atreves a desafiar-nos rapariga?* — trovejou a voz. — *Pensas que a tua insignificante importância nos fará recuar?*

A minha mente expandiu-se e enfrentei quem me falava: grãos, partículas — a primeira, menor e mais forte essência do universo.

— *Fazei o que tiverdes de fazer! Eu lutarei pela minha vida, pela vida do meu homem... Pelo meu amor! Eu lutarei até ao fim!*

Sem hesitar, beijei os lábios cinzentos do guerreiro. Ouvi as vozes berrarem dentro da minha cabeça, mas ignorei-as. A pedra azul recomeçou a pulsar, como se tivesse adormecido por um mero instante para recuperar o fôlego. Finalmente, senti vida no corpo de Throst. Os seus braços trêmulos envolveram-me, e encontrei o olhar azul inundado de lágrimas.

— Pequena?

— Eu vim buscar-te, meu amor! Vamos para casa!

O bravejar das vozes coléricas tornou-se insuportável. Throst não se movia.

— Tenho frio, Catelyn...

— Eu sei querido! Mas tens de lutar... Só mais um pouco! Suplico-te, Throst... Vem comigo!

Por fim, ele moveu-se e permitiu que eu o amparasse. Seria uma subida longa e perigosa, com as garras da morte pairando por cima das nossas cabeças.

— Pequena... Onde estamos? Por que está tanto frio? Quem são estes que nos seguem?

Eu sabia as respostas para as suas perguntas, mas recusava-me a olhar para trás ou a permitir que ele o fizesse. Os nossos pés arrastavam-se sobre o mundo das sombras, e os seus habitantes reclamavam a nossa essência.

"Ainda não!"

A penosa e turbulenta subida deixou-me exausta. Há muito que não ouvia Throst. A pouca energia que conseguira transferir-lhe extinguia-se. O ar permanecia irrespirável, putrefato, fétido de horror e dor.

— Pequena...

Perdi a força, e Throst escorregou dos meus braços para o manto de névoa negra. De imediato, a bruma que nos seguia começou a devorar-nos.

— Trost, temos de continuar!

Só o meu coração escutou a resposta:

— Não posso... Mais... Vai... Salva-te... Por... Favor...

— Não! Não sem ti! Não sem ti, meu amor!

Por mais que tentasse, não tinha alento para me erguer. A névoa negra já assumira a minha forma. Estreitei Throst com desespero, saboreando o amargor da derrota. Seria este o nosso fim? Eu morreria perdida entre realidades, sem vingar a minha família, sem salvar o meu povo... E sem ajudar Throst a plantar a semente da paz? Todas as profecias não passariam de mentiras cruéis, que me haviam iludido e atirado para o abismo? Restava-me o consolo de saber que o meu corpo ficaria eternamente unido ao corpo do homem que me salvara a vida; que, apesar de ter todas as razões para me odiar, me amara até ao último suspiro...

Subitamente, uma brisa fresca surgiu do nada e rompeu a escuridão nebulosa, soprando-a para longe de nós. Aos poucos, a luz vencia a obscuridade, primeiro timidamente, mas logo assumindo um fulgor que derretia o gelo. A pedra azul tornou a brilhar. Abri os olhos, sonolentos e doridos, e recebi o vento perfumado no rosto. Cheirava a ervas curativas. Cheirava a energia positiva, a calor, a alegria, a paz de espírito... Cheirava à esperança de uma nova vida!

— Trost...

Ele também sentira a mudança. Ergueu o rosto devagar, inspirando com alívio.

— Vamos, Throst — ordenei. — Não podemos perder tempo!

— Tenho... Frio...

— Vem, Throst!

— Muito... Frio...

— Vem!

Arrastamo-nos, até tombarmos dentro do clarão brilhante. Um alívio infinito percorreu-me a carne e aqueceu-me o espírito. A guerra ainda não terminara... Mas eu já vencera a mais dura das batalhas. Provara que era capaz! Provara a minha força! E Throst não morreria...

Abri os olhos febris e encontrei-me em casa. A mão fresca e cuidadosa de um homem umedecia-me os lábios. A sua sombra falou, aliviada e emocionada:

— Finalmente, Catelyn! Começávamos a temer que vos tivéssemos perdido!

De onde conhecia eu esta voz?

— Berchan? — balbuciei insegura.

A minha visão clareou, enquanto Krum respondia:

— Muitas vezes, durante estes longos dias, desejamos ter o poder do teu irmão do nosso lado. Se foi difícil para nós, imagino o vosso sofrimento! Bem-vinda a casa, querida prima!

Deleitei-me com o ar fresco e regozijei-me por estar viva. Só então tomei consciência do corpo deitado ao meu lado e estremeci em sobressalto.

— Throst...?

— O Throst ficará bem, Catelyn! — respondeu Ingrior, apertando-me a mão. — Ainda não despertou, mas a febre e a infecção estão dominadas. A ferida já purgou e começou a sarar. Brevemente, tudo o que restará deste acidente será uma cicatriz feia e uma memória dolorosa. Não tenho palavras para te agradecer querida irmã.

Ingrior ajudou-me a banhar e a vestir, pois eu mal tinha alento para mover um dedo. Quando terminei, Krum já preparara um caldo forte para me ajudar a convalescer. Enquanto comia, observei Throst cuidadosamente. Os seus olhos estavam encovados e

negros, a pele macilenta e o cabelo ensopado em suor. Ele era o verdadeiro herói desta batalha. A sua coragem e força tinham determinado a vitória.

— Há quanto tempo estamos inconscientes?

— Há três dias — respondeu Ingrior. — Houve um momento em que desesperamos. A pedra da tua avó escureceu e paramos de sentir os vossos corações. Acreditamos que era o fim!

— Então, aconteceu uma coisa espantosa — continuou Krum. — Uma luz branca nasceu do nada e desceu sobre vós. Era tão poderosa que nos cegou...

— Eu senti a presença do meu avô, Catelyn — interrompeu Ingrior, sem conter o entusiasmo. — "O Que Tudo Vê" veio ajudar-nos! Não em corpo, mas em espírito...

— Assim que o Throst despertar, teremos de falar-lhe — prosseguiu Krum sobriamente. — Devemos forçá-lo a abrir os olhos! O Gunnulf e o Sigarr tentaram matá-lo. Eu tenho a certeza! Só não entendo por que...

Contei-lhes que o feiticeiro planeava colocar o protegido no trono do povo viking e que via em Throst uma ameaça ao seu domínio. Krum empalideceu, rosnando entredentes:

— A partir de hoje, muita coisa mudará! Não permitirei que a minha família continue a viver com um assassino.

— Esses monstros não podem ficar impunes! — vociferou Ingrior. — Têm de ser julgados...

— E onde estão as provas para acusá-los? — retrucou o primo, exasperado. — Qualquer homem que enfrente Gunnulf perderá e, perante o povo, ele será considerado inocente. E ninguém se atreverá a levantar a voz contra Sigarr!

— Neste momento, enfrentá-los é um erro — interferi convicta. — Temos de ser pacientes! Já muitos perceberam que estão a ser manipulados por esses tiranos e não tarda, mais vozes se erguerão contra a sua ambição assassina!

Todavia, apesar de conhecer a perfídia do guerreiro-urso e do seu feiticeiro, eu estava longe de imaginar os fatos que haviam desencadeado uma nova tragédia no seio da Terra Antiga.

Tal como Throst me afirmara, o objetivo da campanha era a exploração e a conquista de terras selvagens. Porém, conhecedor

das aspirações pacifistas do primo e temendo os apoios que este continuava a reunir, Gunnulf resolvera cortar pela raiz a contestação à sua autoridade. Iludindo Throst para o manter ao seu lado, cobrira-se com a capa da boa vontade e enviara um mensageiro ao reduto de Edwin McGraw com uma proposta de tréguas. Surpreendentemente, a resposta do meu irmão fora positiva, e os líderes encontraram-se para discutirem os termos desta abertura.

Porém, assim que teve acesso ao território inimigo e avaliou a sua resistência, Gunnulf ordenou o ataque. Throst declarou a sua indignação, mas não pôde contestá-lo. Estava preso a um juramento de sangue, e a desobediência faria dele um traidor do seu líder e da sua honra perante os companheiros, como o primo bem sabia quando lhe preparara esta armadilha.

Tal como o capitão, muitos homens tiveram de cerrar os dentes e avançar, presos ao compromisso assumido no Festival de Inverno. Quando desembarcaram na praia, o sonho da paz foi esquecido e todos combateram como um.

Contudo, Edwin antecipara a traição e estava preparado para enfrentá-los, ao contrário do que fizera crer. Derrotado, Gunnulf regressava a casa com a vitória escondida no negrume do seu coração. Acreditava que o ideal da paz fora definitivamente esmagado e acicatado o ódio nórdico contra o povo da Grande Ilha. A morte de Throst às mãos de Edwin McGraw afastava a ameaça à sua liderança e traria muitos aliados à sua causa, talvez mesmo Steinarr, da Terra dos Carvalhos. Estavam reunidas as condições para que os Vikings se unificassem na guerra contra os seus inimigos... Chefiados pelo guerreiro-urso, que seria coroado rei.

A ferida de Throst estava com bom aspecto e a sarar rapidamente. Apesar disso, ele manteve-se inconsciente durante dias, delirando com febre, soltando gemidos incompreensíveis, gritando e barafustando com tamanha brusquidão, que era necessário amarrá-lo para que não tombasse da cama. Chamava pelo pai, pela mãe, pelos irmãos, por Krum... Chamou por mim algumas vezes. E chamou por Halldora.

Ingrior soprava de fúria sempre que ouvia o nome da prima. O fim do noivado era público, e a notícia de que Gunnulf já ponderava as propostas de vários pretendentes depressa chegou até nós. Eu

temia o impacto desta novidade na saúde de Throst. Afinal, ele sempre afirmara que amava Halldora, e um sentimento tão forte não podia ser banido do peito de um dia para outro.

Quando repousava a cabeça, eu enfrentava outro dilema que me roubava o sono. Após despertar, Throst depressa assumiria a sua missão sagrada. E isso significava que os nossos caminhos iriam separar-se. Acreditar que a nossa união era possível revelava-se pura fantasia. Eu não podia ficar na Terra Antiga, e Throst não poderia seguir-me até à Grande Ilha. Era inconcebível imaginá-lo a combater ao lado dos McGraw, depois da batalha da Enseada da Fortaleza e da recente traição de Gunnulf. Além disso, ainda havia o pacto que eu fizera com Sigarr! E Gunnulf também viria reclamar a palavra do primo, por ódio e vingança, se ele se atrevesse a aproximar-se de mim. Throst estava salvo, mas jamais estaria seguro enquanto os dois malfeitores vivessem.

Por mais que o meu coração suplicasse o contrário, só me restava partir. E quanto mais rápido, melhor, pois a demora significava entrega e conseqüente sofrimento. Assim que Throst recuperasse, eu retornaria à Grande Ilha. Agora que testara a minha força, sentia-me ansiosa por enfrentar Gwendalin e certa de que iria vencê-la. Depois... Depois viveria de recordações.

CAPÍTULO 10

Throst despertou de noite. A sua voz estava fraca, mas eu acorri ao primeiro apelo. Quando encontrei o seu olhar azul e as nossas mãos se apertaram, pensei que ia explodir de felicidade.

— Pequena...

Toquei-lhe nos lábios, silenciando-o.

— Não te esforces! Estás muito fraco e terás de recuperar com calma...

Perdi o fôlego quando ele me puxou para junto do seu corpo.

— Tenho frio... Fica comigo...

Ingrior e Krum não tardaram a reunir-se a nós. A primeira tentativa de alimentar o nosso paciente não foi bem-sucedida. O jejum deixara-o muito debilitado, e o seu estômago recusava-se a aceitar até a água. Mas, aos poucos, dia após dia, o seu rosto foi ganhando cores e a voz revigorando.

Ao recuperar o controle dos sentidos, a primeira preocupação do capitão foi questionar da sorte dos seus companheiros e do desfecho da batalha. Com firmeza, insistimos que esse assunto devia esperar até que ele estivesse mais forte, pois as emoções podiam arruinar todos os progressos da sua saúde. Depois de alguns protestos e muitas resmunguices, Throst acatou.

As minhas noites transformaram-se num delicioso tormento. O gigante louro suplicava-me que partilhássemos a sua cama, e eu não tinha coragem de negar a ternura do seu abraço. Com a força a crescer-lhe no corpo, ele passava muito tempo desperto, a acariciar os meus cabelos. Por vezes, sentia-o trêmulo e imaginava que revivia o pesadelo. Quase sempre, Throst adormecia com a cabeça deitada no meu peito e o braço a rodear-me a cintura. E, por mais que eu tentasse resistir ao sono, o seu calor impunha-me uma dormência doce. Eu era um náufrago que finalmente encontrara uma praia segura... E Throst era o meu abrigo!

Krum regressou finalmente à casa do pai, e Gunnulf experimentou a segunda ferroada na sua convicção, depois de ter sido informado de que Throst sobrevivera. Sem atender aos protestos de Anna, o meu primo reuniu os seus haveres e partiu com Signy e o pequeno Eric para se instalar numa casa modesta, no coração da Aldeia de Grim, onde arrumou as armas e assumiu a sua vocação de curandeiro. Anna recusou-se a seguir o filho. Preferiu ficar na herdade com os enteados, agarrada com unhas e dentes à ilusão do poder.

A ferida de Throst continuava a sarar bem. Se tivesse sido antecipadamente tratada, ter-se-ia evitado a infecção que quase o arrastara para a morte. A sua constituição sólida salvara-o. O senhor da Aldeia do Povo era agora uma sombra do que fora, só com pele sobre os ossos, mas a sua vontade firme não dava tréguas à fraqueza. Forçava-se a comer e a descansar, mesmo quando o espírito rebelde tentava impor-se. Eu não tinha dúvidas de que, muito em breve, ele estaria de pé, completamente recuperado. E esse fato fazia-me pensar no futuro.

A sorte do meu pai permanecia um mistério. Krum só sabia que era Edwin quem agora liderava os Aliados e que a força militar da Grande Ilha fora restabelecida e reorganizada. Isso queria dizer que os meus irmãos só precisavam de mim para enfrentarem a bruxa. E, agora que a pedra da nossa avó lhes revelara o meu destino, não descansariam enquanto não me resgatassem. Edwin era suficientemente louco para atacar as costas nórdicas. Cada dia que eu passava na Terra Antiga representava um perigo acrescido para aqueles que amava, de ambos os lados da contenda.

Quando Throst conseguiu levantar-se, eu permiti que os amigos mais próximos o visitassem. As condições eram severas: nem uma palavra que pudesse causar comoção! Controlar homens era tão difícil como domar feras selvagens e famintas, diante de uma presa ferida, mas o meu olhar severo impôs o respeito. Porém, assim que ficou sozinho com os seus guerreiros-lobo e Krum, foi Throst quem exigiu pormenores do sucedido. A batalha foi descrita, e eu revi os meus irmãos pelos olhos daqueles homens. Os comentários começaram a azedar, e Throst interveio:

— Foi o Gunnulf quem traiu o pacto ao ordenar o ataque aos McGraw! — Fez uma pausa, arfando exasperado. — Este ódio irracional não nos levará a lugar nenhum! Todos concordamos que precisamos de terra para viver e de portos para negociar. Então, de que nos serve atacar posições armadas fora da nossa rota? Não podemos continuar a desperdiçar vidas nestes assaltos cegos ou, brevemente, não teremos homens suficientes para defender as nossas próprias costas.

Os companheiros escutavam-no, mas as raízes do ódio não permitiam o consenso.

— Sabes que esse pacto não passou de um truque para obter vantagem — replicou Sigmund. — O Gunnulf jamais tencionou cumpri-lo e, desculpa que te diga, se pensaste o contrário, foste muito ingênuo! Mas, no final, não é ele quem está correto? Os McGraw são nossos inimigos! Temos de enfrentá-los até que o último desapareça da Terra. É uma questão de honra, Throst! Não há muito tempo também partilhavas desta opinião!

Throst mirou-me de esguelha, mas eu continuei com os olhos presos na costura. Pontos pequenos uniam a pele à bainha da manta de lã, para que esta nunca perdesse a forma. Quando todas as mantas ficassem prontas, seriam unidas, pele a pele, para formar a majestosa vela do barco novo, que estava praticamente construído e era o orgulho do capitão.

— Estou mais velho e prudente — disse ele, por fim. — Trilhei o caminho da morte e garanto-vos que não vi mesas de banquete repletas de carne e cerveja, nem ouvi música, nem tive mulheres voluptuosas a estenderem os braços para me receber. Algum de vós poderá acusar-me de ser covarde em vida, para não merecer os prazeres e confortos do nosso Valhalla?

Foi Sven quem deu voz ao pensamento do grupo:

— Tu és o melhor de todos nós, Throst! Ninguém aqui pensa que és indigno dos favores de Odin! Mas o que pode isso significar? Será Valhalla uma ilusão? Estaremos condenados a mergulhar no sofrimento para toda a eternidade? Como poderemos viver, se não acalentarmos a esperança de uma existência menos dura do que esta?

Para minha surpresa, Throst respondeu sem hesitar:

— Apesar do que vi e senti, ainda acredito que esse lugar maravilhoso existe. Contudo, penso que, para lá chegarmos, teremos de fazer algo de extraordinário e não apenas morrer em batalha, gritando o nome do grande Odin. Eu nunca vos menti! Não quero continuar em campanhas por muito mais tempo. Sou um guerreiro, mas ambiciono os confortos da vida. Dentro de poucos anos, desejo viver na minha casa, dormir com a minha mulher e acompanhar o crescimento dos meus filhos, sem ter de passar pela angústia de partir na Primavera sem saber se irei regressar no Outono.

Ao contrário do que eu esperava, não se ouviu um coro de protestos. O capitão conhecia bem os corações dos seus amigos. A maioria tinha mulheres jovens, filhos e as mesmas ambições de Throst, apesar de não as exprimirem em voz alta.

— Achas, pois, que nós devemos abandonar a vingança contra aqueles que mataram os nossos pais? — perguntou Durin.

— O sangue que cobre as nossas armas a muito que vingou os nossos pais. — A firmeza de Throst arrepiou-me. — Eu digo que tem de haver um meio-termo, um equilíbrio! O ódio nunca finará, nem nos nossos corações, nem nos deles. Mas não podemos continuar eternamente, filhos contra filhos, netos contra netos! Os Aliados ficaram enfraquecidos com a morte dos seus principais chefes, mas não baixaram as mãos. — De novo, fixou-me pelo canto do olho. — Desta vez, os McGraw provaram estar dispostos a negociar, mas o Gunnulf estragou tudo! Vós sabeis qual foi a minha opinião. Eu não a escondi, mesmo arriscando-me a ser mal interpretado. E, no fim, quem tinha razão? O Gunnulf subestimou a força dos Aliados e as conseqüências estão à vista: dezenas de homens mortos, famílias desfeitas, nem um pedaço de terra conquistado... O que ganhamos nós com isto? Apenas a quebra de confiança e o redobrado ódio dos McGraw, que estão cada dia mais fortes. Já reuniram a maior parte das tribos e brevemente obterão o apoio do rei. Não tarda, teremos dois países unidos contra nós e não conseguiremos sequer defender o que nos pertence.

Fez-se um longo e pesado silêncio, enquanto os guerreiros maduros assimilavam as palavras do líder. Foi Krum quem primeiro opinou:

— O Throst tem razão. Nós não possuímos condições para manter esta guerra. Os clãs da Grande Ilha estão unidos e organizados, e nós pouco mais somos do que uma aldeia. Mais tarde ou mais cedo, seremos esmagados como insetos. Não precisamos curvar-nos diante dos Aliados, mas também não necessitamos de provocar contendas e acender novos ódios. Antes de partirmos, concordamos que iríamos explorar outros arquipélagos para proporcionarmos uma vida melhor às nossas famílias. Ao invés, atacamos um reduto armado...

— Não foi só perante os McGraw que o Gunnulf falhou com a sua palavra — resmungou Sven, em jeito de conclusão. — Como nosso líder, também traiu os objetivos desta campanha!

Depois de outra pausa para reflexão, Durin insistiu:

— Pensais que é possível acordar tréguas com os Aliados da Grande Ilha?

— Se não for tarde de mais! — respondeu Throst. — Talvez ainda possamos remediar o mal feito. O Edwin prometeu que não atacaria as nossas costas nem as rotas comerciais. Eu acredito que ele é um homem de palavra...

— Coisa que o Gunnulf já provou não ser! — cortou Sven, agitando-se desconfortavelmente, consumido pela ira. — Já não é a primeira vez que quebra os acordos que faz. Graças a ele e a outros como ele, o nosso povo é encarado como uma vara de porcos selvagens; chamam-nos pagãos ignorantes e sem palavra... Depois do que aconteceu, se eu fosse o McGraw, afundaria qualquer navio viking que me aparecesse pela frente, sem questionar o que quer que fosse! É assim que se lida com os traidores!

A revolta do guerreiro deteve as minhas mãos. A sua aversão ao líder da Terra Antiga era óbvia e já não era a primeira vez que a manifestava abertamente. Foi Throst quem continuou:

— O Gunnulf defende que a nossa palavra só é sagrada entre os nossos. Se vós pensardes o mesmo, então o acordo com os McGraw não tinha nenhuma importância. Mas a minha opinião é diferente! A minha palavra é apenas uma, para amigos e estrangeiros.

— E não estás sozinho na tua convicção — apoiou Krum.

— O problema será convencer os McGraw de que alguns de nós desejam realmente parar com as agressões.

E Sven surpreendeu-me mais uma vez:

— Vós conheceis a minha opinião! Há muito que devias ter-te apartado da má influência do Gunnulf e seguido os teus próprios ideais, Throst. Tu nasceste para liderar, não para ser o vassalo de um homem que vendeu a alma ao demônio feiticeiro para satisfazer a sua própria ambição!

— Todos nós juramos lealdade ao Gunnulf pela mesma razão — volveu Throst friamente. — Quando o nosso povo caiu no desespero, foi o meu tio quem nos salvou. E, apesar de as ações de Gunnulf chocarem muitas vezes contra as minhas convicções, eu sempre defendi que existiam laços de sangue e gratidão que não podiam ser quebrados. Ele restituiu-nos a dignidade...

— E a que preço, Throst? — atalhou Krum, num tom sombrio que me deixou gelada. — Nunca me esquecerei do que ele fez com o Trygve... E com todos os outros que se atreveram a fazer-lhe frente. Tu deverias ser o último a defendê-lo. O Gunnulf separou-te de nós durante a viagem para que o seu maldito feiticeiro pudesse cozinhar a tua morte. Nenhum deles respeita laços de sangue ou amizade! Tudo o que lhes interessa é o poder!

— O Krum tem razão — firmou Ormarr. — O Gunnulf sempre temeu a tua influência. Os homens seguem-te por respeito, por admiração, e não por medo. Sabes que é verdade que qualquer um de nós, ou dos que estão lá fora, ou dos que estão na aldeia, dará a vida por ti sem hesitar. E ninguém duvida que tu farás o mesmo por nós.

— Isso é verdade! — concordou Sigmund. — O Gunnulf sabe que tu és um líder nato. A amizade e a lealdade que te devotamos não são imposições.

A conversa tomara um rumo inesperado. Eu mal me atrevia a respirar, temendo perder uma palavra. As considerações continuaram, dando voz àquilo em que eu própria acreditava. Há muito que Gunnulf perdera o domínio da sua vontade e a noção do que era melhor para si e para o seu povo. O verdadeiro líder da Terra Antiga vivia na proteção das sombras e chamava-se Sigarr.

Sven continuou a declarar abertamente o que os outros não se atreviam a dizer:

— A tua vida não está segura, Throst! O Gunnulf tolerava a adoração que os homens te devotam, porque pensava que serias incapaz de contrariá-lo. Mal lhe fizeste frente, os problemas começaram. É óbvio que te quer ver morto! Mas, como é demasiado covarde para sujar as mãos com o teu sangue, planeou esta farsa para que o azar te abatesse.

— O Gunnulf só não ergueu a mão contra ti ainda porque teme perder o apoio dos homens — interferiu Ormarr. — Matar-te não é tão fácil como eliminar um de nós. Ele tem de arranjar um pretexto válido para te julgar na Assembléia e executar a sentença que está pronto a ditar.

— E tu tens esse pretexto debaixo do teu teto. — Durin baixou a voz de tal forma que tive de usar as minhas habilidades para escutá-lo. Ingrior esticou-se para a frente, frustrada por ter deixado de ouvir.

— Por quanto tempo irás resistir? Estás a lutar contra a tua natureza, Throst! Sabes bem que dou valor às qualidades da rapariga e reconheço o muito que tem feito por nós... Mas aviso-te de que estás a brincar com o fogo!

— Tenho de admitir, por mais que me custe, que o Durin tem razão — apoiou Sven. — Enquanto a Halldora manteve o vosso compromisso, o Gunnulf esteve de mãos atadas. Agora, virá cobrar a palavra que lhe deste...

— Eu sei a palavra que lhe dei! — interrompeu Throst, num tom tão irado que se tornou audível. — Mas não admitirei que ninguém controle a minha vida! É verdade que sempre me senti ligado ao Gunnulf pelo sangue, pela honra, pela admiração e pelo reconhecimento. Devo-lhe muito... Mas já paguei o suficiente! Eu não estive desacordado durante o regresso à Terra Antiga, como muitos julgaram. Jamais esquecerei a dor e a revolta que senti ao ouvir dois homens do meu sangue a conspirarem a minha morte. — Fez uma pausa para respirar fundo e dominar a raiva. — Apesar de discordar da decisão do Gunnulf, eu segui-o e combati ao seu lado. Se eu não tivesse travado o inimigo que me feriu, o nosso líder estaria morto! Eu não esperava a sua gratidão, mas desejava algum cuidado e piedade para com o meu sofrimento. Em vez disso, ele

deixou-me a apodrecer, como um excremento. Os laços de lealdade foram cortados, e não fui eu quem os cortou! Mal abri os olhos, decidi que não voltarei a prestar-lhe obediência... E, assim que puder, irei dizer-lho!

Fui percorrida por um calafrio, ao ouvir trompas de morte na sua voz. Ainda assim, o fato de não ter revelado aos amigos que o homem que o ferira era meu irmão provava que realmente desejava pôr termo às hostilidades. Perdi o fôlego quando acrescentou:

— E a presença da Pequena na minha casa não é negociável, nem com o Gunnulf nem com ninguém. Eu devo-lhe a vida e muito mais do que possais imaginar.

— Eu só estou preocupado com a vossa segurança, Throst — retrucou Krum. — E o mesmo se passa com os restantes. Talvez tenha chegado a altura de deixá-la partir...

Eu sabia que o meu primo só pretendia ajudar-me, mas a sua sugestão cobriu-me de pavor. Percebi que, quando o momento chegasse, ser-me-ia mais doloroso abandonar a casa dos filhos de Thorgrim do que fora deixar a casa onde nascera. Ainda não estava preparada para enfrentar essa provação! Sentime aliviada quando Throst determinou:

— A Pequena não irá a lugar nenhum... Pelo menos, enquanto a situação estiver tão confusa! Seria mais seguro levá-la agora para a Grande Ilha, Krum? Acreditas que nos receberiam como heróis? Ou devo atá-la à proa do navio para que o seu povo veja que está conosco e a deixe desembarcar em segurança?

Os amigos explodiram às gargalhadas. Krum esboçou uma careta, antes de objetar:

— As coisas não são assim tão simples, e tu sabe-lo bem!

— Este assunto está encerrado! — decidiu Throst, denunciando irritação. — Quanto ao Gunnulf, só posso responder por mim! Vós sois livres na vossa escolha. Eu não tornarei a navegar sob o seu comando. Mal possa fazer-me ao mar, voltarei a honrar o nome e a profissão do meu pai. Se não tiver quem me acompanhe, prefiro vender os barcos e lavrar a terra...

Novas gargalhadas ecoaram em redor da mesa. Foi Sven o primeiro a pronunciar-se:

— Já tens aqui um homem para erguer a vela e manobrar um remo. Seja o que for que o destino nos reserve, eu estarei do teu lado.

Ormarr foi o próximo:

— A lealdade que jurei a Gunnulf terminou com a campanha. Também eu lhe retiro o meu apoio. O Gunnulf pode ser o líder da Terra Antiga, mas não é o senhor da minha vida. Eu sou um homem livre e não seu escravo.

Estremeci quando Krum continuou:

— Há muito que tu sabes que és o meu único irmão, para o bem e para o mal!

Um a um, todos se ergueram e reafirmaram a amizade que os unia desde crianças. As minhas mãos estavam incapazes de dar um ponto na pele, mas mantive a cabeça baixa e a lã no colo, para que eles não percebessem que eu os escutava. Krum foi o primeiro a despedir-se:

— Deixemos o Throst recuperar as forças. Voltaremos em breve para firmar decisões.

— O Gunnulf não tardará aqui para verificar o terreno onde pisa — avisou Sven. — Devemos estar preparados quando o momento chegar.

Levantou-se um burburinho de concordância.

— Por que não veio o Styrr visitar-me? — indagou Throst subitamente. — Também está ferido?

Por trás de mim, Bjorn abafou um soluço. Ingrior parou de costurar e empalideceu. Eu já me interrogara muitas vezes acerca da sorte do jovem que se tornara guerreiro neste Verão, mas nunca tivera coragem de perguntar o que lhe sucedera. O meu íntimo sabia a resposta e ela chegou pela boca de Sven, o único que reuniu alento para dála:

— O Styrr tombou na batalha... E não pudemos recolher o seu corpo.

A cortina do quarto de Bjorn fechou-se com aparato. A sua mágoa jamais finaria, não importava quanto tempo passasse. Além de um amigo, Styrr fora uma referência do homem que Bjorn ambicionava ser, forte e corajoso, ansioso por ação. E agora estava morto...

Throst ficou lívido, fitando os amigos sem realmente os ver, enquanto as cores que recuperara com esforço lhe fugiam do rosto. Acreditei que ele iria desmaiar e tencionei acudir-lhe, mas Ingrior deteve-me com firmeza. Depois de os companheiros saírem, o dono da casa recolheu-se sem uma palavra ou um olhar, deixando claro que desejava estar sozinho. Perante a minha apreensão, Ingrior tentou aquietar-me:

— Ele ficará bem. Dá-lhe tempo...

Obedeci contrafeita, sentindo o peito esmagado pela angústia. Imaginar Throst sozinho com os seus fantasmas, mastigando o desgosto em silêncio, engolindo uma culpa que não era sua, provocava-me agonias.

A noite ia adiantada e eu ainda não adormecera. Os meus sentidos apurados distinguiam perfeitamente a respiração de Throst. Ele também estava acordado e afogava-se em lágrimas silenciosas. Dei por mim a saltar da cama e a espreitar pela cortina do seu quarto. Os olhos azuis brilharam na penumbra, antes de ele os ocultar com o braço, pedindo debilmente:

— Deixa-me sozinho, Pequena... Por favor!

Avancei e ajoelhei-me ao lado da cama, acariciando os anéis dourados dos seus cabelos.

— Tu já estiveste muito tempo sozinho! Demasiado tempo...

— Eu não quero que me vejas... Assim...

Toquei-lhe gentilmente no braço, encorajando-o a encarar-me.

— Chorar não é um sinal de fraqueza. É a prova da grande alma e coração que tu tens. Deves abençoar as tuas lágrimas, não envergonhar-te delas!

Throst descobriu o rosto, e eu limpei-lhe os olhos inchados com a manga do meu vestido.

— Vem cá...

Não fora o que eu desejara desde o início? Mal me alojei nos seus braços, fui envolvida por um calor doce. Throst ajeitou as cobertas e aninhou-se tão intimamente que eu me apercebi de cada detalhe do seu corpo. Todavia, o seu olhar revelava que nada mais buscava além de conforto. Sobressaltei-me quando ele murmurou:

— O teu irmão Edwin é um bom guerreiro... Um homem forte e determinado. Mas a sua alma está ferida. Quando o destino nos colocou frente a frente, eu vi-me a mim próprio nos seus olhos: o Throst cheio de ódio e desprovido de esperança que vivia para a vingança, antes de encontrar a mulher dos seus sonhos... A pequena indomável que curou o meu coração. — Os seus lábios moveram-se gentilmente sobre os meus cabelos. — Eu sei que estiveste lá comigo, Catelyn. E também senti a tua presença durante a viagem. Nunca permitiste que eu desistisse...

— O meu espírito acompanhou-te — confessei. — Mas o mérito da sobrevivência é só teu! Não duvides que esta foi a batalha mais dura que já travaste. Em causa não esteve apenas a tua vida, mas também o futuro do teu povo.

Throst estremeceu e, depois de uma pausa, deixou transparecer a frustração:

— Quando o Edwin aceitou conversar, eu pensei que estava a assistir ao momento mais importante da nossa história. Este acordo de paz poderia ter trazido tantos benefícios para todos nós! A minha cabeça estala com perguntas... Mas, quanto mais reflito, mais me convenço de que o Gunnulf planeou tudo para me atrair à Grande Ilha, esperando que eu tombasse no conflito.

— O teu poder é uma ameaça para os tiranos desta terra, Throst. — Procurei o seu pulso e acariciei a tatuagem do dragão. — Eles sabem que, uma vez que admitas o teu destino, ninguém conseguirá parar-te...

— Catelyn, não! — cortou ele rispidamente, enquanto se libertava. — Por favor, não insistas nessa loucura. Eu já tenho problemas que cheguem, sem que tu e a minha irmã me venham encher os ouvidos com missões divinas e poderes celestiais! Não posso andar a correr atrás de fantasmas! Se quero vencer esta disputa terei de manter os pés bem assentes no chão!

A pequena coruja era a única testemunha das nossas palavras. Eu não queria discutir... Mas sabia que, se não despertasse Throst, ele estaria condenado ao fracasso. Toquei-lhe no rosto, forçando-o a encarar-me:

— Eu entendo o que tu estás a sentir! Também não me foi fácil admitir o que sou! Mas acredita que tudo se torna mais simples

quando enfrentamos a realidade. Não negues a força do teu sangue...

— Este sangue só é meu porque eu não posso arrancá-lo do corpo. — A sua brusquidão pôs-me a tremer. — Será que devo orgulhar-me de ser primo do Sigarr? Devo orgulhar-me de ser neto de um feiticeiro cínico e covarde que abandonou a família e desapareceu sem deixar rasto?

— Isso não é verdade! — contrapus. — Apesar de não se revelar fisicamente, o Hakon fez um excelente trabalho na preparação da Ingrior. E foi graças aos seus ensinamentos e à sua ajuda que sobrevivemos e encontramos o caminho nas brumas da passagem! Devemos-lhe a vida...

— Eu não lhe devo nada! — Com um movimento impaciente, Throst libertou-se do meu abraço e sentou-se na cama. — Foste tu que me salvaste a vida! Só tu! Esse... Feiticeiro nunca quis saber de nós e muito menos de mim. Se eu dependesse da sua proteção, há muito que estaria morto! É pior do que o Sigarr, porque esse não esconde a sua maldade!

Suspirei longamente, sentindo que perdia terreno para a sua teimosia. Seria bom possuir o seu poder de persuasão, mas a minha convicção teria de chegar:

— Não podes negar que a tua vida está a mudar! A tua sobrevivência deu-te uma nova oportunidade para lutares pelas tuas convicções. Eu tenho a certeza de que o povo ficará ao teu lado...

— Eu não posso envolver mais ninguém nesta questão pessoal, Catelyn! — objetou ele com firmeza. — Ao contrário do que tu queres acreditar, o Gunnulf tem o apoio de muitos homens, dentro e fora da Terra Antiga. O apelo da propriedade e da riqueza fala mais alto do que qualquer sonho de paz. Não vou dividir a minha gente ainda mais! Não correrei o risco de provocar um banho de sangue nas Terras do Norte.

— E se aqueles que apóiam o Gunnulf o deixassem quando percebessem que existe uma alternativa? — insisti, mesmo sabendo que estava a remar contra a maré, dentro de uma casca de noz, debaixo de uma violenta tempestade. — Não podes fechar os olhos só porque a luz te magoa! Tens de habituá-los à claridade para depois ver com clareza!

O rosto bonito deformou-se num esgar de escárnio.

— E o que sugeres que eu faça? Que desafie o Gunnulf para um duelo de liderança na próxima Assembléia?

— Eu não tenho resposta para as tuas interrogações — respondi, ignorando a ironia. — Mas existe um sítio onde as podes buscar!

— E onde é esse sítio prodigioso?

— Sabes perfeitamente, Throst! Tens de subir a Montanha Sagrada...

— Nem pensar!

— Throst...

— Pára! — cortou violentamente. — Este assunto não tem discussão!

Eu quedei-me, surpreendida por verificar o esforço que ele fazia para conter a raiva e a revolta que o assolavam há anos, desde que banira o avô e a magia da sua vida. Throst demorou a encontrar um equilíbrio, mas, quando finalmente prosseguiu, fê-lo num tom baixo e gélido:

— O Hakon desprezou a sua família humana muito antes de eu nascer. Jamais lhe darei a satisfação de me ouvir suplicar por ajuda! A marca que me colocou não passa de uma maldição! A Ingrior ilude-se com fantasias. Acredita que o avô é o mais perfeito dos seres. Onde estava “O Que Tudo Vê” quando a morte lhe levou o marido tão estupidamente? Onde estava “O Que Tudo Vê” quando a minha mãe chorava de desgosto pela morte do meu pai? Onde estava “O Que Tudo Vê” quando a minha mãe morreu gelada? E em todos os outros momentos em que precisamos dele; senão da sua ajuda, pelo menos do seu carinho?

— Esses foram os argumentos que o Sigarr usou para tentar subverter a vontade da tua irmã — repliquei indignada, esquecendo que só podia vencê-lo com calma e persistência. — Felizmente, ela não lhe deu ouvidos! Mas tu permitiste que ele te envenenasse o espírito, apesar de saberes que é um servo da Arte Obscura...

— Arte Obscura, Arte Luminosa, Sol, Lua... Tolices! Um feiticeiro é um feiticeiro, e o resto é poeira atirada para os olhos dos crentes! Não passam de criaturas egoístas e perversas, que se divertem com a desgraça alheia e não recuam perante nada...

Calou-se subitamente. Os seus gestos impacientes ficaram suspensos ao encarar a minha expressão horrorizada. De imediato, deixou-se tombar, puxando-me para o seu abraço, esforçando-se para remediar os danos do seu desabafo exaltado:

— Pequena, eu...

Reagi tão bruscamente que me surpreendi:

— É isso que pensas de mim, Throst?

— Não sejas tola! — Ele lutou para me forçar a encará-lo. — Sabes que eu não estava a falar de ti!

— Eu também sou uma feiticeira! — Afirmei, profundamente magoada.

— Não! Tu és tão feiticeira como eu! O teu poder não foi herdado no sangue e sim impingido. O que te fizeram só prova a maldade e o egoísmo desses seres! Se não condenassem aqueles que, de entre eles, se atrevem a desejar ser diferentes, nada disto teria acontecido. Para remediarem as desgraças provocadas pela sua arrogância, roubaram os teus sonhos e talvez te destruam a vida. Tu jamais serás uma feiticeira, Catelyn, porque a tua alma é humana! — Throst conseguiu finalmente prender o meu olhar. — Não te compares a essas criaturas sem coração, minha querida, porque tu és muito melhor do que elas!

— Nem todos os feiticeiros são iguais! — protestei afogueada. — Existem bons e maus, tal como os humanos!

— Então, por que se proclamam Seres Superiores? Não deveriam aqueles que tudo sabem e que tudo podem, ser capazes de sentir afeto, piedade, alegria em partilhar? Se os deuses criaram criaturas tão distintas e as juntaram na Terra, não é evidente que desejavam que aprendessem umas com as outras? Os feiticeiros odeiam e desprezam os humanos, Catelyn! São incapazes de sentir compaixão! São incapazes de sentir amor! Diz-me, que crime horrendo cometeu a tua avó para ser banida de entre eles; ela que, de acordo com o que me contaste, era uma das mais respeitadas e poderosas feiticeiras? Amar um humano tornou-a, de repente, tão desprezível e perigosa, que tivessem de usurpar-lhe o seu poder e condená-la à exclusão?

Eu engoli em seco, tremendo da cabeça aos pés. Nem queria pensar no eco que as suas palavras faziam no meu espírito.

Quando falei, senti a injustiça e a crueldade da justificação que sempre me parecera natural:

— É a única maneira que eles têm de manter a pureza da raça...

E Throst não me perdoou:

— Agora sim, estás a falar como uma feiticeira! O que aconteceria se eu me regesse por essa lei? Não poderia apaixonar-me por uma mulher de classe inferior ou por uma escrava? Não poderia gostar de uma das mulheres dos países quentes do Sul, que têm a pele da cor dos teus cabelos, só porque são diferentes? Ou não poderia amar-te, porque és filha de Garrick McGraw da Grande Ilha? Catelyn... — Respirou fundo e acariciou-me os lábios com os seus dedos. — Nada é mais forte do que o amor, Pequena... Nada é mais importante! Aprendi isso contigo! Gosto de ti ao ponto de admitir que aquilo que nos separa é mesquinho e insignificante...

A voz faltou-lhe, toldada pela emoção, e a minha resistência dissipou-se nos seus argumentos. Aninhei-me no seu carinho, rendida à declaração do seu amor. Só então me apercebi de que, enquanto as nossas mentes combatiam, os nossos corpos se haviam aliado. A fome que nos torturava era impossível de esconder. Throst deslizou os lábios pela minha face, murmurando embevecido:

— Já perdemos demasiado tempo a discutir algo cuja solução está fora do nosso alcance. Tudo o que me importa é este momento... Nós os dois... Eu quero-te, Catelyn! E não apenas como um homem deseja uma mulher! Eu quero-te muito para além da necessidade de possuir o teu corpo. Fico feliz só por te ter nos meus braços e sentir o teu coração a bater junto do meu...

— Throst... Não...

Tentei erguer-me, mas ele impediu-me. Mesmo debilitado, eu não tinha força para contrariá-lo. Franziu o sobrolho, magoado com a rejeição.

— O que foi Pequena? Eu sei que também me queres...

O meu corpo traía-me, reagindo ao seu ardor. Todavia, por mais que as palavras de Throst fizessem sentido, por mais que eu o admirasse e amasse, não podia render-me. Se fizéssemos amor, Gunnulf viria reclamar a sua vida, Sigarr viria exigir o nosso filho e

eu morreria de desgosto antes de enfrentar Gwendalin. A muito custo, reuni alento para dizer:

— Mesmo que seja verdade, Throst... Ainda que eu te deseje... Tu sabes que nós não podemos!

Os seus lábios recomeçaram o doce tormento que me enlouquecia, desenhando linhas de fogo na minha pele. Ele estava decidido!

— Não te preocupes com o Gunnulf... Não te preocupes com nada, querida! Confia em mim...

Afastei-o com ambas as mãos e enfrentei o seu olhar.

— O Gunnulf não é a única razão!

Throst arfou dolorosamente, controlando-se a custo.

— E que outra razão pode haver, se enterrarmos o passado? Sabes como foi duro para mim admitir este sentimento, Pequena! Não lutes contra o meu amor...

Eu não podia contar-lhe. Se eu própria me odiava pelo pacto que fizera com Sigarr, depois de tudo o que fora dito, Throst iria revoltar-se e enojar-se, ao admitir que eu não era a mulher dos seus sonhos, mas uma feiticeira sem coração, capaz de vender a alma de um filho para alcançar o que ambicionava. Só havia uma maneira de nos salvarmos de nós próprios. E eu não hesitei em contestar com firmeza:

— O que tu sentes não é amor! Não podes amar-me se não admites quem eu sou! E eu também não posso amar um homem que não tem coragem de aceitar quem é! — Forcei-me a prosseguir, apesar de o seu abalo penetrar no meu peito como um punhal. — Falas do egoísmo e da intolerância dos outros, mas não és tu próprio egoísta e intolerante? Mesmo que o teu avô viesse ao teu encontro, escutarias a justificação para a sua ausência e silêncio? Não escutarias, porque não és capaz de ouvir ninguém, além de ti próprio! Nasceste com sangue abençoado, e as Criaturas Sagradas sacrificaram-se a ti, para que a tua força fosse formidável. E o que fizeste? Mergulhaste no rancor, silenciaste o Lobo dentro de ti e recusas-te a enfrentar o teu destino...

— Chega, Catelyn! — Os seus olhos iluminaram a penumbra como os de uma grande fera enraivecida. — Vou esquecer o que acabaste de dizer, porque sei que a tua intenção é boa...

— Podes negar a verdade, mesmo quando ela pende debaixo do teu nariz! — ripostei, enfurecida pela sua intransigência. — Podes esconder-te na ignorância... Mas não podes exigir que eu faça o mesmo! Tenho uma missão a cumprir e nada me impedirá de concretizá-la! O meu treino está praticamente concluído e, brevemente, terei de partir. Não irei perder o meu precioso tempo com devaneios que de nada servirão o meu objetivo. Eu não sou uma camponesa sonhadora, ansiosa pelos favores do senhor da aldeia! Eu sou uma feiticeira! Não irei trair o meu povo só para te divertir na cama...

— Sai da minha cama, Catelyn! — A ordem de Throst soou baixa, mas enrouquecida pela ira. As suas mãos afastaram-me, como se a proximidade o queimasse. — Não quero estorvar a tua nobre missão com a futilidade dos meus sentimentos! — A sua voz tresandava a ironia. — Prometo que não voltarei a incomodar-te, a distrair-te... Não voltarei a tocar-te! — Arrancou a pedra azul do pescoço e estendeu-me. — Eu não preciso dos teus feitiços! Sou jovem e forte. Conseguirei sarar sozinho. Lamento se perdeste o teu precioso tempo com um homem ignorante, intolerante e egoísta. Agora, desaparece da minha frente! Vai!

A bola de cristal negro brilhava com todas as cores do arco-íris, rodopiava diante dos meus olhos, suspensa pela minha vontade, expandia-se e mirrava, como um coração a pulsar. Dentro dela, a minha mente percorria corredores infindos, transpunha barreiras, contornava obstáculos... E vencia desafios desmedidos, impulsionada pela força que fluía do meu sangue, transpirava da pele, aquentava o ar e aclarava a noite. Os enigmas da Lágrima da Lua eram conchas, e eu era a onda feroz, que as esmagava, destroçava, reduzia a pó; eram grãos de areia, e eu era o Vento Norte, selvagem e indomável, que os dispersava sem piedade. Nunca me sentira tão perto de perder o domínio da razão e de me render à sedução do poder. Nunca me sentira tão desafeiçoada da vida, dos sentimentos, da humanidade. Nunca me sentira tão feiticeira, sem vontade de enfrentar a miséria da frustração, da raiva e do desprezo por mim própria.

A opção que tomara arruinara a eventualidade de, algum dia, voltar a ser feliz. Esticara a corda que me unia a Throst e esta rebentara, sem hipótese de remendo. E que importância tinha isso? O amor só trazia confusão, sofrimento, dependência, prostração, desencanto, ansiedade e angústia. O amor deixava-me fraca. A magia tornava-me forte. Qual era a dificuldade na escolha? O treino era tudo o que me interessava. Se eu era a última das feiticeiras, seria também a mais poderosa!

Não precisei de abrir os olhos para saber que Sigarr se aproximava. E como eu via através do Guardião da Lágrima da Lua, também ele podia ver através de mim. Nós éramos iguais, feitos da mesma essência. Senti a sua mente pressionando a minha e abri-lhe as portas suficientes para que ele não desconfiasse da extensão do meu domínio da Arte. Tal como Berchan me ensinara, o inimigo nunca devia saber mais do que aquilo que nos convinha. A melhor estratégia era permitir que pensasse que nos conhecia e controlava.

— Estás a crescer, Catelyn! — A sua voz tocou-me como a pétala de uma flor e causou-me um calafrio. — E estás cada dia mais forte! A tua evolução foi muito além do que eu me atrevi a desejar. Percebo agora por que a Gwendalin não conseguiu dobrar-te. Apesar de não teres um pingo de confiança em ti própria, quando decides abraçar um objetivo, és insuperável. Parabéns!

Isto era inesperado! Sigarr a ser simpático? Tinha de haver alguma explicação maldosa, um interesse escuso! Abri os olhos e o cristal caiu na minha mão, desprovido da energia colorida que o alimentara. Encontrei o rosto do feiticeiro, sorridente e jovial. Que idade teria? A lógica apontava para mais de uma centena de anos. No entanto, não parecia mais velho do que Throst. Sentime desconfortável debaixo do seu olhar e revidei com uma frieza defensiva:

— Houve tempos em que ansiei pelos seus elogios. Agora, dispenso-os!

— Por que estás tão zangada comigo? — continuou, com uma brandura espantosa. — Eu nada tive a ver com a desventura do Throst! Limitei-me a não interferir na seleção da Natureza. Se imaginasse que tu possuías o conhecimento para salvá-lo, a história teria sido diferente! Podes condenar-me por lutar pelos meus

objetivos? Não lutas igualmente pelos teus? Não te preparas para afastar aqueles que se interpõem entre ti e o que desejas? Durante anos, eu mantive o Throst a salvo, afastado do meu caminho. E ele era feliz até tu te intrometeres! Não te regozijes pela tua vitória, filha da Grande Ilha! Tu não és a responsável pela salvação do Throst; és a causadora da sua desgraça.

Respirar devagar. Limpar a mente. Sigarr não viera só porque o meu desempenho o surpreendera. O mestre da Arte Obscura estava alarmado. Queria saber até aonde eu podia ir, quanto sabia, se seria uma ameaça para a sua pessoa. Este era um jogo altamente perigoso e chegara a minha vez de jogar. Forcei uma grande dose de ironia e retorqui:

— Se colocar um homem excepcional no trilho da felicidade é desgraçá-lo, então eu assumo a minha culpa! Depois desta batalha desastrosa, a confiança dos guerreiros na liderança de Gunnulf ficou severamente abalada, e o Throst está vivo para lhe fazer frente. O povo olha-o como um herói renascido das cinzas; um homem tão forte e tão bom, que a própria morte não conseguiu derrubá-lo. Neste momento, atentar contra Throst será um erro grosseiro, a não ser que sejam criadas as condições para o acidente perfeito... Ou um ajuste de contas! Já pensaram no vosso próximo passo? Terá de ser bem planeado, porque o povo está vigilante! Diante destas perspectivas, pergunto-me se o grande Sigarr não escolheu o lado errado da disputa!

Para meu total assombro, o feiticeiro tornou a sorrir. Aproximou-se devagar, como se pretendesse dar-me a oportunidade de me afastar. Mas eu não o fiz e, quando me apercebi, já os seus dedos compridos e gelados estavam nos meus cabelos, entrelaçando-se por entre os caracóis, enquanto ele continuava, surpreendentemente doce:

— Todos nós cometemos erros, Catelyn... Se eu tivesse sabido esperar, a minha vida seria diferente. Com um pouco de paciência, teria conquistado a companheira que desejava e mantido os meus poderes. Mas fui impulsivo e deitei tudo a perder! Hoje, sou mais velho e mais sábio. Aprendi a olhar em frente antes de correr para o desconhecido. Quando se é amaldiçoado por aqueles que se ama, deixa de haver um lado certo e um lado errado. Existe apenas a

nossa luta e a luta dos outros. Ainda és muito jovem, mas o tempo encarregar-se-á de te ensinar esta lição!

Eu mal me atrevia a respirar. Há muito que percebera que Sigarr tinha duas personalidades distintas — uma repugnante e execrável que me causava um horror profundo; e outra, que ele tentava a todo o custo esconder, profundamente sensível e envolvente... inexplicavelmente atraente. Era esse homem misterioso e belo que estava diante de mim. E eu não sabia como lidar com ele! Presa ao seu olhar transparente, só consegui interrogar:

— Por que escolheu servir o mal?

Ele hesitou um pouco, talvez ponderando se devia responder.

— Um feiticeiro da Arte Luminosa necessita de ser muito bom para encontrar reconhecimento entre os seus. Um praticante da Arte Obscura só tem de erguer um dedo para incomodar os que o rodeiam; para que os ignorantes tremam de medo e se verguem à sua vontade. Enquanto fui bem-comportado, não alcancei nenhuma compensação. Após descobrir a minha vocação, obtive recompensas suficientes para não lamentar o que deixei para trás. — Os seus dedos longos tocaram na pele nua do meu pescoço e provocaram-me um arrepio que, certamente, não lhe passou despercebido. — Os tempos estão a mudar, Catelyn! Os Feiticeiros já não governam a Terra. Fugiram covardemente para a sua preciosa ilha e deixaram a casa entregue aos maiores parasitas de entre todos os animais. Mas a Terra jamais pertencerá aos Homens. Brevemente, uma nova ordem irá estabelecer-se. E eu estarei à frente dessa revolução.

O meu coração parou quando a mão de Sigarr cobriu a minha, enlaçando o cristal negro. Um calor inesperado entrou-me no sangue e espalhou-se pelo meu corpo. Não contive uma exclamação abafada quando ele me rodeou a cintura com o outro braço e me estreitou com firmeza.

— Até a pouco, acreditei que o caminho para a vitória era solitário. Tinha a certeza de que jamais voltaria a encontrar uma igual que desafiasse o meu intelecto, que me mantivesse interessado, que despertasse o meu desejo... Tu foste uma surpresa, Catelyn da Grande Ilha! Uma surpresa amarga e doce...

Comecei a tremer, sem saber como reagir. O meu coração ameaçava rebentar, e todos os meus nervos batalhavam, divididos entre o impulso de fugir e a vontade de permanecer nos seus braços, debaixo do olhar cristalino, desfrutando da energia entorpecente que o seu ser exalava. Sigarr estudava cuidadosamente o terreno, observando o meu conflito e aguardando a minha decisão. Encorajado pela hesitação, baixou o rosto e roçou levemente os seus lábios pelos meus, afastando-se de seguida para murmurar:

— Sei que já percebeste que vim ao teu encontro para te fazer uma proposta. Tu despertaste em mim uma vontade adormecida... Quero continuar a treinar-te, mesmo depois de a Gwendalin tombar. Posso ensinar-te coisas com as quais nunca sonhaste, mostrar-te mundos para além da tua imaginação, colocar nas tuas mãos o destino do mundo e na tua cabeça a coroa do reino da Terra. O homem que nascerá do teu ventre não será arrancado dos teus braços. Terá o meu sangue e herdará o nosso império. — Sorriu levemente ao encarar a minha perturbação. — Tu ambicionas esse poder, sinto-o em cada batida do teu coração. Nasceste para liderar, tal como eu! E eu quero que sejas minha, Catelyn... Quero o teu coração e a tua alma...

Assim que os lábios de Sigarr tocaram os meus, a pedra de Aranwen começou a latejar. Contudo, eu estava tão embrutecida com o seu ardor e a sua declaração que, apesar de o meu espírito clamar para que me libertasse, não tinha forças para fazê-lo. Sobre a Lágrima da Lua, os nossos dedos entrelaçavam-se, enquanto toda a vontade se desvanecia, como se a minha personalidade fosse assimilada pelo feiticeiro. Dei por mim a fechar os olhos e a render-me ao beijo; a enlaçar Sigarr com um gemido de rendição, embriagada pela energia que se libertava dos nossos corpos. Uma nuvem vermelha toldou-me a visão e pensei que ia perder os sentidos. No meu peito, o amuleto da minha avó estava em brasa.

“Nunca te esqueças de quem és... Na guerra da ilusão, só haverá um vencedor, e o mal não pode perder!”

— Não!

Empurrei o feiticeiro com toda a força e libertei-me do seu aperto. A Lágrima da Lua caiu da minha mão e, de imediato, o ar tornou-se

mais leve. Cambaleei, lutando para respirar e para me agüentar nas pernas, horrorizada pela certeza de que estivera a um passo de me perder. Quando reuni coragem para encarar Sigarr, não me surpreendi por encontrar o trejeito escarninho que tão bem conhecia.

— Minha tola rapariga... — Apesar de gelada, a sua voz denunciava um forte abalo. — Não irei dar-te uma segunda oportunidade! — A um simples aceno, o cristal negro voou para a sua mão. — Um dia lamentarás a escolha que fizeste e o muito que perdeste!

— O que eu já lamento é ter permitido que o senhor se aproximasse de mim! — revidei de imediato. — O Sigarr não tem nada que eu deseje, nem como feiticeiro nem como homem! Posso ser tola, mas jamais ao ponto de acreditar na sua conversa.

— Preferes acreditar na conversa de um falhado, de um fraco, de um imbecil que nunca verá um palmo adiante da sua estupidez! Muito bem! Mas não te iludas... O Throst está marcado pela sorte. Nunca será teu! — A voz do feiticeiro tresandava a despeito e ameaça. — E não te esqueças do pacto que fizemos! Se ainda te resta alguma capacidade de raciocínio, mantém as mãos do filho de Thorgrim afastadas do teu corpo. Tenta enganar-me, rapariga ruim, e eu certificar-me-ei pessoalmente de que a tua linhagem será extinta! — As suas mãos tremiam quando ajeitou a capa sobre os ombros. — Não te incomodes a procurar-me para me pagares o que me deves... Eu encontrar-te-ei, onde quer que estejas!

Depois do encontro com Sigarr, passei a viver em constante sobressalto. O feiticeiro conhecia bem as minhas fraquezas e tentara manipular-me, tal como a minha avó me avisara. E eu quase me rendera à sua sedução. Toda a minha segurança e confiança no triunfo se esfumaram. Descobrira que o meu espírito não era incorruptível, como julgara; eu era vulnerável à tentação do conhecimento, ambicionava por poder... E esta falha de caráter quase me destruíra.

As últimas palavras do Guardião da Lágrima da Lua eram uma corda na minha garganta, cujo nó se estreitava a cada instante do

dia e da noite. Eu jamais me libertaria da sua influência! Ele estaria sempre por perto, espiando nas sombras, escutando no vento, pairando como um espectro maldito... Aguardando pacientemente pela sua vitória. A sua declaração ardente não passara de um truque. Tudo o que Sigarr desejava era usurpar a força inexplorada que vivia em mim. O meu poder, apesar de pouco desenvolvido, estava intocado, e, através dele, o feiticeiro podia alcançar o que mais ambicionava. Ingrior negara-lhe a concretização da profecia do filho do dragão, mas ele não desistira de perverter a sorte a seu favor. O seu próximo passo era tão imprevisível como o anterior, e a perspectiva de tornar a enfrentá-lo deixava-me aterrada.

O ambiente que se instalara na casa dos filhos de Thorgrim não ajudou a contrariar a minha angústia. Throst cumpriu o que prometera debaixo do ataque de raiva, e os dias passaram-se sem que me dirigisse um olhar ou uma palavra. Ingrior avisou-me de que seria ela quem lhe faria os curativos, dali em diante, por sua ordem. Colei os olhos ao chão e limitei-me a concordar, enquanto lhe colocava nas mãos o amuleto do irmão, para que lho devolvesse.

Ingrior pouco ou nada podia fazer para me ajudar. Ela ouvira a última parte da nossa incendiada discussão e sabia que tinham sido proferidas palavras graves e imperdoáveis. Mesmo assim, não desistiu de procurar o irmão e tentar acalmar-lhe a ira. Eu surpreendi essa conversa e fiquei a escutar, sem que eles se apercebessem. Throst mostrou-se irredutível, afirmando que eu não o amava; que tudo o que eu fizera fora para garantir o regresso à Grande Ilha. Estava tão revoltado, magoado e humilhado, que se recusava a ponderar qualquer argumento. Até a persistente Ingrior foi forçada a desistir.

De cada vez que eu encontrava o olhar de Throst, sentia que me arrancavam o coração do peito. O azul acusador revelava-me que, muito em breve, a sua afeição se transformaria em desprezo. Eu era perita em semear a desgraça daqueles que amava e em colher a minha própria infelicidade. Contudo, quando as sombras do desgosto me permitiam respirar fundo, concluía que não tivera escolha. Throst sobreviveria à mágoa e acabaria por esquecer-me. Não tardaria a encontrar conforto nos braços de outra mulher. Agora que se libertara do compromisso com a perversa Halldora, não lhe

faltariam pretendentes: mulheres da sua raça, altas e avantajadas, que lhe dariam filhos lindos, louros, de olhos azuis, rebeldes e corajosos como o pai. Livrá-lo de mim fora a maior prova de amor que eu lhe podia dar. Mas ele jamais compreenderia isso!

Os dias estavam mais curtos e frios. O Outono estendia os seus mantos de denso nevoeiro sobre as Terras do Norte. Eu treinava sem descanso e sentia a serenidade aliar-se à força. Aprendera muito com a Lágrima da Lua e lamentava ter perdido a orientação do cristal. Mas os conhecimentos que adquirira podiam ser desenvolvidos. Se Sigarr pensava que eu iria cruzar os braços, estava muito enganado! Quando a minha avó se revelasse para me anunciar que era tempo de regressar, eu partiria consciente de que fizera tudo ao meu alcance para cumprir a minha missão.

A saúde de Throst melhorava vagarosamente. A tristeza silenciosa em que se refugiara não ajudava no fortalecimento do corpo. Os irmãos esforçavam-se por animá-lo, mas ele só se descontraía quando brincava com o sobrinho.

E foi um desses raros momentos de alegria que Gunnulf, Arnorr e Halldora surpreenderam, quando entraram tempestuosamente na casa. Os guardas de Throst seguiram-nos, impotentes para os deter sem usarem a força. Eu estava a ajudar Katla a preparar a refeição e forcei-me a continuar, apesar de todos os meus sentidos troarem em alarme. Throst entregou o sobrinho a Ingrior, enquanto dispensava os seus homens. As faces de Gunnulf estavam rubras, embora tentasse dominar a fúria:

— Primo... A família já é recebida na tua casa como um bando de malfeitores?

Throst convidou-o a instalar-se, mas o grande líder fez o inesperado: aproximou-se e abraçou-o, com uma comoção que pareceria verdadeira aos olhos de um estranho. Se Gunnulf não conseguira livrar-se do rival, só lhe restava recuperar a sua confiança.

— Estou muito feliz por te encontrar bem! Quis visitar-te mais cedo, mas fiquei retido em reuniões e conselhos, discutindo e analisando o que correu mal na última campanha e o peso das baixas. Além disso, a Anna garantiu-me que o descanso era fundamental para a tua recuperação. E eu quero que te

restabeleças depressa! Sabes que não dispenso o meu braço direito!

Apeteceu-me gritar. Mas a raiva que senti perante o cinismo e a hipocrisia de Gunnulf foi uma gota de água, comparada com o oceano de ódio que me inundou quando Halldora saltou para o pescoço de Throst.

— Meu amor! — chorava e soluçava como uma condenada à morte, suplicando absolvição. — Estás vivo! Disseram-me que estavas moribundo, a finar... Por favor, perdoa-me!

Engoli em seco. Assim se fechava mais um ciclo. Eu rejeitara Throst. Throst estava magoado. Halldora regressava esplendorosa e a pingar mel... Throst perdoava Halldora!

Fiquei sem fôlego quando ele retrucou:

— Mesmo os moribundos apreciam a visita dos amigos!

Senti na minha pele o estremecimento de Halldora. A rapariga gaguejou antes de balbuciar:

— O Gunnulf já te explicou... A Anna disse-nos que tu não podias receber visitas...

Sem acreditar nos meus olhos, vi que Throst afastava os braços melosos do seu pescoço, enquanto exclamava friamente:

— Não desejo ocupar o teu precioso tempo, Gunnulf! Agora que já confirmaste que eu sobreviverei, queres contar-me o verdadeiro propósito desta visita?

Sobressaltei-me ao ver a ira de Gunnulf crepitar. O desafio de Throst era uma imprudência. Se o primo desembainhasse a espada, ele não teria como defender-se. Throst não era adversário para Gunnulf em condições físicas normais, quanto mais agora, que mal se sustinha nas pernas.

— A primeira das razões parece-me óbvia. A minha ensandecida irmã chora sem descanso, desde que terminou o vosso noivado. Fê-lo precipitadamente, num momento de forte comoção. Está arrependida e deseja que a aceites de volta.

Isto só podia ser um pesadelo! Eu tive de morder o lábio para conter um soluço, quando a tirana ronronou:

— Por favor, Throst... Eu amo-te! Podemos casar já...

Ele silenciou-a com um gesto brusco, e a sua voz soou cortante como uma lâmina:

— Eu fui informado de que estavas a receber propostas de casamento tentadoras, feitas por homens de grande valor e riqueza. Não preferes escolher de entre eles o teu marido? Imagino que será desonroso para uma mulher da tua estirpe desposar um guerreiro derrotado em batalha!

Fez-se um silêncio sepulcral. Halldora voltou-se para Gunnulf, com o pânico estampado no rosto. A sua culpa era tão gritante que não tinha argumentos para combatê-la.

— A Halldora já deixou claro que te ama — acudiu Gunnulf. — Além disso, sempre foi desejo dos nossos pais que as nossas famílias se unissem pelo casamento. Vós sois a última esperança do cumprimento dessa vontade.

Senti a raiva de Ingrior como o embate de uma vaga contra um fiorde. Ela apertou Trygve nos braços com tanta força que o filho protestou. Percebendo-se à beira do descontrole, isolou-se no seu quarto. Eu desejei acompanhá-la, mas contive-me. Não iria fraquejar diante de Halldora!

Após um silêncio desconfortável, Gunnulf insistiu:

— Qual é a tua resposta, Throst?

Eu não queria ouvir!

— Irei pensar! Falar-vos-ei em breve...

— Throst...

Halldora tentou abraçá-lo, mas ele recuou, repreendendo-a rispidamente:

— Volta para junto dos teus irmãos! Não é correto que uma jovem sem compromisso se ofereça a um homem, desta maneira!

Halldora quedou-se, mortificada. Gunnulf cerrou os dentes e os punhos. Arnorr deixou o queixo pender. Nenhum deles esperava encontrar Throst tão mudado.

— Continua, Gunnulf. — A voz do dono da casa denunciava impaciência.

O outro teve de respirar fundo antes de prosseguir:

— Quero saber por quanto tempo pretendes ficar em casa. Os homens estão inquietos, e a tua presença ao meu lado irá provar-lhes que nada está perdido.

Eu supunha que fora difícil para o guerreiro-urso admitir tamanha fraqueza ante os seus, mas Gunnulf sabia jogar com as palavras. O

que dizia agora já não contava daqui a pouco. Faria o que fosse necessário para reconquistar a cumplicidade de Throst.

— Eu irei assim que puder. Ficar em casa a observar a lida das mulheres também não é do meu agrado, como deves imaginar. Mais alguma coisa?

— Throst... — O apelo de Arnorr deixou-me gelada. Eu já me esquecera da sua proposta ridícula. — Quero saber o que decidiste quanto ao futuro da Pequena.

O meu protetor hesitou, e eu senti o coração a falhar. O seu olhar azul percorreu a distância que nos separava e encontrou o meu, suplicante e aflito. Não fui capaz de continuar a trabalhar. Fiquei parada, a tremer, aguardando a sentença da minha condenação.

— Sinto muito, Arnorr — respondeu Throst subitamente, encarando o primo. — A Ingrior deseja manter a Pequena, e eu próprio tenho outros planos para ela.

Presumi que Gunnulf estaria a trovejar. Arnorr fez-se roxo de indignação e não se conformou:

— Mas que planos são esses que interferem com a felicidade de uma pessoa que tanto estimas? A Pequena não encontrará melhor pretendente...

— Já usaste esse argumento — interrompeu Throst rispidamente. — Ele não me serve! A Pequena irá casar-se com um chefe de clã.

Desta vez Gunnulf interveio, soltando uma interjeição de desprezo:

— E que chefe de clã tomará para sua esposa uma mulher estrangeira, desonrada e sem o mínimo interesse?

— Eu tomarei — retorquiu Throst de imediato. — Eu vou casar-me com a Pequena.

As minhas pernas fraquejaram e tive de apoiar-me em Katla. Throst enlouquecera! Só podia ter perdido o juízo para estar a fazer este anúncio, desafiando Gunnulf abertamente. Não fui a única a ficar atordoada, mas Halldora reagiu primeiro, protestandonum tom de esganiçado ultraje:

— Mas, Throst... Tu prometeste... Tu juraste! Tu és meu noivo!

— Eu não sou teu noivo, Halldora! — refutou ele, com uma tranqüilidade que me provou ser este o discurso que há muito ensaiava. — Eu disse que iria pensar...

— Mas...

— Ponderarei a possibilidade de te manter como minha companheira — continuou, ignorando a interrupção. — Mas a Pequena será a minha mulher.

— Como te atreves a humilhar a minha irmã?

O berro de Gunnulf abafou o pranto de Halldora, que caiu nos seus braços gritando como uma louca. Throst não se demoveu:

— Se tivesses de escolher entre uma mulher que te despreza e outra que te salva a vida, qual delas escolherias, primo?

O seu sarcasmo enfureceu Gunnulf ainda mais. O colosso empurrou a irmã para os braços do estupidificado Arnorr e ordenou-lhes:

— Saí imediatamente desta casa! E tu, Halldora, estás proibida de voltar aqui!

Depois avançou para Throst, gesticulando ameaçadoramente:

— Devo recordar-te que juraste não tocar nessa criatura? Atreveste a desonrar a tua palavra e a enfrentar-me?

Throst permaneceu firme, contrapondo mansamente:

— Eu dei-te a minha palavra, como noivo da tua irmã, que não tomaria a Pequena para minha amante. Uma vez que já não sou noivo da tua irmã e que não pretendo tomar a Pequena para amante, e sim para esposa, o juramento perdeu o efeito! Qualquer Assembléia me dará razão e tu sabes disso!

Gunnulf berrou estrondosamente e desembainhou a espada com uma rapidez mortal. Eu gritei aterrada e não consegui segurar-me. Estendi a mão e a arma do guerreiro-urso voou para longe, cravando-se na parede. Só quando todos me olharam, é que compreendi a gravidade do meu impulso. Baixei o braço devagar, enquanto Katla e Jodis se colocavam diante de mim, numa tentativa algo ridícula de me protegerem. Ouvi a cortina do quarto de Ingrior abrir-se e os seus passos aflitos a aproximarem-se. Lá dentro, Trygve chorava, assustado pelo súbito tumulto.

Throst e Gunnulf encararam-se. O corpo do guerreiro-urso oscilava ao sabor da sua respiração, afogueado pela ira e pela humilhação, enquanto o seu clamor incendiava o ar:

— Por Odin, o filho de Thorgrim esconde-se debaixo da mão de uma bruxa?

Throst enfrentou-o com uma segurança admirável:

— Se bem me recordo, há muitos anos que tu também o fazes! Não se deve o sucesso do filho de Arngrim à proteção do feiticeiro Sigarr?

Gunnulf urrou, e eu temi o pior. Com passadas largas, dirigiu-se à parede e arrancou a espada da madeira. Depois, para meu alívio, precipitou-se para a porta, cuspindo irado:

— Isto não fica assim!

Quando a porta bateu, o olhar de Throst caiu sobre mim. Antes que eu pudesse esboçar um gesto, já ele me arrebatava dos braços das mulheres e sacudia furiosamente:

— Como te atreves a interferir nos meus assuntos?

— Pára, Throst! — acudiu Ingrior. — Ela só quis ajudar!

— Eu não preciso de ajuda! — gritou ele junto do meu rosto. — Eu não preciso de nada de ti, Catelyn! Estás a ouvir? Se voltares a humilhar-me, arrancar-te-ei a carne dos ossos à pancada!

Largou-me tão bruscamente, que eu teria caído se as minhas amigas não me segurassem. Contudo, não tive tempo de me sentir ferida ou ressentida, pois Throst deu dois passos e tombou desamparado no chão, sem sentidos.

Quando dormia, o gigante viking parecia um menino meigo e indefeso. Como era possível que aquelas mãos tão belas já tivessem espalhado tanta destruição? O amor era um sentimento estranho e incompreensível! Não me importaria de assimilar o sofrimento de Throst para que ele ficasse bem. E, de certa forma, era isso que eu fazia, ao enchê-lo de energia curativa, para que os seus sonhos se suavizassem e o seu corpo se restabelecesse.

Agora que a tormenta aquietara, compreendia por que a minha interferência o enfurecera. Throst pretendera marcar uma posição ante Gunnulf, e o meu gesto deixara a impressão de que ele não seria capaz de defender-se sozinho. Mesmo que eu o forçasse a escutar-me, não o convenceria de que, sem a minha ajuda, provavelmente estaria morto. Seria obstinado ao ponto de replicar que o primo não teria coragem de concretizar a ameaça e que sairia da sua casa ainda mais humilhado. Mas o seu orgulho e teimosia

faziam parte da personalidade especial que eu tanto admirava. Do nosso confronto resultara alguma confusão, mas nenhum ressentimento.

A declaração das intenções amorosas de Throst deixara-me a tremer. Decerto, ele apenas pretendera rebaixar a prima! Era a única explicação, além da completa loucura! Mesmo que eu pudesse aceitar tamanho desvario, como ficaria a sua posição na comunidade, ao desposar uma mulher de classe inferior? Os outros líderes perder-lhe-iam o respeito e deixariam de segui-lo!

Casar-me com Throst... Dei por mim a esquecer a realidade e a fantasiar com essa hipótese inadmissível. Viver numa casa nossa, dormir nos seus braços, gerar os seus filhos... A imaginação encheu o meu corpo de febre. Depois, a dura verdade caiu sobre mim como uma chuva de granizo. Eu jamais conheceria tal felicidade. Mesmo que, um dia, me libertasse definitivamente de Sigarr, Throst seria um sonho irrealizável.

Ingrior terminou de adormecer Trygve e sentou-se ao nosso lado.

— Vai descansar um pouco, Catelyn. Deves estar exausta depois deste dia terrível! Eu velarei pelo meu irmão...

Interrompi-a com um gesto suplicante. Estes breves momentos em que Throst estava privado da consciência eram uma oportunidade única de estar perto dele. Ingrior compreendeu-me e não tornou a insistir. Molhou o pano em água fresca e estendeu-mo, para que eu o colocasse sobre a testa úmida de suor do paciente. Não consegui impedir que os meus dedos deslizassem pelos seus cabelos cor de Sol e sofri um sobressalto quando Ingrior perguntou:

— Tu ama-lo muito, não é verdade?

De que me serviria negar aquilo que a minha irmã de coração percebera antes de mim?

— Sim — respondi num sussurro dolente. — Mas ele não pode saber!

— Diz-me por que, Catelyn...

Não me atrevi a encará-la. Se eu me confessasse, Ingrior nunca mais me dirigiria a palavra. Mas este segredo estava a matar-me...

— A minha avó ordenou-me que aceitasse tudo o que o Sigarr me exigisse... e eu obedeci-lhe! — Ouvi a minha voz vinda de muito longe, como se estivesse a sonhar. — Ele pediu algo terrível... Algo

que eu jamais lhe darei! Por isso, não posso entregar-me a nenhum homem.

— O teu primeiro filho?

— Sim...

Senti vontade de gritar quando os braços de Ingrior me envolveram. O alívio de desabafar e de perceber que ela não me condenava deixou-me a soluçar. Afundei-me no seu carinho e ali fiquei, até o meu coração se acalmar. Eu amava Ingrior tanto como amava os meus irmãos verdadeiros. Adivinhei o que ela ia dizer antes mesmo de falar:

— Sabes que deves contar-lhe...

Abanei a cabeça numa negação, enquanto sufocava um gemido.

— Não posso — articulei, por fim. — O Throst não compreenderá! Eu consigo suportar a sua indiferença, mas não o seu desprezo!

— Talvez te surpreendas com a sua reação — insistiu ela. O meu irmão mudou muito, Catelyn! O seu amor por ti está a derreter-lhe o coração, a colocá-lo no caminho certo...

— Mais uma razão para eu me manter afastada! O Throst está destinado a liderar o seu povo. Precisa de uma mulher que lhe dê herdeiros...

— O meu irmão está desesperado porque pensa que o grande amor que te tem não é correspondido. Deixa que seja ele a decidir o que realmente deseja!

— Não posso, Ingrior... Não consigo...

Ingrior embalou-me, e eu voltei a soluçar. Quando ela me sentiu mais calma, afastou-me o cabelo do rosto e acariciou-me as faces inchadas e vermelhas.

— Seria mais fácil se chorasses, querida... — murmurou preocupada. — Por que te conténs tanto? Por vezes penso que vais rebentar!

Deitei a cabeça no seu peito e suspirei profundamente, antes de responder:

— Toda a minha vida quis ser forte... até que a dor se abateu sobre mim e me afogou num mar de lágrimas. Quando a tempestade acalmou, descobri que os meus olhos haviam secado. Eu não consigo chorar, Ingrior! As lágrimas estão na minha cabeça, na garganta, rebentam-me o peito, mas não me caem dos olhos.

Talvez este tormento faça parte da maldição que a bruxa me lançou! Ou talvez seja apenas um castigo por tudo o que não fiz e podia ter feito... por tudo o que anseio, mesmo sabendo que não posso ter...

— Catelyn, pára de te atormentar! — Ingrior beijou-me a testa, embalando-me com uma ternura maternal. — Um dia voltarão a cair lágrimas dos teus olhos, mas serão lágrimas de alegria! Luta por aquilo que desejas, mesmo que te pareça impossível de alcançar. O hoje é diferente do amanhã e o difícil pode tornar-se fácil! Tu ainda serás muito feliz, minha querida irmãzinha! Acredita em mim!

Três semanas após a discussão na casa de Throst, Halldora casou-se com Freysteinn. Nenhum dos seus primos foi convidado para assistir à cerimônia, que acolheu as famílias mais importantes da Terra Antiga e alguns chefes de clã das aldeias vizinhas.

Enquanto as trompas soavam, Throst deteve-se junto da cerca com o olhar perdido na floresta. Ingrior aproximou-se a abraçou-o pelas costas. Eu estava sentada na entrada da casa, brincando com Trygve e, mesmo sem querer, ouvi o que diziam:

— Foi melhor assim... Nunca serias feliz com ela!

Throst hesitou antes de responder:

— Sabes o que mais me impressiona? Não sinto absolutamente nada! Todo o afeto que me unia a Halldora desapareceu como se nunca tivesse existido. Admito que tu tinhas razão. O que eu sentia era um carinho alimentado por quinze anos de convívio. Mas o seu egoísmo e maldade destruíram tudo...

Depois de mais algumas palavras de conforto, Ingrior deixou o irmão e regressou a casa. Pegou no filho ao colo e dirigiu-me um olhar apelativo. Eu tentei resistir. Continuava convicta de que devia manter-me afastada de Throst. Entre nós, pouco mudara. Só falávamos quando não podíamos deixar de fazê-lo e evitávamos encarar-nos. Eu sabia que avançar um passo para Throst significava recuar uma centena na minha resolução. Mas quando dei por mim já estava ao seu lado e a murmurar:

— Sinto muito...

Ele permaneceu imóvel, com o olhar distante.

— Por que?

Encolhi os ombros, desconfortável ante a sua indiferença.

— Por Halldora... Por tudo...

— Podes pensar o que quiseres, Catelyn — retorquiu friamente. — No que te diz respeito, eu só lamento o que sofreste na casa do Gunnulf, à mercê dos caprichos da Halldora. Quanto ao resto... Sinto raiva de mim próprio por não ter assumido uma posição mais cedo. Se o tivesse feito, muitos dos meus companheiros que morreram neste Verão estariam vivos.

Com um nó na garganta, ergui a mão para tocar no seu braço, mas consegui segurar-me no último instante. Throst ainda surpreendeu o meu gesto, porém, não se manifestou. Eu forcei-me a argumentar:

— Não podes culpar-te pelas vidas que se perderam. Tu também arriscaste a tua!

Ele abanou a cabeça, objetando com severidade:

— Eu não devia ter permitido que o Gunnulf avançasse! Podia ter-me imposto...

— Os homens sabiam o que os esperava! Não era a primeira vez...

— Era a primeira vez do Styrr! Eu era responsável por ele! Devia tê-lo protegido!

— E a ti, quem te protegia Throst? — indaguei com ardor. — Quem te guardava, quando aqueles em quem confiavas já te tinham marcado para morrer?

O guerreiro fechou os olhos, abalado pelas minhas palavras. Quando eu já recuava, exclamou subitamente:

— Tu!

Fixei o seu olhar azul, sem compreender, e Throst continuou:

— Tu protegeste-me, Catelyn! Alteraste a minha sorte quando me deste a pedra mágica. O teu irmão só se deteve porque a reconheceu. Deste-me força durante a viagem e alento quando eu já me entregara à morte... E há dias, quando o Gunnulf desembainhou a espada, voltaste a salvar-me a vida. Eu não sabia se ele teria coragem de me matar. Era um risco que estava disposto a correr... — Fez uma pausa, mastigando as emoções para que estas não o dominassem. — E tornei a magoar-te, em vez de te beijar as mãos. Desculpa.

A tentação de abraçá-lo e encostar a cabeça ao seu peito forçou-me a dar um passo em frente. Porém, ele virou-se para encarar a floresta, deixando-me triste e desamparada.

Regressei a casa e refugiei-me na solidão do meu quarto. Sentei-me e enlacei as pernas, balançando-me para trás e para diante. As lágrimas podiam não rolar dos meus olhos, mas todo o meu ser pranteava. Throst ainda me amava! Eu lia-o nos seus olhos; sentia-o nas suas palavras... Mas mantinha-se fiel à maldita promessa de não se aproximar. Melhor assim! Quando o momento chegasse, a separação não seria tão dolorosa.

CAPÍTULO 11

Os dias de nevoeiro instalaram-se, pachorrentos e intermináveis. A neve voltou a dominar a paisagem da Terra Antiga e a agravar a minha melancolia. Nesse ano, a fervorosa atividade das quintas terminara mais cedo, pois os homens também haviam regressado da campanha de Verão antes do previsto. Seria um Inverno difícil, tanto no plano social como no econômico, pois não havia espólio de conquistas para dividir e negociar.

Throst ainda recuperou a tempo de fazer duas viagens com o seu *Knarr.* Foram dias tristes, aqueles em que esteve longe, nos portos de comércio, e eu sentime aliviada quando ele regressou. A nossa relação continuava fria, muito por minha culpa. Era-me cada vez mais difícil controlar os ímpetos do meu coração e, por isso, preferia manter-me afastada, para não correr o risco de fraquejar e lançar-me aos seus pés, suplicando por um carinho. As noites arrastavam-se, e as recordações atormentavam-me. Por mais que me revoltasse, a minha sina era padecer na solidão.

Dois dias depois da chegada do *Knarr,* Krum veio visitar-nos. A alegria de reencontrá-lo depressa foi substituída pela preocupação. As novidades que trazia não eram as melhores. A sua relação com Gunnulf deteriorara-se e, já por várias vezes, fora forçado a engolir o orgulho para evitar uma tragédia. Na semana que estivera ausente, a situação piorara. A sua mãe aparecera a chorar na sua casa, suplicando por abrigo. Desde que Halldora se mudara para a propriedade de Freysteinn, Gunnulf perdera todo o respeito pela madrasta e passava o tempo mergulhado em orgias. Quando Anna lhe chamara a atenção, o enteado agredira-a e pusera-a na rua. Signy recolhera a sogra, mas começava a ficar assustada, pois as provocações não paravam. Gunnulf não perdoava a quem lhe fazia frente e, muito menos, a quem lhe voltava às costas.

— Não esperava tomar esta decisão tão cedo, mas não me resta outra solução — concluiu Krum. — Nós sabemos do que o Gunnulf

é capaz, e eu não irei arriscar a vida do meu filho por orgulho ou por tolo heroísmo. Vou vender a minha parte da herança e viajar. Este será o meu último Inverno na Terra Antiga.

Throst insistiu para que o primo viesse morar na sua casa, mas Krum estava determinado a continuar na Aldeia de Grim, pelo menos até encontrar um comprador para a sua propriedade. Depois das despedidas, acompanhei-o ao cavalo. Sentia-me apreensiva por ele e pela sua família. Krum sorriu e debruçou-se para me acariciar o rosto, replicando carinhosamente:

— O fardo que carregas já é demasiado pesado, querida prima. Não te apoquentes por nossa causa! O futuro será difícil para todos. Não só na Grande Ilha haverá mudanças. A Terra Antiga está prestes a sofrer o maior abalo da sua história. A separação do Throst e do Gunnulf é inevitável e, quando se concretizar, eu estarei do lado do meu primo, contra os meus irmãos. A vida não é fácil, nem justa! Temos de aproveitar os breves momentos de felicidade com que somos abençoados, para que as dificuldades da vida sejam suportáveis. É irônico pensar que a paz só se impõe através da guerra... Para o bem da Terra, esperemos que as gerações vindouras possuam mais sabedoria do que a nossa!

A noite já tombara sobre nós, apesar de ainda ser cedo. Ao longe, ouvia-se um trovejar ameaçador. Não tardaria a chover. Acenei a Krum, com o coração apertado. Temia pelo futuro do meu primo, do meu amor, da própria Terra Antiga. Quando fechava os olhos, a imaginação fustigava-me com visões de fogo e sangue; Throst a bater-se contra Gunnulf... Throst a morrer...

A minha cabeça estalava de confusão. Quando a Pedra do Tempo me falara, eu vira Throst liderando o seu povo ao lado de Gunnulf. O meu choque fora tão violento que fizera tudo para contrariar essa revelação. Agora, os primos estavam de costas viradas e, mais tarde ou mais cedo, entrariam em conflito. Não fora a minha teimosia em rejeitar a união dos líderes da Terra Antiga que desencadeara esta desgraça? No final, quando Throst defrontasse o guerreiro-urso, não seria eu a responsável pela sua morte?

A vertigem atingiu-me com o ímpeto de um relâmpago. As minhas pernas cederam e tombei desamparada no chão. Senti a cabeça a ser esmagada entre as mãos de um gigante. Ouvi os apelos de

Ingrior e de Throst, mas não consegui mover-me. Tremia tanto, que os meus ossos ameaçavam partir-se. Piscava os olhos aflitivamente, mas tudo o que via era ondas de fogo sobre um fundo negro e muitos homens de espadas desembainhadas, lutando desenfreadamente, cabeças decapitadas, membros decepados, ribeiros de sangue... Os gritos de fúria e de dor sobrepunham-se aos estouros dos trovões...

— Catelyn...

— Pequena, luta contra isso! Tu és capaz!

A voz de Throst... O meu Throst! Abracei-o desesperada, decidida a não permitir que ele se desvanecesse. O frio que me macerava finou, enquanto a consciência regressava devagar. Abri os olhos a custo. Estava em casa, perto da fogueira, e Throst esfregava-me energicamente com uma manta, enquanto Ingrior me forçava a engolir um chá quente e doce.

— Já passou, Pequena! Vais ficar bem...

Ouvir tanto carinho na voz de Throst fez-me soluçar. Desprovida de vontade, aninhei-me de encontro ao seu peito e pensei que, se morresse nesse instante, morreria feliz.

— Bebe, Catelyn — insistiu Ingrior. — Vais sentir-te melhor. Tiveste muita sorte! Por pouco não morreste gelada.

Obedeci sem sair do colo de Throst, tentando recordar o que me sucedera. Despedira-me de Krum e mergulhara num delírio torturante. Pela minha demora, os filhos de Thorgrim haviam saído no meu encalço. Encontraram-me desmaiada, à mercê da tempestade que entretanto rebentara.

— Tiveste uma Visão?

Encarei a minha amiga, sem saber o que lhe responder.

— Não sei bem... Doía-me muito a cabeça e, de repente, vi uma grande batalha... muitos mortos, homens feridos, a gritar...

— Calma, minha querida — murmurou Throst, estreitando-me com cuidado. — Já passou...

Procurei o seu olhar e dei por mim a quebrar as regras que me impusera:

— Tu não podes enfrentar o Gunnulf...

— Eu sei, Catelyn — atalhou ele, acariciando-me o rosto. — O Trygve avisou-me há muitos anos. Eu não sou tão ingênuo e

vulnerável como tu pensas. Perdi o rumo uma vez, mas não voltará a acontecer. Não te apoquentes mais com a minha segurança.

Ouvi a cortina do quarto de Ingrior e só então me apercebi de que ela nos deixara. Throst ergueu-me nos seus braços e levou-me para a minha cama, sem que eu tivesse alento para protestar. Enrolou-me nas cobertas quentes e sentou-se ao meu lado, sem me tocar, mas prendendo-me no seu olhar luminoso. Por cima de nós, a coruja branca mirava-nos em silêncio, meio atenta, meio adormecida. Lá fora, o vento fustigava as paredes da casa, e os trovões ecoavam como trompas infernais. A luz dos relâmpagos entrava pelas frestas da madeira e rivalizava com as chamas vivas da fogueira.

— Eu sei que tu estás preocupada... — começou ele, sobressaltando-me. — Quero ajudar-te, mas não conseguirei se não me disseres o que se passa. Falei com a Ingrior, mas ela recusa-se a contar-me. Mandou-me perguntar-te... — Respirou fundo e passou as mãos pelos cabelos dourados. — Eu já não sei o que fazer. Já nem sei o que pensar! Tudo o que aconteceu conosco... — Segurou a minha mão e acariciou a cicatriz que nos unia. — Eu julguei que gostavas de mim... Tanto como eu... — Engoliu em seco e conteve-se de me declarar o seu afeto. — Depois, forcei-me a convencer de que não era verdade. Mas os teus olhos... Os teus olhos, Catelyn... Mesmo agora...

Voltei o rosto para a parede, cerrando os dentes para não gritar. Mal conseguia respirar, e o meu corpo estava tenso como uma tábua. Então, sem aviso, Throst puxou-me de encontro ao seu peito e forçou-me a encará-lo.

— Isto vai acabar e é já! — afirmou com ardor. — Olha para mim, Catelyn! Olha...

E eu olhei... E olhei... As palavras de Krum não me saíam da cabeça — aproveitar os breves momentos de felicidade com que somos abençoados... Poderia eu fazê-lo? Que preço pagaria pela vã ilusão do amor? Que preço seria cobrado a Throst pela minha fraqueza? Os olhos azuis eram estrelas na noite escura. Os seus lábios abriram-se e fecharam-se, sem emitirem um som. Estávamos prisioneiros do nosso fôlego, sem nos atrevermos a mover. Ele tinha medo de que eu recuasse, e eu tinha medo... Eu tinha medo de

tudo! A minha mão tocou no seu rosto. Throst segurou-ma e beijou-a. Depois apertou-a dentro da sua, dizendo roucamente:

— Eu sinto que vou enlouquecer Catelyn! Por que estás a fazer isto comigo? Por que me salvaste a vida, apenas para me condenares à angústia de te amar e te perder, cada dia um pouco mais? Eu não suporto esta tortura... Não suporto o teu ódio...

Como podia ele pensar tamanha atrocidade, depois de tudo o que havíamos partilhado? Quando dei por mim, as palavras já me caíam dos lábios como água da nascente:

— Eu não te odeio Throst! Eu adoro-te... Quero-te tanto bem!

O guerreiro ficou tenso, e a sua respiração transformou-se num ronco ofegante. Apertou-me o rosto entre as suas mãos, suplicando ansiosamente:

— Não digas isso, Pequena... Não digas se não for verdade!

Fechei os olhos e procurei os seus lábios, saboreando o calor doce e trêmulo como se fosse a mais rica iguaria do mundo. Throst não correspondeu de imediato, e eu recuei amedrontada e confusa. Porém, não tive tempo de esboçar uma interrogação. Os lábios másculos seguiram-me e capturaram os meus, num beijo lento, quase casto, que foi crescendo de intensidade à medida que as nossas mãos se atreviam e os nossos corpos ousavam.

O desejo que eu continha há muito explodiu dentro de mim, deixando-me à deriva ao sabor da paixão. Comecei a tremer quando as nossas carícias atingiram uma ferocidade desesperada. Throst deitou-me e deslizou sobre mim. Sem nunca parar de beijar-me, enfiou-se debaixo das cobertas e deliciou-me com o peso do seu corpo e a percepção do seu desejo. A minha cabeça estava perdida. Senti as suas mãos a lutarem com o meu vestido e ergui as ancas para lhe facilitar o acesso. Desejava-o com loucura e não queria esperar para lhe pertencer por completo. Gemi arrebatada de encontro aos seus lábios e mordi-os com fome, impedindo-o de se afastar para respirar. Percebi que ele desapertava o cordão que lhe prendia as calças, e o calor da sua pele fez-me derreter como manteiga no fogo. A última barreira que nos separava fora derrubada...

Subitamente, a voz de Sigarr ecoou na minha mente, fria como a geada de Inverno. Talvez fosse o último recurso da minha

resistência, mas não podia ignorá-la. Sabia que esta era a altura ideal. Se Throst entrasse em mim, eu estaria perdida. Instintivamente fechei as pernas e empurrei-o.

— Não, Throst... Não! Pára!

— Pequena...

— Pára! Por favor...

Ele parou, mas não se afastou. Encontrei o seu olhar atormentado e pensei que não teria força para o negar se Throst insistisse uma única vez. A luta entre o querer e o dever era tão forte que me agoniava. Quase gritei quando ele suplicou docemente:

— Deixa-me amar-te, Pequena! Nós dois precisamos disto...

Beijou-me com meiguice, e eu correspondi enlevada, sentindo-me ridícula ao forçar um protesto que mais parecia um gemido de prazer:

— Eu não posso...

Throst respirou fundo, lutando contra a própria natureza do seu ser, enquanto replicava ofegante:

— Eu pararei se me deres uma razão! De outra forma, irei amar-te até perdermos as forças!

O que me restava? Não conseguia parar. Não podia continuar. Não tinha coragem de lhe contar a verdade. Não queria mentir-lhe...

— Eu ficarei grávida... — respondi a custo e, para minha surpresa, o seu rosto iluminou-se com um sorriso deslumbrante.

— Isso será maravilhoso! Não tenhas medo, querida! Este será apenas o primeiro dos muitos filhos que eu te quero dar...

Os lábios ternos cobriram os meus, enquanto as mãos fortes subiam pelas minhas pernas, provocando-me delírios com o toque suave dos seus dedos. O meu corpo abriu-se ao de Throst como uma flor ao sol, mas a minha mente continuou a batalhar, num último esforço de penosa lucidez:

— Eu não posso engravidar... A minha missão...

O gigante louro deixou-se tombar ao meu lado, com um impulso brusco que me fez recear a sua ira. Porém, ao seguir este movimento, eu encontrei o olhar azul relampejando de convicção e percebi finalmente o que Ingrior me tentara dizer. Instalada na alma de Throst estava uma força mística que antes não existia.

Confirmando o meu pensamento, ele replicou com uma firmeza que me fez estremecer:

— Há algo mais, não é verdade? Existe uma razão... e é tão forte que te manteve afastada de mim, sofrendo e vendo o meu sofrimento... — Tentei desviar-me, mas ele não consentiu. — Fala comigo, amor! Deixa-me ajudar-te...

— Tu não podes ajudar-me! — arfei desesperada. — Vais odiar-me...

Throst inclinou-se para envolver o meu rosto com as mãos, antes de me assegurar:

— Eu jamais te odiarei, Catelyn! Jamais!

Fechei os olhos e rendime à sua vontade, entregando à sorte as conseqüências da revelação grotesca. Vi as cores desaparecerem das faces do meu guerreiro e senti o seu corpo estremecer enquanto eu falava. Estava incapaz de encará-lo, quando concluí:

— Eu prefiro morrer a ter de entregar um filho ao Sigarr! Por essa razão não posso arriscar-me a engravidar... Não posso estar contigo...

Experimentei um alívio profundo quando ele me estreitou. Pelo menos não me repudiara! Arrepiei-me quando exclamou com uma resolução inabalável:

— Tu não irás morrer! Eu matarei esse maldito, e tu ficarás livre!

— Não, Throst! — roguei aflitivamente, atrevendo-me a buscar a sua mão. — O Sigarr não pode tombar por esse motivo. Eu dei-lhe a minha palavra! Estaria a arriscar muitas vidas e o destino de um povo se o traísse. Tenho de confiar na minha avó! Tenho de ser paciente...

— Então, seremos ambos pacientes! Eu não permitirei que fujas mais, Catelyn! Esperarei o tempo que for necessário para desfrutar do prazer do teu corpo, mas não prescindirei do conforto da tua companhia, do calor dos teus braços, do ardor dos teus beijos...

— Throst... — Solucei, sem acreditar no que ouvia. — Eu não posso pedir-te tamanho sacrifício! E se a espera for longa? E se for interminável? Tu estás na idade de constituir família. Deves escolher uma mulher e...

— Tu és a única mulher que eu desejo Catelyn! Se eu tiver de viver ao teu lado como um irmão, durante o resto da minha vida, que

assim seja! Esta é a minha decisão!

Eu tinha de dizer-lhe que isso não era possível. Devia falar-lhe da minha missão, da minha partida sem regresso, mas não reuni coragem nem força. Estava envolvida numa paz deliciosa, à qual nenhuma magia se podia comparar. Depois de tanto sofrimento, depois de tanta contenção, desfrutar do carinho do homem que eu amava era a minha única ambição.

Quando acordei, pensei que continuava a sonhar. Throst estava deitado ao meu lado, acariciando-me a face com devoção. Por baixo das cobertas, as nossas peles tocavam-se, quentes e desejosas. Os meus dedos deliciaram-se com as batidas exaltadas do seu coração. Pensei que ele era o único homem capaz de se deitar com uma mulher sem a possuir. Não pude conter um sorriso, e Throst correspondeu, perguntando num sussurro:

— O que vai dentro dessa cabecinha linda, que traz tanto brilho ao teu olhar?

Engoli em seco, respondendo com a voz estranhamente enrouquecida:

— Estava a pensar na força do teu controle.

O seu sorriso desfez-se devagar, enquanto a pressão dos seus dedos se centrava na minha nuca, e as nossas pernas se entrelaçavam.

— Tu conheces tantas ervas... Não existirá uma que... Percebes?

Não era o homem apaixonado que falava e sim o macho desesperado para satisfazer o ardor. Eu percebia-o demasiado bem! Corei intensamente e escondi a cabeça no seu peito, fugindo do olhar que me atormentava e do beijo que sentia inevitável.

— Eu não posso... O Sigarr conhece os nossos sentimentos e certamente previu esse truque. Estaria a arriscar demasiado.

Para minha surpresa, Throst aquiesceu com um gemido doloroso:

— Eu compreendo... Tens razão! — Tocou-me no queixo, forçando-me a encará-lo. — Só nos resta esperar! Mas a espera será um doce tormento se me deres o teu carinho!

Não fugi do seu beijo. Eu também o desejava.

Perdemos a noção do tempo, enquanto trocávamos carícias apaixonadas e quase inocentes. Eu queria acreditar que Throst teria a força necessária para respeitar a minha imposição. Se não,

estaríamos em queda livre para a desgraça. Foi ele quem tomou a iniciativa de se afastar, lutando para respirar, enquanto murmurava:

— O meu controle não é soberano, Catelyn! Talvez não faças idéia de como eu te desejo. Não me tentes... Ou nem todos os feiticeiros do mundo conseguirão deter-me!

As reuniões de amigos em casa de Throst eram muito animadas. Em contraste com as orgias perversas de Gunnulf, as festas do senhor da Aldeia do Povo enchiam-se de música, cantorias, histórias, jogos, risos e brincadeiras. As crianças corriam livremente entre nós, e o eco das suas gargalhadas curava qualquer espírito mal-humorado.

Nessa tarde, o motivo da celebração era especial. Krum vendera a sua propriedade e viera morar para perto de nós, numa casa modesta, mas confortável. Signy encontrava-se tão satisfeita como aliviada. O ambiente que se vivia na Aldeia de Grim estava longe de ser tolerável. Os guerreiros de Gunnulf andavam pelas ruas, agredindo os aldeões, insinuando-se às mulheres, comendo e bebendo o que lhes apetecia, onde lhes apetecia, sem respeitarem a privacidade de ninguém.

Horrorizada, escutei o que acontecera à jovem vizinha de Signy na semana anterior. Um dos guerreiros-lobo de Gunnulf batera-lhe à porta e exigira um pote de hidromel. A rapariga morava sozinha com a avó, por isso não se atrevera a protestar. Depois de se servir, o homem arremessara o pote contra a parede, quebrando-o em mil pedaços, e lançara-se sobre a jovem. Se Krum não tivesse acudido aos seus gritos, o animal tê-la-ia violentado. A justiça possuía o rosto de Gunnulf, por isso estava cega e surda. Os homens que rodeavam o líder eram livres para fazer o que bem entendiam, sem sofrerem nenhum castigo.

O reencontro com a minha tia não foi tão agradável como eu desejava. Anna estava diferente da mulher bondosa e alegre que eu conhecera. Dir-se-ia que envelhecera muitos anos em poucos dias. Signy contou-me que a sogra passava o tempo sentada em casa, a olhar para a fogueira sem se mover ou falar, como se estivesse a viver outra vida, dentro da sua própria mente. Diante de mim, Anna

não escondia o ressentimento. A minha chegada à Terra Antiga fora o princípio do fim do seu reinado. Esforcei-me para lhe agradar, mas percebi que a estima que todos me devotavam a enfurecia. Por várias vezes, surpreendi Krum a repreender a mãe por uma opinião mais azeda, quando os nossos amigos elogiavam as minhas habilidades e o entusiasmo de Throst. Era óbvio que o que restava de Mairwen era uma humana confusa e amargurada.

Throst não estava longe e atraiu-me para o seu abraço, ao aperceber-se da minha tristeza e constrangimento. A nossa relação tornara-se sublime. Havíamos decidido não partilhar a cama, mas convivíamos como bons amigos e as trocas de carinhos mantinham-me resplandecente de felicidade.

Krum também estava decidido a não permitir que a mãe lhe estragasse o bom humor. Era outro homem, agora que se libertara da sombra tirânica de Gunnulf. Tocou e cantou, acompanhado pelos amigos. A casa estremecia com o batuque animado de dezenas de pés. Fiquei surpreendida quando ele me convidou para dançar:

— Vamos mostrar-lhes como se dança na terra das nossas mães?

Olhei para Throst, como que a pedir o seu consentimento. Sentime estranha depois de receber um sorriso de anuência. Por que me sentia tão dependente da sua aprovação?

Comecei a dançar e esqueci a timidez e os temores. Outros pares juntaram-se a nós.

Sven resgatou-me dos braços do meu primo, e eu saltitei de mão em mão, acabando por parar diante de Bjorn, que ainda me mirava com alguma mágoa. O anúncio das intenções do irmão, no que respeitava ao meu futuro, fizera-o ferver. A sua indignação iniciara uma discussão violenta, na qual ele acusara Throst de lhe roubar a noiva. Valera a intervenção de Ingrior, que conseguira afastá-los a tempo de evitar que o irmão mais velho perdesse a cabeça. Dias depois, Bjorn decidira falar-me. O seu desânimo era notório. Declarou-se apaixonado por mim, mas entenderia se eu preferisse desposar um homem mais experiente e importante, como Throst. Tentei fazê-lo compreender que eu o amava como a um irmão e que ele merecia uma mulher mais jovem e menos problemática, que o desejasse como homem e vivesse para lhe agradar. A minha

sinceridade começava a dar frutos. Agora, que girava alegremente nos seus braços, eu tinha a certeza de que Bjorn depressa esqueceria o seu entusiasmo infantil. Um dia, se os nossos destinos se voltassem a cruzar, ainda nos riríamos muito à custa da recordação desta paixonite!

Throst tocava flauta com os olhos postos em mim. O baile e o riso faziam-me esquecer a ameaça que pendia sobre as nossas cabeças. Fui buscá-lo para dançar e não me apiedei dos seus protestos. Foi o princípio de uma noite memorável... E muitas iguais aqueceram os serões da Aldeia do Povo, durante as semanas geladas que se seguiram.

Bjorn regressou para junto de nós, e a casa ficou mais alegre. Era agradável passar os dias escuros de Inverno a trabalhar na majestosa vela, enquanto observava o treino dos dois irmãos. Depressa percebi que não era só no arco que o filho mais velho de Thorgrim era exímio. Quando os homens se reuniam para se exercitarem, era Throst quem os treinava. Por vezes, eu esquecia-me do trabalho e ficava a observar o corpo forte do meu guerreiro, movendo-se com uma velocidade e uma perícia que nenhum dos seus companheiros conseguia igualar. A memória levava-me de volta à casa onde nasci e à recordação do meu pai e dos meus irmãos, praticando no jardim com o nosso mestre de armas.

Eu imaginava que as provações tivessem afetado a maneira de ser dos meus irmãos. Mas, de todos, Edwin era o que mais me inquietava. Pelo que ouvira a seu respeito, eu concluía que pouco restava do garoto impulsivo e inconseqüente. Agora, Edwin era um condutor de homens, como Throst. E assim como Throst era capaz de despir a pele de líder responsável e de se transformar num rapazinho traquina, sempre disposto a brincar, eu também esperava que o meu irmão tivesse conseguido salvar a inocência da sua alma. Sem ela, não haveria esperança para a união dos povos.

Uma tarde, enquanto Bjorn aguardava que Throst terminasse de discutir um assunto com Krum para iniciarem o treino, peguei numa espada só para sentir o seu peso. Não era muito diferente das espadas usadas pelos guerreiros da minha terra. Arrepiei-me ao recordar que já matara um homem com uma arma igual àquela. Acabara de pousá-la quando Bjorn me desafiou a empunhá-la

novamente. Por graça, fiz-lhe a vontade. Depois de soltarmos umas gargalhadas, ele indagou muito sério:

— Tiveste treino com espadas, não é verdade, Pequena? — Antes que eu pudesse impedi-lo, chamou pelo irmão: — Throst... Aposto que não sabes que vivemos com uma guerreira!

Eu ia protestar, mas tive de erguer a arma para deter a sua investida. E o diabrete já não parou. Diante da sua habilidade, eu sentia-me desajeitada e fraca. Contudo, decidi não fazer má figura. Bjorn arremetia devagar e dava-me tempo para recuperar a postura. Dei por mim a apreciar a brincadeira e a corar com as exclamações de espanto dos homens e os aplausos das mulheres.

No dia seguinte, Bjorn tornou a desafiar-me, e aquele pedaço da tarde transformou-se num ritual. Aos poucos, a arma já não me parecia tão pesada, e eu conseguia movê-la com limitada destreza, para divertimento dos nossos amigos.

Passado algum tempo, Throst tomou o lugar do irmão. Fê-lo sem aviso, simplesmente ordenando a Bjorn que se afastasse. Uma investida, e eu estava com a espada na garganta.

— O que se passa Catelyn? — zombou. — Já te vi fazer muito melhor! Pára de tremer! Eu não vou magoar-te. Concentra-te!

Falar era fácil! Eu sentia-me uma fedelha desajeitada diante do chefe viking. Com um pouco de conversa e muita paciência, ele conseguiu transmitir-me confiança.

— Quem foi que te ensinou? Os teus irmãos?

— O Quinn... Principalmente... — respondi, sentindo a ferroada da saudade. — Nós éramos muito aguerridos. Ele gostava de me provocar...

— Eu também gosto!

A terra estava coberta por um manto branco, e os períodos de luz eram tão efêmeros que mal se percebiam. Todo o nosso tempo era ocupado com as tarefas de Inverno. A grande vela vermelha estava quase pronta, e eu tinha esperança de vê-la içada no majestoso *Drakkar* que o carpinteiro não tardaria a concluir.

Throst levou-nos a visitar o estaleiro, e o artesão disponibilizou algum tempo para explicar a sua arte. Eu achei apaixonante e fiz tantas perguntas que o homem se ofereceu para me ensinar o ofício, enquanto trocava um sorriso significativo com Throst. O seu

filho, a quem eu já curara um ferimento grave, quis explicar-me como manejar os instrumentos. Declinei delicadamente, sem evitar o riso. Podia ser curandeira, cozinheira, agricultora, tecedeira e até uma amostra de guerreira, mas aquilo não era para mim!

Eu vivia integrada na vida familiar da casa de Throst e esquecida da existência de Gunnulf e dos seus rufiões. Contudo, quando me deslocava à Aldeia do Povo para curar as maleitas e fazer os partos, não podia ignorar as histórias tenebrosas contadas pelos aldeões. Aparentemente, o líder viking voltara as costas a todos os homens de bem e rodeara-se de uma corja de assassinos. Sem a equilibrada companhia de Throst e Krum, Gunnulf começara a tratar mal os que dele dependiam, exigindo mais do que os aldeões podiam dar e punindo tiranicamente aqueles que lhe desobedeciam. A Aldeia de Grim encontrava-se assombrada pelo medo.

Halldora também era vítima da conversa aguçada. Uma anciã confidenciou-me que a jovem a procurara para que ela lhe preparasse uma mistura de ervas, a fim de evitar a gravidez. Eu não gostava de mexericos, mas não pude esconder o espanto. Halldora casara recentemente... Era mais do que natural que desejasse um filho!

No regresso a casa, ponderei sobre os motivos de Halldora, e o meu coração apertou-se, pois a conclusão só podia ser uma: ela não queria gerar filhos, porque estava casada com um homem que não amava e ainda não perdera a esperança de reconquistar Throst.

Enquanto mordia a raiva, fui surpreendida pela figura alta e loura que me esperava no caminho. Quanto mais tempo passava, mais a visão de Throst me deleitava.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei quando o meu cavalo alcançou o dele.

— E tem de acontecer algo, para que eu procure a companhia da mais bonita das mulheres?

Senti o rosto aquecer e incitei o meu cavalo a continuar, deixando-o para trás. Salientei a ironia ao replicar:

— A mais bonita? Julguei que não passava de um peixe miúdo! — Ouvi uma gargalhada fresca, e logo Throst estava ao meu lado.

— Nesse dia, no mercado, tive a certeza de que me tinhas compreendido! Se o teu olhar matasse, eu já não estaria aqui!

— Ainda não está provado que o meu olhar não mate! — forcei uma voz ameaçadora, esboçando uma careta. — Não te esqueças de que sou uma feiticeira...

— Mas também és humana — interrompeu ele de imediato, assumindo ares de entendido. — E uma mulher muito diferente da que resgatei da Casa de Grim. Terei de oferecer-te um espelho para que vejas o quanto cresceste neste ano, Catelyn? Se eu me apaixonei pela menina que me enfrentou com uma espada na mão, imagina o que sinto pela mulher que tenho ao meu lado!

A intensidade do rubor magoava-me as faces. Eu sabia que Throst falava verdade. Desde que curara a garganta e começara a alimentar-me devidamente, o meu corpo recuperara as formas naturais e, para minha grande satisfação, estava mais alta. Muitas vezes, ao usar os vestidos direitos e sem graça, típicos da região, dava por mim a interrogar-me como ficaria dentro de um dos meus vestidos de festa... e do olhar que Throst faria quando me visse surgir, com o cabelo armado no topo da cabeça e os caracóis caindo ao longo do rosto, com o peito redondo e firme espreitando pelo decote avantajado, com a cintura fina e as ancas largas marcadas pela saia rodada... Mas, é claro que isso nunca iria acontecer!

— Queres ir passear na floresta e aproveitar o resto da luz? — perguntou ele subitamente. — Eu trouxe uma merenda. Podemos comer na margem do lago...

Senti vontade de rir e só não o fiz porque sabia como lhe fora difícil escapar às suas responsabilidades para passear comigo. Há bem pouco tempo, eu não poderia imaginar que entrar numa floresta coberta de neve e fazer um piquenique junto a um lago gelado, enquanto a escuridão descia sobre mim, seria o meu ideal de uma tarde romântica. Porém, estar ao lado de Throst, em qualquer circunstância, era a concretização de um sonho bom.

Não tardamos a chegar ao lago onde os jovens vikings se reuniam para nadar, no Verão, e para patinar, no Inverno. Fiquei satisfeita por verificar que estávamos sozinhos. Throst agarrou-me pela cintura e ajudou-me a descer do cavalo. No instante em que o meu corpo deslizou pelo seu e os nossos olhos se encontraram, a chama do desejo acendeu-se no olhar azul, e eu perdi o fôlego.

Percebendo a minha ansiedade, ele recuou um passo e estendeu-me a mão.

— Vem! Já patinaste alguma vez?

A resposta era negativa. O Lago Encantado nunca gelava o suficiente para que eu e os meus irmãos desfrutássemos dessa brincadeira.

— Toma, são para ti!

Arregalei os olhos ao ver os patins feitos de madeira e osso que ele me estendia.

— Pertenciam ao Bjorn, mas há muitos anos que não lhe servem. Encontrei-os por acaso e arranjei-os para os teus pés. Experimenta-os!

Throst não parava de surpreender-me. Enquanto eu calçava os patins sobre as botas de pele, que me mantinham os pés deliciosamente quentes, observei com assombro que ele também calçava um par. A tarde prometia!

Depois de escolher um local onde o leito era estreito, Throst deslizou destemidamente até à outra margem. Aquilo não podia ser difícil! Tentei imitá-lo, ignorando o seu apelo para que esperasse, e o resultado foi desastroso. Caí e escorreguei sobre o gelo, gritando horrorizada, tentando a todo o custo cravar as unhas na superfície lisa para deter-me. Contudo, só parei na margem oposta com a cara enterrada na neve. Assim que se certificou de que eu estava inteira, Throst desmanchou-se a rir. Furiosa, abanei os ramos das árvores que pendiam por cima dele com a força da mente, cobrindo-o de uma chuva de branco. O gigante louro parou de rir e simulou indignação:

— Assim não vale! Eu não posso competir contigo nessa Arte! — Susteve-me pelos braços e ajudou-me a equilibrar. Colada ao seu corpo, descobri o prazer de deslizar como se estivesse a voar, sentindo o ar fresco a bater-me na cara e uma sensação de embriagante liberdade.

Throst patinava muito bem. Quando elogiei a sua habilidade, respondeu simplesmente:

— Não te esqueças de que eu também já fui uma criança!

Não me era difícil imaginá-lo — um rapaz traquina e sorridente, idêntico a Bjorn, cavalgando pelos campos, patinando no rio,

nadando nas águas frias do mar, correndo pelas praias, trepando pelas rochas, subindo às árvores, treinando com as armas... Aprendendo a ser um homem, forte e responsável.

Quando nos cansamos de esquiar, eu estava tonta e não conseguia parar de rir. Assim que Throst me soltou na margem, caí de novo sobre o manto branco. Mal me assegurei de que recuperara o equilíbrio, fui atingida nas costas por uma bola de neve e voltei a tombar. Fiquei estendida no gelo, louca de riso, sentindo a felicidade fluir por mim como sangue novo. Throst aproximou-se e estendeu a sua mão para me ajudar. Não me foi difícil desequilibrá-lo e puxá-lo para o meu lado. Brincamos como dois garotos, com os corações acelerados e as respirações ofegantes a misturarem-se com as gargalhadas. Por fim, voltamos para perto dos cavalos.

— Vamos comer antes que a noite caia. É pena que não possamos fazer uma fogueira. A lenha está demasiado encharcada...

— Apanha uns troncos — não resisti a apelar. — Eu cuidarei do fogo!

— Mas...

Ele deteve-se ao compreender o que eu pretendia. Sentou-se ao meu lado, esperando que executasse o encanto. Eu deixei-o sofrer um pouco à mercê da curiosidade, apreciando o prazer da sua companhia. Recordei com nostalgia o tempo que perdera diante da lareira do meu quarto, na Casa Grande, para aprender o que agora realizava sem ter de pensar. A madeira secava com um sopro e incendiava-se com um olhar.

— Como é que fazes? — perguntou Throst extasiado, quase sem acreditar no que via.

Sorri orgulhosa e falei-lhe nas pequenas partículas.

— Existem alguns truques simples que os humanos também podem executar — concluí. — Se desses uma oportunidade à Ingrior, ela mostrar-te-ia o muito que já aprendeu. — Acendi uma pequena chama na palma da minha mão e estendi-lha, divertida com o seu pasmo. — Não confias em mim? Segura-a!

Throst agarrou no fogo que eu alimentava mentalmente e arquejou extasiado, passando-o de mão em mão.

— Está frio! Como é possível que o fogo seja frio?

— Tudo é possível na magia, se possuíres os meios para executá-la e acreditares que irá resultar. Queres que te pinte o cabelo de verde?

— Não!

Soltei uma gargalhada ante o seu sobressalto. Quando Throst percebeu que eu estava a troçar dele, atacou-me com as pontas dos dedos. Torci-me e rebolei a rir, cheia de cócegas, tentando fugir e suplicando por uma trégua. Ele acabou por condescender e atraiu-me para junto do seu peito. Abraçados e aquecidos pela fogueira, começamos a comer com satisfação. Throst colocava pequenos pedaços de bolo na minha boca e acariciava-me a testa com os lábios. O meu coração estava eufórico. A minha mente fantasiava. O meu corpo deleitava-se com a sua atenção.

— Assusta-me pensar na maneira como o destino brinca conosco — começou ele, num tom sóbrio. — Cresci com o Krum e o Trygve sem saber... sem nunca desconfiar... Mas é óbvio que tinha de ser! Como explicar as suas habilidades, senão com a magia do sangue? — Fez uma pausa, e eu não o interrompi desejosa de ouvi-lo desabafar as questões proibidas pela sua mente. — Eu estava com o Gunnulf, quando lhe entregaram a mensagem que nos fez atacar a Enseada da Fortaleza. Não podia imaginar... Quando te vi, Catelyn fiquei assombrado. Tu vivias nos meus sonhos, mas eu não acreditava que fosses real. E, de repente, ali estavas e eu já não sabia o que fazer. Todas as minhas prioridades se tornaram insignificantes. Tirar-te daquele inferno, em segurança, e acorrentar-te a mim, era tudo o que eu desejava. Agora aceito que não podia ter feito outra coisa. A nossa sina foi decidida muito antes de nos conhecermos. O meu sobrinho tem o teu sangue... Krum é nosso primo. A irmã da tua avó deixou a Grande Ilha para se casar com o senhor da Terra Antiga...

Throst podia continuar para sempre a enumerar as loucas coincidências que nos uniam. Mas eu sabia que havia muito mais que nós desconhecíamos. A força que desenvolvera nos últimos meses dava-me uma percepção estranha, que eu não conseguia explicar e que, de certa forma, me angustiava. Sentia que não estava a viver o que verdadeiramente me fora destinado e sim uma

alternativa para que, no fim, o futuro encontrasse o equilíbrio que fora destruído no início.

— Fala-me dos teus sonhos — pedi, decidida a não permitir que ele se fechasse. — Fala-me de mim...

Eu estava a pôr o dedo na ferida da sua alma. Throst estremeceu e, por um instante, temi que se retraísse. Porém, depois de respirar fundo, começou lentamente:

— A primeira vez... foi na noite em que enfrentei o Lobo. Jamais esquecerei! A minha mente estava em fogo, e o meu corpo explodia com uma energia que eu não podia reter dentro de mim. A pouca razão que me restava justificava que esse fulgor se devia à mistura de ervas e cogumelos que eu tomara no ritual de iniciação. Mas, no fundo, já sabia que a explicação era muito mais complexa. Depois da luta, tombei numa inconsciência dormente, que me arrastou para um mundo novo, assustadoramente real para fazer parte de um sonho. Vi uma gruta que brilhava como se fosse o quarto das estrelas. No centro, havia um lago de água quente e uma pedra grande e polida, onde eu estava deitado com uma mulher... Uma mulher diferente de todas as que eu conhecia, tão linda, que a simples percepção da sua presença me tirava o fôlego. Essa mulher eras tu, Catelyn...

Tive de cerrar os dentes para que o coração não me saltasse pela boca. O sobressalto foi tão violento que o meu corpo estremeceu e o rosto corou. Throst tivera a mesma Visão que eu! Ansiei que ele continuasse, mas ficou subitamente silencioso, como se ponderasse... Como se acreditasse finalmente que não vivera um sonho e sim uma premonição. Eu quis contar-lhe que tivera a mesma revelação, mas a minha vontade diluiu-se no olhar azul e percebi que, por mais que me esforçasse, não conseguiria falar. Então, Throst prosseguiu:

— Quando despertei, mergulhei numa negação profunda de tudo o que vira e experimentara. — Subiu a manga do casaco para me mostrar a tatuagem do Dragão do Sol, no seu pulso. — Isto apareceu na minha carne sem que houvesse explicação. Sentime violado, revoltado... — Fez uma pausa, ferido pelas recordações. — Jurei que jamais voltaria a perder o domínio do corpo e da mente. Mas não conseguia impedir-me de sonhar... Vivia obcecado com a

tua imagem. Aonde quer que eu fosse, procurava-te em todos os rostos, imaginava-me nos teus braços, desesperava-me com a idéia de te encontrar morta nos despojos de uma aldeia... Por fim, decidi que a loucura tinha de acabar! Forcei-me a esquecer-te; a convencer-me de que tu eras um demônio que os Feiticeiros tinham plantado na minha mente, para me dobrar a vontade. Parei de admitir que pudesses ser real... Até que te encontrei, no mais inesperado dos lugares... E descobri que eras a mais proibida das mulheres.

As emoções que me assolavam eram tão fortes que me impediam de raciocinar com frieza. Eu aceitara a muito custo os sentimentos que nos uniam, mas nunca tomara verdadeira consciência da força do amor de Throst. Agora, fixava o seu olhar e ouvia as palavras de Ingrior — uma luz azul que envolvia o coração do chefe viking; um amor que libertaria os povos da escravidão da guerra...

— Catelyn... — O seu apelo trêmulo despertou-me. — Diz-me a verdade. Acreditas que tu e eu... — Abriu-me os dedos gentilmente para revelar a cicatriz na palma da mão. — Poderás algum dia perdoar-me pelo que eu fiz... pelo que sou...

Toquei-lhe nos lábios para silenciá-lo. A respiração de Throst alterou-se quando lhe acariciei os cabelos rebeldes que se escapavam do gorro de lã e, de seguida, a barba macia e bem aparada. Que sentimento era este que me dominava e fazia esquecer tudo? Que parecia crescer e fortalecer-se a cada instante do dia, até eu pensar que o coração me iria rebentar no peito, incapaz de conter tanta emoção? A custo repliquei:

— Não há nada a perdoar...

E mergulhei na sua boca, devorando-o com toda a fome do meu amor, deliciando-me com as sensações violentas que me sacudiam de cada vez que as nossas línguas se saboreavam. Quebrei o beijo para observar a sua perturbação, a chama do desejo acesa no olhar azul, o tremor do corpo poderoso. Enlacei o seu rosto entre as minhas mãos, murmurando roucamente:

— Ainda duvidas do meu afeto?

Throst gemeu extasiado e puxou-me para o seu colo. Sentada sobre ele, envolvi-lhe o tronco com os meus braços e pernas, enquanto me rendia à fúria do nosso beijo. As suas mãos

percorreram-me os braços, as costelas, a curva suave dos seios, a cintura, o ventre, as ancas... e depois fizeram o percurso inverso. A cada toque, eu incendiava e ardia, completamente esquecida de que decidira não provocá-lo, não acordar a nossa paixão, jamais me entregar...

— Preciso de ti, Catelyn! — sussurrou ele junto ao meu ouvido, deslizando os lábios pelo meu pescoço. — Cada dia é um tormento... Nunca estive tanto tempo sem...

Deteve-se, atencioso ao meu pudor, mas eu compreendera-o. Throst nunca estivera tanto tempo sem possuir uma mulher. Confirmar a sua fidelidade deixou-me ainda mais inflamada. Havia uma ânsia no meu ventre impossível de controlar. As minhas ancas pressionavam-se contra ele, como se tivessem vontade própria. Os meus dedos enterravam-se na túnica grossa, ansiosos por arrancá-la. Há muito que eu esquecera o frio. Estava a arder por dentro e por fora.

— Desejo-te, Pequena! — arfou o meu guerreiro, antes de me aprisionar os lábios. — Quero fazer amor contigo... Agora!

Abandonei-me ao seu ardor. A necessidade que nos movia já não podia ser contida.

De repente, um pássaro voou sobre nós soltando um pio agudo e mortificante, tão perto, que sentimos a força das suas asas. Afastamo-nos assustados e, de imediato, Throst esboçou um gesto para me proteger. Porém, o pássaro não era possante e ameaçador, como nos parecera de início. Era uma pequena coruja branca com os olhos carregados de luz.

— Maldição! — praguejou Throst, bufando de frustração. — Eu devia ter morto esta peste quando tive a oportunidade!

— Não! — Forcei-me a reagir, impedindo-o de perseguir a ave que nos observava, pousada numa árvore próxima. — Ela não é uma coruja vulgar!

Perguntei-me por que só agora me dava conta desta evidência. Respirei fundo e chamei o pássaro com a voz da minha mente. De imediato, ele voou ao meu encontro e pousou sobre o braço que o aguardava. Ao meu lado, Throst estava atônito.

— Como é possível...? O que significa isto, Pequena?

A ave revirou os olhos como se troçasse do nosso assombro. Era tão leve que dir-se-ia feita de ar, mas robusta para o seu tamanho insignificante.

— A coruja apareceu na casa do Gunnulf pouco depois de eu chegar. Desde então, segue-me para todo o lado. Já me salvou de muitos apuros... E agora tornou a fazê-lo!

— Estás a dizer que este pássaro te protege? — questionou Throst, à deriva na minha conclusão.

— Ou alguém através dele.

— Não é possível... Isso não faz sentido!

— Estende o braço!

Embora contrariado, ele aquiesceu. Respondendo à minha ordem mental, a coruja levantou vôo, pairou por cima da cabeça de Throst e pousou no seu braço. Os olhos azuis fixaram-me, repletos de confusão.

— Mas quem...?

— Quantas opções existem? — retorqui, com um sorriso nos lábios e o peito cheio de calor.

— Isso é ridículo! — refutou ele implacavelmente, mas sem ânimo para enxotar a ave que lhe trepava até ao ombro. — Se o Hakon desejasse proteger-te, por que enviaria um pássaro, ao invés de te procurar pessoalmente?

— Todos estes anos, tu convenceste-te de que o teu avô vos abandonou por opção. E se isso não for verdade? E se, por alguma razão, ele não puder revelar-se a ninguém?

Como que respondendo à minha insinuação, a pequena coruja soltou um pio longo e triste, antes de se lançar num vôo suave e desaparecer por entre as árvores. O olhar de Throst seguiu-a e depois regressou ao meu. A sua voz tremia quando perguntou:

— Tu acreditas realmente que eu posso mudar o destino do meu povo, Catelyn?

A sua associação de idéias impressionou-me. Confirmei com a cabeça, respondendo com toda a convicção:

— Eu acredito que tu já estás a mudá-lo!

CAPÍTULO 12

As mulheres da casa e as da aldeia, que se haviam reunido a nós para ajudar a costurar a gigantesca vela, tagarelavam alegremente. Apesar de partilhar da tarefa, parte da minha mente libertara-se e saíra para a rua, enfrentando a bruma que fechara as garras sobre as Terras do Norte. Eu conseguia cheirar o mar no vento, sentir o ar gelado e denso... e ver os abetos abanando ritmicamente por cima do manto branco que cobria a terra, os archotes da Aldeia do Povo, o fumo escapando-se em espiral pelas chaminés das modestas habitações... Podia ver o homem aproximando-se a cavalo, controlando-o como se fizessem parte da mesma essência, com os seus cabelos louros presos dentro do gorro de lã e a capa esvoaçando em redor do corpo. Concentrei-me nele e interiorizei as batidas do seu coração. Em que estaria Throst a pensar?

Cedi à tentação de espreitar e pressenti o seu sobressalto. Ele acabara de desmontar e entrara no estábulo, mas não estava sozinho. Um perfume doce empestava o ar e sobrepunha-se ao cheiro forte dos animais. Eu não precisei de vê-la para reconhecê-la. Halldora voltava a atacar!

O meu choque foi tão violento que me quebrou a concentração. Certamente soltei um grito, pois, quando olhei em redor, as mulheres fitavam-me surpreendidas. Desculpei-me com uma súbita indisposição e, sem lhes dar oportunidade de reagir, pus a capa e corri para a noite. Enquanto as minhas botas se moviam ligeiras sobre a neve, eu repetia que o que tencionava fazer não era correto... Mas não havia força no mundo capaz de deter-me.

A porta do estábulo estava fechada, mas eu distinguia claramente as vozes no interior, por entre os balidos do gado e os relinchos dos cavalos, Halldora dizia:

— Tu não irás casar-te com aquela criatura! Se o tencionasses de verdade, já terias casado!

— Não fales do que não sabes!

A resposta de Throst, gélida e cortante, revelou-me que algo o aborrecera. Provavelmente, Halldora já saltara para o seu pescoço. Encolhi-me na sombra, enquanto a rapariga ripostava:

— Eu tenho a certeza! Só me afastaste porque estavas magoado. Eu entendo! Agi como uma miserável, mas já me arrependi! Perdoa-me! Oh, Throst, tenho tantas saudades tuas!

A voz masculina soou impaciente e quase que pude ver as mãos dele a afastá-la:

— Pára com isso, Halldora! Tu és uma mulher casada! E casaste com o homem que escolheste! Assume de uma vez a tua opção e respeita o teu marido.

— Não entendes Throst? O Freysteinn é horrível! Obriga-me a deitar com ele e a fazer coisas nojentas!

— E isso não é natural? — O tom de Throst provocou-me um calafrio. — As pessoas quando se casam costumam deitar-se... E no amor não existe nojo, Halldora!

— O Freysteinn maltrata-me! — insistiu ela, numa aflição tão declarada que espicaçou a minha piedade. — Queres ver as marcas?

— Não! — Recusou ele, sem a mais pálida compreensão. — Eu já disse que não tenho nada a ver com a tua vida! Se o Freysteinn te trata mal, por que não te divorcias? Apela ao Gunnulf...

— Achas que já não tentei? — Desta vez, Halldora chiou e eu percebi que ela sucumbira às lágrimas. — O Gunnulf mudou! Mete-me medo! Diz que, se eu deixar o Freysteinn, não permitirá que me volte a casar! E eu quero ser feliz, Throst! Só a morte do Freysteinn me poderá salvar. E tens de ser tu a matá-lo, porque mais ninguém conseguirá!

Seguiu-se um silêncio pesado. Levei as mãos aos lábios, percebendo as intenções da maquiavélica rapariga. Ela usava a antipatia dos dois homens para os manipular, mais uma vez.

— Enlouqueceste Halldora? — O rugido de Throst sobressaltou-me. — Eu não irei matar um homem só porque tu não sabes escolher as tuas companhias!

A voz feminina tornou-se doce como o mel, envolvente como o sol de Verão, deliciosa como a brisa do mar... Uma promessa de prazer flutuava em cada palavra:

— E o que te custa? Eu sei que o odeias! E muito mais agora que ele se casou comigo... que se apropriou daquilo que te pertencia! Não sentes raiva sempre que pensas nas suas mãos sobre o meu corpo? Quando o Freysteinn morrer, nós poderemos casar! Eu tenho tido cuidado para não engravidar. Quero os teus filhos, Throst, e os de nenhum outro! O meu plano é perfeito...

Como eu detestava ter razão! Escorreguei pela parede, apertando os lábios com força para não gritar. Lá dentro, Throst vociferava:

— Tu estás completamente maluca! Não admira que o Freysteinn te dê umas palmadas!

— Eu amo-te, Throst! — persistia Halldora, convicta do que desejava. — Por que não admites que também me amas e esquecemos este ano miserável? Eu até... Eu até admito reconsiderar em relação à Pequena. Podes mantê-la por perto para te divertires quando eu estiver indisposta...

Senti vontade de irromper pelo estábulo e esbofeteá-la; pendurar o seu corpo aleivoso no telhado; consumi-la no braseiro da minha ira. Halldora era perversa e engenhosa. Depois de todo o mal que nos fizera ainda se atrevia...

— Sai daqui! Estou cansado dos teus disparates!

A porta do estábulo abriu-se estrondosamente, e a voz de Throst ribombou na noite, furiosa e agressiva. Halldora agarrara-o, e ele libertara-se, empurrando-a para a rua.

— Throst...

— Vai-te embora! Não me agradará dizer ao teu irmão que vieste aqui, mas fá-lo-ei se não partires imediatamente!

Eles estavam tão perto de mim que eu podia estender a mão e tocar-lhes. Ouvi a respiração de Throst, pesada e enraivecida. Vi os olhos tempestuosos de Halldora consumindo a sua figura. E senti um peso no peito ao perceber que esta questão jamais se resolveria.

— Eu vou... — rugiu ela entredentes, enfrentando-o abertamente. — Mas vou com a certeza de que tu me amas! — Ergueu a mão e acariciou-lhe o rosto. Eu fiquei em pânico ao verificar que ele não a afastava. — Nenhuma vagabunda estrangeira pode extinguir o que sentes por mim! Tu começaste a amar-me no dia em que eu nasci! Só pararás de me amar no dia em que morreres...

A mão de Throst capturou a de Halldora e puxou-a bruscamente contra o seu corpo. Eu contive um gemido a custo, pensando que ele ia beijá-la num ímpeto de raiva. Contudo, a sua voz soou perigosamente baixa e ameaçadora:

— Eu já morri para ti, Halldora! Não te recordas? No porto... Eu morri para ti no porto! Mataste todos os meus sentimentos com o egoísmo e a maldade que vomitas ao respirar. Não te amo! Não te quero! Nem sequer te reconheço como gente! Desaparece da minha frente! Espero que o Freysteinn te dê tudo o que mereces!

Repeliu-a com demasiada força, e Halldora cambaleou num equilíbrio precário. Furiosa, soltou uma saraivada de pragas, antes de correr para o seu cavalo e partir. Throst ficou no mesmo lugar, com os olhos fechados voltados para o céu, forçando-se a serenar. Por fim, soprou o ar com força e começou a andar. Deu três passos e estacou subitamente, olhando em redor. O meu coração falhou uma batida quando os seus olhos pousaram em mim. Como é que ele se apercebera da minha presença? Eu não fizera o menor barulho, não me movera...

— Agora também escutas atrás das portas? — A sua voz estrelejava de irritação. — Eu juro por Thor que jamais entenderei as mulheres!

Tencionou avançar, mas eu detive-o e abracei-o pelas costas. Não tentei justificar-me. Não conseguiria falar, mesmo que soubesse o que dizer. Lentamente, Throst voltou-se e tomou-me nos seus braços. Eu ergui o rosto em busca dos seus lábios e encontrei-os. Entreguei-me à doce loucura, esquecendo qualquer sombra de insegurança. Fiquei à deriva quando ele me afastou quase bruscamente e declarou desorientado:

— Se acreditasses no quanto eu te quero, não terias necessidade de desconfiar do meu amor. Podes ser metade feiticeira, metade mulher, mas quando se trata de sentimentos, não passas de uma criança! Não é só nas feitiçarias que te falta a confiança! Na vida, também não a tens!

Desta vez, Throst conseguira atingir-me no ponto fraco. Impedi-o de se afastar, agarrando-lhe no pulso e colocando a tatuagem da sua linhagem em frente do seu nariz.

— E tu, estás seguro de tudo? Como te atreves a julgar os meus medos, se não tens coragem de enfrentar o teu próprio destino?

A sua mão de ferro fechou-se no meu braço. Arrastou-me para dentro do estábulo, ordenando numa voz nada amistosa:

— Vem comigo!

Subiu para o cavalo malhado e aguardou que eu lhe obedecesse. Como não reagi, gritou impaciente:

— Monta, Catelyn!

Içou-me para a frente do seu corpo e rodeou-me com um braço, antes de incitar o cavalo a galopar. A noite recebeu-nos de braços abertos.

A minha mente relampejava. Eu só podia estar a sonhar! Throst subia a Montanha Sagrada, ao encontro do seu destino. E eu estava com ele! Por mais assustadora que a situação fosse, era impossível conter a excitação que me percorria. Para o bem ou para o mal, chegara o momento.

O tempo mudou subitamente e grossos pingos de chuva encharcaram-nos até aos ossos, como se os Elementos nos banhassem para nos purificar de todo o mal terreno. A luz quente que brotava da terra envolvia-nos na sua magia. As árvores afastavam os ramos frondosos para nos facilitar a passagem. Por entre as folhas extraordinariamente verdes, soprava um som maravilhoso, um cântico celestial. Não muito longe, os Lobos Cinzentos seguiam-nos. Eu ouvia os seus corações a troarem de alegria. O líder da alcatéia regressava a casa.

A gruta, onde supostamente Hakon vivia, estava mergulhada na mais completa escuridão, mas a Pedra do Tempo brilhava, iluminada pelas chamas que brotavam do solo e se espalhavam em centenas de pequenos fogos que ardiam sem se extinguirem debaixo do tenebroso aguaceiro. Quando as mãos fortes do meu guerreiro me rodearam a cintura, fui arrebatada por uma tontura. Os nossos corpos moldaram-se e, apesar da diferença de altura, pareciam que tinham sido forjados para se encaixarem, para se pertencerem, como partes da mesma peça.

— Estás com medo, Catelyn? — perguntou ele, ao sentir-me estremecer.

— Não, Throst! — respondi emocionada. — Eu quero estar ao teu lado...

Entramos no anel de fogo. Throst hesitou, e eu abracei-o com meiguice, sabendo o quanto lhe custava cada passo.

— Eu só estive aqui uma vez — confessou. — Recordo-me de que a Pedra tinha uma força que me roubava a vontade. Era quase impossível resistir à tentação de me unir a ela...

— E agora, sentes essa força?

— Sim... E sinto muito mais...

A energia que nos envolvia tirava-me o fôlego, entrava-me na pele e consumia-me a carne. Mas a impressão estava longe de ser desagradável. Era uma leveza pura, um prazer doce que se misturava com o sangue e dominava a razão. Ao meu lado, Throst murmurou extasiado:

— Estás a brilhar!

E ele também brilhava. Na minha mente já só existiam certezas, e os olhos de Throst revelaram-me que o seu sentimento era igual.

Nós fôramos escolhidos para fazer a paz florescer.

Paramos diante da pedra que dominava o mundo, arquejantes de emoção. Estendi-lhe as minhas mãos e afundei-me no olhar da cor do céu da minha terra.

— Acreditas agora, Throst?

Por cima de nós, os relâmpagos desenhavam padrões irreais, lembrando serpentes que se entrelaçavam num círculo de magia. Os trovões ribombavam como tambores em festa. A chuva caía com tamanho ímpeto que dir-se-ia que todos os rios do céu haviam transbordado. Os Lobos Sagrados cercavam-nos, guardiões da Vontade Divina.

— Eu comecei a acreditar no instante em que te vi, Catelyn! Só demorei a reconhecer que este é o meu destino... Este é o nosso destino!

Os nossos dedos entrelaçaram-se, antes de colocarmos a mão que nos unia pelo sangue sobre a Pedra do Tempo. Um vento selvagem trespassou-nos, sacudindo as roupas e os cabelos como bandeiras. Tudo estava assombrosamente certo! Tudo era deliciosamente perfeito! Os lábios de Throst moveram-se, e a minha mente assimilou as palavras que os meus ouvidos não podiam

escutar. Era uma declaração de boas-vindas à sua terra, à sua vida, à sua casa, ao seu coração... Uma profunda, sentida e linda confissão de amor, que eu conhecia de cor sem nunca a ter compreendido. Era esta a mensagem das Runas Sagradas gravadas nas pedras branca e preta do templo da propriedade dos Thorgrim.

Nesse instante, percebi que devotava à Terra Antiga a mesma paixão que dedicava à minha terra, pois fora aqui que Throst nascera e crescera... Fora aqui que a luta sem tréguas, contra os nossos sentimentos mais profundos, resultara numa rendição incondicional. Eu amava Throst e não precisava de dizer-lho, pois sentia-o dentro da minha mente, comungando do meu espírito como se fôssemos um só. Após uma última exclamação de arrebatamento, também ele se entregou à vertigem e abandonou a sua essência humana.

O nosso mundo estilhaçou-se. A energia queimava-nos por dentro e por fora. Tive a certeza de que fôramos atingidos por um relâmpago, mas não senti medo. Os braços de Throst protegiam-me e, dentro deles, nenhum mal conseguiria penetrar. Vi a Pedra do Tempo lá em baixo, sobre a cabeça de um dragão de fogo, e os nossos corpos tombados aos seus pés, desprovidos de consciência. Vi a tempestade alastrar-se pelas Terras do Norte, até engoli-las na sua turbulência... Depois, imagens desconhecidas apossaram-se da trêmula realidade. Conheci a Terra Antiga por outros olhos... Os olhos apaixonados de um filho. Fui devastada por uma sede de liberdade aguerrida, uma paixão pela natureza e pelo mar... Rostos estranhos rodeavam-me, mas todos me inspiravam afeto. Eu estava dentro de Throst, vivendo as suas recordações.

E experimentei, sem rancor ou ciúme, cada uma das suas alegrias e tristezas, dos seus temores e paixões... Os amigos, a cumplicidade com Gunnulf, a devoção incondicional de Krum, as provas de coragem e a transição para a idade adulta, a luta até à morte com o Lobo que lhe completaria a alma, as caçadas temerárias, as travessias a nado na baía gelada, os mergulhos do topo das montanhas escarpadas para o mar, o frio, a fome, a sede... A percepção da sua missão, a negação, o ressentimento, a mágoa, o abandono... O nascimento de Ingrior, o nascimento de Halldora, a

morte de Thorgrim, o nascimento de Bjorn, a morte de Elina, a morte de Trygve, o nascimento do sobrinho... O ódio, a determinação, a frustração, a raiva, a fúria de combater, o suor e o sangue, o cansaço... Garrick McGraw... Oliver de Goldheart... Um rosto no meio da multidão, desesperado e irado... O rosto de uma menina pequena e magra, lutando pela vida com uma determinação apaixonada... O meu rosto! O seu corpo dentro do meu... E o coração a bater tão rápido, que magoava o peito. A energia fluindo através de nós, transportando-nos pelo tempo e pelo espaço. E, por fim, a escuridão total. A percepção do vazio. E uma voz bela, tão limpa... carregada de serenidade:

"Do ódio, o amor...
Do amor, o sangue...
Do sangue, três reinos...
Dos três reinos, um só povo..."

Quando despertamos, a tempestade dissipara-se e o céu estava pincelado de estrelas. Ao nosso redor, o fogo acabara de se extinguir e, no interior da gruta, uma luz brilhante e quente chamava-nos. Abri a boca, mas descobri-me demasiado emocionada para falar. E quaisquer palavras seriam vazias para descrever o que se declarava no nosso olhar.

Em silêncio, Throst suspendeu-me nos seus braços e carregou-me para a proteção da caverna. Na entrada, uma fogueira estalava vigorosamente, dando-nos as boas-vindas. Havia comida com fartura, muita fruta e vegetais frescos, mel e água cristalina. Mantas quentes, com padrões belíssimos, aguardavam a fadiga dos nossos corpos. Os livros de Hakon e todo o seu material de estudo e escrita estavam disponíveis para que os consultássemos, mas, como era habitual, o feiticeiro não apareceu para nos saudar.

Throst sentou-se numa manta e manteve-me no aconchego do seu abraço. Era evidente o esforço que fazia para domar a comoção.

— Throst...

— Por favor, meu amor... Não digas nada...

Escondeu o rosto no meu pescoço e começou a chorar. A sua reação assustou-me. O que lhe fora revelado que causara tamanha perturbação? Contudo, não era o momento certo para interrogá-lo. Embalei-o junto do meu peito e respeitei a sua vontade. Pensei que esta seria uma noite longa e torturante para ambos, mas não tardei a verificar que ele adormecera e, logo de seguida, cedi também ao cansaço.

O tempo que dormimos passou sem sonhos. Quando eu despertei, sentia-me descansada e nem me assustei quando me vi envolvida pelo nevoeiro colorido. Como se já soubessem o que iam encontrar, os meus olhos voltaram-se para a parede da caverna. Onde, ainda há pouco, só existia rocha sólida e nua, abria-se agora uma passagem larga e fortemente iluminada. Ao meu lado, Throst deixou escapar uma exclamação de pasmo e ergueu-se, movendo-se por entre a névoa brilhante que nos rodeava, até à entrada do misterioso fenômeno. Lentamente, como se temesse queimar-se, introduziu a mão dentro da luz. A energia faiscou em redor da sua pele e fê-lo recuar, sobressaltado. Só então me encarou, murmurando com declarada perturbação:

— Como é que isto é possível?

Forcei-me a serenar e aproximei-me, enquanto explicava:

— A Montanha tem vontade própria! Está viva... E só revela os seus segredos quando quer... e a quem quer.

Throst franziu o sobrolho, adivinhando o que eu ainda não dissera:

— Tu já percorreste esta passagem, Catelyn?

Confirmei com a cabeça, sussurrando quase imperceptivelmente:

— Nos meus sonhos...

— E o que há do outro lado?

Hesitei debaixo do seu olhar, confusa e receosa, desejosa e excitada, antes de responder:

— O lugar onde tu me encontraste pela primeira vez... nos teus sonhos!

Throst cerrou os olhos e respirou fundo. Eu aguardei pela sua decisão e senti o sangue aquecer quando ele me estendeu a mão, encorajando-me a acompanhá-lo nesta nova aventura.

Quando a luz da gruta nos envolveu, Throst soltou uma exclamação de encanto que ecoou pelas paredes altas e cintilantes. Tudo era exatamente como eu recordava: os cristais de todas as cores que nasciam e floresciam do teto e do chão, a cascata de água que alimentava o lago, a grande pedra negra que acolhia os nossos corpos, num sonho tão maravilhoso como proibido. Estremeci sem querer e Throst amimou-me, procurando o meu olhar.

— Não tenhas receio, querida! Este é um lugar de amor...

— Como pode ser um lugar de amor, se nós estamos condenados a viver separados?

A angústia na minha voz foi suficiente para que ele compreendesse o meu tormento. De imediato, baixou o rosto e beijou-me a testa, os olhos, as faces, até chegar junto dos lábios e afirmar com clareza:

— Nós não estamos condenados! Pode não ser hoje, nem num tempo próximo, mas o nosso amor irá consumar-se sobre aquela pedra! Juro-te, Pequena, que jamais desistirei de lutar pela nossa felicidade!

E beijou-me até me fazer perder o fôlego, até afastar da minha mente todos os fantasmas e cravar a sua convicção no meu âmago. Arrepiei-me quando murmurou na voz quente e profunda que punha a minha cabeça a girar:

— Confias em mim?

Quando os dedos de Throst se moveram ligeiros sobre os cordões do meu vestido, vi-me dividida entre o medo de ceder à sua vontade e a exaltação do momento. Ainda não decidira o que fazer e já estava nua, corada até à alma, sem saber que parte do meu corpo as mãos deviam ocultar. Surpreendendo o meu pudor, ele replicou docemente:

— Não escondas a tua beleza, Catelyn! Tu és a mulher mais perfeita que eu já vi... E assim serás para sempre, pois não haverá outra diante dos meus olhos, no meu coração e na minha cama, a partir deste instante!

— Throst...

O protesto rouco morreu-me na garganta ao ver a sua roupa tombar por cima da minha. Fiquei inerte, respirando aos borbotões,

estrangulada de emoção ante a sua nudez magnífica. O corpo forte, a masculinidade declarada, a força que emanava do seu espírito, inflamavam-me a razão. Ele estendeu-me a sua mão e aguardou em silêncio que eu o seguisse. A muito custo consegui mover as pernas, mas quando os meus pés tocaram a água morna e viva, as inibições diluíram-se como por encanto. As bolhas de ar quente faziam cócegas na nossa pele, num convite a mil brincadeiras. Logo nadava ao lado de Throst, sem me lembrar de que existiam sentimentos como a vergonha ou a timidez. A nossa nudez parecia-me abençoada, como se nada houvesse de mais natural e puro.

— Vem!

Segui-o até aonde a água da nascente se fundia com o lago. O meu coração acelerou quando ele me apertou as mãos e prendeu o olhar, declarando solenemente:

— Na noite em que fizemos o nosso pacto, eu entreguei-me a ti cegamente, sem perceber a razão por que aquelas palavras saíam dos meus lábios. Hoje os meus olhos estão bem abertos... Renovo todos os votos que te fiz, Catelyn, e entrego-te o meu coração! Sou teu, meu amor, de corpo e espírito... e estarei ao teu lado, até ao dia da minha morte!

Eu queria chorar. Eu queria rir. Eu queria saltar para o seu pescoço e amá-lo como nenhuma outra mulher o amara antes, ou amaria algum dia. Mas a sombra da fatalidade enegrecia o meu futuro, abria-me uma chaga no peito que nem a magia que nos rodeava nem a certeza da nossa união espiritual podiam sarar. Forcei-me a reagir, replicando:

— O que estás a fazer é uma loucura! Tu tens o direito... tens o dever de procurar a felicidade...

Os dedos de Throst silenciaram-me, enquanto ele retrucava:

— Eu só serei feliz ao teu lado, Pequena! Estou disposto a qualquer sacrifício. A esperar o tempo que for necessário. A enfrentar seja o que for...

Caí nos seus braços e fechei os olhos, deixando-me embalar pelas batidas dos nossos corações. Throst acariciou-me os cabelos e beijou-me a testa, antes de continuar:

— Tu mudaste a minha vida! Eu estava perdido, e tu encontraste-me. Estava cego, e tu abriste os meus olhos. Estava envenenado

pelo ódio, e tu encheste o meu peito de amor... Sei que sofres por ti e por mim. Sei que a incerteza e o medo reprimem os teus sentimentos e te impedem de te libertares nos meus braços. Mas, um dia, essas sombras desaparecerão e nada voltará a assombrar a nossa existência!

No regresso, encontramos Ingrior muito inquieta. A percepção revelara-lhe aonde nós fôramos, e a ansiedade fizera-a desesperar. Throst confessou-lhe que estava preparado para assumir o seu destino e Ingrior chorou de alívio e felicidade. Agora, só faltava “O Que Tudo Vê” manifestar-se e explicar-lhes o motivo do seu longo isolamento. Porém, esse enigma parecia longe de uma resolução.

Throst manteve os desígnios da Pedra do Tempo em segredo. A única vez que me atrevi a questioná-lo, respondeu-me que lhe tinham sido mostrados vários caminhos, acerca dos quais necessitava de refletir. Como a decisão final teria de ser única e exclusivamente sua, nada mais podia dizer-me. Acatei, mas o passar dos dias deixou-me preocupada, e Ingrior partilhava do meu nervosismo. Sentíamos Throst apreensivo e triste, distante dos assuntos da casa e dos amigos. E o tempo parecia fechar-se sobre nós.

Os rumores de que Gunnulf se preparava para se insurgir contra o primo eram cada vez mais consistentes. Os aldeões falavam da chegada de homens das terras onde o gelo nunca derretia; mercenários implacáveis, que vendiam os seus serviços em troca da riqueza que o líder da Terra Antiga tinha para oferecer. Entretanto, a atenção de Throst era constantemente solicitada por guerreiros desconhecidos, de aspecto severo e aterrorizador, que chegavam pela calada da noite e desapareciam com o chefe da Aldeia do Povo durante dias inteiros. Ingrior contou-me que eram mensageiros dos diferentes clãs vikings, alguns de aldeias vizinhas, outros de terras distantes. A minha amiga tinha esperança de que o processo de paz tivesse começado e que já nada o conseguisse deter. Porém, se assim era, por que Throst se rodeava de mistério?

Confusa e sobressaltada com esta estranha azáfama, eu forcei-me a esquecer a ameaça de Halldora. Todavia, duas semanas

depois, em pleno mercado, Ingrior e eu fomos atraídas pela confusão que se gerara no recinto da competição de arco. Rompi por entre o povo com o coração apertado e senti a força a fugir-me do corpo, ao ver a concretização dos meus piores temores. Freysteinn discutia com Throst, diante de toda a aldeia, acusando-o de perseguir e seduzir a sua esposa. Mais uma vez, Halldora preparara bem o seu maquiavélico ardil. Throst empurrava o descontrolado guerreiro, ripostando:

— Acalma-te, Freysteinn! Eu nunca toquei na Halldora! — E a voz do outro ribombava, carregada de ódio:

— Além de te impores a uma mulher séria, ainda tens a ousadia de a desmentir diante da família e da comunidade? Não passas de um porco nojento, filho de Thorgrim! Não conseguiste os favores da Halldora quando foste seu prometido e agora tentaste usurpá-los...

— É mentira! — gritei e lancei-me em frente, atraindo a atenção da multidão. — A Halldora inventou esta calúnia por despeito, porque o Throst a rejeitou!

Fez-se um silêncio aterrador, enquanto o povo ponderava quanto valia a palavra de uma escrava estrangeira contra a palavra da irmã do líder da Terra Antiga. Engoli em seco ao ver Freysteinn avançar para mim. Throst agarrou-o pelo braço, rugindo afogueado:

— Não sejas louco! Vamos resolver este mal-entendido. Eu dou-te a minha palavra...

— As minhas fezes valem mais do que a tua palavra! — Freysteinn sacudiu o braço e enfrentou o rival. — Não passas de um canalha, de um traidor, de um covarde miserável! Viraste as costas ao teu líder, depois de conspirares à sua mesa, atraiçoaste a sua confiança, deitaste-te com a estrangeira e, agora, tentaste violentar a minha mulher! Eu não tolerarei mais a tua presença nociva entre os homens de bem! — Desembainhou a espada com um gesto rápido e firme. — A verdade tem de ser reposta, e eu clamo por justiça! Quando o teu sangue sujar as minhas botas, irei urinar-te para a cara!

Ergueu-se um burburinho ensurdecedor, e o povo apressou-se a afastar-se, dando espaço aos dois homens para decidirem a questão. Tentando impedir o confronto, apelei a Halldora:

— Um deles morrerá por culpa das tuas mentiras! Por que não falas a verdade?

— Tragam essa escrava aqui! — bravejou Gunnulf. — Se as acusações contra o seu amante ficarem provadas, eu quero ter o prazer de lhe cortar a garganta.

Fui arrastada até ao líder viking, por entre a neve e a lama, esperneando e berrando como um cabrito selvagem. Atiraram-me para os seus pés sem a mais leve cortesia. Caí estendida ao comprido e um pé descomunal abateu-se sobre as minhas costas, provocando-me uma dor aguda que me cortou a respiração. A voz de Throst ecoou muito próximo:

— Se tocares num fio de cabelo da minha mulher, Gunnulf, juro que te matarei!

A gargalhada do colosso ribombou por cima de mim:

— As ameaças de um homem morto não me assustam! Acaba com ele, Freysteinn!

O estrépito inconfundível do choque das espadas atingiu-me os ouvidos. Esforcei-me por olhar, mas o pé que me esmagava privava-me de qualquer movimento. Tudo o que enxergava era a pele imunda das botas de Gunnulf. A dor nas minhas costas era tão lancinante, que me punha a cabeça a latejar. Eu tinha de me acalmar! Precisava de me abster deste horror e alcançar a concentração suficiente para usar a Arte e espiar o que se passava. Continuava a ouvir os gritos da disputa e o estouro do metal, mas era-me impossível descobrir a quem pertencia a vantagem, pois os apoiadores de ambos clamavam tão alto que me turvavam a percepção.

Respirar... O segredo estava na respiração. Mas como podia eu respirar, quando todos os meus ossos ameaçavam quebrar-se? Esquecer a dor... Esquecer a dor e respirar. Devagar. Muito devagar. De repente, vislumbrei-os; dois corpos encharcados em lama e suor, movendo-se a tal velocidade, que era quase impossível acompanhar o ritmo das suas armas. Apelei a toda a minha vontade para deslizar a mão pela imundice do solo, até agarrar o meu amuleto. Freysteinn já tinha a alma manchada com o sangue do meu primo. Eu não permitiria que magoasse Throst, nem que, para o impedir, tivesse de o fulminar diante de toda a aldeia.

Contudo, o ímpeto de Throst reprimiu a minha interferência. Havia nele uma força renascida, que os adversários desconheciam. O Lobo Sagrado fora libertado! Na minha mente, as faces dos homens confundiam-se com os focinhos dos lobos: um grande e cinzento, de porte nobre e formidável; outro menor e escuro, com olhos vermelhos, horrendos e aterradores, que salivava sangue e porcaria. Por também ser um guerreiro-lobo, Freysteinn acreditava que podia vencer o rival. Vã convicção! O sangue de Throst era puro e muito mais forte do que o seu.

Freysteinn não tardou a cair, e a sua espada escorregou para longe. Com um movimento rápido, Throst encostou-lhe a lâmina à garganta. Seguiu-se um instante de hesitação, que culminou num profundo silêncio da assistência.

— Isto não tem de acabar assim — decidiu Throst. — Retira as ofensas que fizeste à minha mulher e à minha honra, Freysteinn. Pede-me perdão e eu permitirei que partas. Será lamentável se um guerreiro da tua estirpe encontrar a morte devido à conspiração de uma louca!

Um guerreiro da estirpe de Freysteinn... falso, traiçoeiro e indigno! Um reles criminoso! Mas Throst não partilhava do meu conhecimento, e a sua bondade impelia-o a apiedar-se do abjeto assassino. Eu sentia o coração de Freysteinn a açoitar-lhe o peito, a sua respiração sôfrega, o suor escorrendo pela sua pele, a hesitação rasgando-lhe o orgulho... E, enquanto o burburinho denunciava a perplexidade do povo, a voz esganiçada de Halldora sobrepunha-se às restantes:

— Não te atrevas a desmentir-me, Freysteinn! Não serás homem se cederes a tamanha humilhação!

Freysteinn tremia de ansiedade e raiva. Fixou em Throst o seu olhar rancoroso e rosnou entredentes:

— Eu jamais me submeterei à tua compaixão! Faz o que tens de fazer!

A morte não era uma visão agradável, mas eu regozijei-me por ver a espada da justiça descer até ao peito do derrotado. A multidão gritava, dividida. A inocência de Throst já não era questionada, pois os Vikings acreditavam que os resultados dos duelos eram influenciados pelos deuses e que vencia sempre a parte que detinha

a razão. Porém, nunca se observara tal demonstração de benevolência num acerto de honra. Um agravo desta natureza devia ser punido com a morte. A hesitação de Throst estava a confundir o povo.

— Eu não irei matar-te, Freysteinn! — anunciou ele bem alto, para que todos o escutassem. — Este assunto será discutido na próxima Assembléia, e lá pagarás caro pela tua insolência.

As faces do guerreiro prostrado incendiaram-se de raiva e vergonha. A estupefação da multidão atingiu o auge. Throst mal esboçara um passo para se afastar, e já Halldora ordenava:

— Mata-o, Freysteinn! Mata-o!

Throst voltou-se a tempo de conter a investida traiçoeira do adversário. Com um grito irado, decepou-lhe a mão que segurava o punhal e rodou a sua espada, enterrando-a profundamente no ventre do inimigo. O tempo parou quando os dois homens se encararam pela última vez. O silêncio que se abatera sobre o recinto era tamanho, que eu ouvi o corpo de Freysteinn a esmagar-se no solo, quando Throst recolheu a sua espada. Depois, fui ensurdecida pelo uivo penado de um lobo. Ao longe, outro respondeu-lhe com um longo gemido, não de dor, mas de libertação. Suspirei, inundada pelo alívio. Este pesadelo terminara! Finalmente Trygve ia descansar em paz.

Os olhos de Freysteinn escancararam-se, e os seus lábios soltaram um queixume rouco, um apelo angustiado, um lamento sincero pela perda do único sentimento verdadeiro que guardara no seu coração — o amor desesperado e cego por uma mulher que o usara e desprezara:

— Halldora...

O pé libertou-me as costas, mas eu não consegui mover-me. Duas mãos fortes resgataram-me da lama e o cheiro inconfundível de Throst embriagou-me os sentidos. Ficamos abraçados, demasiado emocionados para esboçar um movimento ou proferir uma palavra.

Não muito longe, o corpo de Freysteinn jazia na lama, com o rosto desfigurado num último espasmo de dor. A minha intuição avisava-me de que a sua morte fora apenas o início de algo muito mais grave. Gunnulf estava fora do controle de qualquer um... Até de

Sigarr! Não me parecia credível que o feiticeiro tivesse aprovado esta disputa. Ele saberia que Freysteinn não podia vencer Throst! Aparentemente, o guerreiro-urso decidira agir por conta própria. E a ruptura do Guardião da Lágrima da Lua com o seu protegido não era uma suposição animadora. Eu já conhecia o modo de atuação dos dois conspiradores. Separados, transformavam-se numa dupla ameaça.

Throst estava perturbado. Também ele sabia que este duelo representara a divisão definitiva dos chefes da Terra Antiga e a prova final de que o conflito de vontades não podia ser resolvido sem derramamento de sangue.

Ingrior chegou finalmente, e a sua aflição revelou-me que Throst estava ferido. Ele apressou-se a sossegar-nos:

— São só arranhões. Vamos para casa.

Halldora abeirara-se do cadáver do marido e chorava com a devoção de uma esposa exemplar. Apeteceu-me cuspir-lhe na cara. Throst quedou-se junto dela e vociferou, fustigado pela repulsa:

— Conseguiste o que desejavas! Espero que estejas satisfeita!

A resposta veio no mesmo tom:

— Tu és um traidor e morrerás como um traidor! Se o Gunnulf não deixou o próprio irmão impune, também não te perdoará...

Ao meu lado, o grito de Ingrior abafou o vômito de fel de Halldora, e esta aproveitou o abalo da prima para continuar:

— Não sabias, rameira? Na nossa família, as traições pagam-se com a morte!

— Halldora! — O berro de Gunnulf silenciou a irmã, mas o mal estava feito.

Throst gelou, como se a vida se tivesse escapado do seu corpo. Ingrior tapou o rosto com as mãos, e eu tive de ampará-la para que não perdesse os sentidos. O olhar de desafio com que Halldora me enfrentou declarava a sua vitória. Ela sabia do segredo que rodeava o assassínio de Trygve. Talvez tivesse escutado uma conversa entre Gunnulf e Freysteinn, ou talvez o próprio marido lhe tivesse contado. Eu não percebia como uma criatura podia ser tão maldosa, ao ponto de se vangloriar com a morte de um irmão e, ainda menos, como tinha coragem de utilizar essa hedionda revelação para atingir o seu objetivo final — provocar um confronto mortal entre Gunnulf e

Throst. Se o antigo namorado não a aceitava de volta, ela preferia vê-lo morto! A sua fome de vingança era cega e insaciável. E, desta vez, parecia que a desgraça seria inevitável, pois os ânimos fugiam do domínio da razão. Throst já rugia:

— De quem está a Halldora a falar, Gunnulf? Do Trygve? Tu mataste o teu próprio irmão?

A multidão sussurrava, horrorizada perante este novo escândalo. Os Vikings não eram indulgentes no julgamento de crimes de sangue, principalmente quando se tratava de familiares. E o comportamento do guerreiro-urso, nos últimos tempos, não pesava a seu favor. Percebendo que a inconfidência da irmã podia causar uma revolta popular, desastrosa para a sua estratégia, o líder da Terra Antiga investiu contra Halldora e esbofeteou-a sem quaisquer contemplações. O ímpeto da sua fúria foi tal que os pés da jovem perderam o chão. Não senti piedade. Se Gunnulf torcesse o pescoço à irmã, a humanidade só teria a lucrar.

— Isso é verdade, Gunnulf? — tornou Throst, tremendo de indignação, enquanto a sua mão regressava ao punho da espada. De imediato, os seus homens imitaram-no. Krum estava entre eles, dominado pela ira. Eu nem me atrevia a imaginar a batalha que se travava dentro do seu peito.

Gunnulf hesitou. Além das vozes exaltadas que apoiavam Throst, os avisos de Sigarr deviam pesar-lhe no espírito. O guerreiro-urso queria que o primo tombasse, mas não pela sua mão. Ergueu a cabeça dignamente e replicou:

— Dou-te a minha palavra que não matei o Trygve.

— Mas ordenaste a sua morte! — acusou Throst, enfurecido. — Diz a verdade!

Gunnulf franziu o sobrolho, alarmado pela sua perspicácia, mas contrapôs friamente:

— A Halldora não está boa da cabeça! Tu próprio acabaste de ser vítima das suas calúnias. Eu já te disse que nada tive a ver com a morte do Trygve! No entanto, se insistes em decidir a verdade pela força, não te voltarei as costas!

Ingrior gemeu desesperada, e eu coloquei-me diante do incendiado Throst, tentando que ele me escutasse. Apesar da sua resistência e do esforço que fazia para me afastar, consegui apelar:

— O Gunnulf está a falar a verdade! Escuta-me, por favor...

O seu olhar azul, faiscante de raiva, parecia estar longe do meu alcance. Porém, depois de um novo apelo, o meu empenho foi recompensado:

— Não caias na armadilha da Halldora. Confia em mim! Vamos para casa... Por favor!

Gunnulf continuava a aguardar a decisão do primo. Muitos supunham que se reprimia por considerar a longa amizade que os unia. Não podiam estar mais enganados! O coração do líder viking transformara-se num rochedo mais gelado do que um glacial.

Throst inspirou profundamente, esforçando-se por se recompor. A voz com que enfrentou os adversários soou fria e ameaçadora:

— Eu vou acreditar em ti, Gunnulf, porque o homem que eu conheci e admirei não seria capaz de um ato tão vil. Contudo, não te perdoarei por teres questionado a minha honra e conspirado a minha morte. A partir deste momento, renego o nosso sangue. Mantém-te longe da minha família e dos meus assuntos... — Os seus braços estreitaram-me, num ímpeto protetor. — E aviso já que o próximo que se atrever a tocar na minha mulher terá a cabeça exposta na entrada da minha propriedade, até muito depois de a carne ter sido consumida dos seus ossos!

O recado era para Arnorr. Fora ele quem me arrastara e cravara o pé nas minhas costas, provando, desta forma violenta, o afeto que teimava sentir por mim! Retribui o seu esgar de ódio e nem pisquei os olhos quando o vi levar a mão ao cinto, pronto a desembainhar a espada. Tal como eu previa, Gunnulf deteve o irmão e forçou-o a recuar. Depois disto, deixei de ver a corja de assassinos, pois a multidão rodeou-nos, cumprimentado Throst pela vitória e enaltecendo a nobreza do seu caráter. Este era o início de uma nova ordem.

Quando eu chegara às Terras do Norte, havia dois chefes na Terra Antiga: dois primos, dois amigos que lutavam lado a lado pelo mesmo objetivo. O povo seguia-os com devoção e prosperava com rapidez. Agora, os apoios dividiam-se entre os primos rivais. Gunnulf era mais poderoso e rico, mas Throst desfrutava da paixão dos seus homens. Em breve, uma tragédia sem precedentes abater-se-ia sobre os filhos da terra.

Em casa, Throst deteve-se apenas o suficiente para que eu me explicasse. Contei-lhes finalmente a revelação que tivera, na noite em que o meu primo lobo me procurara. Descrevi as circunstâncias que tinham culminado no assassinato de Trygve e justifiquei as razões por que guardara segredo até ao presente. No final, Throst declarou num tom que me arrepiou:

— Espero que o Trygve tenha encontrado a paz que merece. O Gunnulf não perde pela demora! Não posso continuar a ignorar os apelos da minha gente e do meu próprio coração. A minha decisão está tomada!

A palavra depressa se espalhou, e a casa do chefe viking encheu-se com o seu povo. A maioria dos guerreiros opinava que ele devia insurgir-se contra a tirania do primo. Afirmavam que Gunnulf fora o verdadeiro derrotado dessa tarde: vira tombar o homem que apoiara, fora traído na confiança pela própria irmã e denunciara à multidão a sua personalidade monstruosa, pois já ninguém o livrava da fama de mentor do assassínio de Trygve, seu meio-irmão. Todos confiavam que o guerreiro-urso era forte, mas não era invencível. A Terra Antiga clamava por um novo líder. E esse líder era Throst.

Afastei-me da confusão e fiquei a observá-los à distância. Os homens acenderam fogueiras até incendiarem a noite. A comida veio de todas as casas da aldeia, e a cerveja regou as gargantas dos guerreiros. Gritaram-se apelos contra Gunnulf e jurou-se obediência e lealdade a Throst. No centro das atenções e da admiração de todos, usando com orgulho a sua majestosa pele de lobo, o neto do Guardião da Lágrima do Sol parecia maior do que a própria vida.

Ingrior aproximou-se e abraçou-me. Tremia e soluçava, assolada por sentimentos contraditórios.

— O Throst nunca desejou isto... Mas já não pode recuar! Eu sei que sempre o incentivei, mas, agora que o momento chegou, estou aterrada. E se estivermos enganados? Se algum mal suceder ao meu irmão, eu jamais me perdoarei! Que os deuses nos ajudem, Catelyn...

Nessa noite eu não dormi. Pressentia que algo de grande dimensão e gravidade estava prestes a sobrevir. Algo que iria mudar as vidas de todos, para sempre.

A manhã negra encontrou-me de olhos abertos. Throst procurou-me finalmente, e eu não evitei o seu beijo. Ele cheirava intensamente a bebida, mas os seus modos e palavras eram firmes:

— Vou viajar durante uns dias — anunciou. — O Krum ficará na propriedade com alguns homens, atento à vossa proteção. A situação poderá ficar feia depois de eu partir.

— Não irás desafiar o Gunnulf, pois não? — inquiri, assustada. — Apesar do sangue que te protege...

— Eu sei que o Gunnulf é mais forte do que eu — interrompeu Throst, comedido. — Em tantos anos de treino, eu nunca consegui derrotá-lo. Mas nem só de espada na mão se vence uma guerra! As Runas dos videntes falaram a meu favor, e a Pedra do Tempo continua a brilhar no meu espírito. Eu tenho o dever de pôr fim à tirania que o Gunnulf tem imposto ao povo. Há pessoas a morrer de fome e de doença na Aldeia de Grim, porque ele não distribuiu comida e não permite cuidados. Desde o Verão que saqueia as casas, violenta as mulheres e mata quem lhe faz frente. Eu também sou senhor da Terra Antiga, Catelyn! Odin e Thor são testemunhas de que nunca fui um homem ambicioso, mas não posso continuar a fechar os olhos ao meu dever. Todos encararam a vitória desta tarde como o sinal para avançar. O povo está confiante e unido. Tal como tu não podes negar o apelo da tua gente, eu também não posso negar o apelo da minha.

Segurou-me a mão e entregou-me o punhal que o seu pai lhe oferecera; o punhal que unira o Homem ao Lobo. Um calafrio percorreu-me o corpo, antes de encontrar o seu olhar.

— Não hesites em usá-lo se necessitares — ordenou. — E nunca saias de casa sozinha! Eu já instruí a Ingrior para que tenha cuidados redobrados com o Trygve. É importante que percebas que eu estou a falar a sério! O perigo é real!

— Então, por que partes, Throst?

“Por que me deixas aqui, com esse monstro sanguinário à espreita? Por que, de repente, o que sentes por mim deixou de ser importante?”

Eu não conseguia evitar o egoísmo apaixonado. Throst acariciou-me os cabelos, percorrendo o meu rosto com o olhar, antes de

explicar pausadamente:

— A maior fraqueza do meu povo é a desunião. Cada aldeia age como se fosse um país independente, e, cada chefe de clã, um rei soberano. Se não nos unirmos rapidamente, não sobreviveremos aos povos que estão a organizar-se para lá das nossas fronteiras, no teu país e nos países vizinhos. Os líderes dos clãs vikings manifestaram a vontade de fazer uma aliança e chamaram-me para conversar. A minha presença nessa reunião será crucial para um entendimento. Existem acordos para celebrar e muitas guerras que podem evitar-se pela via do diálogo. Já consegui que reconhecessem a dignidade do gesto do teu irmão Edwin. Foi o primeiro passo! Apesar de o Gunnulf ter estragado a oportunidade, eu acredito que nem tudo está perdido e que a paz com a Grande Ilha ainda é possível.

Perante isto, nada mais me restava senão estreitá-lo nos meus braços, enquanto suplicava:

— Tem cuidado! Volta para mim...

Estremeci quando os seus lábios quentes tocaram na minha orelha e sussurraram:

— Eu estarei sempre contigo, Pequena... Tu fazes parte de mim!

Beijou-me a testa antes de se afastar; um beijo casto e repleto de carinho. Desejei implorar-lhe que ficasse; gritar que o amava com loucura. Mas fiquei em silêncio, vergada pelo peso da responsabilidade. Dentro de poucos meses, eu estaria na Grande Ilha, e Throst seria apenas uma saudosa recordação.

CAPÍTULO 13

A noite infindável imperava, e a sua tristeza e melancolia refletia-se nas pessoas, mesmo naquelas que tinham nascido e crescido na Terra Antiga. A situação social também não ajudava. A possibilidade de uma guerra entre clãs era cada vez mais consistente.

Throst viajara há algumas semanas, com uma pequena escolta, e os muitos guerreiros que lhe haviam jurado lealdade mantinham-se firmes, guardando as fronteiras da Aldeia do Povo. Todos os dias, habitantes da Aldeia de Grim vinham pedir abrigo. As pessoas amontoavam-se nas casas e já mal existia espaço para dormir, mas ninguém se queixava, pois sabiam que o que ficava para trás era horripilante.

Na propriedade dos herdeiros de Grim reinava o caos. Notícias de roubos, incêndios e assassinatos chegavam com os aldeões. A partida de Throst para ocupar uma posição numa aliança deixara Gunnulf enlouquecido. Sem remorso, ia destruindo, dia após dia, o que a sua família construíra durante gerações. Só um objetivo o movia: reunir um grande exército para esmagar o primo.

A nossa casa estava repleta de mulheres e crianças, e não tínhamos mãos a medir. O meu equilíbrio, tão importante para praticar a Arte, encontrava-se destroçado, perdido entre a angústia e o cansaço. Eu vivera num país enterrado até ao pescoço em escaramuças, mas o meu pai nunca permitira que a insegurança e o medo chegassem à nossa casa. Aqui, tudo acontecia debaixo do meu nariz, e eu não podia fraquejar.

Apesar da neve que caía, saí para libertar a cabeça do alarido constante. Fixei o olhar no vazio e levei a mão à pedra azul, buscando um pouco de serenidade para o espírito. Surpreendi-me ao senti-la palpitar.

De repente, a pequena coruja pousou na cerca. Os seus enormes olhos amarelos rodopiaram ao encontro dos meus e piou baixinho. Depois voou para o ramo de uma árvore, aguardando que eu a

seguisse. Os guardas não se encontravam longe, mas, com a ajuda da Arte, nem se aperceberiam da minha transgressão. Num instante, pulei a cerca e corri tão depressa quanto as pernas me permitiam. Throst iria compreender que esta desobediência tinha um propósito válido. No meu peito, o amuleto aquecia-me com a esperança de rever a minha avó. E não me enganei.

Aranwen esperava-me no cemitério dos antepassados de Throst, linda dentro do seu vestido azul, comprido e esvoaçante, com os longos cabelos, negros e encaracolados, cobrindo-lhe as costas como um manto.

"Minha querida neta!"

Demos as mãos e sorrimos, escutando o suave ondular das árvores ao sabor do vento, apreciando o prazer de estarmos juntas.

"Infelizmente não temos muito tempo. Aqueles que conspiram contra nós vêem longe e, se souberem desta conversa, tudo estará perdido. Chegou o momento de testares a tua coragem, na prova mais difícil que já enfrentaste."

Respirei fundo e respondi com convicção:

"Eu estou preparada, avó. Sinto a energia pulsar dentro de mim."

"Temo que, desta vez, o teu poder não seja de grande valia. Infelizmente, nada mais te posso revelar, mas mantém a certeza de que os que te querem bem se encontram a olhar por ti."

Engoli em seco, com um aperto gelado nas entranhas. Por que tinha de ser posta à prova quando Throst estava longe? De repente, o medo invadiu-me e perguntei impulsivamente:

— O Throst está bem? Tornarei a vê-lo?

Arrependime de exteriorizar as emoções tão abertamente, temendo que a minha avó se zangasse com tamanha dispersão. Porém, ela esboçou um sorriso, antes de declarar:

"O amor é o sentimento mais puro da humanidade... e, a paixão, o motivo por que os feiticeiros renegam o mais nobre dos poderes. Quando um homem e uma mulher partilham esses sentimentos são abençoados perante o Criador. Acreditas no vosso amor, Catelyn?"

Colocou os seus dedos sobre os meus lábios, revelando que não desejava uma resposta.

"Presta atenção ao que te vou dizer. Para tua proteção, amanhã beberás um chá preparado com estes ingredientes..."

“Sim, avó.”

“A tua vitória estará garantida se seguires as minhas instruções. Contudo, recorda-te de que correrás perigo de morte se a denunciares ao inimigo.”

“Não entendo...”

“Entenderás no momento certo. Agora, devo partir... E digo-te adeus nesta terra. Quando nos encontrarmos novamente, tu estarás a um passo da missão para que nasceste. Não te esqueças de seguir o teu coração. Ele manter-te-á no bom caminho.”

Se a minha avó tencionava alegrar-me com o anúncio da minha partida, falhara vergonhosamente. Abandonar a Terra Antiga significava dizer adeus a esta realidade que eu aprendera a amar, a uma nova família, a Throst... Aranwen alcançou os meus pensamentos e sorriu. Apertou o meu rosto entre as mãos delicadas e acariciou-me a testa com um beijo.

“Não por muito tempo...”

Sofri um abalo ante a sua insinuação. Como poderia ser...?

— Avó...

O meu apelo tombou no vazio. Aranwen desaparecera e, com ela, toda a luz. Eu estava envolta pela escuridão da noite, pelas brumas da floresta; nas trevas das minhas dúvidas, dos meus temores e desencantos.

Não consegui dormir e passei a manhã em sobressalto, contando o tempo que passava e esmerando-me na preparação do chá. Tinha a certeza de que cumprira ao pormenor as instruções da minha avó, mas não fazia a menor idéia para que servia a infusão, cuja combinação de ingredientes me era desconhecida. O mistério adensava-se e a minha apreensão crescia.

Tomei o chá enquanto Ingrior se despedia de Trygve e certifiquei-me de que tinha o punhal de Throst preso na bainha da minha bota, longe da vista de todos, como ele próprio me ensinara. Mas nem a proximidade deste objeto tão especial me fez sentir segura. Já ouvira os homens murmurarem à boca pequena que há muito que Throst deveria ter regressado; que se verificava um movimento anormal entre as tropas de Gunnulf; que, se os reforços não chegassem nos próximos dias, sofreríamos um ataque e uma

derrota esmagadora; que o sanguinário guerreiro-urso não planeava deixar uma alma a respirar na Aldeia do Povo...

Saímos com uma pequena escolta. Na aldeia, aguardavam-nos doentes que requeriam cuidados urgentes. Apesar de nada dizer, eu pressentia o desassossego de Ingrior. Afastarmo-nos da segurança da casa era arriscado, mas não podíamos desleixar os nossos deveres. Os aldeões dependiam de nós e, além disso, se exteriorizássemos os nossos receios, quebraríamos a confiança do povo e lançaríamos o caos, dando a Gunnulf uma amarga vantagem.

As visitas foram um sucesso, mas, como era de esperar, consumiram muito do nosso tempo. Os guerreiros estavam ansiosos por se porem em marcha e ficaram aliviados quando nos viram surgir.

Ao longe, sobre o mar, vislumbramos uma tempestade que se aproximava. Só nos faltava que começasse a chover... Eu não tinha completado o pensamento e já estava encharcada.

— Anseio pelo dia em que partiremos para a Ilha dos Sonhos — começou Ingrior, referindo-se à maior ilha do arquipélago conquistado pelo irmão e seus guerreiros. — Mal posso esperar para vestir roupas leves, tomar banho no mar, fazer piqueniques na praia...

Ingrior continuou a sonhar alto, e eu escutei-a em silêncio, imaginando uma praia branca, tão extensa que os olhos não conseguiriam vislumbrar-lhe o fim. Os barcos de pesca repousariam na areia macia e, ao seu redor, os pescadores trabalhariam nas artes, apreciando o agradável calor da manhã. No porto, os majestosos *Knarr* seriam carregados com o produto das boas colheitas e do artesanato local. Haveria uma floresta... Tinha de haver uma floresta luxuriante! E a casa de Throst seria a maior e a mais animada da aldeia, pois ele seria o líder do seu povo. Quando saísse a cavalo, os aldeões deixariam o trabalho para saudar o senhor da terra e oferecer-lhe-iam um jarro de cerveja fresca, pão acabado de cozer, um saboroso queijo de ovelha e dois dedos de conversa. Eu esperaria pelo seu regresso, de braços abertos, ansiosa por envolvê-lo no meu carinho. Mas, primeiro, as crianças

correriam para beijá-lo... os nossos filhos! Throst iria erguê-los no ar e rodopiaria até ficar tonto...

Tudo aconteceu tão rápido que eu nem pude recuperar do meu devaneio de inocente e infrutífera felicidade. Guerreiros vestidos de negro, montados em cavalos possantes, saíram das sombras como se feitos de ar. Atacaram sem aviso, e depressa concluí que a nossa escolta era impotente para proteger-nos. Na confusão de gritos e estampidos de metal, perdi Ingrior e encontrei-me rodeada pelos cavaleiros. Um deles agarrou-me pela capa e derrubou-me da montada.

— Usa a magia, Catelyn! — gritou Ingrior de parte incerta. — Depressa!

Apesar de o manto de neve ter amortecido a queda, eu estava desorientada. Enquanto um dos cavaleiros avançava, a voz de Ingrior ia-se desvanecendo. Não era fácil concentrar-me quando o pânico paralisava todos os meus sentidos. Arquejei aflita, agarrando no amuleto de Aranwen em busca de ajuda. Estava gelado! Abri a boca, mas não ouvi o meu próprio grito. Uma dor aguda perfurou-me a cabeça, e a chama trêmula dos archotes apagou-se. Caí desamparada dentro de uma escuridão profunda... E a realidade desvaneceu-se.

A consciência regressou, lenta e dolorosamente. Soltei um gemido e levei a mão à fronte para avaliar os estragos da pancada. O corte sangrara, mas não era profundo.

Aos poucos, a visão definia formas. Eu estava num sítio apertado que cheirava mal. Uma gruta... Conseguia escutar o rugido do mar bravio, não muito distante... E ouvia o crepitar da madeira na fogueira acesa na entrada, onde se sentava um homem vestido de negro, alto como uma torre. O meu coração parou de bater ao distinguir os seus cabelos cor de fogo e os olhos esverdeados que contrastavam com a pele branca e tatuada. Apesar de não envergar a famosa pele de urso, Gunnulf era inconfundível.

— Finalmente! — rugiu, distorcendo os lábios num sorriso cruel. — Já pensava que teria de festejar sozinho!

Enquanto o gigante se aproximava, eu forcei-me a acalmar. Tinha de concentrar-me e pensar com clareza, vencer o pânico visceral,

esquecer a existência do corpo e chamar toda a energia à minha mente. Não precisava temê-lo! A minha avó velava por mim! Agora, eu compreendia o mistério que envolvera a sua última aparição. Aranwen viera preparar-me para enfrentar o nosso maior inimigo na Terra Antiga. O seu chá fortalecera-me de certeza!

— Não dizes nada, cadela? — berrou Gunnulf, estendendo uma garra e aprisionando-me de encontro ao seu corpo. — Tornaste a ficar muda? Não importa! Não precisas de falar! Só tens de abrir as pernas!

Empurrou-me para o chão e lançou-se sobre mim. Gemi de dor quando embati na rocha sólida e vi as formas retorcerem-se à luz bruxuleante. Cerrei os dentes para evitar gritar todo o ódio e asco que ele me provocava, sabendo que lhe daria uma glória. As mãos enormes ajeitaram-me debaixo do seu corpo, como se eu fosse uma boneca de trapos. Os seus grunhidos eram abafados pelo ribombar dos trovões, filhos da tempestade violenta que fustigava as Terras do Norte.

Qualquer que fosse a razão deste desvario, o caçador escolhera mal a presa! O chefe viking era forte, mas eu chegava para dez iguais a ele! Uma pequena manifestação de magia seria suficiente para cuspi-lo para longe, como o coice de um cavalo. Deixá-lo-ia paralisado enquanto fugia, e os animais selvagens acabariam com a sua raça. Simples e limpo! Enchi o peito de ar, sentindo que reunira o controle suficiente para atacá-lo.

— Então, bruxa? — rosnou Gunnulf junto do meu rosto, sem pejo em desafiar-me. — Não vais lançar-me um feitiço? Deves estar a arder por dentro, a interrogares-te por que não consegues!

A sua gargalhada deixou-me mergulhada no assombro total... porque eu realmente não conseguia! Nenhuma das habilidades que aprendera e desenvolvera funcionavam. E não era por falta de concentração...

— Vou poupar-te o esforço — continuou ele, triunfante. — O nosso amigo Sigarr certificou-se de que não usarias a tua bruxaria contra mim! Eu não podia arriscar-me a sofrer de uma maleita, neste dia tão especial!

Não contive o horror quando Gunnulf me rasgou o vestido de lã como se não passasse de uma teia de aranha. Eu estava totalmente

indefesa, à mercê da sua bestialidade.

Lembrei-me da minha avó e do seu aviso. Aranwen dissera que o meu sucesso dependia do cumprimento das suas recomendações. E eu fizera tudo o que ela me mandara! Tudo! O que teria corrido mal? Sigarr... Os piores receios da minha avó haviam-se concretizado. O maldito feiticeiro descobrira a sua intervenção e anulara-a. Mas eu não podia entregar-me ao desespero! Eu tinha de sobreviver a este tormento!

O monstro nojento lutava com a sua própria roupa, pois a minha já não era um obstáculo. Mantinha-me paralisada, com as mãos sobre a cabeça e as pernas entaladas nas suas. O instinto garantia-me que, se eu resistisse, acabaria por magoar-me muito mais. Decidi não reagir. Esqueceria a existência do corpo, libertaria o espírito e não pensaria no que estava a acontecer. Fechei os olhos para me poupar à visão grotesca e concentrei-me na tempestade, enquanto os rugidos do Viking se misturavam com a trovoada:

— Vamos lá saber o que o Throst viu em ti, sua puta ranhosa! Tenho a certeza de que lhe lançaste um grande feitiço! Só assim se justifica que ele tenha abandonado a minha irmã por tua causa, criatura miserável! Bruxa feia!

Gunnulf continuou a praguejar acerca da minha falta de atributos, enquanto me explorava com a mão violenta e rude, magoando e arranhando, pressionando até quase me partir os ossos. Se eu não lhe agradava... Por que? Se queria ferir Throst, não seria mais fácil matar-me? Mas Gunnulf não podia matar-me. Sigarr não permitiria! Precisava do meu filho para cumprir os seus propósitos... Não! Sigarr não estava a pensar...!? O feiticeiro sabia que Gunnulf não podia dar-lhe o herdeiro que ele tanto ambicionava! Mas, então, por que? Por vingança, porque eu o rejeitara? Pela satisfação da sua insuperável maldade?

Chovia torrencialmente. Os relâmpagos iluminavam a caverna e os trovões fustigavam o ar. Um... e outro... E ainda outro... Gunnulf não teria o prazer de ver o meu desespero. Jamais lhe daria o gozo de me ouvir bradar por piedade! Eu era uma McGraw! Pensei em Berchan...

“Somos seis, mas somos um só!”

“Mano...”

Apesar de todos os meus esforços, não consegui evitar um queixume quando o monstro de poder e força invadiu o meu corpo. Fechei os olhos, sentindo a cabeça a lascar-se. Luzes coloridas piscavam ao meu redor, como milhares de estrelas ardentes. Pensei que ia desmaiar ao senti-lo investir, estilhaçando os meus ossos. A sua gargalhada rasgou-me a alma:

— Já gemes cadela? Estás a gozar? Pois eu vou dar-te mais! Vou dar-te até suplicares que pare! Grita! Grita por piedade!

Se eu desmaiasse a dor terminaria... Por que não desmaiava de uma vez e libertava a mente deste suplício?

— Estás a perguntar-te o que fará o teu amante quando descobrir a tua desgraça? Ele jamais te vingará, rameira! Esta noite, os meus homens banharam-se no seu sangue! O Throst está morto! Finalmente, morto!

Gunnulf rasgava-me a carne, mas a dor física não se comparava com a provocada pelas suas afirmações. O meu mundo acabara de desmoronar-se. Eu estava em queda livre, girando dentro de um pesadelo sem fim...

— E os bastardos dos McGraw não tardarão a seguir-te até aqui. Mas o Sigarr tratará deles! Um a um, os meus inimigos cairão nas minhas mãos! — Com um ronco animalesco, arrancou-me o amuleto do pescoço. — E este será o meu troféu! Esta pedra trouxe o Throst do mundo dos mortos e tornar-me-á invencível! E tu, bruxa, parirás um filho meu... Um guerreiro feiticeiro...

A loucura estava ao alcance das minhas mãos. A dor mastigava-me e engolia-me num só fôlego. As chamas da fogueira incendiavam-me... Fogo na minha carne, nas entranhas, nas profundezas ainda conscientes da minha mente... Gunnulf mentia! Gunnulf só podia estar a mentir!

O colosso proclamava vitória, invocando o pacto que fizera com Sigarr. Ele cumprira a sua parte, matando Throst. Agora, o feiticeiro iria coroá-lo rei do povo viking. E como o guerreiro-urso não podia gerar filhos, Sigarr assegurara-se de que um herdeiro nasceria com o auxílio da Arte Obscura. Gunnulf seria o rei-urso, e o seu primogênito, o herdeiro do império que se preparava para conquistar.

A voz hedionda falhava... Apesar de saber que o tormento físico se aproximava do fim, o meu espírito jamais encontraria descanso. O meu amor morrera, e as forças do mal condenavam os meus irmãos. Eu ia ficar grávida deste monstro e seria forçada a entregar a criança a Sigarr. E tudo por minha culpa, porque subestimara a força e a perversidade do feiticeiro negro.

Gunnulf alcançou o prazer e perdeu o domínio do corpo, marrando sobre mim qual touro enraivecido. Soltou-me as mãos e empurrou-me as pernas para penetrar mais fundo. A dor arrastava-me ao extremo da loucura. Este homem merecia a morte! Gunnulf tinha de morrer!

Enfrentei a realidade e o que vi ter-me-ia petrificado de terror, se me restasse um laivo de lucidez. O urso estava no olhar do Viking, mas não era o animal belo e majestoso, cuja pele eu conhecia bem, e sim uma besta de olhos em sangue que espumava fel. O espírito de Gunnulf retorcera a dádiva da Natureza e estuprara-a, tal como sucedera com Freysteinn. E esse demônio que habitava a alma selvagem ria-se abertamente da minha desgraça, desaparecendo nos confins do olhar tempestuoso depois de bradar a vitória final.

Gunnulf tombou sobre mim, exausto pelo esforço de possuir uma mulher que não desejava; esgotado pela satisfação que alcançara à custa da lembrança das suas maldades. Puxara as minhas pernas tão acima, que a bota me tocou na mão e o punho frio do punhal me pressionou a carne. Estremeci, assolada por um ódio primitivo e indomável. Gunnulf matara Throst! Mas Throst teria a sua vingança!

Sem hesitação, puxei o punhal da bainha e cravei-o com toda a força no tronco poderoso. O colosso ergueu a cabeça e urrou ensurdecedoramente. Tão rápido quanto conseguiu, saltou de cima de mim e arrancou o punhal da sua carne com um berro dilacerante. Por um instante, deteve-se a olhar incrédulo para a arma ensangüentada. Depois, deixou-a tombar e fixou-me, possuído pelo ódio. O demônio estava de volta!

Eu sabia que morreria se não reagisse. Gunnulf continuava de pé, mas o ferimento que eu lhe infligira fora grave, pois o seu equilíbrio era testado a cada passo. Vacilando, tentou alcançar a espada que jazia perto, mas eu movi-me mais rápido e cheguei primeiro.

No meu espírito, a voz de Berchan sobrepunha-se aos rugidos da criatura: *“Somos seis, mas somos um só...”.* E, subitamente, já não era a voz de Berchan e sim outra, tão familiar como amada, que repetia: *“Somos seis, mas somos um só!”.* Essa voz encheu-me com uma força que não era minha. Ergui a espada sem esforço, à luz dos relâmpagos. Diante de mim, Gunnulf deteve-se, fulminado por um misto de assombro e horror, que eu só compreendi quando o seu berro me estalou nos ouvidos:

— Não pode ser! Eu matei-te, McGraw! Que bruxaria é esta?

Então senti-o. Ele estava no meu corpo, unido ao meu espírito...

Nós éramos um só! A sua força era formidável, e a minha determinação, insuperável. Desta vez, o resultado do confronto seria diferente!

— Não me enganas com os teus truques, bruxa!

Sem acreditar no que via, Gunnulf tentou agredir-me com os punhos. Porém, quem aparou o seu golpe e se desviou, não foi a franzina Catelyn, mas Aled McGraw. Eu sentia a raiva do meu irmão queimando o meu sangue, fundindo-se na minha carne... E deixei-o dominar-me, até me perder na essência da sua existência feroz e pura.

— McGraw...

O grito do guerreiro-urso ecoou pela caverna e perdeu-se na noite. Nas mãos de Aled, que eram as minhas, a espada pingava sangue. Sem hesitar, ele enterrou o metal no ventre de Gunnulf e, desta vez, os lábios do colosso não se moveram. Sabendo que enfrentava a morte, o bárbaro escancarou os olhos para uma realidade que não podia conceber. Diante dele, o espírito de Aled separava-se do meu, e a força do meu irmão abandonava-me o corpo, com um último olhar, um último murmúrio apaixonado:

— *Amo-te, irmãzinha...*

Eu quis suplicar-lhe que não partisse; que não me deixasse só... Mas, sem o seu vigor, estatelei-me no chão. A dois passos de mim, Gunnulf sucumbiu ao inevitável, caindo de joelhos. Os lábios cruéis esboçaram um movimento mudo de incompreensão, cujo significado eu alcancei. Isto não podia ter-lhe acontecido! Ele fora escolhido pelo Guardião da Lágrima da Lua e gozava da sua proteção! Ele era o guerreiro-urso! Estava destinado a ser rei...

Com um vômito de sangue, Gunnulf perdeu a força e tombou para a frente. A espada enterrou-se por completo no seu tronco, proporcionando-me uma visão de pesadelo ao emergir nas suas costas; o metal brilhando grotescamente em laivos de vermelho-morte e vermelho-fogo... O guerreiro-urso encontrara o seu fim.

O sangue maldito espalhou-se pela pedra, originando uma poça viscosa. A custo, eu arrastei-me para longe, até embater na rocha bolorenta. Tremia descontroladamente, sacudida por soluços de nojo e horror, sem alento para respirar, com dores por todo o corpo e a boca a amargar. A imundice escorria-me pelas pernas. O suor frio inundava-me a pele. O meu pescoço não suportava o peso da cabeça, que latejava como se um exército aguerrido a esquartejasse por dentro. À minha volta, as paredes da gruta giravam e fundiam-se, perdendo a cor e a forma; as chamas da fogueira confundiam-se com as labaredas dos relâmpagos... E o cadáver de Gunnulf, afogado em sangue, trazia-me à memória uma realidade abominável. A semente maligna da besta fora plantada no meu ventre.

Onde estava a minha avó que jurara proteger-me? Onde estava o grande Hakon, que consentira esta desgraça? Não havia a menor dúvida de que da violação resultaria uma gravidez. Sigarr não brincava com os seus objetivos! Eu não podia dar-lhe o filho do dragão, mas dar-lhe-ia um herdeiro para a sua Arte, um guerreiro-feiticeiro... Um futuro rei com as potencialidade de Gunnulf e a força do meu sangue. Moldado pelo Guardião da Lágrima da Lua, o meu filho seria a criatura mais poderosa da Terra... e a mais terrível!

Não! Essa criança não podia nascer!

Levantei-me devagar, arrastando as pernas para caminhar. Sentia o sangue e a porcaria de Gunnulf em mim. Sentia nojo da minha pele. Sentia desprezo pela minha fraqueza. Eu falhara, tal como a maldição profetizara! Gwendalin podia cobrir a Terra de trevas. Gwendalin vencera... Sigarr vencera... A minha avó e todos os Seres Superiores haviam permitido que o mestre da Arte Obscura os enganasse. Pois eu não lhe daria o que ele tanto ambicionava!

Cambaleei para fora da gruta, caindo e erguendo-me, para voltar a cair, embriagada de miséria. E continuei adiante, às cegas, sufocada pela chuva, encandeada pelos relâmpagos, ensurdecida

pelos trovões... A lama prendia-me os pés, mas eu avançava, mais e mais, sem rumo nem destino. Estava tudo acabado! Eu falhara! Falhara! Perdera tudo! Só me restava a esperança de derrotar Sigarr...

O vento açoitou-me o corpo, quando a vasta extensão de mar turbulento se abriu diante do meu olhar febril. No fundo do penhasco, as ondas erguiam os seus braços de espuma, chamando:

— *Catelyn...*

— *Catelyn...*

— *Catelyn!*

Como era doce o meu delírio! Quase podia ouvir Throst gritando o meu nome:

— Catelyn!

— Já vou, meu amor — Murmurei, aquecida por uma súbita paz. — Obrigada pela felicidade...

Deixei-me tombar ao sabor do vento e rasguei o vazio, ao encontro daqueles que amava. Nesse instante de liberdade, consegui sorrir. Sentia-me livre! Estava a voar...

O embate com a água gelada não foi o fim. O mundo enrolou-se em anéis de espuma e gelo. Os meus pulmões contraíram-se e a minha pele ardeu. A agonia perfurou-me os ossos. Havia sofrimento esperando por mim, aonde quer que eu fosse...

Subitamente, uma chama acendeu-se no fundo do mar. O seu brilho cresceu e tornou-se tão intenso que me cegou. Teria finalmente morrido? Um calor morno devassou a minha dor, enquanto duas mãos me agarravam os pulsos e me puxavam ao encontro de um corpo sólido. Pisquei os olhos, ciente de que delirava. Diante de mim encontrava-se um rosto querido, que eu julgara jamais rever. Para provar que era real, a voz de Tristan ecoou na minha mente:

“Tens de seguir o teu destino, Cat! Tens de viver a razão por que nasceste.”

Soube instintivamente que ele ia afastar-me e agarrei-o com todo o ardor do meu desespero.

“Não, Tristan! Eu não quero perder-te outra vez!”

“Sê grande, Cat! Ama com a força com que és amada... E sê feliz!”

Os lábios de Tristan cobriram os meus e uma baforada de ar fresco invadiu-me os pulmões moribundos. Deslizei para fora dos seus braços e os seus dedos ágeis envolveram o meu pulso e capturaram a pulseira que ele próprio me oferecera. O vigor do seu sopro empurrou-me para a superfície. Trespassada pela angústia, vi Tristan afastar-se; a pulseira que representava o nosso amor fechada dentro da sua mão. E a chama extinguiu-se.

Quando a minha cabeça emergiu, esbracejei e abri a boca, buscando ar com agonizante desespero. De imediato, as ondas voltaram a cobrir-me. O gelo rasgava-me de dentro para fora. Agora sim, era o fim...

De repente, o meu corpo foi aprisionado num abraço de ferro. Os relâmpagos revelaram-me Throst, por um instante. Os meus queridos fantasmas regressavam para confortar-me! Encostei-me ao seu ombro e cedi à vertigem. Estava junto do meu amor... Chegara a casa.

Despertei dolorosamente, arrancada com violência ao doce torpor da inconsciência, e encontrei o rosto apavorado de Throst. Ele sacudia-me, enquanto gritava:

— Eu não irei perder-te, Pequena! Acorda! Por favor, Catelyn...

Eu teimei em fechar os olhos, mas o seu apelo repetiu-se sem cessar:

— Acorda amor! Eu não posso viver sem ti! Eu não quero viver sem ti!

A sua face tornou-se mais distinta; cada vez menos ilusória. Debilmente, ergui a mão e toquei-lhe, sentindo a sua barba macia a deslizar por entre os meus dedos... E o calor das lágrimas que lhe caíam dos olhos. Throst era real... Throst estava vivo!

— Throst...? — murmurei a custo.

— Meu amor!

Os seus lábios cobriram-me de beijos. Esmagou-me contra o seu peito, entregando-se a um choro convulsivo.

— Pensei... que... te tinha perdido... — soluçou descontrolado. — Por que não... esperaste? Não me ouviste... chamar-te? Por que fizeste esta... loucura? Foi para... fugires de mim?

Abracei-o com sofreguidão, ripostando atordoada:

— Como podes pensar isso? Como podes pensar isso, meu amor? — Só tarde de mais é que me apercebi de que dissera o que jurara jamais dizer.

— O que foi que me chamaste Pequena?

Throst tremia tanto que o seu corpo ameaçava quebrar-se. Os olhos azuis eram cascatas de água, cintilando com o brilho da tempestade. Desesperou com o meu silêncio e insistiu:

— Por favor, Pequena, diz outra vez! Nem que seja só mais uma vez...

— Amo-te, Throst — declarei, afundando-me no seu olhar, sentindo-me livre e plena. — Amo-te com toda a força do meu coração, do meu corpo e da minha alma! Amo-te para além da vida e da morte! Amo-te...

— Catelyn...

Os nossos lábios fundiram-se sem que houvesse barreiras a separar-nos. Foi ele quem se afastou, esfregando-me energicamente com as mãos.

— Deixa-me acender um fogo, querida... Não sobrevivemos a tantas dificuldades, para agora morrermos de frio!

Em pouco tempo, uma fogueira iluminava o abrigo onde nos encontrávamos. Era uma caverna, não muito diferente daquela para onde Gunnulf me arrastara. Porém, nesta havia sinais da presença humana: uma velha arca de madeira, redes e outros utensílios de pesca.

— Onde estamos? — perguntei a meia-voz, sonolenta.

— Num abrigo de pescadores — esclareceu Throst, enquanto me carregava ao colo até perto do calor. — Existem muitos ao longo da costa. Os pescadores utilizam-nos no Verão e, no Inverno, são procurados pelos jovens aventureiros... E por alguns maridos que desejam fugir do pairar incessante das suas esposas.

Ele pretendia gracejar, mas era evidente que este lugar já testemunhara numerosos encontros secretos de amantes furtivos. Fiquei a observá-lo. Throst buscou duas mantas dentro da arca e ajoelhou-se ao meu lado, dizendo:

— Tens de despir essa roupa antes que morras gelada!

Ficou parado, vendo as minhas mãos tocarem a medo no vestido rasgado.

— Queres que eu me afaste, Catelyn? — A sua voz denunciava perturbação.

Eu engoli em seco. Já não havia do que fugir.

— Não — respondi sem ocultar a minha fraqueza. — Quero que me ajudes...

Agradado pela resposta, Throst deslizou os seus dedos pelos meus ombros, com um cuidado indescritível. Os farrapos cederam e a pele nua brilhou, inundada pelo clarão do fogo. Eu desviei o rosto, sem coragem para encará-lo, dividida entre a necessidade de partilhar a minha desgraça e a vergonha de fazê-lo.

— Eu estive na caverna, Catelyn — começou ele com perspicácia. — Vi o Gunnulf...

Fez uma pausa para permitir que eu digerisse a informação. O meu vestido desapareceu e foi substituído pela manta quente e fofa. Quando amansei a respiração, já Throst se despira e embrulhara na outra manta. Estreitou-me e envolveu-me no seu carinho.

— Não temos de falar, se não desejares — sussurrou, roçando os lábios pelos meus cabelos. — Descansa...

Mas eu não queria descansar, temendo que a sua presença fenecesse, qual sonho bom. Forcei-me a enfrentar a tragédia e contei-lhe tudo, devagar, mastigando a dor, palavra a palavra. Ao contrário do que eu esperava, Throst não se mostrou surpreendido com a aparição de Aled e a mistura das nossas essências, pois entendia a força do afeto que me unia aos meus irmãos. Porém, o plano vil de Sigarr deixou-o arrasado.

As lágrimas escorreram pelo seu rosto pálido, quando piscou os olhos tristes e atormentados, murmurando desesperado:

— Perdoa-me por não ter chegado a tempo de impedir que esses demônios te molestassem! Carregarei essa culpa por toda a eternidade!

— Tu resgataste-me ao mar, pondo em perigo a tua própria vida — repliquei mansamente. — Não foste tu que me falhaste...

— Catelyn... — atalhou Throst, enlaçando o meu rosto. — Não te atormentes querida! Se estiveres grávida, essa criança também possuirá o teu sangue e não terá forçosamente um futuro negro.

Nascerá na nossa casa, eu dar-lhe-ei o meu nome e ela crescerá desfrutando de todo o nosso amor, tal como os outros filhos que iremos ter. Mais ninguém saberá a verdade, além de nós dois! E, se o Sigarr vier reclamá-la, eu juro-te que matarei esse desgraçado!

Estas afirmações, além de provarem um amor incondicional, também revelavam a nobreza do seu coração. Abracei-o comovida e deixei-me acalentar na emoção de lhe pertencer. O medo que me devorara, desde o início do pesadelo, desaparecera como por encanto.

— Como foi que tu soubeste? — Perguntei, incrédula. — Como é possível que estejas aqui?

Ele sorriu levemente, levando as minhas mãos aos seus lábios para um longo beijo.

— Não acreditas que eu sou real? Crês que sou um fantasma?

— O Gunnulf disseme que estavas morto.

— Eu fui avisado acerca da emboscada — explicou Throst, esforçando-se para me acalmar.

— Foste avisado?

Um frêmito de excitação percorreu-me da cabeça aos pés, como se eu pudesse adivinhar o que ele tinha para revelar:

— Sim, Catelyn... Por Hakon! O meu avô voltou.

A reunião com os chefes dos clãs fora um sucesso e, como era de esperar, Throst recebera uma proposta que o forçara a refletir. Os outros líderes vikings viam nele um instrumento de união, reconheciam a sua habilidade de liderança, a sua sabedoria e capacidade para encontrar consensos. Por tal, desejavam que se tornasse um Líder Supremo, o líder dos líderes, que mediasse as discussões, ouvisse as opiniões e sanasse as divergências de amigos e rivais, até que um equilíbrio fosse encontrado. Este parecia ser o único ponto em que todos concordavam, por isso, urgia discutir pormenores e firmar um acordo de honra, que se revelasse indissolúvel. A escolha do local para a celebração dessa aliança também não fora pacífica, mas a Aldeia do Povo acabara por receber a aprovação geral, já que era um solo neutro e a morada de Throst. Assim, os chefes de clã haviam-no acompanhado no regresso a casa.

Gunnulf vira nessa viagem a oportunidade perfeita para eliminar o rival direto e muitos inimigos mortais. Preparara uma engenhosa cilada e aguardara a vitória que lhedaria o domínio do povo nórdico. Porém, não contara com a interferência daquele que a maioria já havia esquecido. Depois de décadas de exílio, Hakon revelara-se finalmente aos humanos, a fim de evitar a morte do neto e a batalha que resultaria na desgraça do seu povo. Diante da gravidade dos avisos do feiticeiro, Throst esquecera o seu dilema emocional, organizara os guerreiros e liderara-os contra os mercenários de Gunnulf. Os caçadores tornaram-se as presas. Os que não fugiram, olharam a morte de frente, num massacre sangrento.

No rescaldo da batalha, Hakon avisara Throst acerca do meu rapto e dissera-lhe onde me procurar. Sem demora, ele precipitara-se ao meu encontro e não tivera dificuldade em encontrar a gruta, guiado pela luz da fogueira. Quando entrara, deparara-se com o cenário horripilante que eu deixara para trás e desesperara ao concluir que chegara tarde. A sua busca agoniada acabara por revelar-lhe o meu rasto. Eu podia imaginar a sua angústia, quando me vira aproximar do precipício, ignorando os seus apelos.

— Felizmente tudo acabou bem, meu amor — murmurou com um suspiro de alívio. — Nós tivemos muita sorte! Mergulhar daquele penhasco, em pleno Inverno, é pura loucura! Já para não falar dos rochedos, existem pedaços de gelo à deriva no mar, afiados como espadas e sólidos como rochas. Além disso, o frio paralisa os músculos num piscar de olhos. Se eu te tivesse perdido na água, nem me teria entregue ao esforço de nadar até à praia...

Toquei-lhe nos lábios, alegre no coração, mas preocupada com o seu arrebatamento.

— Não fales assim... Tu não podes morrer! O teu povo precisa de ti!

— Quantas vezes terei de te dizer que sem ti nada me importa? — Icei-me ao encontro dos seus lábios e beijei-o com ternura. Throst correspondeu de igual forma, mas, assim que o beijo começou a escapar ao domínio da razão, afastou-me com firmeza.

— Não me tentes mulher, ou não responderei por mim! — ofegou junto do meu ouvido. — Quero ter a certeza de que estás bem, antes de te convencer a partilhar a minha cama.

Throst já percebera que eu cedera. A admissão do meu amor deixara-o seguro. Nem pensei em protestar da sua insinuação. Não havia razão para nos evitarmos, agora que eu tombara na armadilha de Sigarr, pois o mal já não podia ser remediado. E se, mesmo assim, Throst me desejava, eu não fugiria da breve felicidade com que o destino me presenteava, antes da escuridão tombar sobre a minha existência.

— Como te estás a sentir, Pequena? — insistiu preocupado. — Agora que já aqueceste e parou de chover, podemos regressar à aldeia para que uma curandeira te observe...

— Não, Throst! — A minha negação foi tão rápida que o desconcertou. — Eu não quero voltar... ainda! Juro que estou bem!

Eu já tivera o cuidado de verificar os estragos causados pela brutalidade da imposição de Gunnulf. Apesar de dorida, prodigiosamente, não estava ferida. Mais uma vez, a força do meu sangue recuperara rapidamente as mazelas do corpo. Porém, não me sentia com coragem para enfrentar o povo. Como iriam reagir os Vikings quando descobrissem que uma escrava estrangeira matara o senhor da Terra Antiga?

— Não tenhas medo — aquietou-me Throst, provando mais uma vez a sintonia das nossas mentes. — Eu assumirei a morte do Gunnulf e ficarei ao teu lado. O meu povo é rude, mas tem bom coração. Garanto-te que ninguém falará uma palavra contra ti. — Segurou no meu queixo, forçando-me a encará-lo. — Agora, promete-me que não voltarás a atentar contra a tua vida, por mais desesperada que a situação te pareça. Tu própria me ensinaste que, mesmo quando a morte nos crava as garras na carne, ainda há uma esperança. Jura pelo nosso amor, Catelyn!

Jurei, com a expressão severa de Berchan pairando na minha mente. Se Throst não tivesse chegado a tempo, eu teria arruinado a esperança de dois povos com o meu pavor irresponsável e a minha precipitação imprudente. Agora, que me sentia calma e protegida ao lado do homem que amava; agora, que sabia que o Guardião da Lágrima do Sol voltara para os seus, tinha a certeza de que tudo se resolveria. Felizmente, os terríveis desígnios de Gunnulf haviam fracassado.

— O que podemos nós fazer para impedir o Sigarr de atacar os meus irmãos? — perguntei ansiosa.

Throst refletiu um pouco, antes de responder:

— O Edwin não é louco para se aventurar até aqui, nesta altura do ano! Ele sabe que, mais do que uma imprudência, a viagem seria um suicídio. Mas, se tentar, o Hakon tomará providências. Não te preocupes, Catelyn! Colocarei guardas junto à costa para uma eventualidade.

Fez uma pausa, respirando pesadamente. Quando tornou a falar, a sua voz refletia a ira que o assolava:

— Acredito que, durante muito tempo, o Sigarr não se atreverá a aparecer. Se o fizer, eu cortá-lo-ei em pedaços e alimentarei os lobos com a sua carne maldita.

As palavras de Throst afastaram a última sombra maligna que pairava sobre o meu espírito. Ele possuía a capacidade de emendar o que estava errado. Os seus companheiros sabiam-no, por isso o haviam escolhido. Eu não tinha nenhuma dúvida de que, sob a liderança de Throst, o povo viking iria viver uma era de paz e prosperidade. Este pensamento recordou-me a minha própria missão. Sofri um sobressalto ao lembrar-me de que fora incapaz de enfrentar Gunnulf com o poder da magia. Tê-lo-ia perdido? Instintivamente, olhei para a fogueira e as chamas subiram até ao teto da gruta. Throst recuou, soltando uma exclamação de surpresa:

— Por que fizeste isso? Queres assar-nos vivos?

Sorri aliviada e enfrentei o seu olhar.

— Só queria certificar-me de que está tudo bem...

— É claro que está! O Sigarr não pode interferir com o teu poder. Se assim fosse, mais depressa o faria com a feiticeira que o traiu. Esse monstro só protegeu o Gunnulf da tua ação! Porém, esqueceu-se de que, além de feiticeira, tu também és humana... e muito especial! Por falar nisso... — Procurou dentro da sua bolsa e estendeu-me a pedra azul de Aranwen. — O cordão está partido, mas podes remendá-lo.

Deslizei o amuleto por entre os meus dedos, refletindo tristemente:

— Foi a minha mãe que teceu este cordão, antes de eu nascer. Até hoje, sempre resistiu à vontade dos meus inimigos. Não entendo

como o Gunnulf conseguiu quebrá-lo sem dificuldade!

Throst levou a minha mão aos seus lábios, observando sobriamente:

— Isso já não tem importância, querida! Graças a ti, o Gunnulf não fará mal a mais ninguém! — Deteve-se por um instante, cravando os olhos no meu pulso nu. — Onde está a tua pulseira?

Eu senti um aperto no peito, ao trazer à memória o meu derradeiro encontro com Tristan e a forma como ele se despedira e me libertara do último elo que nos unia. Respondi simplesmente:

— Perdi-a no mar.

Depois de uma breve pausa, Throst entrelaçou os dedos nos meus, como se precisasse de permissão para me tocar, murmurando tão baixo que mal o escutei:

— Sinto muito.

Apertei a sua mão e fixei o olhar no fogo crepitante. Throst precisava de saber o que me ia no coração... e eu também necessitava de admitir em voz alta aquilo que, há muito, aceitara na intimidade da minha mente. Comecei num tom sumido, que foi crescendo em convicção:

— O Tristan foi meu irmão, meu amigo... um homem especial em todos os momentos! Nunca poderei esquecê-lo... Mas o seu amor não fazia parte do meu destino. A minha vida sempre te pertenceu, Throst! E o amor que sinto por ti não é igual ao que sentia por Tristan. Entendes?

Throst aninhou-me e embalou-me no seu carinho, sussurrando comovido:

— Sim... E respeito os teus sentimentos! Arrepia-me pensar que te encontrei no momento exato em que o Tristan deixou de poder oferecer-te a sua proteção. Ele foi um homem valoroso cuja coragem não será esquecida!

Depois destas confissões emocionadas, o silêncio tombou sobre nós. Eu sentia-me exausta e Throst ainda lutava para dominar a agitação. Certamente pensava nas consequências do regresso do avô. O seu tom firme não ocultava o cansaço quando determinou:

— Vamos dormir. Amanhã temos de regressar cedo. Espero que os homens encontrem o corpo do Gunnulf e o levem para a aldeia.

Senão, quando a fogueira se extinguir, os lobos terão um farto repasto.

Fui acordada pela sombra que se movia à entrada da gruta. De imediato, revivi o pesadelo da manhã em que Goldheart me surpreendera com Tristan. Escancarei os olhos à penumbra e gritei com toda a força, temendo ver o espectro de Gunnulf a avançar para nos matar. Throst saltou ao meu grito, empunhando a sua espada. Não conteve uma gargalhada, antes de se dirigir à fogueira decrépita para espevitar o fogo. Eu já recuperara a consciência e vira que a sombra pertencia ao seu cavalo malhado, que o seguira. Deitei-me, mas continuei a tremer. Quando Throst regressou à manta, apercebeu-se do meu tormento e amimou-me contra o seu peito.

— Já passou querida — murmurou carinhosamente — Está tudo bem, Catelyn! Eu estou aqui!

Abracei-o como se o seu corpo fosse, o último refúgio da Terra. Os dedos fortes brincavam com os meus caracóis, enquanto a sua voz suave me acariciava a alma:

— Combaterás mais facilmente os teus medos se falares acerca deles.

Teimei no silêncio, e ele provou que me conhecia bem:

— Assustaste-te porque recordaste a noite em que te escondeste com o soldado do Edwin numa gruta e o Goldheart vos emboscou?

Confirmei e, sem saber porquê, dei por mim a confessar:

— Esse soldado era o Tristan.

Throst não se manifestou logo. A sua voz tremia um pouco quando indagou:

— O Tristan foi o teu primeiro homem?

Engoli em seco. Era evidente que muito do que eu lhe ocultara, ele concluíra sozinho. E, agora, já não fazia sentido esconder-lhe o que quer que fosse.

— Sim...

Ante o meu constrangimento, Throst retorquiu:

— Não interpretes mal a minha curiosidade, Catelyn. Quando fizemos amor... Eu comecei por pensar que o Goldheart se havia imposto a ti, noutra ocasião que não aquela que surpreendi. Mas depois concluí que não podia ser. A maneira como correspondeste

ao meu toque mostrou-me que não sentias repulsa. Portanto, tinhas de possuir uma boa experiência no amor. A tua primeira vez foi nessa noite, na caverna?

Eu sentia as faces a arder. Engasgada pelo embaraço, acabei por revelar:

— Foi a única vez... Antes de ti!

Throst respirou fundo e beijou-me a testa. O seu carinho ajudou-me a descontrair. Quando ele pressionou a minha mão de encontro ao seu coração, almejei que a noite jamais findasse.

— Pequena... — hesitou, perante a rouquidão da própria voz. — Não podes imaginar como tenho sofrido... Desejando-te e contendo-me... Mas compreendo que necessites de recuperar a confiança! Quero que saibas que eu esperarei o tempo de que tu precisares...

Silenciei-o com um beijo, confiante de que ele me respeitaria sempre. A violação de Gunnulf não me deixara temerosa e amarga perante a união dos corpos, como Throst receava. A vontade de partilhar o seu ardor continuava acesa e, eu tinha a certeza, o seu amor e carinho saberiam destruir todos os vestígios da bestialidade do guerreiro-urso.

Junto do meu homem, tudo era prazer, beleza e alegria. Todavia, mesmo que eu reunisse coragem para lho confessar, não teria alento. O calor dos seus braços envolvia-me numa paz doce que me embalava os sentidos. Eu era forçada a lutar para conservar os olhos abertos.

— Dorme, minha doce Catelyn! — sussurrou ele, apercebendo-se do meu esforço para me manter acordada. — Descansar nos teus braços é tudo por que anseio esta noite. A vida espera-nos, meu amor... E eu prometo-te que será maravilhosa!

CAPÍTULO 14

Partimos assim que despertamos e fizemos a maior parte do trajeto em silêncio, abraçados, apreciando o doce sentimento que nos unia; uma magia inigualável e insuperável. Eu decidira aproveitar cada instante da companhia de Throst, até que o destino me chamasse à Grande Ilha. Assumir o nosso amor seria uma bênção, nem que fosse apenas por mais um dia.

Krum veio ao nosso encontro, liderando uma patrulha de busca. O sorriso que ostentava denunciava o seu alívio. Contou-nos que Ingrior estava bem e que apenas um dos nossos homens tombara na emboscada. Mal Gunnulf conseguira o seu intento, desaparecera sem deixar rasto, e os assassinos haviam-se dispersado.

Fomos recebidos com expressões de alívio e alegria. Ao primeiro olhar, percebi que tudo mudara desde o dia anterior. Muitos guerreiros que eu não conhecia encontravam-se na quinta. Vestiam cores diferentes daquelas às quais eu me habituara, tecidos ricos, belas jóias, e cobriam-se com esplêndidas peles de animais. Só podiam ser os chefes dos clãs vizinhos; os novos aliados de Throst. A face mais familiar era a do Viking que nos dera abrigo durante a viagem, na noite em que eu conhecera o prazer nos braços do capitão.

O grito estridente de uma ave provocou-me um sobressalto. Um magnífico falcão voou por cima de nós, e eu escondi-me no abrigo do meu guerreiro, verdadeiramente assustada. Ele sorriu e sossegou-me:

— Não te preocupes Pequena! O *Vento* está a cumprimentar-nos!

Vento era um nome que fazia justiça ao irrequieto falcão. Segui-o com o olhar para ver a quem pertencia. Senti um frio no ventre ao deparar-me com um bárbaro tão grande como Gunnulf, com o cabelo castanho-escuro, quase negro, comprido e escorrido sobre os ombros. No seu rosto perfeito e nobre, a barba curta desenhava-lhe os lábios e o queixo. Mesmo à distância, compreendi que tinha

olhos claros, penetrantes como lâminas afiadas. Mas o que mais me impressionou não foi o seu aspecto formidável... Foi a majestosa pele de urso que envergava.

Não tive tempo de questionar Throst acerca da imponente figura, pois Ingrior saiu de casa e correu para nós, seguida por uma multidão de amigos. Eu fiquei grata por ninguém comentar o fato de eu me encontrar envolta em mantas.

Tal como Throst esperava, o corpo de Gunnulf fora encontrado e devolvido à sua família. Mal desmontáramos e já Arnorr invadia ousadamente a propriedade do primo, exigindo explicações sobre a morte do irmão. Eu guardei silêncio, como Throst me mandara. O abuso de uma escrava não era considerado crime na lei viking. No máximo, o violador seria forçado a pagar uma multa ao dono da propriedade molestada. O povo estimava-me e não me condenaria pelo meu gesto de defesa. Porém, os grandes senhores não seriam tão compreensivos, e quando, inevitavelmente, a minha verdadeira identidade fosse revelada, velhos ódios reacender-se-iam com o fulgor de um incêndio descontrolado.

Throst apertou-me possessivamente contra o seu peito, antes de responder ao primo:

— O teu irmão tentou molestar a minha noiva. Enfrentou-me e morreu.

— O Gunnulf foi apunhalado pelas costas! — acusou Arnorr, bufando rancor, enquanto se voltava para os chefes de clã que escutavam atentamente. — É neste homem, que derrama o seu próprio sangue à traição, que vós depositais a vossa confiança?

Throst não vacilou, interrompendo o rugido do primo com igual ardor:

— A minha dor e o meu ódio estariam mais confortados se eu tivesse decapitado esse cão, a quem chamas irmão, e espetado a sua cabeça numa estaca, à entrada da minha propriedade, como jurei que faria. Só recuei por respeito ao resto da família. Contudo, se houver alguém presente que, diante da visão da sua mulher a ser covardemente maltratada por outro homem, procedesse de maneira diferente, faça o favor de avançar e de me julgar!

Ninguém avançou. Ninguém falou. Arnorr cerrou os punhos e engoliu a ira ao perceber que perdera. Em menos de nada,

desaparecera com a sua escolta.

Depois de se despedir com um beijo suave na testa, Throst partiu ao encontro dos outros líderes, para a reunião decisiva. Ingrior ajudou-me a banhar e cuidou de mim com a devoção de uma mãe. A ela, contei a verdade, omitindo apenas a possibilidade de estar grávida de Gunnulf, por vontade expressa de Throst, que insistira que esse segredo devia morrer conosco.

O meu rapto deixara Ingrior desesperada e a notícia da morte de Gunnulf enchera-a de apreensão, pois continuava a desconhecer o meu paradeiro e o do irmão. Agora, que tudo passara, não continha as lágrimas de alívio. O único pormenor que a sobressaltava era o regresso de Hakon, pois não sabia o que esperar deste súbito e inesperado desenvolvimento.

— O Throst não te disse para onde ele foi? — perguntou ansiosa. — Eu queria tanto vê-lo...

Expliquei-lhe que o irmão não falara acerca do avô uma palavra a mais do que o necessário. Eu também ansiava por conhecer “O Que Tudo Vê”, mas devíamos ser pacientes e dar a Throst o tempo de que ele necessitava para sarar as suas feridas. A reconciliação não seria fácil, se é que a haveria!

O enigmático Guardião da Lágrima do Sol despertava em mim um misto de receio e admiração. Desde criança que a sua figura me fascinava e também reconhecia no seu livro o meu verdadeiro professor. O manual de feitiçaria transmitira-me a teoria de um conhecimento que eu só tivera de aprender a pôr em prática. E, na Terra Antiga, “O Que Tudo Vê” nunca estivera muito longe, velando pela minha segurança. A sua única falha fora permitir que Gunnulf plantasse a semente do mal no meu ventre. Sigarr possuíra a mestria de iludir o seu próprio primo.

Depois de arranjada, decidi ajudar as mulheres que se atarefavam a preparar comida, bebida e alojamento para os ilustres convidados e seus guerreiros. Ingrior pediu-me que a acompanhasse ao templo, onde os líderes se reuniam, para lhes servir a cerveja. Eu retraí-me, temerosa, mas a minha amiga não me permitiu hesitar por muito tempo.

A algazarra ensurdecedora que sacudia as paredes do local sagrado deixou-me ainda mais nervosa. Os homens haviam feito

uma pausa na discussão para comer e beber e falavam de assuntos banais: batalhas, conquistas, banquetes, caçadas... e mulheres. O último tópico foi respeitosamente posto de parte quando nós entramos. Tive de cerrar os dentes para evitar que estes batessem, enquanto avançava por entre os corpos gigantescos. Os meus joelhos ameaçavam ceder ao tremor. O ar estava tão quente que me custava a respirar. Só o sorriso de Throst me deu confiança para não fugir.

O guerreiro do falcão encontrava-se sentado ao lado do chefe da Aldeia do Povo, e os seus olhos luminosos cravaram-se em mim como os de um predador prestes a atacar. Mantive o rosto no chão até chegar a Throst. Quando o servi, surpreendi-me por conseguir encher o seu chifre de cerveja sem entornar o pote. Percebendo o meu transtorno, ele atraiu-me delicadamente para o seu corpo e segredou:

— Não te apoquentes, querida. Em breve deixarás de te sentir uma estranha. Além disso, eu estarei sempre por perto para te apoiar.

As suas palavras ajudaram-me a suportar a curiosidade dos homens que servia. Alheia ao meu embaraço, Ingrior circulava por entre os chefes vikings como um peixe na água. Afinal, era uma princesa para o seu povo e todos a respeitavam e acarinhavam. Eu vira-a servir o guerreiro do falcão e ficara aliviada por não ter de abeirar-me dele. Aliás, o colosso e Ingrior pareciam velhos amigos, pois ele cumprimentara-a com um beijo na face e murmurara-lhe algo ao ouvido que a fizera rir com vontade, sem que Throst se afrontasse.

Quando saímos, Ingrior gargalhou ao verificar o meu nervosismo. Mal entramos em casa, forçou-me a beber hidromel, enquanto replicava num tom trocista:

— Estás mais vermelha do que a vela do *Drakkar.* Não sejas tola, Catelyn! Ninguém irá morder-te! O máximo que pode suceder é invejarem a sorte do Throst. Anda cá, irmãzinha!

O aconchego do seu abraço serenou-me. Instantes depois, reuni coragem para indagar qual a identidade do guerreiro da pele de urso. De imediato, Ingrior abriu um sorriso de orelha a orelha.

— Ainda não sabes? Eu já te falei dele! É Steinarr, o senhor da Terra dos Carvalhos.

Isso explicava muita coisa, mas não o súbito rubor nas faces da minha amiga e o brilho dos seus olhos. O afeto e a admiração que ela devotava a esse homem eram obviamente fortes.

— Ficas corada quando falas dele! — ataquei impiedosamente. Ingrior soltou uma gargalhada fresca e replicou sem constrangimento:

— Não conheço uma mulher que fique indiferente diante do Steinarr! Além de ser um homem muito bem-parecido e poderoso, tem um jeito de falar desconcertante, sem ser ofensivo.

— É casado? — Por que raio perguntara eu aquilo? Era óbvio que um homem como aquele tinha de ser casado! E, além da esposa, devia ter uma infinidade de companheiras.

— Não. — A resposta de Ingrior deixou-me perplexa. — Ao contrário do que estás a pensar, o Steinarr é um homem solitário. A sua grande paixão foi a esposa, mas ela faleceu pouco depois de o filho nascer e ele não tornou a casar-se, nem a procurar um namoro sério. Imagino que se deite por aí, como todos os homens, mas, como tem um herdeiro e uma família numerosa e unida, prefere ocupar-se com o seu povo e a terra, a entregar-se aos atropelos do coração.

Fiz um breve silêncio, denunciando a estranheza. Contudo, sentia-me incapaz de segurar a língua dentro da boca:

— Ele simpatiza contigo! E é evidente que também o aprecias...

— Eu e o Steinarr? — Ingrior tornou a rir com vontade. — Imagino que essa união agradaria ao Throst, mas o Steinarr não é o meu tipo de homem! Acho-o agradável e dedico-lhe uma grande admiração... mesmo algum afeto; mas não poderia amá-lo. Além disso, não acredito que veja mais em mim do que a irmãzinha do Throst! Se, um dia, o Steinarr voltar a casar-se, será com uma mulher jovem e inocente, que ele possa deixar entregue à casa e aos filhos para se dedicar aos seus assuntos. E eu, Catelyn, se um dia tornar a casar-me, não permitirei que o meu marido se afaste por um instante.

Ficou subitamente triste e mergulhou nas suas recordações. Eu apressei-me a mudar de assunto para forçá-la a reagir:

— O que achas que vai acontecer?

Ela sabia que os chefes planeavam eleger um Líder Supremo, cujo principal dever seria juntar os clãs e sanar as divergências, criando condições para a unificação do território e, talvez, a eleição de um rei. Parecia unânime o consenso sobre quem seria o Líder Supremo. Quanto ao rei, talvez nunca houvesse essa eleição, já que o Líder Supremo podia assumir o cargo.

— Estás a dizer que o Throst poderá vir a ser o rei dos Vikings? — arquejei, assustada pela simples possibilidade.

Ingrior suspirou e deixou claro que a idéia também não lhe agradava:

— Continuo a acreditar que o meu irmão é o guerreiro que irá liderar a campanha pela paz. Porém, sinto que ele não nasceu para ser o rei que todos desejam. É um homem forte e sensato, mas possui a alma de um camponês, de um pai de família...

— Talvez seja disso que o teu povo precisa! — observei, pesarosa, pressentindo que essa decisão o afastaria definitivamente de mim.

— Sim — concordou Ingrior. — Mas não é do que Throst precisa! A felicidade do meu irmão está na Ilha dos Sonhos, numa casa nova, contigo ao seu lado, a cuidar da terra e dos filhos que lhe darás; e não dirigindo os destinos de um povo aguerrido e conquistador. Além disso...

A sua hesitação fez o meu coração parar.

— Ingrior...? — incentivei-a a continuar.

A minha amiga engoliu em seco, terminando gravemente:

— Todos esperam que o homem que assuma o reino se case com uma mulher do seu povo. Uma estrangeira não será bem aceite...

— E muito menos se for filha de Garrick McGraw — completei entredentes.

Porém, no fundo, o que me importava esse pormenor? Eu não me esquecera do meu dever! A decisão de Throst, no que respeitava ao filho que Gunnulf me fizera, comovera-me, mas não passava de mera ilusão. Quando eu regressasse a casa, essa criança seria da minha inteira responsabilidade. Apesar de doer admiti-lo, se Throst decidisse desposar uma mulher viking para cumprir a vontade do seu povo, seria muito melhor para todos nós.

— Catelyn. — A doçura de Ingrior arrancou-me do azedume. Se o meu irmão tiver de escolher entre ti e uma coroa, não duvides de que tu serás a escolhida. Não fiques triste, querida! Estamos apenas a fantasiar o que pode ou não acontecer. Por alguma razão, que eu não sei explicar, sinto que o Throst nunca será rei.

As suas palavras trouxeram-me à memória a Visão da Pedra do Tempo e esta nova realidade descoberta.

— Ingrior — balbuciei insegura. — Não sei se devo dizer isto, mas... — Confessei-lhe que vira o guerreiro-urso correndo a par do guerreiro-lobo, na liderança do povo viking. — Quando despertei, fiquei aterrada e revoltada ao pensar que o Gunnulf poderia vir a ser rei. Mas, agora, o Gunnulf está morto... e existe outro guerreiro-urso...

— Contaste isso ao Throst? — interrompeu ela gravemente.

— Não.

— Então, não contes! Mesmo sem querer, uma palavra pode influenciá-lo irremediavelmente, e tal não deve suceder.

Quedamo-nos pensativas, até que Ingrior continuou:

— Agora percebo por que o Sigarr tomou o Gunnulf para seu protegido! Não lhe restava outra opção, visto que o Steinarr era incorruptível. Sabes Catelyn, eu acredito que existem momentos imutáveis no destino. Por mais que se tente enganar a sorte, ela encontra sempre um caminho alternativo para o objetivo final. Estava escrito que o rei do povo viking seria um guerreiro-urso, e o Sigarr decidiu assegurar-se de que o escolhido seria o seu eleito. Mas a Natureza não se deixa manipular tão facilmente! Brevemente teremos a prova da força da Vontade Divina.

Throst regressou no princípio da noite, acompanhado por Krum, Sven e Durin. Não foi preciso cogitar para saber qual o resultado da reunião. O homem radiante que me deixara de manhã estava pálido e exausto. Exclamou, como se anunciasse uma sentença de morte:

— Está feito! Fui eleito Líder Supremo do nosso povo.

Apesar de perturbada, Ingrior foi a primeira a reagir, beijando o irmão e felicitando-o. Seguiu-se Bjorn, que mal se agüentava em pé com o entusiasmo, demasiado excitado por se ter tornado irmão do

futuro rei para pensar nas conseqüências que tamanha responsabilidade teria na vida de Throst. Quando todos me encararam, forcei-me a prostrar em reverência, dizendo:

— Desejo muita sorte e prosperidade para o teu reino. Parabéns... — As mãos de Throst caíram sobre os meus ombros e ergueram-me.

Fiquei abismada ao confrontar a raiva escondida por trás da cortina azul do seu olhar.

— Deixai-nos sós.

Throst era prontamente obedecido na sua casa e agora também o seria em qualquer lugar das Terras do Norte. Abri a boca, mas não tive tempo de pronunciar o seu nome, pois a voz do Líder Supremo vibrou de indignação:

— Por que raio te ajoelhaste, Catelyn? Tu não és uma escrava nem uma criada! És a minha mulher! Diante de todos, seremos iguais! Só terás de responder perante mim e mais ninguém!

Estremeci, sem saber o que fazer ou dizer. Os seus dedos cravavam -se nos meus ombros e magoavam-me. O nervosismo estalava-lhe na pele. Throst estava frio por fora e em ebulição por dentro, como as montanhas que cuspiam fogo, que eu conhecia dos livros de Berchan.

— Eu não posso ser tua mulher! — reagi por fim, sentindo o coração a rasgar-se. — O Líder Supremo deve escolher uma mulher do seu povo...

— Tu já és uma mulher do meu povo! — ripostou ele, ignorando o meu protesto. — E eu não permitirei que me digam com quem me devo casar! Durante vinte e cinco anos andei à deriva... Agora, sei perfeitamente o que quero!

— Sabes que isso não é possível — objetei, forçando-me a enfrentá-lo. — Quando aceitaste o cargo de Líder Supremo, assumiste um compromisso com o teu povo e a tua terra...

— Sim! — cortou Throst. — Mas foi um compromisso consciente e não um ímpeto arrebatado ou uma imposição social. Ponderei muito antes de dar este passo e deixei claro perante todos os chefes que esta entrega não questionará a minha individualidade. Uma das condições que impus foi poder ceder o lugar a um homem da minha confiança e do acordo de todos, se o falhar, ou se eu próprio desejar

retirar-me. — A pressão dos seus dedos diminuiu bruscamente. — Aceitei esta missão porque sei que posso corrigir o que está errado, mas, assim que for encontrado o caminho da paz, outro mais hábil assumirá a liderança. Eu não quero ser rei, Catelyn! Já lutei de mais, derramei muito sangue, interrompi tantas vidas... — Acariciou-me o rosto com os dedos. — A minha mente não descansa, nem de dia, nem de noite. Esta é a minha oportunidade de redenção. E quero que tu estejas ao meu lado como minha mulher... Como esposa do Líder Supremo!

Perdi o ar e o chão fugiu debaixo dos meus pés. Mal consegui gaguejar:

— T... Throst...

— Casa comigo, Catelyn! — continuou o guerreiro-lobo, com a convicção inabalável da sua alma completa. — Vamos acabar com esta guerra de vontades! Juntos aprendemos a contornar as barreiras que nos separam; juntos acabaremos por destruí-las!

Sim! — gritava o meu coração. Sim! Sim! Sim! Mas eu não podia... Eu não podia!

Apartei-me dos seus braços e sentei-me na cama, gemendo dolorosamente:

— Isto é uma loucura! Mesmo que tu tenhas poder de decisão... Esqueces-te de que a minha missão me afastará desta terra?

Dois passos e ele estava junto de mim, aprisionando as minhas mãos nas suas.

— Tu voltarás para casa, cumprirás o teu dever e vencerás. Eu sinto-o no meu coração! E depois? Não haverá lugar na tua vida para mim?

Eu rodopiava à deriva na sua argumentação, dividida entre o querer e o dever, tão confusa que só pude balbuciar:

— Não sei... Throst, eu não sei!

— Quando nós estivermos separados, terás muito tempo para refletir. E, seja qual for a tua decisão, eu juro que a aceitarei. Mas agora... Agora estamos aqui e aqui ficaremos até meio da Primavera. Vamos ser felizes no tempo que nos resta juntos, Pequena! Por favor!

A emoção transcendia-me e impedia-me de raciocinar. Throst desejava desposar-me, mesmo que só por alguns meses; mesmo

sabendo-me grávida de outro homem! Como podia eu contrariar o desejo de corresponder à excelência do seu amor?

— E o nome que eu carrego? — Apelei num último fôlego de resistência. — O segredo não morreu com o Gunnulf! O teu povo jamais me aceitará, sendo eu filha do meu pai...

— O meu povo já o fez!

— O quê?

— Eu não poderia exigir franqueza e lealdade aos meus homens se não correspondesse de igual forma. Aqueles que me apóiam diretamente, há muito que sabem que tu és uma McGraw. Os restantes, souberam-no há pouco. Outra das condições que impus para abraçar esta missão foi que te aceitassem e respeitassem como uma igual.

Eu não acreditava nos meus ouvidos!

— Tu disseste aos teus homens que eu sou filha de Lorde Garrick?

— Todos têm bem presente o que tu tens feito por eles e pelas suas famílias. Muitas vozes se ergueram em teu favor, Catelyn! Acredita que és muito estimada na Terra Antiga! Mas, mesmo os mais calculistas, como aqueles que ainda não te conhecem, são forçados a reconhecer os benefícios da nossa união. Esses encaram o nosso casamento como uma aproximação aos teus irmãos, tornando mais fácil a obtenção dos seus favores. Deixa-os pensar o que quiserem, desde que não atrapalhem o nosso amor! — Segurou-me nas faces e eu fui forçada a mergulhar no azul profundo do seu olhar. — Eu amo-te, Catelyn McGraw! Por favor, casa comigo...

A minha mente ainda não recuperara do seu beijo e já os meus lábios suspiravam de felicidade:

— Sim, Throst... Sim...

Eu não fora habituada a rituais de culto, embora os houvesse em abundância na religião da Grande Ilha. Em criança, ouvira falar dos sacrifícios aos quatro Elementos, dos rituais druidas e das cerimônias que abençoavam a mudança das estações, mas nunca tivera permissão para assistir a nenhum deles. O meu primeiro

contato com um verdadeiro cerimonial ocorrera aqui, nesta terra selvagem, no dia da bênção dos guerreiros e dos barcos de guerra, há aproximadamente um ano. Agora, eu estava prestes a assistir a outro ritual. Só que, desta vez, não era uma simples curiosa e sim uma das personagens principais. E estava aterrada!

A partir do instante em que os meus lábios disseram “sim” a Throst, a minha vida virou-se de pernas para o ar. Um grupo de anciãs levou-me para uma casa vazia e aí me deixaram para passar a noite, sozinha, intrigada e assustada. Pensei que não conseguiria adormecer. Porém, mal o meu corpo repousou na cama, fechei os olhos e só despertei de manhã, fresca e descansada.

As anciãs regressaram trazendo frutas e néctares. Enquanto eu comia, deram-me várias instruções. Até ao término da cerimônia, eu não poderia comer, nem beber, nem falar, nem... Queimaram ervas na fogueira, que depressa espalharam um cheiro intenso e adocicado pela casa, fizeram a minha cabeça girar e entorpeceram-me os sentidos. Muito do que se seguiu caiu no esquecimento, ficando apenas a lembrança dormente do som fantasmagórico das rezas e do brilho de luzes coloridas, que rasgavam o ar e faiscavam como relâmpagos.

Com o aproximar da noite, banharam-me e cobriram-me com óleos perfumados. Esperei ansiosamente pelo meu vestido de noiva e fiquei estupefata quando me começaram a pintar com tintas de cores garridas — as cores das magníficas velas dos barcos vikings. Uma das anciãs entrelaçou fitas de seda e flores secas nos meus cabelos. Outra, com dedos hábeis e rápidos desenhou o Sol e a Lua no meu peito e uma grande serpente sobre o ventre, em redor do umbigo. Para cobrir os seios nus e os quadris, usaram peles de animais, iguais às que forravam os livros do Guardião da Lágrima do Sol. O meu pescoço, pulsos e tornozelos foram enfeitados com colares e pulseiras belíssimos, feitos de âmbar e marfim. Não tocaram no meu amuleto, talvez porque conhecessem o seu significado. Fui envolvida numa rica capa de pele branca e conduzida à porta. A minha mente já recuperara a lucidez suficiente para compreender que chegara o momento da verdade.

Subitamente, Mairwen entrou desembestada na casa, com uma multidão de mulheres indignadas guinchando atrás dela. Estacou à

minha frente, sem acreditar no que via: uma criatura misteriosa e selvagem, com os olhos brilhando como estrelas, ansiosa e amedrontada, desejando e receando o que a esperava.

— Tu não podes consentir isto, Catelyn! — vociferou, tremendo como uma folha solta ao vento. — Estás iludida pela chama do amor... Não tens consciência do que estás a fazer!

A anciã incentivou-me a avançar e eu obedeci-lhe prontamente. A minha tia não desistiu, desta vez berrando na língua da Grande Ilha:

— O Throst contou-te o que pretende? O que ele preparou para vós não é um simples casamento! É uma união de corpo e espírito que se perpetuará pela eternidade! Não foi para isso que tu nasceste, Catelyn!

Cravei os olhos em Mairwen e repliquei com a voz da mente:

"E foi para se transformar numa mulher amargurada e egoísta que a tia nasceu? Eu não fugirei do meu destino, mas também não voltarei as costas à felicidade, no tempo de liberdade que me resta, antes de ficar prisioneira de outra vontade e perder o homem que amo. O Throst nunca me enganou, e eu confio plenamente na sua palavra. Ele ama a mulher e não a feiticeira escolhida para salvar o mundo. E é essa mulher que lhe corresponde, com igual paixão. Se é da sua vontade que fiquemos unidos para a eternidade, então sentir-me-ei grata e feliz, pois é igualmente o que eu desejo!"

Mairwen recuou, agredida pelas minhas palavras. E eu entreguei-me aos braços da noite.

O estridor das trompas preencheu o vazio e os tambores rufaram. De imediato, vozese música ergueram-se, flutuando com o vento, nascendo da própria Terra, do Céu e do Mar. A trovoada ainda vinha longe, mas não faltara ao chamamento.

A minha pele foi apertada pelo ar gelado, mas não senti frio. Os meus pés moveram-se sobre a neve com ligeireza, enquanto eu mantinha a capa fechada, para encobrir o corpo das centenas de olhos que piscavam diante de mim. Um trenó puxado por belos cães-lobo aguardava-me. A anciã, que se tornara a minha sombra, conduziu-o com a destreza de um jovem camponês. Os clarões das fogueiras e dos archotes convertiam a noite no mais brilhante dos

dias. Os aldeões, vestidos com as roupas mais vistosas e cobertos de adornos e peles, afastavam-se para nos ceder passagem e curvavam-se em reverência. De entre eles, distingui um rosto familiar, enrugado pela idade. Ao encarar-me, a Velha do Tronco Oco acenou em aprovação e, eu podia jurar, esboçou um sorriso rasgado.

Não tive tempo de surpreender-me com o inesperado encontro, pois logo os meus olhos se arregalavam de pasmo. Uma plataforma, qual altar gigante, fora construída no centro da propriedade, e as pedras branca e negra do templo de Throst, cujas Runas declaravam a mensagem de amor que o meu coração guardava, haviam sido transportadas para cima dela. Como fora possível preparar algo tão fenomenal com tamanha rapidez?

Enquanto o trenó se aproximava, apercebi-me de um homem no altar, projetando a sua sombra sobre as Terras do Norte. Mal contive o sobressalto, atordoada pela energia que provinha do desconhecido.

O seu aspecto velho e frágil não passava de mera ilusão. Ele era bastante alto, mas a idade curvara-lhe os ossos e comera-lhe as carnes. Apoiava-se num bordão de madeira de rara beleza, que faiscava à luz das fogueiras, prenhe de um poder celestial. Os seus cabelos de neve estavam presos atrás da cabeça por uma longa trança que lhe pendia para além da cintura. A barba branca, também entrançada, tocava-lhe no ventre. Envergava vestes compridas e largas, tão alvas como leite, e um manto da mesma cor. Não me surpreenderia se a admirável figura abrisse os braços, se transformasse num pássaro gigante, sobrevoasse a multidão e desaparecesse na vastidão da noite.

— Não tema, menina — murmurou a anciã. — Está diante do grande Hakon da Montanha Sagrada, “O Que Tudo Vê”, renascido das entranhas da Terra para abençoar o nosso povo.

Eu dispensava a apresentação, pois reconhecera-o de imediato. Apesar de pouco restar da Visão do homem jovem e belo, que me dera a mão e comungara da beleza da natureza, no topo da Montanha Sagrada, era impossível confundir tamanho poder. Surpreendi-me por ver Krum ao seu lado, instruindo os chefes dos

clãs vikings para se disporem em círculo, em redor das pedras branca e preta, aguardando a chegada do Líder Supremo.

O trenó parou diante do altar e Krum veio ao meu encontro. Imaginei-o, num futuro distante, com o cabelo branco de sabedoria e um poder fabuloso entre as mãos. Apesar de ter aprendido a arte da guerra, ele nunca conseguira silenciar a magia do seu sangue. Agora assumia-a finalmente, colocando-se ao lado de um dos mais poderosos feiticeiros que habitavam a Terra. O meu primo possuía a coragem, a força e a excelência que faltavam à mãe. A sua voz ecoou na minha mente, tão límpida como a água de uma nascente:

"É uma grande honra acompanhar-te neste momento tão especial, querida prima! Liberta o espírito e nada receies. O teu homem tudo fará por ti, e o vosso amor será recordado em histórias, poemas e canções, que perdurarão ao longo dos séculos."

Quando Krum terminou, já subíramos a rampa e entrávamos no círculo de guerreiros. Então, vi Throst. Ele vinha da direção oposta, conduzido por Hakon, e o seu corpo fora igualmente pintado e coberto por uma capa de pele branca. Acenou-me levemente e eu retribuí, sabendo que só poderia falar quando o feiticeiro permitisse.

Do topo do altar avistava um mar de gente e mais continuava a chegar. A notícia da benção do Líder Supremo e do seu casamento espalhara-se à velocidade de um relâmpago e todos queriam testemunhar o acontecimento. O fogo do Homem iluminava o manto garrido que se estendia debaixo do meu olhar; uma visão de tirar o fôlego!

A um gesto do feiticeiro, Krum desnudou-me os ombros. Retraí-me instintivamente, trespassada pelo frio e pelo pudor. Porém, sem explicação, o meu sangue aqueceu até a pele suar e o embaraço se desvanecer. Não muito longe, o mesmo sucedia com Throst. Os nossos olhos encontraram-se, e o seu sorriso revelou-me que se agradava do que via. O padrão pintado na nossa carne era igual, nos menores detalhes. A sua nudez também fora encoberta por uma tira de pele, e o seu pescoço e tornozelos, enfeitados com belos adornos. Nos pulsos, o testemunho da sua linhagem mágica salientava-se orgulhoso, ofuscando a suntuosidade dos ricos ornamentos.

Duas cabras, uma branca e uma preta, foram sacrificadas. Por entre os bramidos, gritos, berros e uivos, tive de lutar para me manter lúcida. Piscava incessantemente os olhos, forçando-me a raciocinar, recusando-me a ceder à vertigem que voltava com redobrada força.

No âmago da loucura, vi que um homem se aproximava. Os seus cabelos negros e encaracolados caíam-lhe em redor dos ombros, e os olhos verde-floresta cintilavam mais do que qualquer fogueira. Por cima das suas vestes, um cordão entrançado segurava uma pedra branca. Eu estava a ter uma Visão... Uma Visão partilhada! A partir da Grande Ilha, Berchan lançava a sua mente ao encontro da minha! Envolveu o meu rosto com as mãos delicadas e beijou-me a testa. O meu irmão era um homem perfeito e belo, cuja essência extravasava sabedoria. Não moveu os lábios, mas a sua voz acariciou-me o coração:

"Amo-te muito, irmãzinha! Brevemente estaremos juntos..."

Tão inesperadamente como surgira, a imagem desvaneceu-se. Ao regressar à realidade, vi que o sangue dos animais já fora recolhido em taças e as carcaças levadas, para a carne ser assada e servida aos homens após a celebração.

A trovoada aproximava-se enquanto o Guardião da Lágrima do Sol erguia a taça cerimonial ao céu, e o seu corpo velho e encurvado se transformava num gigante. Besuntou as Runas das pedras com sangue e dirigiu-se a Throst. As minhas pernas fraquejaram perante a luz ardente que se derramava sobre a lâmina do punhal que mudara o rumo das nossas vidas e de todo um povo. Ao som dos tambores e dos cânticos que dominavam a noite, Hakon invocou a presença dos seus deuses e dos mais profundos poderes ancestrais. Throst estendeu-lhe a mão, e o feiticeiro cortou-a, com um lanho rápido e limpo. De imediato, eu senti a dor latejante na minha carne, onde a cicatriz em forma de Crescente sarava e fendia, à mercê da Vontade que nos unia. Rangi os dentes e apertei a mão, percebendo-a encharcada, ao mesmo tempo que o sangue de Throst escorria para a taça.

O feiticeiro desenhou um símbolo na testa do neto com o líquido viscoso, antes de se deter à minha frente. Forcei-me a encará-lo, esperando encontrar o azul da pedra de Aranwen no seu olhar, e

sobressaltei-me ao constatar que os olhos do Guardião eram mais brancos do que o luar. Como era possível? Não era ele “O Que Tudo Vê”? Como podia cavalgar, guerrear e presidir a rituais... Como podia ele ver, se era cego?

A voz de Hakon soou dentro de mim — uma brisa de Verão, suave e doce; uma tempestade de Inverno, forte e determinada:

“Olha-me com o espírito aberto e saberás que nada tens a recear! Sê bem-vinda à minha família, Catelyn da Floresta Sagrada da Grande Ilha!”

Fui transportada para o topo da Montanha; a minha mão dentro da mão de Hakon, o jovem da minha Visão de criança. Ao nosso redor, estendia-se uma paisagem de estonteante beleza. Envolvida por uma paz transcendental, respondi simplesmente:

“É uma honra, venerável Hakon, Guardião da Lágrima do Sol!”

“Sei o que temes, sei o que procuras, sei o que desejas... A seu tempo tudo se esclarecerá. Agora, desfruta do presente ao lado do teu homem. O vosso desejo de se pertencerem, em corpo e espírito, está prestes a concretizar-se. Finalmente, o equilíbrio será restaurado!”

Hakon desenhou o símbolo de sangue na minha testa e afastou-se, dirigindo-se à multidão com um cântico vibrante. A comoção atingira o rubro quando o feiticeiro esboçou um sinal para que os guerreiros se aproximassem de Throst.

Por coincidência, ou não, o guerreiro-urso foi o primeiro a jurar fidelidade ao Líder Supremo. O seu sangue pingou para a taça da cerimônia e a sua espada foi banhada com a essência do pacto. Ajoelhado diante de Throst, Steinarr proferiu votos de obediência e lealdade, em seu nome, em nome do seu povo e da sua terra, debaixo do juízo severo do Sol e da Lua, entregando-se ao castigo implacável dos deuses, caso a sua vontade e devoção esmorecessem por um instante. Quando o líder da Terra dos Carvalhos e o Líder Supremo juntaram as mãos, unindo os seus destinos até à morte, eu fui invadida por uma estranha exaltação, uma vontade louca de gritar. O meu coração batia a rebate, sobrepondo-se aos tambores que rufavam, abafando a trovoada que estourava por cima das nossas cabeças. E, quando eu já pensava que a tensão me iria enlouquecer, o colossal viking parou diante de

mim, trespassando-me com um olhar verde-cristalino que me roubou o fôlego e subtraiu o que restava da minha força.

Como num sonho, ouvi Steinarr apresentar-se e declarar-me a sua dedicação, de forma clara, sem uma incerteza na voz vigorosa e quente. Era impossível que ele não se apercebesse da minha perturbação. Só por um prodígio eu ainda me sustinha de pé! Lembrei-me de como as palavras de Ingrior me haviam parecido estranhas. Não acreditara que um homem pudesse provocar sentimentos tão fortes numa mulher, sem que existisse um envolvimento emocional. Enganara-me! Apetecia-me fugir a sete pés e assustei-me ao concluir que a minha inquietação não se devia ao receio, e sim à intensidade do olhar enigmático, que me devassava a alma. Quando o guerreiro-urso declarou que daria a vida por mim, eu tive a certeza de que ele era sincero; quando manifestou a devoção de um servo, eu reconheci o seu ardor como verdadeiro. Sentime aliviada quando terminou e desejei não ter de voltar a enfrentá-lo.

Um a um, os outros chefes de clã imitaram Steinarr. E tudo o que estes juravam perante o Líder Supremo, juravam também diante de mim. Com o pacto, eu recebia a fidelidade e a obediência do povo viking. No entanto, como o meu sangue não se misturara com o deles, eu não assumia qualquer compromisso de lealdade. Desta forma, Throst concedia-me a liberdade de partir para cumprir a minha missão e a autonomia para escolher o meu rumo, depois de a tormenta findar.

Após os votos do último guerreiro, Hakon submeteu a taça ao olhar dos deuses e declamou um cântico aguerrido e instigador, ao qual a multidão correspondeu. De entre os pontos coloridos, eu distingui perfeitamente Ingrior. A minha amiga levou a sua mão aos lábios e ao peito, declarando-me o seu afeto, inequivocamente recíproco. Fora ela a verdadeira defensora do amor inquebrantável, que durante tanto tempo permanecera escondido e silenciado no meu coração e no coração de Throst. Fora ela quem me forçara a encarar a verdade, ao conduzir-me ao cume da Montanha Sagrada, diante da Pedra do Tempo. Fora ela quem me salvara a alma, quando a minha vontade ameaçara render-se ao Guardião da

Lágrima da Lua. E fora ela, sem dúvida, quem me devolvera a esperança, a harmonia e o domínio da minha convicção.

No instante em que a nossa ligação espiritual atingia o auge, uma presença familiar interpôs-se no elo de energia. Pasmei ao perceber que Berchan não partira. Ele mantivera-se ligado a Ingrior, fundindo-se na sua essência para assistir ao ritual. Os dois existiam como uma única entidade e as suas emoções pulsavam ao mesmo ritmo, misturando-se com as minhas. A doçura desta partilha restituiu-me o equilíbrio emocional e, quando “O Que Tudo Vê” veio ao meu encontro para conduzi-me até Throst, eu já recuperara a serenidade.

A tempestade cobria a aldeia, o céu ardia e o ar eriçava-me os pêlos do corpo. Hakon falava da origem das estrelas, do princípio e do fim das coisas, nascer no mar e retornar a ele, cravando cada palavra no cerne da minha alma. Os olhos de Throst levavam-me de volta a casa, num dia ensolarado de Verão; os seus cabelos eram searas de trigo maduro; o seu corpo, um hino de masculinidade. Eu nunca o assimilara assim, tão perfeito e selvagem. O poder do líder do povo viking fluía pelo meu sangue; a mais pura força da natureza! E era só minha!

Na bandeja que Krum segurava repousavam duas braceletes de prata, gravadas com os símbolos mágicos da família de Throst e os nossos nomes em Runas. As mãos do meu amado tocaram no meu rosto e deslizaram-me pelo pescoço, até se deterem sobre as representações do Sol e da Lua. Escutei, de coração aberto, cada um dos seus votos, e os meus lábios abriram-se finalmente para entoar, como um cântico, os meus próprios votos, enquanto acariciava o Sol e a Lua no seu peito. Apertamos as mãos e repetimos o juramento de sangue — um homem e uma mulher, unidos num só corpo e espírito, na vida e na morte, para toda a eternidade. Era isso que Throst desejava. Era isso que eu desejava.

A bracelete entrou no meu pulso como se um artesão mágico a tivesse entalhado por medida. Nesse momento de avassaladora satisfação, jurei que, acontecesse o que acontecesse, jamais a tiraria. E o meu coração sabia que Throst fazia a mesma promessa. Quando o seu corpo reclamou o meu, abracei-o e retribuí o ardor do seu beijo. A chuva caiu finalmente, quente sobre a nossa pele. Abri

os olhos e encontrei o olhar do meu marido e senhor. A nossa união fora perfeita!

Throst tomou-me nos braços e avançou até à extremidade do altar, permitindo que a multidão nos aclamasse. Eu sentia a sua respiração aprofundar-se, à medida que a impaciência crescia. Apesar da solenidade do ritual e da importância que todos os nossos gestos e palavras tinham para o povo, nós ansiávamos por ficar sozinhos.

O caminho até ao topo da Montanha Sagrada dir-se-ia não ter fim. Já não chovia,e a luz que brotava do solo colava-se à nossa pele.

A Pedra do Tempo enviou o nevoeiro denso e colorido, palpitante de vida, para nos receber. Atraiu-nos como se nos chamasse... Como se ordenasse: O *vosso primeiro encontro abençoado deverá ser aqui, aos meus pés!* E foi para lá que Throst me carregou. Deitou-me na terra úmida e quente e repousou o corpo sobre o meu, murmurando rouca e imperativamente:

— Perdoa-me, meu amor, mas eu não posso esperar mais...

— Eu não quero que esperes! — respondi com o mesmo ardor. Fundimos os nossos lábios, num beijo arrebatado. As mãos de Throst percorreram o meu corpo, preparando-o para receber a força do seu desejo. Gemi extasiada ao perceber a urgência que o dominava. Eu também sentia essa ansiedade; a dor maravilhosa que antecipa a união de dois corpos consumidos pela paixão.

— Eu tenho medo de te magoar, Catelyn... — Arfou, ainda assombrado pelas recordações do que ficara para trás.

Mergulhei no azul profundo do seu olhar e arqueei o corpo, subjugada por uma fome primitiva e violenta.

— Irás magoar-me se parares...

— Então, não pararei!

Senti que a vida se iniciava no instante sublime em que o corpo de Throst entrava no meu. A sensação foi tão intensa que me bloqueou o raciocínio. Gritei dentro da sua boca e assimilei o seu grito. Eu estava a morrer! Estava a nascer...

A Pedra do Tempo chamejava. O nevoeiro colorido envolveu-nos num manto protetor e quente, protegendo-nos da maldade do mundo.

— Amo-te, Catelyn...

— Throst...

— Amo-te!

Nada do que eu recordava podia comparar-se com o sentimento que me devastava. Todo o ardor reprimido durante meses tormentosos libertava-se de uma só vez e engolia-me. O prazer entrou em mim, cobrindo-me como uma onda que não me permitia respirar. Senti a libertação de Throst e juntei-me a ele, enterrando os dedos nos seus cabelos e costas, pressionando-me de encontro ao corpo ardente que convulsionava. E vi luz, água, ar, fogo e sangue, toquei as estrelas e tornei-me parte delas. Soube, nesse instante, que o mundo era demasiado pequeno para conter o nosso amor.

— Catelyn...

A voz doce e tão amada despertou-me. Throst suspirou de alívio, ao verificar que eu recuperava a consciência, e murmurou abalado:

— Desculpa, querida! Exigi demasiado de ti. Foram muitas emoções de uma só vez... Estavas exausta, e eu ainda te tomei como um animal enlouquecido!

Ao encarar o seu rosto belo e o olhar de céu e de mar, fui incapaz de dominar a emoção. Lancei os meus braços em redor do seu pescoço e afundei a cabeça no seu peito, sacudida por soluços violentos. A minha mente ardia, enquanto as palavras eram disparadas, diretamente do coração: *“Eu sou tua... E tu és meu! Só meu... Para sempre, meu amor!”*

E chorei! Chorei com o ímpeto de um recém-nascido que experimenta o primeiro fôlego de vida. Chorei com a paixão de uma mulher que se sente completa, preenchida de felicidade.

— Pequena... Amor...

O meu pranto estava a assustá-lo. Eu percebia-o na sua voz e no tremor do seu corpo. Forcei-me a serenar, acariciando-lhe o rosto enquanto sussurrava:

— Eu estou bem, querido...

— Estás a chorar, Catelyn! — replicou ele de imediato. — Eu sabia que iria magoar-te!

— Não, Throst! — Amimei-o com adoração; o meu sorriso iluminando todos os recantos da minha alma. — Eu choro porque estou feliz.

Os seus dedos trêmulos percorreram-me as faces, enquanto franzia a testa, confuso.

— Mas... Tens lágrimas a cair dos olhos!

— Eu sei...

— Então...?

— A sombra que me encobria a alma dissipou-se finalmente — justifiquei engasgada. — A dor roubou-me as lágrimas... Mas a felicidade trouxe-as de volta. Tu fizeste de mim uma mulher completa. Amo-te, Throst! Amo-te...

O meu marido chorou comigo, e os nossos lábios procuraram-se, uma e outra vez, até todas as brumas se desvanecerem. Ficamos abraçados, em silêncio, partilhando de uma harmonia que só dois espíritos gêmeos podem alcançar. Aos poucos, tomei consciência de que ele me trouxera para o interior da morada de Hakon. Reconheci a mão carinhosa e talentosa de Ingrior na decoração bela e confortável, que transformara a gruta num quarto digno de um rei. Throst interrompeu a minha observação, ordenando com firmeza:

— Vamos comer. Não quero que tornes a desmaiar...

— E por que pensa que desmaiei de fraqueza e não de prazer, senhor, meu marido?

Sentime corar ante a minha própria ousadia, mas o sorriso de Throst revelou-me o quanto apreciara a provocação. Segurou-me no queixo, sussurrando roucamente:

— Quer levar-me à loucura, senhora, minha esposa?

Devoramos com satisfação o repasto que nos aguardava. Estávamos ambos esfomeados, pois não comíamos desde que se iniciara a preparação para o ritual. Os cestos com frutas, carne assada e pão, e os potes de cerveja e mel, esvaziaram-se, enquanto falávamos da cerimônia que abençoara o nosso amor, tão felizes que não conseguíamos parar de rir. Por fim, Throst avivou a fogueira, e eu ajeitei as mantas para descansarmos. Já deitada nos seus braços, acariciei-lhe o pulso, atrevendo-me a confessar-lhe o desejo de tatuar aquele desenho na minha pele. Longe de se arreliar, ele sorriu e beijou-me as mãos, respondendo mansamente:

— A tua vontade cobre-me de satisfação, querida. Porém, infelizmente, não posso tomar essa decisão. Só o Guardião da

Lágrima do Sol tem poder para transmitir a sua herança. Mas estou certo de que acederá ao teu pedido, se lho manifestares. Sei que lhe agradas muitíssimo.

Quedei-me em silêncio, pensativa. Tudo indicava que o avô e o neto já haviam conversado. Saberia Throst a razão por que Hakon se isolara? O meu marido adormecera, por isso fiquei com as perguntas entaladas na garganta. Apesar de desconhecer a verdade, eu tinha a certeza de que esse mistério escondia um segredo terrível. Forcei-me a engolir a curiosidade e decidi que não o confrontaria com tais questões. Se Throst decidisse partilhar a sua experiência, fá-lo-ia por sua iniciativa.

Abri os olhos devagar, sentindo uma comichão morna no nariz. Pensei que Throst brincava comigo e resmunguei com sono. Porém, ele também acabara de despertar e depressa percebemos que o nevoeiro colorido nos rodeava, quente e perfumado, forçando-nos a segui-lo. A passagem que conduzia ao quarto do dragão estava aberta e irradiava um brilho chamejante, enquanto um som suave, semelhante a um cântico divino, trespassava a rocha. A mão do meu marido fechou-se na minha e encorajou-me a levantar.

O nevoeiro guiou-nos até à mais bela das grutas, pairou sobre o lago e deteve-se na pedra destinada a tornar-se o nosso leito de amor.

A melodia maravilhosa que nos embalava provinha da queda-d'água. Arrepiei-me ao adivinhar o que estava prestes a acontecer. Throst respirava pesadamente e não hesitou em atrair-me para os seus braços, declarando:

— Não tenhas medo, Catelyn! Foi para este momento que nascemos. O nosso amor unirá as nossas terras e os nossos povos. Será perfeito... Como tu, minha querida esposa!

Ele possuía o dom de me acalmar, de destruir todos os meus receios. Mal entrei na água, esqueci a responsabilidade esmagadora que pairava sobre nós e entreguei-me ao seu carinho. A chuva fizera uma sopa de tinta, terra, sangue e suor na nossa pele e demoramos a banhar-nos, ofertando à água sagrada o produto do ritual de amor, vibrando com a paixão que nos atingia e suplantava, naquele lugar mágico, desvendado somente para os

nossos olhos. Exploramos sem pressa cada recanto dos nossos corpos, descobrindo como agradar, dando e recebendo. Sentime a mais formosa das mulheres, quando o mais belo e poderoso dos homens exclamou:

— O teu corpo mudou muito desde a primeira vez que eu o toquei... Cresceste Catelyn! És uma mulher linda e sensual... Tão perfeita como uma deusa!

— E o teu corpo não mudou nada... — gemi arrebatada, procurando os seus lábios. — Desde então, não se passou um dia em que eu não desejasse tocá-lo... Assim...

O seu rugido extasiado pôs fim às confissões. A rocha moldou-se ao meu corpo como um colchão de penas de ganso. O nevoeiro colorido invadiu-me os pulmões e misturou-se com o sangue. A união dos nossos corpos incendiou-me os sentidos, e logo a lentidão da descoberta se transformava num frenesi arrebatado. Eu ouvia os meus gemidos misturando-se com os de Throst, ecoando pela gruta. Via o rosto amado perturbado pelo mesmo prazer que me destroçava. E sentia o ardor na mão, enquanto o corte se abria e libertava a força da minha vida.

— Throst...

A sua mão cobriu a minha e arrastou-a para dentro de água.

— Sou teu, meu amor... — sussurrou ele junto dos meus lábios. — Teu, de corpo e espírito...

Gritei o seu nome tão alto que deixei de ouvir a minha própria voz. Perdida numa espiral de sensações, o meu espírito separou-se da carne, rodopiando por entre a névoa brilhante que se fragmentava em mil cores, para depois tombar num mergulho vertiginoso. Eu estava rodeada por água, e a transparência tingia-se de vermelho. Estava em queda livre e a vastidão do mar aguardava-me. Muitas luzes iluminavam a noite do mundo. Eu era a tempestade que rebentava sobre as ondas bravias. Eu era o sal que se misturava na água. Eu era o sangue que se derramava no mar. Eu era Catelyn e Throst, vida e morte, princípio e fim, prazer e dor.

A Grande Ilha surgiu diante de mim como um gigante erguendo-se do mar. O meu clamor estremeceu a Terra, quando a onda de sangue se esmagou contra os penhascos e invadiu as praias. Numa

batida de coração, vi casas, campos semeados e terra virgem; vi homens e animais, florestas e rios. E a força que me dominava começou a sugar-me de volta — rios e florestas, animais e homens, terra virgem e campos semeados, casas... e a grande fortaleza que abrigava os McGraw; um quarto, uma cama ricamente adornada com o brasão da minha família e dois amantes ondulando ao sabor da tumultuosa paixão; Edwin perdido num prazer desatinado, rugindo alto o nome da sua amada... Mas não era Melody que bailava lascivamente por cima do seu corpo, cravando-lhe as unhas afiadas no peito, onde a pedra vermelha pulsava com a força do seu coração! Uma chuva de cabelos em chamas revelou a pele de leite das costas da sua amante, antes de a minha mente ser violentamente arrebatada de volta ao mar, empurrada de regresso à Terra Antiga, cavalgando uma vaga de luz que devolveu a transparência azul ao mar e penetrou nas entranhas da terra, até à Montanha Sagrada, subindo pela Pedra do Tempo e espalhando-se pelo céu.

A fúria dos Elementos não podia comparar-se com o temporal que me varria, no instante em que a razão invadiu o meu corpo. O sentimento que me ardia no peito era maior do que o mar, maior do que a Terra, maior do que o céu... Tudo foi esquecido, exceto a delirante sensação de plena entrega. O espírito do meu homem fundia-se no meu, e a sua vida entrava em mim, escaldante como um rio de fogo. Nada podia ser mais perfeito. Nada podia ser mais mágico!

CAPÍTULO 15

Na Terra Antiga, tal como na Grande Ilha, o casamento era uma cerimônia muito importante, que envolvia não só as famílias dos noivos, mas toda a comunidade. Durante alguns dias, consegui esquecer a sombra da guerra e os sussurros do ódio, e fui verdadeiramente feliz. Porém, o sonho maravilhoso não tardou a desmoronar-se na dura realidade. Os chefes dos clãs deviam regressar às suas aldeias, e era importante que o Líder Supremo os acompanhassem, para ser apresentado ao povo. Eu casara com Throst para aproveitar o tempo que nos restava, e agora ele ia viajar, sem saber quando regressava.

O meu marido andava triste e apreensivo. E eu tinha a certeza de que a sua angústia era a minha. Fiquei sem fôlego quando ele me anunciou que partiria no dia seguinte e que esta seria a nossa última noite, talvez durante várias semanas. Quando terminamos de fazer amor, as lágrimas inundavam-me os olhos, mas eu escondias para não o incomodar com o meu tormento. Porém, a nossa ligação não admitia segredos. Depois de um longo suspiro, Throst exclamou:

— Eu não agüento isto! Vem comigo, Catelyn! Por favor!

Ergui-me sobre um braço, temendo ter ouvido mal e desejando que ele repetisse o pedido mil vezes, para que eu pudesse responder-lhe mil e uma que sim.

— Eu sei que será uma viagem dura, mas tu montas bem a cavalo e és forte. Além disso, eu estarei ao teu lado... e o povo adorará conhecer-te...

— Estás a tentar convencer-me? — perguntei, mal contendo a alegria.

— É claro que nos acampamentos haverá sempre um abrigo para te protegeres...

— Throst, eu vou!

Ele quedou-se em silêncio e depois soltou um longo suspiro de alívio. A força do seu abraço denunciava satisfação, e não tardou a

entregar-se a um sono reparador. Eu permaneci acordada, recordando os últimos acontecimentos, enquanto brincava com os anéis dourados dos seus cabelos. Tudo fora maravilhoso, à exceção da Visão grotesca de Edwin e Gwendalin. A memória do corpo alvo da feiticeira subjugando o meu irmão fez-me estremecer de horror. Não era possível! Não fazia sentido!

Eu partilhara a minha agonia com Throst, e ele esforçara-se por me sossegar, alvitrando que talvez eu estivesse equivocada; que tal barbaridade não podia ser mais do que uma alucinação, provocada pelos meus receios mais profundos, pois a sua mente fizera o mesmo percurso que a minha e nada vira de semelhante. Devíamos congratularmos-nos por o nosso amor ter sarado a ferida aberta no mar. A paz preparava-se para abrir os olhos e inspirar o primeiro sopro de vida. Nada devia assombrar a nossa conquista!

Eu tentava seguir o seu conselho, mas não conseguia parar de buscar uma justificação para a loucura que testemunhara. A ser verdade, Edwin fora iludido por Gwendalin. O meu irmão pensara que fazia amor com Melody, sem desconfiar de que aninhava nos seus braços a causadora da nossa desgraça... a sua própria tia! A simples idéia repugnava-me. Não! Berchan jamais permitiria que tal acontecesse! Ele teria pressentido a presença da bruxa e chamado o irmão à razão. Throst estava certo! Essa monstruosidade não passara de um delírio, ao qual eu não iria devotar nem mais um pensamento!

Aninhei-me no peito do meu marido e procurei o conforto da sua mão. Com sono, Throst entrelaçou os nossos dedos e murmurou uma declaração de amor. Foi o suficiente para dissipar as nuvens negras que, por um instante, haviam encoberto a minha felicidade. Fechei os olhos e adormeci, sentindo-me novamente em paz.

Enquanto me ajudava a arrumar o necessário para a viagem, Ingrior desabafou:

— Eu não quero parecer egoísta por desejar a tua companhia, mas, sinceramente, não concordo que acompanhes os homens, Catelyn. É uma grande imprudência! A paz caminha ao lado da guerra, e nunca se sabe quando ocorrerá um novo ataque.

— Crês que existe algum risco? — repliquei surpreendida. — O Throst propôs um acordo muito digno ao Arnorr. O vosso primo será

louco se recusar!

— O Arnorr sempre foi matreiro. A sua discrição e subserviência nunca me convenceram! Ele é tão ambicioso e ruim como o Gunnulf. Agora que assumiu a liderança, não hesitará em vender a alma para se vingar. Jamais se vergará à vontade do Throst. O Arnorr odeia o meu irmão!

Forcei-me a reprimir o medo e a manter a firmeza:

— O vosso avô viajará conosco. Se não houver segurança junto de “O Que Tudo Vê”, então não haverá em nenhum lugar do mundo!

Perante os meus argumentos, ela estreitou-me nos braços, murmurando carinhosamente:

— Nada te fará demover, não é verdade? — Esbocei um sorriso, beijando-a na face.

— O meu lugar é ao lado do Throst, para o bem e para o mal. O meu coração não me perdoaria se o deixasse partir sem mim!

Ingrior segurou o meu rosto e prendeu-me o olhar.

— O vosso amor enche-me de alegria, querida irmã! Sei que o tempo que tiverdes de viver separados não será fácil, mas recorda-te que, após essa provação, a felicidade estará à vossa espera. Não duvides da tua força. Tu vais vencer!

Dir-se-ia que as suas palavras ocultavam um conhecimento real.

— O Hakon contou-te o que irá acontecer?

— Sabes que o futuro é uma névoa em perpétuo movimento. Tenho a certeza de que o meu avô te falará durante a viagem. Confia em ti, Catelyn, e tudo correrá bem!

A nossa proximidade denunciava que havia algo mais que ela relutava em dizer-me; algo íntimo, que a incomodava. Confrontada com esse pressentimento, Ingrior forçou um sorriso nervoso.

— Não é nada, Catelyn... Pelo menos, nada de importante! Pode esperar pelo teu regresso...

— Eu ainda não me fui embora — insisti. — Diz-me o que te atormenta!

Pensei que ela continuaria a resistir, mas, depois de uma breve hesitação, confessou:

— Todas as noites, eu sou perseguida pelo mesmo sonho. Eu sonho... com um homem...

Sofri um sobressalto, adivinhando o que se passava mesmo antes de ouvi-la:

— Ele tem o teu rosto! Os mesmos cabelos negros, compridos e encaracolados, os olhos verdes e brilhantes... E ao pescoço, usa um fio igual a esse, mas com uma pedra branca. Durante muito tempo, acreditei que me deixara fascinar pelas histórias do teu irmão Berchan e que lhe dava vida no meu sono. Porém, na noite do teu casamento, aconteceu algo inexplicável. Eu podia senti-lo na minha pele, Catelyn! O seu calor, o seu cheiro...

— O Berchan esteve presente na cerimônia — interrompi, apiedando-me do seu tormento. — Veio visitar-me em espírito... e eu tenho a certeza de que ele utilizou a tua energia para permanecer algum tempo. Sinto muito se te perturbou... — Detive-me bruscamente, ao aperceber-me, pela força do rubor da minha cunhada, da verdadeira natureza da sua perturbação. Pasmei quando se ergueu e me voltou as costas, replicando:

— Eu não quero falar mais acerca disso, Catelyn! Desculpa, mas não posso... Ainda não! Estou muito confusa! Preciso de pensar...

Nesse instante, Krum irrompeu pela casa e agarrou a minha sacola, apelando:

— Vamos, prima! Temos uma longa viagem à nossa frente. Enquanto me despedia de Ingrior, murmurei ao seu ouvido:

— Nem penses que te deixarei escapar! Conversaremos em breve!

Trocamos um sorriso significativo, e eu suspirei, preparando-me para enfrentar esta nova aventura. O Líder Supremo aguardava-me, com um brilho especial no olhar. Usava a túnica onde eu bordara o desenho da sua tatuagem e, sobre os ombros largos, a pele do majestoso Lobo Cinzento ordenava: *“Apressa-te, filha da Grande Ilha! Já perdemos demasiado tempo!”*

Até empreender esta viagem, eu não tivera consciência da verdadeira dimensão desta terra selvagem, do seu poder e beleza cruel. Montanhas cobertas de neve, que se sobrepunham até aonde os olhos podiam alcançar; penhascos de gelo, que entravam profundamente dentro do mar; florestas densas e impenetráveis, de árvores sólidas e centenárias; animais estranhos, como eu nunca vira, uns tão perigosos que os homens eram forçados a manter-se

afastados e outros tão dóceis que era possível descer do cavalo e tocar-lhes, tudo isto alimentava a minha curiosidade insaciável e despertava o meu encanto.

Os meus companheiros de jornada eram guerreiros duros, que já haviam travado inúmeras batalhas e enfrentado incontáveis tempestades, em terra e no mar. De início, apercebi-me de que mantinham um certo distanciamento e até alguma hostilidade, no que se referia à minha pessoa, apesar de nenhum contestar a vontade de Throst. Contudo, com o passar dos dias, habituaram-se à minha presença e, depois de verificarem que não teriam de fazer paragens constantes por minha causa, praticamente esqueceram-me.

Krum mantinha-se ao meu lado, e foi através da sua voz que eu consolidei o amor e o respeito pelo país dos Vikings. Apesar de Throst não se afastar, os outros chefes solicitavam com freqüência a sua atenção e, por isso, pouco ou nada conversávamos enquanto viajávamos. Todavia, eu não me importava. A sua presença, à distância de um olhar, chegava para me manter feliz. De noite, os guerreiros partilhavam tendas e aqueciam-se no calor das fogueiras. Eu acompanhava-os às refeições e ouvia as conversas, os planos e as opiniões respeitantes ao futuro. Era fácil compreender por que estes homens rudes, de personalidade forte, haviam escolhido Throst para liderá-los. Não raramente, a conversa incendiava-se e o controle perdia-se, mas o Líder Supremo estabelecia um equilíbrio, impedia os confrontos e apontava soluções para as divergências.

Steinarr cavalgava quase sempre ao lado de Throst. Krum explicou-me que muitos do seus companheiros haviam temido que o grande viking refutasse a decisão da maioria quanto à escolha do líder, visto ser ele o mais poderoso dos chefes de clã. Contudo, partira do próprio guerreiro-urso a iniciativa de jurar lealdade ao amigo. E eu pressentia que a cumplicidade que os unia não era fingida.

A pequena coruja branca viajou conosco, dentro da sacola do seu protetor, o Guardião da Lágrima do Sol. Tal como eu suspeitara, o inteligente pássaro fora os olhos e os ouvidos do feiticeiro, atentos às vidas dos que dependiam do seu cuidado. Agora, o seu excelente esforço era recompensado com um merecido descanso, e

a sua única preocupação era vigiar os movimentos de *Vento,* para saber quando era seguro levantar vôo.

O entusiasmo que eu acalentara pela presença de Hakon foi esmorecendo com o passar dos dias, conseqüência do seu silêncio indiferente. Pelo menos, a animosidade que Throst sempre manifestara pelo avô parecia apaziguada. Certo dia, atrevime a questioná-lo, e ele respondeu-me que Hakon era apenas mais um entre os seus companheiros, com uma missão a desempenhar na jornada. Contudo, a sua voz insegura denunciou que muitos sentimentos ainda combatiam no seu peito. Mesmo que esta ferida sarasse, as cicatrizes jamais desapareceriam.

Encarei a primeira visão de uma aldeia com apreensão. As pessoas fitavam-me com curiosidade, mas também com muita desconfiança. Ser apresentada como a esposa do Líder Supremo não melhorou a situação. Os meus traços não deixavam dúvidas quanto à origem estrangeira. Esforcei-me para manter a firmeza, mas os sussurros nas minhas costas revelavam-me que a escolha de Throst não era bem acolhida. Todavia, a providência não tardou a cuidar para que tudo se alterasse. Assim que as minhas habilidades de curandeira foram solicitadas, o gelo derreteu-se. Os aldeões cercaram-me maravilhados, murmurando que a mulher pequenina do Líder-Lobo tinha mãos mágicas. Nas aldeias que se seguiram não tive descanso. Quando não acompanhava as curandeiras locais na cura das maleitas, estava a trocar experiências, a ensinar e a aprender com aquelas mulheres de modos rudes, mas de grande coração.

A Aldeia dos Carvalhos, morada de Steinarr, era muito maior e mais bem organizada do que a Aldeia de Grim. Beneficiava da proximidade de portos vizinhos e prosperava com o comércio dos mais variados produtos. O chefe viking desfrutava da devoção do seu povo, não só na sua aldeia, mas em todas as aldeias da Terra dos Carvalhos. Perante a vastidão do seu poderio, percebi a rivalidade que o afastara de Gunnulf. Steinarr fora uma ameaça intolerável às ambições do senhor da Terra Antiga.

Tal como Ingrior já me contara, a família do guerreiro-urso era interminável: irmãos, irmãs, tios e tias, primos e primas, espalhados pelos quatro cantos da sua propriedade. Forcei-me a escutar aquele

homem perturbador, quando me explicou amavelmente que a sua esposa fora vítima de uma doença súbita e fulminante, ainda o filho mal aprendera a andar. O carinho na sua voz justificava por que não tornara a casar-se. O herdeiro de Steinarr era um rapagão alto e forte, chamado Ivarr. Tinha cabelos escuros e olhos de um verde-cristalino. Com apenas cinco anos, parecia uma miniatura do pai e ninguém o segurava. Era talentoso no manejo da espada e vencia com facilidade alguns rapazes mais velhos. Com os animais, era um portento. Todos lhe obedeciam, encantados pela voz dominadora. O garoto deliciou-me, e desejei, um dia, poder dar a Throst um filho igualmente habilidoso e aguerrido, para ver nos seus olhos o orgulho que brilhava no olhar de Steinarr.

Outro familiar do guerreiro-urso que me impressionou foi a sua irmã Geimy, dona de uma beleza estonteante; a mais bela mulher da aldeia, de acordo com a opinião geral. A sua fisionomia era muito parecida com a de Steinarr, e o seu corpo, um digno representante da raça nórdica, alto e escultural, com volumosos seios, cintura marcada e ancas largas. Somando a estes atributos o fato de ser culta, dominar as Runas e alguma arte curativa, além de ser irmã do chefe viking, seria de esperar que fosse cobiçada por incontáveis pretendentes. E na realidade era! Só que, aos vinte anos, ainda não se casara e não tencionava fazê-lo. Geimy era uma guerreira! Desde pequena que pegava em armas ao lado dos homens e enfrentava qualquer inimigo com uma perícia devastadora. As suas proezas na guerra contra os Vândalos encontravam-se imortalizadas em poemas cantados pelos *Skald,* que me fascinavam.

Geimy também demonstrou grande interesse por mim e divertiu-me saber a razão. Contou-me que, quando era criança, uma vidente previra que o seu destino a levaria até um país de clima mais ameno, para os braços de um belo guerreiro, admirado e temido. O fato de eu ser estrangeira era, para ela, motivo de atração. Quis que eu lhe falasse da minha terra e ficou maravilhada com o que ouviu. Quando nos despedimos, declarou-me o seu afeto e prometeu que nunca me esqueceria. A sua gentileza foi sinceramente correspondida.

As minhas regras não apareceram no dia esperado, nem nos seguintes. As dores habituais chegaram e partiram, sem que existisse um vestígio do sangue que me libertaria da sombra da violação de Gunnulf. Perguntei-me muitas vezes, enquanto Throst descansava nos meus braços, se ele já se interrogara acerca do assunto. Não tinha a certeza se os homens estavam ao corrente destes assuntos íntimos das mulheres, mas ele deveria, pelo menos, questionar-se sobre a minha permanente disponibilidade para o amor.

De aldeia em aldeia, segurei muitas vezes nas mãos a solução para o meu mal. Porém, não me esquecia de que a vingança de Sigarr seria implacável e esmagadora. Nenhum alvo do meu afeto estaria a salvo, e o próprio destino do mundo ficaria comprometido. A ambição de enfrentar o Guardião da Lágrima da Lua era loucura. Logo, só me restava vergar a esta triste sina.

Os primeiros sinais de enjôo surgiram sem o menor aviso. Estávamos em campo aberto, e os guerreiros haviam feito uma pausa para descansar os cavalos e comerem o veado caçado nessa noite. Não muito longe, Throst conversava com Krum e outros dois chefes. Para não enjoar diante dos homens, afastei-me o mais rapidamente que pude e procurei abrigo por trás de uma árvore solitária. Aí, permiti que as contrações desesperadas do meu estômago libertassem o pouco que conseguira engolir. Enquanto me esforçava para recuperar o fôlego e a compostura, uma voz possante trespassou-me os ouvidos:

— Comeu algo que a indispôs, senhora?

Pisquei os olhos para afastar as lágrimas causadas pela aflição e encarei Steinarr, profundamente alarmada. Ele estendia-me um lenço de linho impecavelmente limpo, para que eu o usasse. Aceitei e agradeci, mantendo uma distância segura. Ao fim de tanto tempo, o guerreiro-urso ainda me intimidava. Como não respondi, ele achou-se no direito de continuar:

— O Throst foi muito imprudente ao permitir-lhe que nos acompanhasse! Esta não é uma viagem para uma dama tão jovem e delicada. Se adoecer, será imperdoável!

Ergui a cabeça dignamente e forcei-me a enfrentá-lo:

— Se eu adoecer, tomarei precauções para que não seja incomodado, senhor!

Os lábios de Steinarr abriram-se num grande sorriso, por debaixo da barba escura.

— Não percebeu a minha intenção, senhora! Sei perfeitamente de que fibra é feita. As suas façanhas e habilidades não me são estranhas. Há muito que ouço falar da menina da Grande Ilha que teve a coragem de enfrentar o Gunnulf e deu a volta à cabeça do Throst, conseguindo restituir-lhe a vida, quando os braços da morte já o haviam usurpado. Todos aqueles que convivem consigo a estimam... E mesmo os que a invejam pela sua perfeição, têm de admitir admiração por si. O que eu pretendia dizer era que devia estar recolhida dentro de uma casa quente, desfrutando do conforto que merece, e não a enfrentar a dureza de uma campanha.

Eu mal podia respirar. Steinarr escolhera cuidadosamente as palavras, mas eu entendia bem a extensão da sua admiração e a intensidade do olhar verde. E não estava a gostar!

— O meu lugar é ao lado do meu marido — ripostei com uma firmeza gélida. — Nenhum conforto deste mundo se compara ao consolo da sua companhia!

O sorriso de Steinarr manteve-se. A minha aspereza não parecia incomodá-lo.

— Nesse caso, senhora, apenas devo felicitar o Throst pela sua sorte...

— Catelyn...

A voz amada cobriu-me de alívio. Os braços do meu marido envolveram-me protetora e possessivamente. Abracei-o de imediato, tentando disfarçar o nervosismo.

— O que aconteceu querida? — O olhar azul escureceu ao fixar o amigo. — Steinarr estavas a importunar a minha mulher?

— De maneira nenhuma! — retorquiu o gigante viking, absolutamente controlado. — A tua esposa sentiu-se indisposta, e eu só tentei ajudá-la porque estava próximo e ouvi a sua agonia. Dizia-lhe que foi uma imprudência fazer esta viagem, tão longa e dura.

O coração do meu amor ribombou de encontro ao meu ouvido, e o seu corpo estremeceu, enquanto a raiva se diluía no sangue.

Throst estava com ciúmes de Steinarr! Vê-lo descontrolar-se por minha causa, apesar de imprudente, não deixava de ser agradável.

— Hoje montarás comigo, Catelyn! — frisou. — Quero ter a certeza de que estás bem!

Déramos dois passos, quando o guerreiro-urso exclamou, num tom solene e sóbrio:

— Escolheste com sabedoria, Throst! A Catelyn é uma grande mulher!

Eu devia reconhecer que Steinarr era um homem de vontade firme e muita franqueza! O meu marido mirou-o por cima do ombro e limitou-se a responder:

— Eu sei!

Nesse dia, montei diante de Throst e mantive-me bem próximo, absorvendo cada batida do seu coração. A aldeia aguardava-nos ansiosamente, e fomos recebidos com entusiasmo. Com o passar do tempo, o meu enjôo desapareceu e consegui provar algumas das iguarias do banquete de recepção ao Líder Supremo, antes de me recolher na casa preparada especialmente para nós. Dispensei as escravas e procurei o conforto das mantas quentes. Lá fora, a festa atingira o auge, e a música misturava-se com a euforia do povo. Era correto que Throst ficasse até ao fim da celebração, mas eu pressentia que, desta vez, ele não o faria. E não me enganei!

Depois de se assegurar de que eu me encontrava bem, o meu marido deslizou para debaixo das cobertas. O seu ardor apaixonado igualava o desespero. Ele não se esquecera da investida de Steinarr e queria definir o seu território; demonstrar que eu lhe pertencia e destruir os seus próprios receios e inseguranças. Não parei de segredar-lhe o quanto o amava e desejava e, assim que descansamos, Throst apertou-me junto do peito, confessando emocionado:

— A idéia de te perder deixa-me louco! Preciso de ti, Pequena!

— Por que estás com ciúme, Throst? — perguntei sem rodeios. — Não confias em mim?

Ele suspirou e aconchegou-me contra a sua pele nua e suada pela força da nossa paixão.

— É claro que confio em ti! Mas não consigo controlar-me! Angustia-me, para além da razão, pensar que a Primavera se

aproxima e que tu irás partir...

— Tu prometeste! — Ergui-me sobre um braço, assustada pela sua hesitação. — Sabes que eu tenho de regressar à Grande Ilha!

Throst acariciou-me o rosto devagar, com a tristeza vincada no semblante.

— Sei... E cumprirei a minha palavra, Catelyn, se é esse o teu desejo... mesmo que isso signifique arrancar o meu coração do peito!

Mergulhei no seu pescoço e afundei-me no desespero. Como iria o nosso amor sobreviver a esta separação? Conseguiria eu convencer os meus irmãos de que a minha vida pertencia a um bárbaro nórdico? Poderia Edwin aceitar que o Viking que o enfrentara no último Verão era o único homem que eu desejava? Longe da obscuridade destes pensamentos, Throst continuou:

— Porém, quando o teu destino estiver cumprido, eu irei buscar-te onde quer que estejas e regressarás à nossa casa e aos meus braços. Se isso demorar anos, saberei suportá-los com valentia. Eu nasci para te amar, Catelyn! E mesmo que a morte reclame o meu corpo, em tempos que estão para vir, o meu espírito permanecerá ligado ao teu, pois, diante do Sol e da Lua, nós dois somos apenas um.

Os enjôos persistiram e agravaram-se, dissipando qualquer dúvida sobre a minha gravidez. Para evitar o vômito, eu recusava a comida e enfraquecia, dia após dia. Sentia-me exausta e cavalgava com grande esforço. Apesar de tudo, os meus lábios nunca se abriram para protestar. Foi um alívio ouvir Throst anunciar o regresso a casa.

É óbvio que eu poderia ter usado a magia ou apenas o poder da pedra azul para amenizar a indisposição. Porém, não o fiz. A minha mente atormentada decidira-se a castigar o corpo pela vida que crescia no meu ventre. Mesmo que esquecesse que estava grávida de um monstro e pensasse que a criança era inocente dos pecados dos pais, não podia ignorar que albergava em mim aquele que, pela mão do mestre da Arte Obscura, seria o maior inimigo da humanidade.

Deitar-me com o meu marido era cada vez mais difícil. E ele sentia o meu distanciamento e sofria em silêncio. Por fim, desistiu de procurar o prazer e contentou-se em dormir aninhado no meu peito. A sua rendição deixou-me ainda mais triste. Throst temia magoar-me e não percebia que o que me restava era a partilha desses momentos mágicos, em que a dor se desvanecia e tudo o que importava era o nosso amor.

Estávamos a dois dias de casa quando a minha vida sofreu outra reviravolta. Throst seguia na frente do grupo, com os principais chefes de clã, e eu ficara para trás, repetindo que agüentaria até ao fim. Porém, cada passo do cavalo era um tormento desmesurado. A minha garganta estava seca, e a cabeça, cheia de lágrimas, mas eu recusava-me a chorar. Ninguém poderia afirmar que o Líder Supremo escolhera uma mulher fraca!

A minha teimosia acabou por me perder. Uma dor extrema rasgou-me as entranhas, com a ferocidade de uma espada de fogo. Eu comecei a escorregar do cavalo, sem reunir alento para pedir ajuda. A minha mente vociferava, mas o corpo já não lhe obedecia. Agora que o desespero me forçava a apelar à magia, esta desamparava-me. No último instante, quando tudo parecia perdido, uma mão de ferro rodeou a minha cintura e descarregou-me energia no corpo. Caí nos braços de um homem que, apesar de aparentar ter a idade do mundo, possuía a solidez de um rochedo. Os seus olhos sem vida desceram sobre o meu rosto, enquanto Hakon detinha os companheiros com um apelo imperativo:

— Parem imediatamente e montem um abrigo. A senhora está indisposta.

Foi tudo o que ouvi, antes de a escuridão me devorar a consciência.

— Avó...

Ao meu apelo débil, respondeu uma voz que, apesar de não ser falada, era clara e terna:

“A Aranwen não pode ajudar-te, criança!”

Pisquei os olhos, tentando afugentar a névoa, enquanto estendia uma mão na esperança de encontrar o meu amado.

— Throst...

“O Throst está com os homens. Ele não queria deixar-te, mas era essencial que nós ficássemos sós!”

Finalmente, distingui a figura de Hakon. Estremeci receosa, ao constatar que estava nua, e puxei a manta até ao queixo. Não tive tempo de raciocinar, pois o feiticeiro já afirmava:

“A salvação dessa criança foi uma tarefa árdua! A *queda do cavalo teria sido fatal... Não desejas a tua filha, Catelyn?”*

Perdi o fôlego, trespassada pela confusão. Teria escutado mal? Uma filha? Mas, se Sigarr engendrara esta perversão, certamente assegurara-se de que Gunnulf conceberia um rapaz...

“A tristeza e a raiva cegaram-te, Catelyn? A *verdade está tão longe do teu espírito que não consigas alcançá-la? Não prestaste atenção às palavras da tua avó?”*

Os dedos do feiticeiro roçaram-me na testa, numa carícia quase imperceptível. Eu senti os raios do Sol a rasgarem o véu do denso nevoeiro que me cobria a percepção e, de imediato, as palavras de Aranwen começaram a fazer sentido. O meu coração acelerou até quase me saltar pela boca. Apertei a carne do meu ventre, cega pelas lágrimas, enquanto o improvável... o impensável, o impossível, me caía dos lábios num sopro de louca esperança:

— O chá que eu tomei... Evitou que eu concebesse do Gunnulf?

“O seu efeito terminou nessa mesma noite. No dia seguinte eras uma mulher fértil.”

— Então... — Eu temia proferir as palavras que exprimiam a minha grande ansiedade. — Na noite do meu casamento...

“Tu e o Throst geraram uma filha; a criança que tanto te esforças para odiar!”

Eu ouvia. Eu desejava... Mas não conseguia acreditar! A razão continuava a rebelar-se:

— Isso é impossível! Eu própria já preparei esse chá... Os ingredientes são diferentes!

“Conheces todos os segredos da magia, Catelyn?”

A sua questão deixou-me a tremer. Hakon não mentia! Agora que as brumas se haviam dissipado, eu enxergava com clareza todos os pormenores daquele dia tortuoso. Sigarr preparara o seu plano com cuidado, mas não contara com a intervenção dos meus protetores. Aranwen impedira que eu concebesse e Hakon evitara a morte do

neto. Vendo que o assassínio de Throst falhara e que Gunnulf morrera, Sigarr apressara-se a desaparecer. Porém, permanecia convicto de que a semente do mal crescia no meu ventre. Isso manter-nos-ia seguras, a mim e à minha bebê, até que ela nascesse. Quando viesse reclamar o filho de Gunnulf, Sigarr encontraria a filha de Throst que, imaginava eu, não teria nenhuma serventia para os seus nefastos propósitos.

Sem pensar no que fazia, abracei o Guardião da Lágrima do Sol e desatei a chorar. O seu desconforto inicial passou-me despercebido. Quando recuperei a compostura, já Hakon me acariciava os cabelos com o carinho de um pai. Arfei, esforçando-me por ganhar fôlego. Esta felicidade não era só minha, e eu mal podia esperar para partilhá-la.

— Tenho de dizer ao Throst...

— Não, Catelyn! — Era a primeira vez que o feiticeiro falava, e a sua voz rebentou na minha cabeça, qual onda gigante a esmagar-se na areia fina da praia. — Não podes!

Fiquei presa aos seus olhos sem vida, ouvindo a sentença da minha condenação:

"O Throst deve continuar a pensar que essa criança é do Gunnulf, para tua proteção, pela segurança da vossa filha e pela preservação da sua própria vida!"

Isto não era justo! Eu estava grávida do meu marido! Eu esperava uma filha do amor e não do ódio! Jamais conseguiria enganar Throst; olhar nos seus olhos, sabendo o mal que lhe causava!

"Terás de encontrar essa força dentro de ti! Se lhe contares a verdade, arriscarás tudo aquilo por que lutaste. O Throst dificilmente te deixará partir, se souber que carregas a sua primogênita no ventre. E, se tu não regressares à Grande Ilha, condenarás o teu povo à morte. Por outro lado, se o convenceres de que não tens opção, ele abrirá mão do seu próprio destino e deixará o seu povo desamparado para te seguir. Mas tu sabes o que espera o guerreiro-lobo na Grande ilha! Poderás salvá-lo uma segunda vez? Infelizmente não, Catelyn! Além disso, esqueces-te de que és uma feiticeira? O Conselho Superior apenas tolerou a vossa união porque, de momento, nada pode fazer para contrariá-la. Se se insurgissem contra ti, quem combateria Gwendalin? Porém, no

momento em que a missão para que te criaram estiver concluída, eles virão...”

Quedei-me, muda de horror. Por um instante, estivera num pátio ensolarado, desfrutando da brisa perfumada da felicidade. Todavia, enquanto o Guardião da Lágrima do Sol falava, as portas iam-se fechando na minha cara, até me deixar na mais completa escuridão. Agora, no vazio negro e gélido do desespero, só a minha mente reunia alento para se insurgir:

“Por que me ajudou? Por que me deixou sonhar, se sabia que não havia esperança?”

“Eu não disse que não havia esperança! Os destinos são tão incontáveis como os pensamentos e dependem das ações daqueles que influenciam as nossas vidas. Porém, apenas as vontades mais fortes prevalecem. Deverás combater as forças negativas; mas no momento certo e nunca antes, ou arriscar-te-ás a perder tudo. Por enquanto, os olhos do Bem e do Mal estão postos em ti. Espera que se distraiam. Tu encontraste a resposta uma vez... Eu acredito que voltarás a fazê-lo!”

“O senhor já viu o futuro...”

“Eu vejo muitos futuros! Estar um passo adiante do inimigo é uma vantagem e não uma garantia de sucesso. Não me julgues onipotente, criança! Sem a ajuda dos que defendem a causa do bem, há muito que eu teria perecido. Inimigos poderosos movem-se nas sombras. Contrariá-los tornou-se a minha missão de vida, depois que perdi tudo. E não baixarei as mãos enquanto tiver força para lutar... Nem permitirei que tu o faças!”

Deixei-me tombar na manta e escondi o rosto, incapaz de segurar a revolta:

“Eu estou a lutar desde o dia em que nasci! Sempre que obtenho uma vitória, o mundo torna a ruir em cima da minha cabeça. Começo a perguntar-me o porquê de tanto sofrimento. Por que tenho de obedecer a uma sina tão cruel, se tudo o que amo e desejo me é arrancado das mãos, mal tenho oportunidade de tocar-lhe? O senhor fala-me em força... Eu já não tenho força!”

“Tens sim, filha da Grande Ilha! Olha para mim!”

A firmeza de Hakon arrancou-me da consumição. Sentime flutuar numa quietude amena, no instante em que as suas mãos

envolveram as minhas.

“Já possuis maturidade suficiente para entenderes o que eu te vou revelar, Catelyn. Nunca te questionaste como seria a tua vida, se o Conselho Superior não tivesse decidido transformar uma humana numa feiticeira?”

Eu habituara-me a aceitar que perdera o controle da minha vida no dia em que Fiona nascera. E o tempo ensinara-me a não tomar nada como garantido e a esperar sempre o pior. As minhas certezas já haviam sofrido mais trambolhões e cambalhotas do que um grão de areia na rebentação do mar. Porém, os últimos desenvolvimentos tinham-me convencido de que o quebra-cabeças estava resolvido, todas as personagens identificadas, as intenções declaradas, os caminhos revelados... Eu não podia estar mais enganada! A principal chave do enigma, aquela que verdadeiramente comandava a nossa sorte, nunca estivera muito longe, mas escapara-se por entre os meus dedos como o ar gelado da noite.

Elina avisara a filha acerca da terrível criatura e do seu imenso poder. Eu vira-a pela primeira vez na noite em que combatera os Vândalos para salvar Bjorn e os companheiros; e fora o seu rosto que se refletira na Lua, durante a agonizante viagem de Throst, após ter enfrentado Edwin. Ingrior chamava-lhe “A Senhora da Lua”, mas o seu verdadeiro nome era Aesa, Sacerdotisa da Arte Obscura, irmã mais velha de Sigarr, prometida de Hakon desde o nascimento... e sua inimiga mortal.

Foi o Guardião da Lágrima do Sol que lançou luz sobre a escuridão que me atormentava, desde o primeiro instante em que o meu destino fora revelado:

— O Sigarr contou-te a verdade acerca do teu passado, mas de forma a não comprometer os seus próprios interesses. Tudo começou quando nós éramos jovens e apaixonados pela vida; quando ele era muito diferente do feiticeiro que hoje conheces. A paixão pela Arte Obscura já morava no seu peito, mas encontrava-se sufocada pelo amor que devotava à tua avó. Porém, apesar de simpatizar com Sigarr, Aranwen não queria saber de namoricos. Estava empenhada em provar que a convivência entre Feiticeiros e Humanos era necessária e vantajosa para ambas as raças, e em

fomentar a paz entre as tribos de homens. Eu era o seu mentor nessa nobre missão e o meu primo ressentia-se da nossa proximidade... E não era o único!

“A minha prima Aesa era uma jovem muito bela e inteligente, mas sem qualquer apego pelos assuntos dos Homens. O fato de o meu trabalho estar a adiar a nossa união enfurecia-a e a amizade pura e sincera que me unia a Aranwen provocava-lhe um ciúme irracional, alimentado pela língua venenosa da sua melhor amiga, a tua tia Gwendalin.

“A maldade de Gwendalin viu na ingenuidade de Aesa uma presa fácil para as suas intrigas. Não tardou a convencê-la de que o único objetivo de Aranwen era seduzir-me para se apoderar do meu poder, enquanto, ao mesmo tempo, a instigava contra a vontade do pai. Por que o Guardião da Lágrima da Lua elegera Sigarr para herdeiro, sendo ela a primogênita? Se era tão poderosa e capaz como o irmão, por que fora preterida só porque nascera mulher? Herdando a Lágrima da Lua, depois de me desposar, Aesa poderia reunir os dois cristais e teria o Conhecimento Divino ao alcance das suas mãos. O rumo dos acontecimentos era, para Gwendalin, prova suficiente de que a amiga estava a ser vítima de uma vil conspiração.

“Longe de imaginar as transformações que o espírito da minha noiva sofria, eu entregava-lhe o cristal do Sol para que treinasse a Arte e, com igual inocência, Sigarr colocava nas suas mãos o cristal da Lua.

“Quando se encontrava com o irmão, Aesa não perdia uma oportunidade de lhe acicatar o ciúme. Porém, a sua insistência teve um resultado inesperado. A pressão de Sigarr enfureceu Aranwen e arrefeceu o afeto que partilhavam. Não muito depois, a tua avó conhecia o teu avô, voltava as costas ao cargo de Sacerdotisa Superior e escolhia uma existência humana.

“Eu ainda estava atordoado pelo arrebatamento da minha amiga, sempre tão sensata e racional, quando sofri outro abalo. Enlouquecido pela raiva, Sigarr assumiu-se como um servo da magia proibida e enfrentou a exclusão com um sorriso nos lábios.

“Estes reveses aproximaram-me de Aesa, e a nossa relação ganhou um novo fôlego. Contudo, o futuro que me estava destinado

não era o que todos esperavam. A Pedra do Tempo revelou-me que também eu abandonaria os meus sonhos e ambições por amor a uma humana. Com Aranwen, eu continuaria a perseguir a paz, e a nossa determinação floresceria quando uma frota viking aportasse na Grande Ilha e os dois povos compreendessem quão proveitosa seria uma aliança, consolidando-a com o casamento dos herdeiros dos clãs dominantes: o meu neto... e a neta de Aranwen.

"Ao despertar para a realidade, mergulhei numa negação profunda. Tinha obrigações para com o meu povo e a minha família, objetivos para superar como Sacerdote Superior do Conselho Feiticeiro, a responsabilidade de Guardião da Lágrima do Sol, a palavra que dera a Aesa... Não iria deitar tudo a perder!

"De imediato, procurei o Mestre Supremo do Conselho Superior para que encontrássemos uma solução que contornasse a sorte profetizada. A sua opinião foi imperativa. Eu devia desposar Aesa sem demora, instalar-me na Ilha Sagrada e esquecer a existência da raça humana. Agradeci pela orientação, decidido a segui-la ao pormenor, sem sonhar que Aesa escutava nas sombras e conhecia o meu dilema.

"O casamento foi marcado, mas havia compromissos assumidos, aos quais eu não podia faltar. Dias depois, representei o Mestre Supremo num encontro de líderes... E ela foi a primeira pessoa que eu vi, ao entrar no salão. Chamava-se Ingá e era tão bela como a Pedra do Tempo me revelara. Viera acompanhar o pai, um ancião sábio e nobre, portador de uma doença que exigia atenção constante. Mais do que a sua beleza, eu fui surpreendido pelo seu cuidado, pela bondade dos seus gestos... e pela inteligência revelada em cada palavra, quando intervinha a pedido do pai. Os seus argumentos deixavam-me sem resposta, e o seu olhar cortava-me a respiração. Talvez a magia da Montanha estivesse conosco, naquela manhã luminosa. A verdade é que descobri o significado da palavra paixão e a razão por que os Humanos matam e morrem por amor.

"Durante vários dias, eu só tive olhos e ouvidos para Ingá. No fim da Assembléia, ela veio ao meu encontro e declarou-me a sua profunda admiração... e como lamentava o fato de pertencermos a raças diferentes, pois sabia que os homens sagrados não podiam

unir-se às mulheres simples. A sua ousadia deixou-me arrasado. A força que nos atraía era inegável, mas a minha vontade prevaleceu. Regressei a casa, ignorando a dor que me rasgava o peito, e tornei a procurar o Mestre Supremo para lhe confessar a minha fraqueza. Ficou decidido que eu não voltaria a pisar a Terra.

"Na véspera do meu casamento, chegou à Ilha Sagrada a notícia de um ataque do povo vândalo à aldeia de Ingá. Quando dei por mim, galopava em direção ao povoado destruído, assombrado pela imagem de Ingá violentada, mutilada, morta... Mas ela sobrevivera, apesar de muito ferida. Mal a abracei, percebi que não suportaria abandoná-la uma segunda vez. Reneguei ao meu poder e a uma vida de privilégios e glória, sem o menor arrependimento, pois sabia que estava a cumprir o meu destino e a iniciar um novo e apaixonante desafio.

"Aesa recusou-se a escutar-me. Enterrada nos destroços dos seus sonhos, com o coração em cinzas e a alma em fogo, estrondeou o seu ódio e prometeu-me guerra até à morte. Decidida a destruir o futuro profetizado, voltou-se para Gwendalin e alimentou-lhe o rancor contra a irmã. Se Gwendalin matasse Cinaed e a sobrinha, a linha de descendência ficaria arruinada e a paz que eu tanto desejava jamais se concretizaria.

"Felizmente, a tua mãe encontrava-se entregue aos cuidados dos druidas quando a desgraça se deu. Após a condenação de Gwendalin, Aesa decidiu que teria de ser ela a cuidar da própria vingança. Diante dos demais, comportava-se como uma viúva consumida pelo desgosto. Mas, longe da percepção dos Feiticeiros, entregava-se à aprendizagem da magia negra, e aliava-a aos ensinamentos que obtivera dos cristais do Sol e da Lua. A sua força crescia a cada dia e, quando sentiu que estava preparada, não hesitou em atacar-me.

"Eu vivia com a Ingá numa casa modesta da Aldeia de Grim e ganhava o pão com o ofício de curandeiro. O nosso amor fora abençoado com uma filha, e os meus dias eram ensolarados de felicidade. Apesar de tudo, a vida era dura e não me permitia pensar no que deixara para trás. Não voltara à Montanha, nem a falar com os Feiticeiros, por isso desconhecia o destino trágico de Aranwen e

de Cinaed. E também não podia imaginar a ameaça que avançava contra o meu lar.

“O choque foi brutal quando, certa noite, ao regressar a casa, encontrei Ingá estendida no chão e Elina a chorar nos braços de Aesa. Prostrei-me aos seus pés e implorei que me matasse, mas que poupasse a bebê. Porém, Aesa não desejava a minha morte! Queria ver-me desgraçado, sofrendo até ao último suspiro. Partiu, deixando-me cego e condenado à solidão. A maldição que me lançara ditava a morte de qualquer ente de sangue humano que fixasse o meu olhar.

“Desejei acompanhar a minha amada no esquecimento, mas o choro de Elina forçou-me a reagir. Eu padeceria a dor de vê-la crescer longe de mim, odiando-me pela minha ausência, acreditando que o pai a abandonara, mas não a desampararia à mercê do inimigo. Ingá viveria na nossa filha e, depois dela, nos nossos netos, que lutariam pela paz e venceriam.

“Agarrado a essa convicção, vendei os olhos para que a morte não se espalhasse pela aldeia e levei Elina à Casa de Grim, suplicando ao senhor da terra que a educasse como se fosse sua filha. Depois, subi a Montanha Sagrada e enfrentei a Pedra do Tempo. Descobri que o conserto do futuro era a única forma de contrariar a maldição e que muitas das minhas habilidades ainda podiam ser recuperadas, com treino e dedicação. Não me restava tempo para lamentar a minha desventura.

“Consciente de que a sua devoção à Arte Obscura fora desmascarada e que tal a impedia de regressar para junto dos seus, Aesa aventurou-se até à Floresta Sombria, o coração do território vândalo, levando uma proposta para Mottull, o mais terrível inimigo do povo viking.

“Os dias passaram-se. As semanas seguiram-se. Os meses transformaram-se em anos...

“Sob a proteção e orientação de Aesa, a pequena comunidade de bárbaros tornou-se o horror das Terras do Norte. Os Vândalos conquistaram território e prosperaram. Aesa desfrutava finalmente da admiração que sempre almejara, e Bror, o filho que dera a Mottull, reinaria após a morte do pai. O convívio com os Humanos apaziguara o seu rancor pela raça, mas o ódio que me devotava não

esmoreceu. Quando Gwendalin lhe pediu ajuda para extinguir a descendência de Aranwen, ela condescendeu com agrado. Mas primeiro urgia livrar Gwendalin da morte precoce e restituir-lhe a juventude. No entanto, esse sortilégio estava para além dos conhecimentos de Aesa. Só existia um mestre da Arte Obscura capaz de lhe valer.

"Sigarr concordou em treinar Gwendalin, exigindo as pedras mágicas de Aranwen em troca. Os seus planos eram ambiciosos. O cristal da Lua revelara-lhe que o rei do povo viking seria um guerreiro-urso e falara-lhe da profecia do filho do dragão. Enquanto Aesa e Gwendalin se distraíam com a obsessão de vingança, Sigarr preparava a sua própria invencibilidade.

"Tal como eu, o Conselho dos Seres Superiores tentou impedir que os conspiradores espalhassem a desordem pelo mundo, mas as nossas forças combinadas não foram suficientes para deter o progresso do mal. Informada acerca do acontecimento impulsionador da paz, Aesa certificou-se de que o encontro dos Vikings da Terra Antiga e dos Aliados da Grande Ilha se transformaria num pesadelo de sangue que os dividiria irremediavelmente.

"A distorção da sorte foi um sucesso. A causa da paz afundou-se com vencidos e vencedores, o que era seguro passou a ser incerto e o equilíbrio das forças do Universo cedeu ao caos. Se algum dia o meu neto e a neta de Aranwen se encontrassem, seria para falarem de ódio e não de amor. Vitoriosa no seu objetivo, Aesa despertou para outra questão. A descoberta da existência das pedras mágicas criadas pela tua avó abria-lhe novas e excitantes expectativas. Por que não lutar pelo que lhe fora roubado no berço? Ela conhecia bem os segredos dos dois cristais e, com o poder das pedras, nem eu, nem Sigarr, teríamos força para enfrentá-la, e a sabedoria do dragão da Montanha seria só sua.

"Sem desconfiar das intenções da irmã, Sigarr fortaleceu a sua posição. O senhor da Terra Antiga não se atrevia a fazer-se ao mar ou a dar um passo em terra, sem o seu conselho e salvaguarda, o futuro rei viking era moldado nas suas mãos e o líder dos guerreiros-lobo, a última esperança do Homem, vergava-se à sua vontade. Na Grande Ilha, Gwendalin preparava-se para apagar os vestígios

daquela que se atrevera a desprezá-lo, e a interferência do Conselho Superior fora neutralizada. Sigarr confiava que a vitória estava tão próxima que não poderia escapar-lhe. Contudo, o nascimento da tua irmã revelou-lhe que se enganara. Já muito fora feito para contrariá-lo, e o destino retorcia-se entre duas forças.

“Aesa viu nesse instante a oportunidade de interferir. Percebendo a distração dos seus aliados e inimigos, lançou uma maldição contra os portadores das pedras mágicas e colocou todos os intervenientes a jogarem o seu jogo, sem o saberem. A traição de Gwendalin, motivada pela mesma cobiça que a movia, era mais do que previsível, mas não a preocupava. Deixá-la-ia afrontar Sigarr e provar a sua ira. Assim que as sete pedras estivessem reunidas, Aesa faria a sua aparição.

“Decidida a guardar o prêmio para si, Gwendalin atraiu Gunnulf à Enseada da Fortaleza, à revelia de Sigarr, prometendo-lhe a cabeça do teu pai. O seu plano era perfeito e tudo deveria ter acabado naquela manhã, com a morte de Garrick McGraw, de Oliver de Goldheart e da descendência de Aranwen. Porém, a Vontade Divina não se deixa manipular facilmente, e aqueles que o mal desejava que jamais se encontrassem ficaram frente a frente.

“Pouco mais posso dizer-te que tu já não saibas. Sigarr percebeu a ameaça que se aproximava e tentou suprimi-la. Porém, quando o enfrentaste e venceste, ele idealizou outro plano, muito mais ambicioso. Matar Throst para impedir a vossa união era imprescindível, e tanto Sigarr como Aesa o tentaram. Mas o teu coração guiou brilhantemente os teus passos! O vosso primeiro contato com a Pedra do Tempo libertou-me da maldição. Porém, eu ainda tinha muito que fazer antes de poder regressar ao mundo dos Homens.

“Eu conhecia as intenções de Sigarr e tive de esperar pelo momento certo para agir. Agora, o meu primo regressará das sombras para descobrir que perdeu, e, quanto a Aesa, não lhe resta opção senão permanecer quieta, aguardando que o sortilégio que lançou sobre ti e os teus irmãos dê frutos. Vence Gwendalin e também derrotarás Aesa. A resolução desta história está suspensa nas tuas mãos, Catelyn...”

Quando Hakon terminou, eu compreendi que o meu verdadeiro destino fora deturpado para que o mal pudesse ser combatido. A batalha onde Thorgrim perecera fora provocada por Aesa, para que jamais existisse união entre os povos. Se os Vikings tivessem aportado na Grande Ilha, eu teria sido prometida a Throst e viajado até à Terra Antiga para me tornar sua esposa. O meu presente era apenas um remendo do que deveria ter sido. Mas não valia a pena olhar para trás! Ainda existiam muitos pontos para dar na sorte e, quando eu terminasse, a minha vida não seria uma manta de retalhos, mas uma peça sólida, que nem a mais afiada das lâminas conseguiria rasgar. Todavia, por enquanto, a minha intuição avisava-me de que os sobressaltos estavam longe de finar e que vencer as forças do mal não seria uma tarefa simples.

— Existe algo mais... — murmurei sem fôlego, enquanto o meu espírito absorvia a percepção dos mistérios ocultos, apenas ao alcance de “O Que Tudo Vê”. — Algo que correu mal! Diga-me!

O feiticeiro suspirou e quedou-se num silêncio impenetrável. Só após uma longa pausa, permitiu que eu alcançasse o seu pensamento:

“A Gwendalin está muito forte. Tem usado os ensinamentos de Sigarr com sabedoria e o seu controle da magia negra aumenta a cada dia. O seu último movimento foi hábil e imprevisível. Na noite em que a ferida que dividia os povos foi sarada, um grande mal foi igualmente gerado. Mal, que só poderá ser combatido com o amor que vive dentro de ti.”

Um vento gélido trespassou-me, e fui assaltada pela Visão de um homem alto e poderoso, empunhando uma espada. Tinha um enorme dragão tatuado no peito e dezenas de Runas espalhadas pelo corpo. Do topo do seu crânio rapado crescia uma trança loura com reflexos de fogo. Só reconheci o guerreiro atemorizador pelos olhos que lhe agraciavam os traços severos do rosto. Eram os olhos de Edwin!

— Não...

“Lamento... Lamento por todos nós!”

Fui suplantada pelo horror e pela gravidade da revelação. A Visão que eu tanto me esforçara por ignorar não fora um delírio! O ato repulsivo que eu presenciara na noite do meu casamento tivera

conseqüências terríveis. Gwendalin estava grávida do meu irmão... do próprio sobrinho! Que abominação podia nascer da união de sangue de um homem tão poderoso com uma feiticeira maldita? A monstruosa criatura enganara Edwin, tal como enganava todos os homens, inclusive Oliver, a quem convencera de que não podia gerar filhos para evitar submeter-se à sua cama. Fizera-se passar por Melody no leito do meu irmão, enquanto a mente de Berchan permanecia na Terra Antiga, distraída com a minha felicidade. Eu só não percebia porquê! Por que não escolhera ela outro pai para o seu filho? Decerto existiam guerreiros tão valorosos como Edwin, que dariam tudo para desfrutar do seu corpo.

"O teu irmão é a imagem viva do vosso avô. E a paixão de Gwendalin é a única razão por que o Edwin ainda vive."

Pálida como um cadáver, revi a derradeira visita de Edwin à Casa Grande. Na altura, eu era demasiado jovem e inocente para compreender... Mas Hakon tinha razão! Gwendalin derretera-se diante do meu irmão. E o desprezo de Edwin avigorara ainda mais a fome da predadora. Ao preparar a desgraça dos seus inimigos, ela certificara-se de que o sobrinho estaria longe. Quando o meu irmão viesse chorar os seus mortos, nada a impediria de deitar as mãos à sua alma destroçada. Mas a bruxa subestimara o amor que unia os McGraw, e a presença de Edwin na Enseada da Fortaleza desequilibrara a sorte. Agora, Gwendalin assegurara-se de que os seus desejos não lhe escapariam por entre os dedos.

Esmagada pela ansiedade, eu perguntei o que já se tornara óbvio: *"Existe uma razão para a minha filha ter sido gerada ao mesmo tempo que o filho de Gwendalin, não é verdade?"*

"No instante da concepção, essa menina ficou ligada ao primo de uma forma que nenhum ser conseguirá explicar. Se tudo correr bem, nunca se encontrarão. Após a derrota de Gwendalin, eu entregarei o rapaz aos Seres Superiores, para que o eduquem longe dos humanos. Apesar de não ser um feiticeiro de sangue puro, a sua força será tão bestial como a sua habilidade, por isso ele não se sentirá deslocado na Ilha Sagrada. Devotará a vida ao estudo e será feliz."

— Esse rapaz não é só filho da Gwendalin! — argumentei indignada. — O Edwin não permitirá que o afastem do seu

primogênito...

— A Arte Obscura viverá no seu sangue, ansiosa por libertar-se — replicou “O Que Tudo Vê” mansamente. — Sem a orientação adequada, ele será tão perigoso como a mãe.

Eu sustive a respiração ante esta nova ameaça, forçando-me a avançar para além do medo.

— O senhor disseme o que irá acontecer se tudo correr bem... E se assim não for?

“Também a tua filha terá de receber uma orientação especial. Se o filho de Gwendalin não for controlado, só a prima poderá impedir o mal de tornar a espalhar-se pela Terra. O teu ventre carrega uma grande responsabilidade, Catelyn...”

A minha resposta foi instintiva e violenta; um rugido enraivecido:

— Eu não permitirei que brinquem com o destino da minha filha como brincaram com o meu! A minha menina será livre, nem que, para isso, eu tenha de escondê-la num convento cristão!

Não tive alento para negar o conforto das mãos de Hakon. O simples toque deixou-me em paz; a flutuar num espaço vazio e fresco, pincelado de estrelas brilhantes.

“Acredita que este não é o momento de te rebelares. O Bem e o Mal estão à distância de um pensamento. Prometo que não estarás sozinha, se o que tanto temes se concretizar.”

Fixei o olhar azul profundo de um jovem louro e robusto. Hakon abria-me a sua alma, e eu sentia a esperança crescer até me tirar o fôlego. Ele, que tudo perdera, não parara de lutar, não se entregara ao desespero, não fenecera na dor... Pois eu também não desistiria, nem da minha missão, nem da felicidade e do amor, enquanto o meu coração batesse!

— Irá ajudar-me? — perguntei ansiosa, inspirando uma brisa perfumada quando ele sorriu.

“Eu vi-te nascer, Catelyn! O meu afeto por ti não é menor do que o afeto que me une aos meus netos. Sempre segui os teus passos e continuarei a fazê-lo, mesmo que a distância nos separe.”

Parei de respirar quando ele introduziu a mão dentro da túnica e revelou uma bola de luz, cuja cintilação me cegou por um instante. Instintivamente, ergui a minha mão ao encontro do seu calor, e o brilho parou de magoar-me. A Lágrima do Sol tinha uma beleza

diferente da Lágrima da Lua. Tornava-se impossível decidir qual dos cristais era mais belo, pois eram tão diferentes quanto a magia que brotava do seu interior e tão iguais que se completavam.

"Sei que estás pronta e desejosa de aprender. Não temas, criança! A chama do conhecimento será tão generosa contigo como sempre foi comigo. Amanhã, voltaremos a conversar. Agora dorme, recupera a força e partilha-a com a vida que cresce no teu ventre."

Hakon tencionou afastar-se, mas eu detive-o, tocando timidamente no desenho que lhe rodeava o pulso. Não precisei de falar, pois ele adivinhou-me a intenção e disse gravemente:

"A marca do dragão é um compromisso de sangue para além da vida, e não um mero adorno ou sequer uma prova de amor. Não se pode negar esta responsabilidade quando se nasce com ela, mas tu não carregas o fardo desta obrigação, filha da Grande Ilha."

Eu respondi-lhe com a mente, mas poderia ser a voz do meu coração a replicar:

"Para mim, não será um fardo. Será uma graça, Guardião!"

Hakon assumiu uma expressão estranha, mista de satisfação e apreensão. O meucoração quase parou quando ele aquiesceu:

"No momento certo..."

Throst entrou no abrigo pouco depois de o avô sair. Deslizou silenciosamente para o meu lado, receando despertar-me. Mas eu ainda não adormecera. Aninhei-me, deitei a cabeça no seu peito e recebi um beijo emocionado.

— O Hakon garantiu-me que ficarás bem... Assustaste-me tanto, Pequena!

Quedei-me, suspensa no olhar do pai da minha filha, pensando que, se a nossa felicidade não estivesse assombrada por tantas ameaças, eu seria a mais abençoada das mulheres. Sabia que não devia adiar o que tinha de ser feito, mas a dor estrangulava-me. A simples omissão parecia-me um agravo imperdoável. Enchi o peito de ar e confessei:

— Eu estou grávida, Throst.

Reparei que ele apertava os maxilares e sustinha a respiração.

— Eu sei, meu amor — respondeu, estreitando-me com cuidado. — Já me tinha apercebido...

Comecei a chorar. Era-me impossível conter as emoções que se revolviam dentro de mim: alegria misturada com tristeza, euforia misturada com pesar. Throst embalou-me, murmurando docemente:

— Não estejas triste, querida! Verás que essa criança ainda nos trará muita felicidade! De manhã, eu anunciarei que estamos à espera de um filho e faremos uma grande festa...

Como eu ansiava por lhe declarar que esta criança era o seu contentamento e o meu, porque era o fruto do nosso amor! Respirei fundo e forcei-me a acalmar. Ceder ao desespero, quando ainda havia um raio de Sol que rasgava as nuvens, era um erro grosseiro. Eu tinha de ser paciente e astuta para mudar o destino de novo... e de novo; quantas vezes fossem necessárias, até derrotar os seres malditos!

Throst adormeceu, embalado pela melodia dos nossos corações. Eu fiquei acordada, de olhos escancarados à escuridão, deslizando os dedos pelas ondas indomáveis dos seus cabelos de ouro. Sem despertá-lo, repousei a sua mão sobre o meu ventre. Um calor doce entrou em mim e não contive um sorriso de terna satisfação. No futuro negro e incerto, quando o desespero me suplantasse, eu teria o amparo destas recordações para tornar a solidão suportável.

CAPÍTULO 16

Quando entramos na Aldeia do Povo, a oscilação de energia atingiu-me como uma bofetada. Havia algo de estranho no ar... Temi que Arnorr fosse o responsável pela agitação, pois possuía apoiadores suficientes para causar distúrbios e uma frota que faria frente a qualquer opositor. Porém, a razão era outra. Há dois dias, o mar feroz atirara um barco de encontro aos rochedos gelados. Alguns náufragos haviam alcançado terra firme e tinham sido encontrados, quase moribundos, pelos guerreiros que Throst incumbira de patrulhar a costa. Entre eles, encontrava-se um homem sobre o qual ninguém se atrevera a assumir uma posição sem consultar o Líder Supremo. O prisioneiro recusara-se a falar e fizera-os passar um mau bocado. Agora, estava enclausurado numa casa fortemente guardada, separado dos companheiros de infortúnio.

— Espera aqui, Catelyn! — ordenou Throst enquanto o conduziam para a dita casa.

Eu desmontei e aproveitei para desentorpecer os músculos cansados. Não voltara a sentir dores desde a noite em que conversara com Hakon. A partir daí, fora bastante cuidadosa e nenhum dos guerreiros se importara com o andamento lento, após conhecerem a razão. A gravidez da mulher do Líder Supremo fora motivo para uma celebração que, eu tinha a certeza, se repetiria na aldeia. Também me forçara a comer. Com a ajuda de Krum, encontrara as ervas necessárias à preparação do chá que amenizava os sintomas do enjôo e depressa recuperara as forças. A minha filha tinha de desenvolver-se e tornar-se um bebê forte e saudável... Grande como o pai!

Throst regressou pálido e perturbado. Franzi a testa quando ele começou:

— O homem está muito maltratado, Catelyn... Feriu-se gravemente nas rochas, e a febre dominou-o. Mesmo assim,

ofereceu tamanha resistência que os meus homens tiveram de amarrá-lo, para que não pusesse em perigo a sua própria vida ou a de um deles.

Devia tratar-se de alguém muito importante, senão os Vikings já lhe teriam encostado um punhal à garganta! Sofri um baque quando o meu marido continuou:

— Eu quero que venhas vê-lo... Quero que me digas se o reconheces.

Enquanto Throst falava, a imagem do prisioneiro chegou até mim como uma carícia de vento. Sem sequer pensar, desatei a correr e entrei desembestada na casa, já com o apelo a cair-me dos lábios:

— Stefan!

Ajoelhei-me junto da cama e envolvi o seu rosto inconsciente nas minhas mãos. Mesmo púrpura de febre, com os lábios inchados e rebentados e os cabelos num completo desalinho, era impossível não reconhecer o meu irmão tão amado, que tanta falta me fizera nas noites que eu passara acordada, fustigada pela angústia e pela saudade.

— Meu querido... — apelei, sem me aperceber de que continuava a falar a língua nórdica. — Stefan, por favor, desperta! Eu estou aqui!

O meu marido ordenou que desamarrassem o meu irmão e o transportassem com cuidado para a nossa casa. Calculei que os outros tivessem esboçado uma interrogação, porque Throst replicou irritado:

— Este homem é meu cunhado e será recebido na minha terra com as honras que merece!

Throst não exagerara quando dissera que Stefan estava maltratado. O corpo do meu irmão tinha as marcas dos cortes infligidos pelos rochedos, queimaduras provocadas pelo frio e um golpe profundo no sobrolho, talvez produto da pancada que o deixara inconsciente. Ingrior acalmara-lhe a febre, assim como a quatro dos seus companheiros, mas o quinto não sobrevivera. Segundo ela, Stefan lutara bravamente contra a doença, mas acabara por ceder nessa manhã.

Antes de sair ao encontro dos outros chefes, Throst fez-me prometer que não me cansaria demasiado. Ingrior e Krum

cumpririam as minhas instruções. Percebi-o apreensivo e, apesar da euforia do reencontro, eu também partilhava da sua angústia. A presença de Stefan significava que os laços que nos uniam iriam começar a rasgar-se, até sermos forçados a dizer adeus.

Nessa noite, obtive a primeira vitória. Stefan abriu os seus grandes olhos, brilhantes de febre, e encarou-me como se visse através de mim.

— Cat...?

— Sim, querido! Eu estou aqui! — Era estranho o esforço que fazia para falar a minha própria língua. — Vais ficar bom. Procura a força dentro de ti e luta!

E ele lutou, com a entrega e a coragem de um homem que já sofrera muito e estava preparado para enfrentar qualquer provação. Aceitava os chás quentes e os xaropes amargos que eu lhe enfiava pela garganta abaixo, sem protestar. Muitas vezes, as suas mãos cravavam-se com força na cama, forçando o corpo a obedecer à disciplina da mente e a não estrebuchar de dor. Stefan nunca seria um druida, mas usava os seus próprios recursos com perícia.

— O teu irmão possui uma vontade muito forte — murmurou Ingrior, enquanto refrescava a testa e o peito de Stefan. — Sobreviver a um naufrágio nestas águas é uma façanha! Não há dúvidas de que o vosso sangue é o mesmo.

Tocou na pedra amarela, com tanto cuidado e atenção, que eu adivinhei os seus pensamentos.

— Continuas a sonhar com o Berchan?

O rosto de Ingrior pegou fogo. Olhou em redor para se certificar de que estávamos sozinhas, antes de confirmar, hesitante:

— Depois do Trygve, eu acreditei que não voltaria a interessar-me por nenhum homem. Quando os sonhos começaram, sentime culpada... mas eles teimaram contra a minha vontade, até que, por fim, eu já os desejava como um conforto para a solidão. Nunca tive coragem de confessar-tes, porque, até ao dia do teu casamento, julguei que não passassem de fantasias, de invenções da minha mente baseadas nas tuas histórias. É tolice sonhar com um homem que não conheço... e que é impossível...

Ingrior estava atrapalhada, e o meu coração apertou-se quando vi os seus olhos úmidos. Ter-se-ia ela enamorado do meu irmão sem o

conhecer? Berchan fora muito imprudente ao usá-la para assistir à cerimônia! A ligação que se estabelecera entre ambos quebrara as regras físicas, e, se Ingrior já devaneava, esse fenômeno marcara-a profundamente.

— Por que dizes que é impossível? — perguntei com cautela, sem pretender dar-lhe esperanças.

A minha cunhada esboçou um sorriso irônico e um gesto frustrado:

— Olha para mim, Catelyn! Olha para a minha vida! Na remota probabilidade de, um dia, conhecer o teu irmão, acreditas que ele se apaixonaria por mim?

Eu não queria iludi-la, mas a sua insegurança parecia-me ridícula.

— Tu és uma mulher linda, Ingrior! Não te menosprezes...

— E o teu irmão é um druida!

— Também tu serás, se seguires o caminho do estudo. O teu sangue é tão forte como o do Berchan. E o casamento não está proibido aos Druidas! — Por que raio dissera eu isto?

— Se o teu irmão decidir casar-se, escolherá uma jovem do vosso povo, que não tenha conhecido homem... E nunca uma mulher como eu! — Ela esbracejou, impaciente, e o seu rosto desfigurou-se de dor. — Esta conversa é inútil! O meu coração morreu com o Trygve...

Entregar-lhe a última mensagem do marido, nestas circunstâncias, parecia-me até cruel. Contudo, eu não podia deixar de cumprir a vontade do meu primo, pois também eu desejava, com todas as minhas forças, que Ingrior reencontrasse a felicidade.

Ao escutar-me, o olhar da minha amiga denunciou o seu sobressalto. Sem uma palavra, levantou-se e refugiou-se no quarto. Eu contive o impulso de segui-la, perguntando-me se a minha tentativa de ajudá-la não acabara de empurrá-la para uma armadilha sentimental. Afinal, mesmo que, por um capricho do destino, Berchan e Ingrior se conhecessem, era bastante improvável que o meu irmão se enamorasse, não por causa do passado dela, mas porque as suas únicas paixões eram o estudo e a meditação. E eu temia que isso nunca mudasse.

Os meus olhos testemunhavam algo que eu jamais me atreveria a fantasiar — Throst e Stefan treinando amigavelmente a arte do combate, trocando opiniões e experiências, enquanto os companheiros do meu irmão se misturavam com a guarda do Líder Supremo.

Stefan falava fluentemente a língua viking e, à noite, em redor da mesa, mantinha todos suspensos com as histórias que contava sobre a Grande Ilha, o nosso povo e a nossa cultura. Bjorn era o ouvinte mais entusiasmado, com um rol de perguntas inesgotável. Curiosamente, Ingrior, sempre tão alegre e comunicativa, era quem menos participava. Surpreendia-a muitas vezes com os olhos molhados, sofrendo com a aproximação da minha partida.

Em privado, o meu irmão fez-me revelações esclarecedoras e dolorosas. Tal como eu desconfiava, Goldheart limitara-se a revistar a Aldeia dos Sábios e lançara-se no nosso encalço. Logo depois, Stefan e Berchan precipitaram-se ao encontro de Edwin, temendo pela minha vida. Entretanto, Edwin surpreendera os planos do Conde a tempo de salvar Tristan. Ao organizar o meu resgate, instruíra os irmãos para que permanecessem no barco durante o confronto, já que Berchan não sabia pegar numa arma e Stefan não era um guerreiro experiente. Tristan recebera a mesma ordem, devido à sua fraqueza, mas ninguém o conseguira segurar a bordo.

O rescaldo da batalha fora sangrento. O nosso pai vivera o suficiente para pedir perdão aos filhos, antes de fechar os olhos. No pouco tempo que se passara deste então, Edwin assumira o comando da família e dos Aliados, usando os seus conhecimentos para reunir uma força fabulosa de homens, armas e barcos, e celebrar alianças com outros povos, guerreiros e mercadores.

Agora, a Grande Ilha convivia pacificamente com a coroa. O representante que o rei enviara, após a morte de Oliver, nada tinha em comum com o maléfico Conde de Goldheart. Era um homem justo e sensato, que permitia o desenvolvimento da terra e o bem-estar do povo. Não hesitara em entregar a sua confiança aos McGraw, que logo provaram ser sobejamente merecedores. Só havia um sítio onde os meus irmãos não conseguiam penetrar: a sombria floresta que outrora nos pertencera.

A Floresta Sagrada fora o local que Myrna escolhera para fundar um reino de sombras e medo. Ao seu lado, encontrava-se um homem poderoso e temível, que enfrentava os McGraw com a ferocidade de um rancor demente: Lorde Cearnach McKie. Cada soldado que empunhava a espada pela feiticeira e o seu consorte possuía a força de dez guerreiros bem treinados. Falava-se de rituais de bruxaria e pactos com o mundo negro, a fim de criar um exército invencível que brevemente cobriria as ilhas de trevas e, de seguida, a Terra. Era urgente intervir e detê-los, mas, para isso, os meus irmãos precisavam de mim.

Não fiquei surpreendida quando Stefan me disse que a percepção de Berchan sempre lhe garantira que eu estava bem. Também, há muito que eles sabiam que a batalha da Enseada da Fortaleza fora provocada por Myrna, mas isso não aplacara o ressentimento de Edwin. A traição de Gunnulf, apesar de previsível, fortalecera as suas reservas e inflamara a sua ira.

Desde que descobrira o meu paradeiro, após o confronto com Throst, o nosso irmão mais velho preparava a sua frota de guerra para uma ofensiva à Terra Antiga. Berchan tentara convencê-lo de que essa não era a maneira correta de me resgatar, mas Edwin estava cada dia mais obstinado e nada o demovia de atacar assim que o mar se tornasse navegável. Por essa razão, Stefan lançara-se nesta aventura suicida, enfrentando as águas geladas com um barco e um punhado de homens, convicto de que o confronto com os Vikings devia ser evitado a todo o custo e um verdadeiro acordo de paz devia ser firmado.

Surpreendi-me ao saber que Stefan se casara e fora pai de um vigoroso rapaz. E ainda mais por conhecer a sua eleita. Pulga, a rapariga que ajudara Tristan a resgatar-me da fortaleza, declarara-se filha ilegítima de Lorde Cearnach. Quando McKie soubera da gravidez da jovem camponesa que tomara à força, mandara matá-la e à sua própria filha. A mãe de Pulga, ou melhor, de Enya, conseguira salvar a menina antes de ser barbaramente assassinada. Enya crescera na rua, lutando para sobreviver, conhecendo, odiando e esperando. Agora, erguia armas ao lado do marido, contra o tirano que era o seu próprio pai.

A sorte de Melody deixou-me boquiaberta e apreensiva. A minha amiga nunca se perdoara pela morte de Aled e não voltara a permitir que Edwin se aproximasse. O seu parto complicara-se e, no final, soubera que não poderia gerar mais filhos. Certa de que jamais daria a Edwin o herdeiro que ele tanto desejava, acatara a sua sorte como uma punição e entrara para um convento, ansiando por expiar a culpa. Enya era a única pessoa com autorização para visitá-la; o seu único contato com o mundo e com o filho, que Edwin criava como se fosse seu.

Finalmente, Stefan contou-me que, na noite do meu casamento, tinham encontrado Edwin desmaiado e com o peito a sangrar. A pedra vermelha desaparecera do seu pescoço, o que os levara a desconfiar de um ataque de Myrna. Edwin alegara que não se lembrava de nada, mas os irmãos conheciam-no bem e sabiam que ele mentia. Stefan e Berchan suspeitavam de algo terrível, e eu decidi que os rodeios eram inúteis:

— Eu sei o que aconteceu nessa noite...

Só desconhecia que Gwendalin adquirira mais um troféu. Afinal, outra coisa não seria de esperar! Edwin sucumbira à maldição, não pela sua condição de guerreiro, como eu julgara de início, mas vítima do seu espírito apaixonado e do caráter impulsivo. O meu irmão devotara toda a sua vida a um amor que se revelara uma desventura. Dir-se-ia que estava escrito nas estrelas que Melody jamais lhe pertenceria.

Ao tomar conhecimento da odiosa verdade, Stefan chorou como uma criança. Eu quedei-me em silêncio, permitindo que ele se acalmasse, interrogando-me sobre quantos mais desgostos e sobressaltos nós ainda sofreríamos até ao fim da nossa conversa.

— Às vezes penso que a nossa avó nos condenou quando criou estas malditas pedras! — murmurou o meu irmão, enquanto recuperava o fôlego. — Se o Berchan não me tivesse forçado a jurar que a manteria no pescoço, eu já a teria atirado ao mar!

— A nossa avó criou as pedras mágicas movida pelo desejo de praticar o bem — repliquei. — Ela não é culpada pelo nosso infortúnio. É apenas uma vítima do mal, tal como nós! Tudo o que Aranwen ambicionava era a felicidade. E pagou essa aspiração com a vida! Nós herdamos a sua luta e não podemos renunciá-la.

Devemo-lo a todos os que já morreram e aos que ainda irão tombar em nome da liberdade. Nós não vamos desistir, Stefan!

O meu irmão envolveu-me o rosto com as suas mãos e mirou-me longamente, antes de afirmar:

— Não, querida irmãzinha, nós não vamos desistir!

— Além disso — forcei-me a prosseguir, apesar do nó que me apertava a garganta. — Nós ainda estamos em vantagem. A bruxa só tem três pedras...

— Quatro. A bruxa tem quatro pedras, Cat!

Deixei cair o queixo, abanando a cabeça em negação.

— Mas como...?

— Para entrar no convento, a Melody teve de fazer uma prova de devoção, ou o que raio lhe queiras chamar! O padre exigiu-lhe a pedra do Aled, e ela entregou-a sem nos consultar. — Stefan esforçou-se por apaziguar o meu horror. — A Melody não podia saber o mal que daí adviria! Em que lugar uma pedra mágica estaria mais bem protegida da cobiça de uma feiticeira, do que num convento? Mas o padre não passava de um impostor e, como tantos outros que temos combatido, encontrava-se sob o domínio de Myrna. O Edwin ficou possesso! Se o seu coração ainda lutava pela Melody, deixou de fazê-lo nesse instante. Pouco resta do Edwin que conheceste, Cat! Acho que só um milagre o fará voltar a ser quem era. E agora eu compreendo a sua agonia! Como proceder em relação a essa criança, será um dilema digno dos grandes sábios. Contudo, eu não aceitarei que a matem e estou certo de que todos concordarão comigo. — Fez uma pausa e obteve de imediato o meu assentimento.

— Esse será o primeiro filho do Edwin, pelo qual o nosso irmão tanto anseia, e nós temos obrigação de salvá-lo do seu destino e da própria mãe.

Todavia, para salvar o filho de Edwin e os nossos filhos, impunha-se contrariar a maldição de Aesa. Partilhar essa monstruosidade com Stefan era quebrar as regras, mas eu já não podia carregar tamanho fardo sozinha. Além disso, se eu morresse ao enfrentar Gwendalin, Stefan seria a última esperança dos McGraw e tinha de conhecer os planos do inimigo para se defender. Ele escutou de

sobrolho franzido. Concordou com as interpretações que eu fizera e também lhe pareceu claro o destino reservado a Berchan:

— O poder do Berchan reside na sua mente. Creio que a maldição fala na privação da memória ou da razão... Temo que o nosso irmão esteja condenado a enlouquecer.

Quanto à sua própria sorte, Stefan não tinha dúvidas. Não se considerava um guerreiro, e tudo o que se relacionava com hostilidade e morte revirava-lhe as entranhas, devassava-lhe a essência...

— Eu morrerei a combater, Cat — murmurou sombriamente.

— Não! — objetei com convicção. — Tu não morrerás! Eu não acredito que a maldição tenha força para dobrar a vontade do Berchan e, mesmo que o faça, não conseguirá dobrar a minha! Eu não falharei, Stefan! Eu não falharei!

Caímos nos braços um do outro e estreitamo-nos com força. Pensei em como Stefan era especial. Eu amava todos os meus irmãos, mas Edwin e Berchan sempre haviam mantido uma parte do seu espírito fora do meu alcance. Stefan não! Nós éramos como almas gêmeas, sem segredos. Eu sabia que podia dar-lhe tudo, que receberia igual.

Depois de um longo e emotivo silêncio, ele introduziu o assunto que eu me esforçava por evitar:

— O que irás fazer em relação à tua nova vida, Cat? É evidente que não foste forçada a casar-te com o Throst. O grande amor que vos une está declarado em cada olhar, em cada gesto... Confesso que fiquei assustado quando soube que esperavas um filho, mas depois de conviver convosco, vi que não poderia ser diferente. Sei que o Berchan também ficará feliz por ti, mas o Edwin não será tão compreensivo. Para ele, o Throst será sempre um vassalo do Gunnulf, um assassino do nosso povo, um traidor da sua palavra, o raptor e o violador da irmã que ele tanto ama. Ser-lhe-á difícil... talvez impossível, entender o que vos aconteceu e acreditar no empenho do Throst pela paz.

Encolhi os ombros e fixei o vazio, enquanto as lágrimas me rolavam pelo rosto.

— Não tens de te preocupar, Stefan — ripostei dolorosamente. — Mesmo que consigamos vencer a Myrna, eu não voltarei para o

Throst.

Confuso, o meu irmão hesitou antes de continuar

— Não estou a perceber! É evidente que o amas... E estás à espera do seu filho! Pensei que pretendias lutar com todas as tuas forças pela vossa felicidade, Cat!

Engoli em seco, buscando as palavras certas para explicar a minha agonia:

— Eu serei feliz se souber que o Throst está bem. É verdade que o amo, Stefan! E, por isso, devo afastar-me. Se o Throst e o Edwin se enfrentarem, um deles morrerá... O próprio Hakon avisou-me! Se eu não me mantiver firme nesta resolução, a desgraça será inevitável. Só me resta esperar que, um dia, se descubra uma maneira de contrariarmos esta adversidade.

De novo, Stefan pensou longamente antes de exprimir a sua opinião:

— O Throst não permitirá que tu te afastes. Sei que só concorda com a tua partida porque acredita que haverá um regresso. Se não voltares, ele irá atrás de ti! Não estamos só a falar do amor que vos une, mas também do seu primogênito, que tu carregas no ventre

— O Throst pensa que o bebê não é dele... — As palavras caíram-me dos lábios, tão amargas como as lágrimas. — Ele julga que eu estou grávida do Gunnulf...

A história era tão complexa como odiosa, mas o meu irmão assimilou-a com rapidez. Quando terminei, ele estava mais pálido do que a Lua e abanava a cabeça reprovadoramente.

— Isso não é justo, Cat! Não é justo para ti, nem para o Throst... — Stefan foi forçado a render-se perante a conspiração de Sigarr.

Abraçou-me com força e beijou-me a testa, murmurando:

— Sinto muito, irmãzinha! Comecei por odiar o fato de estares casada com um Viking, mas, depois de conhecê-lo, tudo mudou. Parte-se-me o coração ao pensar que a vossa separação é inevitável... Mas tu tens razão! Se o Throst pisar a Grande Ilha, o Edwin persegui-lo-á sem piedade; se tu teimares em regressar aqui, o nosso irmão atacará esta terra e qualquer esforço para conquistar a paz será inútil.

— Eu ainda não desisti, Stefan — confessei. — Se conseguir convencer o Edwin da nobreza do Throst e da força do nosso amor,

talvez ele se compadeça. Tenho de tentar!

— E eu espero sinceramente que venças esta dificuldade, irmãzinha, e tudo farei para te ajudar! Mas temo que o maior dos empenhos seja em vão. O Edwin está irredutível, cego pelo ódio, sequioso de sangue, esfomeado por vingança... Fechou o coração e esqueceu o brilho do Sol. Alimenta-se da própria infelicidade e teima que aqueles que o rodeiam devem partilhar da mesma miséria. Quando parti, a nossa relação estava insustentável. Agora, que lhe desobedeci, nem posso imaginar como irá receber-me.

Todos os chefes de clã haviam regressado às suas propriedades, à exceção de Steinarr. O guerreiro-urso e o guerreiro-lobo uniam esforços para combater uma nova ameaça: Arnorr.

O irmão de Gunnulf concentrava toda a sua energia na preparação de uma ofensiva. Para além dos acordos já estabelecidos com os mercenários do Norte, chegavam até nós rumores de alianças com os Vândalos, que comprovavam o seu desvario. Na posse de informações fornecidas por Arnorr, relativamente à força e localização dos guerreiros do Líder Supremo, os Vândalos tornar-se-iam adversários terríveis, capazes de comprometer tudo aquilo por que Throst lutava. As notícias agravavam-se com a suspeita da presença de uma poderosa feiticeira junto de Arnorr, cuja identidade não desafiava a imaginação. Aesa saíra do seu covil e preparava-se para atacar o herdeiro do Guardião da Lágrima do Sol.

Hakon mantinha-se junto das tropas, elevando-lhes a confiança. O seu apoio seria uma sólida vantagem neste confronto anunciado. Agora que o conhecia, eu não duvidava de que ele lutaria até ao último sopro de vida para defender os seus.

Outra novidade que abalou o povoado foi a união de Halldora a Bror, rei dos Vândalos. O meu coração apertou-se ao verificar o quanto esta revelação afetara Throst. Na força da raiva, cheguei a ponderar se ele ainda acalentaria a esperança de desposar a prima, após a minha partida. Mais tarde, confirmei que tais suspeitas eram infundadas, até maldosas e injustas, quando o remorso me forçou a confessar-lhe o mal que pensara. Throst não se zangou e até se riu

do meu amuo ciumento. Enlaçou-me na força da sua paixão, sussurrando ao meu ouvido:

— Não tens de preocupar-te com a Halldora, nem com nenhuma outra mulher, meu amor.

Os meus poderes continuavam a desenvolver-se a bom ritmo, graças à Lágrima do Sol e à orientação de Hakon. O meu mestre exigia muito, mas a minha determinação tudo vencia. A destruição de Gwendalin assumia contornos de obsessão. Eu não sentiria piedade nem remorso no momento em que extinguisse a sua amaldiçoada vida. E depois seria a vez de Sigarr... e de Aesa! Nenhum dos responsáveis pela minha desgraça descansaria impune!

Quando Stefan abordou a necessidade de regressarmos à Grande Ilha, eu gelei ao ver o olhar de Throst escurecer. Steinarr ergueu as sobrancelhas, sem esconder a sua surpresa. Era a primeira vez que ele ouvia falar nesse assunto.

Nessa noite, enquanto Stefan combinava com Throst os pormenores da viagem, eu saí para respirar ar fresco. Encostei-me à cerca e perdi o olhar na floresta. Esta terra bravia e misteriosa mudara a minha vida, mas eu também a transformara num lugar melhor. Agora, havia uma esperança para o povo viking... As lágrimas da Terra Antiga misturavam-se com as minhas, enquanto ambas agonizávamos de saudade, mesmo antes da despedida.

— Está a recordar coisas tristes, senhora?

De imediato, comecei a tremer como uma tola. Por que raio este homem me intimidava? Limpei o rosto com a palma da mão, ignorando o lenço que Steinarr me estendia, e forcei-me a responder:

— Pelo contrário, senhor! Mas não irei aborrecê-lo com os meus pensamentos...

— Catelyn... — Ouvir o meu nome nos seus lábios deixou-me imóvel de pavor. — Você jamais me aborrecerá! Sabe disso, não sabe?

Enfrentei-o, determinada a deixar claro que tais familiaridades me desagradavam:

— E o senhor sabe que não é correto falar-me nesses termos! Eu sou uma mulher casada!

— Então, por que se vai embora? Não é por falta de amor! — O guerreiro-urso reduziu perigosamente a distância que nos separava. — O Throst adora-a... e a sua retribuição é evidente! — Inclinou a cabeça para mergulhar no meu olhar. — Eu não sou um homem de meias-palavras, Catelyn! Encantei-me por si no primeiro instante em que a vi. Mas as minhas esperanças não duraram um bater de coração, pois soube de imediato que era tarde. Quando lhe jurei lealdade, prometi a mim próprio que nunca irei deixá-la desamparada. Não me interprete mal, senhora! Não pretendo ofendê-la! Sou um homem rude, sem jeito para a poesia. Quero apenas que entenda o quanto eu a admiro. O Throst é um homem de sorte a quem amo como a um irmão. A seu tempo, aprenderei também a amá-la como a uma irmã. Já percebi que a incomodo, mas nada tem a recear. Jamais tentarei algo que possa magoá-la ou ofender o Throst.

Eu estava petrificada, sem saber como reagir. Queria sentir-me afrontada, mas não conseguia. Steinarr era, como ele próprio admitia, um homem direto e sincero, que dizia o que pensava e assumia a sua posição perante todos. Isso era digno de admiração! O guerreiro-urso era também um homem muito atraente, detentor de uma beleza pura e selvagem. Se um pintor pretendesse um modelo para representar a raça viking, ele seria o escolhido.

— Não respondeu à minha pergunta, Catelyn, por isso atrevo-me a repeti-la — continuou, ignorando o peso do meu silêncio. — Por que parte?

Rangi os dentes. Esta conversa já fora longe de mais!

— Porque devo, senhor!

— Deve? Pensei que o seu dever era manter-se ao lado do seu marido e do seu povo!

Estremeci, desconfortável, e não pude segurar a língua:

— O meu amor por Throst é inquestionável, e o meu afeto por esta terra e o seu povo, algo de novo, mas muito forte! Porém, como deve saber, todos nascemos com um destino traçado. E o meu impõe-me que eu regresse à Grande Ilha para cumprir uma missão.

Por que raio lhe estava a dar explicações? Com o coração a martelar o peito, tentei mover os pés... Era inútil! Cativa do olhar cristalino, fui forçada a suportar a sua insistência:

— Mas voltará à Terra Antiga, certamente? Ou irá para o novo arquipélago onde o Throst pretende estabelecer-se?

Onde estava o meu marido que não vinha salvar-me? Por que é que eu não conseguia voltar as costas ao chefe viking e terminar com este tormento?

— Eu não posso responder-lhe — retorqui impaciente. — Não sei o que o destino me reserva.

Steinarr hesitou antes de continuar:

— Quando esteve na minha casa, a Catelyn teve oportunidade de conhecer Ivarr, o meu filho. O que pensou dele?

Não evitei um sorriso, satisfeita com a súbita mudança de assunto.

— Encantou-me! O senhor tem razões para ser um pai muito orgulhoso!

— E sou! — O guerreiro-urso tornou a hesitar, o que nele era estranho. — O que eu lhe quero dizer... é que o meu filho ainda não tem uma prometida. Seria uma honra para mim unir a minha família à vossa, se vós tiverdes uma filha.

Nos muitos dias passados com Steinarr, eu aprendera que ele não era um homem insensato ou precipitado. Se fazia esta proposta, era porque ponderara bastante. E eu compreendia as suas razões. Steinarr era o chefe da maior e mais próspera propriedade das Terras do Norte, e Throst era o Líder Supremo. Um deles seria rei. A união das duas famílias evitaria conflitos futuros e colocaria Ivarr na liderança do povo viking, caso Throst decidisse continuar como Líder Supremo e não gerasse um filho varão. Só a custo consegui perguntar:

— Não deveria discutir esse assunto com o meu marido, senhor?

— Já o fiz — volveu ele serenamente. — Mas o Throst decidiu confiar a decisão à sua esposa. O porquê só ficou esclarecido quando eu tomei conhecimento da sua iminente partida, senhora.

Eu sabia que a situação era delicada e que uma palavra mal escolhida podia provocar um grande transtorno. Respirei fundo, respondendo ponderadamente:

— Sinto ter de declinar a sua oferta, por mais honrosa e tentadora que seja. Como já lhe disse, eu vou regressar à minha terra e ignoro se voltarei à Terra Antiga.

Pensei que o rosto de Steinarr se fosse fechar, esboçar indignação ou ultraje, mas, ao invés disso, abriu-se num amplo sorriso.

— Você voltará, Catelyn! Eu estou tão seguro disso como da noite que nos envolve e do ar que respiramos. O primogênito do Throst cresce no seu ventre, e o seu coração está cheio de amor. Qualquer que seja a tarefa que a espera, o tempo irá reconduzi-la aos braços do seu marido.

A segurança de Steinarr abalava-me com a intensidade de uma tormenta. Desprovida de argumentos para contradizer a sua convicção, eu objetei instintivamente:

— O meu pai combinou o meu casamento com um homem que eu abominava. Não irei impor igual sofrimento aos meus filhos. Se estiver destinado que os nossos filhos se casem, senhor, então que o façam por amor e não por imposição dos pais.

Quando terminei, estava sem voz. Steinarr já não sorria, mas os seus olhos cintilavam como estrelas. Depois de um breve silêncio, confessou:

— Apesar de o meu casamento ter sido combinado, eu casei por amor, Catelyn! Quando olho para si, vejo a minha mulher... com tanta clareza que sinto vontade de chorar. A sua recusa faz todo o sentido, e eu respeito-a... Mas não desistirei! Quando o momento chegar, estou convicto de que os nossos filhos saberão expressar a nossa vontade, sem que nós tenhamos de manifestá-la. Até lá... — Estendeu a mão e segurou a minha. — Desejo-lhe toda a felicidade, do fundo do meu coração. Nunca me cansarei de repetir o quanto o Throst é afortunado.

Antes que eu pudesse recuar, Steinarr encostou os lábios aos meus dedos, arrepiando-me com o seu ardor. Eu estava prestes a puxar pela minha mão quando ele a soltou voluntariamente.

— É melhor entrar em casa, Catelyn! — A sua voz tremia, denunciando uma forte comoção. — Tem de pensar na saúde do seu filho. Lamento tê-la detido por tanto tempo. Até amanhã...

Embrenhou-se na noite, sem me dar tempo para reagir. Só depois de a figura imponente se confundir com as sombras, é que os meus pés se dignaram a acatar as ordens da mente.

— O Steinarr procurou-me para falar acerca dos nossos filhos... — Estávamos na cama e a noite já ia avançada. Busquei o olhar de Throst para estudar a sua reação. As sobrancelhas louras ergueram-se interrogativamente.

— E qual foi a tua resposta? — Suspirei antes de responder:

— Os casamentos combinados são um grande risco! Não resultou comigo, nem contigo, nem com a Ingrior, nem com o meu irmão Aled... Posso dar-te muitos exemplos! Eu prefiro que os meus filhos escolham os seus companheiros.

— Os nossos filhos — corrigiu Throst com um beijo. — Teremos tantos que será impossível contá-los pelos dedos!

Não contive o riso. E depois as lágrimas. Percebendo o meu tormento, ele estreitou-me no seu carinho, replicando:

— Não penses na nossa separação, querida! Vamos desfrutar de cada instante...

Falar era fácil! Aninhei-me no seu calor, reunindo coragem para desfazer a dúvida:

— Essa união seria do teu agrado, não é verdade? O Steinarr é um homem poderoso... Tem muita influência junto do povo...

Throst moveu-se o suficiente para me murmurar ao ouvido:

— O que te vou dizer ainda é segredo. Sabes que eu não desejo ser rei... mas como Líder Supremo devo nomear um sucessor que reúna o consenso do povo; um homem de poder, mas inteligente e íntegro, admirado por todos, dentro e fora do seu clã; um homem preparado para a guerra, mas que não viva obcecado por ela. A Pedra do Tempo falou-me de um guerreiro-urso, mas, mesmo que não o tivesse feito, o Steinarr seria sempre a minha escolha. — Fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Não me foi fácil convencê-lo! Ao contrário do que possas pensar, ele não é ambicioso e aguerrido, como o Gunnulf. É um homem ponderado e justo, que respeita os valores mais sagrados e encontra a felicidade junto dos seus. Mas, tal como nós, não pode fugir ao seu destino. Quando o momento chegar, os outros chefes irão segui-lo com igual ou maior dedicação do que aquela que me devotam. Eu serei o seu Primeiro Homem, o equivalente a um nobre da tua terra, e irei administrar o novo

arquipélago, para onde viajarei em breve. O Steinarr ficará aqui e será rei do povo viking.

Sentime aliviada e satisfeita. Sem a responsabilidade esmagadora que pesava sobre os ombros de um rei, Throst poderia dedicar-se à terra e à família e fazer as coisas simples que tanto prazer lhe davam. Agora, que eu conhecia Steinarr, também concordava que ele era a escolha certa. Como sempre, Throst decidira com sabedoria. E a vontade da Pedra do Tempo cumprir-se-ia, mais uma vez.

Continuamos a falar, e a conversa levou-nos à Ilha dos Sonhos. Permiti-me fantasiar com o meu marido, até que a inocência da imaginação se dissolveu no nosso ardor. O corpo másculo há muito que recuperara e ansiava por agradar-me novamente. Os seus dedos provocavam-me cócegas, e ele teve de abafar o meu riso, antes que eu acordasse toda a casa. Enquanto me torcia, Throst aproveitou para me puxar para cima do seu corpo. A minha barriga já se notava, e ele temia magoar-me com o seu peso. Eu gostava de amá-lo assim, controlando o nosso prazer, poderosa e imensamente feliz. Enquanto o meu sangue se transformava num rio de fogo, o meu espírito clamava que eu jamais poderia desistir deste amor. Sem Throst nada fazia sentido.

O dia chegou finalmente, sombrio mas livre de tormenta. A minha viagem até ao porto foi feita por entre aldeões chorosos e saudosos, que me desejavam o melhor e suplicavam que eu regressasse depressa. Bjorn beijou-me à saída de casa e partiu a galope no seu cavalo, para que ninguém o visse fraquejar. A minha tia não apareceu para me desejar boa sorte, provando que jamais me perdoaria pela intromissão que destroçara a perfeição do seu mundo.

O *Knarr* estava pronto para partir. Stefan não escondia o seu entusiasmo por viajar num barco viking. Os amigos mais chegados iam acompanhar-nos, e Steinarr ficava encarregue da defesa da aldeia, pois os inimigos andavam agitados e todo o cuidado era pouco. Despedir-me do líder da Terra dos Carvalhos foi tão estranho como os nossos restantes encontros. Ele beijou-me a mão e exclamou, com um brilho intenso no seu olhar incrivelmente luminoso:

— Até breve, Catelyn! Sei que a ausência não será longa.

Tornei a abraçar Ingrior, sentindo o meu coração a sangrar. Já tudo fora dito, mas fiz questão de repetir:

— Não importa o que aconteça, tu serás sempre a minha irmã! Amo-te muito!

— Eu também te amo muito, Catelyn! — soluçou ela por entre lágrimas. — Tem cuidado!

Colocou um colar no meu pescoço, e eu emocionei-me ao verificar que representava o símbolo da sua linhagem: o magnífico dragão com os olhos postos no Sol.

— Devemos ir, Pequena! — avisou Throst. — Temos de aproveitar a maré.

Apartei-me de Ingrior e permiti que o meu marido me conduzisse. Ao nosso lado, Steinarr exclamou, num tom grave e baixo que poucos, além de nós, puderam escutar:

— Se ela fosse minha, Throst, jamais a deixaria partir!

Throst parou, e o seu corpo ficou tenso. Fixou o amigo, retrucando com frieza:

— Mas ela não é tua! A Catelyn é dona da sua vontade e sempre assim será!

— Estás a correr um grande risco! — insistiu Steinarr sem se demover.

A mão do meu marido incentivou-me a avançar. Eu não olhei para trás. Se deixar esta terra e a sua gente me era tão insuportável, o que sentiria quando chegasse o momento de me despedir de Throst?

CAPÍTULO 17

Esta memória assombrou-me, noite após noite, estação após estação: O rosto encharcado de Krum ao despedir-se de nós... As expressões pesarosas de Sven, Durin, Sigmund, Ormarr e muitos outros; homens fortes, de personalidade dura, com os olhos inundados pela tristeza da separação. E Throst...

Imaginei, até ao último instante, como seria o adeus final. Receava e ansiava, ao mesmo tempo, que Throst me apertasse nos seus braços e gritasse que eu lhe pertencia e que jamais permitiria que o abandonasse. O que faria eu se isso acontecesse? Não sabia! Estava a uma batida de coração de ser eu própria a quebrar todos os juramentos, todas as regras, e suplicar-lhe que me levasse para a sua casa, onde desejava que a nossa filha nascesse e crescesse. Mas a presença serena de Hakon ajudou-me a manter o equilíbrio.

E o meu marido tornou a surpreender-me. Começou por entregar-me o seu punhal e forçou-me a prometer que o manteria sempre comigo. Depois, acariciou-me o ventre com um cuidado que quase me fez gritar, deslizou o meu amuleto por entre os seus dedos e, por fim, apertou-me as faces nas suas mãos, mergulhando no meu olhar. Com o azul do céu da minha terra sobre a cabeça, vi a dor trespassá-lo. As minhas lágrimas caíram em cascata, cegando-me, mas teimei em guardar na mente cada pormenor do rosto amado... diante de mim pela última vez.

Throst beijou-me a testa, e eu esperei pelo calor dos seus lábios nos meus. O desespero sufocou-me quando ele se afastou. As suas mãos quebraram o último elo, e o meu coração desfez-se. Parado à minha frente, como se aguardasse em agonia que eu mudasse de idéias, o meu marido murmurou, estrangulado pela emoção:

— Amo-te, Pequena... Hoje... Sempre...

Stefan entrelaçou os seus dedos nos meus, e eu senti-os insuportavelmente quentes, contrastando com o frio que me

enregelava.

— Eu cuidarei dela, Throst.

A voz do meu irmão pareceu-me muito distante. Throst acenou com a cabeça e recuou. Não me deu o ansiado beijo. Não derramou uma lágrima. Não voltou a falar. Permaneceu imóvel e apenas os seus olhos denunciaram a infinita tristeza que o consumia. Percebi que o azul do céu da minha terra jamais igualaria a beleza do seu olhar. Compreendi que trocaria de bom grado todo o meu poder pelo aconchego dos seus braços. Mas era tarde de mais...

Eu já ouvia o galope estrondoso dos cavalos que se aproximavam, por trás de mim. Edwin e Berchan vinham ao meu encontro. Ia finalmente abraçá-los, mas o meu coração chorava de tristeza e não de alegria, pois a minha razão de viver desvanecia-se ante o meu olhar. Ainda vislumbrava Throst, alto e imponente, segurando o leme do *Knarr,* tão forte e orgulhoso como a majestosa vela vermelha que eu ajudara a tecer e que, agora, se aliava ao vento para empurrá-lo para longe. Junto dele, como sempre, estava Krum, o primo que eu descobrira na mais hostil das circunstâncias e que conquistara, de imediato, o meu afeto. Krum seria o apoio de Throst nesta provação e em todos os dias da sua vida... Os dias que eu não voltaria a testemunhar.

— Cat!

Fui erguida no ar e esmagada contra o peito de Edwin. Abracei-o com toda a força e libertei a emoção que me devassava.

— Irmãzinha! Pensei que te tinha perdido, Cat! Minha querida irmã!

Choramos juntos e beijamo-nos até perdermos o fôlego. Stefan manteve-se afastado, aguardando uma repreensão pela sua desobediência. Porém, quando nos acalmamos, Edwin puxou o irmão para si e estreitou-o emocionado. Só então eu vi o homem vestido de branco, com o cabelo negro caindo sobre os ombros e os olhos denunciando uma comoção que não lhe era permitido exteriorizar.

Corri para Berchan e enlacei-o pelo pescoço. Ele abraçou-me, e o seu coração troou de encontro à minha face. Eu sabia que, de todos nós, Berchan fora quem mais padecera, forçado a sufocar os seus sentimentos dentro do peito, a ser o mais forte, a superar-se a si

próprio e a esquecer que não passava de um homem. Quando recuperou a compostura, ele afastou-se para me encarar. Eu não lhe ouvira um soluço, sequer um gemido, mas o seu rosto estava banhado em lágrimas. A sua alma abriu-se, e eu retribuí, partilhando a minha vivência. Num simples fôlego, os segredos desvaneceram-se e um alívio terno espalhou-se pelo meu sangue.

"Sente o vento, irmãzinha... Ele leva para longe, mas também traz de volta. Não estás sozinha. A tua luta é a nossa luta; não só nesta batalha, mas em todas as guerras da nossa vida."

Os meus irmãos permitiram que eu me instalasse com calma na nova casa, a segunda fortaleza do antigo domínio de Lorde Cearnach McKie. Depois, reunimo-nos no salão, e Edwin repetiu acaloradamente o que Stefan já me contara com toda a moderação. Não contive o choro quando ele me entregou a pedra colorida que pertencera a Tristan e que eu própria recolhera do fundo do lago e lhe colocara ao pescoço, há muitos anos, num tempo em que a inocência era a nossa força. Edwin apertou as minhas mãos nas suas e continuou, com a voz a tremer:

— O Tristan confiou-me que, se morresse em combate, desejava que as cinzas do seu corpo fossem lançadas ao mar. Eu próprio satisfiz a sua vontade. Ele foi um querido irmão e um grande homem. Estou certo de que gostaria que fosses tu a guardar o seu amuleto. O Tristan amava-te com devoção, Cat!

— Eu sei... — respondi a custo. — E eu amei-o também... até ao fim!

Sustive o fôlego, em sobressalto, quando o olhar de Edwin se deteve na bracelete que testemunhava o meu casamento.

— Onde está a pulseira que o Tristan te ofereceu? Os selvagens roubaram-ta?

— Não — apressei-me a negar, sem saber muito bem o que dizer. — Perdia-a no mar...

Confundindo a minha insegurança com receio, o meu irmão rugiu com toda a convicção:

— Eu juro que irei apagar da tua mente este ano terrível, Cat! Já não tens de usar esses símbolos de vassalagem...

Recuei à pressa, impedindo-o de arrancar o presente de Ingrior do meu pescoço.

— Estes não são símbolos de vassalagem! — repliquei impetuosamente. — Representam a casa que me recolheu e que tão bem me tratou. Tu estás enganado acerca do povo viking, Edwin! Eu fui muito feliz na Terra Antiga e, se não fosse pela minha missão de vida, não teria regressado, pois amo os que lá deixei como uma segunda família.

Ao terminar, eu percebi que acabara de lançar um archote aceso para cima de um fardo de palha seca. O rosto de Edwin enrubesceu, enquanto o seu olhar verde se estreitava. Após um silêncio constrangedor, mastigou entredentes:

— Quem é o bárbaro que trazia a tua pedra ao pescoço? — Dei por mim engasgada, e Stefan veio em meu auxílio:

— O seu nome é Throst, filho de Thorgrim. É um grande guerreiro entre o seu povo, um líder empenhado na unificação da raça viking. Foi ele quem salvou a nossa irmã das garras de Goldheart e a acolheu, durante o tempo em que ela esteve afastada de nós. Foi também ele quem se insurgiu contra Gunnulf e lhe impôs a derrota. Os seus homens salvaram-me quando naufraguei, e eu desfrutei da hospitalidade da sua casa...

Edwin voltou-se devagar para encarar o irmão. O que escutava estava longe de agradá-lo. Eu sentia a energia no ar, fluindo com a intensidade de uma tempestade prestes a rebentar.

— Depois de tantos elogios, devo concluir que tu fizeste amizade com essa gente, Stefan?

A frieza e a resolução de Stefan incharam-me de orgulho:

— Eu sei que te ressentes contra esse homem, porque te impediu que matasses o Gunnulf. Mas recorda-te que numa batalha tens de obedecer ao teu líder e defendê-lo, mesmo que não concordes com as suas ordens.

— Por vontade do Throst — intrometi-me imprudentemente —, o vosso acordo nunca teria sido quebrado. Ele é um homem de honra, tal como tu, Edwin!

Definitivamente, essa era a última coisa que ele esperava ouvir!

— Estás a comparar-me a um bárbaro, Cat? — A sua voz soou ofendida e irada. — Estás a dizer que esse selvagem... esse Throst, mereceu o teu respeito e admiração?

Engoli em seco, sentindo um nó nas entranhas. Quisera ser eu a informar Edwin acerca do meu casamento, pensando que poderia tocar no seu coração. Porém, agora que o momento chegara, o medo ameaçava devorar-me. Senti o espírito de Berchan fortalecendo-me e respondi, num tom tão firme que me surpreendeu:

— O Throst mereceu muito mais do que o meu respeito e admiração! Mereceu o meu amor incondicional! Nós casamos, e eu estou grávida.

Se eu tivesse espetado um punhal no peito do Edwin, as conseqüências não seriam tão violentas. As suas faces mudaram do rubro para o branco, num mero piscar de olhos, e a comoção que o trespassou fê-lo cambalear. A sua voz estava perigosamente baixa, quando recuperou o suficiente para mastigar:

— O que estás para aí a dizer, Catelyn McGraw? Tu casaste com um Viking? Tu emprenhaste de livre vontade da raça que matou o nosso pai, o Aled... o Tristan...?

— O amor não escolhe raças, Edwin! — interrompeu Berchan solenemente. — Nem religião, nem espaço, nem tempo! Tu sabes isso!

Edwin encarou-o, incrédulo, enquanto o seu choque era rapidamente suplantado pela fúria.

— Não te atrevas a comparar o meu amor pela Melody com esta aberração, irmão! Eu não raptei a Melody, não a fiz prisioneira da minha vontade, nem a desonrei e emprenhei!

Sentime afundar no desespero. Acalentara a tênue esperança de que Edwin conseguisse ver através do ódio, mas tornava-se óbvio que ele jamais aceitaria o meu casamento, não importava quanto tempo passasse ou os argumentos que eu utilizasse... Expliquei-lhe que Throst não me raptara, apenas pretendera proteger-me; que eu não fora tratada como uma prisioneira na sua casa e que ele nunca, NUNCA, se impusera como homem. Mas era o mesmo que gritar para uma pedra e esperar resposta. Edwin só ouvia os seus próprios berros:

— Como és capaz de proferir tais infâmias? — agitava os punhos cerrados, espumando de raiva. — Tu, que acabaste de dizer que amavas o Tristan?

Stefan antecipou-se-me mais uma vez:

— A Cat era uma criança quando o Tristan a cortejou! Ela amou-o como irmão e amigo e tê-lo-ia amado como homem, se a vida o permitisse. Mas o Tristan morreu! Não podes condenar a nossa irmã por se ter apaixonado pelo homem que a salvou, abrigou e...

— Lorde Garrick e Aled estão mortos! — cortou Edwin, descontrolado. Eu temi que ele fosse investir contra Stefan, mas foi para mim que se voltou. — Agora, sou eu o chefe desta família, Cat, e jamais permitirei a tua união com esse bárbaro assassino! Podes ter o teu filho, se o desejas, porque também ele é um McGraw, mas não tornarás a ver esse homem! E não se falará mais neste assunto, à minha frente ou nas minhas costas!

O que mudara? A necessidade de uma resposta levou-me ao convento onde Melody se enclausurara. Uma mulher vestida com um traje negro, que apenas revelava o rosto, veio ao nosso encontro. Enya apertou-me a mão ao aperceber-se do meu temor, tentando confortar-me com a convicção de que nada havia a temer dos Irmãos Cristãos. Eu não partilhava da sua segurança. Eu era uma feiticeira; uma maldita aos olhos dessa fé.

O nosso percurso foi como Enya descrevera que seria — uma longa caminhada por corredores sombrios e gelados onde, por detrás das pesadas paredes de pedra, ecoavam cânticos lúgubres, qual atormentado choro de um condenado. Enquanto avançava, com a respiração meio suspensa e o coração a bater descompassado, eu recordava a sensação de intensa felicidade que me envolvera ao entrar na Aldeia dos Sábios. Aqui, jamais me sentiria em casa. Aqui, não passava de uma intrusa abominável.

A freira que guiou os nossos passos deixou-nos num quarto tão pequeno, que mais parecia a cela de um prisioneiro. Este não tinha janelas, e o Sol mal espreitava por uma fresta onde dificilmente caberia uma mão. O espaço encontrava-se vazio, à exceção de um banco de pedra que servia de cama às noviças durante o período de recolhimento. Uma cruz de madeira, pregada na parede no sítio exato onde a fraca luz incidia, era o único ornamento.

Fui sacudida por uma sensação de tormento e sacrifício. Muitas lágrimas haviam sido derramadas neste lugar. Estas paredes nuas já tinham presenciado muitos gemidos de angústia, muitos uivos de abandono e desespero. Caminhei até à cruz e toquei-lhe com as pontas dos dedos. Uma brisa fresca surgiu de lugar nenhum, soprou todos os meus temores e deixou-me em paz, enquanto as palavras de Berchan ecoavam na minha mente e uma Visão de liberdade — Terra, Água, Ar e Fogo — se misturava com o bater do meu coração.

"Existe apenas uma Força Divina, um Poder Criador... A nossa Deusa Mãe, o Deusdos Cristãos, o Deus dos Vikings, o Deus dos Mouros, é o mesmo e um só Deus. Porém, asdiversas culturas humanas têm modos distintos de entender a Sua mensagem, de aplicara Sua Lei, de sentir o Seu amor, de provar-Lhe a devoção. Assim, cada povo do mundo decidiu que a sua religião seria a única verdade, e o seu Deus, o único e verdadeiro Deus. Não entendem que a dessemelhança reside na Humanidade e não no Criador. Todos os dias, os Homens morrem defendendo, não a Verdade de Deus, mas os seus próprios interesses e egoísmos. Temo que seja demasiado tarde para perceberem que todos estendemos a mão para a mesma Luz... E a disparidade do seu brilho é nossa ilusão, porque a vemos com olhos diferentes."

A pesada porta de madeira abriu-se e duas mulheres entraram. Uma estava vestida como a que nos guiara até ao quarto; a outra trajava de branco e, se não fosse pela expressão inconfundível do seu olhar, eu jamais teria reconhecido Melody.

— Cat? — murmurou ela hesitante, com as lágrimas a saltar-lhe dos olhos. — Cat, querida... És mesmo tu? Pensei que estivesses morta! Oh, Cat!

Abraçamo-nos impetuosamente, e eu também sucumbi ao choro. Senti os ossos de Melody, frágeis sob as minhas mãos, tal como há muitos anos quando ela agonizara à beira da loucura, depois da partida de Edwin. Estaria a minha amiga condenada a morrer em vida, tantas e tantas vezes quantas o cruel destino o desejasse?

— Cat... — Os seus dedos deslizaram carinhosamente pelo tecido delicado que me cobria o ventre. — Tu estás... de esperanças?

Por um breve instante, vislumbrei uma pálida chama perdida no fundo do olhar celeste, que me devolveu a esperança de salvar Melody. Eu sabia que estava a ser avaliada pela freira e que todo o cuidado era pouco se queria tornar a ver a minha cunhada, por isso esbocei um sorriso, confirmando com uma serenidade estudada:

— Depois da batalha fui viver para outro país. Lá, conheci um valoroso guerreiro que me desposou. Estou à espera do nosso primeiro filho.

Simples e limpo; nada revelado que pudesse melindrar a mente fervorosa que me julgava. Entristecia-me enganar Melody com a ilusão de uma linda história de amor, mas ela já tinha problemas e angústias que chegassem para várias vidas.

— E quando regressaste, Cat?

— Há poucos dias. Já conheci o nosso Aled! É um rapagão lindo e forte!

O pequeno era a imagem viva do pai. Emocionara-me a maneira como o garoto se apegara a mim, como se sempre me tivesse conhecido. Quando o abraçava e beijava os longos cabelos ondulados, eu pensava que o sacrifício do meu irmão não fora vão. O seu filho nascera e seria um belo homem, digno e corajoso. Um dia, quando tivesse idade para compreender, contar-lhe-íamos o gesto nobre do seu pai, que salvara as vidas de todos nós.

— Sim — respondeu Melody com um sorriso débil e triste. — Ele será um bom homem, como o pai! E o Edwin saberá educá-lo na Fé do Senhor e fará dele um grande guerreiro.

Enya juntou-se à conversa para partilhar com a irmã as últimas travessuras do pequeno Aled. Afligiu-me constatar que, em vez de se entusiasmar e se alegrar com os progressos do filho, Melody reagia como se a vida fora do convento fizesse parte de uma realidade estranha e temerosa. E, mal Enya começara a falar, já a freira pigarreava, anunciando que era tempo de partirmos. Mordi a língua, que teimava um protesto, e despedi-me de Melody. Ela apertou as minhas mãos e, a custo, qual criança que confessa uma falha grave, murmurou sumidamente:

— Já deves saber o que aconteceu à pedra verde... Eu sinto muito! Não podia imaginar que causaria tanto mal...

— Não te preocupes — sosseguei-a piedosamente. — Nós havemos de reavê-la!

Deixei o convento, ciente de que tudo o que eu vira e ouvira era um erro brutal.

Melody acreditava que o seu amor fora amaldiçoado e que os seus sonhos haviam provocado muita desgraça. Não se perdoava pela morte de Aled, nem desculpava Edwin por não conseguir parar de amá-lo. Fugir fora a sua solução para o problema. Isolava-se do mundo, arrancava o coração do peito, castigava o corpo e a alma e, um dia, a dor desapareceria. Ela estava enganada, mas arriscava-se a descobri-lo tarde de mais! O filho crescia sem o seu carinho e orientação. Edwin amargava, carregando a culpa pela morte do irmão e a rejeição da mulher que amava. E a própria Melody definhava em vida. Eu tinha de fazer alguma coisa... Mas o quê? Como podia ajudar Edwin e Melody, se nem sequer sabia como contrariar a minha própria desventura?

Ao observar Stefan, Enya e o pequeno Bryan, eu sentia uma ternura imensa acalentar-me o coração. Stefan merecia toda a felicidade deste mundo! Nas minhas fantasias, sempre o imaginara assim, dedicado à família, um pai extremoso como o nosso nunca soubera ser, e um marido apaixonado e carinhoso. Ainda recordava o brilho no olhar de Enya, quando eu lhe perguntara por Stefan, na fortaleza de Goldheart. Decerto fora-lhe penoso revelar a sua verdadeira identidade e abrir o coração, depois de tantos anos de sofrimento; como também não devia ter sido fácil para Stefan assumir a sua paixão, diante das adversidades que o perturbavam. Mas, felizmente, estes dois barcos haviam encontrado um porto seguro, e o seu amor era uma bênção, nos dias conturbados que vivíamos.

A indiferença do Edwin magoava-me. O homem apaixonado pela vida estava amargo e corroído pelo rancor. Eu também o surpreendia a observar Stefan e Enya, mas o seu olhar denunciava a consternação que a alegria do nosso irmão lhe causava. Eu não duvidava de que Edwin ainda amava Melody, mas era óbvio que já

desistira de sonhar. Agora, vivia para o ódio e para a guerra, com a obsessão de recuperar o que a feiticeira nos roubara.

— Vais desistir do nosso irmão, Cat? — Berchan chegava sempre assim, silencioso e em comunhão com o que o rodeava, como se fizesse parte de tudo; como se fizesse parte de mim.

Fui ferida pela lembrança do momento em que Edwin me arrancara a pedra de Tristan da mão, como se eu me tivesse tornado indigna de guardá-la. Contudo, não havia ressentimento na minha voz quando retorqui:

— O Edwin já foi abandonado demasiadas vezes, nesta vida. Sei que é isso que ele espera de mim, mas não irei rebelar-me para satisfazer a sua ira. Ele pode ter desistido de mim, mas eu não desistirei dele!

Berchan assentiu com a cabeça, sentando-se ao meu lado, em frente à lareira.

— Não esperava outra coisa de ti... Tu és a força que nos une. Só tu poderás ajudar o nosso irmão. O Edwin recusa-se a acreditar que uma criança foi gerada naquela noite. O seu maior sonho era ter um filho, e não aceita que o herdeiro que tanto deseja esteja amaldiçoado. Revolta-se contra o destino que o condenou tão cruelmente, forçando-o a dar vida àquele que, num futuro negro, será o seu maior inimigo.

A angústia de Berchan era também a minha. Se nós perdêssemos a batalha, o filho de Gwendalin seria o senhor do mundo. Se a ganhássemos e conseguíssemos resgatar o menino, Edwin teria de contar-lhe a verdade acerca do seu sangue; isso, se convencêssemos os Feiticeiros a deixá-lo ficar conosco. Partilhando o meu pensamento, Berchan concluiu:

— Se alcançarmos a vitória e sobrevivermos ao cataclismo, a sorte do mundo quedar-se-á nas mãos da tua filha. Só ela terá poder para controlar o primo.

Eu tinha a certeza de que ele dizia muito menos do que sabia. Suspirei pesadamente, mastigando entredentes:

— Antes de nascer, a minha filha já está condenada a viver um pesadelo semelhante ao meu. Ainda não se formou por completo, e já tem uma missão de vida ou de morte, assombrando o seu futuro. Isso revolta-me! Olho para Stefan e Enya, e o meu coração chora,

pois recordo o amor que fui forçada a abandonar e penso que jamais poderei conceder à minha menina a mesma felicidade de que o Bryan desfruta. Ela crescerá sem pai, em permanente sobressalto...

— No entanto, quando tiver idade suficiente, entenderá a tua decisão e respeitará o sacrifício que fizeste para salvar o seu pai. E também aprenderá a aceitar o seu destino, tal como tu aceitaste!

Cega pelas lágrimas, senti o meu coração murchar. Eu jamais me renderia ao destino da minha filha. Porém, havia uma guerra que eu já perdera. Pensar que não tornaria a ver Throst era uma condenação pior do que a morte.

— Acreditas que o acordo de paz poderá ser reafirmado? — perguntei ansiosamente. — Os homens que agora comandam os destinos dos Vikings são muito diferentes de Gunnulf. Será trágico se o Edwin colocar as questões pessoais à frente dos interesses da nossa terra!

Berchan ponderou antes de dizer:

— Tens de compreender que não foi fácil para o nosso irmão entrar em diálogo com os responsáveis pela morte do pai, do Aled e de tantos amigos... Mas fê-lo por vontade dos Aliados e para o bem do povo. Quando aquele homem maldito o traiu, a confiança do Edwin nos Vikings morreu. De nada valerá dizer-lhe que o Líder Supremo ou o futuro rei são diferentes. Se tu queres que ele veja mais longe, terás de dar-lhe tempo para sarar as suas feridas. Insistir, neste momento, só piorará a situação.

— Eu sei. Mas a minha única esperança é provar-lhe que o Throst é um homem bom, merecedor do seu respeito...

— Cat... — Berchan deteve-me, forçando-me a encará-lo. — Isso não depende de ti! Não penses que o Edwin fechou os olhos e os ouvidos ao que se passa no Norte. Agora, mais do que nunca, ele estará atento a todas as decisões do Líder Supremo do povo viking, não só para prever a existência de uma eventual ameaça ou para ponderar a renovação do acordo, mas também porque esse homem conquistou o teu coração. O vosso casamento enfureceu o Edwin, é verdade, mas também o intrigou. As razões por que um homem que só podia receber o teu ódio, mereceu o teu amor, irão batalhar na

sua cabeça. Todos os passos do Throst serão julgados e só o próprio Throst poderá provar o seu valor.

Fechei os olhos, fustigada por uma tempestade de emoções.

— O que é que eu posso fazer, Berchan? — gemi dolorosamente.

— Sê paciente — aconselhou ele, sem hesitar. — Combate o ódio do Edwin com o teu amor, a sua impaciência com compreensão, a raiva com moderação. O nosso irmão convenceu-se de que o seu coração morreu. Se conseguires despertá-lo para a vida, estarás perto da vitória.

— Mas isso pode demorar anos...

— Sim — concordou Berchan sobriamente. — Pode demorar mais do que tu e o Throst podem suportar!

Afundei o rosto no seu peito e solucei desolada. Para ele, era fácil falar! O seu coração não conhecia o extremo tormento que me mortificava.

— Nunca te apaixonaste, Berchan? — surpreendi-me a indagar. Também o meu irmão não esperava por essa pergunta. Franziu o sobrolho antes de responder:

— Não, eu nunca experimentei esse sentimento que perturba o vosso discernimento e governa as vossas vidas. Há quem me julgue abençoado por essa ignorância... Porém, como amante do conhecimento, eu acredito que viver sem sentir a mais forte das emoções não é uma bênção, é uma falha!

A sua explicação foi tão esclarecedora que eu me atrevi a insistir:

— Crês que seja possível amar uma pessoa sem conhecê-la? Saber que se encontrou uma alma gêmea, após um simples contato espiritual?

Esta questão deixou-o estranhamente alarmado. A sua mente, que até então estivera aberta à minha, fechou-se como uma concha importunada por um predador.

— Por que perguntas isso, Cat?

Berchan sabia perfeitamente ao que eu me referia e tentava ganhar tempo para preparar a sua defesa. Mas eu já decidira que não lhe daria tréguas! Sem mais rodeios, continuei:

— Na noite do meu casamento tu estabeleceste um elo profundo com a Ingrior...

— Fi-lo porque essa jovem possuía a energia necessária para eu me manter ligado a ti — atalhou o meu irmão, com um brilho alarmado no olhar. — A minha intrusão não lhe causou nenhum dano!

— Ela viu-te, Berchan! Ela sentiu-te! E, desde então, não parou de pensar em ti.

Surpreendi-me ao verificar que a sua indiferença inabalável se estilhaçava como gelo fino debaixo do calor do sol. Apressei-me a prosseguir, antes que ele recuperasse:

— Eu não quero saber como ou quando isso começou! Só quero que saibas que a Ingrior se enamorou de ti. Ela tem um percurso sentimental trágico...

— E, por isso, segurou-se à ilusão de um homem que sabe que não pode possuir — cortou Berchan, com uma frieza pouco habitual. — A possibilidade de nos encontrarmos é quase tão escassa como a de existir algo entre nós dois. Para mim, ela não passou de um meio para atingir um fim. Sinto muito se errei, mas não resisti a aproximar-me de ti, Cat. Apaga esse sorriso tolo do teu rosto! Entre mim e essa mulher existem todas as barreiras que te separam do Throst e outras ainda mais elevadas. Estás a esquecer-te de quem eu sou?

— Disseste que ambicionas experimentar o amor...

— Experimentá-lo! Não concretizá-lo! Eu não desistiria do meu futuro por uma mulher, mesmo uma especial como a neta de “O Que Tudo Vê”! Achas que me contentaria com as limitações de uma existência humana, quando tenho diante de mim a perspectiva do conhecimento, da força e do poder dos sábios? Não te iludas a meu respeito, irmãzinha! Eu abdiquei de tudo nesta vida para chegar onde estou. O tempo tornou-me frio e ambicioso. Já não posso voltar atrás!

Esta faceta de Berchan desgostava-me. Enquanto o meu irmão falava, refletiam-se nele o egoísmo e a arrogância dos Seres Superiores. A sua mente estava dominada pela disciplina, e só o grande amor que me devotava o forçara a quebrar as regras. Porém, apressava-se a esclarecer que não voltaria a fraquejar. Ao contrário de mim, ele desejava ardentemente o que lhe fora destinado. Os druidas acalentavam a esperança de que Berchan

sobrevivesse ao duelo com Gwendalin e se tornasse um condutor de homens — a voz dos Feiticeiros na Terra.

— Eu não estou iludida! — repliquei, tentando sacudir-lhe a consciência. — Conheço bem a tua nobreza e bondade. És tu quem te iludes, se pensas que algum dia poderás ser mais do que um moço de recados para os Feiticeiros. O fato de nós termos sangue misto pode tornar-nos especiais aos olhos dos Homens, mas nunca aos olhos dos Seres Superiores. Para eles, nós não passamos de bastardos, frutos de ligações proibidas dos proscritos pela sua lei.

— Não fales assim, Cat! — ralhou o meu irmão, indignado e ferido nas suas convicções. — Os Seres Superiores concederam-te a maior das graças ao tornarem-te sua igual!

— Eles não me fizeram nenhum favor! — volvi, recordando as palavras de Throst. — Pelo contrário! Deturparam o meu destino para que eu servisse os seus propósitos...

— Deram-te conhecimento e poder... as dádivas mais preciosas do Universo!

— Estás enganado, Berchan! — murmurei, esgotada pelo seu fervor obstinado. — As dádivas mais preciosas do Universo são aquelas que eles me negaram: o conforto de um lar, o amor do meu marido e a alegria da minha filha.

Ao despedir-me de Hakon, ele surpreendera-me por não me exigir a restituição da Lágrima do Sol. Apertara as minhas mãos sobre o cristal e falara à minha mente:

“Confio-te o meu poder, como te confio a minha vida e as vidas dos povos da Terra. Confia em ti com igual convicção. Quando tiveres de fazer algo, não percas tempo a pensar se serás ou não capaz. Simplesmente fá-lo! Que a força do dragão te acompanhe, Catelyn da Grande Ilha. E que o calor ao sol te proteja e ilumine nos dias de desespero.”

Treinar a Arte com a Lágrima do Sol era um desafio sem fim, que me mantinha ocupada e distraída da cruel realidade. Edwin continuava intransigente no trato, apesar dos meus esforços de reconciliação. Depois do meu desabafo, Berchan também se isolara, como se a sua crença na vitória estivesse abalada. Talvez pensasse

que a minha fraca opinião acerca dos Seres Superiores iria prejudicar o meu desempenho. Ou talvez eu me tivesse revelado uma decepção aos seus olhos, ao menosprezar o poder que ele tanto ambicionava. Conversar com Stefan era um conforto, mas ultimamente Edwin não permitia que o nosso irmão sossegasse. Mal chegava a casa e abraçava a família, Stefan já estava de partida para outra missão arriscada. Certa vez em que o marido nem tivera tempo de descalçar as botas, eu surpreendi Enya a chorar, e a sua aflição forçou-a a desabafar: ficaria Edwin satisfeito se a morte afastasse a felicidade do irmão dos seus olhos?

Tudo o que eu amava e em que acreditava parecia ruir sobre a minha cabeça. Noutros tempos, até poderia ter pensado que esta atribulação fazia parte da maldição de Aesa ou de um feitiço perverso de Gwendalin; poderia mesmo ter baixado a cabeça e mastigado a minha pouca sorte. Porém, eu já não acreditava em coincidências, e a luz que me iluminava a percepção revelava-me sombras de um futuro que se construía em cima das cinzas da minha existência na Terra. Eu já perdera o amor do meu companheiro. Quando perdesse o amor da minha família, nada me prenderia à herança humana e só me restaria entregar-me à vontade dos Seres Superiores.

Numa das noites em que o meu corpo descansava na cama, e a mente batalhava dentro da Lágrima do Sol, o espírito de Aranwen veio até mim e serenou o meu tormento. Demos as mãos, e a melodia doce da sua voz aqueceu-me a alma:

"Afasta a dor e o descontentamento do teu coração, querida. Inspira a brisa fresca que o mar te oferece e aquece-te com o carinho do Sol. Ilumina o teu rosto com um sorriso e enfrenta o futuro sem temor. Os nossos iguais não podem tocar-te, porque tu não lhes pertences como eu lhes pertenci. A força do teu coração é a magia mais poderosa do Universo. Tu és o meu orgulho, minha neta... Tu és a minha vitória!"

Entorpecida por um calor agradável, eu deslizei por entre o céu e o mar, embriagando-me de azul e branco até todas as sombras me abandonarem. Ao longe, uma majestosa vela garrida ondulava orgulhosamente ao sabor do vento, suspensa num navio de um único mastro. O seu destino era um grande arquipélago rochoso,

que escondia uma mancha de verde e castanho, rodeada por um círculo de areia clara. Pequenos pontos fumegantes revelaram-se casas de madeira e colmo — casas de Vikings... No topo da mais alta montanha da ilha, uma grande pedra cintilava com as cores do arco-íris. À sua volta, outras pedras sem brilho inclinavam-se para adorá-la. Lancei-me ao encontro desse resplendor, irresistivelmente atraída pela sua beleza, desejando banhar-me na luz colorida. Porém, no instante em que toquei a pedra, fui envolvida por uma escuridão quente, rasgada por uma chuva de bolas de fogo. Sobressaltei-me alarmada. Eu regressara ao princípio de tudo! De imediato, senti a sua presença, o poder extremo, a força sem igual. Voltei-me lentamente, convicta de que iria encontrar o aterrador dragão, o Guardião da Montanha. Contudo, era Hakon quem me esperava.

Despertei com o nascer do Sol, afundada num desconforto terrível. Enquanto a consciência regressava dolorosamente ao corpo, eu apercebi-me de que a cama estava encharcada. O meu coração saltou no peito ao compreender o que isso significava. A minha filha ia nascer!

Gritei a plenos pulmões por ajuda, enquanto afastava as cobertas. De repente, os meus olhos assimilaram com estranheza a visão dos meus próprios pulsos, descobertos pelas mangas largas da camisa de dormir. Pisquei-os com força, lutando para respirar, perturbada até à alma. Não era uma ilusão! Tatuada na minha carne, com toda a sua magia e beleza, estava a herança do Guardião da Lágrima do Sol.

— Força, menina! Está quase! Força...

Eu nunca poderia agradecer o suficiente a Edwin por ter trazido Bretta novamente para o seio da nossa família. Apesar de ser uma velha resmungona, ela era também uma companheira preciosa e a melhor parteira que uma mulher podia desejar, quando um parto se complicava. O meu sofrimento arrastava-se desde manhã e tornava-se intolerável. Sem nunca se impacientar, as mãos de Bretta tinham o toque da seda, e as suas palavras incitavam-me a lutar para além

do que julgava possível, reanimando forças que eu já dera como extintas.

— Respira, Catelyn... Isso, menina... Agora! Força!

Enya segurava-me a mão e, no meu delírio, pareceu-me ouvir a voz de Ingrior fluir dos seus lábios. Onde estaria a minha irmã de coração?

— Força!

Onde estaria Throst...?

A dor rasgou-me pelo meio e, subitamente, desapareceu. Dei por mim longe do meu corpo, mirando-me com a indiferença de uma desconhecida. A mulher deitada na cama estava feita num farrapo, com o rosto corado encharcado em lágrimas e o corpo esgotado alagado em suor. Ao lado, a janela fechada não era suficiente para me deter. Enfrentei a noite e cavalguei o vento, sobre a terra e sobre o mar, num bater de coração, num sopro de êxtase. E lá estava ele...

Throst dormia um sono atormentado, agitava-se e arfava em agonia. Os seus olhos azuis escancararam-se à escuridão, e ficou sentado na cama, fixando-me como se me pudesse ver.

— Pequena...?

As lágrimas tombaram pelo seu rosto. Eu toquei-lhe e senti a sua pele quente e úmida. Throst era real... Eu não podia estar junto dele! A nossa filha precisava de mim!

No momento em que a sua mão se estendia para retribuir a carícia, eu fui sugada para longe. O apelo desesperado do meu amor feriu-me a alma, enquanto o meu nome ecoava no vazio, misturando-se com os berros de uma mulher que estrebuchava, por entre suor e sangue. A confusão que nos rodeava era tão extrema como a que eu deixara para trás. Uma estranha sensação de reconhecimento apoderou-se de mim quando olhei em redor. Aproximei-me para observar melhor e uma chuva de cabelos vermelhos revelou o rosto da agonizante jovem. Mal contive um grito. É claro que eu reconhecia este quarto! Era o meu antigo quarto! E esta era Gwendalin! A força do seu berro trespassou-me como um ferro em brasa:

— Edwin...

A dor arrastou-me de volta ao meu corpo. Bretta gritava. Enya limpava-me o rosto com um pano. As outras mulheres atarefavam-se com vasilhas de água e toalhas secas, murmurando rezas protetoras. Isto tinha de acabar antes que fosse tarde de mais! Eu queria esta filha! Eu queria a filha de Throst!

Gritei o nome do meu amado, sem perceber o que fazia. O seu rosto, doce e belo, aquecia-me o espírito. Eu amava-o com toda a força do meu ser. E era esse amor que nascia de mim...

Fui invadida por um alívio imenso e fechei os olhos, vencida pelo cansaço. Então, o choro agudo de uma voz vibrante preencheu o meu mundo, e eu senti que renascia com a minha menina. Bretta deitou-a no meu peito e vi pela primeira vez o seu rosto, perfeito e angelical.

Se o meu marido estivesse presente, cumprira os rituais de aceitação e atribuição de nome. Depois, ofereceria um amuleto protetor à sua primogênita e bendiria o nosso amor. Mas Throst não estava conosco. De manhã, ele pensaria que tivera um delírio ou que vira uma aparição. Ou talvez compreendesse que o meu espírito procurara o conforto da sua presença e sofresse... O que ele jamais saberia era que o nosso encontro, apesar de efêmero, me dera alento para viver.

O meu quarto estava em festa. Dois dias após o nascimento de Edwina, eu já recuperara as forças e encarava a vida com um novo ânimo. Enya viera fazer-me companhia e trouxera Bryan. Berchan e Stefan chegaram pouco depois com o irrequieto Aled, que ansiava por conhecer a prima. Bretta ralhava por causa do barulho, mas nada incomodava a minha filha quando tinha a barriga cheia. Edwina dormia a sono solto, aninhada no meu peito, sem nenhum protesto pelo entusiasmo da família.

A algazarra finou assim que Edwin entrou no quarto. Ordeiramente, todos se despediram e saíram. O meu irmão pareceu hesitar antes de se aproximar. A nossa relação estava morna, mas a harmonia de outrora parecia irremediavelmente perdida. Ele continuava magoado e, sempre que me olhava, os seus olhos refletiam a dor da traição. Esperara que eu me comportasse como a viúva de Tristan. Jamais acreditaria que o próprio Tristan desejara que eu fosse feliz.

Estendi-lhe uma mão e Edwin aceitou-a, sentando-se finalmente ao meu lado. O meu sorriso deu-lhe confiança para se abeirar da sobrinha e espreitar. Vi que os seus olhos ficavam molhados e não resisti a acariciar-lhe o rosto. Temi que ele se afastasse, mas, ao invés, Edwin abraçou-me com carinho e beijou-me. Entreguei-me à emoção e chorei com ele.

— Sei que lutaste como uma grande guerreira para superar esta batalha — murmurou, forçando-se a recompor. — Estamos todos muito orgulhosos de ti! E eu quero agradecer-te por teres dado o nome da nossa mãe à tua menina.

O nó que me estrangulava a garganta impediu-me de responder. Edwin concentrou a sua atenção na sobrinha, e eu convidei-o a pegar-lhe. Ele segurou-a desajeitadamente, mas com o mesmo cuidado com que tocaria no seu bem mais precioso. Subitamente, Edwina abriu os olhos e sorriu. O rosto do meu irmão iluminou-se, e eu estremeci ao ouvi-lo sussurrar:

— Tens os olhos do teu pai, pequenina! Serás uma mulher alta, loura... linda! Teremos de armar um exército para afastar os pretendentes da nossa porta!

Engoli em seco, esforçando-me para não soluçar. Se ouvir Edwin gracejar era uma novidade nos tempos que corriam, ouvi-lo falar sobre o assunto proibido era uma vitória sem precedentes. Encorajada pela comoção que colocava lágrimas nos nossos olhos e sorrisos nos nossos lábios, atrevime a confessar:

— O Throst não sabe que é o pai...

O maxilar de Edwin contraiu-se, e eu temi ter estragado tudo. Porém, depois de suspirar longamente, ele acenou com a cabeça e respondeu:

— Eu sei... Tenho de admitir que, apesar de tudo, esse Viking teve um gesto nobre. Os nossos irmãos contaram-me... Acerca do Gunnulf... E do feiticeiro maldito que te armou uma cilada... — O esforço que fazia para controlar a indignação era tão extremo, que lhe cobria a testa de suor. — Juro-te, Cat... Se esse bruxo se atrever a dar um passo na direção da minha sobrinha, eu cortá-lo-ei às postas!

A determinação e a raiva na sua voz revelavam quão sérias eram as suas intenções. Apertei-lhe a mão, profundamente agradecida

por esta trégua, enquanto retorquia:

— Agora que nasceu, acredito que a Edwina já nada tem a temer. O Sigarr não se atreverá a desafiar o Hakon, raptando a sua bisneta. E eu também tenho uma palavra a dizer!

Edwin quedou-se pensativo, ponderando o futuro. Berchan contara-lhe a minha história e, pela primeira vez, eu sentia que esta lhe tocava o coração. Decidi aproveitar este momento, em que as suas defesas estavam baixas, para abordar outro assunto, igualmente delicado, que de forma alguma podia ser ignorado:

— O teu filho já nasceu Edwin. É um rapaz...

Antes que eu pudesse continuar, o meu irmão desatou num pranto convulsivo. Sem saber o que fazer, recolhi Edwina dos seus braços e deitei-a na cama. Edwin afundou a cabeça entre as mãos, gemendo dolorosamente. Eu deixei-o desabafar e só depois prossegui:

— Nós não podemos deixar-nos abater, mano! Vamos recuperar o teu filho e não permitiremos que os Feiticeiros o levem. Será educado dentro da nossa família, dar-lhe-emos muito amor e nada lhe ensinaremos além dos valores mais nobres. Ele tornar-se-á um valoroso guerreiro e nunca sentirá a tentação de rejeitar o caminho da honra. Se as Forças Divinas decidiram que os nossos filhos ficarão ligados até ao fim das suas vidas, tentaremos que eles se unam pelo amor e não pelo ódio!

Tremendo sem controle, Edwin acariciou o rosto adormecido da minha filha. Só depois me encarou, perguntando sufocado:

— Achas... Que isso... É possível? Diz-me a verdade, Cat! Ainda posso ter... Esperança?

— Temos de superar um desafio de cada vez e acreditar que tudo vai acabar bem — respondi com a maior firmeza possível. — O amor pode vencer todas as barreiras!

As minhas palavras pareceram assombrá-lo. Desviou os olhos, antes de contestar:

— Isso não é verdade! Existem barreiras que nem o amor mais sincero e puro pode transpor. — Era óbvio que o seu espírito se afundava num pântano de tristeza. — Eu sei que tu tens visitado a Melody... Obrigado! Ela precisa de uma amiga.

— Edwin, por que não tentas...

— Não, Cat! — Ele deteve-me com um gesto suplicante. — Eu tenho de respeitar a escolha da Melody, por mais que esta me doa. O nosso amor foi amaldiçoado, porque nunca deveria ter nascido. Nós cometemos muitos erros por culpa da nossa paixão. E estamos a pagar por eles...

Neguei com a cabeça, objetando sobriamente:

— Não! Vós estais a castigar-vos, cada um como sabe e pode, pelos infortúnios do destino. Tu tens de aceitar o passado e lutar pelo futuro, Edwin, ou jamais viverás em paz.

CAPÍTULO 18

Se enfrentar Gwendalin era uma tarefa colossal, enfrentar Gwendalin e as tropas de Lorde Cearnach era o que qualquer perito em estratégia militar chamaria uma loucura. Tal como a nossa família conseguira manter a floresta inexpugnável durante décadas, Cearnach McKie aproveitara as vantagens da densa vegetação e dos seus incontáveis segredos e, com a proteção da bruxa, criara um reino de horror impenetrável.

Ninguém que se atrevera a entrar no bosque regressara com vida. Edwin enviara os seus melhores espiões para a morte e concluíra que era inútil. Por mais brutal e suicida que pudesse parecer, a idéia de uma invasão em força era a única alternativa. Para tal, o meu irmão planeava utilizar os túneis do penhasco. Segundo ele, as grutas que desembocavam na floresta e que haviam sido usadas pelos nossos antepassados para atividades menos lícitas serviriam agora uma causa mais nobre. Se conquistássemos a Casa Grande, a feiticeira não nos escaparia, e McKie e os seus guerreiros achar-se-iam cercados.

Apesar de tudo, eu não estava convencida. Mesmo que atravessássemos impunemente os túneis, Gwendalin iria detectar-nos mal pisássemos a floresta. Eu podia cegá-la, mas não sem saber onde se escondiam os perigos, e não por muito tempo, pois esgotar-me-ia antes de enfrentá-la. Portanto, era fundamental conhecer a posição das tropas e as armadilhas de Lorde Cearnach. A idéia surgiu-me espontaneamente. Se nenhum homem sobrevivia às artimanhas da floresta, enviaríamos um animal. Hakon fizera-o para se manter informado das minhas atividades. Eu também poderia fazê-lo, se encontrasse o pássaro certo.

A busca não chegou a iniciar-se. Mal anoiteceu, uma velha amiga de plumagem branca pousou no parapeito da varanda do meu quarto e mirou-me com os seus olhos amarelos, repletos de significado. O entendimento que me unia à pequena coruja

reafirmou-se de imediato. Tal como prometera, Hakon velava por mim. A rapidez com que respondera ao meu apelo era um enigma que talvez nunca encontrasse resposta.

Berchan desenhara um círculo no chão e, no seu interior, um grande olho rodeado de penas. Nós sentamo-nos em redor do símbolo mágico, de mãos dadas e olhos fechados. Os nossos corpos descansavam na pedra, aquecidos pelo calor da lareira e envolvidos pela chama tremeluzente das velas, mas os nossos espíritos sobrevoavam o território que nos pertencera, desvendando os segredos da noite através da visão de uma ave encantada.

Eu sentia o meu coração bater mais rápido a cada movimento das suas asas. O vento sustentava o meu ser e tornava-me deliciosamente livre, furiosamente selvagem. Uma fogueira ardia lá em baixo e alguns homens reuniam-se ao seu redor, estranhamente silenciosos, com as expressões apagadas e o olhar vazio. Adiante, outra fogueira...

As árvores enfurecidas estendiam os ramos para se tocarem, espalhando uma mensagem de sangue e morte. A sombra do medo devorava a noite. Gwendalin andava à solta, qual predador voraz, e caçava almas para alimentar a sua fome insaciável. O solo que os seus pés pisavam vomitava vermes e ervas daninhas. A morte galopava ao sabor do vento.

Quando a coruja regressou, nenhum de nós proferiu uma palavra. Estávamos conscientes do poderio militar de Lorde Cearnach e não necessitaríamos de temê-lo, se não soubéssemos que, sob o controle da feiticeira, cada guerreiro possuía a força de um exército.

Edwin conquistara a Aldeia da Fortaleza há muito, mas nada fizera para erguê-la das cinzas. As poucas casas que haviam resistido ao cataclismo encontravam-se abandonadas e era no forte que as forças Aliadas se organizavam, esperando ansiosamente o regresso do seu líder e o derradeiro combate que lhes devolveria a liberdade.

A nossa viagem foi curta e uma grande festa aguardava-nos. Nessa noite, todos se esforçaram por esquecer que a Grande Ilha oscilava à beira das trevas.

De manhã, Berchan acompanhou-me numa deambulação pelos escombros da aldeia. O cheiro da madeira queimada, do suor e do

sangue ainda empestava o ar. Os ratos buscavam abrigo nas ruínas negras e pútridas. Se eu fechasse os olhos, reviveria com fidelidade cada instante do confronto que mudara para sempre a nossa existência. E o momento em que vira Throst pela primeira vez, em carne e osso, quando nós éramos inimigos declarados.

Tanto mudara desde então...

Durante meses, os espiões de Edwin e os comerciantes haviam trazido novas inquietantes acerca da luta sangrenta travada pelos Vikings contra os mercenários do Norte e o povo vândalo. Há poucos dias, soubéramos que os Vândalos tinham finalmente recuado para o interior da Floresta Sombria, e que os clãs vikings se reuniam para eleger um rei. O nome desse rei era Steinarr, senhor da Aldeia dos Carvalhos, o guerreiro-urso que liderara sabiamente o seu povo na guerra e se transformara no horror dos seus inimigos.

E também muito se falava sobre o Primeiro Homem do futuro rei, Throst, filho de Thorgrim, um guerreiro exímio, responsável pela unificação do seu povo, e um verdadeiro herói na frente da batalha contra os Vândalos. Os homens juravam que os dois líderes vikings combatiam como deuses enfurecidos e havia até quem já tivesse visto o Rei a transformar-se num urso e o seu Primeiro Homem sob a forma de um grande lobo de pêlo cinzento.

Eu escutava as descrições incendiadas dos portadores de notícias em silêncio e com a atenção velada, sentindo muitas vezes o olhar de Edwin a queimar-me a pele, sem nunca me permitir transparecer a mínima perturbação. Contudo, por dentro, exultava com a vitória de Throst, que também era minha... E sofria com a distância imposta, cada vez mais dolorosa, cada dia mais insuportável, enquanto o Inverno se acomodava sobre a Grande Ilha.

Os picos das montanhas vestiam-se de neve, mas o frio que nos envolvia não podia comparar-se ao rigor gélido das Terras do Norte. Eu passava muito tempo a olhar para o mar, embalando Edwina nos braços, com o pensamento mergulhado em recordações. Throst fazia-me falta! Só o azul iluminado dos olhos da nossa filha me dava alento para enfrentar o futuro.

Enya também se consumia de saudades de Bryan e Aled, que haviam ficado ao cuidado de Bretta, na segurança do outro forte.

Edwin decidira que os sobrinhos deviam permanecer afastados do conflito a qualquer custo, para que o nosso sangue não se extinguisse se nós perecêssemos. Porém, eu recusara separar-me da minha filha. Nenhuma estranha a alimentaria, confortaria ou adormeceria, enquanto existisse um sopro de vida em mim. Além disso, a pequena coruja não mais se apartara de nós, guardando o berço de Edwina com a ferocidade de um cão fiel. E, através dela, o espírito de Hakon encorajava-me a avançar.

Um senhor da guerra experiente como Cearnach McKie teria aguardado que o inimigo enviasse os seus homens para a morte na inexpugnável floresta, durante anos e anos a fio, desgastando a sua força e esgotando toda a esperança. Porém, uma mulher impaciente e uma feiticeira agonizante por poder, como Gwendalin, não se podia dar ao luxo de esperar que as pedras de Aranwen lhe caíssem nas mãos por algum prodígio da sorte. Saber que a magia que almejava se encontrava ao alcance de uma batalha, que ela tinha a certeza de que iria vencer, devia estar a destroçar-lhe os nervos. Pelo menos, era essa a nossa esperança!

Durante dias, Edwin, Stefan e os chefes aliados comandaram os seus homens em pequenas ofensivas, destinadas a irritar McKie e a atiçar Gwendalin. O nosso objetivo era atraí-los para fora da floresta e deixá-los acreditar que poderiam esmagar-nos se atacassem a fortaleza. Uma batalha na planície custaria algumas vidas, mas enfraqueceria a posição dos nossos inimigos e dar-nos-ia a oportunidade de avançar com o plano de Edwin. Só a conquista da Casa Grande e a derrota de Gwendalin poriam fim à guerra.

Nessa tarde cinzenta de Inverno, as trompas soaram em desafio e a planície foi inundada pelos guerreiros de McKie, os seus artefatos de guerra e a sua inequívoca certeza de que iriam tomar o forte, protegidos pela influência da poderosa feiticeira que se mantinha oculta pelo manto verde. Antecipando este ataque, os meus irmãos organizaram uma primeira linha de defesa para impedirem o avanço inimigo.

Chegara o momento para o qual nos havíamos preparado. Edwin e Stefan combateriam pela nossa honra. Berchan cuidaria dos feridos que, em breve, começariam a chegar e entregaria ao Criador os espíritos dos que tombassem. Quanto a mim, restava-me garantir

que esta provação seria superada sem que o sangue do meu povo inundasse a terra.

Sofri um forte abalo ao verificar que a pequena coruja branca desaparecera. O espírito protetor de Hakon abandonara-me no instante decisivo. Esforcei-me por não me angustiar com este inesperado percalço e confiei Edwina a Enya. Assumi a minha posição na torre alta, invoquei a força da magia e lancei o poder da minha mente ao encontro dos meus irmãos e dos nossos soldados. Pouco depois, as cornetas sopraram e a batalha começou.

Lorde Cearnach atacou com uma ferocidade implacável, e Edwin defendeu-se com o poder do nosso sangue. Os homens bateram-se, fortalecidos pelos sortilégios de tia e sobrinha. Eu temia pela sorte dos meus irmãos no campo de batalha. As tropas de McKie não se moviam por um ideal; apenas lutavam, porque nada mais podiam fazer. Eram instrumentos de morte e destruição, desprovidos de sentimentos e de consciência; almas capturadas e escravizadas por Gwendalin. Não havia dor no olhar dos guerreiros feridos, que continuavam a combater com os membros decepados e as entranhas de fora. Por mais que me custasse a admitir, o exército sem alma começava a dominar-nos.

A terra banhou-se de sangue e nem a chuva apagou os vestígios da morte. A floresta chorava, e o meu coração pranteava com ela. Muitos guerreiros de McKie haviam rompido as nossas defesas e aproximavam-se perigosamente do forte. A percepção revelou-me que a minha influência já não valia aos guerreiros, pois Gwendalin fraquejava e recuava. Agora, a batalha decidir-se-ia ferro contra ferro, carne contra carne. E, apesar de Edwin me ter ordenado que não saísse, eu não podia ficar de braços cruzados e abandonar a minha gente à sua sorte. Eu era neta de Aranwen, mas também era uma McGraw. Iria combater ao lado dos homens!

O sólido portão abriu-se para me dar passagem, e eu parti sem olhar para trás, sentindo a força do cavalo misturar-se com a minha essência, tornando-nos uma só entidade, poderosa e temível. A pedra azul queimava-me o peito como um ferro em brasa. Diante dos meus olhos estendia-se uma manta de cadáveres, vermelha, verde e preta. Libertei as mãos que controlavam a montada e arrasei com aqueles que tentavam interceptar-me. Eu era o vento

que vergava as árvores, eu era a luz que brilhava no firmamento, eu era o fogo que agitava as entranhas da terra. Eu era uma feiticeira de alma humana e ia salvar o meu povo!

Por pouco, não chegara tarde de mais. Os nossos guerreiros estavam a ser esmagados, e Stefan fora ferido. Temendo pelo irmão, Edwin acabara de ordenar a retirada, no momento em que eu fizera a minha apoteótica aparição. Agora, eram os soldados de McKie que fugiam para a proteção da floresta, desorientados e aterrorizados pelo poder mágico que se atrevia a afrontá-los no terreno, quando a sua protetora já recuara.

Os nossos homens recuperavam rapidamente, por isso eu decidi poupar as minhas reservas de energia. O meu corpo começava a ressentir-se e não seria prudente continuar a esforçá-lo, ou arriscar-me-ia a perder a consciência. Evitando os confrontos diretos, aproximei-me dos meus irmãos, assustada pelo sangue que manchava a armadura de Stefan.

— Leva este teimoso para o forte, Cat! — gritou Edwin, por entre o clamor que nos rodeava.

— Eu posso combater! — insistiu Stefan, decidido. — É só o ombro...

— Já mal te agüentas em pé!

— Tu precisas de todos os homens...

Num ímpeto arrebatado, Edwin apertou o seu rosto pálido entre as mãos e vociferou:

— Eu já perdi dois irmãos, Stefan! Não vou perder mais nenhum!

— Eles estão a fugir, Edwin! Se os perseguirmos agora, temos boas possibilidades de...

O som de uma corneta trespassou-nos e gelou o nosso sangue. Não fora soprada da planície, nem do interior da floresta. O toque arrepiante repetiu-se, e Edwin desatou a correr com toda garra até um ponto alto, de onde era possível vislumbrar o mar. Eu estendi a mão a Stefan e supliquei-lhe que montasse comigo. Perante a gravidade da situação, ele não discutiu.

Não tardamos a alcançar Edwin. O nosso irmão fixava o horizonte, pálido de morte, com o horror de um homem que acabara de perder toda a fé, toda a esperança, diante da nova e gigantesca ameaça que sulcava as águas a grande velocidade, com destino à

praia. O mar estava infestado de majestosos *Drakkar,* tripulados por centenas de homens.

Stefan deu voz ao nosso pensamento:

— Como é que isto é possível? Eles nunca se fazem ao mar no Inverno!

Os lábios de Edwin esboçaram um gemido angustiado:

— Nós não temos força para combater McKie e os Vikings... Estamos perdidos!

Eu não reagi de imediato. A minha mente recusava-se a aceitar o que os meus olhos teimavam em impingir-me. Estes não eram simples barcos vikings... Esta era a frota de Throst! A inconfundível vela vermelha liderava a campanha. Mas como? O mar gelado não os aprisionara na Terra Antiga? A não ser... Que Throst já não estivesse a viver no Norte!

— Não — forcei-me finalmente a responder. — Estamos salvos!

Como se a minha voz tivesse enfurecido os Elementos, uma densa nuvem negra varreu o céu, deslocando-se com uma rapidez aterradora. O choque de energia não tardou a provocar uma tempestade de relâmpagos, que se lançou contra os navios de guerra. A noite cobriu a terra e um tremendo aguaceiro ruiu sobre o mar.

— Mas o que é isto? — tartamudeou Edwin, embasbacado. — Como é possível...?

— Isto é uma manifestação de bruxaria! — exclamou Stefan, com a voz a tremer. — A Myrna quer afundar os barcos.

Eu podia senti-la! Gwendalin estava muito perto, erguendo os braços para enfurecer as ondas do oceano e lançá-las ao encontro daqueles que a ameaçavam. Os seus cabelos agitavam-se ao vento, qual bandeira ensangüentada, os seus olhos chamejavam poder e o seu riso cruel estourou os meus ouvidos, no momento em que uma onda se abateu sobre um barco e o esmagou contra os rochedos aguçados. Mais se seguiriam se eu não agisse rápido.

A prudência e a fraqueza foram totalmente esquecidas, quando eu desmontei e corri até à beira do penhasco. Não permitiria que Throst e o seu povo... o meu povo... encontrassem a morte de forma tão inglória, nem que, para isso, tivesse de esgotar o último fôlego que vivia em mim!

Arranquei a pedra mágica do pescoço e ergui-a sobre a cabeça, enquanto os meus lábios murmuravam um encanto ancestral. Não saberia Gwendalin que eu já vencera o seu mentor neste jogo? O exercício não passaria de uma reles brincadeira, se eu não me sentisse tão debilitada. Fui fustigada pela chuva, e as chicotadas de vento rasgaram-me a roupa, arrancaram-me cabelos e laceraram-me a pele. A bruxa sabia que possuía a vantagem e empenhava todo o seu ardor neste esforço. Mas eu jamais desistiria! Gwendalin lutava por ódio e vingança... Eu lutava por amor!

Nem pestanejei quando o raio me atingiu. A energia queimou-me por dentro, mas agüentei firme, mesmo quando a dor parecia insuportável, apelando a forças que, até então, dormiam no meu espírito. De repente, vi-a diante de mim, o rosto belo desfigurado por uma careta irada e o corpo voluptuoso suado pelo esforço. E desafiei-a, sem medir as conseqüências:

— *Isto é o teu melhor, bruxa?*

— *Maldita!* — vergastou a voz que eu mantivera viva nos meus piores pesadelos. — *Irás morrer, Catelyn McGraw! Irás arder no fundo do inferno!*

— *Talvez...* — repliquei. — *Mas não ainda!*

Agarrei o raio com a força da vontade e arremessei-o para fora da minha carne. A energia ardente atingiu Gwendalin em pleno rosto, e a sua imagem desvaneceu-se. Com um último e extremo esforço, capturei o vento e lancei-o sobre as nuvens, que se rasgaram e dissiparam lentamente. Dois braços fortes rodearam-me, salvando-me de um tombo fatal nas rochas. Não precisei de olhar para saber que Berchan viera ajudar-me. Respirei devagar, assimilando a sua energia para me manter desperta. Não podia desmaiar agora!

A ondulação que quase afundara os barcos embalou-os em segurança até à praia. Assim que os homens saltaram para a água e começaram a correr na areia, reconheci Throst entre eles, envergando orgulhosamente a pele do Lobo Cinzento que habitava a sua alma guerreira.

Edwin reuniu os poucos homens que podia dispensar do confronto contra McKie e bloqueou corajosamente o avanço viking. Ordenou aos irmãos que recuassem para a fortaleza, mas nenhum de nós lhe obedeceu. Berchan observou o ferimento de Stefan e

verificou, aliviado, que fora um corte sem conseqüências. A barra do meu vestido serviu para ligá-lo e estancar a hemorragia. Enquanto descansava junto deles, eu interroguei-me sobre o que iria acontecer quando Edwin e Throst se encarassem. Mantive-me firme, de olhos postos na maré humana que avançava, reconhecendo rostos e escutando as suas vozes aguerridas.

A pequena coruja pairou por cima da minha cabeça, antes de regressar ao forte onde Edwina aguardava pela sua proteção. Compreendi a razão por que ela nos abandonara e tentei inutilmente encontrar Hakon entre os seus. Eu necessitava da sua ajuda para despertar a consciência de Throst e convencê-lo a partir. Ele não devia ter vindo! Esta ousadia podia custar-lhe a vida! Mesmo assim, todo o meu ser vibrava de alegria a cada passo corrido que diminuía a distância que nos separava.

Throst gritou uma ordem e Durin soprou a sua corneta. De imediato, todos os Vikings se detiveram. O capitão continuou ao nosso encontro, num passo firme e decidido, acompanhado por Krum. Os olhos azuis, que eu perdera a esperança de rever, tiraram-me o fôlego, antes de se fixarem em Edwin com a intensidade de dois sóis. A poucos passos do líder dos Aliados, Throst estacou e exclamou com firmeza:

— O meu nome é Throst, filho de Thorgrim. Estou aqui para honrar a palavra dada pelo povo viking a Edwin McGraw, por ordem do nosso rei eleito Steinarr... Lutar e morrer lado a lado!

Enquanto Krum traduzia, eu ponderava o muito que custara a Throst engolir o orgulho e proferir estas palavras. Afinal, além de toda a história que os separava, Edwin já tivera a sua vida nas mãos. Orei para que o meu irmão fosse sensato. Eu apercebia-me do seu conflito. Edwin dividia-se entre as questões pessoais e a perspectiva do apoio de mais de uma centena de guerreiros extraordinários. Desta vez, o senhor da guerra venceu o homem, e Edwin retorquiu, no mesmo tom que Throst utilizara:

— O acordo que celebrei com Gunnulf foi ferido pela traição. Porém, considerarei o gesto do vosso rei eleito como uma prova de boa vontade. Aceito o vosso apoio, Throst, filho de Thorgrim... Iremos lutar e morrer lado a lado!

Todos os meus pêlos se eriçaram quando Edwin proferiu os votos que consolidavam o pacto. Por mais que a ajuda dos Vikings fosse decisiva, era inegável que a situação acabara de escapar-se por entre os meus dedos. Tive essa confirmação logo a seguir, quando Throst empunhou a sua espada e a ergueu, gritando a plenos pulmões enquanto me encarava:

— Irei lutar e morrer pela minha senhora!

Não houve tradução, e um coro estrondoso de vozes uniu-se à do líder:

— Iremos lutar e morrer pela nossa senhora!

Em pânico, eu fitei Krum e tentei chamá-lo à razão:

"Não podeis fazer isto! Esta luta não é vossa!"

Sem sequer pestanejar, ele volveu:

"Esta luta pertence a todos os povos livres! Se a serva das trevas vencer, a sombra da escravidão não conhecerá fronteiras. Não te preocupes conosco, prima. Cumpre a tua missão com serenidade e não desprezes aqueles que desejam partilhar do teu destino."

Eu engoli em seco, cega pelas lágrimas. Krum tinha razão! Se até Edwin fora forçado a espezinhar o seu orgulho, devido às circunstâncias, eu não podia ser egoísta e deixar-me dominar pelo temor. Instintivamente, tomei a espada de Stefan e ergui-a em saudação àqueles homens que o meu pensamento nunca abandonara. Os seus gritos de ovação tornaram-se ensurdecedores, e o amor latejou no olhar de Throst. Porém, eu contive-me de corresponder-lhe. Nessa questão teria de ser irredutível, ou estaria a condená-lo à morte.

Os Vikings instalaram o seu acampamento nas ruínas da Aldeia da Fortaleza. Os nossos soldados regressaram ao forte, esgotados e feridos, mas com a esperança renascida. Apesar de o exército inimigo ter recuado para a segurança da floresta, sofrera baixas consideráveis e demoraria para reorganizar-se, o que nos colocava em vantagem, já que desfrutávamos do reforço dos Homens do Norte. Além disso, todos imaginavam que Edwin planeava uma ofensiva arrasadora que lhes traria uma vitória fácil, embora só os chefes conhecessem o nosso plano. O ideal seria executá-lo nessa mesma noite, mas a minha fraqueza afastou tal possibilidade. Como podia eu enfrentar Gwendalin se mal tinha alento para falar?

Descansei o mais que pude, permitindo que Enya cuidasse de Edwina. Eu tinha a certeza de que Edwin solicitaria a presença de Throst na fortaleza, por isso instruí um dos moços de recados para que me informasse de qualquer novidade. Já era tarde quando o pequeno veio avisar-me de que o seu irmão fora ao acampamento viking chamar o “Lobo Gigante”. Arranjei-me e desci num piscar de olhos. Eu não podia perder este encontro.

Quando entrei no salão, o olhar dos meus irmãos denunciou-me a apreensão de Berchan, a satisfação de Stefan e a contrariedade de Edwin, que se apressou a dispensar-me:

— A tua presença aqui não é necessária, Cat! Volta para a cama!

— O Edwin tem razão — apoiou Berchan, surpreendendo-me. — A nossa vantagem diminui a cada instante que passa. Tens de recuperar as forças...

— A nossa irmã tem todo o direito de assistir a esta reunião! — acudiu Stefan de imediato. — Além de ser uma McGraw, também irá participar na ofensiva e estará mais bem preparada para reagir se conhecer as posições e as intenções de todos os homens.

O meu olhar agradeceu-lhe. Ignorando a recomendação de Berchan e a fúria de Edwin, eu sentei-me num cadeirão e empinei o nariz em desafio. Se eles quisessem livrar-se de mim, teriam de carregar-me até ao quarto! Edwin parecia ponderar essa hipótese, no momento em que as portas se abriram e Throst e Krum entraram. A voz de Berchan ecoou na minha mente, num tom de aceso alerta:

“Não importa o que aconteça, não interfiras! Irás piorar gravemente a tua situação se o fizeres!”

Edwin manteve-se severo e gélido ante a saudação dos Vikings, contrariado por Stefan, que os abraçou calorosamente. Por fim, os visitantes cumprimentaram Berchan com deferência: Throst curioso, Krum muito emocionado.

— É um prazer e uma honra conhecer-te finalmente, primo! — exclamou na nossa língua. — Espero que, em tempos mais calmos, possamos conversar sem pressa ou constrangimento.

Berchan apertou a mão de Krum e retribuiu o sorriso.

— É também esse o meu desejo, primo!

Throst parou diante de mim, curvou-se e beijou-me a mão, prolongando o contato até eu desejar esquecer tudo e cair nos seus braços. A minha tentativa de esconder os pulsos foi inútil. Ele viu o bracelete, símbolo da nossa união, e as tatuagens do dragão, herança da sua linhagem. Os seus olhos brilharam e o rosto iluminou-se num sorriso deliciado.

— Devo agradecer-te novamente pela minha vida e pelas vidas dos meus homens, senhora minha — murmurou respeitosamente, atento ao olhar aniquilador de Edwin. — Estou muito feliz por tornar a ver-te!

Krum apertou-me as mãos e ofereceu-me um sorriso que lhe tocou as orelhas.

— É um prazer encontrar-te bem, prima! Todos nós sentimos a tua falta!

O que se seguiu seria digno de registro. Edwin falava, Krum traduzia. Throst falava, Berchan traduzia. E eu assombrava-me ao verificar as semelhanças que existiam entre o meu irmão mais velho e o meu marido. Se, numa eventualidade que eu nem me atrevia a admitir, um dia eles se enfrentassem, era impossível prever qual dos dois venceria...

Não, não era! Edwin mataria Throst, não porque fosse mais forte, mas porque o movia um rancor que não escutava a razão. O amor que Throst me devotava seria a sua perda, pois não teria coragem de derramar o meu sangue.

Edwin iniciou a conversa num tom crispado e frio:

— Chamei-te aqui, Throst, filho de Thorgrim, porque me constou que és um homem de honra e não um traidor nojento como Gunnulf. Espero que não existam assuntos pendentes entre nós, quando esta conversa terminar.

Throst respondeu-lhe à altura, justificando que o seu povo não apoiara a traição de Gunnulf e que a sua presença na Grande Ilha definia a posição de Steinarr, rei do povo viking, quanto ao acordo firmado. Todavia, Edwin não estava satisfeito:

— Eu já percebi qual é a vontade do rei Steinarr. Agora, quero saber qual é a vontade do homem que tenho diante de mim. Não vou estar com rodeios. A nossa história de vida separa-nos, muito para além das disputas de Aliados e Vikings. Ambos temos

questões pessoais pendentes que tornariam esta reunião impossível em circunstâncias normais. Será que posso confiar realmente em ti, filho de Thorgrim?

O olhar verde chispou de encontro ao olhar azul. Temi que Throst se ofendesse, mas ele permaneceu impassível, mirando-me de relance, antes de retrucar:

— A solução do conflito que vivemos é mais importante do que um acerto pessoal. No que me diz respeito, McGraw, as questões de que falas estão ultrapassadas. Nenhum de nós ganhará em reavivar ódios. Se é da minha lealdade em batalha que duvidas, dou-te a minha palavra de honra que defenderei a tua vida, mesmo à custa da minha, com o mesmo empenho com que defenderei a vida do meu rei, em qualquer circunstância.

Edwin pareceu agradado, mas o seu tom não se suavizou:

— Eu partilho da tua vontade de sanar as nossas divergências. Estou disposto a esquecer as dívidas de sangue e a avançar para um entendimento, para o bem da nossa gente. Porém, antes de mais, quero definir a situação da minha irmã Catelyn. — O meu coração tropeçou ao entender o que ele pretendia. — Tomei conhecimento do que se passou entre vós e devo deixar claro que, apesar de te ser grato pela hospitalidade que manifestaste, fiquei profundamente contrariado por saber que a tomaste para tua mulher...

— Eu apaixonei-me pela tua irmã assim que a vi — cortou Throst, impedindo-o de continuar. — Se sabes o que se passou conosco, compreenderás que casamos porque nos amamos e desejamos ficar juntos. Admito que não foi correto da minha parte ter avançado sem o vosso consentimento, mas desejo remediar essa falha. Farei o que for necessário, segundo as vossas tradições e leis, para que o nosso casamento seja reconhecido por todos e abençoado por vós.

Sentime à beira de um desmaio quando ele terminou. Tudo o que eu devia evitar estava a acontecer. E o Berchan tinha razão! Interferir agora feriria de morte a reduzida esperança que me acalentava. Edwin não tardou a objetar num tom ferino:

— Segundo a nossa lei, o vosso casamento não é válido nem nunca será! A Catelyn está sob a minha proteção, e eu jamais

consentirei nesse desvario! Se realmente desejas a paz, filho de Thorgrim, terás de acatar esta decisão.

Throst fez-se rubro, e eu julguei que era o fim. Quando o seu olhar me procurou, encontrou uma súplica declarada. Porém, apesar de entender a minha mensagem, ele não estava disposto a renunciar ao que lhe pertencia por direito. Respirou fundo e voltou a enfrentar o meu irmão, rebatendo entredentes:

— Para ti o amor é um desvario, McGraw? Acreditas que a união sagrada de um homem e de uma mulher, debaixo do olhar dos deuses, profetizada antes do nascimento de ambos, pode ser contrariada pela má vontade de um homem?

Quando Berchan acabou de traduzir, o rosto de Edwin estava mais afogueado do que o de Throst.

— Este é um assunto onde tu não tens poder de argumentação, filho de Thorgrim — replicou, perigosamente baixo. — Eu não admitirei que te aproximes da Catelyn! Se a minha resolução não te agrada, reúne os teus homens e volta para casa.

Throst cerrou os punhos, e eu receei que ele fosse mandar Edwin para o inferno. Contudo, mais uma vez, o guerreiro-lobo provou a sua moderação, replicando friamente:

— A minha palavra é apenas uma, McGraw! Jurei que lutaria ao teu lado e a nossa divergência em nada altera a minha determinação. Contudo, devo avisar-te de que esta questão não está encerrada! A Catelyn é minha mulher e eu não desistirei dela... Nunca!

Sem permitir resposta, saiu desembestado com Krum a correr atrás, para acompanhá-lo.

Eu sentia-me capaz de agredir Edwin, de lhe arrancar a pele da carne, a carne dos ossos... Por que introduzira ele um assunto tão delicado, num momento em que devíamos celebrar o início de uma trégua? Como pudera exporme a tamanha humilhação e sofrimento, sem sequer me consultar? Eu estava prestes a atacá-lo com toda a ferocidade da minha indignação, quando Stefan se adiantou:

— Como te atreveste, Edwin? — gritou exaltado. — O homem tinha acabado de te declarar a sua lealdade, pelo amor de Deus! Tens noção do muito que podias ter comprometido com essa tua teimosia alucinada?

— Eu limitei-me a testar a sua sinceridade! — volveu Edwin com indiferença. — Além disso, não podia permitir que esse selvagem pensasse que tinha o direito de exigir os favores da Cat, em troca da sua colaboração!

— Eu não acredito no que estou a ouvir! — Stefan levou as mãos à cabeça, profundamente revoltado. — Não tens respeito por ninguém? Não existem, para ti, sentimentos sagrados? É evidente que eles se amam! O Throst travou uma dura batalha contra si próprio e a opinião do seu povo, pelo amor da nossa irmã! E, quanto a ela, está diante dos teus olhos a crueldade que acabaste de cometer! Após eles terem ultrapassado tantas dificuldades, serás tu que irás impor-lhes a distância? É esse o teu conceito de justiça?

— Eu não vou discutir contigo! — Edwin deu-nos as costas e preparou-se para partir.

— É claro que não! — berrou Stefan descontrolado. — Sempre que o assunto envolve qualquer sentimento profundo, Lorde Edwin McGraw foge como um cachorro amedrontado. — Edwin estacou e eu receei o pior, mas Stefan não se deteve: — Quão ingênuo foi o Throst, ao apelar para a compreensão do seu amor a alguém que deixou o próprio coração morrer! Já mal te reconheço, irmão! Onde está o jovem apaixonado que todos amávamos? Onde está o homem que combatia a injustiça com todas as suas forças? Não podes condenar a felicidade dos outros só porque não tens coragem de buscar a tua! O Throst é um excelente homem e um dos melhores guerreiros que eu tenho a honra de conhecer. Dentro do nosso povo, a Cat não escolheria melhor!

Edwin encarou um Berchan sombrio, uma Catelyn prostrada e um Stefan incandescente de fúria, antes de sair sem se dignar a responder.

Foi Stefan quem procurou Throst para lhe explicar o nosso plano de ataque e as armadilhas da floresta. Eu forcei-me a descansar e a esquecer. A severa disciplina que adquirira na Terra Antiga ajudou-me a concentrar-me apenas na minha missão. Não podia falhar àqueles que confiavam e arriscavam a vida por mim. Tinha de ignorar a minha desdita e seguir em frente.

Nessa noite, enquanto os Vikings cercavam a floresta, nós invadíamos as grutas e percorríamos as entranhas da terra, com a firme convicção de que iríamos travar, na casa onde nascêramos, a batalha que decidiria as nossas vidas.

Edwin ia adiante, assumindo-se como o líder da família. Eu não lhe falava desde a discussão e questionava-me se voltaria a fazê-lo. Era-me impossível exprimir por palavras o quanto ele me magoara. O que pretendera afinal? Mostrar que era ele quem mandava? Provar que a sua vontade imperava sobre a nossa? Eu sabia que devia obedecer-lhe, mas não tinha de ficar contente por isso! Aliviava-me a certeza de que, se o pesadelo terminasse com o nosso triunfo, Stefan não abdicaria da sua felicidade e paz de espírito para definhar junto do frustrado Edwin. Pelo menos um de nós ultrapassaria a maldição com a cabeça erguida.

Berchan seguia ao meu lado, silencioso como uma sombra. Os seus pensamentos estavam vedados, mas eu tinha a certeza de que não divergiam dos meus. Berchan só não se insurgira contra Edwin porque ainda acalentava a esperança de salvá-lo das trevas. Eu já não sabia no que acreditar.

Após o nascimento de Edwina, Edwin aproximara-se bastante. Era louco pela bebê e tratava-a como se fosse sua filha. Porém, a chegada de Throst reavivara a sua mágoa e distorcera-lhe a vontade, colocando-o novamente longe do nosso alcance.

Depois de uma caminhada que me pareceu interminável, o túnel desembocou exatamente onde Edwin previra. Graças ao apoio da coruja, nós sabíamos onde enfrentar a resistência, por isso atacamos com precisão e eficácia, surpreendendo o inimigo. Ao amanhecer, chegamos à Casa Grande, onde esperávamos encontrar Gwendalin vulnerável, já que Lorde Cearnach combatia na frente da batalha. Eu percebi que algo estava errado assim que nos aproximamos. O ar cheirava a morte, tresandava a desgraça... maso que realmente o empestava era o silêncio. Nunca se ouvira um sossego assim, profundo como uma barreira impenetrável.

Rever a casa onde nasci e cresci causou-me uma forte repulsa. Tudo estava impregnado de maldade, conspurcado pela mão da feiticeira. O jardim mais parecia um pântano esquecido pela esperança. Não existiam flores ou arbustos que tivessem

sobrevivido à ocupação de Gwendalin, e até as ervas daninhas dificilmente cresciam na escuridão podre e nauseabunda. Os nossos guerreiros entreolhavam-se apreensivos, enquanto avançávamos, ocultos pelos esqueletos cinzentos das árvores.

Não havia uma janela aberta, mas a porta sólida estava escancarada, meio tombada nos gonzos como se tivesse sido arrombada. A casa encontrava-se mergulhada na mais completa escuridão. Troquei um olhar com Berchan, apenas para confirmar que também ele não detectava a presença de nenhuma criatura viva. Fiz sinal a Edwin para que me deixasse passar. Antes que se acendesse qualquer luz, eu queria certificar-me de que não seríamos vítimas de uma armadilha.

Um vento gélido soprava encostado às paredes, e era dele que provinha o fedor que eu sentira lá fora. Não tardei a perceber a razão e, só a custo, abafei um grito. Sacudida por arrepios de horror, criei uma chama na palma da minha mão, para que todos testemunhassem o pesadelo que se estendia diante de nós. Os guardas da propriedade não nos haviam interceptado porque estavam mortos. Os seus cadáveres jaziam pelo chão, empilhados em posições estranhas que denunciavam uma agonia extrema. Gwendalin continuava a necessitar de alimentar-se de vida e não hesitara em sacrificar aqueles que Lorde Cearnach deixara para protegê-la.

— A bruxa não está aqui — constatei, fixando o assombrado grupo.

— Mas não partiu há muito — informou Stefan, examinando os corpos. — Eles ainda estão quentes!

— Myrna esteve a recolher energia para regenerar o seu poder — concluiu Berchan a meia voz.

— Decerto pressentiu a nossa chegada e fugiu sem demora — continuou Stefan.

— Então, não pode estar longe! — replicou Edwin irado, com a frustração a latejar-lhe nas faces. — Não conseguis descobrir para onde ela foi? Cat? Berchan?

Apesar de falarmos baixo, as nossas vozes ecoavam como trovões. Dei por mim a recordar-me das palavras de Sigarr, com os sentidos bloqueados pela maldade da criatura que destroçara o

nosso lar. Gwendalin não tinha respeito pela vida, pela beleza, pela inocência, nem mesmo quando podia usá-las em proveito próprio como o mestre da Arte Obscura fazia. Enquanto Sigarr se rodeava de opulência, a sua pupila aniquilava e consumia tudo em que tocava.

Berchan permaneceu em silêncio, sofrendo para além do meu entendimento, como se os anos de treino intenso não o tivessem preparado para enfrentar tamanho horror. A custo, eu concentrei-me e estudei a energia que nos envolvia. Não existia uma alma viva dentro da casa.

— Preciso de tempo, Edwin — murmurei sufocada. — A pressão é muito grande...

— Eu não estou a pressionar-te, Cat! Fica calma! Talvez a casa nos revele algo acerca do paradeiro da bruxa.

O grito de um soldado fez-nos saltar, alarmados. Corri atrás dos meus irmãos, seguindo as velas suspensas nos castiçais, acesas pelos homens na sua exploração. No salão esperava-nos a maior das comoções. Aquele que fora o espaço de eleição para as festas dos McGraw encontrava-se vazio. Todos os móveis, tapeçarias e peças de arte tinham desaparecido e, também ali, os cadáveres se amontoavam. Porém, não eram soldados de McKie, mas velhos amigos nossos – os criados da casa, que Gwendalin não permitira que partissem após a batalha da Enseada da Fortaleza. Os seus corpos haviam sido mutilados, e o sangue, usado para escrever os nomes dos herdeiros de Aranwen nas paredes nuas.

Enquanto os meus olhos percorriam esta abominação, deparei com uma única cadeira no centro do salão — a cadeira de balouço que pertencera à Senhora Edwina. Sentado nela, estava um esqueleto, vestido com um rico traje de noite. Nenhum dos McGraw precisou de se esforçar para reconhecer o corpo profanado da nossa mãe.

— Maldita! — berrou Edwin, libertando o fulgor do seu ódio. — Revela-te, criatura hedionda! Enfrenta-nos, se tens um pingo de coragem!

Berchan recolheu-me nos seus braços, enquanto Stefan cobria os restos mortais da nossa mãe com a sua capa. Amparada pelo meu irmão, eu voltei as costas à visão pavorosa e chorei até perder as

forças. Ouvi Edwin ordenar que sepultassem a Senhora Edwina no terreno que fora o seu amado jardim e, depois, os guerreiros espalharam-se para se certificarem de que a área estava segura e de que, nem a bruxa nem Lorde Cearnach, tornariam a pisar na nossa propriedade.

Os cadáveres foram removidos para o exterior, onde aguardariam pelas devidas homenagens. Muitos dos nossos criados haviam-se convertido à fé cristã, e eu tinha a certeza de que eles desejariam que um padre estivesse presente para entregar as suas almas a Deus. Já que não pudéramos valer-lhes em vida, pelo menos dar-lhes-íamos um funeral digno.

O tremor de Berchan era indisfarçável. Gwendalin atingira-nos no que guardávamos de mais puro e sagrado. Stefan aproximou-se e pediu-nos que observássemos as paredes. A nossa perturbação não nos permitira reparar num detalhe grave. A bruxa escrevera apenas cinco nomes: Aled, Berchan, Stefan, Quinn e Catelyn. Cinco vítimas! Era óbvio por que razão o nome de Fiona não constava... e adivinhava-se que Gwendalin também tinha outros planos para Edwin, que não a morte. Mesmo ao nosso lado, ele libertou um gemido angustiado:

— Esperava que o meu filho estivesse aqui... Vivo ou morto... Eu só queria encontrá-lo!

Ninguém soube o que responder. Gwendalin certamente fugira com a criança para longe do nosso alcance. Abracei Edwin sem ressentimento, comovida pelo seu desgosto e partilhando da sua dor. Não podíamos continuar zangados. A desunião seria o nosso fim.

— A bruxa também levou a nossa irmã — mastigou Stefan, estrangulado pela impotência. — Lamento, mas acho que não conseguiremos deitar-lhe a mão tão cedo!

Eu sentia-me à deriva, e Berchan estava da cor das vestes que o cobriam. Apesar de tudo, foi Edwin quem reagiu primeiro:

— Não vamos cruzar os braços e chorar só porque falhamos uma ofensiva. Temos de aproveitar esta vantagem. Stefan, tu ficarás aqui com homens suficientes para defender a nossa posição. A Casa Grande não tornará a cair no domínio daquela maldita! Berchan, tu regressarás ao forte com uma pequena escolta. Lá, os homens

precisam dos teus cuidados. E tu, Cat... — Segurou-me pelos ombros e fixou o meu olhar. — Virás comigo ao encontro das tropas? A tua presença irá moralizar os guerreiros. A bruxa pode ter escapado, mas nós não perderemos a guerra contra McKie!

Edwin não precisava de esforçar-se para convencer-me. Já que o confronto com Gwendalin não terminara como nós planeávamos, pelo menos lutaríamos pela libertação do nosso povo.

— Muito bem, homens! — continuou ele, reagrupando-os e distribuindo as ordens. — Vamos ao encontro do traidor! Lutaremos com toda a nossa garra para que Cearnach McKie não vislumbre outro amanhecer! Pela paz! Pela Grande Ilha! Pelo nosso futuro!

O clamor ensurdecedor dos soldados abafou o fulgor do líder.

Corremos ao encontro da retaguarda do ataque daquele que fora o melhor amigo do nosso pai, que nos segurara ao colo, que comera à nossa mesa e que, tal como tantos outros, vendera a alma à demoníaca feiticeira. Vestida como os guerreiros, eu misturava-me sem dificuldade, lutando pelo mesmo sonho, entregando a vida com um sorriso nos lábios, para que os nossos filhos pudessem conhecer o calor da paz. Porém, a minha mente não se preenchia com o frenesi que impelia os homens adiante, de espada em riste. O meu instinto avisava-me de que nada do que deixávamos para trás fazia sentido.

Por que razão Gwendalin abandonara a casa, que poderia servir-lhe de refúgio durante muitos dias, e ainda se dera ao trabalho de engendrar tão gigantesca e macabra encenação? Era evidente que a sorte da guerra já não lhe importava. Agora que Lorde Cearnach deixara de servir os seus propósitos, ela desamparara-o, tal como entregara à morte todos os homens que a tinham amado. O filho e Fiona eram os únicos a quem devotava o seu afeto... e a Edwin... Teria a bruxa recuado para poupar a vida do meu irmão, desistindo das suas ambições imediatas para ver o filho crescer e, mais tarde, tentar atrair Edwin usando a criança como isco? Não! Gwendalin jamais desistiria de destruir a nossa família e apoderar-se das pedras mágicas! E o próximo alvo seria Berchan. A maldição assim o ordenava.

Sem a proteção de Gwendalin, os soldados de McKie tombavam como moscas. Nem o esconderijo das árvores os salvava, pois eu

sentia o cheiro da traição e forçava-os a enfrentar a sua sorte. Não descansaria enquanto não limpasse a minha floresta desta praga! Muitos já haviam desertado e outros tantos entregavam-se como prisioneiros. Os que não se rendiam pereciam no ferro de Edwin e dos seus bravos. Utilizamos os cavalos que íamos encontrando para avançar sem temor. Já muito perto, os berros aguerridos dos Vikings estrondeavam. Então, de súbito, os meus ouvidos distinguiram claramente o pio longo, agudo e inconfundível da coruja de Hakon, sobrepondo-se ao clamor da batalha.

— Edwin — gritei. — Ouviste?

— O quê?

— A coruja...

— Que coruja, Cat? — retrucou Edwin, enquanto sacudia um inimigo que saltara de uma árvore, tentando derrubá-lo do cavalo, e o trespassava com a espada. — O pássaro não ficou no forte?

O apelo repetiu-se e, desta vez, eu compreendi a razão por que o meu irmão não o escutava. A coruja não viera até nós. O seu alerta destinava-se apenas ao meu espírito.

— Edwina... — murmurei, engasgada pelo pânico, ao recordar o que há pouco concluíra acerca das prioridades da caçadora de pedras mágicas. — A bruxa está atrás do Berchan... Edwin! — bradei, sentindo a ameaça esmagar-nos. — Temos de ir para o forte! Já!

Galopei com o vento, atravessando o campo de batalha durante a noite, alheia ao perigo. Cega de desespero, passei pelos homens de McKie, por Aliados e Vikings, sem os distinguir. A concretizar-se o meu temor, nós estaríamos perdidos! Mesmo que Berchan chegasse a tempo de enfrentar Gwendalin, não conseguiria vencê-la sozinho. A maldição faria mais uma vítima, e a minha filha ficaria à mercê da bruxa.

Quando entrei no forte, com o Sol a erguer-se para um novo dia, questionei-me sobre a minha lucidez. Estaria o cansaço a pregar-me uma partida? Eu não sentia a essência de Gwendalin e via-me rodeada pela normalidade possível de um reduto de guerra, onde os homens se atarefavam com a defesa e a chegada dos feridos. De acordo com os sentinelas, ninguém passara pelo portão sem ser

identificado e revistado, como Edwin ordenara. Só me restava encontrar Berchan para acalmar a minha angústia... Fui trespassada por espigões de gelo, quando o meu apelo mental confirmou o pior. O espírito de Berchan lutava desesperadamente contra uma sombra densa que ameaçava devorá-lo... e cedia agonizante, cada vez mais fraco.

Gritei por Edwin e segui o apelo da coruja, que surgia por cima das nossas cabeças e nos conduzia até à torre onde ficava o meu quarto... o quarto de Edwina. Por isso Gwendalin se dera a tanto trabalho! Neste momento, o seu principal objetivo era eliminar a minha bebê, para assegurar o destino do seu filho.

Irrompi pelo quarto, com Edwin empunhando a sua espada atrás de mim, e deparei com dois corpos estendidos no chão. Enya estava desacordada junto do berço de Edwina e, a poucos passos, Berchan jazia prostrado, cinzento como um cadáver. O instinto de socorrê-los foi abruptamente cortado pela percepção de uma mulher majestosa e elegante, que se movia com tal leveza que dir-se-ia que o próprio ar assumira a forma humana.

Gwendalin enfeitara-se como se fosse para um baile. O seu vestido escarlate, decotado e vaporoso, fazia um contraste impressionante com a sua pele branca. Ao pescoço, trazia um colar de ouro com cinco pedras penduradas: uma laranja, uma violeta, uma verde, uma vermelha... e uma branca! Os seus cabelos rubros estavam presos por uma tiara e ganchos que seriam a inveja de uma rainha. Não envelhecera um dia e, se possível, estava ainda mais bonita. Rasgou um grande sorriso, como se jubilasse por encontrar velhos amigos, e cumprimentou-nos na sua voz de rouxinol:

— Mas que prazer inesperado, encontrar os meus enteados reunidos! O vosso irmão ficou tão emocionado por me rever, que até perdeu os sentidos! — Riu do seu próprio gracejo e levou a mão ao pescoço, deslizando a pedra branca por entre os dedos. — O Berchan sabe como agradar a uma mulher! O seu presente deixou-me imensamente feliz. Em breve, terei a maior prova do vosso afeto... as sete pedras no meu colar!

As minhas entranhas contorceram-se e o meu sangue ferveu. Dei um passo em frente e cerrei os punhos, enquanto bradava:

— Se mataste o Berchan, bruxa maldita, eu...

— Minha querida, Catelyn! — cortou ela, fingindo-se horrorizada. — Tomas-me por uma simplória sem imaginação? Para o druida, a morte seria muito simples, definitiva e reconfortante. Não! O Berchan não está morto! Só está fora do alcance dos mortais... num lugar onde a sua alma virtuosa terá oportunidade de medir forças com os horrores do outro mundo. Estou convicta de que ele irá divertir-se... Tanto como nós!

Ergueu uma mão, e eu senti a pressão da sua vontade a esmagar-me os ossos da cabeça. Construí dolorosamente uma proteção, apelando ao treino e aos ensinamentos dos cristais. Por enquanto, a feiticeira não conseguiria vergar-me, mas a minha resistência não perduraria. Há dois dias que eu mal dormia e comia, ao mesmo tempo que me submetia a um esforço físico e mental violento. Estava trêmula e transpirava inquietação. Diante de Gwendalin, enfrentando a derrota de Berchan, toda a minha confiança se desmoronava. Ao meu lado, Edwin experimentava um tormento semelhante. Porém, a sua mente não possuía defesas. O meu irmão era novamente um escravo dos caprichos da bruxa.

— Tive tantas saudades tuas, meu valoroso guerreiro — miou Gwendalin, acariciando-lhe as faces e o peito. — O mais bravo de entre os bravos, o mais puro de entre os puros... O mais belo de entre os belos! — Os seus lábios, da cor dos morangos maduros, esboçaram um sorriso sedutor. — Acreditas realmente que podes resistir-me, Edwin? Pensas que a tua mente me esconde segredos? Estás a perguntar-te... O que fazer? Entregar a preciosa irmãzinha à morte... ou ceder? Julgas que te deixarei escolher? Tudo o que eu quero está ao meu alcance: a pedra azul no pescoço de uma falhada, e a pedra amarela no pescoço de um imbecil. O que me falta? Oh, sim! Falta-me decidir o que fazer contigo! Mas isso só dependerá de ti, meu amante ardente... Sabes que dei o teu nome ao fruto do nosso amor? O nosso Edwin nasceu com os teus olhos, os teus cabelos, a tua força, a tua garra... e o meu poder!

A dor de Edwin trespassou-me. As lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas o corpo não lhe obedecia. Para mim, também era difícil reagir, mas teria de fazê-lo ou estaríamos condenados. Contudo, só no momento certo...

— Tiveste uma linda menina, Catelyn — continuou ela, presenteando-me com a sua atenção. — Uma princesinha abençoada! A filha do líder da alcatéia! O grande Sigarr ficará possesso quando descobrir o logro. Mas não te preocupes! Eu poupar-te-ei ao incômodo de enfrentá-lo. Em breve, o Sigarr morrerá. Porém, lamentavelmente, tu também não viverás o suficiente para testemunhares a minha vitória! Quanto à tua cria...

Esboçou um gesto na direção do berço, e eu reagi instintivamente, rugindo com a exaltação de uma fera atacada:

— Não te atrevas a tocar na minha filha!

— E quem me impedirá? — escarneceu Gwendalin. — Tu?

Ver Edwina em perigo fez-me esquecer a razão. Reuni todo o meu ímpeto num só fôlego e arremessei uma bola de chamas contra a funesta criatura. O meu coração parou quando ela amparou a esfera ardente com um gesto simples, gargalhando estridentemente:

— O nosso mestre ensinou-te bem! — O seu rosto desfigurou-se num esgar de desprezo. — Sinto muito, querida... Mas eu já sei fazer melhor!

Devolveu o fogo e, só a custo, eu consegui proteger-me. Contudo, o esforço arrasou-me e acabei por cair desamparada, destroçada pelos urros hilariantes da minha inimiga:

— Pobre criança! Os teus mentores não te ensinaram a não desperdiçar energia se não puderes recuperá-la rapidamente? A nossa troca de mimos deixou-nos exaustas! Felizmente, eu tive muitas fontes de energia para me restabelecer. Aqueles belos rapazes, cheios de vitalidade, entregaram-se à morte com um sorriso nos lábios; tudo por um beijo meu! Deverias ter aprendido como se faz, em vez de perderes o teu tempo com magias menores!

Enquanto Gwendalin se vangloriava, eu repreendia-me severamente. E se ela se tivesse lembrado de atacar Edwina com o fogo? Eu fora muito imprudente! Tinha de acalmar-me e afastá-la da minha filha a todo o custo! Forcei-me a não reagir quando a bruxa me atirou contra a parede. Fiquei suspensa no ar, sem piscar os olhos, ouvindo-a ronronar:

— Eu podia matar-te já... Mas, seria demasiado fácil, demasiado rápido e sem sabor! Vamos tornar este momento inesquecível, Catelyn...

A espada caiu da mão de Edwin, e o seu corpo possante foi arrastado até Gwendalin. Senhora da sua vontade, ela tocou-lhe no rosto e murmurou enlevada:

— Tens o perfil de um rei, meu amor! — Esticou-se para beijá-lo nos lábios. — Juntos faremos coisas maravilhosas! E o nosso filho será um deus na Terra!

Horrorizada, eu vi os braços do meu irmão estreitarem a bruxa, enquanto a sua boca a devorava com uma paixão violenta. Ela gemeu, arrebatada pelo ardor, e mal teve força para afastá-lo.

— Calma, querido! Ainda temos muito que fazer... — Recuou um passo, apontando para mim. — Para começar, mata essa imbecil! Os seus criadores pagarão caro pela ousadia de me afrontarem com uma criatura tão estúpida!

Eu sabia que a possessão de Edwin era real. Os seus olhos estavam escuros, raiados de sangue, e os seus dentes expostos na boca que espumava de raiva, quando agarrou na espada e carregou sobre mim. Na sua mente, eu assumia a forma de um monstro grotesco que ele devia chacinar. Gwendalin adquiria o controle dos homens que possuía... E, de todos, Edwin fora o que ela mais marcara! Mas ele ainda era meu irmão! Soltei a voz e clamei:

— Pára, Edwin!

A bruxa vacilou, ao constatar a fragilidade de um domínio que acreditara ser absoluto. De imediato, tentou vergar a minha resistência mas, desta vez, eu reagi. O meu irmão quedou-se diante de mim com a espada erguida, tremendo convulsivamente, atordoado pelo duelo que eu travava com Gwendalin dentro da sua mente.

— Não a deixes controlar o teu espírito! — estrondeei como um trovão. — Liberta-te, Edwin! Tu tens o amor da nossa mãe, o vigor do nosso pai e a magia da nossa avó dentro de ti! Resiste! Luta!

Edwin arremessou a espada para longe, com um uivo lancinante. O ruído do metal ecoou pelo quarto, enquanto ele apertava a cabeça entre as mãos e tombava de joelhos. Concentrei toda a força que me restava no olhar de Gwendalin, e ela guinchou em agonia, recuando para se defender. Livre do seu domínio, eu caí pesadamente no chão e rastejei até ao meu irmão, abraçando-o.

— Nós somos seis, mas somos um só! — arfei, com os olhos cheios de lágrimas, sentindo o seu tormento a rasgar-me a alma. — Temos de conseguir, Edwin! Temos de salvar o nosso futuro!

Antes que eu pudesse impedi-lo, Edwin atacou a bruxa, berrando enlouquecido. Para não magoar o homem que desejava, Gwendalin foi forçada a paralisá-lo, e essa distração deu-me tempo para arremeter contra ela e afastá-la do berço de Edwina.

Lutamos como gatas assanhadas. A nossa carne rasgou-se e o sangue escorreu. As garras de Gwendalin enterravam-se na minha pele, sem que eu conseguisse contrariar a sua força. Enquanto me cravejava de dor, a bruxa tentava apossar-se da minha vontade, profanando a minha mente. Fui arrastada para a podridão da sua consciência e afundei-me no negrume glacial da sua alma, onde centenas de vozes condenadas se erguiam em gemidos de desespero e uivos de angústia. Os rostos das vítimas de Gwendalin envolviam-me e sugavam-me a vitalidade, procurando um alívio para o seu tormento. A energia obscura entrava em mim e queimava-me as entranhas, ameaçando rebentar-me por dentro. Sigarr ensinara bem a sua pupila, mas ela aperfeiçoara em muito a magia negra. O que lhe faltava em destreza sobrava-lhe em maldade.

A nossa fúria física arrastou-nos até à varanda, sem que nos apercebêssemos. Os nossos corpos suspendiam-se no ar e das nossas mãos brotavam labaredas e gelo, enquanto as duas mentes guerreavam com o ardor do nosso poder. Sobre nós, o céu escureceu, e o Sol cobriu-se com um véu púrpura. A nossa exaltação atraía raios de energia primitiva que se espalhavam pelas ilhas e por cima do mar, carbonizando tudo onde tocavam. A floresta começou a arder, e os gemidos agoniados das árvores rasgaram os ouvidos dos Homens. O solo fendeu-se, e a rocha separou-se, engolindo casas e vidas. O mar recuou e sob a areia formou-se um manto de gelo preto. O líquido ardente que vivia no coração da Terra começou a subir, misturando-se com o pulsar do nosso sangue.

Gwendalin era o demônio de que os Cristãos falavam; um ser grotesco, sedento de dor humana, insaciável por horror, destruição e morte. E a sua força crescia sem controle, extraída do interior da Terra, das profundezas do mar e do fogo das estrelas. As pequenas

partículas eram estupradas na sua essência, para servirem a vontade da feiticeira, sugadas ferozmente até a sua energia se extinguir e nada restar além de um desmesurado vazio, para onde eu era empurrada... onde o fim me aguardava.

O caos que nos envolvia foi atravessado por um pássaro que se lançou sobre mim. As suas asas chicotearam-me o rosto, e a frágil resistência que ainda me sustinha foi irremediavelmente perdida. Esmaguei-me contra a parede do forte e tombei no chão de pedra, com um gemido de dor. Nesse lapso de tempo irreal, reconheci na coruja de Hakon a responsável pela minha derrota e quase enlouqueci de desespero. Era o fim!

O urro vitorioso de Gwendalin abafou o clamor exaltado dos Elementos. As fendas abertas no solo enchiam-se de fogo líquido. Os raios caíam ao nosso redor, espalhando-se como água sobre a pedra. Encarei a inimiga de todos os seres e encontrei-a envolta numa névoa de brilho negro, com os cabelos esvoaçando em labaredas fulgurantes. O seu braço esbelto ergueu-se devagar, enquanto a sua voz vibrante me lacerava a essência, prenhe de ódio e poder:

— Chegou o momento de enfrentares o teu destino, Catelyn da Grande Ilha... Acredita que nunca existiu outro! Este será o maior prazer...

Subitamente, os seus olhos esbugalharam-se e o seu corpo inclinou-se num trejeito agonizante. Sufocada pelo assombro, eu verifiquei que o pescoço elegante da minha inimiga fora trespassado por uma flecha, e o sangue escorria pela sua pele de leite, com o vigor de um riacho no Inverno. O meu olhar seguiu o de Gwendalin e encontrou Throst empoleirado no torreão vizinho, preparando-se para disparar outra vez. Nesse instante eterno, compreendi que a coruja me atacara para abrir caminho ao guerreiro-lobo. Outra flecha já cortava o ar, mas a feiticeira desfê-la em pó antes que a atingisse, apontando os dedos carregados de energia ao arqueiro.

— Não...

O meu grito perpetuou-se no tempo. Uni as mãos e lancei uma bola de fogo contra Gwendalin. Atingida em pleno peito, a bruxa cambaleou e os raios que disparava falharam Throst por um triz. Ele conseguiu segurar-se à pedra e evitar a queda, mas o seu arco

tombou no precipício negro. Os olhos da feiticeira pousaram em mim, vermelhos de ira. A minha derradeira investida não lhe infligira um beliscão. Gwendalin agonizava, mas ainda lhe sobrava muita força para atacar. E foi o que fez. Defendi-me fracamente dos jorros de luz que me chicoteavam, mas a minha energia esgotava-se. A voz da bruxa estrondeou na minha mente, sem uma réstia de melodia, apenas agreste e odiosa, reflexo da sua verdadeira natureza:

"Eu sobreviverei a esta batalha... Mas tu não!"

Descobri que não me restava um pingo de magia para me defender. Quando o raio me atingiu, pensei que estava perdida. A dor foi descomunal, mas o meu corpo agüentou-se... Isso significava que o poder de Gwendalin também fraquejava!

Reagindo por puro instinto, rolei sobre mim própria e evitei o outro raio. Uma vontade alheia à consciência guiou a minha mão até à bota. O medo cruzou o olhar da bruxa quando carreguei sobre ela, empunhando o punhal de Throst, que ganhava vida entre os meus dedos, pulsando como se estivesse em brasa; o fogo da justiça ardendo em antecipação. E foi com todo o arrebatamento da minha existência humana que o enterrei no seu coração maldito.

O silvo de Gwendalin estracinhou-me a razão. Sentime desfalecer e não tive alento para empurrá-la. As garras fiadas voltaram a aprisionar-me, enquanto o seu corpo pendia sobre o parapeito da varanda, fustigado por espasmos de agonia.

"O meu filho irá destruir-vos... Irá destruir-vos a todos..."

Íamos cair as duas! Apelei à força que me restava para suster-me nas pernas, mas não foi suficiente. Gwendalin sorriu, confiante de que eu a seguiria até na morte. Porém, no último instante, uma mão de ferro impediu-me de galgar o parapeito. Enquanto o corpo de Gwendalin se despenhava no vazio, eu fui içada de volta à varanda e caí sobre o peito de Edwin. Ficamos deitados no chão, abraçados com desespero, tremendo sem controle, chorando como crianças.

— A Edwina...? — perguntei entre soluços. O meu irmão apressou-se a sossegar-me:

— A Enya despertou e levou-a para um lugar seguro.

— E o Berchan?

Edwin suspirou e desviou o rosto. Eu afundei-me no seu pescoço e entreguei-me ao pranto.

À nossa volta, o mundo enlouquecera. O céu continuava negro e o Sol era uma bola de fogo. Um fragor ensurdecedor, semelhante ao rugido de um gigante, aproximava-se a grande velocidade. Erguemos o olhar e vimos o mar regressar, sob a forma de uma onda mais alta do que a própria fortaleza. Ouvi o meu irmão soltar uma prece e fechei os olhos. Então, senti-o...

No torreão vizinho, de onde Throst disparara, um corpo resplandecia esplendorosamente. Eu nunca observara uma manifestação do poder de Hakon e perdi o fôlego ao ver a onda deter-se no ar, para depois se espalhar serenamente no fundo rochoso do mar e na praia coberta de gelo negro. A escuridão começou a desvanecer-se e o Sol a libertar-se do aperto mortal. Uma chuva fresca e purificadora regou a terra, acalmando a agonia da floresta e limpando o desespero dos Homens.

— Pequena!

A voz de Throst era o Sol que rompia as nuvens, o bálsamo que curava todas as minhas feridas, um novo fôlego para o meu corpo esgotado. Apartei-me de Edwin e caí nos braços do meu amor, sôfrega pelos seus beijos, ciente de que muito sofrimento nos aguardava a partir do momento em que os nossos lábios se separassem.

CAPÍTULO 19

Berchan continuava a resistir com bravura às trevas que lhe envolviam o espírito, talvez esperando que eu lhe estendesse a mão. Todavia, presentemente, eu não passava de uma simples humana no limite da força física, sem uma gota de magia na essência, e todo o meu esforço não seria suficiente para levitar um grão de pó. Desesperei, debruçada sobre o seu corpo inanimado. Sempre sonhara com a felicidade que sentiria quando derrotasse a bruxa e libertasse o meu povo. Contudo, a vitória não me trouxera alegria.

Era certo que a ameaça findara... Mas o preço do sucesso fora demasiado elevado! A Grande Ilha estava destroçada, o meu povo, ferido na carne e no espírito... e Berchan... O meu irmão estava perdido!

— Talvez não, se agirmos rápido...

Levantei-me ao encontro de Hakon, dividida entre a alegria de vê-lo, a vontade de abraçá-lo e chorar até aliviar a alma, e a gratidão e o respeito pelo seu poder. “O Que Tudo Vê” enlaçou as minhas mãos nas suas, antes de continuar:

— Não desistas ainda de pôr um sorriso no teu coração, Catelyn... Este é um dia alegre para o mundo. Não permitiremos que seja um dia triste para os seus salvadores.

— O senhor pode ajudar o meu irmão?

O olhar branco do Guardião da Lágrima do Sol fixou o corpo sem sentidos. Lentamente, inclinou-se sobre Berchan *e* tocou-lhe na testa. O meu coração apertou-se com a ansiedade. O tempo arrastou-se, até que ele murmurou:

— O feitiço que o condena foi lançado através da ligação que o teu irmão possui com o seu amuleto. Precisamos da pedra branca de Aranwen para desfazer o sortilégio.

Eu sofri um novo susto. Ficara tão atrapalhada com a sucessão de acontecimentos que nem me lembrara de que era imprescindível

recuperar as pedras mágicas. Cair nos braços de Throst fizera-me esquecer tudo... E ouvi-lo anunciar que tinha de voltar para junto dos seus homens deixara-me desnorteada. Entretanto, Edwin desaparecera, e eu adivinhava que o nosso reencontro não seria pacífico. A minha entrega a Throst amargara-lhe como uma traição.

Quis precipitar-me em busca do colar de Gwendalin, mas Hakon deteve-me:

— O teu irmão já tratou disso!

Nesse instante, Edwin entrou no quarto, trazendo consigo as pedras da nossa avó e o punhal de Throst. Estacou ao surpreender o visitante e mirou-o de alto a baixo, sem disfarçar a indignação:

— Quem é este velho? O que faz aqui? Tire as mãos de cima do meu irmão...

Tive de sacudir Edwin para que ele me escutasse. Não foi fácil convencê-lo de que estava diante de “O Que Tudo Vê”, o único com poder para salvar Berchan. Há pouco, o meu irmão vira uma figura colossal, envolta em luz e transpirando excelência. Agora, olhava para um ancião e não conseguia segurar a língua:

— Mas... como pode ser? Ele é um velho cego!

Desta vez, o Guardião da Lágrima do Sol reagiu:

— A minha cegueira física é menos grave do que a tua cegueira espiritual, jovem! Se abrisses os olhos do teu coração, serias muito mais feliz! — Deteve o protesto de Edwin com um gesto de autoridade e continuou sem contemplações: — Enquanto a tua intolerância se debate com questões menores, a vida do teu irmão afasta-se e o teu filho agoniza. O tempo esgota-se, para todos nós.

Edwin destruiu a distância que os separava, atrevendo-se a segurar-lhe o braço.

— O senhor sabe onde está o meu filho? Suplico-lhe...

— Só sei que o menino se encontra numa cabana, no interior da floresta.

— Mas existem dezenas de cabanas! — exclamei eu, aflita.

— Eu encontro-o! — replicou Edwin, guardando a sua pedra e entregando-me as restantes. — Eu vou trazê-lo para casa, Cat!

O meu irmão partiu, qual rajada de vento. O suspiro profundo do feiticeiro deixou-me angustiada. Quando lhe estendi a pedra branca, sentime assombrada pela fatalidade.

— Ele vai encontrá-lo, não vai? — perguntei com um nó na garganta.

Hakon abriu a túnica de Berchan e encostou o amuleto mágico ao seu coração.

— Lamento, mas nada mais posso fazer para ajudar o Edwin. Deixemos que o Criador decida o futuro. Agora, dá-me a tua mão, Catelyn. Combinaremos a luz que me resta e a força do teu amor para libertar este jovem da bruma do esquecimento. E oremos para que não seja tarde...

A força do meu amor conduziu Hakon até Berchan. Em bom tempo, pois a minha energia esgotou-se e eu tombei na inconsciência. Despertei na cama, envolvida no carinho de Enya.

O meu primeiro pensamento foi para Edwina e jubilei por encontrá-la ao meu lado. A minha cunhada também estava satisfeita. Depois do grande cataclismo que abalara a ilha, Bretta tivera o cuidado de enviar um mensageiro para avisá-la de que os garotos se encontravam bem. Stefan acorrera à fortaleza e, depois de tudo explicado, como nada mais podia ser feito para ajudar Berchan, reunira os seus homens e partira no encalço de Edwin.

A batalha contra Mckie continuava acesa no interior da floresta. Throst e os seus guerreiros perseguiam os resistentes que se escondiam nas sombras, mas o meu coração não se inquietava com a sua sorte. O guerreiro-lobo estava habituado a caçar. A Floresta Sagrada iria recebê-lo de braços abertos e guiar os seus passos até aos inimigos que tanto a haviam ferido.

As notícias de Berchan eram inquietantes. O seu espírito regressara ao corpo, mas a sua mente não despertara. O meu irmão estava possuído por febres altas e delírios que o faziam gritar como um condenado. Enya forçou-me a banhar e a comer antes de ir ao seu encontro. Hakon, que se mantinha pacientemente vigilante, recebeu-me com um sorriso:

— Alegra-te, Catelyn... Agora que chegaste, o Berchan não tardará a despertar!

De fato, pouco depois, o meu irmão abria os olhos e entregava-se a um choro convulsivo. As suas palavras eram elucidativas da dor que o consumia:

— Perdoa-me, Cat! Eu falhei...

A minha resposta veio direta do coração:

— Não, Berchan! Sem a tua preciosa ajuda, nunca teríamos chegado a tempo. A Edwina estaria morta e a bruxa teria consumado o seu plano.

— A Catelyn tem razão — apoiou Hakon. — Combater Gwendalin não era a tua sina, meu jovem! A tua missão não se pode resumir ao que se passou ou ao que ainda está para vir, pois jamais terminará. Tu és um condutor de Homens, Berchan da Grande Ilha. Até agora, deves orgulhar-te do teu desempenho, mas não poderás descansar. Há muito para fazer, e esperam-te grandes desafios, qualquer que seja o caminho que escolhas.

Entreguei a Berchan as pedras mágicas da nossa avó e não contive o choro ao recordar a forma inglória como Quinn morrera, abatido à traição pelos vassalos da mulher que ele tanto amara. Mas Hakon apaziguou a minha amargura:

"O Quinn foi um bom homem e a sua passagem abalou muitas consciências dormentes. A vitória que vós festejais também lhe pertence. O seu tormento terminou e está preparado para iniciar outra jornada. A morte não é o fim, Catelyn! Tu sabes isso!"

Quando tomou conhecimento dos pormenores do confronto, Berchan ficou mais calmo e satisfeito. Apertou-me as mãos, partilhando o seu entusiasmo:

— Não percas a esperança, irmãzinha! A intervenção do Throst foi fundamental para o nosso sucesso. O Edwin terá de admitir o seu valor. Talvez reconsidere...

— Não podemos parar uma avalanche depois de esta se desencadear — atalhou Hakon. — Temos de esperar que o seu poder destruidor trace um rumo e, só quando a calmaria o permitir, conseguiremos avaliar os estragos e reconstruir o que foi arrasado. O Edwin precisa de tempo e vós tereis de lho dar. Sinto dizer-vos que esta história não termina com a morte de Gwendalin. A guerra contra o mal que não dorme continuará com os vossos filhos e com os filhos destes. Gwendalin era apenas uma entre muitos, cuja ambição desmedida ameaça aquilo que vós conheceis e amais. Grandes vitórias exigem grandes sacrifícios, e só grandes sacrifícios poderão conduzir-vos a novos triunfos.

Nessa noite, o corpo destroçado de Gwendalin ardeu numa pira funerária. As suas cinzas foram cuidadosamente reunidas e guardadas num pote de ferro inviolável, para que o mal que provinha dela não se espalhasse pela terra, pelo mar ou pelo ar. Nós temíamos que o próprio fogo não tivesse tido vigor para purificar uma criatura tão abominável.

Os mensageiros continuavam a anunciar vitórias. Outro reduto de McKie caíra. De Edwin nada sabíamos, mas estávamos conscientes de que a sua tarefa não era fácil. As dezenas de abrigos de guerreiros e caçadores encontravam-se espalhados por toda a propriedade dos McGraw. Gwendalin certamente escolhera com prudência e sabedoria. A busca poderia demorar muitos dias, e eu temia pela sorte do meu sobrinho.

No retiro do meu quarto, enquanto buscava o sono acariciando os dedos pequeninos de Edwina, eu pensei em Throst, e as lágrimas tombaram-me pelas faces. O meu marido salvara-me a vida... Salvara-nos a todos, porque o seu amor o forçara a seguir-me, quando me vira galopar, louca de aflição, na direção da fortaleza. Mais uma vez, a sua pontaria inigualável fora decisiva! Eu desejava sinceramente que a esperança de Berchan não fosse vã; que a coragem e o altruísmo de Throst tivessem tocado o coração de Edwin.

Acabei por adormecer e tombei num sonho atribulado. Pedaços de vivências desordenadas no tempo confundiam-se na minha mente: um grande banquete com muita comida, bebida, música e o riso dos meus amigos; Edwina correndo por entre as flores de um jardim, com os caracóis louros acariciados pelo vento, soltando gargalhadas que me aqueciam o coração; Berchan erguendo a mão numa última despedida, antes de se unir ao sábios e partir para sempre; o corpo de Throst sobre o meu, envolvendo-me no ardor da sua paixão; Steinarr com uma coroa a enfeitar-lhe a cabeça morena e com os olhos cristalinos fixos no mar; Stefan e Enya sentados num enorme tapete de lã, rodeados de crianças risonhas; Melody chorando numa sala nua, escura e gelada, com o corpo sacudido pela tosse; Bryan e Aled aprendendo a montar em dois pôneis garbosos; Dália, já mulherzinha, roubando um beijo a Bjorn; Ivarr

esticando o braço para receber um majestoso falcão; Ingrior de mãos dadas com o filho, rodopiando na areia branca de uma praia... O som odioso de duas espadas medindo forças, e o meu rosto assustado, os meus gritos de desespero; Throst e Edwin enfrentando-se, surdos aos meus apelos, com as faces que eu tanto amava desfiguradas pela raiva... Throst a cair. Edwin a investir contra ele. A lâmina brilhante a enterrar-se no peito do guerreiro-lobo... Os olhos azuis a fecharem-se uma última vez...

— Não!

Acordei com o meu próprio berro. Estava banhada em suor e lágrimas e tremia tanto que ouvia os meus ossos a baterem uns contra os outros. A porta da varanda abrira-se, e o vento fustigava as cortinas e passeava-se pelo quarto. Apressei-me a recuperar do susto e a convencer-me de que tal desgraça não passara de um pesadelo. Puxei as cobertas sobre Edwina e corri a fechar a porta. Quando me voltei, levei as mãos aos lábios para abafar um grito de horror. Sigarr estava junto da cama, com a incredulidade e a fúria vincadas no rosto.

Possuída por um medo irracional, corri para Edwina e segurei-a ao colo, apertando-a contra o meu peito. Eu sabia que não recuperara o suficiente para enfrentar o feiticeiro, e chamar por socorro também não era alternativa. Se o Guardião da Lágrima da Lua quisesse, poderia matar-nos às duas sem nenhum esforço, antes que qualquer ajuda chegasse. O seu olhar cortante trespassou-me pelo meio, enquanto a sua voz rosnava, ameaçadoramente baixa:

— Maldita! O que foi que fizeste? Como conseguiste...? Não estava previsto que isto terminasse assim!

Edwina continuava adormecida, e o calor do seu corpo frágil derretia o gelo que me cobria. As batidas rápidas do pequeno coração tiveram o poder de aquietar o meu. Sigarr alimentava-se do horror das suas vítimas. Pois, eu não lhe ofereceria o meu medo! Respirei fundo e fui invadida por uma paz mansa quando o enfrentei. Há muito que o mestre da Arte Obscura fora derrotado.

— O meu destino não segue os seus desígnios — respondi com uma firmeza crescente.

“Tu fizeste um juramento, criatura néscia, e faltaste com a tua palavra!”

“O preço que acordamos foi o filho de um grande guerreiro e não o fruto da violação de um monstro!”

“Um trato é um trato, Catelyn! Mas é lógico que a tua inteligência limitada não tem capacidade para assimilar algo tão simples! A traição corre-te no sangue!”

Eu senti que a raiva me explodia no peito, mas controlei-me, temendo acordar Edwina. Reuni convicção e ataquei:

“As traições são a sua especialidade! É necessária muita ousadia para procurar-me, depois de atentar contra as vidas daqueles que eu amo!”

Os olhos de Sigarr escureceram. Mesmo suspirada na minha mente, a sua voz paralisaria de horror qualquer Homem:

“Eu entreguei-te o meu conhecimento! Estás em dívida para comigo!”

Sustive o seu olhar, revidando com clareza:

“Que proveito que eu tirei dos seus ensinamentos é recompensa suficiente pelo incômodo que sofreu? Se a Gwendalin tivesse vencido, o senhor seria o seu próximo alvo. Eu não lhe devo nada, Sigarr!”

O brilho que envolvia o feiticeiro tornou-se assustador. Aproximou-se devagar, devassando a minha mente com a força da sua ira:

“O véu da estupidez humana que abafa os teus sentidos e sufoca o teu poder jamais te permitirá ver para além dessa existência simplória. Outra coisa não seria de esperar! Um dia lamentarás penosamente o caminho que escolheste! Um dia arrepender-te-ás amargamente de me teres voltado as costas!”

— Chega, Sigarr — rosnei entredentes, tão revoltada que me esqueci de manter a voz baixa. — Não irei tolerar mais as suas ameaças! Se se atrever a voltar a cuspir a sua maldade em cima de mim ou de alguém da minha estima, eu juro que o perseguirei até ao fim do mundo! Agora, saia daqui!

Eu esperava por tudo, exceto o sorriso do feiticeiro. Fui percorrida por um calafrio quando ele rompeu o silêncio, depois de uma pausa propositadamente longa:

— Eu saio, doce Catelyn... — Perigosamente perto, mirou-me de alto a baixo. — Tens razão! A morte de Gwendalin foi recompensa suficiente pelo meu esforço de despertar esse espírito limitado. A escória humana agradece-te, e eu também! Aproveita estes momentos de glória... pois não irão durar!

O lúgubre aviso pairou no ar, enquanto a porta da varanda se escancarava e o Guardião da Lágrima da Lua desaparecia na noite. Tremendo sem controle e vacilando a cada passo, eu apressei-me a deixar o quarto, estreitando Edwina contra o meu peito. Agora que o perigo passara, o nervosismo ameaçava dominar-me. Precisava de uma palavra de conforto e sabia onde encontrá-la. No quarto de Berchan, Hakon velava o sono do meu irmão. Sentei-me junto deles e desabafei:

"O Sigarr veio buscar o filho de Gunnulf. Acabou de partir com as mãos vazias, depois de largar uma mão cheia de ameaças,"

Como "O Que Tudo Vê" se manteve em silêncio, eu continuei, devassada pela confusão:

"Antes de o Sigarr chegar, eu tive um sonho horrível! Vi o Edwin e o Throst a lutarem como dois inimigos... E o Edwin matou-o... O Edwin matou-o..."

Hakon suspirou longamente, antes de responder:

"Então, apesar de tudo, o destino não mudou o seu rumo."

A tristeza do feiticeiro desfez o meu coração. Apertei a sua mão, apelando dolorosamente:

"Foi contra este futuro que o senhor me avisou, não é verdade? Este conflito já lhe havia sido revelado..."

"Lamento!"

Arfei angustiada, com as lágrimas a escorrerem pelas faces. Embalei Edwina e sofri pela nossa desventura. Fizesse o que fizesse, penasse o que penasse, eu estava condenada a perder o meu amor. Enchi o peito de ar e ergui a cabeça, assumindo a única decisão a tomar:

"O Throst não morrerá! Eu encontrarei força para mandá-lo embora. Ele partirá se se convencer de que não existe esperança para o nosso amor. Em breve, encontrará outra mulher e será feliz... E a sua felicidade será a minha, enquanto eu vivo pelo futuro da nossa filha."

A mão de Hakon pousou no meu ombro, enquanto ele replicava serenamente:

"És uma jovem de grande valor e coragem, Catelyn! Não percas a fé na vontade do Criador, e a luz não se apagará. Mas, agora, terás de ser forte e preparar-te para novas batalhas. A derrota de Gwendalin vai provocar muita agitação entre os mestres da magia negra. Tu és uma ameaça que eles não podem ignorar! E, durante os próximos tempos, eu não poderei valer-te. Depois deste último esforço, a Visão abandonou-me. O meu espírito está tão cego como o meu corpo."

Eu estava tão obcecada pelos meus problemas que nem me apercebera de que, à minha volta, todos enfrentavam o seu próprio tormento. A convicção de Hakon, que sempre me tranqüilizava, parecia profundamente abalada. Como que a confirmar os meus pensamentos, ele prosseguiu:

"Decidir a sorte dos teus irmãos foi um dilema. Se eu tivesse acompanhado o Edwin, ter-me-ia sido fácil encontrar o teu sobrinho, mas teríamos perdido o Berchan. Ao ficar, eu já sabia que gastaria a energia que me restava e não poderia interferir na sorte do filho de Gwendalin. A escolha que fiz irá influenciar as vidas de todos. Porém, entre a incerteza de um futuro longínquo e a vida deste jovem de valor, eu resolvi salvar o Berchan. Agora, com a imensa escuridão fechada sobre mim, receio ter errado."

Engoli em seco, comovida pela estima e confiança que Hakon me dedicava. Ele era um exemplo de determinação, coragem e bondade. A sua história dar-me-ia sempre ânimo para continuar a lutar.

"É capaz de prever quando recuperará o seu poder?"

De novo, "O Que Tudo Vê" hesitou:

"Eu estou a ficar velho, mesmo para os padrões feiticeiros. De cada vez que perco a Visão, a espera pelo seu regresso é mais longa. Temo que, desta vez, a recupere demasiado tarde."

Refleti nas suas palavras, antes de afirmar:

"Quaisquer que sejam as conseqüências da sua decisão, eu ser-lhe-ei sempre grata pela vida do Berchan. Além disso, nada teremos a recear se o menino for encontrado! E o Edwin não falhará!"

Quando a corneta anunciou a chegada dos cavaleiros, um frio glacial gelou o interior do meu ser e espalhou-se pela pele, até me paralisar. Eu não precisava de descer, nem sequer de espreitar pela varanda, para saber que sucedera uma grande desgraça. Na minha mente, as últimas considerações de Hakon eram tambores de guerra:

"O Edwin está carente de fé! A sua frustração transformou-se em angústia, e a sua angústia, em revolta. Ninguém conseguirá ajudá-lo enquanto ele próprio não reconhecer que precisa de ajuda. Ninguém conseguirá segurar a sua mão se ele não a estender. Tens de encontrar alento no teu coração para não te deixares dominar pela raiva e pelo rancor, Catelyn. O teu irmão vai precisar de ti como do ar que respira. Se lhe faltares, não haverá esperança para o Edwin, nem para a vossa família, nem para o vosso povo, nem para a paz no mundo. Tal como tu, ele é fundamental para o destino da Terra, mas, ao contrário de ti, cedeu ao desespero. É *missão de todos nós salvá-lo, pois a sua destruição será o fim de tudo o que construímos."*

Desci as escadas debilmente, agarrada à parede para não escorregar. Qual fantasma, avancei por entre a multidão que se reunira e vi Berchan apoiado no bordão, a falar com Stefan. A sua força ainda não se restabelecera e a sua perturbação era visível ao olhar. De Edwin, nem sinal. Aproximei-me e só então vi o corpo que jazia no chão, envolto numa manta. As lágrimas subiram-me aos olhos, mas não caíram. De imediato, Stefan estreitou-me contra o seu peito. O coração quase lhe saltava pela boca, e a sua voz estava rouca e carregada de amargura, quando desabafou:

— Poderá este pesadelo não ter fim? Estaremos amaldiçoados até à morte e para além dela?

Lentamente, apartei-me do seu abraço e dirigi-me ao cadáver. Assim que afastei a coberta, os caracóis louros brilharam ao sol. O frio dos últimos dias ajudara a conservar a carne intacta. O rosto belo e delicado de Fiona estava sereno, como que mergulhado num sono eterno e reconfortante, e os seus lábios abriam-se num sorriso. Desatei a soluçar, e a mão de Stefan repousou sobre o meu ombro, enquanto a voz de Berchan me acariciava a mente:

“Não te entristeças, Cat! A nossa irmã descansou finalmente. Que encontre nesta nova existência o conforto que lhe foi roubado quando ainda vivia no ventre da nossa mãe.”

Afaguei o rosto pálido e gelado e beijei a testa da menina que eu nunca conseguira amar como uma irmã, mas que sempre me despertara sentimentos fortes. Tal como seria de esperar, a morte de Gwendalin provocara a sua morte. Eu queria acreditar que o espírito de Fiona se libertara do mal que o consumia, pois, de outro modo, não poderia superar o remorso.

— Perdoa-me, irmãzinha... — murmurei, engasgada pelas lágrimas. — Descansa em paz!

Por cima da minha cabeça, a voz de Stefan sentenciou a desgraça que eu já adivinhara:

— Nós chegamos tarde de mais! O berço ainda estava quente. O Edwin está desesperado! Diz que a culpa foi sua...

— A culpa é de todos nós! — repliquei amargurada. — E não é de ninguém! Estava escrito que seria assim.

Stefan franziu o sobrolho e forçou-me a encará-lo.

— Não compreendo, Cat! Sabes quem raptou o pequeno Edwin? Diz-nos depressa, para que possamos partir no seu encalço!

Suspirei, exausta, esmagada pela crueldade da pérfida sorte e pela inevitabilidade do destino. Recordei Sigarr, o seu sorriso e a afirmação fresca, quase entusiasmada: *“A morte de Gwendalin foi recompensa suficiente...”*

O mestre da Arte Obscura apercebera-se da nossa debilidade e precipitara-se em busca do que sempre desejara: o filho de um grande guerreiro com uma feiticeira negra; força, destreza, poder e maldade, em quantidades desmedidas, encurralados dentro de um só ser — o herdeiro do seu legado. No fim, a vitória também era sua.

— Sinto muito, Stefan — gemi sumidamente. — Temo que o pequeno Edwin já esteja longe do nosso alcance.

Esforcei-me por confortar Edwin, mas de nada serviu dizer-lhe que, tal como sucedera com Fiona, talvez a salvação do seu filho não dependesse de nós. Ele não aceitou nenhum consolo, nem uma única palavra de confiança para o futuro. Tivera o seu varão ao

alcance das mãos e perdera-o para um feiticeiro danado. Restava-lhe carregar essa culpa para o resto da vida.

O peso do silêncio de Hakon revelava-me que também ele se martirizava devido às conseqüências da decisão que tomara. Contudo, eu mantinha a opinião de que “O Que Tudo Vê” escolhera sabiamente, mesmo tendo a certeza de que Berchan daria de boa vontade a sua vida para que o sobrinho regressasse a casa são e salvo, para que Edwin desfrutasse da alegria de ver o filho a crescer, para que eu não vivesse agoniada pela insegurança do futuro de Edwina, para que a minha filha não crescesse ameaçada por uma sombra destruidora.

Agora, era imperativo organizarmo-nos e partirmos em perseguição de Sigarr, embora eu pressentisse que não seria fácil descobri-lo. Decerto o Guardião da Lágrima da Lua previra a nossa ofensiva e tomara precauções para escapar-nos.

Fiona foi entregue à eternidade com as mesmas honras que os outros membros da família. Na mente de cada McGraw estava a recordação da noite em que nos havíamos reunido no quarto de Berchan, de mãos dadas, concentrando toda a energia na salvação da nossa mãe e da nossa irmãzinha. De uma família de nove, restavam quatro, cada um carregando uma herança cruel e pesada de memórias e objetivos; cada um desejando poder regressar à infância, quando tudo era pleno de alegria e beleza; cada um temendo erguer os olhos e encarar o que o amanhã lhe reservava.

O fim da guerra foi o previsível. Na derradeira batalha, que ocorreu dois dias após o funeral de Fiona, Lorde Cearnach McKie pereceu às mãos de Edwin. E, por alguns dias, a Grande Ilha viveu uma gigantesca celebração que uniu os Aliados aos Vikings.

Os descendentes de Aranwen reuniram-se no quarto de Berchan e sentaram-se de mãos dadas, em redor de um círculo mágico, invocando os seus antepassados. No interior do círculo encontravam-se as sete pedras, unidas por um único fio.

Para os meus irmãos, que nunca tinham visto ou falado com a nossa avó, foi um momento inesquecível. Agora que a harmonia fora reposta, o espírito de Aranwen podia finalmente descansar em paz. Ela despediu-se com uma última recomendação. Apesar de o colar mágico ser o seu legado, aconselhava-nos a destruí-lo, para

que mais nenhum mal fosse causado pela cobiça do seu poder. Quando partiu, eu encarei os rapazes e verifiquei que a decisão não seria pacífica.

Edwin foi o primeiro a expressar-se:

— Eu não concordo com a destruição das pedras. Devemos mantê-las escondidas num lugar seguro, ou mesmo separá-las, mas será insensato desperdiçar tamanho poder.

Eu ia contestar, mas Berchan antecipou-se e surpreendeu-me:

— O Edwin tem razão. Nós vencemos esta guerra, mas outras virão, talvez mais difíceis de superar. As pedras devem ser preservadas.

— Mas, Berchan — protestei finalmente, sem a menor convicção. — A nossa avó...

— A nossa avó está morta — interrompeu Edwin. — Cabe-nos a nós decidir!

— O meu voto vai para a destruição — interveio Stefan serenamente. — A nossa avó, que criou o colar, foi a primeira a reconhecer que errou. Depois de tudo o que já passamos por causa destas pedras, não vejo que bem poderemos extrair delas...

— Estás a esquecer-te de que a filha da Cat está destinada a enfrentar o filho do Edwin? — replicou Berchan, num tom que me deixou a tremer. — Vamos utilizar todos os nossos recursos para impedir que isso aconteça! Mas, se falharmos... — Vi que Edwin baixava o rosto, e o seu olhar escurecia. — Não podemos arriscar-nos a encarar o futuro de mãos vazias!

— Iremos atrair a cobiça dos nossos inimigos! — avisou Stefan, irredutível. — Lembrem-se da feiticeira do Norte que nos lançou a maldição! Quem nos garante que não tornará a fazê-lo? Ou outro, com iguais ambições? Existem muitos feiticeiros condenados, desejosos de deitar as mãos a este poder. Preservar as pedras é demasiado perigoso!

— E o que diremos à pequena Edwina se, um dia, ela necessitar desta magia para salvar o mundo? — revidou Berchan, com um ardor que me confundiu. — Como lhe explicaremos que a nossa covardia e incapacidade para proteger as pedras nos levou a destruí-las?

— Não se trata de covardia e sim de prudência, de sensatez — insistiu Stefan, denunciando irritação. — A nossa avó aconselhou-nos...

— Aconselhou-nos — cortou Edwin. — Não ordenou que o fizéssemos! O que é que se passa contigo? Parece que estás com medo da tua própria sombra! Esta pedra está no meu pescoço desde o dia em que eu nasci e não tenciono voltar a separar-me dela!

— Deverá ser a Cat a decidir! — insurgiu-se Stefan, obviamente buscando o meu apoio.

— Sim — concordou Berchan. — Que a Cat decida! Além de ser a única com poder e sabedoria para usar as pedras, é o futuro da sua filha que está aqui em discussão. Qual é a tua opinião, irmãzinha?

Eu sentia-me encurralada entre dois fogos. O instinto forçava-me a concordar com Stefan, mas confundia-me ver os dois homens de força da nossa família a oporem-se à idéia. Edwin deveria ser o primeiro a desejar a destruição das pedras, para que estas jamais fossem usadas contra o seu filho. E Berchan, o mais ponderado de todos nós, também tivera uma opinião clara e contrária à que eu esperava. Saberia de algo que nós desconhecíamos? Por que outra razão manifestaria tal fervor na defesa do legado de Aranwen? Imaginar Edwina a enfrentar a escuridão sem uma luz para guiá-la fez-me recuar na vontade de apoiar Stefan e declarar com a voz a tremer:

— Cada um ficará responsável pela sua pedra, como até aqui. A pedra de Aled será entregue ao seu filho, para que se cumpra a sua vontade, e as de Quinn e Fiona, escondidas para que ninguém, além de nós, conheça o seu paradeiro.

E foi assim que as pedras mágicas de Aranwen sobreviveram à destruição. Durante anos, eu questionei-me acerca das forças que nos moveram naquela noite, para que nos rebelássemos contra a sensatez e a prudência, como o próprio Stefan dissera. A pedra violeta foi enterrada no jardim da Casa Grande, perto do túmulo de Quinn, e a laranja entregue aos cuidados dos druidas. Juramos jamais revelar o verdadeiro poder dos amuletos aos nossos filhos, sem o conhecimento dos outros, e cada um mastigou, uma última

vez, em silêncio, as suas opiniões e razões. Só o desejo de não voltar a reunir as pedras era unânime.

— Por quanto mais tempo irás fugir de mim, Pequena?

Fechei os olhos e engoli em seco. Durante dias, fora uma alegria para o meu coração observar Throst à distância, a comemorar com os seus homens e os guerreiros de Edwin. Todavia, eu sabia que não podia continuar a adiar este confronto. Voltei-me para encará-lo, e as minhas pernas transformaram-se em geléia. Eu continuava a amá-lo, tanto ou mais, se isso era possível, do que no dia em que o vira partir para o Norte.

Edwin organizara uma festa na fortaleza para homenagear os líderes que tinham combatido pela nossa causa, e Throst e Krum representavam os Vikings. Não me fora fácil escapar ao olhar do meu marido durante o jantar e, agora que tentara refugiar-me noutra sala, ele seguira-me, com a usual determinação implacável que eu tanto temia.

Debaixo do seu olhar azul, todas as minhas resoluções se reduziram a cinzas. Ele estendeu a mão, e eu comecei a erguer a minha, desejando ardentemente cair no conforto dos seus braços e esquecer tudo. Porém, nesse preciso instante, Edwin entrou na sala.

O meu sobressalto foi tão violento que a força me abandonou. Recuei por puro instinto, e Throst enfrentou o meu irmão com o sobrolho franzido. Edwin estava corado, e eu apercebi-me do esforço que fazia para controlar a fúria e respeitar o guerreiro que lutara ao seu lado e contribuíra para a derrota de Gwendalin.

— O que se passa aqui, Cat? — questionou perigosamente baixo. Eu tinha a certeza de que Edwin passara o jantar a espiar o nosso comportamento. Quando vira Throst seguir-me, pensara que tínhamos marcado um encontro clandestino. Seria inútil tentar convencê-lo do contrário. Muni-me da firmeza que a comoção permitia e respondi friamente:

— Nós precisamos de conversar. Deixa-nos sós, por favor!

A pele do meu irmão tornou-se escarlate. Estreitou o olhar, rosnando ameaçadoramente:

— Já falamos acerca disto...

— Respeita o nosso convidado, Edwin! — exclamei num impulso assanhado. — Deves-lhe mais do que, alguma vez, conseguirás pagar-lhe!

— Eu sei o quanto lhe devo, Cat! — replicou ele, já sem dominar a exaltação da sua voz. — Mas tu não serás o pagamento! As nossas divergências podem ser superadas com acordos de conveniência, mas não com laços de sangue. Empunharei a minha espada por este povo em qualquer batalha, mas não permitirei que tu ou qualquer outro do meu sangue traia a memória dos que amo. Fiz-me entender?

Perguntei-me por quanto mais tempo Throst iria segurar-se sem interferir e desencadear uma tragédia. Respirei fundo e insisti secamente:

— Sai, mano! Por favor!

Edwin enfrentou Throst com o olhar e depois tornou a fixar-me, rugindo com o vigor de um grande predador:

— Sabes o que tens de fazer!

Quando a porta se fechou, a voz do meu marido soou enrouquecida e magoada:

— Isto já foi longe de mais! O teu irmão não tem o direito de nos impor a sua opinião. Tu és a minha mulher e vais regressar comigo...

— Não, Throst!

Desviei-me em pânico, fugindo dos braços que tentavam capturar-me. Se ele me abraçasse, eu segui-lo-ia até aos confins do inferno, sem medir as conseqüências, e condená-lo-ia à morte.

Os olhos lindos denunciaram a sua mágoa ante o meu recuo.

— Pequena...

— Não me chames assim! — ripostei, à beira do desespero. — Eu já não sou a mulher por quem te apaixonaste!

O corpo robusto ficou tenso. Throst desconfiava finalmente do rumo que eu pretendia dar à conversa, mas recusava-se a acreditar. Hesitou antes de retrucar:

— É claro que não és! Eu apaixonei-me por uma mulher cheia de vida, de alegria e vontade de ajudar o próximo. Tu cumpriste a tua missão, mas, em vez de resplandeceres de felicidade, estás triste e amarga. O que correu mal, querida? Deixa-me ajudar-te...

— Não!

— O que quer que seja, nós podemos superá-lo juntos! Eu amo-te, Catelyn! Isso jamais mudará! E tu também me amas! Podes dizer o que quiseres, mas os teus olhos não mentem!

Eu estava nos braços de Throst e, desta vez, não havia fuga. As emoções bloquearam-me a razão, e o meu coração explodiu no peito quando os nossos lábios se encontraram. Eu sonhava com os seus beijos todas as noites; todos os instantes do dia. Dei por mim a corresponder-lhe com a mesma paixão que ele impunha. Era a última vez... A última...

— Não! — Empurrei-o ofegante, com as lágrimas a queimarem-me a pele. — Pára...

A expressão do meu marido era uma mistura de desejo, frustração e sofrimento.

— O que é que se passa, Catelyn? — arquejou. — Diz-me de uma vez, antes que eu enlouqueça!

Desejei morrer quando lhe lancei as palavras como punhais:

— Nós não podemos ficar juntos. Tu tinhas razão! Existem dificuldades que não podem ser superadas!

Throst não se moveu. Respirava pesadamente e negava-se a aceitar o que ouvia, buscando uma justificação para o meu comportamento.

— Quais dificuldades, Catelyn? — inquiriu por fim, num tom assustadoramente calmo. — É por causa do bebê que estás a fazer isto? Quantas vezes terei de jurar-te...

— Eu não quero que jures nada! — gritei atormentada. — Eu liberto-te desse juramento! Eu liberto-te de todos os juramentos...

As lágrimas toldaram-me a voz, e, nesse momento, os olhos de Throst também ficaram molhados. Mal escutei quando indagou:

— O que queres dizer com isso? — Era o fim da minha vida!

— Quero dizer que... segundo a tua lei, eu tenho direito ao divórcio... e quero... Eu quero o divórcio, Throst!

As lágrimas tombaram pelo rosto do meu homem, e eu sentime miserável, vil, nojenta. Acabara de trair tudo o que desejava e amava; a razão por que nascera. Throst não se manifestou por algum tempo e o seu silêncio foi pior do que um milhar de chicotadas. Quando falou, fê-lo num tom baixo e gélido:

— O nosso casamento não foi uma união comum... Nós fizemos um pacto de sangue, um juramento que nos liga na vida e na morte. Tu sabias e aceitaste! Eu não posso deixar-te...

— Tu prometeste que aceitarias a minha decisão final — cobrei, lutando para manter a voz perceptível. — Não podes forçar-me a continuar casada contigo!

Inesperadamente, ele avançou e agarrou-me pelos pulsos. Arregaçou-me as mangas do vestido e exibiu o testemunho da sua linhagem, que Hakon me oferecera no dia em que Edwina nascera.

— Eu não te forcei a fazer isto! — observou com ardor. — Por que o solicitaste a Hakon? Certamente porque já não me amas! — ironizou. — Olha nos meus olhos, Catelyn, diz que não me amas e eu dar-te-ei o divórcio de imediato! Não é isso que tu queres? Fala!

O seu olhar azul era o meu amuleto, a minha proteção contra o mal, o meu refúgio, a minha liberdade, a minha paixão...

— Estou à espera, Catelyn!

Abri a boca decidida a fazer o que tinha de ser feito, mas permaneci muda. Eu amava-o com todas as forças do meu ser e jamais conseguiria negá-lo. Estava sufocada pelas recordações e sentia crescer a necessidade de me abandonar nos seus braços a cada batida descompassada do meu coração.

Throst libertou-me devagar e inspirou o ar com força, forçando-se a recuperar a serenidade. Declarou numa voz tranqüila e decidida:

— Já imaginava que seria assim! Por que não confessas a verdadeira razão deste desvario e acabas com o nosso tormento? O Edwin ameaçou-te, não é verdade? Receias que o teu irmão faça uma loucura. Temes por mim e por ele... Eu conheço-te, Catelyn!

E conhecia-me... bem de mais! O meu assombro foi tão explícito que confirmou as suas suspeitas. Throst praguejou enraivecido e virou-me as costas, apertando a cabeça entre as mãos, como se temesse que esta rebentasse. Eu continuei onde estava, consumida pela aflição. Quase berrei o meu suplício, quando ele começou:

— Depois que o Steinarr foi proclamado rei, eu mudei-me com a nossa família para a Ilha dos Sonhos. A comunidade que dirijo é maior do que a que deixei para trás. Tenho responsabilidades para com eles e devo satisfações ao Steinarr sobre o que se passou aqui, por isso não posso quedar-me mais tempo. — Gesticulou em

desalento, antes de mergulhar no meu olhar. — Eu estou disposto a desistir de tudo, se tiver de fazê-lo, para ficar ao teu lado. Resolverei as questões políticas nesta viagem, deixarei a minha herança aos meus irmãos e voltarei para ti, como um homem sem terra e sem nome, para que os teus irmãos me aceitem e nós possamos ser felizes.

Era assim o nosso amor! Como eu estava decidida a sacrificar a minha felicidade para que Throst pudesse viver, também ele se dispunha a desistir da terra, da família, da honra... por mim. Forcei-me a reagir. Eu jamais poderia aceitar tamanho sacrifício. Além de não ter nenhuma garantia de que Edwin concordasse, a frustração do dever renegado ficaria sempre entre nós.

— Volta para a tua terra... — murmurei, resolvida a finar com o nosso tormento, tal como ele suplicara. — Volta para a tua família e para o teu povo. Encontra uma mulher que te ame tanto como tu mereces, que encha a tua casa de filhos e de alegria... Esquece-me, Throst! O teu futuro não é ao meu lado.

As lágrimas caíram pelas faces do meu marido, grossas e pesadas, molhando a túnica que eu bordara com tanto carinho e devoção.

— É isso realmente que desejas, Catelyn?

Enfrentei o seu olhar azul, sabendo que este momento era decisivo e definitivo.

— Sim... — respondi com a firmeza que consegui simular. — É o que eu desejo!

Como num sonho, vi Throst acenar com a cabeça e partir. A porta bateu e eu fiquei sozinha... sozinha como passaria o resto dos meus dias, com o conforto de saber que o meu amor estaria vivo e feliz, ainda que nos braços de outra mulher.

Incapaz de me suster nas pernas, deixei-me escorregar para o chão e entreguei-me ao pranto, sacudida pelo desespero. A porta abriu-se e Stefan entrou desembestado, logo seguido por Berchan. Sentaram-se ao meu lado e cobriram-me de carinho. Edwin também não tardou e imitou-os, segurando a minha mão enquanto dizia:

— Irá doer por algum tempo, Cat, mas depressa concordarás que não poderia ser de outro modo! Estes homens são selvagens, rudes e ignorantes. O Throst jamais te daria a vida que tu mereces! Verás

que não tardará a encontrar uma mulher da sua raça e a esquecer-te... E tu deves fazer o mesmo! Existem muitos nobres interessados em cortejar-te, mesmo sabendo que já tens uma filha. Para ti, este será o princípio de uma vida nova e maravilhosa, irmãzinha!

Encarei Edwin, e o ódio que as suas considerações me provocavam refletiu-se no meu olhar. As palavras escaparam-se-me em catadupa, prenhes de raiva e ressentimento:

— Houve um tempo em que eu te admirei como um deus, Edwin! Hoje vejo que não passas de um homem amargo, seco e mesquinho! Eu cumpri a tua vontade e abdiquei do amor... do meu único amor! Mas, se tu te atreveres a falar novamente em casar-me, seja com quem for, eu juro que não voltarás a pôr-me a vista em cima!

Aproveitei a estupefação geral para escapar da sala e me trancar no meu quarto. Ignorei os apelos de Stefan e Berchan e concentrei a minha atenção em Edwina. Ela era tudo o que restava do meu amor... e a minha única razão de viver.

Não preguei olho durante toda a noite, e a manhã encontrou-me banhada em desespero. Confirmando os meus temores, assim que os primeiros raios de luz espreitaram no horizonte, Throst e os seus guerreiros abandonaram a Grande Ilha.

Eu fiquei a ver os barcos a sulcarem o mar, até desaparecerem, embalando Edwina nos meus braços. A pequena coruja branca também partira, e a sua ausência deixara o quarto vazio. Desejei poder voar como ela, carregando a minha filha até à Ilha dos Sonhos. Imaginei Ingrior a semear a terra, Bjorn a cuidar do gado e o pequeno Trygve a brincar na areia da praia. Fora desta felicidade que eu abdicara... E para quê? Para regressar a uma floresta ferida pela morte de centenas de homens? Para retornar a uma casa onde não haveria alegria e cada batida do coração me devolveria recordações abomináveis? Não! A minha filha pertencia ao mar, como o seu pai, e iria ver o azul da liberdade todos os dias.

Decidi não deixar o forte. Stefan já manifestara a vontade de reconstruir a Aldeia da Fortaleza e ali viver com Enya. Eu sabia que eles não me negariam abrigo. Assim, Edwina poderia crescer junto de Bryan e dos outros filhos que o apaixonado casal iria ter, partilhar das brincadeiras dos primos e aprender o valor da amizade e do

amor. Observar a felicidade de Stefan e Enya seria um conforto para o meu espírito e uma inspiração para Edwina. Ao contrário de Edwin, eu não desejava a infelicidade dos outros só porque não podia ser feliz.

Existirá um limite para a dor que um ser humano pode suportar?

Enquanto o corpo de Melody descia à terra, interroguei-me a esse respeito, uma, e outra, e outra vez. O padre rezava uma ladainha, mas há muito que eu deixara de escutá-lo. Nem sequer me atrevia a encará-lo, temendo ser tentada a empurrá-lo para dentro do buraco e a provocar o desabamento da terra sobre o seu corpo ocioso. Eu não guardava ressentimentos ao seu Deus, que, afinal, talvez fosse o mesmo que o meu. Revoltava-me, sim, contra os Homens intolerantes e hipócritas que, em nome de Deus, haviam condenado a minha amiga à morte.

A nossa despedida fora triste. Eu partira para a guerra, e Melody ficara prisioneira das sombrias e geladas paredes do convento, sofrendo por saber que o homem que amava, a irmã e a melhor amiga erguiam armas contra o seu pai. Não me era difícil compreender a ambigüidade destes sentimentos, pois, tal como ela, eu nunca me sentira próxima de Lorde Garrick, mas respeitara-o e amara-o à minha maneira, sem nunca deixar de querer-lhe bem, nem mesmo quando ele me traíra e abandonara à mercê da feiticeira. De igual forma, Melody estimara Lorde Cearnach até ao fim, e a notícia da sua morte fora, decerto, muito dolorosa.

Eu não pudera amenizar-lhe o sofrimento porque, após o duelo na Enseada da Fortaleza, fora proibida de entrar no convento. O mesmo sucedeu com Enya, a quem foi dito que a sua alma se conspurcara por habitar com uma feiticeira. As freiras acreditavam que eu era filha do demônio e, sinceramente, eu sentira vontade de me comportar como tal, diante da ignorante intolerância. O nosso afastamento deixara Melody desamparada, entregue à tortura das suas carcereiras, que tudo faziam para convencê-la de que ela atraíra o marido para a morte, pecando contra ele em pensamento.

Na última visita permitida, Enya já encontrara a irmã muito doente. Melody deixara-se consumir pela tristeza, e nem a visão do filho lhe trouxera alento. Essa fora a derradeira vez que o pequeno Aled

estivera com a sua mãe. Depois disso, um padre médico fez não sei que atrocidades ao corpo da minha cunhada, enfraquecendo-a, para concluir brilhantemente que a jovem padecia de um mal de espírito. Eu não precisara de vê-la para saber que tudo o que ela necessitava era de ar puro, água fresca, uma boa alimentação, sol e muito carinho. Em vez disso, as freiras fecharam-na numa cela sem luz, com a umidade a escorrer pelas paredes e os bolores a crescerem por toda a parte, para rezar, jejuar e espiar o pecado. Melody não resistira uma semana.

Durante esse suplício, eu tentei, de todas as maneiras, visitá-la e fazer com que aqueles que a guardavam enxergassem a razão. Só obtive ameaças. Nem Edwin, o senhor da região e um convertido à nova fé, conseguira permissão para lhe falar. Se o meu irmão já estava perturbado, esta tragédia deixou-o ensandecido. Renegou todos os votos que fizera, e os irmãos tiveram de impedi-lo de marchar contra o convento e assassinar os religiosos.

E assim finou o grande amor de Melody e Edwin, tragicamente, sem nunca ter sido consumado. O único contato que os dois haviam ousado, durante os longos anos de espera, anseio e amargura, fora o beijo que eu testemunhara no ribeiro. No entanto, eu não duvidava da intensidade desmesurada dos seus sentimentos. E sentia o tormento do meu irmão, porque também era o meu. Eu não perdera só uma amiga. Perdera uma irmã... e a fé na justiça e na bondade dos Homens! A mulher mais pura que pisara a Grande Ilha estava morta. E morrera pela mão daqueles que haviam jurado a sua salvação.

“Temos de acreditar que a Melody está finalmente em paz.”

Berchan tentava apaziguar a minha revolta, enquanto o padre terminava a oração. Respondi-lhe, com a cabeça cheia de lágrimas:

“O Edwin e a Melody mereciam a felicidade. Até o Aled desejou que assim fosse!”

“Não estava destinado, Cat! Muito poucos conseguem contrariar o que foi determinado e escolher o seu próprio rumo. A *cabeça da Melody não era forte... e o Edwin nunca teve coragem de contrariá-la. Permitiu que ela decidisse livremente e agora culpa-se por não a ter forçado a ficar e a assumir o amor que sentiam...”*

Esta era mais uma ironia da vida! Edwin perdera Melody, porque lhe concedera liberdade de escolha e, por isso, impunha-me os seus desígnios, confiando que assim me protegeria.

Após o funeral, quando os ânimos se acalmaram, Edwin comunicou-nos que ia partir em busca do filho. Desejei-lhe sorte e abracei-o com um carinho sincero. Tê-lo-ia acompanhado, se não fosse por Edwina, e sentime aliviada quando Berchan se ofereceu para fazê-lo.

Antes da viagem, Berchan revelou-me o dilema que enfrentava. Os dias da velha fé estavam contados, e a convivência com os padres cristãos tornara-se insustentável e perigosa. Porém, mesmo assim, os Sábios desejavam que ele os seguisse para um destino incerto. Por outro lado, durante a sua visita, Hakon fizera-lhe uma proposta tentadora. “O Que Tudo Vê” queria transmitir o seu conhecimento antes que a morte o vencesse e, para tal, pretendia tomar três pupilos ao seu cuidado. Berchan seria um dos eleitos, se aceitasse o convite. Eu adivinhei que os outros seriam Krum e Ingrior, mas contive-me de lhe demonstrar o meu entusiasmo. Se o meu irmão desconfiasse que a sua natureza poderia ser posta à prova com a decisão de acompanhar Hakon, certamente fugiria com os druidas para um buraco num penhasco ou uma cova na montanha.

Edwin abalou para uma busca que eu pressentia infrutífera. Sigarr alcançara o que sempre ambicionara e já devia estar bem longe, criando e ensinando o futuro inimigo da Humanidade e dos Feiticeiros. Berchan seguiu o irmão, disposto a refletir e decidir que rumo dar à sua vida. Stefan e Enya ficaram responsáveis pela reconstrução da Aldeia da Fortaleza e pela execução das instruções de Edwin. E eu fiquei... Eu, simplesmente, fiquei!

CAPÍTULO 20

As estações passaram.

Edwin regressou e partiu. Berchan continuou a acompanhá-lo. Stefan fez um excelente trabalho na recuperação da aldeia, e eu reencontrei alguma alegria ao ajudá-lo.

Após a rejeição instintiva da casa onde nasci, criei coragem para lá voltar e teimei em corrigir o que estava errado. A morada dos meus avós e dos meus pais tornaria a ser um lar de família, e o amor estancaria todo o ódio que se entranhara nas suas paredes. Afinal, a Casa Grande era o símbolo da nossa vitória.

Trabalhei com esforço e, com a ajuda de Enya, consegui recuperar muito do que se perdera. O jardim floriu com o riso das crianças. O suave balir do gado e o relincho dos cavalos de raça alegraram a vida dos camponeses. As barreiras erguidas para nos separarem do ribeiro foram derrubadas, e eu fiz questão de plantar uma árvore debaixo da janela do meu antigo quarto, onde a minha companheira de muitas fugas e brincadeiras encontrara a morte. Quando Edwin e Berchan retornaram, a casa recebeu-os de braços abertos. Havia ainda muito que fazer, mas os primeiros passos estavam dados.

Na Aldeia da Fortaleza também se trabalhava com afinco. A terra foi cultivada e construíram-se barcos de pesca. As casas nasciam à velocidade com que as pessoas se mudavam para o território dos McGraw. O nosso nome era, uma vez mais, respeitado e estimado.

Eu passava os dias intermináveis entre a Casa Grande e o forte, inventando trabalho para esquecer tudo o que perdera. Ao meu colo, Edwina crescia saudável e alegre. Começou a gatinhar e ensaiou os primeiros passos. Aprendeu a dizer “mamã”, “sim”, “não” e, de tanto ouvir Bryan, aprendeu também a dizer “papá”, antes de completar um ano.

Stefan era para a minha filha a figura paternal, talvez devido à influência do primo, e, para o meu irmão, a afeição da sobrinha era

motivo de grande orgulho. Porém, apesar de dizer “papá” e de acarinhar Stefan, Edwina nunca lhe dirigiu esse título, como se compreendesse que ele era apenas um substituto do verdadeiro progenitor; mas depressa aprendeu a chamar-lhe “tio”.

Durante esse ano, Edwin esteve em permanente contato com os Vikings e até se esforçou para aprender a língua nórdica. A aliança fortaleceu-se, e a confiança consolidou-se, muito para além do que eu me atrevera a desejar.

Nunca indaguei acerca do paradeiro de Throst, e os meus irmãos também não abordaram o assunto. Contudo, era impossível ignorar os comentários dos viajantes, que falavam da encantadora Ilha dos Sonhos, outrora desabitada devido ao acesso difícil, feito através de um caminho marítimo invisível, rodeado de rochas pontiagudas e letais, e do excelente trabalho que o Primeiro Homem do Rei Steinarr desenvolvia no local. Sabendo da importância estratégica das ilhas, o *Jarl* Throst, como lhe chamavam, pretendia revelar a rota segura para a navegação e transformar o arquipélago num importante porto de comércio.

Muitas vezes dei por mim com o olhar perdido na linha do horizonte, onde o azul do céu se fundia com o azul do mar, pensando que o meu marido se encontrava algures, redescobrindo a felicidade... sarando os golpes que eu infligira no seu coração e redescobrindo o amor.

O Verão chegou ao fim.

Edwina celebrou o seu segundo aniversário e tanto aldeões como nobres fizeram questão de prestar homenagem à menina, a quem chamavam “princesa”. Organizei uma festa na aldeia, muito simples e popular, apenas pelo prazer de conviver com aqueles que tanto entregavam de si para a reconstrução da nossa terra.

Nesse dia, apercebi-me de que era alvo de olhares de admiração e cobiça por parte de homens influentes e poderosos, que também não se esqueciam do fato de eu ser uma McGraw. Stefan confidenciou-me que alguns já haviam manifestado junto deles a vontade de me cortejar. Porém, Edwin mantinha-se firme na resolução de me deixar decidir o meu futuro.

Sentime aliviada quando a noite me trouxe a tranqüilidade do meu quarto. As emoções do dia tinham esgotado Edwina, que caiu no

sono mal eu a deitei na cama. Todavia, foi-me difícil adormecer. Abria e fechava os olhos. Sonhava e despertava.

Mar... Vento... O balanço de um barco... O manto negro do céu, pincelado de estrelas... As cortinas a esvoaçarem, e a luz da Lua a inundar-me a cama, enquanto as mãos fortes do meu amante me deslizavam pelo corpo ansioso, afastando a roupa e reclamando o calor da minha carne.

— Throst...

— Eu não posso viver sem ti, Catelyn! Amo-te tanto!

O seu beijo sabia a mel; sabia a sal e a tempestade. Eu desejava-o com a paixão de uma mulher madura e possuí-o com a fome de uma predadora voraz, até o nosso prazer arrasar o silêncio.

Acordei alagada em suor, com o corpo em fogo, o coração a chicotear-me o peito e a mente a bradar em desespero, perdida entre o ardor do sonho e o gelo da cruel realidade. Eu estava sozinha... E iria continuar sozinha! Throst não voltaria a ser meu...

— Eu não agüento mais! — murmurei afogada em lágrimas. — Não agüento mais...

Percebi que algo estava errado assim que fixei os rostos solenes que me aguardavam para iniciar a refeição da manhã. As minhas olheiras não escaparam ao olhar perspicaz de Berchan, mas ele sabia qual o mal de que eu padecia. Stefan e Enya não possuíam a sua habilidade, mas conheciam-me sobejamente bem. Por isso, só Edwin me questionou acerca da minha saúde.

Desculpei-me com o aniversário de Edwina e o cansaço provocado pela festa. Alheio a tudo o que se relacionava com o mundo dos sentimentos, Edwin engoliu a justificação e apressou-se a abordar o assunto que originara comoção antes da minha chegada.

O rei dos Vikings encontrava-se nas proximidades, e o convite para uma visita era uma obrigatoriedade diplomática. Edwin pretendia organizar uma cerimônia onde a Aliança seria afirmada diante dos líderes dos dois povos, e um tratado de paz e cooperação, assinado. E, como eu conhecia Steinarr, os seus costumes e gostos, o meu irmão pedia-me que tratasse de tudo. Só

a custo não o mandei para o inferno. Como podia Edwin ser tão frio e insensível? Era óbvio que Throst também viria! Revê-lo seria uma tortura insuportável para mim!

Enya foi um apoio inestimável nas semanas que se seguiram. Berchan também me ajudou, enquanto Edwin e Stefan se concentravam nos festejos militares. Ao ultimar os detalhes, eu decidi que desapareceria nos dias em que os Vikings se hospedassem no forte. Ficaria fechada no quarto, inventaria uma doença, faria o que fosse necessário... Mas não queria encarar Steinarr e, muito menos, Throst!

Assim que os barcos surgiram no horizonte, comuniquei aos meus irmãos essa intenção, e nenhum teve coragem de me contrariar. Edwin até me pareceu aliviado. Apeteceu-me esbofeteá-lo pelo seu egoísmo. Depois de todo o meu empenho, o mínimo que ele podia fazer era insistir para que eu recebesse os convidados, nem que fosse apenas por gentileza, antecipando a minha rejeição. Subi para o quarto e dispus-me a enfrentar a reclusão. A companhia da minha filha e de Bretta era tudo do que eu precisava.

Edwina correu para abraçar-me assim que entrei. Eu segurei-a ao colo e dirigi-me à varanda para observar uma última vez os navios que chegavam à praia. Suspirei longamente ao reconhecer a vela garrida do *Drakkar* de Throst. Fiquei presa a essa visão, sentindo a presença do meu marido como se ele estivesse junto de mim, envolvendo-me no seu calor, e só despertei com o apelo de Edwina. Eu nem podia acreditar nos meus ouvidos, mas a minha filha fez questão de repetir, enquanto pulava de satisfação e erguia o seu dedo pequeno e gorducho, apontando na direção do mar:

— Papá!

As lágrimas saltaram-me dos olhos sem que eu sequer pensasse em chorar. E, mais uma vez, Edwina guinchou extasiada:

— É o papá!

Não resisti a espreitar a recepção dos convidados. Afinal, entre eles estavam bons amigos, pessoas que eu estimava profundamente... e Throst.

Enya foi a anfitriã perfeita, afirmando-se com a distinção que lhe fora negada no berço, mas conquistada com o casamento; uma digna McGraw! Só houve um momento em que a sua postura

esplendorosa se abalou. Eu não pude deixar de sorrir ao vê-la corar diante de Steinarr. A perturbação que esse homem causava nas mulheres era assombrosa.

Steinarr casara-se com uma rapariga muito bonita, alta e loura, diferente das mulheres por quem se interessara até então. Bera, a sua rainha, estava grávida de poucos meses, mas a barriguinha pontiaguda já se declarava no vestido. Era muito jovem... Talvez ainda nem tivesse quinze anos! Para ela, que nunca saíra do Norte do mundo, a visita à Grande Ilha representava uma aventura excitante e fantástica. O olhar de verdadeira adoração que devotava a Steinarr não guardava segredos quanto ao seu amor. Aparentemente, o fato de o marido ter o dobro da sua idade não a incomodava.

Ivarr acabara de fazer oito anos, mas parecia ter doze. Em pouco tempo, maravilhou a assistência com a sua destreza de cavaleiro. Até Edwin se entusiasmava e aplaudia o rapaz alto e moreno, com uma estranha habilidade para domar animais. Tal como o pai, ele fazia-se acompanhar por um falcão que o seguia para toda a parte e lhe obedecia sem hesitação.

Rever Ingrior provocou-me uma violenta comoção. Desejei correr ao seu encontro e abraçá-la, mas mantive-me fiel à resolução que tomara. Apercebi-me de que ela me buscava com o olhar, em todos os cantos e por entre a multidão. Ficou tão preocupada com a minha ausência que só reparou em Berchan quando já estava diante dele.

Eu senti o sobressalto dos dois. Foi a primeira vez que vi o meu irmão corar de embaraço diante de uma mulher. O rosto de Ingrior também se ruborizou, tornando-a ainda mais atraente aos seus olhos. Ambos ficaram sem saber o que dizer, perdidos no olhar do outro, e foi Krum quem quebrou a magia, ao interpor-se para cumprimentar o primo. Observando-os aos três, para mim era mais do que evidente que estavam talhados para o mesmo destino. E, como que a confirmar a minha reflexão, Hakon aproximou-se deles.

A minha atenção foi desviada para o gigante louro que acabara de entrar, mas um choque aguardava-me. Pendurada no braço de Throst, com uma familiaridade exaltada, encontrava-se Geimy. E, a cada instante, tornava-se evidente que eles estavam comprometidos.

O meu coração estilhaçou-se como um pedaço de cerâmica arremessado ao chão, ao vê-los rir com a alegria e a cumplicidade de dois amantes apaixonados. Formavam um par muito bonito! Throst gostava de mulheres rebeldes... e encontrara a sua alma gêmea. A irmã de Steinarr era uma guerreira em busca de paz, tal como ele próprio.

Esta visão doeu-me para além do que eu me atrevia a admitir. Como podia criticar Throst? Não fora eu quem teimara na nossa separação? Não lhe pedira o divórcio? Não lhe dissera para procurar outra mulher? Eu só estava a engolir uma parte do fel que lhe cuspira para a cara.

Voltei as costas à recepção e regressei ao meu quarto. Já vira tudo do que precisava e muito mais do que desejava.

A manhã estava belíssima, cheia de sol, mas o meu humor cobria-me de negro. Edwina choramingava impaciente, suplicando para sair do quarto. A voz do sangue não lhe daria sossego enquanto o homem, a quem não hesitara em chamar “pai”, se encontrasse por perto.

Eu arrependia-me amargamente por não ter viajado para a floresta. Na Casa Grande, a tentação não me enlouqueceria e não teria visto Throst com Geimy. Sempre que pensava nos dois, sentia vontade de me atirar para os pés do meu marido e suplicar o seu perdão. Por várias vezes, estive a um passo de desgraçar as nossas vidas.

Durante todo o dia, ouvi vozes altas, gargalhadas, música e cânticos. Edwina desistiu de arranhar a porta e sentou-se diante de mim, em silêncio, mirando-me com os grandes olhos azuis, iguais aos do seu pai, carregados de censura e indignação. E assim se manteve, sem pestanejar, quando bateram suavemente à porta. O meu coração saltou e caiu no vazio, ao pressentir Ingrior e Krum, tão distintamente como se estivessem diante de mim. O que fazer? O que fazer?

Quando os seus braços carinhosos me envolveram, eu flutuei de felicidade. As lágrimas de alegria de Ingrior e o riso de Krum eram

bálsamos para as minhas feridas. Falamos de coisas tolas, exteriorizando o prazer do reencontro. E, então, Ingrior viu Edwina.

A minha filha estava decidida a arruinar os meus esforços para manter a sua identidade secreta. Enquanto Ingrior soltava exclamações de deleite ao verificar que a sobrinha era igual a Throst, Edwina guinchava de satisfação a palavra “tia”.

Apesar de impressionado, Krum tinha a sua testa vincada por uma ruga de preocupação e foi ele quem fez a temida mas inevitável pergunta:

— Mas... Não era um rapaz?

Ingrior despertou do encanto para a interrogação. Eu recuei, encurralada e sem coragem para encará-los. Assim que me abraçaram, desatei a chorar sem controle, sem vontade de parar, desejando despojar-me de toda a angústia que me consumia viva, que me queimava as entranhas, que me destruía a mente...

— Deixa-nos ajudar-te, prima! — murmurou Krum. — Foi para isso que nós viemos! Quando nos disseram que tinhas viajado, ficamos abismados, pois sentíamos a tua presença e sabíamos que nos estavam a mentir.

— O Throst contou-nos o que aconteceu — continuou Ingrior mansamente, temendo assustar-me ainda mais. — Como pudeste mandá-lo embora, sem o autorizares a ver a filha? Por que lhe mentiste acerca do teu afeto... acerca da bebê? Alguém te ameaçou?

Eu caía num abismo profundo e o meu corpo dividia-se em milhares de pedaços, libertando os sentimentos lúgubres. Dei por mim a revelar tudo... absolutamente tudo, sem esquecer um pormenor. Quando terminei, sentime vazia, aliviada, como se a partilha do meu martírio o tornasse mais suportável. Ingrior chorava baixinho, embalando a sobrinha nos seus braços. Krum abria e fechava a boca, mas o som não saía. A minha voz pairava, exausta pelo esforço:

— Entendeis agora por que não posso vê-lo? Compreendeis por que tive de sustentar que a Edwina é filha do Gunnulf? A única maneira de salvar o Throst é mantê-lo afastado de mim!

— Não pode ser! — replicou Ingrior horrorizada. — Tem de existir outra solução...

— A solução é contar-lhe a verdade! — declarou Krum, de imediato. — O Throst tem o direito de enfrentar o que o espera de olhos abertos.

— Não! — gritei em pânico. — Eu confiei em vós! Tendes de prometer-me que nada lhe direis!

Ingrior parecia tão perdida como eu, mas, quando falou, fê-lo com firmeza:

— O Throst tem vivido num tormento permanente, Catelyn... E tu também! Não é justo que vós sofrais tão violentamente por causa de uma premonição! O Throst e o Edwin já não são dois estranhos que precisem de resolver as suas divergências pela força das armas. Penso que os três devem conversar como adultos que são. A guerra terminou e ambas as famílias juraram esquecer o passado. Esta separação é ridícula!

— Além disso — apoiou Krum —, o Throst não tardará a descobrir que o enganaste e não te perdoará.

Respirei fundo, novamente esmagada pela dor.

— Eu não irei arriscar-me! — teimei, decidida. — Posso suportar a distância, se souber que o Throst está bem... Mas não suportarei viver a chorar a sua morte e a odiar o meu irmão. O Throst irá ultrapassar a tristeza... Eu já o vi com a princesa! A Geimy fará com que ele me esqueça.

— O Throst jamais te esquecerá, Catelyn — ripostou Ingrior, com uma convicção que me arrepiou. — Irá amar-te até morrer!

— E a Geimy não o ama — continuou Krum. — Mas acredito que eles se casarão se tu teimares no divórcio, prima. Ao longo dos anos, construíram uma amizade sólida e têm muito em comum. O Throst quer criar raízes na terra nova e, com o fim dos conflitos e o avançar da idade, a Geimy também decidiu pousar as armas e dedicar-se à vida familiar. Será uma questão de tempo...

Então, era verdade! Só a custo evitei um soluço.

— Eu não entendo a intransigência do teu irmão! — desabafou Ingrior. — Pareceu-me uma pessoa tão sensata, tão justa...

— E assim é — volveu Krum, sem disfarçar o azedume. — Alianças militares, conversas de negócios com um copo de cerveja na mão... isso não o incomoda, porque sabe que está a fazer o melhor para o seu povo. O que ele não admite é que os seus

descendentes tenham o sangue daqueles que mataram o seu pai. O Throst perdoou por amor... mas o Edwin não consegue fazê-lo.

Ficamos a remoer em silêncio. Edwina permanecia aninhada no peito de Ingrior, recebendo beijos suaves nos caracóis louros, com a expressão de quem escutara e compreendera tudo. Krum segurou as minhas mãos e levou-as aos seus lábios, murmurando carinhosamente:

— Eu não trairei a tua confiança, prima. Porém, suplico-te que reconsideres! Embora não conheça a gravidade da questão, o Throst sabe que o teu procedimento está a ser manipulado pelo Edwin. Brevemente, o seu rancor fará com que perca a cabeça. E, quando descobrir o que se passa com a filha, irá insurgir-se contra ti. Serás capaz de controlar os ímpetos de dois homens enlouquecidos? Por que não enfrentas a situação agora, enquanto ainda existe algum respeito e tolerância?

Berchan bateu à porta e eu apressei-me a deixá-lo entrar. O seu rosto denunciou surpresa por encontrar Ingrior e Krum no quarto, mas não escondeu a satisfação.

— Eu contei-lhes tudo — confessei temerosa.

O meu irmão acenou em concordância, ponderando com uma tranqüilidade que me surpreendeu:

— Precisarás de aliados nesta luta, qualquer que seja o rumo que decidas tomar. Espero que a união dos que te querem bem te ajude a encontrar a felicidade.

Berchan sentou-se ao nosso lado, e eu depreendi das suas palavras que, apesar de não exprimir a sua opinião para não me influenciar, também ele achava que era tempo de acabar com a farsa. Eu sentia-me cada vez mais confusa... E cada vez mais encurralada!

Durante dois dias o ritual de visitas manteve-se. Ingrior e Krum tinham muito para contar e não se apiedavam da minha inveja, quando os ouvia descrever a paradisíaca ilha onde viviam, coberta de terra fértil, floresta virgem, cursos de água deslumbrantes e um clima tão ameno que o Inverno mais parecia Verão. A tortura prosseguia com a revelação dos projetos de Throst para a região. E

ainda com o relato da vitória esmagadora sobre os Vândalos, da coroação de Steinarr, da paz que se respirava... e da saudade que eu deixara no coração do povo.

Berchan esforçava-se por estar conosco. Para ele, que conhecia o mundo através dos livros, era fascinante descobrir uma cultura tão diferente e, ao mesmo tempo, tão igual à nossa, pelas experiências dos nossos convidados. Mas não era apenas a curiosidade intelectual que movia o meu irmão. Ingrior depressa esqueceu a timidez e deliciou-o com a sua personalidade e beleza. Os dois conversavam com tal entusiasmo que se esqueciam de que não estavam sozinhos. E essa aproximação crescente preocupava-me. Eu não queria, de forma nenhuma, vê-los padecer de um tormento semelhante ao meu.

A noite corria adiantada, e o silêncio voltava a reinar por entre as sisudas paredes de pedra. Edwina ressonava baixinho, e eu sofria da vigília que me negava o almejado descanso.

Impaciente, levantei-me e dirigi-me à ala dos hóspedes. Precisava de desabafar e sabia que Ingrior iria escutar-me. Deixei a mente fluir pelos quartos, buscando-a, e não tardei a encontrá-la. Preparava-me para entrar quando verifiquei que ela não se encontrava só. Estava com um homem... um homem cuja aura eu conhecia muito bem. Ingrior estava com Berchan!

Fiquei parada, assombrada, sem saber o que fazer. Eles conversavam, frente a frente. Ingrior falava-lhe de Trygve, do comportamento infame de Gunnulf... E o meu irmão tremia diante das suas lágrimas. A perturbação de ambos fluiu por mim e eu forcei-me a avançar no corredor, antes que eles se apercebessem da minha presença. No meu peito, a euforia misturava-se com a apreensão. Berchan e Ingrior podiam ainda não sabê-lo, mas estavam apaixonados. Teria ele coragem para assumir os seus sentimentos? Ou iria condená-la a sofrer mais uma dolorosa decepção? E o que pensaria Edwin deste desenvolvimento inesperado?

Estaquei subitamente, embriagada pelo cheiro que me entrava pelas narinas. Este era o quarto de Throst! O medo de surpreendê-lo acompanhado depressa findou. O meu amor estava só... E

terrivelmente infeliz. Estendi a mão para a porta, mas contive-me a tempo. Throst escolhera uma boa mulher... E eu devia afastar-me!

Movi os pés descalços e rapidamente cheguei às escadas. Se não respirasse o ar fresco da noite, iria sufocar.

Procurei conforto no jardim interior, primorosamente recuperado. Não dera dois passos quando o som pouco cauteloso de vozes inflamadas de entusiasmo me atingiu os ouvidos. Perdi o fôlego ao reconhecê-las. Uma pertencia a Geimy e a outra... A Edwin! Instintivamente, escondi-me nas sombras. O espanto retraía os meus membros, mas, mesmo que eu pudesse recuar, não o faria sem descobrir o que se passava.

Não demorei a perceber que Geimy e Edwin soltavam faíscas de cada vez que se olhavam. Para o meu irmão, era impossível conceber que uma mulher lutasse tão bem como um homem, e a fama da princesa acicatara-lhe a curiosidade. Ao constatar o seu interesse, Geimy não hesitara em desafiá-lo, pretendendo provar-lhe que era tão boa como o melhor dos guerreiros. E o resultado estava à vista!

O estridor das espadas encheu o ar e as exclamações acaloradas incendiaram os ânimos. Escutar o meu irmão a falar com fluência a língua viking para impressionar a rival era espantoso. Esperei que Edwin fosse suficientemente sensato para não permitir o descontrole da disputa. Se algum deles se magoasse, mesmo que por acidente, o Tratado a firmar no dia seguinte poderia ficar comprometido. Sentime aliviada quando o ouvi exclamar:

— Estou convencido, princesa! Vamos parar por aqui...

— Está com medo, senhor? — A voz de Geimy vibrava, num desafio sedutor.

Depois de um breve silêncio, ele ripostou:

— Sim, Geimy! Eu estou com medo!

Seguiu-se um rumor abafado e o ruído das espadas a caírem no chão. Sem acreditar nos meus olhos, vi Edwin atrair Geimy para si e roubar-lhe um beijo. Mal contive um grito, dividida entre o assombro, o entusiasmo e a indignação — assombro, pelo arrebatamento temerário do meu irmão; entusiasmo, pois era maravilhoso descobrir que ainda lhe batia um coração dentro do peito; indignação, pelo cinismo que o seu ato implicava para comigo.

Eles afastaram-se devagar, surpreendidos e assustados com o seu próprio arrebatamento. Geimy levou a mão aos lábios e o seu equilíbrio foi posto à prova, enquanto Edwin ofegava. A perturbação do meu irmão provava que há muito não desfrutava de companhia feminina. A sua voz tremia quando falou:

— Sinto muito, Geimy... Eu não pretendia desrespeitá-la... Nem ao seu noivo... Perdoe-me!

Ela demorou a responder, mas fê-lo com calma e num tom moderado:

— O Throst ainda não é meu noivo. O meu irmão concedeu-me liberdade para escolher e decidir... E é o que eu estou a fazer.

Partilhei o sobressalto com Edwin, mas ele depressa recuperou e afirmou:

— Estou certo de que escolherá bem. O Throst é um bom homem e um valoroso guerreiro.

Deixei cair o queixo e mal contive o impulso de avançar e defrontá-lo. Surpreendi-me ainda mais ao ouvir Geimy revidar:

— Se tem tão boa opinião do Throst, por que não permite que ele e a Catelyn sejam felizes?

O semblante do meu irmão endureceu e a paixão apagou-se bruscamente do seu olhar.

— O Throst e a Catelyn nunca seriam felizes. Existem demasiadas questões entre eles.

— Não acha que devem ser eles a decidir se podem, ou não, superar essas questões?

Sustive a respiração. Não me enganara no juízo que fizera de Geimy. Ela era corajosa, forte, inteligente e muito, muito correta. Até agora, eu não conhecera uma mulher, além de mim, capaz de enfrentar Edwin com tamanha ousadia. E eu estava ao seu lado há uma vida!

— Por vezes as pessoas ficam impossibilitadas de pensar com clareza! — insistiu ele, perigosamente baixo.

Se Geimy se apercebeu do perigo, ignorou-o e tornou a atacar com declarado atrevimento:

— O amor costuma ter esse efeito nas pessoas. Alguma vez amou Lorde Edwin?

A pergunta não demonstrava curiosidade e sim crítica. Temi que o meu irmão fosse explodir. Contudo, Edwin limitou-se a resmungar:

— Não vejo que importância a minha vida sentimental possa ter para si, princesa!

Seguiu-se um silêncio pesado e, no lugar de Geimy, eu ter-me-ia retirado. Todavia, mais uma vez, ela fez questão de assumir a sua singularidade:

— Eu não sou uma criança, Lorde Edwin, nem tão-pouco uma das jovens que se pavoneiam à sua volta, mendigando por uma migalha de atenção! Sou uma mulher que já viveu bastante... Já ajudei muitas crianças a nascer e tive muitos moribundos nos meus braços, nos campos de batalha, suplicando por um sorriso enquanto se esvaíam em sangue. Porém, nunca conheci um homem tão perturbado como o senhor! Num momento, é fogo vivo e, no seguinte, um glacial. Lamento por si, porque é óbvio que já foi feliz... Sinto muito se lhe quebraram o coração, mas lembre-se de que a Catelyn não merece penar pela sua desventura... E eu muito menos! Foi um prazer medir forças consigo. Espero que nunca tenhamos de fazê-lo a sério. Desejo-lhe uma boa noite!

Edwin não teve ânimo para responder. Geimy recuperou a sua espada e avançou até perto do local onde eu me encontrava. Só aí Edwin reagiu, apelando por ela e correndo ao seu encontro. Eu tive de suster a respiração, pois conseguiria tocar-lhes se estendesse um braço. O meu irmão era impotente para disfarçar o seu abalo:

— Desculpe se eu fui indelicado. A princesa tem razão... Eu já amei e perdi. Perdoe-me se não consigo tolerar esse assunto. A minha ferida ainda sangra.

— E por que me conta isso? — insurgiu-se ela impiedosamente. — Mudou de opinião quanto ao meu interesse pela sua vida sentimental?

Estupefata, vi Edwin abrir um sorriso, antes de murmurar num tom baixo e sedutor:

— Dar-me-ia grande prazer saber que desfruto da sua curiosidade. — O meu pasmo cresceu quando Geimy asseverou:

— O senhor é um homem muito atraente, Lorde Edwin! Qualquer mulher sem compromisso tem curiosidade em saber se está disponível. Certamente já foi interpelado a esse respeito...

— Nunca de forma tão direta — Interrompeu ele sem desfazer o sorriso.

— Eu não perco tempo com rodeios!

— Eu já percebi isso, Geimy! — O meu irmão avançou um passo e segurou na mão da princesa guerreira. — Sei que aprecia a sinceridade, por isso serei cru na linguagem. Sentime atraído por si no primeiro instante em que a vi. Julguei que estava comprometida e alegrei-me ao saber que ainda é livre... — Suspirou longamente e libertou-lhe a mão. — Mas o meu sonho foi breve! Os motivos por que não aprovo o casamento da minha irmã são iguais aos que nos separam. Por mais tentado que me sinta, eu não posso cortejá-la.

Apenas o olhar de Geimy denunciou a sua decepção. Ela manteve-se firme quando volveu:

— Sinto muito, por nós dois!

Edwin molhou os lábios, visivelmente desconfortável.

— Também eu... A Geimy é uma mulher muito especial! Se o Throst tiver juízo, não a perderá para outro homem.

A princesa hesitou, e eu podia jurar que ela se esforçava por ocultar o desapontamento. Acabou por esboçar apenas um gesto de saudação e dizer:

— Boa noite, Lorde Edwin!

— Eu acompanho-a ao seu quarto...

— Não é necessário! Eu sei o caminho.

— Eu insisto!

Continuei na sombra e só quando os seus passos se desvaneceram é que me atrevi a respirar livremente. Saí do esconderijo e gelei ao ouvir o apelo de Steinarr, a pouca distância.

— Não me interpretes mal, Catelyn! — apressou-se a justificar. — Eu não estava a espiá-los! Vim para aqui descansar e refletir, e eles chegaram depois. De todas as minhas irmãs, a Geimy é a que eu mais estimo. Quis certificar-me de que a sua personalidade arrebatada não lhe criaria um embaraço. Confesso que, por um instante, estive quase a interferir, mas depois entendi as razões do teu irmão... Fico satisfeito por saber que ele é um homem honrado e respeitador.

Eu não sentia vontade de tecer elogios a Edwin. Por um instante, tivera esperança... uma louca esperança!

— É um prazer reverte — continuou ele. — Disseram-me que te encontravas ausente. Quando foi que regressaste?

— Há pouco — forcei-me a responder, agradecendo pela bruma que escondia o rubor das minhas faces. — Não podia faltar à assinatura do Tratado.

Eu decidira enfrentar Throst e conceder-lhe a liberdade para cortejar Geimy. Ela era uma mulher de raça e nobreza. Saberia fazê-lo feliz. Além disso, casar com a princesa viking fortaleceria a posição do Jarl, se bem que Throst não necessitasse de quaisquer artifícios para merecer o amor do seu povo e o afeto do rei.

— Estás muito bonita! — elogiou Steinarr, aproximando-se um pouco mais. — A maternidade fez-te bem! Quando terei o prazer de conhecer o teu filho?

Ponderei inventar uma desculpa, mas resolvi acabar com as mentiras.

— Em breve. Decerto haverá tempo, depois da resolução dos assuntos sérios.

Antes que eu pudesse evitá-lo, já ele capturara a minha mão. Ergueu-a até aos seus lábios, num cumprimento longo e intenso.

— O Throst contou-me que pretendes o divórcio... O que aconteceu ao grande amor que vos unia?

Dei por mim a tremer como uma tola. Só a custo consegui recuperar a minha mão e replicar:

— O senhor ouviu o meu irmão. Existem demasiadas questões entre nós...

— Eu ouvi o teu irmão, é verdade! Mas concluí que essa separação é imposta. Estou errado?

Como eu detestava a sua perspicácia! Forcei-me a contornar a situação:

— Eu sei o quanto estima o Throst. Tenho a certeza de que ficará contente por entregar-lhe a sua irmã!

Steinarr negou com a cabeça, objetando com firmeza:

— O que une a minha irmã ao Throst é amizade, não é paixão. Aquilo que nós acabamos de presenciar, comprova-o. A Geimy ainda não encontrou o amor da sua vida... E o Throst irá amar-te até ao dia da sua morte. E tu, Catelyn? Sofreste um arrebatamento que

murchou e feneceu? Ou estás a ser pressionada para te libertares dos laços que te prendem ao meu povo?

Também detestava a sua insistência... Raios! Por que é que eu não ficara na cama?

— Esse assunto diz respeito unicamente a mim e ao Throst! — insurgi-me, com alguma rispidez. — É muito tarde e devo regressar para junto da... do meu filho! Apenas aproveito para felicitá-lo pela coroação e pelo casamento. A sua esposa é muito bonita!

Steinarr sorriu trocista, atacando sem piedade:

— E como sabes tu isso, se ainda não a conheceste?

Corei brutalmente, justificando-me a custo:

— Já me falaram da sua rainha. E também me disseram que irá ser pai. Os meus parabéns!

Depois de uma pausa sorridente, Steinarr exclamou:

— Tu não sabes mentir, Catelyn! A verdade luta para se libertar por detrás do teu olhar. Não conseguiste convencer-me e não convencerás o Throst! Infelizmente, tal como tu dizes, esse assunto não me diz respeito. Se dissesse, teria um desfecho diferente! Eu sei que os teus cumprimentos são sinceros e agradeço-te pela gentileza. Amanhã terei oportunidade de te apresentar a Bera. E uma jovem encantadora e ama-me com devoção. O que mais posso eu desejar? Houve um tempo em que invejei a sorte do Throst, mas já não a invejo. Sei como dói perder um amor e conheço o tormento que ele enfrenta. Pelo menos, a minha privação foi alheia à vontade humana. O meu amigo viverá o resto dos seus dias a interrogar-se onde errou; padecendo de um mal incurável, de uma ferida que jamais sarará... Por isso a Geimy hesita! O Throst não voltará a ser um homem completo. Parte dele estará sempre contigo... finando a cada instante!

Steinarr tinha razão. Era assim que eu me sentia, partida em duas; uma parte consumindo-se e a outra chorando a perda da metade. Já tudo fora dito, e eu só desejava cair na cama e esconder-me de mim própria... Esta seria a última noite em que dormiria com o coração dentro do peito.

CAPÍTULO 21

Quantas vezes me imaginara em tempo de paz, com um vestido de cerimônia e os cabelos armados no topo da cabeça, a descer as escadas ao encontro do meu amor? Quantas vezes sonhara com o brilho de admiração no olhar azul e o sorriso trêmulo de ansiedade com que o meu marido me brindaria? Mas a realidade era bem diferente!

O reencontro com Throst foi horrível, apesar de Geimy e Ingrior tentarem aliviar a tensão que se construiu à nossa volta. Depois de um cumprimento gélido, ele agiu como se eu não existisse. Ambos sabíamos que a sua indiferença era um castigo muito mais severo do que a raiva ou o rancor.

A cerimônia de assinatura do Tratado foi belíssima e, se eu não estivesse com um humor tão miserável, tê-la-ia apreciado. Porém, todos os meus pensamentos se centravam em Throst, assim como o meu olhar. A sua troca de carinhos com Geimy era constante. Ou mantinham as mãos dadas, ou ela permitia que a sua cabeça lhe repousasse no ombro, ou Throst tocava-lhe fugazmente na face e nos cabelos... Mas os sorrisos enamorados não abandonavam os seus rostos.

Um padre cristão rezou uma missa na capela da fortaleza, para abençoar a união dos dois povos. Era impossível fugir aos tentáculos da nova fé, e até os Vikings começavam a render-se ao Cristianismo. Enquanto escutava a ladainha que nada mudara com o passar dos anos, eu recordava o que Berchan me confessara. O meu irmão ainda não assumira uma decisão relativamente ao seu futuro, mas a proximidade crescente de Ingrior, Krum e Hakon pouco deixava à imaginação.

Um pequeno entretenimento foi proporcionado pelo falcão de Ivarr. Sem aviso, o pássaro lançou-se sobre o padre e arrancou-lhe o cabelo postiço com as garras, num vôo preciso e delicado. O sacerdote, que poderia ter perdido os olhos, mas escapara sem um

beliscão, quase desmaiou de susto. A maioria dos presentes desfez-se em gargalhadas, e Steinarr trespassou o seu varão com um olhar predador. Contudo, Ivarr manteve a postura de espanto e indignação e, só quando todos já se haviam esquecido do incidente, é que ele se atreveu a piscar-me o olho, sabendo que eu apreciara a sua travessura.

Por fim, com os principais chefes de clã dos dois povos como testemunhas, Edwin e Steinarr juraram cooperação e lealdade, na paz e na guerra, num momento de intensa emoção que ficaria perpetuado na história e na memória de muitas gerações.

Quando a cerimônia terminou, começou a festa. Muita comida, cerveja, música e alegria, caracterizavam o banquete. Os habitantes da Grande Ilha e os Vikings misturavam-se. As diferentes línguas, religiões e culturas tinham deixado de ser um fator de discórdia. Assim acreditava o povo, mas eu sabia que o pensamento de Edwin era diferente.

O meu irmão quedava-se, tenso e nervoso, enquanto observava Geimy a mover-se pela festa, conversando, rindo e dançando. Ardia por dentro com vontade de avançar para ela, mas reprimia-se. As suas convicções venciam, mais uma vez, os seus desejos.

Steinarr dançou com a sua esposa e depois veio convidar-me. Eu preparava-me para declinar, quando vi Geimy a deslizar nos braços de Throst. Mastiguei a raiva e o azedume e segurei na mão que o rei viking me estendia. Tentei concentrar-me na música, tentei aplicar-me nos passos, mas foi tudo em vão. Só me apetecia chorar, gritar, desaparecer e nunca mais voltar. Estava a mergulhar num poço fundo e escuro e jamais veria a luz ou sentiria o calor do sol.

— Ainda estás a tempo, Catelyn! — murmurou Steinarr, quando nos aproximamos. — Dói-me ver-te desistir... Quando eu te conheci, fiquei maravilhado pela tua beleza, mas muito mais deslumbrado com a tua força, o teu entusiasmo e coragem. Nunca duvidei que conseguisses alcançar os teus objetivos, porque sentia-te do tamanho do mundo! Foi uma decepção encontrar-te derrotada pela vida. — Paramos de dançar, e o seu olhar capturou o meu. — Se não pertencesses ao Throst, terias sido minha! E eu jamais permitiria que tu me abandonasses...

— O senhor não sabe o que diz! — cortei violentamente, afrontada pela sua ousadia e impertinência. — O senhor não sabe nada acerca de mim!

Libertei-me e corri para longe, tão longe quanto era possível. Eu não aguentava mais esta festa, este convívio que deveria ser uma jubilosa celebração e se revelara um suplício. E já não suportava Steinarr e as suas afirmações, que me fustigavam a alma como as de nenhum outro. Apesar de não simpatizar com o meu casamento e de me declarar a sua cobiça, ele esforçava-se por me mostrar o quanto eu estava a ser injusta e insensata. E conseguia-o! Nem as palavras dos que me queriam bem, conhecedores da verdade, me haviam tocado tão fundo.

A noite fechou-se ao meu redor. O jardim interior, que acobertara a aventura tardia de Edwin e Geimy, seria o refúgio para as minhas lágrimas. Aninhei-me no canteiro onde Steinarr estivera, sabendo que era o lugar mais reservado. Mesmo que a minha ausência na festa fosse notada, eu não queria ser encontrada.

Fiquei paralisada como uma borboleta numa teia, ao ver que Throst me seguira. Entreguei-me sem um protesto, quando ele se sentou ao meu lado e me envolveu nos seus braços. Queria-o tanto que morreria se não devorasse a sua presença. Jubilei ao verificar que ele enchia o peito com o meu perfume. O seu coração galopava debaixo dos meus dedos e o seu corpo tremia tanto como o meu. Throst ainda me amava! Apesar de todo o sofrimento que eu lhe impusera, ele continuava a desejar-me! Mergulhada nesta doce loucura, jurei que me renderia se o meu marido revelasse a sua vontade.

— O Steinarr foi inconveniente contigo? — perguntou roucamente. — Se ele te ofendeu, eu...

— Não, Throst! Eu é que me descontrolei.

Ouvi-o suspirar e aguardei por um beijo. Todavia, a sua idéia era bem diferente:

— Eu pensei muito na nossa última conversa e no teu pedido... — Enquanto falava, os seus braços perdiam a força, e a sua voz, todo o calor. — Se precisas de liberdade para ser feliz, Catelyn, eu estou disposto a conceder-te o divórcio. És uma mulher livre perante a minha lei. Amanhã, chamaremos Ingrior, Krum e Geimy para

testemunharem a nossa separação. Depois, eu partirei e não tornarei a incomodar-te.

As suas palavras feriram-me mortalmente. Agora que eu fraquejara, Throst anunciava que já não me queria. Mordi o lábio para não berrar que o amava e o sabor do sangue espalhou-se pela minha boca. Senti o seu olhar a queimar-me, mas não consegui encará-lo. Limitei-me a acenar em concordância. Era melhor assim...

— Irás casar-te com a Geimy?

Por que raio lhe perguntara isto, neste tom magoado e repleto de agonia? Encontrei o seu olhar azul, confuso e atormentado, e as lágrimas cegaram-me. Throst não me perdoou:

— E o que é que isso te importa Catelyn? Não estás ansiosa por te livrares de mim?

Pisquei os olhos, e as minhas lágrimas formaram uma cascata. Arfei em busca de ar, confusa e assustada. Talvez ainda pudesse remediar a situação...

— Eu só queria dizer que... — a voz saía-me aos borbotões — sei que... a Geimy é uma boa mulher... e que te desejo... Toda a felicidade...

Só então reparei que ele também chorava. Desviou o rosto para esconder a sua fraqueza, murmurando dolorosamente:

— Não existe felicidade longe de ti! Não existe alegria, nem calor... Eu preferia enfrentar a morte, a esta separação, Pequena! Não tenho vergonha de confessar-te... — Fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Desde que tu me abandonaste que eu maldigo o dia em que me salvaste...

— Throst... — Eu não suportava ouvi-lo falar assim!

— Por que me devolveste à vida e mostraste a felicidade, para depois me condenares a esta existência desgraçada? O meu coração morreu!

— Pára!

Tentei tapar-lhe a boca, mas Throst afastou-me, libertando a frustração e a dor que já não tinha força para reprimir:

— Maldita sejas Catelyn McGraw! — praguejou entre soluços, limpando as suas lágrimas com brusquidão. — Eu odeio-me e desprezo-me, porque não consigo odiar-te, porque não consigo

esquecer-te, porque não consigo parar de amar-te... Raios, mulher! Espero que as tuas razões justifiquem o que estás a fazer... Espero que fiques feliz por saber que fizeste de mim o mais miserável dos homens!

— Não!

Desesperada, lancei-me sobre ele e silenciei-o com os meus lábios. O meu impulso foi tão veemente que tombamos no canteiro. O seu sabor embriagou-me e, nesse instante de puro delírio, compreendi que já não podia parar. Devorei-o com a paixão de uma fêmea no cio, afagando o seu peito e os seus ombros, enquanto saciava a sede com o mais doce dos néctares.

Sentime tonta quando Throst quebrou o beijo; fustigada pela dor de um cão esfomeado a quem arrancaram o osso dos dentes. Os olhos do meu marido estavam transparentes e o seu rosto era uma máscara de confusão e desejo, quando inquiriu roucamente:

— O que pretendes de mim, Catelyn? Queres enlouquecer-me?

Eu sabia o que queria. E Throst também soube, assim que me encarou. Com um ronco selvagem, subjugou-me com o seu peso e apossou-se dos meus lábios, dos seios, das ancas... Com as mãos a tremer, lutamos para afastar as roupas e, em menos de nada, éramos um só. Os nossos gemidos de paixão ecoavam dentro das nossas bocas e o fogo que nos queimava depressa nos empurrou para uma explosão violenta, que sacudiu os nossos corpos até nos arrancar a consciência de tudo o que não fosse a plenitude do nosso amor.

Abri os olhos devagar, apreciando a doce dormência da satisfação física. Pousado num ramo, logo acima das nossas cabeças, um pequeno pássaro dedicava uma suave melodia à Lua. Só então, eu recordei onde nos encontrávamos. Ao invés de assustar-me, rendime a um grande sorriso e nem a possibilidade de sermos surpreendidos me afastou do calor do meu marido.

Throst acariciou-me a face para pedir a minha atenção. Diante do seu olhar, eu tomei a decisão final. Senti-o estremecer e aconcheguei-me ao seu abraço para lhe transmitir confiança.

— Catelyn... — apelou temeroso.

Devorei os traços do seu rosto com as pontas dos meus dedos, replicando provocadora:

— Por que não me chamas “Pequena”? Ele piscou os olhos, certificando-se de que não estava a delirar.

— Não brinques com os meus sentimentos — murmurou sufocado. — Diz-me o que eu sonho ouvir. Diz-me que este momento que vivemos não foi só um devaneio de paixão. Diz que me queres, tanto como eu te quero!

Eu tinha plena consciência do perigo que corria, mas estava decidida a enfrentar o destino. Toquei nos seus lábios, retorquindo mansamente:

— Há muito para explicar e este não é o local apropriado. Vamos para o meu quarto. Está lá uma pessoa ansiosa por te conhecer...

Throst compreendeu de imediato o que eu pretendia, e o seu rosto iluminou-se com um sorriso. Beijou-me levemente os lábios, e iniciamos a árdua e infrutífera tarefa de nos arranjarmos. Depois, como amantes furtivos, percorremos os corredores ao coberto das sombras, abafando o riso sempre que tínhamos de esconder-nos dos muitos convidados que circulavam pelo forte.

Assim que chegamos ao meu quarto, eu apertei-lhe a mão para ganhar coragem, antes de chamar por Bretta. Quando a minha fiel companheira abriu a porta e encarou Throst, o seu rosto expressou estupefação. Porém, não demorou a reconhecer nele os traços de Edwina.

— Até que enfim, menina! — exclamou de mãos nas ancas. — Já era tempo de ganhar juízo!

A língua afiada de Bretta dizia sempre o que pensava. Desta vez, o fato de Throst falar um idioma diferente, era uma vantagem. Expulsei-a amigavelmente e fechei a porta atrás de nós.

Era tarde e Edwina já devia estar a dormir. Eu queria justificar-me, antes de apresentar Throst à nossa filha. Contudo, movida pela sua vontade soberana, a menina sentou-se na cama, esfregando os olhos e choramingando com sono:

— Mamã...?

Senti o sobressalto do meu marido como a pancada de um machado. Apercebi-me do seu olhar incrédulo, mas não tive coragem para encará-lo. E, de novo, Edwina provou que não era uma criança vulgar. O seu rosto abriu-se num sorriso de pura euforia, enquanto estendia os braços e gritava a plenos pulmões:

— Papá!

Como num sonho, vi a figura imponente avançar por entre as sombras dos castiçais. Levei as mãos à boca para sufocar o pranto, quando Throst segurou em Edwina e a apertou junto do peito. Deliciada, ela abraçou o pai pelo pescoço, soltando gargalhadas enquanto brincava com os seus cabelos cor de ouro. Mesmo à luz das velas, a palidez do meu marido era declarada. O seu rosto estava encharcado e o corpo era sacudido por soluços de emoção. A sua alma atormentada transpareceu-lhe no olhar azul, ao murmurar numa voz fraca:

— Eu já tinha ouvido rumores... Mas recusei-me a acreditar que tu... Esta criança não é filha do Gunnulf, Catelyn! É minha filha!

Era o fim da odiosa mentira, e eu sentime imensamente aliviada ao admitir:

— Sim... Ela é tua...

Throst ficou lívido e, assim que conseguiu reagir, retirou do pescoço o amuleto que o seu pai lhe oferecera à nascença e colocou-o no pescoço de Edwina, perguntando:

— Qual foi o nome que lhe deste?

Mal eu lhe respondi, ele voltou-me as costas e saiu para a varanda. Segui-o e observei-o a erguer a filha ao céu, para que recebesse a bênção dos Elementos e dos deuses, como era tradição viking. Os seus votos soaram qual cântico divino, como eu sonhara tantas vezes.

De regresso ao quarto, ciente de que cumprira a sua missão, Edwina inclinou-se na direção do berço, anunciando que desejava dormir. Cuidadoso, Throst deitou-a e ajeitou as cobertas em redor do corpo frágil, com um carinho que me derreteu. Só depois de beijar a filha na testa, tornou a encarar-me. Apesar de adivinhar-lhe a indignação, eu não estava preparada para enfrentar a ira fulgente que palpitava em toda a sua expressão. Ele destruiu a distância que nos separava e agarrou-me pelos ombros, mutilando-me com o seu olhar.

— Como tiveste coragem de fazer-me isto, Catelyn? — inquiriu baixo, num tom que eu nunca escutara. — Por que me escondeste esta felicidade? — Fechou os olhos e tentou coordenar a

respiração. — Catelyn... — A voz faltou-lhe e tudo o que restou foi um queixume sumido. — Odeias-me assim tanto?

Segurei no seu rosto e fixei-lhe o olhar, enquanto soluçava devastada pela emoção:

— Eu não te odeio, Throst... Sabes que eu não te odeio! Tu és o único homem que eu amo... E que sempre amarei...

— Não entendo! — replicou agoniado. — Sinto que estou a enlouquecer...

— Eu não tive escolha — confessei, vergada pelo desespero; tremendo ante a gravidade do que estava prestes a fazer. — Eu só quis proteger-te! O Edwin irá matar-te... Eu não posso perder-te... Eu não posso viver sem ti!

Throst soltou uma exclamação incompreensível e estreitou-me com força, amparando o meu choro convulsivo. Depois, ergueu-me nos seus braços e transportou-me para a cama. Sentou-me no seu colo e continuou a embalar-me como se eu fosse uma criança. Aguardou que eu me acalmasse, antes de objetar apaziguadoramente:

— Por que haveria o Edwin de matar-me? Eu sei que ele discorda da nossa união, mas não o imagino a avançar para tamanha loucura! O teu irmão não pode ignorar que nós somos casados e temos uma filha. — Suspirou profundamente, denunciando impaciência. — Há mais de dois anos que nós sofremos em vão! Vamos regressar a casa como uma família! É certo que o Edwin ficará zangado e ressentido, mas, com o tempo, acabará por se habituar à idéia.

— Não entendes... — balbuciei junto do seu peito, tremendo sem parar. — Eu tive um sonho... uma Visão da tua morte, confirmada pelo teu avô. Tu e Edwin enfrentavam-se como feras enlouquecidas, cegos e surdos à razão, empunhando as vossas espadas como dois inimigos. Ele conseguiu desarmar-te e...

Estava feito! Sucumbi ao pranto, demasiado nervosa para encontrar um equilíbrio.

— Chhh! — murmurou Throst, procurando o meu olhar. — Nós já provamos que uma Visão não é uma realidade inevitável, Pequena! Vamos ultrapassar isto juntos. Eu tenho a certeza de que o nosso amor triunfará!

Os lençóis frios acolheram os nossos corpos e o ardor dos nossos beijos. Eu murmurei o seu nome e repeti que o amava, até perder a voz. Os lençóis aqueceram e todos os meus medos se desvaneceram na segurança da sua convicção. O meu marido amou-me devagar, com a liberdade que a privacidade permitia, desfrutando da união plena que não respeitava os limites da existência física. E eu entreguei-me sem reservas, sabendo que jamais voltaríamos a separar-nos. Para onde Throst fosse, eu também iria... na vida e na morte.

Repousar nos braços do meu guerreiro, ouvindo os nossos corações a regressarem ao ritmo normal, depois de uma jornada de amor, era toda a felicidade de que eu necessitava. Além disso, havia algo mais... Algo forte e inconfundível, que se entranhava na própria essência do meu ser. Sentira essa sensação apenas uma vez, na noite do nosso casamento, mas conhecia bem o seu significado. Este momento mágico tivera conseqüências. Eu acabara de engravidar do homem que amava.

— Edwina... Era o nome da tua mãe?

A voz de Throst provocou-me um frêmito de calor. Agradava-me saber que ele fixara a história da minha vida. Deslizei os dedos pelo seu peito nu, antes de confirmar.

— Edwina — repetiu Throst. — Gosto! É bonito! — Segurou no meu queixo, forçando-me a encará-lo. — Mas eu escolherei o nome do próximo!

Não contive um sorriso. Poderia o meu marido saber que acabara de plantar a sua semente no meu corpo? E por que não? Não era ele neto do Guardião da Lágrima do Sol?

— Virás comigo, Catelyn?

Engoli em seco. Manter-me-ia fiel à decisão que tomara.

— Eu juro que não tornarei a fugir — respondi solenemente. — Mas terás de deixar-me falar com o Edwin. Eu tenho de fazê-lo compreender... Não posso arriscar-me a perder-te!

Throst beijou-me os cabelos e estreitou-me com tanta força que quase me magoou.

— Não tenhas medo, Pequena! Tu jamais me perderás!

— E a Geimy?

Ouvi-o rir baixinho, antes de retrucar:

— O que é que tem a Geimy?

Era evidente que ele não pretendia facilitar-me a vida.

— Eu pensei que vós estáveis a namorar...

— Tu pensaste aquilo que eu quis! — Throst zombou abertamente do meu espanto. — A Geimy é apenas uma boa amiga. Eu desabafei com ela e com o Steinarr e pedi a sua ajuda. — Gargalhou ao ver o meu olhar furibundo. — Tu assustaste-me, Catelyn! Cheguei a acreditar que a estratégia de fazer-te ciúmes não estava a resultar!

Fingi-me indignada e tentei atingi-lo com palmadas. Throst agarrou-me nas mãos e, rindo sem parar, subjugou-me sob o seu peso. A felicidade do contato da nossa pele fez-me esquecer de imediato tudo o que não fosse a partilha das emoções.

Despertei sem saber porquê e senti a necessidade imperiosa de respirar o ar fresco, vindo do mar. Saí para a varanda e deleitei-me com a aragem noturna, leve e amena, que carregava a promessa de uma nova vida para lá do horizonte, na Ilha dos Sonhos, ao lado do meu marido e da nossa filha... Um sonho tornado realidade!

Sobressaltei-me ao aperceber-me de uma oscilação na energia que me rodeava; uma leve brisa que não provinha do vento. O meu coração apertou-se ao verificar que não me encontrava sozinha. De um lugar incerto do céu, estendera-se uma ponte de luz. Belas figuras, vestidas de branco e azul, haviam deslizado até à varanda e pairavam diante de mim. Os Seres Superiores davam-se finalmente a conhecer. E a sua chegada, neste preciso momento, não me inspirava nada de bom.

— Pensaste que nos tínhamos esquecido de ti, Irmã? — perguntou com serenidade uma mulher de extrema beleza, que se diferenciava pelas vestes ricas. — A tua missão na Terra foi cumprida com sucesso. É tempo de cortares as amarras que te prendem aos humanos. Tu és uma feiticeira, Catelyn, tal como nós! Não pertences à Grande Ilha nem às Terras do Norte! O teu lugar é na Ilha Sagrada.

O seu companheiro, alto e moreno, vestido de branco, acrescentou:

— Vem conosco, Catelyn! Ainda tens muito que aprender, mas...

— Não! — Retorqui, inquieta e temerosa. — Eu não desejo unir-me a vós! Cumpri o que exigistes de mim... Agora mereço ser feliz!

Os Seres Superiores quedaram-se em silêncio, e o ar adensou-se ao nosso redor. Os seus rostos não escondiam a surpresa e o descontentamento, perante a minha insolência.

— Tu sempre foste uma menina sôfrega por Conhecimento — recomeçou cautelosamente o Mestre Supremo. — Junto de nós, terás acesso a todos os segredos do Universo. Imagina, Catelyn... As respostas que sempre desejaste estarão ao teu alcance!

Eles queriam tentar-me... Mas eu não era Berchan! Não venderia a minha felicidade pela perspectiva de uma existência sábia, mas desprovida de emoções.

— As criaturas de Deus não devem almejar a sabedoria do Criador, ou o equilíbrio estará permanentemente ameaçado — respondi num tom carregado de crítica. — Eu não ambiciono o que vós me ofereceis.

Tive a impressão de que as minhas palavras se esmagavam contra uma muralha de gelo. O Sacerdote e a Sacerdotisa do Conselho Superior entreolharam-se, estabelecendo um diálogo silencioso, ponderando se deviam mudar de estratégia. Foi ela quem falou:

— Poderás ficar, se assim o desejas, mas terás de entregar-nos a tua filha. O filho de Gwendalin está fora do vosso e do nosso alcance e, um dia, regressará para vingar-se. Não podemos arriscar de novo o destino da Terra. A Edwina é a única com poder para enfrentá-lo e deverá receber uma instrução correta, que só nós podemos proporcionar-lhe. Sabes que eu falo a verdade! Conosco, a tua filha estará a salvo até ao dia do grande confronto...

— Não existirá nenhum confronto — rugi entredentes, disposta a defender a minha cria até às últimas conseqüências. — Nós iremos encontrar o Edwin e resgatá-lo! E, se não o acharmos, enfrentaremos as conseqüências das nossas decisões em família, como sempre fizemos. Jamais vos entregarei a minha filha para que a transformem num ser vazio, egoísta e mesquinho, sedento de poder e sem um pingo de sensibilidade. A Edwina será educada

pela família e aprenderá os valores humanos; conhecerá a força da amizade e do amor, que vós ignorais...

— Como te atreves a falar-nos dessa maneira, sua ingrata? — trovejou o Mestre Supremo, com tal comoção que os seus olhos chisparam. — Fomos nós quem te demos vida...

— Quem me deu vida foi o Criador, através de Lorde Garrick e da Senhora Edwina McGraw! — desafiei-os sem pestanejar. — O meu destino já estava escrito na Pedra do Tempo, muito antes de vós decidirdes. Usar-me para corrigir os erros da vossa intolerância; da vossa declarada superioridade que nada mais é do que arrogância...

— Basta!

Uma tempestade eclodiu sobre mim, minando-me a força e a razão. O feiticeiro franziu a testa e os seus olhos transformaram-se em poços de chamas.

— Queres experimentar o mesmo castigo que aqueles que ousaram enfrentar-nos antes de ti? Nós entregamos-te a magia, Catelyn! Só desfrutarás dela enquanto o permitirmos!

Sacudi a cabeça e revidei, sem hesitação ou pesar:

— Eu nunca ambicionei a vossa magia! Só quero viver uma vida sossegada junto da minha família!

— Nós somos a tua família! — declarou a Sacerdotisa Superior, ainda tentando a reconciliação apesar de ofendida.

— A minha família é humana! — afirmei com a convicção da verdade. — A minha família pertence à Grande Ilha e às Terras do Norte!

— Estás a renegar a tua condição de Feiticeira?

— Eu nunca fui uma Feiticeira! — objetei, encurralada e enraivecida. — Jamais poderia ser como vós, seres frios, que castigam quem ama e renegam quem não cumpre a vossa vontade!

A Sacerdotisa tentou argumentar, mas o Mestre Supremo silenciou-a.

— Acabaste de ditar o teu destino, Catelyn McGraw! — estrondeou, vomitando fúria. — Espero que a tua ridícula existência humana justifique tão grande perda!

E, num piscar de olhos, tinham desaparecido.

Sem força nas pernas, deixei-me escorregar para o chão, tremendo desamparada, devassada pelo nervosismo e plenamente

consciente da gravidade da posição que assumira. Não só desafiara os seres mais poderosos da Terra, como também comprometera qualquer ajuda futura que se dignassem prover à minha filha. Mas o meu instinto continuava a teimar que esta fora a escolha certa. E o meu coração nunca se enganava!

Despertei com os primeiros raios do Sol a acariciarem-me o nariz e o pio estridente de uma ave marinha junto dos meus ouvidos. Ergui-me num braço, surpreendida por constatar que adormecera na varanda. A gaivota assustou-se e voou, reunindo-se às companheiras que pairavam ao sabor da brisa suave da manhã.

A minha cabeça estava pesada, e uma náusea azeda enfraquecia-me o corpo, como se tivesse abusado da bebida. Recordava-me de ter saído da cama a meio da noite, respondendo a um apelo irresistível. Depois, tudo me parecia confuso, como um sonho... Sentime gelar, de dentro para fora, enquanto a memória se refrescava. Cruzei os braços em redor do peito para conter o tremor. E se o que eu sofrera tivesse sido mais do que um desvario?

O meu primeiro cuidado foi para Edwina. Forcei-me a ignorar a tontura e precipitei-me para o interior do quarto. Suspirei de alívio ao verificar que a minha filha descansava tranquilamente, com um sorriso nos lábios rosados. Na minha cama, Throst também continuava adormecido, e a visão do seu corpo másculo, enrolado nos lençóis desalinhados pelo nosso amor, deu-me alento para enfrentar os fantasmas que me assombravam. Usei a força da mente para ajeitar as cobertas de Edwina e sosseguei ao verificar que tudo funcionava sem falhas. Confirmava-se que a visita dos Seres Superiores não passara de um pesadelo.

Despi a camisa de noite e comecei a vestir-me. Os sons que chegavam do exterior denunciavam o despertar do forte. O dia não seria fácil e eu tinha de preparar-me para enfrentá-lo. Julguei que Throst ainda dormia e foi com surpresa que encontrei o olhar azul preso no meu corpo. Divertido com o meu rubor, ele murmurou embevecido:

— És muito mais bonita do que eu me atrevia a recordar...

De súbito, a porta do quarto escancarou-se e Edwin entrou desembestado, com o rosto incandescente de raiva. Sem contemplações, apontou para Throst e gritou:

— O que está este homem a fazer na tua cama, Cat?

Enquanto eu cobria a roupa interior com o vestido, Throst vestia atrapalhadamente as suas calças. No berço, Edwina despertava e choramingava assustada. Senti as faces a arderem de embaraço e indignação. Como pudera esquecer-me de trancar a porta? Fora uma imprudência sem perdão! Encarei Edwin e repliquei irritada:

— Terei de recordar-te que “este homem” é meu marido e pai da minha filha?

Sem hesitar, Throst colocou-se ao meu lado. Quase tombei, estupefata, quando o ouvi falar na língua da Grande Ilha:

— Eu só quero o que me pertence, Edwin! Não sairei daqui sem a minha mulher e a minha filha.

Pensei que o meu irmão fosse explodir. Os seus olhos relampejavam e a sua voz trovejava, quando retrucou:

— Tua mulher? Debaixo de que lei? Da tua lei bárbara? Raptaste a Cat quando ela ainda era uma criança e arrastaste-a para a tua terra! Com que direito reivindicas um casamento com uma mulher que foi forçada a submeter-se à tua luxúria para conservar a vida?

O tom de Edwin despertou-me para a ameaça. Esta discussão podia ser o início do fim. Sem hesitar, coloquei-me diante de Throst, tentando repor o bom senso:

— Sabes perfeitamente que não foi assim que as coisas se passaram, Edwin! — A minha prioridade era mantê-los afastados. — Eu irei contigo agora, Throst! Vou preparar a Edwina...

— Tu não vais a lado nenhum! — berrou Edwin, trespassado pela ira. — Tu não sabes o que é melhor para ti! Este homem deu-te volta à cabeça! Enfeitiçou-te com os seus cultos pagãos...

— A feiticeira aqui sou eu! — insurgi-me, ofegante. — Depois de tudo por que eu passei, tu não tens o direito de negar-me a felicidade!

— Estarás cega e surda, Cat? Perdeste a razão? O pai e o Aled estão mortos, mas eu não permitirei que envergonhes a família! Afasta-te desse homem...

— Não!

Arrependime mal bradei a minha revolta. Edwin desembainhou a espada, mastigando:

— Eu não queria chegar a tanto, mas não me deixas escolha!

Empalideci, mas mantive-me firme diante de Throst, escudando-o com o meu corpo.

— Enlouqueceste, Edwin? Guarda a arma!

— Não é assim que estes selvagens resolvem as disputas de razão? — rosnou o meu irmão. — Irás continuar a esconder-te atrás de uma mulher como um covarde, filho de Thorgrim?

As mãos de Throst pousaram nos meus ombros e afastaram-me. Atendendo às circunstâncias, parecia insensatamente calmo.

— Empunha a tua arma, bárbaro! — insistiu Edwin, descontrolado. — Irás pagar por todas as privações que impuseste à minha irmã!

Throst negou com a cabeça e abriu os seus braços, declarando com firmeza:

— Eu não lutarei contigo...

— Então morrerás! — Gritei quando Edwin investiu contra Throst. O meu marido desviou-se a tempo e a espada rasgou o ar. Como num sonho, ouvi-o clamar:

— Eu amo a Catelyn! Deixa-me provar-te que posso fazê-la feliz!

— Eu não entregarei a minha irmã a um homem que brandiu armas contra o meu sangue!

— Vamos acabar de vez com este ódio, McGraw!

Throst esgueirava-se pelo quarto e Edwin perseguia-o; um lobo caçando um coelho. O meu irmão pouco se importava se enfrentava um homem desarmado, se eu estava no caminho, arriscando-me a perder um membro, ou se a sobrinha chorava, aterrada pelo alvoroço. Não se incomodava se me deixava viúva e mortificada de dor. Não se interessava se Edwina perdia o pai, agora que o encontrara. Só desejava a vingança a qualquer custo.

— Parem!

Os meus gritos esbarraram na surdez dos dois homens. Throst esquivou-se de outro golpe e cambaleou para a varanda. Eu segui-os, berrando a plenos pulmões para tentar detê-los e desfaleci, ao ver que o meu irmão prostrara Throst e o imobilizara, erguendo a espada por cima do seu peito com um rugido ensandecido:

— Eu vou dar-te uma última oportunidade, filho de Thorgrim! Se não jurares imediatamente deixar a minha irmã e partir para nunca mais voltar, acabarei contigo sem piedade!

Escusando-se de qualquer defesa, o meu marido respondeu:

— Não é a primeira vez que a minha vida está nas tuas mãos, McGraw! Faz o que a tua consciência te ordena!

— Vais morrer...

— Edwin...

Enquanto o braço do meu irmão recuava para desferir o golpe final, ergui a mão, decidida a usar a magia contra ele. Porém, o meu coração agonizou ao surpreender-me tão impotente como diante de Gunnulf! A minha magia não funcionava! O pesadelo fora real! Eu repudiara os Seres Superiores e estava a ser castigada no instante em que mais necessitava do poder que desprezara. Era o fim...

Não! Eu ainda não estava vencida!

— Edwin... — Lancei-me em frente e cobri o corpo de Throst com o meu. — Não! Suplico-te...

— Sai daqui, Cat!

Eu estava cega pelas lágrimas e mal tinha alento para respirar. Por baixo dos meus dedos, o coração de Throst chicoteava o seu peito.

— Edwin, escuta-me...

— Chega, Cat!

O meu irmão empurrou-me violentamente, e eu caí desamparada, deixando de oferecer qualquer proteção ao meu marido. Mas não desisti:

— Por que estás a fazer isto, mano? Tu sabes o que é o amor! Já o sentiste...

— Vai para dentro!

Os olhos de Edwin chamejavam. Dentro dele, o homem travava uma batalha sem tréguas contra a besta. Era a minha última oportunidade:

— Eu amo-te, Edwin! Não me arranques o coração do peito... Não me condenes a odiar-te!

Cobri o rosto com as mãos e entreguei-me ao desespero da derrota. Desafiara os Feiticeiros e sofrera a sua punição torpe. Agora, ia perder o meu marido... a minha alegria de viver.

Quando ouvi o tinir do ferro contra a pedra do chão, pensei que a minha vida acabara. Afastei os dedos dos olhos para receber a visão grotesca do corpo dilacerado... Porém, Edwin não matara Throst! Ao encará-lo, olhos nos olhos, deixara cair a sua espada e tombara para o lado, enrolando-se sobre si próprio e afundando-se num pranto convulsivo.

Gritei de emoção e caí nos braços que se estendiam, ansiosos por me acolher. Estreitei Throst com a força que me restava e partilhei do seu alívio. O calor do seu beijo assegurou-me que o pesadelo finara. O nosso amor vencera!

A minha mente dissecava a loucura da atitude do meu marido. Throst não reagira como qualquer outro teria feito. Ao colocar a decisão da sua sorte nas mãos de Edwin, ele contrariara a minha Visão de dois guerreiros raivosos, que cruzavam as espadas violentamente, até o vencido perecer. Throst mudara o seu destino, derrotara o ódio e salvara a própria vida, ao recusar-se a enfrentar o meu irmão.

Arrastei-me até Edwin, cujo corpo estremecia perdido no seu próprio pesadelo.

— Acabou! — murmurei comovida. — Está tudo bem, mano!

— Eu não quero perder-te, Cat! — balbuciou ele em resposta, abraçando-me desesperado.

— Tu não irás perder-me...

— Irei, sim! — insistiu Edwin, com a aflição de um garoto abandonado. — Eu irei perder toda a minha família! — E, por entre soluços, confessou a amargura que o devorava: — O Stefan tem o seu mundo, o Berchan vai partir para realizar o seu sonho e tu... Depois do que eu te fiz sofrer, tu vais odiar-me, Cat!

— Mano...

— A Melody está morta... E o Tristan, o Aled, o Quinn... O pai e a mãe... Eu vou ficar sozinho!

— Não! — contestei, forçando-o a encarar-me. — Tu tens o meu amor; tens o amor de todos nós! A vida ainda te reserva muitas alegrias. Não te feches aos que te estimam... Não te feches ao amor! Ninguém poderá compensar-te pelo que já sofreste, mas todos nós iremos ajudar-te a sarar as feridas e a encontrar um novo rumo.

— A Catelyn tem razão. — A voz de Throst soou tranqüila, como a promessa de uma felicidade sólida. — Tu não perdeste a tua família! — Num gesto de absoluta generosidade e entrega, ofereceu-lhe o seu abraço. — Pelo contrário, ganhaste uma nova família... meu irmão!

Edwin ficou tenso, mirando-o incrédulo e pasmado. Eu sabia que a sua hesitação não significava repulsa e sim a emoção da descoberta de uma nova esperança. Levei as mãos à boca para conter a explosão de sentimentos, quando Edwin aceitou o abraço de Throst. Enlacei-os também, suspirando enlevada. Esta era a verdadeira magia — a magia da amizade e do amor. E eu não necessitava do Poder Superior para senti-la fluir por mim.

Quando o resto da família entrou no quarto, atraída pela confusão, ainda estávamos abraçados. Por entre as lágrimas de alegria, vislumbrei um rosto sem idade, com os olhos brancos como a Lua. Hakon sorria diante desta nova vitória. Acenou em aprovação, e a sua voz ecoou dentro de mim:

“Bom trabalho, Catelyn da Ilha dos Sonhos. Podes respirar livremente e descansar. Hoje é o primeiro dia da tua nova vida.”

EPÍLOGO

Este estava a ser o melhor Verão de que eu guardava memória. Nem mesmo na minha infância houvera uma estação tão amena. Os barcos regressavam da faina carregados de peixe. As sementes brotavam mal caíam na terra. Os animais reproduziam-se com freqüência e cresciam, fortes e saudáveis. As pessoas gozavam a paz há muito ansiada e trabalhavam com prazer e sem cansaço.

A Ilha dos Sonhos ficava a pouco mais de dois dias de distância, para os que viajavam da Enseada da Fortaleza, a nova morada de Lorde Stefan McGraw. Eu guardava com carinho o dia em que chegara ao arquipélago e a forma calorosa e festiva como fora recebida. Os melhores amigos de Throst haviam-no seguido nesta aventura, construído casas, quintas e comércio, portos e barcos, transformando a ilha num ponto de paragem obrigatório para os comerciantes.

Nessa manhã, as nossas tarefas foram interrompidas pelo sopro de uma trompa que anunciava a chegada de visitas. Descemos à praia para receber os convidados ilustres: Lorde Edwin McGraw e o Rei Steinarr do Povo Viking.

As crianças brincavam na areia branca e fina. Contá-las, já se tornava difícil. Ivarr, que passara o Verão conosco, era o líder incontestado da pequenada. Aled, Bryan e Eric seguiam-no para toda a parte, fascinados com o poder e a força que emanavam do jovem príncipe. Também eles já possuíam grande destreza no manejo de armas e imitavam as proezas do amigo. Trygve, que seria um homem das artes como o seu pai, dedicava-se a cuidar de Edwina. A minha filha desenvolvia-se com uma celeridade impressionante. Há muito que sabia ler e fazia coisas prodigiosas com a Arte que desabrochava dentro de si. Ela e Trygve costumavam sentar-se junto do feiticeiro da ilha, a observar os três sábios aprendizes. Em pouco tempo, estavam a realizar pequenos truques que maravilhavam os adultos.

Dália veio ao meu encontro, com o rosto delicado e bonito, tão corado que parecia prestes a incendiar-se. Os outros podiam pensar que o seu rubor se devia ao esforço de manter ao seu cuidado a pequenita de Krum, Svana, e as minhas gêmeas, Thora e Freya. Apesar dessa tarefa magnânima, executada com perfeição e devoção, eu adivinhava, pelo brilho dos seus olhos, que a sua agitação tinha outra causa. Bjorn vinha neste barco, e o coração da jovem mal se agüentava no peito, exaltado com a expectativa de rever aquele por quem, há muito, se enamorara.

Thora e Freya...

Dei por mim a recordar a noite acidentada em que dera à luz, há pouco mais de dois anos. Se não fosse a ajuda de Ingrior e o apoio de Throst, eu teria perdido a vida. Decerto os Feiticeiros haviam-me apontado os seus dedos vingativos! A minha gravidez correra bem e as meninas estavam em boa posição para nascer. Ninguém encontrava explicação para o que sucedera, mas as conseqüências tinham sido trágicas. No fim, Ingrior comunicara-me com pesar que, se eu teimasse em ter mais filhos, decerto morreria.

Depois de superar as dificuldades do parto, quase sucumbi à dor da revelação. Ficar incapacitada de dar um filho homem a Throst era um desgosto intolerável. Mergulhei numa tristeza profunda e quase perdi a batalha com a morte. Valeu-me o homem maravilhoso que escolhi para companheiro, que me garantiu que três filhas e a minha companhia eram toda a felicidade que ele desejava. Que conforto lhe daria um varão, dissera, se eu não estivesse ao seu lado para partilhar a velhice? Suplicara-me que lutasse, rogara-me que não o abandonasse. E eu vivera... Por Throst e pelas nossas filhas.

Eu sabia que o meu marido sempre acalentara o desejo de chamar Thor ao seu primeiro filho homem. Como sabíamos que não teríamos mais crianças, ele não hesitou em chamar Thora à mais velha das gêmeas e deixou ao meu cuidado a escolha de um nome para a mais nova. Achei coerente chamar-lhe Freya. Seria a minha homenagem à deusa da paixão e da magia viking, quer ela fosse real ou produto da fértil imaginação do Povo do Norte. Era o nome perfeito para a última filha da última feiticeira nascida na Terra.

Thora e Freya eram bebês muito diferentes de Edwina. Enquanto a menina mais velha tinha a compleição de Throst, as gêmeas eram parecidas comigo, pequenas, mas sólidas, com cabelos negros e grandes olhos verdes. Se Edwina era uma menina contemplativa e meiga, Freya era queixosa e inquieta, e Thora, uma verdadeira gata selvagem. Mesmo no berço se adivinhavam as suas personalidades fortes.

E o tempo encarregava-se de vincar as diferenças. Dália pedia às suas três pupilas que se sentassem, para que ela pudesse assistir ao desembarque: Svana obedecia-lhe de imediato; Freya resmungava contrariada, mas acabava por condescender; Thora aventurava-se numa fuga, ao encontro do grupo dos rapazes, onde se sentia verdadeiramente bem. Quando Dália a segurou, a pequena traquina começou a berrar e a espernear. A jovem agradeceu-me por libertá-la do corpo irrequieto, mas, mesmo no aconchego dos meus braços, Thora continuou a protestar e a lutar para correr na areia. Só se acalmou quando Throst a pegou ao colo. Com a mão livre, o meu marido abraçou-me pela cintura, murmurando trocista:

— A quem sairá ela tão teimosa e irrequieta? Os tios garantem que é igualzinha à mãe!

Voltei o rosto para lhe devolver o sorriso, mas não tive tempo para lhe responder à altura, pois o majestoso *Drakkar* de Steinarr já aportava na praia e todos corriam para saudar os amigos. *Sombra,* o belo falcão que nunca abandonava Ivarr, voou para uma árvore próxima, incomodado pelo alvoroço. *Vento,* o falcão de Steinarr, pousou com elegância numa árvore vizinha e piou em desafio.

Cumprimentei todos com entusiasmo, mas os meus olhos buscavam ansiosamente o meu irmão. Edwin surgiu por fim, ajudando Geimy, que já se movia com dificuldade devido à gravidez avançada. Rodopiei nos braços de Edwin e abracei a minha cunhada, felicitando-a pelo belo rapagão que crescia dentro dela. O meu irmão teria finalmente o filho que tanto desejava... e mais do que esperava, pois eu acabara de aperceber-me de que Geimy esperava gêmeos. Decidi guardar segredo. Esta menina seria uma prenda para ambos.

Não fora fácil para Edwin ceder aos encantos de Geimy. Porém, a princesa viking era uma mulher determinada, de vontade indomável. Como em tudo na vida, tomara a iniciativa, desembainhara as armas e lutara sem tréguas até à rendição de Edwin. O meu irmão tivera de engolir tudo o que dissera sobre os bárbaros do Norte e apagar definitivamente o rancor do seu coração.

Edwin não desistira de procurar o primogênito, e a esposa tornara-se sua companheira de busca. A última investigação conduzira-os ao país da jovem, com a proteção e apoio de Steinarr. Todavia, infelizmente, revelara-se vã. O Guardião da Lágrima da Lua permanecia escondido, longe do alcance da nossa imaginação. Eu já não tinha poder para buscá-lo... Mas mesmo que os Seres Superiores não me tivessem usurpado, seria inútil utilizá-lo, já que o Guardião da Lágrima do Sol ficava cego quando tentava romper a bruma que envolvia o paradeiro do primo.

O pequeno Edwin devia estar tão alto e forte como a minha Edwina. Que personalidade estaria Sigarr a moldar no filho da feiticeira maldita? Muitas vezes, eu detinha-me a pensar na forma cruel como o destino marcara os dois primos. Tinham sido gerados ao mesmo tempo, nascido no mesmo instante e até partilhado o nome, numa coincidência perturbadora. Eu pressentia que o futuro não lhes reservava nada de bom. Um dia, Edwin enfrentaria Edwina, e um deles morreria. Nessas alturas, eu desejava ardentemente recuperar o poder da Visão. Porém, logo agradecia por tê-lo perdido. Era melhor viver na ilusão do desconhecimento, do que na angústia da incerteza.

— Pai, vem ver a minha noiva!

O apelo de Ivarr arrancou-me do devaneio e deixou-me perplexa. Já não era a primeira vez que ele se referia a Edwina nesses termos. O pequeno príncipe parecia determinado, apesar da tenra idade, em cumprir a vontade que o seu pai manifestara de unir as nossas famílias. Eu sabia que essa hipótese também agradava a Throst, mas temia por Edwina. Eu sempre afirmara que jamais lhe imporia um casamento e tencionava cumprir essa resolução. Porém, tudo parecia encaminhado para que não houvesse alternativa. Tornar-se-ia Ivarr homem suficiente para entender e apoiar o destino da minha filha, quando este lhe batesse à porta?

Uma recepção digna de um rei e da sua comitiva aguardava os recém-chegados. Throst mandara abater boas peças de carne para saciar os estômagos esfomeados e ninguém se poupava à alegria. A música ecoava pela aldeia e a cerveja esbanjava-se em jarros. Ninguém faltou à festa e, depois de comerem e beberem até não poderem mais, todos se entregaram à dança e ao convívio.

Lembrei-me de Stefan. O meu irmão haveria de gostar de estar conosco. Porém, as grandes responsabilidades que assumira perante a coroa impossibilitavam-no de visitar-nos tantas vezes quantas desejava. Depois que Edwin partira em busca do filho, o rei entregara a Stefan a administração do território. A paz acordada com os Vikings permitia que ambos os reinos crescessem e prosperassem em harmonia.

Restava-nos a satisfação da companhia de Bryan durante o Verão, enquanto Enya dedicava a sua atenção aos gêmeos, Quinn e Melody, e a sua barriga crescia pela terceira vez. Eu tinha a certeza de que Stefan concretizaria o seu sonho de possuir uma família numerosa em muito pouco tempo!

A nova religião já dominava os dois povos e a nossa ilha era o único lugar onde um feiticeiro podia erguer a voz sem temor. Os Sábios tinham desaparecido sem deixar rasto. Mas Berchan ficara! Desejava aprender mais sobre o poder antigo, ao lado de Hakon... Contudo, eu sabia que a sua fome de conhecimento fora pouco mais do que um pretexto para ele se quedar.

Durante muito tempo, Berchan tentara negar a atração que sentia por Ingrior. A disciplina em que crescera forçara-o a acreditar que um sábio, para utilizar plenamente as suas capacidades, não podia ceder a distrações tumultuosas como a luxúria. Por outro lado, apesar de se ter apaixonado pelo meu irmão muito antes de conhecê-lo, Ingrior nunca tentara seduzi-lo. Compreendia o seu conflito e respeitava-o. Se Berchan não se declarasse, ela jamais o faria.

O preconceito não era um fator de divisão. Berchan era solidário com o passado de Ingrior e dedicava a Trygve um grande carinho. Aliás, alguém mais distraído poderia tomar o pequeno por seu filho, pois ambos possuíam fisionomias muito semelhantes, testemunho da herança do sangue. E Trygve venerava Berchan. Sempre que o

meu irmão estava disponível, o rapaz tornava-se a sua sombra, bebia os seus ensinamentos e delirava com as manifestações de apreço. Era óbvio que só a insegurança mantinha o casal separado.

Nessa noite, encontrei Berchan isolado da festa, observando a multidão que celebrava. Eu bem sabia quem capturava a sua atenção! Ingrior dançava uma música alegre com Durin, e a sua figura encantadora despertava as atenções de muitos homens. Aproximei-me e usei uma das poucas habilidades que não perdera:

"Por que esperas, irmão? Sabes que o passado de Ingrior poderia desencorajar muitos pretendentes entre o nosso povo, mas, entre o seu, não tem nenhuma relevância. Todos a estimam e, com esta paz de que desfrutamos, as propostas não lhe faltarão. Mais tarde ou mais cedo, Ingrior sentir-se-á tentada a reconstruir a sua vida, a dar um irmão ao Trygve e a arranjar um companheiro para a velhice. Irás permitir que outro tome o que tu tanto anseias?"

Berchan não desviou a atenção do baile. A sua mente respondeu-me de forma tão trêmula como os seus lábios o fariam:

"Poderei ousá-lo, Cat? Eu conheço os seus sentimentos, e ela, os meus. Estamos tão próximos e em sintonia que é impossível ocultá-los. Porém, temo que uma aproximação carnal destrua tudo o que nos une. Eu nunca tive uma mulher... Receio decepcioná-la! Não suportaria uma rejeição..."

"A Ingrior jamais te rejeitaria! E, quanto ao resto, não precisas de te preocupar, irmão! O amor conhece de cor o carinho e a paixão. Não precisa que a mente guie os seus passos."

Mais tarde, enquanto caminhava pela praia com o meu marido, buscando um pouco de privacidade, eu vislumbrei de relance Berchan e Ingrior. Estavam protegidos pela sombra das árvores e trocavam um beijo apaixonado. Em silêncio, despertei a atenção de Throst. Ele sorriu e aumentou a pressão do seu braço na minha cintura, atraindo-me para mais perto. Ambos desejávamos que este fosse o início de uma linda história de amor.

Sentamo-nos nas rochas, olhando o mar, enquanto nos deliciávamos com beijos. A minha felicidade era tão intensa que eu receava exprimi-la, não fosse alguma força maligna tentar apossar-se dela. Enlevado pela emoção, Throst murmurou ao meu ouvido:

— Quero viver o resto da minha vida aqui, contigo e com as nossas filhas. Nunca fui tão feliz, Pequena! Amo-te!

— Eu também te amo, meu querido!

Ele acariciou a pedra azul que pendia do meu pescoço, antes de sussurrar:

— Lamento que tenhas sido forçada a prescindir da tua magia por minha causa.

— Eu não! — Silenciei-o com um beijo. — A Arte dos Sábios é mais do que eu preciso para educar as nossas filhas. Só espero que elas tenham um destino mais leve do que o meu... e a mesma ventura no amor!

Throst sorriu e correspondeu ao meu carinho, devagar, aproveitando cada instante do contato. Não havia pressa. Nenhum de nós tencionava fugir.

— Lastimo a sorte do Edwin — continuou, com um suspiro profundo. — Ele não conhecerá a felicidade enquanto não encontrar o filho. Temo pelo que o Sigarr possa fazer ao garoto. Ele sempre teve a fama de gostar de rapazes jovens...

Engoli a custo o asco, replicando esperançosa:

— O Sigarr raptou o pequeno Edwin para manipular as suas capacidades. Procurará outras vítimas para satisfazer os seus impulsos nojentos. Além disso, acredito que o meu irmão vai encontrá-los em breve. O Sigarr não conseguirá esconder-se para sempre!

Throst não respondeu, e eu conclui que ele não partilhava da minha esperança e otimismo. Ficamos em silêncio, refletindo sobre o futuro. Foi o meu marido quem tomou a iniciativa de abordar outro assunto que nos inquietava, afirmando com convicção:

— Eu sei que tu desejas que a Edwina escolha o seu companheiro, mas devemos orientá-la na direção do príncipe. O Ivarr será um homem forte e determinado, com influência suficiente para protegê-la de qualquer perigo. Se o Edwin se tornar homem nas mãos do Sigarr, eu nem imagino do que será capaz! Já que os primos estão condenados a enfrentar-se, sentir-me-ei mais seguro se a nossa filha tiver o apoio de um homem de valor.

Fixei o seu olhar, esboçando um sorriso ao declarar:

— Eu também tive o apoio de um homem de valor... O arqueiro que me salvou a vida não foi escolhido pela minha família! No entanto, sem a ajuda desse guerreiro-lobo, nem eu nem o meu povo teríamos vencido!

Throst sorriu de volta, retrucando:

— A ajuda desse guerreiro-lobo não foi desprovida de interesse! Ele sabia o prêmio que o esperava no fim da luta...

— Mas teve de esperar muito para reclamar o seu prêmio! — observei pesarosamente. — Algum dia poderás perdoar-me pelas minhas mentiras e pelo sofrimento que te causei?

Throst acariciou-me o rosto com as pontas dos seus dedos, sussurrando apaixonadamente:

— Não há nada que perdoar! Estarmos juntos é tudo o que me importa! Tu sempre tomaste as decisões certas e, se a espera e as lágrimas nos conduziram até aqui, então é porque tinhas razão. Eu não mudaria nada do que aconteceu conosco, Catelyn! Não correria o risco de esta história poder terminar de outra forma.

Enquanto observava o nascer do Sol enlaçada nos braços do meu marido, eu recordei com saudade aqueles que perdera pelo caminho. E, como era habitual, os pensamentos de Throst não andavam distantes dos meus. Segurei na sua mão e deslizei-a pela minha, para que as palmas ficassem expostas ao olhar. Ele sorriu ao ver as cicatrizes em forma de Crescente, que nos tinham revelado que pertencíamos um ao outro, assim como as tatuagens em redor dos nossos pulsos, legado do Guardião da Lágrima do Sol.

— És minha, Catelyn — asseverou com um ardor apaixonado. — Para sempre, minha!

Desta vez, fui eu quem se escusou a responder. Estiquei-me ao encontro dos seus lábios e encontrei-os, úmidos e ansiosos.

Diante de nós, o mar estendia-se interminável, forte e poderoso, repleto de segredos ainda por revelar. A história do nosso futuro estava inevitavelmente escrita nas suas ondas. Mas o presente era aqui. Era este momento de plena felicidade, em que o corpo do homem que eu amava cobria o meu e me arrastava para uma espiral de entrega e prazer.

Ambos sabíamos que nada era eterno e que, mais cedo ou mais tarde, as forças obscuras reclamariam a nossa luz. Mas, por

enquanto, nada mais importava além do nosso amor, tão completo e perfeito como a nossa vida.